

COMO IDENTIFICAR A REDAÇÃO ORIGINAL DO NOVO TESTAMENTO

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Copyright©2024 – Todos os direitos reservados por Wilbur Norman Pickering

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Wilbur Norman Pickering, Como Identificar a Redação Original do Novo Testamento – 2024.

ISBN – 979-8-9891013-6-8.

469 p.: 21 cm x 29 cm

CDD – 220

1. Bíblia CDD – 240
2. Preceitos Bíblicos; Casuística moral cristã.

Prefácio

Este livro é uma tradução de *The Identity of the New Testament Text V* (2023). Quando a edição 'II' foi publicada em 2002, foi traduzida para o português pelo Professor Hélio de Menezes Silva, com a ajuda de Euclides Vilar de Azevedo (também professor, e odontólogo; já com Jesus). Infelizmente, nunca conseguimos publicá-la. Essa tradução foi muito bem feita (e com algum sacrifício) e resolvi aproveitá-la para esta edição. Representa aproximadamente 40% do volume atual. Registro aqui meu reconhecimento e agradecimento a esses dois irmãos.

Agradeço a Daniel Jore por ter contribuído a foto na capa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I: UMA AVALIAÇÃO DA CRÍTICA TEXTUAL DO NT	5
ECLECTISMO	5
O Que É Ecletismo?	6
O Que Dizer Dele?	7
Qual É a Sua Origem?	8
A TEORIA CRÍTICA DE WESTCOTT-HORT	12
A Abordagem Básica	13
Genealogia	14
Tipos de Texto e Recensões	14
Conflação	15
Leituras “Sírias” Anteriores a Crisóstomo	16
Evidência Interna das Leituras	16
A “Recensão Luciânica” e a <i>Peshitta</i>	17
Sumário e Conseqüências	18
UMA AVALIAÇÃO DA TEORIA DE WESTCOTT-HORT	19
A Abordagem Básica	19
Genealogia	24
Tipos de Texto e Recensões	26
Eruditismo subseqüente	27
Os “tipos de texto” em si	29
Um retorno recente	32
O classificar dos MSS	34
Conflação	35
Leituras “Sírias” Anteriores a Crisóstomo	40
Miller <i>versus</i> Kenyon	42
Leituras puramente “sírias”	46
Um expediente preconceituoso	48
O testemunho dos pais da Igreja primitiva	51
O testemunho dos papiros antigos	51
Evidência Interna das Leituras	53
A leitura mais curta	54
A leitura mais difícil	57
Harmonização	59
Inferioridade	64
A “Recensão Luciânica” e a <i>Peshitta</i>	65
Conclusão	67
ALGUMAS POSSÍVEIS OBJEÇÕES	68
Os MSS Mais Antigos Não São os Melhores?	68
A sua qualidade julgada por eles próprios	69
A sua qualidade julgada entre eles próprios	71
A sua qualidade julgada pela Igreja antiga	73
Por Que Não Há MSS “Bizantinos” dos Primeiros Séculos?	74

“Filhos órfãos”	75
O processo de transliteração no século IX	76
Repressão imperial ao NT	78
<i>A Biblia Pauperum</i>	78
“Mas Não Há Evidência do <u>Texto</u> Bizantino nos Primeiros Séculos”	79
Evidência oriunda dos pais da Igreja primitiva	79
Evidência oriunda de Clemente de Alexandria	81
Evidência oriunda dos papiros antigos	85
Evidência oriunda das versões antigas	87
Sumário e conclusão	87
Não Devem as Testemunhas Ser Pesadas, em Vez de Contadas?	88
Primeiro pesar	88
A seguir, contar	90
É A CRÍTICA TEXTUAL DO NT UMA CIÊNCIA?	91
Um Pouco de História Relevante	91
A Natureza de um Exercício Científico	94
A Transmissão do Texto	97
O Ponto Crucial de um Original ‘Perdido’	100
PARTE II: A PRESERVAÇÃO DO TEXTO DO NT	104
Preâmbulo	104
INTRODUÇÃO	108
Inspiração	108
A reivindicação	108
As evidências da Inspiração	109
A sua natureza	111
Iluminação	112
O Cânon	112
O propósito de Deus de preservar	113
A HISTÓRIA DO TEXTO (O que realmente aconteceu?)	115
Os Autógrafos	115
Os Reconhecimento Imediato	117
O período apostólico	118
O segundo século	121
Os Cristãos Primitivos Eram Cuidadosos?	124
Os Apóstolos	124
Os líderes da Igreja primitiva	125
Quem Era Melhor Qualificado?	128
Acesso aos autógrafos	128
Domínio da língua original	129
A projeção da Igreja	130
Atitude para com o Texto	131
Conclusão	133
A Transmissão Foi Normal?	133
A transmissão normal	134
A transmissão anormal	135
O Fluxo da Transmissão	138

Qual É a Evidência real?	142
Observações Finais	145
PARTE III: A MELHOR LINHA DE TRANSMISSÃO	148
Mas, o que é Família 35?	148
O PERFIL DA FAMÍLIA 35 PARA O NT INTEIRO	151
Mateus	151
Marcos	153
Lucas	154
João	156
Atos	157
Corpo Paulino	161
Epístolas Gerais	163
Apocalipse	165
DIVISÕES DOS MSS DENTRO DA FAMÍLIA 35 PARA O NT INTEIRO	167
O Arquétipo da Família 35 para Mateus – forma final	167
O Arquétipo da Família 35 para Marcos – forma final	174
O Arquétipo da Família 35 para Lucas – forma final	180
O Arquétipo da Família 35 para João – forma final	187
O Arquétipo da Família 35 para Atos – forma final	192
O Arquétipo da Família 35 para Romanos – forma final	201
O Arquétipo da Família 35 para 1 & 2 Coríntios – forma final	206
O Arquétipo da Família 35 para Gálatas a 2 Tessalonicenses – forma final	217
O Arquétipo da Família 35 para as Epístolas Pastorais – forma final	228
O Arquétipo da Família 35 para Hebreus – forma final	235
O Arquétipo da Família 35 para as Epístolas Gerais – forma final	238
O Arquétipo da Família 35 para Apocalipse – forma final	248
Epistemologia	257
A Datação de K^r (alias f35, nee f18) Revisitado	262
Sobre ‘Padrão’ e ‘Dependência’	267
Apoio de Unciais Antigos para f³⁵ nas Epístolas Gerais	274
Fora com ‘Verdades’ Falazes!	277
O Tratamento que Von Soden deu a seu K^r	283
Quociente de Esmero do Copista	294
Marcos	295
Romanos	302
Transmissão Incrivelmente Cuidadosa	308
Desempenho de MSS f35 nas Epístolas à Tessalônica	308
Desempenho de MSS f35 em 2 & 3 João e Judas	311
O Melhor NT Completo que eu já vi, até agora!	313
As Maiores Divisões na f35 em Mateus	318
APÊNDICE	328
A. A AUTORIDADE OBJETIVA DO TEXTO SAGRADO	328

Introdução	328
Algumas Discrepâncias Possíveis	329
‘Veneno’ inserido no ‘Pão da Vida’ pela teoria de Hort	329
Dificuldades aparentes que realmente estão no Texto	331
Dificuldades aparentes resultantes de tradução falha	348
Falta de atenção a detalhes no Texto	354
Conclusão	358
B. AS IMPLICAÇÕES DA PROBABILIDADE ESTATÍSTICA PARA A HISTÓRIA DO TEXTO	358
Probabilidade Estatística	360
Objecções	364
C. CONFLAÇÃO OU CONFUSÃO?	367
“Conflação” Verdadeira, ou Clara	368
Mera adição ou telescopamento de leituras, ou omissão delas	368
Adição + conjunções simples, ou omissão	374
“Conflação” Duvidosa, ou Confusão	377
Complicada por substituição, transposição ou mudanças internas moderadas	377
Diferenças substanciais – “conflação” duvidosa	383
Conclusão	387
D. MARCOS 16:9-20 E A DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO	388
Mas, e Todas as Variantes, Como Ficam?	389
Mas, os Autógrafos Não Estão Perdidos?	391
A Questão da Canonicidade	393
A Evidência Externa	393
A “Evidência?” Interna	399
E. QUE DIFERENÇA FAZ?	400
Erros de Fato e Contradições	402
Anomalias Sérias / Aberrações	409
Implicações	415
Por que usar cânones subjetivos?	416
O mito da neutralidade	417
Conclusão	419
F. 7Q5	419
G. QUANTAS VEZES DISSE JESUS QUE PEDRO O NEGARIA?	423
Quantos Avisos?	423
Quantas Negações?	426
O Problema Crítico-textual	429
Implicações	431
H. O ASPECTO ESPIRITUAL DA CRÍTICA TEXTUAL DO NT	433
A Origem do Problema	433
A Perpetuação do Problema	439
Uma solução para o Problema	447
REFERÊNCIAS	456

INTRODUÇÃO¹

Uma vez que este livro será lido por pessoas que representam um amplo espectro de interesses e experiências, começarei com uma breve revisão do problema textual.

A existência de um problema concernente à identificação da redação² original do Novo Testamento (NT) grego é evidente pelo fato de ter sido produzido um número considerável de edições que competem umas com as outras. Por “competir” quero dizer que tais edições não concordam entre si em relação a quais são as palavras exatas do texto grego do NT. A discordância é possível porque não há sequer dois manuscritos gregos antigos, por nós conhecidos, que sejam totalmente idênticos palavra por palavra. Dependemos dessas cópias porque os autógrafos (i.e., os documentos originais) não mais existem (foram consumidos pelo muito uso, provavelmente bem antes de 200 d.C.).

Em resumo, temos pela frente o desafio de identificar a redação do texto original do NT, a partir dos manuscritos sobreviventes, mesmo não havendo dois deles em perfeita concordância. Nessa tarefa podemos também apelar para cópias das antigas versões do NT (traduções do texto grego feitas para o siríaco, o latim, o copta, etc.) e para os escritos sobreviventes dos pais da igreja primitiva (onde citam ou aludem a passagens do NT).

Existem mais de 5 000 manuscritos (MSS) conhecidos do NT grego. Eles variam em tamanho desde um pequeno fragmento com partes de dois versículos até textos integrais do NT. Variam quanto à data do século II ao XVI.³ Provêm de todo o mundo mediterrâneo. Contêm várias centenas de milhares de leituras⁴ variantes (diferenças no texto), cuja imensa maioria é constituída de erros ortográficos e outros tipos de incorreções óbvias, devidas ao descuido ou à inabilidade dos copistas. No entanto, ainda restam muitos milhares de variantes que precisam ser avaliadas à medida que procuramos identificar a redação exata do texto original. Como melhor proceder em tamanho empreendimento? Este livro procura prover uma resposta.

Certamente não sou o primeiro a fazê-lo. Numerosas alternativas foram propostas no decorrer dos anos. Elas tendem a formar dois ajuntamentos ou linhas, e essas linhas diferem substancialmente entre si. Grosso modo, podemos dizer que uma das linhas segue a vasta maioria dos MSS (raramente abaixo de 80% e normalmente mais de 95%) que são essencialmente concordes, mas não datam de antes do século V d.C., enquanto a outra linha segue um pequeno punhado de MSS mais antigos (freqüentemente menos de 10, que são dos séculos III, IV e V d.C.), que não apenas discordam da maioria, mas também freqüentemente se contradizem. A segunda linha domina, de forma geral, o mundo da erudição bíblica dos últimos 110 anos.

¹ Grande parte da pesquisa subjacente a este livro foi realizada junto com a tese de mestrado que submeti ao Seminário Teológico de Dallas, em 1968, com o título “*An Evaluation of the Contribution of John William Burgon to New Testament Textual Criticism.*” Minha tese foi subsequenteiramente publicada em forma editada [e não totalmente integral] em *True or False?*, [livro] editado por D. Otis Fuller, (Grand Rapids: Grand Rapids International Publishers, 1972) – o texto completo da tese aparece na 2ª edição [desse livro de Fuller], em 1975. Nesta obra reutilizo partes da minha tese, com permissão de ambas as entidades.

² “Redação” abrange não só as palavras como a sua correta seqüência e grafia.

³ Existem mais de cem do século XVII e outros quarenta do século XVIII, mas, como várias edições impressas do NT grego apareceram durante o século XVI, presume-se que tais MSS sejam de pouco interesse.

⁴ Nota dos tradutores: Em crítica textual “variante” significa qualquer alteração, grande ou pequena, na redação de um texto, a partir da redação tida por padrão. “Leitura” significa tanto a variante quanto a forma “padrão” com a qual concorre.

A consequência mais visível e prova desse controle pode ser percebida nas traduções do NT produzidas durante esse período para o inglês (e também muitas outras línguas, inclusive o português). Quase todas essas traduções refletem uma forma de texto baseada nos poucos MSS mais antigos. Em contraste com elas, a *King James Version* [*Versão do rei Tiago*], também conhecida por *Versão autorizada* [*Authorized Version – AV*] e a *New King James Version* (NKJV) [*Nova versão do rei Tiago*] representam o texto encontrado nos numerosos MSS mais recentes. Assim, a diferença fundamental entre, de um lado, o NT nas *American Standard Version* (ASV), *Revised Standard Version* (RSV), *New English Bible* (NEB), *Today's English Version* (TEV), *New American Standard Bible* (NASB), *New International Version* (NIV), etc.,¹ e de outro lado o NT nas AV e NKJV [em português pela *Almeida corrigida fiel* (ACF); a ARC (*Almeida revista e corrigida*, 2ª edição) representa um meio-termo entre o *textus receptus* (TR) e o *texto crítico*] é que estes dois grupos estão baseados em diferentes formas do texto grego (há mais de 5 500 diferenças entre elas).²

Por não estar totalmente consciente desses fatos, talvez você tenha aceitado como razoáveis as alegações habitualmente feitas no sentido de que a substancial melhora no nosso estoque de materiais disponíveis (manuscritos em grego e outras testemunhas) e no nosso entendimento de que fazer com eles (os princípios da crítica textual) tornaram possível uma aproximação mais acurada do texto original que aquela que foi alcançada há várias centenas de anos. As declarações encontradas nos prefácios de algumas versões dão ao leitor a impressão de que esta melhora está refletida nas suas traduções, tornando-as superiores. Por exemplo, no prefácio da RSV, lê-se, na página ix:

O NT da *Versão do rei Tiago* baseou-se em um texto grego que foi desfigurado por equívocos, contendo os erros acumulados em quatorze séculos do processo manual de copiar manuscritos [isto não é verdadeiro: quase todas as leituras adotadas no TR são antigas] ... Possuímos, agora, muito mais manuscritos antigos do NT, e estamos muito melhor equipados para procurar recuperar as palavras originais do texto grego.

E no prefácio da NIV, página viii, lê-se:

O texto grego usado na tradução foi um *texto eclético*. Nenhuma outra obra literária antiga tem tanto apoio de manuscritos quanto o NT. Onde os textos existentes diferem, os tradutores escolheram uma dentre as leituras, de acordo com os princípios da crítica textual. Notas de rodapé chamam a atenção para os locais onde há incerteza sobre a constituição do texto original.

Mas, se você usa um bom número de versões modernas, talvez tenha notado algumas coisas que lhe intrigaram, desconcertaram, ou mesmo angustiaram. Estou pensando no grau em que as versões diferem entre si, na incerteza quanto à identidade do texto que é refletida nas muitas notas de rodapé referentes às variantes textuais, e na natureza e extensão das divergências que compartilham contra a AV [e a ARC e a ACF].

A maioria das diferenças entre as versões modernas deve-se, presumivelmente, às diferenças em estilo e técnicas de tradução. No entanto, embora estejam essencialmente em

¹ Em português o primeiro grupo é representado por Nova versão internacional (NVI), Edição contemporânea (ECA), Edição revista e atualizada (ARA), Bíblia viva (BV), Linguagem de hoje (BLH), “segundo os melhores textos” [em verdade “os piores textos”] da IBB e a Bíblia Jerusalém.

² F.H.A. Scrivener, ed., *The New Testament in the Original Greek, together with the variations adopted in the Revised Version* (Cambridge: Cambridge University Press, 1880). A despeito das diferenças entre as edições impressas do texto grego geralmente usadas [tanto do *textus receptus* como do *texto crítico*], todas concordam sobre a identidade [isto é, quais são as palavras originais exatas] de cerca de 90% do texto.

concordância quanto ao texto grego usado, em oposição àquele em que se baseia a AV [e a ACF], não há duas dessas traduções modernas que se baseiem em textos gregos realmente idênticos. Ademais, nem sempre os tradutores estão inteiramente certos quanto às palavras exatas do texto grego – enquanto algumas versões têm poucas notas sobre variantes textuais, outras têm muitas, e mesmo nestes casos de modo algum todas as dúvidas foram registradas.¹ Enfim, hoje, ninguém no mundo sabe realmente qual foi a exata redação original do texto grego do NT.

Essa constatação pode gerar uma inquietude nos recessos da sua mente. Por que ninguém está totalmente seguro, se temos tantos materiais e tanta sabedoria? Bem, porque a presente “sabedoria”, os “sãos princípios da crítica textual” em voga, podem ser sumariados em duas máximas: 1) Escolha a leitura que melhor explique a origem das variantes opo- nentes; 2) Escolha a variante mais provável de ter sido escrita pelo autor.

Não é de se admirar que Bruce Metzger² tenha dito: “É compreensível que em alguns casos diferentes estudiosos cheguem a diferentes avaliações do significado da evidên- cia.”³ Uma rápida inspeção dos escritos dos estudiosos das questões textuais sugere que o “em alguns casos” de Metzger é claramente uma atenuação da verdade. De fato, até os mesmos estudiosos podem vacilar, como foi demonstrado quando as Sociedades Bíblicas Unidas [*United Bible Societies* (UBS)], na terceira edição do seu texto grego, introduziu “mais de 500 mudanças” em relação à segunda edição (ainda que ambas tenham sido preparadas pela mesma comissão de cinco redatores).⁴ Ademais, é evidente que as máxi- mas acima não podem ser aplicadas com segurança. Ninguém que hoje vive sabe ou pode saber o que realmente aconteceu. Segue-se que enquanto os materiais textuais forem manipulados desta maneira *jamais estaremos seguros* quanto à redação exata do texto original em grego.⁵

Não é surpreendente que estudiosos trabalhando dentro de tal arcabouço digam o mesmo. Por exemplo, Robert M. Grant, conhecido estudioso das questões bíblicas, diz:

O objetivo primário do estudo textual do NT continua sendo a recuperação do que os seus escritores escreveram. Já sugerimos que alcançar este objetivo é quase

¹ Por exemplo, Tasker diz dos tradutores da NEB: “Cada membro do painel estava consciente que algumas das decisões deste [painel] não eram em nenhum sentido finais ou [muito] confiáveis, mas, no máximo, conclusões inseguras...” *The Greek New Testament* [este é o texto traduzido pela *New English Bible*] ed. R.V.G. Tasker (Oxford: Oxford University Press, 1964), p. viii. Ver também B.M. Metzger, *Historical and Literary Studies*, NTS, VIII (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968), pp. 160-1.

² Bruce M. Metzger é um dos estudiosos do NT considerado do mais alto nível, na América do Norte; foi professor titular-catedrático na Universidade de Princeton, por muitos anos; e é o autor de muitas obras eruditas, incluindo o livro-texto padrão, *The Text of the New Testament*.

³ B.M. Metzger, *The Text of the New Testament* (London: Oxford University Press, 1964), p. 210.

⁴ K. Aland, M. Black, C.M. Martini, B.M. Metzger, and A. Wikgren, eds., *The Greek New Testament*, third edition (New York: United Bible Societies, 1975), p. viii. Embora esta [terceira] edição seja datada de 1975, a obra *Commentary*, de Metzger, baseada nela, foi publicada em 1971. A segunda edição data de 1968. Assim, parece que, no espaço de três anos (1968-1971), sem nenhum acúmulo significativo de novas evidências, o mesmo grupo de cinco estudiosos mudou de opinião em mais de 500 locais. É difícil deixarmos de suspeitar que eles estavam conjeturando [isto é, “chutando no escuro”].

⁵ Mesmo onde há testemunho unânime sobre as palavras do texto, os cânones da evidência interna não impedem a possibilidade de que o testemunho unânime possa estar errado. Uma vez que evidência in-terna é aceita como a maneira de determinar qual é o texto, então, em princípio, não há mais base para objetar contra *emendas conjeturais*. Daí, nenhuma parte do texto estará segura. (Mesmo que se exija que a leitura proposta seja atestada por pelo menos um manuscrito, um novo papiro pode ser desco-berto amanhã, com novas variantes desafiando o testemunho unânime dos demais, e assim por diante).

impossível. Portanto, temos que nos contentar com o que Reinhold Niebuhr e outros têm denominado, em outros contextos, “possibilidade impossível”.¹

E Kenneth W. Clark, outro conhecido professor e estudioso do texto [do NT] diz, comentando sobre o P⁷⁵ (papiro Bodmer):

... o papiro exhibe vividamente um estado fluido do texto ao redor do ano 200 d.C. Uma tal liberdade no trabalho dos copistas sugere que o texto do evangelho era pouco mais estável que a tradição oral, e que nós podemos estar perseguindo a miragem fugidia do ‘texto original’.²

Cinquenta anos atrás, Grant havia dito, “é de reconhecimento geral que o texto original da Bíblia não pode ser recuperado.”³

Tais colocações me intranqüilizam. Se a redação original está para sempre perdida e desaparecida, o que estamos usando? As conseqüências de uma tal admissão têm um tal alcance, ao meu ver, que uma completa e meticulosa revisão das evidências se faz imperativa. Será que os fatos realmente forçam a mente honesta à conclusão expressa por Grant? Na procura de uma resposta a essa pergunta, começarei com a análise da situação atual da crítica textual do NT, e depois trabalharei retroativamente no tempo. O procedimento que domina o cenário de hoje é chamado “ecletismo”.⁴

¹ R.M. Grant, *A Historical Introduction to the New Testament* (New York: Harper and Row, 1963), p. 51.

² K.W. Clark, “The Theological Relevance of Textual Variation in Current Criticism of the Greek New Testament,” *Journal of Biblical Literature*, LXXXV (1966), p. 15.

³ Grant, “The Bible of Theophilus of Antioch,” *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), p. 173. Para uma declaração a mais pessimista, ver E.C. Colwell, “Biblical Criticism: Lower and Higher,” *Journal of Biblical Literature*, LXVII (1948), p. 10-11. Ver também G. Zuntz, *The Text of the Epistles*, 1953, p. 9; K. and S. Lake, *Family 13 (The Ferrar Group)*, 1941, p.vii; F.C. Conybeare, *History of New Testament Criticism*, 1910, p. 129.

⁴ No uso normal, o termo “ecletismo” refere-se à prática de selecionar usando várias fontes. Na crítica textual há a implicação adicional de que as fontes são notadamente distintas em qualidade ou caráter. O que isso significa na prática é elucidado na seção “O que é?”, no capítulo 1.

PARTE I: UMA AVALIAÇÃO DA CRÍTICA TEXTUAL DO NT

ECLÉTISMO

Em 1974 Eldon Jay Epp, respeitado estudioso contemporâneo da crítica textual, escreveu:

O método 'eclético' é, de fato, o método de crítica textual do NT do século XX, e quem o criticar se torna imediatamente um crítico de si próprio, pois todos nós usamos este método, alguns com certa medida de relutância e restrições, outros com entrega completa.¹

Assim, a RSV, a NEB e a NIV são declaradamente baseadas num texto eclético.

Os dois grandes esforços de tradução destes anos [do século XX] – RSV e NEB – cada um escolheu o texto em grego a ser traduzido com base nas evidências internas das leituras variantes. O capítulo de F.C. Grant, na brochura que apresenta e explica a RSV, deixou isto claro. Os tradutores, diz ele, seguiram duas regras: 1) Escolher a leitura que melhor se ajusta ao contexto; 2) Escolher a leitura que [melhor] explique a origem das outras leituras. O Professor C.H. Dodd informou-me que os tradutores britânicos também usaram estes dois princípios: a “Probabilidade Intrínseca” e a “Probabilidade de Transcrição” de Hort. Um dos tradutores da RSV, enquanto dava palestras ao Clube do NT na Universidade de Chicago, respondeu a uma pergunta sobre qual era o texto grego que ele usava dizendo que isto dependia de onde ele estava trabalhando: ele usava Souter no escritório e Nestle em casa. Um dos tradutores britânicos, ao admitir a desigualdade de qualidade textual da tradução NEB, explicou que a qualidade dependia da habilidade do homem que fez a primeira tradução-esboço do livro.

Tanto nos primeiros dias do cristianismo quanto hoje, os tradutores tão frequentemente tem tratado o texto com descuido, que os críticos textuais deveriam estar já calejados em relação a isto. Entretanto, muito mais séria é a presença maciça desta mesma dependência das evidências internas das leituras, encontrada nos artigos eruditos sobre crítica textual, e na popularidade das edições do NT grego de tamanho reduzido. Estas últimas, com suas limitadas citações de variantes e de testemunhas, na realidade compelem o usuário a depender das evidências internas das leituras. Os documentos que estes aparatos severamente abreviados citam não podem levar o usuário a se apoiar nas evidências externas dos documentos. Estas edições (“manuais”) usam documentos (para citar Housman) “como os bêbados usam os postes – não para receber luz nos seus caminhos, mas para dissimular sua instabilidade.”²

A declaração no prefácio da NIV já foi notada: “O texto grego usado no trabalho de tradução foi um texto eclético.”

A Introdução ao texto grego publicado pela UBS, páginas x-xi (1966), diz:

Por meio das letras A, B, C, e D, colocadas entre colchetes { } no início de cada conjunto de variantes textuais, a Comissão procurou indicar o grau de certeza relativo das leituras adotadas como texto, ao qual chegou com base na consideração de evidências tanto internas quanto externas. A letra A significa que o texto é praticamente certo,

¹ E.J. Epp, “The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism,” *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974), p. 403.

² E.C. Colwell, “Hort Redivivus: A Plea and a Program,” *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E.C. Colwell (Leiden: E.J. Brill, 1969), p.152-53. Tasker registra os princípios seguidos pelos tradutores da NEB: “O Texto a ser traduzido terá, necessariamente, que ser eclético,...” (p. vii).

enquanto B indica que há um certo grau de dúvida quanto a ele. A letra C quer dizer que há um considerável grau de dúvida se o texto ou o aparato contem a melhor leitura, enquanto D mostra que há um grau muito elevado de dúvida concernente à leitura selecionada para o texto.

Basta atentar para o aparato do texto da UBS e sua falta de padrão na correlação entre o grau de certeza atribuído e as evidências externas; fica claro que aquele texto é eclético. Em Atos 16.12 eles até mesmo incorporaram uma conjectura! Deve-se lembrar que este texto foi preparado especificamente para ser usado por tradutores da Bíblia. A TEV foi traduzida diretamente dele, bem como a *Version Popular*, etc. As conclusões de crítica textual de G.D. Kilpatrick, totalmente eclético, encontraram expressão em *A Greek-English Diglot for the Use of Translators*, impresso pela *British and Foreign Bible Society*. E assim por diante. As evidências já apresentadas deixam claro que o ecletismo é um fator principal (se não for o fator controlador) no cenário textual de hoje.

O Que É Ecletismo?

Em que consiste o ecletismo? Metzger explica que um redator eclético “ora segue um conjunto de testemunhas, ora outro, de acordo com o que reputa ser o estilo do autor ou as exigências das armadilhas na transcrição.”¹

E.C. Colwell² elucida:

Atualmente a crítica textual procura sua validação final na avaliação de leituras individuais, de uma maneira que envolve julgamento subjetivo. A tendência tem sido enfatizar cada vez menos cânones da crítica. Muitos [críticos] modernos enfatizam somente dois, a saber: 1) prefere-se a leitura que melhor se ajuste ao contexto; e 2) prefere-se a leitura que melhor explique a origem de todas as outras.

Estas duas regras são nada menos que fórmulas concentradas de tudo que o crítico textual deve saber e usar na solução de seu problema. A primeira regra, sobre escolher o que [melhor] se ajusta ao contexto, exorta o estudante a conhecer o documento (com que está trabalhando) tão completamente que as expressões idiomáticas dele serão também as suas, as ideias dele serão tão bem conhecidas quanto um cômodo familiar. A segunda regra, sobre escolher o que poderia ter causado as outras leituras, requer que o estudante saiba tudo da história do cristianismo que poderia levar à criação de uma leitura variante. Isto envolve conhecimento de instituições, doutrinas e eventos. ... Este é um conhecimento de forças e movimentos complicados e freqüentemente conflitantes.³

Mas, que pessoa hoje realmente possui estas qualificações? E como podem tais regras ser aplicadas, quando nem a identidade nem as circunstâncias do originador de determinada variante são conhecidas?

Mais recentemente, Colwell parece estar menos encantado com o método:

Os estudiosos que professam seguir “o Método Eclético” freqüentemente definem este termo de modo que restrinja as evidências [apenas] à Evidência Interna das

¹ Metzger, *The Text*, pp. 175-76.

² O falecido Ernest Cadman Colwell bem poderia ter sido descrito como o deão da crítica do NT, na América do Norte, durante as décadas 1950 e 1960. Ele foi associado com a Universidade de Chicago por muitos anos como professor titular-catedrático e como reitor. Alguns dos seus artigos importantes foram coletados e reimpressos em *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*.

³ Colwell, “Biblical Criticism,” pp. 4-5. Para palavras semelhantes, ver também K. Lake, *The Text of the New Testament*, 6ª edição, revisada por Silva New (London: Rivingtons, 1959), p. 10. Ver também Metzger, *The Text*, pp. 216-17.

Leituras. Por “ecclético” eles, de fato, querem dizer livre escolha entre as leituras. Esta escolha em muitos casos é feita unicamente com base na probabilidade intrínseca. O redator escolhe aquela leitura que se apresenta a ele como [melhor] se ajustando ao contexto, seja em estilo, ideia, ou referência contextual. Tal redator relega os manuscritos ao papel de [meros] supridores de leituras. O peso do manuscrito é ignorado. O seu lugar na tradição [transmissão] dos manuscritos não é considerado. Assim, Kilpatrick argumenta que certas leituras encontradas apenas em um manuscrito recente da *Vulgata* devem receber a mais séria consideração por serem boas leituras.¹

J.K. Elliott, um completo eclético como Kilpatrick, diz das probabilidades de transcrição:

Ao usar critérios tais como os acima, o crítico pode chegar a uma conclusão, na discussão das variantes textuais, e estar habilitado a dizer qual variante é a leitura original. No entanto, é legítimo perguntar: pode uma leitura ser aceita como genuína se é atestada por apenas um MS? Não há nenhuma razão pela qual uma leitura original não deva ter sido preservada em apenas um MS, mas obviamente uma leitura pode ser aceita com maior confiança quando ela tem sustentação mais forte....

Até mesmo Aland, com suas reservas com respeito ao ecletismo, diz: “Teoricamente, as leituras originais podem estar escondidas em um único MS, erguendo-se, assim, sozinho contra o resto da tradição”, e Tasker fez uma observação similar: “Deve-se admitir a possibilidade de que, em alguns casos, a verdadeira leitura possa ter sido preservada em umas poucas testemunhas apenas, ou mesmo em uma única testemunha relativamente recente”.²

Entre o que Elliott denomina “vantagens incontestáveis do método eclético” está a seguinte:

Um esforço é feito para chegar ao texto verdadeiro ou original. Este é, naturalmente, o alvo supremo de qualquer crítico textual, mas o método eclético, por usar critérios diferentes e por trabalhar a partir de um ponto de vista diferente, tenta chegar à verdadeira leitura sem amarras de discussões sobre o peso da sustentação por MSS....³

Não causa admiração o protesto de Epp:

Este tipo de “ecletismo” se torna o grande nivelador – todas as variantes são iguais e igualmente candidatas a ‘texto original’, sem considerações de data, residência, linha-gem, ou contexto textual. Neste caso, não seria apropriado ir mais adiante e sugerir que mais umas poucas leituras conjecturais sejam adicionadas ao suprimento disponível de variantes, na suposição de que aquelas [leituras] devem ter existido, mas foram perdidas em algum ponto da história da transmissão textual?⁴

Que diremos de semelhante método: será coisa boa?

O Que Dizer Dele?

Um ecletismo baseado unicamente em considerações internas é inaceitável por várias razões. Não tem bom senso, pois ignora os mais de 5 000 MSS gregos disponíveis ainda hoje (sem mencionar as evidências das antigas versões e dos pais da Igreja) exceto para catar leituras variantes a partir deles. Nas palavras de Elliott, esse ecletismo “tenta chegar à

¹ Colwell, “Hort Redivivus,” p. 154. Compare pp. 149-54.

² J.K. Elliot, *The Greek Text of the Epistles to Timothy and Titus*, ed., Jacob Geerlings, *Studies and Documents*, XXXVI (Salt Lake City: University of Utah Press, 1968), pp. 10-11. Compare K. Aland, “The Significance of the Papyri for Progress in New Testament Research,” *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt (New York: Abingdon Press, 1965), p. 340, e Tasker, p. viii.

³ Elliott, p. 11.

⁴ Epp, p. 404.

verdadeira leitura sem amarras de discussões sobre o peso da sustentação por MSS”. Se-gue-se que tal ecletismo não tem nenhuma razão, a partir de princípio, para rejeitar emendas conjecturais. Não tem nenhuma história da transmissão do texto. Portanto, a escolha entre variantes depende, em última análise, de ‘chutar’ a partir da imaginação. Isto foi reconhecido por Colwell:

Na última geração temos depreciado as evidências externas de documentos e temos valorizado as evidências internas de leituras; mas temos jovialmente assumido que estávamos rejeitando “emenda conjectural” se nossas conjecturas fossem apoiadas por alguns manuscritos. Precisamos reconhecer que a redação de um texto eclético re-pousa sobre conjecturas.¹

F.G. Kenyon² denominou a emenda conjectural “um processo extremamente precário e que raramente permite a ninguém, exceto ao adivinhador, sentir-se confiante da veracidade dos seus resultados.”³ Embora entusiastas como Elliott pensem que desta maneira possam restaurar as palavras originais do texto, é claro que o resultado não pode ter mais autoridade do que a do(s) estudioso(s) envolvido(s). A crítica textual deixa de ser uma ciência e fica-se imaginando o que o prefácio da NIV quer dizer por “sãos princípios” [ci-tado acima].

Clark e Epp estão certos ao chamar o ecletismo de método secundário, hesitante e tem-porário.⁴ Como A.F.J. Klijn⁵ diz: “Este método chega a resultados tão variados que questi-onamos se os redatores de textos gregos e de traduções podem seguir esta estrada sem danos”.⁶ Este procedimento parece tão insatisfatório, de fato, que a razão pede que se explique sua origem.

Qual É a Sua Origem?

O ecletismo é um rebento que cresceu a partir da teoria da crítica textual de Westcott e Hort (W-H). Epp a sintetiza de forma útil, para nossos propósitos imediatos:

... o agrupamento de MSS levou à separação dos MSS antigos (que são relativamente poucos) da massa dos mais recentes, e eventualmente o processo alcançou seu apo-geu de desenvolvimento e seu enunciado clássico na obra de Westcott e Hort (em 1881-1882), e particularmente em sua clara e firme visão (realmente, de Hort) sobre

¹ Colwell, “Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text,” *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt (New York: Abingdon Press, 1965), pp. 371-72.

² Frederick G. Kenyon foi um proeminente estudioso britânico durante a primeira metade deste século [XX]. Foi o diretor e bibliotecário-chefe do Museu Britânico, e seu *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament* ainda é um livro-texto padrão.

³ F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*, 2nd ed., 1926, p. 3.

⁴ Epp, pp. 403-4. Compare K.W. Clark, “The Effect of Recent Textual Criticism upon New Testament Studies,” *The Background of the New Testament and its Eschatology*, ed. W.D. Davies and D. Daube (Cambridge: The Cambridge University Press, 1956), p. 37. Em um artigo apresentado no 46º encontro anual da “Evangelical Theological Society” (Nov. 1964), Maurice A. Robinson enfatiza a deficiência séria [consistente no fato] que “nem o ecletismo ‘racionalizado’ nem o ‘rigoroso’ oferecem uma história coerente da transmissão textual...” (p. 30). A seriedade desta deficiência pode ser vista nos resultados [do ecletismo]. UBS³, um texto confessadamente eclético, repetidamente nos oferece uma colcha de retalhos. Por exemplo, em Mateus há pelo menos 34 locais onde a exata redação não se encontra em nenhum MS grego disponível, tomado isoladamente (cf. R.J. Swanson, *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels, Greek Edition, Volume I. The Gospel of Matthew* [Dillsboro, NC: Western North Carolina Press, 1982]).

⁵ A.F.J. Klijn é um bem conhecido estudioso textual que tem se especializado no estudo do “tipo de texto Ocidental”.

⁶ A.F.J. Klijn, *A Survey of the Researches into the Western Text of the Gospels and Acts: part two 1949-1969* (Leiden: E.J. Brill, 1969), p. 65.

a história do texto do NT nos seus primeiros séculos. Esta visão clara foi formada a partir de Hort ter separado os manuscritos em essencialmente três (embora ele dissesse quatro) grupos textuais básicos, ou tipos de texto. Baseados principalmente em evidências de manuscritos da metade do século IV em diante, e em evidências das antigas versões e pais da Igreja, dois destes tipos de texto, chamados Neutro e Ocidental, foram considerados textos que competiam desde cerca da metade do século II, enquanto o terceiro tipo, agora denominado Bizantino, foi um texto eclesiástico posterior, conflado¹ e polido. ... Isto deixou essencialmente dois tipos de texto básicos competindo no mais antigo período rastreável da transmissão textual, o Ocidental e o Neutro, mas esta reconstrução histórica não pôde ser levada mais adiante, de modo a revelar – em bases históricas – qual dos dois era mais aproximado de (e assim mais provável de representar) o texto original do NT.²

... a pergunta que confrontou Westcott e Hort permanece para nós: É o texto original algo mais próximo do tipo Neutro ou do tipo Ocidental? ... Hort resolveu o problema, não com base na *história do texto*, e sim em termos da presumida *qualidade interna* dos textos e fundado em julgamentos em grande parte subjetivos daquela qualidade.³

Hort, seguindo o “tinir de genuinidade”, preferiu as leituras do tipo de texto Neutro (hoje chamado Alexandrino) e especialmente aquelas do Códice B, enquanto alguns estudiosos subseqüentes preferiram as leituras do tipo de texto Ocidental e do Códice D, na mesma base. Embora Hort alegasse estar seguindo evidências externas – e ele de fato seguiu, em geral, seu tipo Neutro – sua escolha prévia daquele tipo foi baseada em considerações internas (subjetivas).⁴ Apesar disto, a impressão geral dada foi de que a teoria de W-H se baseava em evidências externas (isto é, históricas e de manuscritos).

Contudo, várias facetas da teoria ficaram sob ataques assim que apareceu em 1881, e com as vozes conflitantes veio confusão. É esta confusão que deu origem ao ecletismo. Assim, Elliott declarou abertamente: “Em vista do presente dilema e discussão a respeito dos méritos relativos dos MSS individuais e da tradição dos MSS, é razoável fugir de um estudo dos documentos e examinar o texto do NT do ponto de vista puramente eclético.”⁵

Nas palavras de R.V.G. Tasker, “O estado instável da crítica textual de hoje faz a adoção do método eclético não apenas desejável, mas quase inevitável.”⁶ Metzger cita insatisfação “com os resultados alcançados pela avaliação das evidências externas a favor das leituras variantes” como a causa [do ecletismo].⁷ Epp culpa “a ausência de uma teoria e uma história definitivas do texto primitivo” bem como a resultante “situação caótica na avaliação de leituras variantes no texto do NT.”⁸ Colwell também condena “o estudo de manuscritos

¹ N.Trads: Em crítica textual, **conflar** (do latim *conflare*, fundir, ajuntar por fusão; e do inglês *conflate*) significa a mistura ou combinação das leituras de 2 (ou mais) documentos, formando uma nova leitura. Isto se dá, algumas vezes, pela mera adição (com ou sem conjunção) de palavras ou trechos de uma leitura à outra, outras vezes por fusão, em maior ou menor escala. Conjugam-se conflar como o verbo inflar (do latim *inflare*). **Conflação** é o ato ou resultado de conflar. Ver Cap. 2.

² Epp, pp. 391-92.

³ *Ibid.*, pp. 398-99.

⁴ Metzger afirma que “o [método de] crítica de Westcott e Hort é subjetivo,” *The Text*, p. 138. Ver também Colwell, *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament* (Leiden: E.J. Brill, 1969), pp. 1-2.

⁵ Elliott, pp. 5-6.

⁶ Tasker, p. vii.

⁷ Metzger, *The Text*, p. 175.

⁸ Epp, p. 403.

sem uma história.”¹ A prática do ecletismo puro parece implicar: 1) na perda de todas as esperanças que as palavras originais possam ser recuperadas com base na evidência externa; ou 2) na recusa de tomar sobre si o duro trabalho de reconstruir a história do texto; ou 3) em ambas as coisas.

Mas a maioria dos estudiosos não pratica ecletismo *puro* – eles ainda trabalham essencialmente dentro do arcabouço de W-H. Assim, as duas edições do texto grego mais populares que hoje temos, Nestle-Aland e UBS, realmente pouco diferem do texto W-H.² As versões recentes – RSV, NEB, etc. – também pouco se afastam do texto W-H.

¹ Colwell, “Hort Redivivus,” p. 149.

² Ver K.W. Clark, “Today’s Problems with the Critical Text of the New Testament,” *Transitions in Biblical Scholarship*, ed. J.C.R. Rylaarsdam (Chicago: The University of Chicago Press, 1968), pp. 159-60, para fatos e números. Ver também Epp, pp. 388-90.

G.D. Fee tem levantado a acusação de que meu tratamento de ecletismo é “desesperançadamente confuso” (“A Critique of W.N. Pickering’s *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*,” *The Westminster Theological Journal*, XLI [Spring, 1979], p. 400). Ele acha que eu não distingo adequadamente entre ecletismo “rigoroso” (por mim chamado “puro”) e “racionalizado”; e que tenho, portanto, dado uma visão distorcida do último. Bem, ele próprio diz do ecletismo racionalizado que esposa: “Tal ecletismo reconhece que a visão das coisas de W-H foi essencialmente correta, ...” (*Ibid.*, p. 402). Minha declaração é: “Mas a maioria dos estudiosos não pratica ecletismo **puro** – eles ainda trabalham essencialmente dentro do arcabouço de W-H” (p. 28, na edição em inglês). São as duas declarações realmente tão diferentes?

A imparcialidade desta avaliação pode ser ilustrada a partir dos trabalhos de ambos Fee e Metzger (a quem Fee considera ser um praticante do ecletismo racionalizado). Em sua “Rigorous or Reasoned Eclecticism – Which?” (*Studies in New Testament Language and Text*, ed. J.K. Elliott [Leiden; Brill, 1976]), Fee diz: “Ecletismo racionalizado concorda, em princípio, que nenhum MS ou grupo de MSS tem uma prioridade *prima facie* [isto é, prioridade auto-evidente, desde a primeira visão] como [reproduzindo] o texto original” (p. 179). Mas, na página seguinte ele diz de Hort: “se sua avaliação de B como Neutro foi uma deferência demasiadamente elevada àquele MS, isto não altera seu julgamento que, comparado a todos os outros MSS, B é uma testemunha superior.” Metzger diz, por um lado: “a única metodologia apropriada é examinar a evidência de cada variante imparcialmente, sem nenhuma predileção a favor ou contra qualquer um dos tipos de texto” (*Chapters*, p. 39), mas por outro lado [diz]: “leituras que são atestadas somente por testemunhas Koiné [o grego comum], isto é, testemunhas bizantinas (o grupo Sírio, de Hort) podem ser postas de lado [isto é, descartadas] como secundárias, com certeza quase que total” (*The Text*, p. 212).

Mas Fee tem mais a dizer: “Um erro ainda maior [do que minha ‘distorção’ acima tratada] é ele [Pickering] argumentar que o método de Elliott está sob ‘a pressão psicológica de W-H’ (p. 29)” (“A Critique”, p. 401). Ele [Fee] segue em frente para explicar que Elliott e W-H estão em extremos opostos do espectro de evidências internas/externas, porque “é bem conhecido que W-H dão um peso extraordinário à evidência externa, exatamente como o fazem Pickering e Hodges” (*Ibid.*). No entanto, em outra ocasião, o próprio Fee escreveu: “Deve-se lembrar que Hort *não* usou genealogia para descobrir o texto original do NT. Quer justificadamente ou não, Hort usou genealogia somente para descartar o texto Sírio (Bizantino). Uma vez que ele tem eliminado os bizantinos de serem seriamente considerados, sua preferência pelos MSS neutros (egípcios) foi fundada estritamente sobre probabilidades intrínseca e transcricional” [ênfases de Fee] (“Rigorous”, p. 177). E novamente: “De fato, as próprias considerações internas que Kilpatrick e Elliott defendem como a base para a recuperação do texto original, Hort as usou primeiro [ênfase de Fee] para a avaliação das testemunhas existentes” (*Ibid.*, p. 179).

Parece-me que estas últimas declarações de Fee são claramente corretas. Uma vez que a preferência de Hort por B e pelo tipo de texto Neutro foi baseada “estritamente” sobre considerações internas, seu uso subsequente daquele tipo de texto não pode ser racionalmente denominado um apelo a evidências externas. Em resumo, não vejo nenhuma diferença essencial entre ecletismo “rigoroso” e ecletismo “racionalizado”, porque a preferência dada a certos MSS e tipos pelos ecléticos “racionalizados” é ela própria derivada de evidência interna, as mesmas considerações empregadas pelos ecléticos “rigorosos”. Eu nego a validade do “método eclético”, sob qualquer disfarce, como um meio de determinar a identidade do texto [original] do NT. (No entanto, eu decididamente concordo com Z.C. Hodges que qualquer e todas as leituras do *texto tradicional* podem ser defendidas em termos de considerações internas, se alguém desejar fazê-lo.)

Qual o motivo disso? Epp responde:

Uma resposta para o fato que nossos textos críticos populares ainda são tão próximos daquele de Westcott-Hort poderia ser que o tipo de texto a que eles chegaram, e que é tão largamente apoiado pela crítica subsequente, é de fato e sem questionamento o melhor texto do NT ao qual se pode chegar; todavia, todo crítico textual sabe que essa similaridade de textos indica, ao contrário, que nós pouco temos progredido em teoria textual depois de Westcott-Hort; que simplesmente não sabemos como fazer uma determinação definitiva sobre qual é o melhor texto; que não temos um quadro claro da transmissão e alteração do texto nos primeiros séculos; e, conseqüentemente, que é largamente por falta [de existência/aceitação de alternativas] que o tipo de texto de Westcott-Hort tem mantido sua posição dominante. Gunther Zuntz reforça este ponto de modo ligeiramente diferente quando diz que “a concordância entre nossas edições modernas não significa que temos recuperado o texto original. Ela se deve ao simples fato que seus redatores ... seguem um segmento estreito da evidência, a saber, os antigos unciais não-Ocidentais.”¹

Clark concorda com Zuntz: “Todos [os textos críticos modernos] estão fundamentados sobre a mesma recensão² egípcia e, em geral, refletem as mesmas hipóteses de transmissão.”³ Clark também dá um enfoque mais penetrante a um aspecto da resposta de Epp:

... o texto de Westcott-Hort tem se tornado, hoje, nosso *textus receptus*. Libertamos de um somente para sermos escravizados pelo outro. ... Os grilhões psicológicos de nossos pais, tão recentemente rompidos, têm sido novamente forjados sobre nós, ainda mais fortemente. ...

Até mesmo o especialista [em crítica] textual acha difícil quebrar o hábito de avaliar cada testemunha pela norma deste *textus receptus* atual. Sua mente pode ter rejeitado o termo Neutro, de Westcott-Hort, mas seu procedimento técnico ainda reflete a aceitação generalizada do texto. Um problema básico de hoje é o fator técnico e psicológico [resultante do fato] de que o texto de Westcott-Hort se tornou nosso *textus receptus*.

Psicologicamente é agora difícil abordar o problema textual com uma mente independente e livre. Não importa quão grande tenha sido o progresso alcançado com o texto de Westcott-Hort: progresso subsequente, que tanto desejamos, somente poderá ser obtido quando nossas cadeias psicológicas forem quebradas. Aqui repousa o principal problema de hoje com relação ao texto crítico do NT.⁴

¹ Epp, pp. 390-91. Compare G. Zuntz, p. 8. Epp reforça uma declaração anterior de Aland: “É claro que a situação com a qual o método dos nossos presentes dias, para estabelecer o texto do NT, nos confronta, é decididamente insatisfatória. Não é de forma alguma o caso, como alguns parecem pensar, que tudo já foi feito neste campo e nós podemos, para propósitos práticos, descansar satisfeitos com o texto em uso. Ao contrário, a tarefa decisiva ainda está à frente.” “The Present Position of New Testament Textual Criticism.” *Studia Evangelica*, ed. F.L. Cross e outros (Berlin: Akademie – Verlag, 1959), p. 731.

² N.Trads.: Em crítica textual, **recensão** (do latim *recension*, enumeração; de *recensere*, revisar; e do inglês, *recension*) é o resultado de um trabalho de revisão, feito deliberadamente por estimados redatores e não por meros escribas.

³ Clark, “Today’s Problems,” p. 159.

⁴ *Ibid.*, pp. 158-60. Compare M.M. Parvis, “Text, NT.,” *The Interpreter’s Dictionary of the Bible* (4 Vols.; New York: Abingdon Press, 1962), IV, p. 602, e D.W. Riddle, “Fifty Years of New Testament Scholarship,” *The Journal of Bible and Religion*, X (1942), p. 139.

A despeito da incerteza e insatisfação reinantes, quando desponha oposição a maioria dos críticos textuais recua e se refugia na posição de W-H – quando em dúvida, a coisa segura a fazer é permanecer na linha do partido.¹

Elliott, mencionado anteriormente, deliberadamente tentou pôr de lado a linha do partido, e o resultado é interessante – sua reconstrução do texto das epístolas pastorais difere do *textus receptus* 160 vezes, difere de W-H 80 vezes, e contém 65 leituras que não têm aparecido em nenhuma outra edição impressa. Uma revisão do seu raciocínio sugere que ele não escapou totalmente da pressão psicológica de W-H, mas mesmo assim o resultado difere significativamente de qualquer outra coisa que já se fez.²

O esforço de Elliott enfatiza, em contraste, a extensão em que a UBS, a NEB, etc. ainda se moldam rigorosamente à linha de W-H. Para entender realmente o que está se passando hoje, temos de ter uma clara percepção da teoria de W-H e de suas implicações. A importância daquela teoria é universalmente reconhecida.³ A declaração de J.H. Greenlee é representativa: “A teoria textual de W-H é o alicerce para, praticamente, todo o trabalho subsequente de crítica textual do NT.”⁴ Por isso volto-me agora para uma discussão dessa teoria.

A TEORIA CRÍTICA DE WESTCOTT-HORT

Embora Brooke Foss Westcott se identificasse com o projeto e os resultados, entende-se, geralmente, que foi principalmente Fenton John Anthony Hort⁵ quem desenvolveu a

¹ Compare Clark, “Today’s Problems”, p. 166; e especialmente Colwell, “Scribal Habits”, pp. 170-71.

² Os resultados de Elliott são interessantes de uma maneira adicional. Ele faz sua reconstrução “sem amarras” de considerações sobre a sustentação por manuscritos, e então investiga o desempenho dos principais manuscritos. Sumariando sua enunciação dos resultados, e considerando apenas aqueles locais onde houve variação, Códice \aleph esteve certo 38% das vezes, Códice A esteve certo 38% das vezes, Códice C certo 41%, Códice D certo 35%, F e G certos 31% [cada um deles], e a massa dos minúsculos (bizantinos) esteve certo 35% das vezes (p. 241-43). Ele afirma que fazendo uma reconstrução [do texto] à sua maneira habilita uma pessoa a investigar o comportamento dos MSS individuais e então mostrar suas “flutuações contra a lógica”. Tal investigação é baseada sobre sua própria avaliação subjetiva das leituras, mas as flutuações contra a lógica podem ser vistas empiricamente ao se comparar as colações de uma variedade de MSS.

Nota dos Tradutores: **Colacionar** (do latim *collationare*, combinar, e do inglês *collate*) = tomar 2 cópias em grego, de um mesmo trecho, e compará-las, confrontá-las, conferi-las, cotejá-las, para verificar a correspondência entre os respectivos textos, que se expressa num estema (árvore genealógica), e assim analisar a maior ou menor autoridade dos documentos, para, finalmente, escolher a leitura exata. **Colaço** (do latim *collatione*, comparação, e do inglês *collation*) = ato ou efeito de colacionar 2 ou mais documentos. Ver ambos verbetes no Dicionário Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

³ Ver, por exemplo, K. Aland, “The Significance of the Papyri,” p. 325; Colwell, “Scribal Habits,” p. 370; Metzger, *The Text*, p. 137; V. Taylor, *The Text of the New Testament* (New York: St. Martin’s Press Inc., 1961), p. 49; K. Lake, p. 67; F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament* (2nd ed.; Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1951), p. 294; Epp, “Interlude,” p. 386, e Riddle, Parvis and Clark, acima referidos (Nota de rodapé 4 da página anterior).

⁴ J.H. Greenlee, *Introduction to New Testament Textual Criticism* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 78.

⁵ F.J.A. Hort e B.F. Westcott eram clérigos anglicanos altamente respeitados e influentes, do século XIX – especialmente durante os anos 1870 e 1880. Westcott foi bispo de Durham e Hort foi um professor titular-catedrático na Universidade de Cambridge. O texto grego do NT por eles preparado foi adotado (essencialmente) pela comissão que produziu a “English Revised Version” de 1881. Westcott escreveu vários comentários sobre livros do NT que ainda são considerados obras padrão. O prestígio e influência dele foram importantes para o sucesso do projeto.

teoria e compôs a *Introdução* da obra deles (em dois volumes).¹ Na discussão que segue considero a teoria de W-H como criação de Hort.

Contando 23 anos, ao final de 1851, Hort escreveu a um amigo:

Eu não tinha nenhuma ideia, até as últimas poucas semanas, da importância de textos, tendo lido tão pouco o Testamento grego, e vinha me arrastando com o infame *Textus Receptus*. ... Pense naquele vil *Textus Receptus* que se apoia inteiramente em MSS recentes; é uma bênção que haja MSS tão antigos.²

Pouco mais de um ano depois, “o plano de uma revisão conjunta [com Westcott] do texto do Testamento grego foi acordado definitivamente pela primeira vez.”³ E ainda naquele ano (1853) Hort escreveu a um amigo dizendo que esperava ter o novo texto impresso “em pouco mais que um ano”.⁴ Que isto, na realidade, lhe tomou vinte e oito anos não esconde [nem atenua] a circunstância que, embora desinformado, como ele mesmo admitiu, Hort concebeu uma animosidade pessoal para com o *Textus Receptus*,⁵ e somente por estar inteiramente baseado, assim Hort pensava, em manuscritos recentes. Torna-se visível que Hort não chegou à sua teoria pelo trato imparcial e não preconceituoso com os fatos. Ao contrário, ele deliberadamente se lançou à construção de uma teoria que iria justificar sua animosidade preconcebida para com o Texto Recebido (TR).

Colwell fez a mesma observação: “Hort organizou seu argumento inteiro para depor o *Textus Receptus*.”⁶ E novamente:

Westcott e Hort escreveram com duas coisas constantemente em mente: O *Textus Receptus* e o *Códice Vaticanus*. Mas não os retinham em mente com aquela objetividade passiva que os pensadores românticos atribuem à mente científica.⁷

À medida que os anos foram passando, Hort deve ter visto que, para alcançar seus fins, precisava de uma história do texto convincente – que explicasse porque apenas um tipo de texto (essencialmente) podia ser encontrado na grande quantidade dos manuscritos mais recentes, e mostrar como esta explicação justificava a rejeição deste tipo de texto.

A Abordagem Básica

Hort começou por tomar a posição de que o NT deve ser tratado como qualquer outro livro.⁸

¹ B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; London: Macmillan and Co. Ltd., 1881).

² A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 Vols.; London: Macmillan and Co. Ltd., 1896), I, 211.

³ *Ibid.*, p. 240.

⁴ *Ibid.*, p. 264.

⁵ A expressão *Textus Receptus* se refere, propriamente, a uma das edições impressas do texto grego do NT associadas em caráter com o texto preparado por Erasmo, no século XVI. (De mais de 30 tais edições, poucas são idênticas). Este TR não é idêntico ao texto refletido na AV (embora seja bastante próximo), nem ainda ao assim chamado texto Sírio ou Bizantino (estes termos serão introduzidos abaixo, neste capítulo). A edição crítica do texto Bizantino, preparada por Zane C. Hodges, ex-professor titular-catedrático de Literatura e Exegese do NT no Seminário Teológico de Dallas, por Arthur L. Farstad, e por outros, e publicado por Thomas Nelson em 1982, difere do *Textus Receptus* em mais ou menos 1500 locais [a maioria faz pouca diferença no sentido].

⁶ Colwell, “Hort Redivivus,” p. 158.

⁷ Colwell, “Genealogical Method: Its Achievements and its Limitations,” *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), p. 111.

⁸ De fato, Hort não mantinha uma visão elevada da inspiração. Compare A.F. Hort, I, 419-21, e Westcott e Hort, II, *Introduction*, 280-81.

Os princípios de crítica explicados na seção anterior valem para todos os textos antigos, preservados em uma pluralidade de documentos. Ao lidar com o texto do NT, nenhum novo princípio é necessário ou legítimo.¹

Esta postura exigiu o pressuposto declarado de que nenhuma malícia tocou o texto:

Não será inapropriado adicionar aqui uma clara expressão de que cremos que, mesmo entre as numerosas leituras inquestionavelmente espúrias do NT, não há nenhum sinal de falsificação deliberada do texto em favor de propósitos dogmáticos.²

Tal posição permitiu a Hort trazer para a crítica textual do NT o método de árvore de família, ou genealogia, como desenvolvido por estudiosos dos clássicos.

Genealogia

Aqui está a definição clássica de método genealógico dada por Hort:

O acurado método de genealogia consiste ... na recuperação mais ou menos completa dos textos de ancestrais sucessivos, pela análise e comparação dos textos variantes de seus respectivos descendentes; cada texto ancestral assim recuperado sendo usado, por sua vez, em conjunção com outros textos similares, para a recuperação do texto de um ancestral comum e ainda mais antigo.³

Colwell diz do uso que Hort fez deste método:

Como justificativa de terem rejeitado a maioria [dos MSS], Westcott e Hort acharam que o potencial do método genealógico era inestimável. Suponha que há apenas dez cópias de um documento e que nove delas são todas elas copiadas da outra; então a maioria pode ser rejeitada com segurança. Ou suponha que as nove foram copiadas de um manuscrito perdido e que este manuscrito perdido e o outro [o décimo] foram ambos copiados do original; então o voto da maioria não deveria sobrepujar aquele da minoria. Estes são os argumentos com os quais W. e H. abriram sua discussão do método genealógico. ... Eles mostraram claramente que uma maioria de manuscritos não deve *necessariamente* ser preferida como a correta. É essa possibilidade *a priori* que Westcott e Hort usaram para demolir o argumento baseado na superioridade numérica [defendido] pelos aderentes do *Textus Receptus*.⁴

É claro que a ideia de genealogia é crucial para a teoria e propósito de Hort. Ele achou que o método genealógico lhe possibilitava a reduzir a massa de testemunho de manuscritos a quatro vezes: Neutra, Alexandrina, Ocidental e Síria.

Tipos de Texto e Recensões

Para sumariar o que tem sido dito dos resultados da evidência genealógica propriamente dita, como afetando o texto do NT, consideramos as seguintes proposições absolutamente certas. (I) Os grandes textos antigos realmente existiram como os descrevemos nas Seções II e III. ... (III) Os documentos existentes não contêm nenhuma leitura (a não ser que as não-interpolações peculiares do texto Ocidental, notadas acima, sejam contadas como exceções), que sugere a existência de importantes eventos textuais por nós desconhecidos, um conhecimento dos quais poderia

¹ Westcott e Hort, p. 73.

² *Ibid.*, p. 282.

³ *Ibid.*, p. 57.

⁴ Colwell, "Genealogical Method," p. 111.

alterar materialmente a interpretação das evidências tal qual determinada pela história acima.¹

Os “grandes textos antigos” são os quatro supra mencionados. Embora o Neutro e Alexandrino de Hort sejam agora geralmente classificados como um só tipo, chamado Alexandrino, e o Sírio seja agora comumente chamado Bizantino, e a literatura se refira a um tipo adicional, Cesareense, a noção de pelo menos três tipos de texto ou recensões domina a disciplina até os dias de hoje. Este é outro elemento fundamental da teoria de Hort.

Tendo, ostensivamente, justificado a manipulação da massa de manuscritos posteriores como uma [única] testemunha ou texto, Hort agora prosseguiu para demonstrar que este suposto texto seria uma testemunha inferior e até mesmo insignificante. A primeira prova oferecida foi “conflação”.

Conflação

Uma vez que os manuscritos são classificados como pertencendo a um dos tipos de texto, a partir das variantes características compartilhadas em comum, quase qualquer manuscrito antigo que se ocorra apanhar exibe variantes consideradas características de tipos de texto diferentes. Tal situação tem sido denominada “mistura”. Conflação é um tipo especial de mistura. Nas palavras de Hort:

A evidência mais clara para rastrear os fatores antecedentes de mistura em textos é provida por leituras que são elas próprias misturadas ou, como são algumas vezes chamadas, “confladas”, isto é, não simples substituições da leitura de um documento pela de um outro, mas combinações das leituras de ambos os documentos, formando uma totalidade complexa, algumas vezes por mera adição com ou sem uma conjunção, outras vezes com maior ou menor [proporção de] fusão.²

Hort advogou enfaticamente a conclusão que um texto contendo leituras confladas tem que ser de data posterior aos textos contendo os vários componentes dos quais as conflações foram construídas.³ Então apresentou oito exemplos⁴ onde, por sua interpretação, o texto Sírio (Bizantino) teria combinado elementos dos textos Neutro e Ocidental. Ele continuou, dizendo:

Ao melhor da nossa crença, as relações assim provisoriamente traçadas não são jamais invertidas. Não conhecemos nenhum local onde o grupo α de documentos dê apoio a leituras aparentemente confladas das leituras dos grupos β e δ ,

¹ Westcott e Hort, pp. 178-79. Observar que Hort fez uso de somente uma pequena fração dos manuscritos existentes na sua época. Compare K. Aland “The Significance of the Papyri,” pp. 327-28. Uma checagem de “Notes on Select Readings”, de Westcott e Hort, no volume 2 da obra deles, *The New Testament in the Original Greek*, sugere que Aland é, provavelmente, generoso.

² Westcott e Hort, p. 49.

³ *Ibid.*, p. 106. Isto parece bastante óbvio, uma vez que os materiais usados para manufaturar alguma coisa têm necessariamente que existir antes do produto resultante. Um possível exemplo claro ocorre em Lucas 24.53. O texto Ocidental traz “louvando a Deus”, o Neutro traz “bendizando a Deus” e o Sírio traz “louvando e bendizando a Deus.” De acordo com a hipótese de Hort, a redação mais longa foi construída a partir das duas mais curtas. Observar que o uso da palavra “conflação” traz embutida a rejeição da possibilidade que a redação mais longa seja a original e que as mais curtas sejam simplificações independentes da mesma.

⁴ Marcos 6.33, 8.26, 9.38, 9.49; Lucas 9.10, 11.54, 12.18, 24.53.

respectivamente, ou onde o grupo β de documentos dê apoio a leituras aparentemente confladas das leituras dos grupos α e δ , respectivamente.¹

Era essencial para o propósito de Hort – demonstrar que o texto Sírio seria posterior – que ele não encontrasse nenhuma “inversão” no relacionamento entre os três “textos”. (Uma “inversão” seria o texto Neutro ou o texto Ocidental conterem uma confluência do outro, juntamente com o Sírio.) Então ele alegou que inversões não existem.

A declaração e a interpretação de Hort têm sido geralmente aceitas.² Vincent Taylor avalia o argumento como “muito convincente mesmo”.³ Kirsopp Lake o chama de “a pedra angular da teoria deles”.⁴ Eis aqui outro elemento que é crucial à teoria e propósito de Hort. Para uma segunda prova independente da outra, da posterioridade do texto Sírio, ele se voltou para os pais de antes do Concílio de Nicena.

Leituras “Sírias” Anteriores a Crisóstomo

Após uma longa discussão Hort concluiu:

Antes da metade do século III, ao mais cedo possível, não temos nenhum sinal histórico da existência de leituras, confladas ou não, que sejam marcadas como distintivamente Sírias, pela falta de atestação por grupos de documentos que tenham preservado as outras formas antigas de texto. Este é um fato de grande significado, uma vez que está provado exclusivamente por evidência externa, e portanto supre uma verificação absolutamente independente e uma extensão do resultado já obtido pela comparação do caráter interno das leituras, tais como classificadas por confluência.⁵

Em outro local, ele considerou que Crisóstomo (que morreu em 407) foi o primeiro pai da igreja a usar caracteristicamente o texto Sírio.⁶

A importância deste argumento para a teoria de Hort foi reconhecida por Kenyon:

A alegação de Hort – a pedra angular de sua teoria – foi que leituras características do TR nunca são encontradas nas citações de escritores cristãos anteriores a cerca de 350 d.C. Antes dessa data encontramos leituras caracteristicamente Neutras e Ocidentais, mas nunca, Sírias. Este argumento é, de fato, decisivo, ...⁷

Lake, também, o considerou decisivo.⁸ O propósito de Hort pareceria ter sido alcançado, mas por medida de segurança ele propôs um terceiro argumento contra o texto Sírio, baseado em evidência interna.

Evidência Interna das Leituras

Tal “evidência” é baseada em dois tipos de probabilidade: intrínseca e de transcrição. Probabilidade intrínseca é orientada em direção ao autor – qual leitura faz o melhor sentido, mais se ajusta ao contexto e se conforma ao estilo e propósito do autor? Probabilidade

¹ Westcott e Hort, p. 106. Por “grupo α ” Hort quer dizer seu texto Neutro, por “grupo β ” seu texto Ocidental, e por “grupo δ ” seu texto Sírio.

² Cf. Kenyon, p. 302; E.F. Harrison, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 73; e Metzger, *The Text*, pp. 135-36.

³ Taylor, p. 53.

⁴ Lake, p. 68.

⁵ Westcott e Hort, p. 115.

⁶ *Ibid.*, p. 91.

⁷ F.G. Kenyon, *Recent Developments in the Textual Criticism of the Greek Bible* (London: Oxford University Press, 1933), pp. 7-8.

⁸ Lake, p. 72.

de transcrição é orientada em direção ao escriba ou copista – qual leitura pode ser atribuída a descuido ou interferência por parte do copista? Salvo enganos não intencionais, mudanças presumidamente deliberadas deram origem a dois cânones importantes da crítica textual: 1) *brevior lectio potior*: a leitura mais curta seja a preferida (supondo-se a propensão dos escribas de adicionar material ao texto); e 2) *proclivi lectioni praestat ardua*: a leitura mais difícil seja a preferida (supondo-se a propensão dos escribas de tentar simplificar o texto quando confrontados com uma suposta dificuldade).

Com base em tais considerações, Hort declarou que o texto Sírio era caracterizado por “lucidez e completude”, “simplicidade aparente”, “assimilações harmonizadoras”, e que era “notavelmente um texto cheio”.¹ Ademais, disse:

Por si mesmas, leituras Sírias quase nunca ofendem à primeira vista. Com raras exceções, elas fluem agradável e facilmente quanto à forma e imediatamente oferecem, mesmo ao leitor descuidado, um sentido razoável, livre de surpresas e aparentemente transparente. Mas quando leituras distintamente sírias são minuciosamente comparadas uma após outra com suas variantes rivais, a pretensão de serem consideradas as leituras originais gradualmente diminui até, finalmente, desaparecer.²

A caracterização que Hort fez do texto sírio tem sido geralmente aceita pelos estudiosos subseqüentes.³

Mesmo após ter demonstrado – assim pensou – que o texto Sírio fosse eclético e posterior, Hort tinha um obstáculo sério a transpor. Ele tinha que explicar como esse “texto” surgiu e, acima de tudo, como ele chegou a dominar a cena a partir do século V. Uma revisão do texto organizada, executada e imposta sobre as igrejas por autoridade eclesiástica [maior], foi a solução dele para o problema.

A “Recensão Luciânica” e a *Peshitta*

“O texto Sírio”, disse Hort, “tem, de fato, que ser o resultado de uma ‘recensão’ no sentido próprio da palavra, uma tentativa de criticismo, deliberadamente realizada por redatores e não meramente por escribas.”⁴

Uma Revisão autoritativa em Antióquia ... foi ela própria submetida a uma segunda revisão autoritativa que alcançou mais completamente os propósitos da primeira. Em que data entre 250 e 350 d.C. o primeiro processo ocorreu, é impossível dizer com confiança. O processo final foi aparentemente completado em 350 d.C. ou por volta desta data.⁵

Hort experimentalmente sugeriu Luciano (que morreu em 311 d.C.) como, talvez, o líder no movimento, e alguns estudiosos subseqüentes se tornaram dogmáticos nesta tese.

O assunto da versão siríaca *Peshitta* é freqüentemente tratado junto com o da “recensão luciânica” (do grego) por causa de uma suposta relação entre eles. Já que a *Peshitta* dá testemunho do texto Bizantino, Hort tinha que removê-la dos séculos II e III.

¹ Westcott e Hort, pp. 134-35.

² *Ibid.*, pp. 115-16.

³ Ver, por exemplo, Kenyon, *Recent Developments*, p. 66, Metzger, *The Text*, p. 131, e Greenlee, p. 91.

⁴ Westcott e Hort, p. 133.

⁵ *Ibid.*, p. 137.

Conseqüentemente, postulou que houve uma revisão posterior, para explicá-la. F.C. Burkitt foi além de Hort e indicou Rábula, bispo de Edessa de 411 a 435 d.C., como o autor da revisão.¹

Ambas as ideias tiveram ampla aceitação. A declaração de H.C. Thiessen é típica, tanto em conteúdo como em dogmatismo:

Esta [*Peshitta*] foi previamente considerada a mais antiga das versões siríacas; mas Burkitt demonstrou que ela é na realidade uma revisão da *Antiga Siríaca*, feita por Rábula, bispo de Edessa, por volta de 425. Esta visão é agora mantida por quase todos os estudiosos das versões siríacas. ... O texto [base] da *Peshitta* é agora identificado como o texto Bizantino, que remonta, com certeza quase que total, à revisão feita por Luciano de Antióquia ao redor de 300 d.C.²

Sumário e Conseqüências

Aí está a essência da teoria de crítica textual de W-H. Eu mesmo já li cada palavra da *Introdução* de Hort, todas as difíceis 324 páginas, e creio que a descrição acima oferecida é [bastante] razoável. Basta dizer que Hort alcançou seu propósito, mesmo que isto lhe tenha tomado 28 anos. Embora homens tais como Tischendorf, Tregelles, e Alford tivessem feito muito para solapar a posição do TR, Westcott e Hort geralmente recebem o crédito de terem desferido o golpe de morte, iniciando uma nova era. Muitos estudiosos já formularam esta conclusão,³ mas Colwell a expressa tão bem quanto qualquer deles:

A mão morta de Fenton John Anthony Hort repousa pesadamente sobre nós. Nos primeiros anos deste século [XX], Kirsopp Lake descreveu o trabalho de Hort como um fracasso, embora um glorioso fracasso. Mas Hort *não* falhou em alcançar seu objetivo principal. Ele destronou o *Textus Receptus*. Depois de Hort, esta *Vulgata* grega do final da Idade Média não [mais] foi usada por estudiosos sérios, e o texto sustentado pelas testemunhas mais antigas se tornou o texto padrão. Este foi um feito sensacional, um sucesso impressionante. O sucesso de Hort nesta tarefa, e a aguda força lógica da sua teoria firmemente argumentada, modelou – e ainda modela – o pensamento daqueles que abordam a crítica textual do NT através da língua inglesa.⁴

E isto explica a natureza e extensão da divergência comunal das versões modernas contra a AV (*King James Version*) – as versões modernas são quase todas baseadas essencialmente na teoria e no texto de W-H, ao passo que a AV se baseia essencialmente no TR.

Mas a questão permanece: O potencial aparente de melhoria do texto (decorrente do aumento [na disponibilidade] de materiais e de “sabedoria”) foi mesmo alcançado? Os tradutores da RSV, por exemplo, fizeram melhor uso dos manuscritos e empregaram princípios superiores de crítica textual do que fizeram os tradutores da AV? Bem, os princípios que eles usaram os levaram a adotar o texto de W-H com muita pouca variação, e aquele texto é baseado essencialmente em apenas dois manuscritos, Códices B e \aleph .⁵

¹ F.C. Burkitt, *Evangelion da-Mepharreshe* (2 vols.; Cambridge: Cambridge University Press, 1904), II, 161.

² H.C. Thiessen, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1955), pp. 54-55.

³ Ver nota de rodapé 2, p.10, Capítulo 1 [sobre Aland, Colwell, Metzger, Taylor, Lake, Kenyon, Epp, Riddle, Parvis, e Clark].

⁴ Colwell, “Scribal Habits,” p. 370.

⁵ Cf. Colwell, “External Evidence and New Testament Criticism,” *Studies in the History and Text of the New Testament*, eds. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 3; Colwell, “Hort Redivivus,” p. 162; Clark, “Today’s Problems,” pp. 159-60, Epp, p. 390.

Hort declarou: “É nossa crença: 1) que as leituras de \aleph B devem ser aceitas como a verdadeira leitura até que forte evidência interna seja encontrada ao contrário; e 2) que nenhuma leitura de \aleph B pode ser rejeitada seguramente de forma absoluta...”¹

Novamente, Hort diz de B e \aleph : “A mais completa comparação não faz senão aumentar a convicção que a preeminente pureza relativa deles é, da mesma forma, aproximadamente absoluta, uma reprodução verdadeiramente aproximada do texto dos autógrafos.”² Levanta-se a pergunta se a teoria e o texto de W-H teriam jamais visto a luz do dia se o Códice B não mais existisse. Hort se trai enquanto discute genealogia:

No Apocalipse a dificuldade de reconhecer os textos antigos é ainda maior, devido à grande escassez relativa de documentos, e especialmente a ausência ou perda deste livro do MS Vaticano (B), que é disponível para praticamente todo o resto do NT; e assim o poder de usar um método diretamente genealógico fica muito limitado.³

O efeito prático da teoria W-H foi uma completa rejeição do texto Sírio e a quase que exclusiva preferência pelo texto Neutro (igual a B e \aleph). A erudição acadêmica subsequente tem geralmente rejeitado a noção de um texto Neutro, contudo, mantém a rejeição do texto Sírio.

Curiosamente, parece haver uma determinação para não reconsiderar o *status* do texto Sírio, apesar de cada um dos argumentos que Hort usou para relegá-lo ao esquecimento ter sido desafiado. Assim, J.N. Birdsall, depois de referir-se ao trabalho de Lake, Lagrange, Colwell e Streeter, como também ao seu próprio, declara: “É evidente que todas as pressuposições relativas ao texto (ou textos) Bizantino, exceto sua inferioridade em relação aos outros tipos, têm que ser duvidadas e de novo investigadas.”⁴ (Mas, a suposta inferioridade não depende daquelas pressuposições?)

Recordando o que já foi dito acima, na discussão de ecletismo, parece evidente que Clark está bastante certo quando diz que “a teoria textual parece ter chegado a um impasse em nossos dias.”⁵

Uma vez que o propósito de Hort foi o de livrar-se do texto Sírio e que este é o único ponto da sua teoria que estudiosos geralmente não questionam, talvez seja hora de perguntar se isto não pode ter algo a ver com a presente confusão e impasse, e questionar se Hort estava realmente certo. Então farei outra passagem pela teoria de Hort, ponto por ponto, para investigar até que ponto corresponde às evidências.

UMA AVALIAÇÃO DA TEORIA DE WESTCOTT-HORT

A Abordagem Básica

Deve o Novo Testamento ser tratado como um outro livro qualquer? Os mesmos procedimentos usados para com as obras de Homero ou Aristóteles serão suficientes? Se tanto Deus como também Satanás estão intensamente interessados no destino do texto do NT, a resposta presumível é não. Mas como podemos testar o fato ou a extensão da

¹ Westcott e Hort, p. 225. Compare pp. 212-13.

² *Ibid.*, p. 276. E, “B excede em muito todos os outros documentos, quanto a neutralidade de texto,” p. 171.

³ *Ibid.*, pp. 109-10.

⁴ J.N. Birdsall, “The Text of the Gospels in Photius,” *Journal of Theological Studies*, VII (1956), p. 43. Alguns estudiosos parecem mesmo refletir a emoção que Hort demonstrou aos 23 anos – recentemente, Epp falou de “o tirânico *Textus Receptus*” (p. 386).

⁵ Clark, “The Effect of Recent Textual Criticism,” p. 50.

intervenção sobrenatural? Felizmente temos relatos de testemunhas oculares que nos dão pelo menos uma resposta parcial. Hort afirmou que “não há sinais de falsificação deliberada do texto por motivos doutrinários,” mas os pais da Igreja primitiva discordam disso. Metzger afirma:

Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Eusébio, e muitos outros pais da Igreja acusaram os hereges de terem adulterado as Escrituras com a finalidade de prover apoio para seus pontos de vista particulares. Na metade do segundo século, Marcião eliminou das suas cópias do Evangelho segundo Lucas todas as referências feitas à formação judaica de Jesus. A *Harmonia dos Evangelhos* de Taciano contém várias alterações textuais que deram apoio a ponto de vista ascético ou da seita encratita.¹

Gaio, pai ortodoxo que escreveu entre 175 e 200 d.C., cita nominalmente Asclepiades, Teódoto, Hermófilo e Apolônides como hereges que prepararam cópias adulteradas das Escrituras e que tinham discípulos que multiplicaram cópias dessas fabricações.²

Certamente Hort conhecia as palavras de Orígenes.

Hoje em dia, como é evidente, há uma grande diversidade entre os vários manuscritos; seja por negligência de certos copistas, seja pela audácia perversa exibida por alguns em corrigir o texto, ou seja, por culpa daqueles que, fazendo o papel de corretores, o alongam ou o abreviam ao seu bel-prazer (*In Matth. tom. XV, 14; P. G. XIII, 1293*).³

Até os ortodoxos foram capazes de mudar a leitura por razões doutrinárias. Epifânio declara (ii.3b) que os ortodoxos omitiram “ele chorou” em Lucas 19.41 pelo zelo que tinham da divindade do Senhor.⁴

Os estudiosos subseqüentes têm tendido a reconhecer o erro de Hort. Colwell fez uma meia-volta instrutiva.

A maioria das variantes textuais do NT foi criada por motivos teológicos ou doutrinários.

A maioria dos manuais e livros-texto atualmente circulando (inclusive o meu!) dirão que estas variantes foram fruto de descaso que foi possível porque os livros do NT ainda não haviam alcançado um status forte de “Bíblia”. O caso é o inverso. Foi porque eram o tesouro religioso da igreja que eles foram alterados.⁵

Observe que Colwell contradiz Hort frontalmente. Hort disse que não haviam variantes motivadas teologicamente; Colwell disse que elas são a maioria. Mas, na próxima citação Colwell usa o termo “deliberadamente”, sem se referir a teologia (ambas as citações vêm

¹ Metzger, *The Text*, p. 201. Sturz oferece exemplos específicos emitidos por Irineu, Clemente, Tertuliano e Eusébio (pp. 116-19); também tem uma boa discussão da significância deles. Como disse Sturz: “Embora enganos [involuntários] no copiar foram reconhecidos por eles [os pais] como uma causa de variação, as declarações mais fortes e mais enfáticas, pelos pais, são relativas às alterações introduzidas pelos hereges” (p. 120). H.A. Sturz, *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984).

² J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883), p. 323.

³ Colwell, “The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts,” *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikgren (Chicago: Quadrangle Books, 1961), p. 130.

⁴ J.W. Burgon, *The Causes of the Corruption of the Traditional Text of the Holy Gospels*, arranjado, completado e editado por Edward Miller (London: George Bell and Sons, 1896), pp. 211-12. Cf. Martin Rist, “Pseudepigraphy and the Early Christians,” *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D.E. Aune (Leiden: E.J. Brill, 1972), pp. 78-79.

⁵ Colwell, *What is the Best New Testament?* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), p. 53.

do mesmo trabalho, a cinco páginas uma da outra). Que é que Colwell quer realmente dizer? Não mais podemos perguntar-lhe pessoalmente, mas a seguir arriscarei dar uma interpretação por minha conta.

Os MSS contêm várias centenas de milhares de leituras variantes. A enorme maioria delas é de erros de ortografia ou outros erros óbvios devidos a falta de cuidado ou a ignorância por parte dos copistas. Como puro 'chute' eu diria que há entre dez e quinze mil variantes que não podem ser tão facilmente descartadas – i.e., um máximo de 5% das variantes são "significantes". É a este 5% que Colwell (e Kilpatrick, Scrivener, Zuntz, etc.) se refere quando fala da "criação" de leituras variantes. Um bom número destas provavelmente também resulta de acidente, mas Colwell afirma, e eu concordo, que a maior parte delas foi criada deliberadamente.

Mas por que alguém tomaria o peso de fazer alterações deliberadas no texto? Colwell responde, "porque eles eram o tesouro religioso da igreja." Algumas alterações seriam "bem intencionadas" – muitas harmonizações presumivelmente vieram a ocorrer por que um copista zeloso sentiu que uma suposta discrepância era um embaraço à sua elevada visão da Escritura. A mesma coisa provavelmente é verdadeira quanto a muitas mudanças filológicas. Por exemplo, o estilo simples Koinê dos escritos do NT foi ridicularizado pelo pagão Celso, entre outros. Embora Orígenes defendesse a simplicidade do estilo do NT, o espaço que deu à questão indica que ela era objeto de alguma preocupação (*Against Celsus*, Livro VI, capítulos 1 e 2), tanto assim que houve provavelmente aqueles que alteraram o texto para "melhorar" seu estilo. Novamente o motivo deles seria embaraço, derivando de uma elevada visão da Escritura. Seguramente Colwell está correto ao dizer que a motivação para tais variantes foi teológica embora nenhum propósito doutrinário óbvio esteja sendo servido.¹

¹ A julgar pelas declarações enfáticas dos pais da Igreja primitiva, haviam muitas outras alterações que não foram "bem intencionadas". Parece claro que numerosas variantes existiram no segundo século que não sobreviveram em nenhum manuscrito hoje existente. Metzger refere-se ao detalhado estudo de Gwilliam dos capítulos 1-14 de Mateus na *Peshitta* siríaca, como reportado em "The Place of the *Peshitta* Version in the Apparatus Criticus of the Greek NT," *Studia Biblica et Ecclesiastica* V, 1903, 187-237. Do fato que em 31 casos a *Peshitta* está sozinha (naqueles capítulos), Gwilliam concluiu que seu desconhecido autor "revisou um antigo trabalho a partir de MSS gregos que agora não têm representante sobrevivente (p.237)." (*The Early Versions of the New Testament*, Oxford, 1977, p. 61.) Em uma comunicação pessoal, Peter J. Johnston, um membro do painel editorial da IGNT trabalhando especificamente com as versões e os pais siríacos, diz da Versão Harkleana: "Leituras referenciadas confiantemente na margem harkleana como [estando] em 'bem- aprovados MSS em Alexandria', algumas vezes não chegaram até nós de modo algum, ou se chegaram, são encontradas apenas em MSS minúsculos medievais." Comentando sobre as discrepâncias entre as declarações de Jerônimo sobre a evidência dos MSS e aquela hoje existente, Metzger conclui por dizer, "a possibilidade inquietante permanece que a evidência que nos é hoje disponível pode, em certos casos, ser totalmente não representativa da distribuição de leituras na igreja primitiva" ("St. Jerome's explicit references to variant readings in manuscripts of the New Testament," *Text and Interpretation: Studies in the New Testament presented to Matthew Black*, editado por Best e McL. Wilson, Cambridge: University Press, 1979, p. 188).

Alguns dos meus críticos parecem achar que a evidência que nos chegou às mãos dos primeiros séculos é representativa (cf. Fee, "A Critique," p. 405). No entanto, há boa razão para crer que não o é, e neste caso os MSS sobreviventes podem preservar alguns sobreviventes aleatórios de conjuntos de alterações intencionadas para servir a um ou outro propósito doutrinário. A motivação para uma tal leitura isolada não nos seria aparente hoje, necessariamente.

Eu iria além de Colwell e diria que a disposição para alterar o texto, mesmo com "boas intenções", ela própria denuncia uma mentalidade que tem implicações teológicas. (Aqueles que estão decididos a levar o Texto Sagrado a sério fariam bem em ponderar as implicações de Efésios 2:2, "... o espírito

Quanto aos tipos de erros, as cópias do NT diferem extremamente das cópias [que temos] dos clássicos [literários]. A percentagem de variantes devida a erros [involuntários] nas cópias dos clássicos é grande. [Mas] a maioria das variantes nos manuscritos do NT, creio eu, foram feitas deliberadamente.¹

Matthew Black afirma categoricamente:

A diferença entre os escritos sagrados utilizados constantemente no uso eclesiástico e popular, e a obra de um autor clássico, nunca foi enfatizada suficientemente na crítica textual do NT. Os princípios válidos para a restauração de um texto de Platão ou Aristóteles não podem ser aplicados a textos sagrados como os Evangelhos (ou às cartas Paulinas). Não podemos supor que seja possível chegar ao protótipo ou texto autógrafa do escritor bíblico por um [mero] peneirar de 'enganos dos copistas'.²

H.H. Oliver faz um bom resumo da mudança de posição recente dos estudiosos que não mais apoiam Hort nesta questão.³

O fato de existirem alterações deliberadas, e aparentemente numerosas, nos primeiros anos da história textual, é um inconveniente considerável à teoria de Hort por dois motivos: introduz uma variável imprevisível com a qual os cânones da evidência interna não podem lidar; e põe a restauração do texto original além do alcance do método genealógico.

A "inconveniência" referida é virtualmente fatal à teoria de W-H, pelo menos como formulada em sua *Introduction*. A teoria de W-H é muito semelhante a um prédio de muitos andares – cada um apoia-se sobre e depende daquele sob si. Assim, a noção simplista de Hort sobre "genealogia" é absolutamente dependente da alegação de que não houve alteração *deliberada* do texto, e sua noção de "tipos de texto" é absolutamente dependente da "genealogia", e seus argumentos com respeito à "conflação" e "leituras sírias" antes de Crisóstomo dependem absolutamente daqueles "tipos de texto". O alicerce de todo o edifício é a posição de Hort que o NT foi um livro comum que gozou de uma transmissão comum. Com seu fundamento removido, o edifício rui.⁴

[Satanás] que agora opera nos filhos da desobediência," não apenas durante os primeiros 200 anos da Igreja, mas também durante os últimos 200.)

¹ Colwell, *What is the Best New Testament?*, p. 58.

² M. Black, *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts* (Oxford: Oxford University Press, 1946), p. 214.

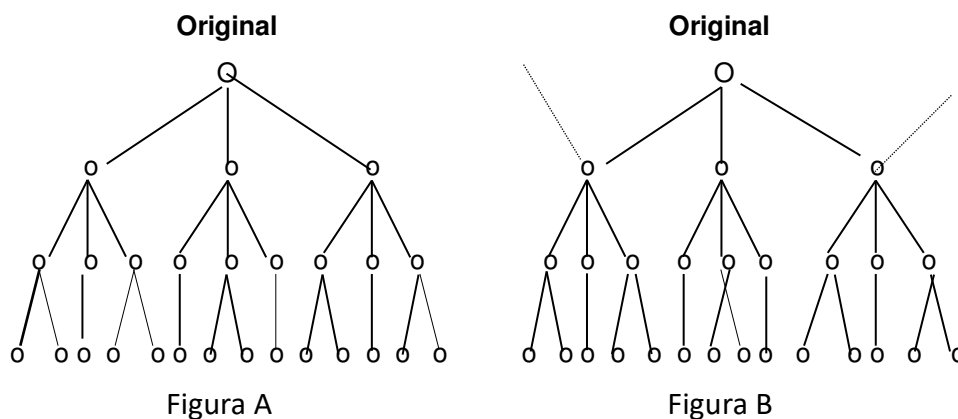
³ H.H. Oliver, "Present Trends in the Textual Criticism of the New Testament," *The Journal of Bible and Religion*, XXX (1962), 311-12. Cf. C.S.C. Williams, *Alterations to the Text of the Synoptic Gospels and Acts* (Oxford: Basil Blackwell, 1951), pp. 14-17.

⁴ Fee parece errar de alvo quando diz, "se o 'fundamento' for seguro, então a estrutura sobre ele erigida pode somente necessitar algum reforço, não demolição" ("A Critique," p. 404). A remoção de qualquer dos andares intermediários também irá 'destruir o edifício', isto é, invalidar as conclusões de Hort. Parece-me que pelo menos os três primeiros andares do edifício de Hort são irrecuperáveis.

Fee afirma que eu confundo mudanças "deliberadas" com "dogmáticas" [portanto doutrinárias] e, conseqüentemente, minha crítica do alicerce de Hort é reprovada. ("A Critique," pp. 404-8). Em suas próprias palavras, "A vasta maioria das adulterações textuais, embora deliberadas, **não são** maliciosas, e também não são motivadas teologicamente. E **uma vez que** elas não o são, a visão de Pickering de transmissão "normal" (a qual é a questão essencial em sua teoria) simplesmente se desintegra" (p. 408).

Fee se prende ao meu uso do termo "malicioso", que usei apenas ao discutir a transmissão anormal. Em local algum eu disse que uma maioria de variantes é maliciosa. O claro testemunho dos pais da Igreja primitiva indica que algumas têm que sê-lo, e eu continuo a insistir que a teoria de Hort não pode manejar tais variantes. (Fee distorce seriamente minha posição ao ignorar minha discussão da transmissão anormal. Pareceria que a distorção foi deliberada, uma vez que ele cita minhas páginas

Para ilustrar o segundo ponto, a visão de Hort quanto à história textual primitiva pode ser representada pela figura A, ao passo que a visão sugerida pelos pais da Igreja pode ser representada pela figura B. As linhas pontilhadas na figura B representam as maquinações introduzidas por diferentes hereges (como eram chamados pelos pais da Igreja primitiva).



Genealogia não pode arbitrar as reivindicações conflitantes apresentadas pela primeira fileira de descendentes na Figura B.¹ Ademais, nas palavras de Colwell, este método (genealogia)

se baseou em erros em comum como o indício para uma ancestralidade comum. Estes erros foram alterações feitas sem intenção, que podem ser identificadas objetivamente como erros. Concordância em variantes deste tipo raramente ocorre por coincidência ou por acaso. As cópias do NT diferem amplamente das cópias dos clássicos [de literatura antiga] neste ponto. O percentual de variantes devido a erros [não intencionais] nas cópias dos clássicos é grande. Nos manuscritos do NT, por outro lado, os estudiosos agora acreditam que a maioria das variantes foram feitas deliberadamente.²

104-110 para a transmissão "normal", quando, ao contrário, as páginas 107-110 contêm meu tratamento da transmissão anormal.) Mas quais são as implicações da admissão de Fee que a vasta maioria das adulterações textuais é "deliberada"? Deixando de lado a questão da motivação teológica, podem os cânones da evidência interna realmente manejar variantes "deliberadas"?

Supostas harmonizações podem razoavelmente ter outras explicações. O próprio Fee reconhece esta possibilidade ("Modern Text Criticism and the Synoptic Problem," *J.J. Griesbach: Synoptic and Text-Critical Studies 1776-1976*, ed. B. Orchard e T.R.W. Longstaff, Cambridge: University Press, 1976, p. 162). Na página seguinte, Fee reconhece um outro problema.

Deve ser honestamente admitido que nossas predileções para com uma dada solução do problema sinóptico algumas vezes afetarão decisões textuais. Integridade também deve nos fazer admitir, às vezes, uma certa medida de inevitável raciocínio circular. Um exemplo clássico deste ponto é a bem conhecida "pequena concordância" entre Mateus 26.67-68 e Lucas 22.64 (//Marcos 14.65) da 'adição' tiV estin o paisaV se. B.H. Streeter, G.D. Kilpatrick, e W.R. Farmer cada um resolve o problema textual de Marcos de uma maneira diferente. Em cada caso, uma dada solução do problema sinóptico tem afetado a decisão textual. A este ponto poder-se-ia oferecer copiosas ilustrações.

O debate de Fee ("Rigorous") com Kilpatrick ("Atticism") demonstra que possíveis mudanças filológicas são capazes de interpretações contraditórias por parte de estudiosos que usam, ambos, evidência interna. Em suma, reitero que os cânones da evidência interna **não podem** nos dar interpretações confiáveis com referência a variantes deliberadas. Aqueles que usam tais cânones estão alagados num mar de especulações.

¹ Ademais, se uma reconstrução genealógica termina com somente dois descendentes imediatos do original, como na reconstrução do próprio Hort, então o método genealógico deixa de ser aplicável, como o próprio Hort o reconheceu. Westcott e Hort, p. 42.

² Colwell, *What is the Best New Testament?*, p. 49.

A reconstrução de árvores genealógicas é seriamente complicada pela presença de alterações deliberadas. E essas não são as únicas dificuldades que a genealogia tem de enfrentar.

Genealogia

Já vimos como Hort definiu a genealogia e o uso que alegou fazer dela. Entretanto, os estudiosos até agora só conseguiram isolar uns poucos pares de “pai e filho” dentre os mais de 5.000 MSS.¹ Como então Hort conseguiu traçar a descendência genealógica dos manuscritos existentes? M.M. Parvis responde: “Westcott e Hort nunca aplicaram o método genealógico aos manuscritos do NT, . . .”² Colwell concorda.

Que Westcott e Hort não aplicaram este método aos manuscritos do NT é óbvio. Onde estão os diagramas que começam com a maioria dos manuscritos mais recentes e que ascendem às gerações de ancestrais de número cada vez menor até os textos Neutro e Ocidental? A resposta é que não estão em lugar nenhum. Olhe novamente para o primeiro diagrama, e verá que a, b, c, etc. não são manuscritos reais do NT, mas são manuscritos hipotéticos. As demonstrações ou ilustrações do método genealógico, como aplicado aos manuscritos do NT pelos seguidores de Hort (os “Horticuli”, como eram chamados por Lake) da mesma forma usam manuscritos hipotéticos, e não códices verdadeiros. Note, por exemplo, os diagramas e as discussões na obra de crítica textual mais popular de Kenyon, incluindo a edição mais recente. Todos os manuscritos referidos são na realidade manuscritos imaginários, e o último destes diagramas foi impresso sessenta anos depois de Hort.³

Como então podia Hort falar de apenas “ambigüidades ocasionais na evidência a favor das relações genealógicas,”⁴ ou dizer –

Até onde as relações genealógicas forem descobertas com certeza absoluta, os resultados textuais que as seguem também são absolutamente certos, estando diretamente envolvidos nos fatos históricos; e quaisquer suposições aparentes sugeridas contra elas por outros métodos são meras conjecturas contra o que se conhece como fato⁵ –

quando ele não havia demonstrado a existência de **sequer uma** tal relação, e muito menos com “certeza absoluta”?

Um outro desafio à genealogia é a “mistura”.

A segunda limitação sobre a aplicação do método genealógico aos manuscritos do NT provém da presença quase universal de mistura nestes manuscritos. ... O diagrama genealógico anterior (pag. 110), tirado da obra de Westcott e Hort, mostra o

¹ Códice Claromontanus aparentemente tem um “filho” três séculos mais novo que ele (também, minúsculo 205 pode ter sido copiado de 208). Códices F e G, contendo as epístolas de Paulo, parecem ser quase irmãos gêmeos, e grupos tais como família 1 e família 13 claramente são parentes próximas. Também no Apocalipse Hoskier tem identificado um número de grupos aparentados, os quais incluem alguns pares.

² Parvis, p. 611. Fee diz o equivalente: “Propriamente falando, genealogia tem que lidar com a descendência de manuscritos e tem que reconstruir estemas para aquela descendência. Hort nunca fez isto; ao contrário, aplicou o método a tipos de texto, e fez isto **não** para encontrar o texto original, mas para eliminar os manuscritos Bizantinos de [qualquer] consideração adicional [isto é, tirar do páreo].” (“Modern Text Criticism,” pp. 155-56.)

³ Colwell, “Genealogical Method,” pp. 111-12.

⁴ Westcott e Hort, p. 63.

⁵ *Ibid.*

que acontece *quando não há mistura*. Quando *há* mistura (e Westcott e Hort afirmam que isto é comum, realmente quase universal até certo ponto), então o método genealógico, *quando aplicado aos manuscritos*, é inútil.

Sem mistura, uma árvore genealógica é como uma árvore normal com seus galhos, só que colocada de cabeça para baixo: ela se apoia sobre os galhos [os MSS mais recentes] e tem no topo o tronco (o texto original). Partindo da massa de manuscritos mais recentes, quanto mais alto – ou quanto mais no passado – você vai, menos ancestrais encontra!

Com mistura você reverte isto em qualquer série de gerações. O número de combinações possíveis desafia a computação e mais ainda a confecção de diagramas.¹

Outros estudiosos concordam que o método genealógico nunca foi aplicado ao NT, e vão mais adiante afirmando que *não é possível* aplicá-lo. Assim, Zuntz diz que ele é “inaplicável”,² Vaganay que é “inútil”,³ e Aland que “não pode ser aplicado ao NT”.⁴ Colwell também declara enfaticamente “que *não pode* ser aplicado assim”.⁵ À luz de tudo isso, o que podemos pensar de Hort quando assevera:

Estamos persuadidos de que não há qualquer justificativa (nem na probabilidade antecedente, nem na experiência) para ceticismo quanto à possibilidade de se obter uma interpretação genealógica confiável dos fenômenos documentários no NT. ... Qualquer que seja a ambigüidade do total das evidências em determinadas passagens, o rumo geral da crítica futura deve ser moldado pela feliz circunstância de que o quarto século nos proporcionou dois MSS, dos quais até mesmo o menos íntegro deles deve ter sido de excepcional pureza dentre todos os seus próprios contemporâneos.⁶?

Depois de demolir o método genealógico, Colwell conclui seu artigo dizendo que, “ainda assim o método genealógico de Westcott e Hort aniquilou o *Textus Receptus*. A demonstração *a priori* é logicamente irrefutável.”⁷ Entretanto, a demonstração *a priori* não pode resistir a uma demonstração *a posteriori* que lhe seja contrária. Colwell mesmo, uns doze anos antes de fazer esta afirmação, reconheceu que “a demonstração *a priori*” a qual ele se referia havia sido refutada.

O domínio universal e intolerante da idade média por apenas um tipo de texto é agora reconhecido como um mito. . . .

As complexidades e perplexidades do texto medieval foram impostas à nossa atenção pelo trabalho de dois grandes eruditos: Hermann von Soden e Kirsopp Lake.

Esta obra pioneira e inestimável de von Soden enfraqueceu grandemente o dogma do domínio de um texto Sírio homogêneo. Mas a falácia recebeu seu golpe mortal pelas mãos do catedrático Lake. Numa digressão publicada junto com seu

¹ Colwell, "Genealogical Method," p. 114. O tipo de diagrama genealógico que sempre se vê é como uma árvore genealógica de uma família que mostre somente os pais (sexo masculino). Devido a mistura, os diagramas deveriam ser como uma árvore de família que mostra **ambos** os pais [sexo masculino e feminino] a cada nível – então quanto mais você retroceder mais desesperadamente complicado fica.

² Zuntz, p. 155.

³ L. Vaganay, *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*, traduzido por B.V. Miller (London: Sands and Company, 1937), p. 71.

⁴ Aland, "The Significance of the Papyri," p. 341.

⁵ Colwell, "External Evidence," p. 4.

⁶ Westcott e Hort, p. 287.

⁷ Colwell, "Genealogical Method," p. 124.

estudo sobre o texto Cesareense do Evangelho de Marcos, ele devastou a teoria de que a idade média foi regida por uma única recensão que atingiu um alto grau de uniformidade.¹

Em verdade, Hort não produziu qualquer “demonstração” – apenas suposições. Uma vez que o método genealógico não foi aplicado aos MSS do NT, não pode ser usado como parte integral de uma teoria da crítica neotestamentária. Se foi o método genealógico de Hort que “aniquilou o *Textus Receptus*”, então este ainda permanece são e salvo – a arma nunca foi usada. Mas Hort alegou tê-la usado, e a arma era tão temível, e ele falou dos “resultados” com tanta confiança, que ele ganhou a parada.

Desde Westcott e Hort, o método genealógico tem sido o método canônico usado para restaurar o texto original dos livros do NT. Este método domina os manuais sobre o assunto. Sir Frederic Kenyon, C.R. Gregory, Alexander Souter, e A.T Robertson são alguns entre muitos que declaram a sua excelência.²

A situação é essencialmente a mesma hoje, e a advertência que Colwell fez em 1965 ainda é válida.

Há muitos anos juntei-me a outros em apontar as limitações do uso que Hort fez da genealogia, e a inaplicabilidade do método genealógico – estritamente definido – à crítica textual do NT. Desde então muitos outros têm concordado com esta crítica, e raramente se tenta traçar árvores genealógicas. Por isso poderíamos supor que a influência da ênfase de Hort no método genealógico não é mais uma ameaça. Mas esta suposição é falsa.

A obra brilhante de Hort ainda cativa nossas mentes. Então quando nos confrontamos com um texto cujo apoio é mínimo e muito separado no tempo e no espaço, pensamos primeira e unicamente em relações genealógicas. Hort colocou vendas genealógicas nos nossos olhos. . . .³

Os estudiosos, exegetas, e tradutores da atualidade continuam agindo como se o método genealógico não apenas pudesse ser aplicado aos manuscritos do NT, mas como se [realmente] o tenha sido, e baseando seus trabalhos nos supostos resultados. Mas que dizer desses “resultados”?

Tipos de Texto e Recensões

Embora Hort tenha reivindicado certeza absoluta para os resultados da evidência genealógica conforme os descreveu, fica claro que os “resultados” foram fabricados. Como poderia haver resultados se o método jamais foi aplicado aos MSS? Um contemporâneo de W-H protestou que tais reivindicações só poderiam ser admissíveis se o crítico textual tivesse primeiramente feito um índice de [todas as citações do NT por] cada um dos principais pais da Igreja e, por um processo laborioso de indução, tivesse reduzido os MSS a famílias.⁴

Ainda assim, os “resultados” de Hort foram aceitos como fato por muitos – George Salmon falou da “atitude servil com a qual a sua [de Hort] história do texto tem sido aceita,

¹ Colwell, "The Complex Character of the Late Byzantine Text of the Gospels," *Journal of Biblical Literature*, LIV (1935), 212-13.

² Colwell, "Genealogical Method," p. 109.

³ Colwell, "Scribal Habits," pp. 370-71.

⁴ Burgon, *The Revision Revised*, p. 358. O índice [das citações Bíblicas] dos pais, [organizado] pelo próprio Burgon, sem dúvidas ainda é o mais abrangente em existência – contém 86.489 citações.

e até sua nomenclatura adotada, como se agora a última palavra tivesse sido dita sobre o assunto da crítica do NT. . .".¹

Eruditismo subsequente

Estudiosos subsequentes têm sido obrigados a reconsiderar o assunto pela descoberta dos papiros e pelo exame mais cuidadoso dos MSS previamente existentes. Parvis se queixa:

Temos reconstruído tipos de texto, famílias e subfamílias, e assim fazendo criamos coisas que nunca antes existiram na terra ou no céu. Tomamos por certo que os manuscritos se reproduziram seguindo os princípios genéticos de Mendel. Mas quando descobrimos que um determinado manuscrito não se encaixa em nenhum dos nossos esquemas refinadamente construídos, abanamos as mãos e dizemos que o manuscrito contém um texto misto.²

Allen Wikgren mostra que generalizações abrangentes acerca de tipos de texto em geral, e do texto "Bizantino" e dos lecionários em particular, simplesmente não deveriam ser feitas.³ Colwell afirma:

O maior erro é feito em pensar dos "antigos tipos de texto" como se fossem blocos congelados, mesmo depois de admitir que nenhum manuscrito é um testemunho perfeito para qualquer tipo de texto. Se nem sequer um MS é testemunho perfeito para qualquer tipo, então todas as testemunhas são misturadas em parentesco (ou são individualmente adulteradas, e assim pais de mistura).⁴

Depois de cuidadoso estudo de P⁴⁶, Zuntz faz certas observações e conclui:

Gostar-se-ia de pensar que observações como estas porão fim a veneradas doutrinas tais como que o texto de B é o texto "Neutro" ou que o texto "Ocidental" é "o" texto do segundo século. Se os fatores de cada uma destas equações são intencionados ser qualquer coisa que não sinônimos, eles estão errados; se são sinônimos, nada significam.⁵

Klijn duvida "se qualquer agrupamento de manuscritos dá resultados satisfatórios,"⁶ e continua, dizendo:

Ainda é costume dividir manuscritos nas quatro famílias bem conhecidas: a Alexandrina, a Cesareense, a Ocidental e a Bizantina.

Esta divisão clássica não pode mais ser mantida. ...

Se qualquer progresso deve ser esperado na crítica textual, temos que nos livrar da divisão em textos locais. Novos manuscritos não devem ser atribuídos a uma área geográfica limitada, mas a seus locais na história do texto.⁷

¹ G. Salmon, *Some Thoughts on the Textual Criticism of the New Testament* (London, 1897), p. 33.

² M.M. Parvis, "The Nature and Task of New Testament Textual Criticism," *The Journal of Religion*, XXXII (1952), 173.

³ A. Wikgren, "Chicago Studies in the Greek Lectionary of the New Testament," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J.N. Birdsall and R.W. Thomson (New York: Herder, 1963), pp. 96-121.

⁴ Colwell, "The Origin of Texttypes," p. 135.

⁵ Zuntz, p. 240.

⁶ Klijn, p. 36.

⁷ *Ibid.*, p. 66.

Após uma longa discussão do texto "Cesareense", Metzger diz, a título de sumário, que "deve-se reconhecer que, presentemente, o texto Cesareense está se desintegrando."¹ Duas páginas depois, referindo-se ao impacto de P⁴⁵, ele pergunta, "Houve uma falha fundamental na investigação prévia que tolerou um agrupamento tão errôneo?" Evidentemente houve. Poderia ela ser a mentalidade que insiste em pensar em termos de tipos de texto e recensões como sendo entidades reconhecidas e reconhecíveis?² Aqueles poucos homens que têm feito colações extensivas de manuscritos, ou dedicado atenção àquelas feitas por outros, em geral não têm aceito tais agrupamentos errôneos.³

H. C. Hoskier, cujas colações de MSS do NT são insuperadas em qualidade e talvez em quantidade, fez o seguinte comentário após colacionar Códice 604 (hoje 700) e compará-lo com outros MSS:

Desafio qualquer um, depois de ter cuidadosamente escrutinado as listas acima, e depois de ter notado as quase incompreensíveis combinações e permutações dos manuscritos tanto unciais quanto cursivos, a voltar aos ensinamentos do Dr. Hort com qualquer grau de confiança. Quão inútil e supérfluo falar de Evan. 604 como tendo uma grande "influência Ocidental", ou [falar] de seu alinhamento, em muitos locais, com o "texto neutro." Toda a questão de famílias e recensões é assim colocada proeminentemente à vista, e havendo espaço, poder-se-ia comentar amplamente sobre combinações profundamente interessantes que assim se apresentam a si próprias ao crítico. Mas **vamos** nos compenetrar que estamos na infância desta parte da ciência, e não imaginarmos que tenhamos colocado certas pedras de alicerce, imutáveis e seguras, e que podemos continuar a edificar sobre elas com segurança. Não é assim, e muitos destes alicerces, se não todos, têm que ser demolidos.⁴

¹ Metzger, *Chapters in the History of New Testament Textual Criticism* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963), p. 67.

² Klijn parece ser desta opinião (p. 33-34). Não D.A. Carson. Ele se refere à minha posição aqui como "uma falha básica no argumento mais abrangente de Pickering" (*The King James Version Debate*, Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 108). Depois de uma discussão confusa onde distorce minha posição (uma de pelo menos dez distorções), Carson conclui dizendo: "De cara, já que um manuscrito foi copiado de outro ou de vários outros, relacionamentos genealógicos **têm** que existir. A única questão é se temos ou não identificado tais relações, ou podemos identificá-las" (p. 109). Exatamente. É claro que relações genealógicas têm que existir, ou têm que ter existido, mas **a questão toda** é "se as temos ou não identificado." Eu entendo que Aland, Colwell, Klijn, Parvis, Vaganay, Wikgren, Zuntz, etc. estão dizendo que tais relacionamentos **não** têm sido identificados de fato. Este é meu ponto! E eu insisto em que até que tais relacionamentos sejam empiricamente demonstrados, eles não podem ser legitimamente usados na prática da crítica textual do NT. (Alguns dos estudiosos supracitados vão além e afirmam que **não podemos** identificar tais relacionamentos, pelo menos por genealogia direta – quase todos os elos estão faltando).

Os conceitos de "tipo de texto" e "recensão", **como usados por Hort** e seus seguidores, são demonstravelmente errôneos. Segue-se que as conclusões sobre eles baseadas são inválidas. Mas permanece verdadeiro que leituras em comum implicam uma origem em comum, e concordância em erro condena os participantes como dependentes. Carson deseja reter o termo "tipo de texto" para referenciar os "tipos de texto tais como indexados por vários extremos notáveis" (p. 109). Quanto a mim isto está bem, desde que fique claro a todos que o termo não está sendo usado no sentido Hortiano. Para declarações de evidência, contudo, creio que os editores das edições da UBS têm estabelecido o exemplo correto – não são usados símbolos coletivos para "tipos de texto" exceto por "Byz", que se refere à tradição bizantina de manuscritos.

³ Cf. Burgon, *The Revision Revised*, p. 380.

⁴ H.C. Hoskier, *A Full Account and Collation of the Greek Cursive Codex Evangelium 604* (London: David Nutt, 1890), Introduction, pp. cxv-cxvi.

Os "tipos de texto", em si

Vamos tratar os "tipos de texto" um por um. Kenyon diz do texto "Ocidental":

O que temos chamado de texto-*d*, na verdade, não é tanto um texto como uma pilha de várias leituras, não descendendo de um arquétipo qualquer, mas possuindo um parentesco infinitamente complicado e intrincado. Nenhum manuscrito pode ser tomado como mesmo uma aproximação representando o texto-*d*, se por 'texto' entendemos uma forma do Evangelho que em algum momento existiu em um único manuscrito.¹

Colwell observa que o texto de Nestle (25ª edição) nega a existência do texto "Ocidental" como um grupo identificável, e diz que esta é "uma negação com a qual eu concordo."² Falando da classificação do texto "Ocidental" por von Soden, Metzger diz: "tão diversos são os fenômenos textuais que von Soden foi compelido a propor dezessete subgrupos de testemunhas que são mais ou menos proximamente aparentados com este texto."³ E Klijn, falando de "um Texto Ocidental 'original' ou 'puro'" afirma que "um tal texto não existiu."⁴ K. e B. Aland falam de "o 'texto Ocidental' fantasma" e o substituem pelo "texto D", referindo-se ao Códice Bezae.⁵ De fato, fazem muitas décadas desde que qualquer aparato crítico tenha utilizado um símbolo para representar o texto "Ocidental".

Quanto ao texto "Alexandrino" de hoje, que parece essencialmente incluir os "Neutro" e "Alexandrino" de Hort, Colwell oferece os resultados de uma pesquisa interessante.

Depois de um estudo cuidadoso de todas as alegadas testemunhas do Tipo de texto Beta no primeiro capítulo de Marcos, seis manuscritos gregos emergiram como testemunhas principais: Ⲛ B L 33 892 2427. Portanto, os manuscritos Beta mais fracos C D 157 517 579 1241 e 1342 foram postos de lado. Então, com base nas seis testemunhas principais, um texto "médio" ou mediano foi reconstruído incluindo todas as leituras sustentadas pela maioria das testemunhas primárias. Mesmo a partir desta base restrita a quantidade de variação registrada no aparato foi de pasmar. Neste primeiro capítulo, cada uma das seis testemunhas diferiu do tipo de texto Beta "médio" como segue: L, 19 vezes (Westcott e Hort, 21 vezes); Aleph, 26 vezes; 2427, 32 vezes; 33, 33 vezes.; B, 34 vezes; e 892, 41 vezes. Estes resultados mostram convincentemente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo de texto Beta sobre uma base quantitativa está condenada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído, mas sim construído.⁶

Hoskier, depois de preencher 450 páginas com uma detalhada e cuidadosa discussão dos erros do Códice B e outras 400 páginas com as idiossincrasias do Códice Ⲛ, afirma que, **apenas nos Evangelhos**, estes dois MSS diferem entre si bem mais que 3000 vezes,

¹ Kenyon, *Handbook*, p. 356. Onde Hort usou "grupo *d*" para referir-se ao seu texto "Sírio", Kenyon usa "texto *d*" para referenciar o texto "Ocidental".

² Colwell, "The Greek New Testament with a Limited Critical Apparatus: its Nature and Uses," *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D.E. Aune (Leiden: E.J. Brill, 1972), p. 33.

³ Metzger, *The Text*, p. 141.

⁴ Klijn, p. 64.

⁵ K. e B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), pp. 55, 64.

⁶ Colwell, "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87. Cf. também Colwell, "Genealogical Method," pp. 119-123. Colwell segue Kenyon e usa "tipo de texto Beta" para referir-se ao texto "Alexandrino" de hoje, enquanto Hort usou "grupo *b*" para referir-se ao seu texto "Ocidental."

número que não inclui erros de menor importância tais como de grafia, nem variantes entre certos sinônimos que poderiam se dever a "mudanças provinciais."¹ De fato, com base na sugestão de Colwell de uma concordância de 70% [nos locais onde existe variação] ser exigida para se atribuir dois MSS ao mesmo tipo, Aleph e B não se qualificam. Os textos UBS e Nestle não mais utilizam um símbolo coletivo para o tipo de texto "Alexandrino".

A respeito do texto "Bizantino", Zuntz diz que "a grande massa de manuscritos Bizantinos desafia todas as tentativas de agrupá-las."² Clark se expressa de forma parecida.

A conclusão principal a respeito do texto Bizantino é que ele foi extremamente fluido. Pode se esperar de qualquer manuscrito isolado que mostre um bom número de afinidades inconstantes. Todavia, dentro da variedade e confusão, uns poucos tipos textuais têm sido distinguidos. ... Estes tipos não são proximamente aparentados como as famílias, mas são como a larga Via Láctea incluindo muitos membros dentro de uma afinidade geral.³

A declaração enfática de Colwell com o mesmo efeito foi dada acima. O trabalho de Lake a que Colwell se refere foi uma colação de Marcos, capítulo 11, em todos os MSS de Monte Sinai, Patmos, e na Biblioteca dos Patriarcas e coleção de Santo Sabá em Jerusalém. Lake, com R. P. Blake e Silva New, verificou que o texto "Bizantino" não era homogêneo, que houve uma ausência de relacionamento estreito entre MSS, mas que houve menos variação "dentro da família" do que seria encontrado em um tratamento similar dos textos "Neutro" ou "Cesareenses". Nas suas próprias palavras:

Esta colação cobre três das grandes coleções antigas de MSS; e estas não são conglomerações modernas, ajuntadas de todas as direções. Muitos dos MSS, agora em Sinai, Patmos e Jerusalém, têm que ser cópias escritas nos *scriptoria* desses mosteiros. Esperávamos achar que uma colação cobrindo todos os MSS em cada biblioteca mostraria muitos casos de cópia direta. Mas praticamente não há nenhum caso assim. ... Ademais, a quantidade de genealogia direta que tem sido detectada nos códices existentes é quase negligenciável. Também poucos MSS conhecidos são códices irmãos. O grupo Ferrar e a família 1 são os únicos casos reportados do copiar repetido de um único arquétipo, e assim mesmo há provavelmente dois arquétipos para o grupo Ferrar em vez de um. ...

Há grupos cognatos – famílias de primos distantes – mas os manuscritos que temos são quase todos filhos órfãos e sem irmãos ou irmãs.

Levando este fato em consideração juntamente com o resultado negativo de nossa colação de MSS em Sinai, Patmos, e Jerusalém, é difícil resistir à conclusão que os copistas usualmente destruíam seus exemplares quando tinham copiado os livros sagrados.⁴

¹ H.C. Hoskier, *Codex B and its Allies* (2 vols.; London: Bernard Quaritch, 1914), II, 1.

² Zuntz, "The Byzantine Text in New Testament Criticism," *The Journal of Theological Studies*, XLIII (1942), 25.

³ Clark, "The Manuscripts of the Greek New Testament," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M.M. Parvis e A.P. Wikgren (Chicago: The University of Chicago Press, 1950), p. 12.

⁴ K. Lake, R.P. Blake e Silva New, "The Caesarean Text of the Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXI (1928), 348-49. O trabalho mais recente de Frederick Wisse fornece uma forte demonstração objetiva da diversidade dentro da forma textual "Bizantina". *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), é uma aplicação do "Claremont Profile Method" a 1.386 MSS em Lucas 1, 10 e 20. Ele isolou 15 agrupamentos maiores de MSS (que se subdividem em pelo menos 70 subgrupos) mais 22 grupos menores, mais 89 "desgarrados solitários"

J.W. Burgon,¹ uma vez que ele próprio tinha colacionado numerosos MSS minúsculos, tinha feito a mesma observação anos antes de Lake.

Agora, aqueles muitos MSS foram demonstravelmente produzidos em tempos diferentes e em países diferentes. Eles trazem os sinais, em suas muitas centenas, de representarem a área inteira da Igreja, exceto onde versões foram usadas em vez de cópias no grego original. ... Todavia, das multidões deles que sobrevivem, dificilmente qualquer deles foi copiado de qualquer um dos demais. Ao contrário, percebe-se que eles diferem entre si em incontáveis minúcias sem importância; e de vez em quando uma cópia isolada exhibe idiosincrasias que são realmente surpreendentes e extraordinárias. Portanto, demonstravelmente não tem havido nenhum conluio – nenhuma adaptação a um padrão arbitrário – nenhuma fraude no atacado. É certo que cada uma delas [as cópias] representa um MS, ou uma linhagem de MSS, mais velho que ela própria, e não é senão razoável supor que ela exerce tal representação com tolerável acurácia.²

Kurt Aland³ sumaria:

P⁶⁶ confirmou as observações já feitas em relação aos papiros Chester Beatty. Com P⁷⁵ terreno novo se nos tem aberto. Antes, todos compartilhávamos a opinião, em concordância com nossos professores e de acordo com a erudição neotestamentária, antes e depois de Westcott e Hort, que em vários locais, durante o quarto século, recensões do texto do NT tinham sido feitas, das quais os principais tipos de texto então se desenvolveram. ... Falávamos de recensões e tipos de texto, e se isto não era suficiente, fazíamos referências a tipos de texto pre-Cesareenses e outros, a textos mistos, e assim por diante.

Eu, também, tenho falado de textos mistos, em relação à forma de texto do NT nos séculos II e III, mas sempre o fiz com consciência culpada. Pois, de acordo com as regras de filologia lingüística, é impossível se falar de textos mistos antes que recensões tenham sido feitas (aqueles apenas podem seguir a estas), ao passo que os manuscritos do NT dos séculos II e III que têm um "texto misto" claramente existiram antes que recensões fossem feitas. ... O simples fato que todos estes papiros, com suas várias características distintivas, existiram lado a lado, na mesma província eclesiástica, isto é, no Egito onde foram encontrados, é o melhor argumento contra

(MSS tão misturados que nem se enquadram em nenhum dos grupos acima nem formam grupos entre si). Um dos 15 grupos "maiores" é o "Egípcio" ("Alexandrino") – ele é composto de precisamente 04 unciais e 04 cursivos, mais 04 MSS (02 unciais e 02 cursivos) que eram "Egípcios" em um dos três capítulos. Se o entendo corretamente, Wisse considera que virtualmente todos os [1.386 - 89 - 4 - 4 - 4 =] 1285 MSS restantes recaem no largo rio "Bizantino". Em outras palavras, quando falamos de examinar o texto "Bizantino" há, dentro do rio, pelo menos [15 - 1 + 22 =] 36 correntes de transmissão que precisam ser consideradas!

¹ John William Burgon foi Deão de Chichester de 1876 até sua morte em 1888. Seu biógrafo lhe reputou ser "o maior professor religioso do seu tempo" na Inglaterra (E.M. Goulburn, *Life of Dean Burgon*, 2 Vols.; London: John Murray, 1892, I, vii). Clark alista Burgon juntamente com Tregelles e Scrivener, como "grandes contemporâneos" de Tischendorf, a quem chama de "o colosso entre os críticos textuais" ("The Manuscripts of the Greek New Testament," p. 9). Como um contemporâneo de Westcott e Hort, Burgon vigorosamente se opôs ao texto e à teoria deles, e é geralmente reconhecido como tendo sido a mais importante voz na "oposição" (cf. A.F. Hort, II, 239).

² J.W. Burgon, *The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*, arranjado, completado, e editado por Edward Miller (London: George Bell and Sons, 1896), pp. 46-47.

³ Kurt Aland, ex director do *Institut für neutestamentliche Textforschung* em Münster, foi talvez o principal crítico textual na Europa até sua morte (1995). Foi um dos co-redatores das duas edições mais populares do N.T. grego – Nestle e UBS. Foi quem catalogava cada novo MS que foi descoberto.

a existência de quaisquer tipos de texto, inclusive o Alexandrino e o Antioqueno. Ainda vivemos no mundo de Westcott e Hort com nossa concepção de recensões e tipos de texto diferentes, embora este conceito tenha perdido sua razão de ser, ou pelo menos ela precise ser demonstrada nova e convincentemente. Pois o aumento da evidência documentária e as áreas de pesquisa inteiramente novas que nos foram abertas pela descoberta dos papiros, significam o fim da concepção de Westcott e Hort.¹

(Tenho citado homens como Zuntz, Clark e Colwell sobre o texto "Bizantino" para mostrar que os estudiosos modernos estão prontos para rejeitar a noção de uma recensão "Bizantina", mas a principal lição a ser extraída da variação entre MSS "Bizantinos" é aquela observada por Lake e Burgon – eles são testemunhas órfãs, independentes; pelo menos nas suas gerações. A variação entre dois MSS "Bizantinos" difere tanto em número quanto em severidade daquela entre dois MSS "Ocidentais" ou dois MSS "Alexandrinos" – o número e natureza das discordâncias entre dois MSS "Bizantinos" através de todos os Evangelhos parecerá trivial comparando-se com o número (mais de 3000) e a natureza (muitas sérias) das discordâncias entre Aleph e B, os principais MSS "Alexandrinos", no mesmo espaço).

Um retorno recente

Tanto Colwell² como Epp³ discordam de Aland, alegando que os papiros se harmonizam corretamente com a reconstrução da história textual de Hort. Mas a evidência de uma afinidade entre B e P⁷⁵ não demonstra a existência de um tipo de texto ou recensão. Acabamos de ver a demonstração e declaração de Colwell que um arquétipo "Alexandrino" nunca existiu. O próprio Epp, depois de colocar os antigos MSS em três trajetórias ("Neutra", "Ocidental" e "meio-termo"), diz:

Naturalmente, este esboço grosseiro não deve ser entendido como significando que os manuscritos mencionados sob cada uma das três categorias supramencionadas necessariamente tiveram quaisquer conexões **diretas** um com o outro; antes, são membros aleatoriamente sobreviventes destas três correntes de tradição textual.⁴

A questão é que, embora manuscritos diferentes exibam afinidades variadas e compartilhem certas peculiaridades, cada um deles difere substancialmente de todos os outros (especialmente os mais antigos) e portanto não devem ser agrupados. Não há tal coisa como o testemunho de um tipo de texto "Ocidental" ou "Alexandrino" (como uma entidade) – há apenas o testemunho individual de MSS, pais, versões (ou MSS de versões).

Ao discordar de Aland, Epp declarou que nosso material existente revela "apenas duas claras correntes ou trajetórias textuais" nos primeiros quatro séculos de transmissão textual, a saber, os tipos de texto "Neutro" e "Ocidental".⁵ Ele sugeriu também que P⁷⁵ pode ser considerado como um ancestral para o texto "Neutro" de Hort, P⁶⁶ para o texto "Alexandrino" de Hort, e P⁴⁵ para o texto "Ocidental" de Hort.

Mas ele mesmo tinha acabado de fornecer evidência contrária. Assim, com referência a 103 unidades de variação em Marcos 6-9 (onde P⁴⁵ é sobrevivente), Epp registra que P⁴⁵

¹ Aland, "The Significance of the Papyri," pp. 334-37.

² Colwell, "Hort Redivivus," pp. 156-57.

³ Epp, pp. 396-97.

⁴ *Ibid.*, p. 398.

⁵ *Ibid.*, p. 397.

mostra uma concordância de 38% com Códice D, 40% com o *Textus Receptus*, 42% com Códice B, 59% com f¹³, e 68% com Códice W.¹ Como pode Epp dizer que P⁴⁵ é um ancestral "Ocidental" quando ele está mais próximo dos principais representantes de cada um dos outros "tipos de texto" do que está de Códice D? Em Marcos 5-16, Epp registra que o Códice W mostra uma concordância de 34% com B, 36% com D, 38% com o *Textus Receptus*, e 40% com \aleph .² A qual "corrente textual" deve W ser atribuído?

Ambos P⁶⁶ e P⁷⁵ têm sido geralmente considerados pertencentes ao "tipo de texto Alexandrino."³ Klijn oferece os resultados de uma comparação de \aleph , B, P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵ nas passagens onde todos eles são sobreviventes (João 10.7-25, 10.32-11.10, 11.19-33 e 11.43-56). Ele considerou apenas aqueles locais onde \aleph e B discordam e onde pelo menos um dos papiros se alinha com \aleph ou B. Ele encontrou oito locais assim *mais* 43 onde todos três papiros se alinham com \aleph ou B. Ele reporta o resultado para os 43 locais como se segue (adicionei números relativos ao *Textus Receptus*, BFBS [British and Foreign Bible Society] 1946):

P ⁴⁵	concorda	com	\aleph	19 vezes,	com B	24 vezes,	com TR	32 vezes,
P ⁶⁶	concorda	com	\aleph	14 vezes,	com B	29 vezes,	com TR	33 vezes,
P ⁷⁵	concorda	com	\aleph	9 vezes,	com B	33 vezes,	com TR	29 vezes,
P ^{45,66,75}	concordam	com	\aleph	4 vezes,	com B	18 vezes,	com TR	20 vezes,
P ^{45,66}	concordam	com	\aleph	7 vezes,	com B	3 vezes,	com TR	8 vezes,
P ^{45,75}	concordam	com	\aleph	1 vez,	com B	2 vezes,	com TR	2 vezes,
P ^{66,75}	concordam	com	\aleph	0 vezes,	com B	8 vezes,	com TR	5 vezes. ⁴

Quanto aos outros 8 locais:

P ⁴⁵	concorda	com	\aleph	2 vezes,	com B	1 vez,	com TR	1 vez,
P ⁶⁶	concorda	com	\aleph	2 vezes,	com B	3 vezes,	com TR	5 vezes,
P ⁷⁵	concorda	com	\aleph	2 vezes,	com B	3 vezes,	com TR	4 vezes. ⁵

(Cada um dos três papiros também tem outras leituras.) Então, é mesmo razoável a atribuição sumária de P⁶⁶ e P⁷⁵ ao "tipo de texto Alexandrino"?

G.D. Fee se esforça consideravelmente para interpretar a evidência de modo a apoiar sua

¹ *Ibid.*, pp. 394-96.

² *Ibid.*

³ Cf. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (London: United Bible Societies, 1971), p. xviii.

⁴ Klijn, pp. 45-48. (Observar que 19 + 24 = 43, 14 + 29 = 43, mas 9 + 33 = 42 [P⁷⁵ deve ser ilegível num dos locais]. As concordâncias de dois ou três juntos estão dentro do número dado para cada papiro individualmente.)

⁵ *Ibid.* Tenho usado o estudo de Klijn com referência à existência dos tipos de texto, mas seu material também fornece evidência da antigüidade do texto "Bizantino". Sumariando a evidência das 51 instâncias que Klijn discute,

P⁴⁵ concorda com Aleph 21 vezes, com B 25 vezes, com TR 33 vezes,

P⁶⁶ concorda com Aleph 16 vezes, com B 32 vezes, com TR 38 vezes,

P⁷⁵ concorda com Aleph 11 vezes, com B 36 vezes, com TR 33 vezes;

Ou, colocando de outra maneira,

todos os três papiros concordam com Aleph 4 vezes, com B 18 vezes, com TR 20 vezes,

quaisquer dois deles concordam com Aleph 8 vezes, com B 13 vezes, com TR 15 vezes,

somente um deles concorda com Aleph 36 vezes, com B 62 vezes, com TR 69 vezes,

para um total de 48 vezes, 93 vezes, 104 vezes.

Em outras palavras, na área coberta pelo estudo de Klijn, o TR tem mais atestação antiga que B e duas vezes mais que Aleph – evidentemente o TR reflete um texto mais antigo que ambos B ou Aleph!

conclusão que "P⁶⁶ é basicamente um membro da tradição Neutra",¹ mas a própria evidência para João 1-14, como ele a registra, é a seguinte: P⁶⁶ concorda com o TR 315 em 663 vezes (47.5%), com P⁷⁵ 280 de 547 (51.2%), com B 334 de 663 (50.4%), com Ⲛ 295 de 662 (44.6%), com A 245 de 537 (45.6%), com C 150 de 309 (48.5%), com D 235 de 604 (38.9%), com W 298 de 662 (45.0%).²

Essa evidência realmente sugere "duas claras correntes textuais"?

Nestes manuscritos do terceiro século, cujas evidências nos levam de volta pelo menos à metade do segundo século, não encontramos nenhuma pureza original, nenhum casto ancestral de Vaticano, mas sim representantes desfigurados e decaídos do texto original. Características de todos os textos principais isolados por Hort ou por von Soden são aqui encontradas – 'combinados' muito diferentemente em P⁶⁶ e P⁴⁵.³

O classificar dos MSS

Uma parte grave do problema é a maneira pela qual MSS têm sido atribuídos a um "tipo de texto" ou a outro. Por exemplo, os editores de P¹ (Oxyrh. 2), Grenfell e Hunt, declararam que "o papiro claramente pertence à mesma classe dos códices Sinaítico e Vaticano, e não tem nenhuma inclinação Ocidental ou Síria." Ora, o papiro contém apenas Mateus 1.1-9a, 12b-20 (e não é todo ele legível), mas C.H. Turner declarou que ele concorda intimamente com o texto de B e "pode ser razoavelmente crido que conduz todo o texto dos Evangelhos [encontrado] em B de volta ao terceiro século."⁴ Até o presente dia P¹ é atribuído ao "tipo de texto Alexandrino."⁵ Bem, ele evidentemente concorda com B sete vezes, contra o TR, mas quatro daquelas variantes têm algum apoio "Ocidental"; no entanto, discorda de B dez vezes, embora apoiando o TR em apenas duas dessas.⁶ Juntar P¹ e B é realmente razoável?

Para uma demonstração clara da grande tolice de caracterizar um manuscrito com base em apenas um capítulo (ou ainda menos!), o leitor pode ver o estudo de P⁶⁶ por Fee. Ele faz um gráfico da percentagem de concordância entre P⁶⁶ e o TR, P⁷⁵, B, Ⲛ, A, C, D, e W respectivamente, capítulo por capítulo, através dos primeiros 14 capítulos de João.⁷ Para cada um dos documentos o gráfico sobe e desce de capítulo a capítulo, de um modo errático. Todos eles mostram uma faixa de variação acima de 30% – e.g. Códice B vai de uma concordância com P⁶⁶ de 71.1% no capítulo 5 para uma concordância de 32.3% no capítulo 7.

Já tem sido observado que B e Aleph discordam entre si bem mais que 3000 vezes somente nos Evangelhos. (Suas concordâncias somam menos.)⁸ Devem eles ser colocados

¹ G.D. Fee, *Papyrus Bodmer II (P⁶⁶): Its Textual Relationships and Scribal Characteristics* (Salt Lake City: University of Utah Press, 1968), p. 56.

² *Ibid.*, p. 14.

³ J.N. Birdsall, *The Bodmer Papyrus of the Gospel of John* (London, 1960), p. 17.

⁴ C.H. Turner, "Historical Introduction to the Textual Criticism of the New Testament," *Journal of Theological Studies*, Jan. 1910, p. 185.

⁵ Metzger, *The Text*, p. 247; Epp, "Interlude," p. 397.

⁶ Hoskier, *Codex B*, p. xi.

⁷ Fee, *Bodmer II*, pp. 12-13.

⁸ Uma contagem apressada usando o aparato crítico de Nestle (24ª edição) (deduzo que qualquer concordância entre Ⲛ e B será infalivelmente registrada) mostra [estes manuscritos] concordando 3007 vezes, onde há variação. Destas, aproximadamente 1100 são contra o texto "Bizantino" (com ou sem outra atestação), enquanto as restantes são contra uma pequena minoria de MSS (várias centenas de

juntos? Não basta anotar somente as peculiaridades compartilhadas entre dois MSS; a extensão de discordância é igualmente relevante para qualquer esforço de classificação.¹

Ao invés de ordeiramente alinhados em "claras correntes" ou "tipos de texto" (como entidades objetivamente definidas), os manuscritos mais antigos se mostram "salpicados" sobre um largo espectro de variação. Embora existam graus variados de afinidade entre eles, devem ser tratados como indivíduos na prática da crítica textual. Até que chegue a hora em que as relações entre os manuscritos mais recentes sejam empiricamente esboçadas, eles também devem ser tratados como indivíduos. Arremessá-los numa cesta de lixo rotulada "Bizantina" é insustentável.

Uma vez que genealogia não tem sido (e não pode ser?) aplicada aos MSS, as testemunhas precisam ser contadas, sim senhor – incluindo muitos dos minúsculos, os quais evidentemente tiveram linhas de transmissão independentes (ver notas 5, p.26, e 2, p. 27). Será imediatamente protestado que "testemunhas devem ser pesadas, não contadas." Por causa da importância desta questão, vou discuti-la com algum detalhe, quando chegar sua vez.² Mas primeiro precisamos continuar nossa avaliação da teoria de W-H e, com este propósito, falarei de "tipos de texto" nos termos de Hort.

Conflação

Todo o litígio de Hort contra o *Textus Receptus*, sob este título, foi baseado sobre apenas oito exemplos, tomados de dois Evangelhos (Marcos e Lucas). Caracterizar todo um texto, para todo o Novo Testamento, com base em oito exemplos, é tolice. Colwell enuncia bem o problema:

Nenhum texto ou documento é bastante homogêneo para justificar que, com base em parte de suas leituras, se julgue o restante. Este foi o calcanhar de Aquiles de Hort. Ele está dizendo aqui que, desde que estas oito leituras confladas ocorrem no texto Sírio, este é misto como um todo; se faltam aquelas leituras a um manuscrito ou texto, ele, em suas outras leituras, é testemunha de um texto antecedente à mistura. ...

Westcott e Hort enunciam esta falácia muito claramente ao argumentarem pela importância da evidência de um documento ao contrário de leituras:

“Então, quando se descobre que um dos documentos habitualmente contém estas leituras moralmente certas ou pelo menos fortemente preferidas, e o outro habitualmente contém suas rivais rejeitadas, não podemos ter nenhuma dúvida, primeiro, que o texto do primeiro foi transmitido em comparativa pureza, e que o texto do segundo tem sofrido adulteração comparativamente grande; e, a seguir, que a *superioridade do primeiro deve ser tão grande nas variações nas quais a Evidência Interna das Leituras não tem fornecido nenhum critério decisivo, quanto naqueles que nos têm habilitado a formar uma apreciação comparativa dos dois textos.*” [Ênfase de Colwell.]

Isto seria verdadeiro se soubéssemos que não houve mistura envolvida e que manuscritos e textos eram rigorosamente homogêneos. Tudo que temos aprendido

vezes sendo contra leituras singulares do Códice D, dum dos papiros, etc.). Parece que B e Aleph não satisfazem o requerimento de Colwell de 70% de concordância para que sejam classificados no mesmo tipo de texto.

¹ Esta é uma das características centrais do método proposto por Colwell e E.W. Tune em "The Quantitative Relationships between MS Text-Types," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, eds. J.N. Birdsall e R.W. Thomson (Frieberg: Herder, 1963).

² Ver seção com este título, no Capítulo 5.

desde Hort confirma a posição oposta.¹

Tem sido geralmente suposto e declarado que há muitos outros exemplos. Assim, Harrison diz, "Outra objeção foi a pobreza de exemplos de confluência. Hort somente citou oito, mas poderia ter dado outros."² Kenyon e Lake fizeram a mesma alegação,³ mas onde estão os "outros" exemplos? Por que Harrison, ou Kenyon, ou Lake não os produzem? Porque há muito poucos que trazem as características exigidas. Kenyon refere-se de passagem a *An Atlas of Textual Criticism*, por E. A. Hutton (London: Cambridge University Press, 1911), que ele diz conter exemplos adicionais de confluência.

Sob inspeção, a característica central do trabalho de 125 páginas prova ser uma lista aleatoriamente completa de variantes triplas no NT onde os textos "Alexandrino", "Ocidental" e "Bizantino" são colocados um contra cada outro. Hutton cita 821 exemplos exibindo as características exigidas. De tudo isto, uns poucos casos de possíveis "confluências Sírias", além das oito de Hort, podem ser catados – tais como em Mateus 27.41, João 18.40, Atos 20.28 ou Romanos 6.12. Cinquenta anos atrás um Hortiano poderia ter insistido que João 10.31 também tem uma "confluência Síria", mas agora que P⁶⁶ leva a leitura "Síria" de volta a 200 d.C., uma interpretação diferente é exigida.

A lista de Hutton bem que pode ser passível de questionamento considerável. Mas se pudermos, para efeito de raciocínio, recebê-la pelo valor pretendido, surge que a proporção de variantes triplas "Alexandrina-Ocidental-Bizantina" para possíveis "confluências Sírias" é

¹ Colwell, "Genealogical Method," p. 118. A despeito desta declaração demonstravelmente correta de Colwell, Bart Ehrman, na sua tese de M.Div. em Princeton, 1981, praticamente repete as palavras de Hort:

... dois pontos têm que ser constantemente conservados em mente. Primeiro, se uma leitura fosse provada ser uma confluência, então os documentos que a contêm preservariam – em maior ou menor escala – um texto que é misto (por definição). Isto é verdadeiro, quero dizer, mesmo se somente um caso provado de confluência for encontrado nestes documentos. E desde que a maioria das misturas teria resultado em leituras não confladas, isto é, na escolha arbitrária ou intencional por um transcritor da leitura de um manuscrito sobre a de outro, então o caso solitário e provado de mistura indicaria que um número maior de casos existem que não podem ser tão prontamente demonstrados. Segundo, o caráter textual de grupos de documentos pode ser razoavelmente avaliado por se determinar o grau com que contêm confluências. Se, por exemplo, há dois grupos de documentos que nunca contêm leituras confladas, e um que às vezes contém, então claramente o último grupo deve representar um texto misto. Se (ou não) os outros grupos também o fazem é indeterminável por este critério. Mas o ponto é que mesmo casos isolados de mistura mostram que um texto é misto, e assim é tanto tardio quanto secundário em seu testemunho ao texto verdadeiro. A contenção de Hort foi que o texto Sírio, e somente ele, continha confluências. Se continha oito ou oitocentos seria imaterial para este efeito. A simples presença de confluências de qualquer número prova que o texto é misto ("New Testament Textual Criticism: Quest for Methodology," pp. 55-56).

Tem sido repetidamente demonstrado que a qualidade textual de um MS pode variar significativamente de capítulo para capítulo, quanto mais de livro para livro. Uma confluência provada na verdade condena seu MS de mistura naquele ponto, mas somente naquele ponto. A declaração de Ehrman sobre "oito ou oitocentos" é simplesmente estúpida. Mesmo os oito exemplos que Hort citou têm sido todos eles contestados, e por estudiosos com pressuposições diferentes.

² Harrison, p. 73.

³ Kenyon, *Handbook*, p. 302; Lake, p. 68. Ehrman declara que "é significativo que outros exemplos podem ser encontrados com pouca dificuldade. Hort proveu quatro exemplos de confluência de Marcos e quatro de Lucas; os exemplos a seguir complementam sua lista, quatro sendo de Mateus e quatro de João" (*Ibid.*, p. 56). Ele dá exemplos de Mateus 10.3, 22.13, 27.23, 27.41 e de João 5.37, 9.25, 10.31, 17.23. Todos estes podem ser encontrados em Apêndice D (exceto João 9.25, porque a leitura "Ocidental" não tem atestação em grego e, assim, não é válida para o propósito em pauta). Ehrman distorce a evidência de João 5.37, dando uma falsa impressão. No Apêndice D eu falo de todos estes exemplos, e também de todos os oito de Hort.

de cerca de 100:1. Em outras palavras, para cada caso onde o texto "Sírio" é possivelmente edificado sobre os textos "Neutro" e "Ocidental", há cem onde ele **não** o é.

Isto levanta um outro problema. Se o texto "Sírio" é eclético, de onde obteve o material que lhe é exclusivo? Como Burgon observou na ocasião: "É impossível 'conflar' em locais onde B, \aleph e seus associados não fornecem nenhum material para a suposta confluência. Tijolos não podem ser feitos sem argila. Os materiais realmente existentes são aqueles do próprio Texto Tradicional."¹

Mas há uma outra consideração que é fatal para o propósito de Hort. Ele alegou que inversões não existem, mas elas existem sim. Ele próprio citou uma de cada tipo; D confla em João 5.37 e B confla em Colossenses 1.12 e 2 Tessalonicenses 3.4.² Ademais, há várias outras confluências, não apenas da parte de D, B, e Aleph, mas também dos tipos de texto "Ocidental" e "Alexandrino". Favor ver Apêndice D para exemplos e evidência. Marcião (século II) confla as leituras "Bizantina" e "Neutra-Ocidental", em 1Coríntios 14.19!

O papiro Bodmer II mostra que algumas leituras "Sírias" são *anteriores* às "Neutras", por volta de 200 d.C.

¹ Burgon, *The Traditional Text*, p. 229.

² Westcott e Hort, p. 94 e pp. 240-41. (Uma vez que Hort considerou D e B como adequados para representar os textos "Ocidental" e "Neutro" em outros locais, ele não deve objetar aqui.) Mas Ehrman nos favorece com o seguinte:

O que é mais digno de nota é que a significância de tais 'inversões' é raramente explicada pelos advogados do texto Majoritário. Pickering, por exemplo, se contenta em alistar as confluências invertidas, aparentemente assumindo que isto sozinho nega o argumento de Hort. Mas há duas considerações que impedem qualquer apelo a estas inversões com o propósito de criticar a posição básica de Hort sobre a natureza tardia e secundária do texto Sírio. Em primeiro lugar, a maioria dos casos que têm sido considerados como inversões genuínas ocorrem em membros isolados de um tipo de texto, mas não em todo o grupo maior. [Ele tinha concluído sua tese antes de ver meu Apêndice D, que não estava na primeira edição.] Em outras palavras, os três casos de confluência no Códice B não indicam que o tipo de texto alexandrino é misto, mas apenas que B o é. E o fato que B foi transcrito no século IV sugeriria que em alguns casos pode se esperar que ele contenha evidência de mistura de textos anteriores. [Uma admissão interessante.] Isto dificilmente pode estragar a prova de Hort, uma vez que ele próprio reconheceu a presença de confluências em ambos D e B, e no caso deste, especialmente nas cartas Paulinas. [!]

Em segundo lugar, ao colocarem este tipo de argumento contra Westcott e Hort, os advogados do Texto Majoritário têm se colocados a si mesmos sobre os chifres de um dilema. Por um lado, se eles escolherem negar a validade da asserção de Hort – que um texto contendo confluências é secundário, e que quanto mais confluências ele contenha menos ele é uma testemunha confiável do texto original – então um apelo a confluências invertidas de modo algum constitui um argumento. Se confluências não mostram que um texto é secundário, então por que apontá-las? Em um tal caso, exemplos contrários somente mostrariam o erro de Hort em assumir que somente textos Sírios contêm confluências, mas não indicaria absolutamente nada a respeito do caráter dos respectivos tipos de texto. Assim, claramente, o argumento é viável somente se a premissa de Hort for aceita.

Mas, por outro lado, aceitando esta premissa, os advogados do Texto Majoritário se defrontam com um sério problema. Se os tipos de texto Alexandrino e Ocidental contêm confluências, então todos os três textos são tardios e secundários. (*Ibid.*, pp. 60-61).

Ou Ehrman não entende o argumento ou está sendo desonesto. Naturalmente nós advogados do Texto Majoritário reconhecemos que uma confluência é uma leitura secundária, necessariamente. Se todos três tipos de texto contêm confluências, "então todos os três textos são tardios e secundários." Exatamente! E isto invalida o uso que Hort fez de "confluência" para desqualificar o texto "Sírio". Uma vez que os textos "Alexandrino" e "Ocidental" ambos contêm confluências evidentes, ambos são secundários. Se Hort apenas tivesse admitido isto desde o início, uma grande abundância de debate desnecessário teria sido poupada. No entanto, eu ainda estou por ver qualquer suposta confluência "Bizantina" que me impressione como realmente o sendo – Apêndice D dá numerosos exemplos com atestação dos séculos II e III; se qualquer deles é uma confluência, é bem primitivo. (Naturalmente, uma confluência genuína é, por definição, secundária, mesmo se criada em 100 d.C.!)

O [papiro] Bodmer [contendo] João (P⁶⁶) também é uma testemunha da existência primitiva de muitas das leituras encontradas no tipo de texto Alpha ("Sírio", de Hort). Contrariando as nossas ideias prévias, as correções contemporâneas naquele papiro frequentemente mudam uma leitura tipo-Alpha para uma tipo-Beta ("Neutra", de Hort). Isto indica que neste período tão antigo leituras dos dois tipos eram conhecidas, e as de tipo-Beta estavam suplantando as de tipo-Alpha – pelo menos tanto quanto diz respeito a esta testemunha.¹

Hoskier, após seu meticuloso estudo (450 páginas) do Códice B, ofereceu este veredicto: "o caluniado *Textus Receptus* serviu em larga medida como a base a qual B torceu e alterou."²

É claro que a caracterização que Hort fez do texto "Sírio" como eclético e secundário, como posterior a e edificando-se sobre os textos "Ocidental" e "Neutro", não encontra respaldo na evidência. Mas já que estamos neste assunto, que tal os oito exemplos de Hort; prestam-se eles à sua interpretação? É preciso perguntar se eles realmente se qualificam como possíveis confluências e então considerar a explicação inversa, a saber, que as formas mais curtas são simplificações independentes da forma longa original.

Burgon examinou os oito minuciosamente e observou que a maioria deles simplesmente não exibe as características exigidas.³ O leitor pode ver por si próprio, consultando qualquer aparato crítico razoavelmente completo (todos são inclusos no Apêndice D). Qualquer explicação que possa ser dada para a origem das leituras "Bizantinas" em Marcos 8.25, Lucas 11.54, e Lucas 12.18, elas não são "confluências" das leituras "Neutra" e "Ocidental." O mesmo pode ser dito, embora não tão enfaticamente, a respeito de Marcos 6.33 e Lucas 9.10.

Em quase todos os casos as testemunhas dentro dos arraiais "Neutro" e "Ocidental" estão divididas entre si, de modo que uma escolha consideravelmente arbitrária tem que ser feita para oferecer a leitura "Neutra" ou "Ocidental". Hort iniciou sua discussão dos oito exemplos de confluência que propôs "postulando que não tentamos notar cada variante insignificante nas passagens citadas, com receio de confundir a evidência substancial."⁴

Mas em uma questão deste tipo a confusão tem que ser computada. Se as testemunhas "Neutras" discordam entre si, que crédito podemos dar ao testemunho "Neutro" como um todo?

Dado um caso, como em Lucas 24.53, onde as características exigidas para uma confluência estão presentes, deve-se demonstrar que as duas leituras mais curtas não surgiram através de omissões independentes de partes diferentes da leitura mais longa, antes que possa ser asseverado que uma confluência ocorreu. Sem uma tal demonstração não é justo alegar uma confluência e então construir uma teoria sobre ela. A demonstração de Hort relativa a Lucas 24.53, na sua totalidade, é: "Esta ocorrência simples não necessita explicação."⁵

Burgon (que pessoalmente colacionou D) observou que no último capítulo de Lucas o Texto Recebido tem 837 palavras – destas D omite 121, ou uma em cada sete palavras.⁶ Para alguém usando o texto de Nestle (24^a edição), D omite 66 de 782, ou uma em cada

¹ Colwell, "The Origin of Texttypes," pp. 130-31.

² Hoskier, *Codex B*, I, 465.

³ Burgon, *The Revision Revised*, pp. 257-65.

⁴ Westcott e Hort, p. 95.

⁵ *Ibid.*, p. 104.

⁶ Burgon, *The Revision Revised*, p. 264.

doze (Nestle omitiu 38 palavras do texto grego de Lucas 24 baseando-se na autoridade grega de D sozinho, e outras 5 palavras na de D e \aleph sozinhos).

Em face dessa inveterada propensão para omissão, não é irrazoável suspeitar que no verso 53 D omitiu "e bendizando" do original "louvando e bendizando" em vez de que a leitura de todos MSS gregos existentes (exceto seis) é uma confluência. Ademais, a leitura de D pode facilmente ter surgido da "Bizantina" por *homoioteleuton* (OYNTEC – OYNTEC). Kilpatrick está entre os mais recentes de um número de estudiosos que têm argumentado que pelo menos algumas das "confluências Sírias" de Hort são a leitura original.¹

K. Lake falou do problema de decidir qual interpretação tomar.

A pedra fundamental da teoria deles [W-H] está nas passagens onde obtemos esta variação tripla, e o efeito do argumento repousa sobre a hipótese que a leitura mais comprida foi fabricada pela união das duas mais curtas – não as duas mais curtas por tratamentos diferentes da mais longa. Este ponto pode ser testado apenas por um apelo à evidência patrística e à probabilidade geral.

O segundo argumento [que faz apelo à probabilidade] é precário em razão de ser subjetivo, portanto o critério supremo e decisivo é o da evidência patrística.²

Parece, segundo Lake, que a evidência patrística é que decide a questão. Mas nem Lake nem mais ninguém tem produzido qualquer citação patrística destas passagens nos primeiros três séculos. As poucas citações disponíveis depois daquela época, todas elas, apoiam as leituras Bizantinas.³

Na realidade, toda a questão de "confluência" é um pseudo-problema, uma tempestade em copo d'água. Simplesmente não há possíveis exemplos em número suficiente para sustentar generalizações. A evidência que existe, no entanto, certamente não é desfavorável ao texto "Sírio". Como Zuntz diz, a ideia de que o texto posterior foi derivado das duas "recensões" anteriores combinadas é errônea.⁴

¹ G.D. Kilpatrick, "The Greek New Testament Text of Today and the *Textus Receptus*," *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective*, H. Anderson e W. Barclay, eds. (Oxford: Basil Blackwell, 1965), pp. 190-92. Cf. Bousset, *TU*, vol. 11 (1894), pp. 97-101, que concordou com Hort em apenas uma das oito [supostas confluências].

² Lake, p. 68.

³ Victor de Antióquia para Marcos 8.26, 9.38 e 9.49; Basílio para Marcos 9.38 e Lucas 12.18; Cirilo de Alexandria para Lucas 12.18; Augustinho para Marcos 9.38.

⁴ Zuntz, *The Text*, p. 12. Sturz (pp. 70-76) tem um capítulo intitulado "Byzantine-Western Alignments Go Back Into The Second Century Independently And Originate In The East–Not In The West." Ele faz uso intenso do trabalho de Zuntz e conclui que

... seus achados desferem um golpe devastador na teoria básica de W-H sobre a história do texto, isto é, destroem a suposta dependência do texto-K sobre fontes Ocidentais.

Se esta dependência nos alinhamentos K-Ocidentais têm que ser revertida, como Zuntz demonstra, então metade da sustentação para a teoria básica de confluência, de Hort, desmorona imediatamente! Mas a teoria de W-H não apenas rui neste ponto, ela é mudada no oposto! Isto é mais de que o 'consenso geral da erudição' pode conceder. É um pensamento intolerável e por demais revolucionário o reconhecer que o texto Antioqueno possa ter sido a fonte em vez do recipiente do material em comum em tais alinhamentos Bizantino-Ocidental (p. 76).

Eu não tenho conscientemente distorcido Zuntz, Colwell, Metzger, Aland, etc., ao citar seus escritos. Entendo que Colwell rejeita a noção de genealogia de Hort; que Aland rejeita a noção de recensões de Hort; que Zuntz rejeita a noção de confluência "Síria" de Hort; e assim por diante. No entanto, não quero implicar e não deve ser assumido que quaisquer destes estudiosos concordaria inteiramente com minha avaliação da situação em qualquer ponto, e eles certamente não concordam (até onde eu saiba) com minha posição total.

Leituras "Sírias" Anteriores a Crisóstomo

As declarações de Hort concernentes à natureza do testemunho patrístico antenicense ainda são aceitas por muitos. Assim, afirma-se largamente que Crisóstomo usou o texto "Bizantino."¹ Mas Lake afirmou:

Escritores sobre o texto do NT costumeiramente copiam um do outro a afirmação que Crisóstomo usou o texto Bizantino, ou Antioqueno. Mas assim que qualquer investigação é feita diretamente, torna-se evidente, mesmo a partir das suas obras impressas, que há muitas variações importantes no texto que ele cita, o qual evidentemente não era idêntico àquele encontrado nos MSS do texto Bizantino.²

Metzger chama a atenção para o trabalho de Geerlings e New.

Tem sido freqüentemente dito pelos estudiosos de crítica textual que Crisóstomo foi um dos primeiros pais a usar o texto Antioqueno. Esta opinião foi examinada por Jacob Geerlings e Silva New em um estudo sobre evidência que, por falta de uma edição crítica, foi tomado da *opera* de Crisóstomo editada por Migne. As conclusões deles são que "O texto de Marcos usado por Crisóstomo não é o de nenhum grupo de manuscritos até hoje descoberto e classificado. ... Seu texto de Marcos, ou melhor, o texto que pode ser fracamente percebido através de suas citações, é um 'texto misto' combinando alguns dos elementos de cada um dos tipos que tinha florescido antes do fim do século IV."³

Eles dizem mais: "Nenhum dos manuscritos conhecidos de Marcos tem o texto encontrado nas homílias de Crisóstomo, ou algo próximo dele. E provavelmente nenhum texto que existiu no quarto século chegou muito mais próximo dele."⁴ Eles fizeram uma colação do texto de Crisóstomo e observaram a seu respeito: "O número de variantes a partir do *Textus Receptus* não é apreciavelmente menor do que o número de variantes a partir do texto de Westcott e Hort. Isto prova que não é um representante típico do texto posterior (K, de von Soden) mais do que o é do texto Neutro"⁵

Quanto a Orígenes; ele realmente representa o texto "Neutro"?

É impossível reproduzir ou restaurar o texto de Orígenes. Ele não tinha um texto padrão. Uma referência aos locais inumeráveis onde ele está em **ambos** os lados de uma questão, como aqui detalhado, mostrará isto claramente. Adicione os locais onde ele está em direta oposição a \aleph e B, e temos que reconsiderar a posição inteira.⁶

Zuntz concorda.

As dificuldades insuperáveis que se opõem ao estabelecimento de 'o' texto do NT de Orígenes e Eusébio são bem conhecidas a todos que já tentaram, fazê-lo. ... Deixando de lado as dificuldades comuns impostas pelas incertezas da transmissão, o estado incompleto do material, e a freqüente frouxidão ao citar, resta o fato incontestável que estes dois pais estão freqüentemente em desacordo; que cada um deles cita a

¹ Westcott e Hort, p. 91.

² Lake, p. 53.

³ Metzger, *Chapters*, p. 21.

⁴ J. Geerlings e S. New, "Chrysostom's Text of The Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXIV (1931), 135.

⁵ *Ibid.*, p. 141.

⁶ Hoskier, *Codex B*, I, ii-iii.

mesma passagem diferentemente em escritos diferentes; e que às vezes eles fazem isto dentro do âmbito do mesmo trabalho. ... Sempre que uma e a mesma passagem é sobrevivente em mais que uma citação por Orígenes ou Eusébio, variação entre elas é a regra em vez da exceção¹

Metzger afirma: "Orígenes sabia da existência de leituras variantes que representam cada uma das principais famílias de manuscritos que os estudiosos modernos têm isolado."² (Isto inclui a "Bizantina".) Edward Miller, em seu estudo exaustivo dos pais, descobriu que Orígenes se alinhou com o Texto Tradicional 460 vezes enquanto se alinhou com o "Neologiano" 491 vezes.³ (Texto "Neologiano,"⁴ como Miller usava o termo, inclui tanto leituras "Neutro" como "Ocidental"; enquanto "Texto Tradicional" é seu termo para o texto "Sírio" de Hort.) Como então pôde Hort dizer de Orígenes, "Por outro lado suas citações, ao melhor de nossa crença, não exibem nenhum traço claro e tangível do texto Sírio"?⁵

E quanto a Irineu; ele realmente representa o texto "Ocidental"? Miller descobriu que Irineu tomou o lado do Texto Tradicional 63 vezes e do "Neologiano" 41 vezes.⁶ Ele disse mais:

Hilário de Poitiers está longe de ser contra o Texto Tradicional, como tem sido freqüentemente dito, embora em seus comentários ele não usou o Texto Tradicional tanto quanto em seu *De Trinitate* e suas outras obras. Os textos de Hipólito, Metódio, Irineu, e mesmo de Justino, não são daquele caráter exclusivamente Ocidental que Dr. Hort lhes atribui. Leituras Tradicionais ocorrem quase igualmente com as outras nas obras de Justino, e predominam nas dos outros três.⁷

Hoskier adiciona uma palavra concernente a Hipólito.

Tomemos uma outra testemunha muito interessante, a saber, Hipólito, quem, como Lúçifer, freqüentemente cita em tal extensão de ambos os Testamentos, Velho e Novo, que é absolutamente certo que estava **copiando** do seu exemplar das Escrituras.

Hipólito cita integralmente 1 Tes. 4.13-17, 2 Tes. 2.1-12. Em face destas citações se vê quão frouxamente Turner argumenta quando diz "Hort foi o último e talvez o mais hábil de uma longa linhagem de editores do Testamento grego, começando no século XVIII, que muito tentativamente a princípio, mas bastante intransigentemente no final, *jogou fora os MSS gregos mais RECENTES em favor dos mais ANTIGOS*, e aquela questão nunca terá que ser examinada novamente."

Mas permitam-me perguntar o que o Sr. Turner quer dizer com esta sentença leviana. Que quer ele dizer com Manuscritos mais antigos e mais recentes? Não pode querer dizer que o manuscrito de Hipólito é mais recente que o de B? Todavia, permitam-me dizer que, nestas longas passagens abrangendo 12 versos consecutivos de uma epístola e quatro da outra, o manuscrito de Hipólito, do início do terceiro século,

¹ Zuntz, *The Text*, p. 152.

² Metzger, "Explicit References in the Works of Origen to Variant Readings in N.T. MSS.," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J.N. Birdsall e R.W. Thomson (New York: Herder, 1963), p. 94.

³ Burgon, *The Traditional Text*, p. 100, 121.

⁴ Para ser preciso, aqui se tem em mente o texto grego usado pelo Comitê que produziu a "English Revised Version" em 1881, ou mais precisamente, aqueles locais onde difere do TR.

⁵ Westcott e Hort, p. 114.

⁶ Burgon, *The Traditional Text*, p. 99.

⁷ *Ibid.*, p. 117.

geralmente se encontra ao lado do que Turner chamaria de MSS "mais recentes".¹

De acordo com o estudo de Miller, a vantagem do Texto Tradicional sobre o "Neologiano", antes de Orígenes, foi realmente de 2:1, deixando de lado Justino Mártir, Heráclion, Clemente de Alexandria e Tertuliano. Se estes quatro forem incluídos, a vantagem do Texto Tradicional baixa para 1,33:1, sendo que a confusão que é mais óbvia em Orígenes já é observável nestes homens. De Orígenes a Macário Magno a vantagem do Texto Tradicional baixa para 1,24:1 enquanto que de Macário até 400 d.C. ela volta a 2:1.² Favor de observar que o Texto Tradicional sempre estava com a vantagem, mesmo nos tempos mais adversos.

Miller versus Kenyon

Por causa da importância do estudo de Miller, já citado, passarei a considerá-lo agora em mais detalhes, juntamente com a resposta de Kenyon. Miller viu claramente a natureza crucial da proposta de Hort.

É evidente que o período crucial da controvérsia entre nós e a escola Neologiana tem que repousar nos séculos antes de São Crisóstomo. Se, como Dr. Hort mantém, o Texto Tradicional não apenas ganhou supremacia naquela era, mas não existiu nas eras anteriores, então nossa contenção é vã. ... Por outro lado, se é provada se estender para trás, em linha inquebrada, alcançando até o tempo dos Evangelistas, ou até um período tão próximo deles quanto o testemunho sobrevivente possa provar, então a teoria do Dr. Hort, de um texto 'Sírio' formado por recensão ou não, de modo exatamente tão evidente cai em terra.³

Miller, editor póstumo de Burgon, sondou exaustivamente a questão do testemunho anterior ao Concílio de Nicena, fazendo uso completo do índice, feito por Burgon, de (86.489) citações patrísticas do NT. Ele merece ser ouvido detalhadamente.

Quanto à alegada ausência de leituras do Texto Tradicional nos escritos dos pais antenicanos, Dr. Hort usa liberalmente de sua imaginação e seus desejos. A perseguição de Diocleciano também é aqui a causa de muita falta de informação. Mas há realmente uma tal escassez dessas leituras nas obras dos pais primitivos, como se supõe?⁴

Fiz, eu mesmo, um árduo exame das citações ocorrentes nos escritos dos pais antes de São Crisóstomo ou (como as defini para ter um limite objetivo) dos que morreram antes de 400 d.C., com o resultado que o Texto Tradicional se revela apoiado na proporção geral de 3:2 [quer dizer 60%, exatamente como Peter J. Johnston verificou

¹ Hoskier, *Codex B*, I, 426-27.

² Burgon, *The Traditional Text*, pp. 99-101. Fee chama meu uso dos números de Miller de "absurdo" e os rejeita em termos taxativos ("A Critique," p. 419 e 422). No entanto, Peter J. Johnston (comunicação pessoal) dá o seguinte relatório sobre uma checagem independente que fez dos pais da Igreja primitiva, nos Evangelhos, usando edições críticas. Checando seis do 3º século (Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Hipólito, Orígenes, Cipriano), cinco do 4º século (Afraates, Efraem Arminiano, Efraem Sírio, Gregório Naz., Gregório de Nyssa) e sete do 5º século (Crisóstomo, Pelágio, Niceta, Teodoro de Mopsuestia, Augustinho, Cirílo de Alexandria, Fausto), ele os achou alinhando-se com o Texto Majoritário "aproximadamente 60%" das vezes, onde há variação. Isto está muito próximo dos resultados declarados por Miller!

³ Burgon, *The Causes of the Corruption*, pp. 2-3.

⁴ E. Miller, *A Guide to the Textual Criticism of the New Testament* (London: George Bell and Sons, 1886), p. 53.

– ver nota 2] contra as outras variações, e numa proporção muito mais alta em trinta passagens de teste. Depois, não querendo apoiar meu argumento sobre [somente] um escrutínio, fui novamente através dos escritos dos 76 pais afetados (com limitações explanadas neste livro), além de outros que não produziram evidências, e encontrei que, embora alguns exemplos adicionais fossem conseqüentemente introduzidos no meu livro de anotações, os resultados gerais permaneceram os mesmos. Não me lisonjeio que mesmo agora eu tenha registrado todos os exemplos que poderiam ser colocados – qualquer pessoa realmente familiarizada com este [tipo de] trabalho saberá que uma tal façanha é absolutamente impossível, porque tal perfeição não pode ser obtida exceto depois de muitos esforços repetidos. Mas afirmo, não apenas que meus esforços têm sido honestos e imparciais, mesmo ao ponto de auto-abnegação, mas que os resultados gerais (que são muito mais do que o exigido pelo meu argumento, como explicado no corpo deste trabalho) estabelecem abundantemente a antigüidade do Texto Tradicional, por provar que, durante o período em pauta, sua aceitação foi superior ao de qualquer outro [tipo de texto].¹

Kenyon reconheceu o trabalho de Miller e enunciou os resultados corretamente.

Aqui está uma questão óbvia. Se puder ser mostrado que as leituras que Hort chama 'Sírias' existiram antes do final do quarto século, cairá a pedra fundamental da estrutura da sua teoria, e uma vez que ele não produziu nenhuma estatística em prova da sua assertiva [!], seus oponentes estavam perfeitamente livres para desafiá-la. Precisa ser admitido que o Sr. Miller não se evadiu do teste. Uma considerável parte do seu trabalho como editor dos papéis do Deão Burgon tomou a forma de uma classificação de citações patrísticas, baseadas sobre os grandes índices que o Deão deixou atrás de si, de acordo com o testemunhar deles a favor ou contra o Texto Tradicional dos Evangelhos.

Os resultados de seu exame são por ele enunciados como segue. Tomando os pais gregos e latinos (não os sírios) que morreram antes de 400 d.C., descobre-se que suas citações apoiam o Texto Tradicional em 2630 casos, e o "neologiano" em 1753. Esta maioria também não é devida somente aos escritores que pertencem ao fim deste período. Ao contrário, se somente os escritores mais antigos forem tomados, de Clemente de Roma até Irineu e Hipólito, a maioria em favor do Texto Tradicional é proporcionalmente ainda maior, 151 contra 84. Somente nos escritores Ocidentais e Alexandrinos encontramos aproximada igualdade de votos para ambos os lados. Ademais, se uma lista seleta de trinta passagens importantes for tomada para exame detalhado, a preponderância da evidência patrística primeva em favor do Texto Tradicional se revela ser nada menos que 530 contra 170, uma maioria bastante irresistível.

Agora, é claro que se estes números fossem confiáveis haveria um final para a teoria de Hort, pois suas premissas seriam mostradas ser completamente falsas.²

¹ Burgon, *The Traditional Text*, pp. ix-x. O exercício levado a cabo por Miller colocou o Texto Recebido contra o texto grego costurado pelo corpo de revisores que produziram a "English Revised Version" de 1881, o qual Miller apropriadamente designa de "Neologiano." Ele usou o *Cambridge Greek Testament*, 1887, de Scrivener, que dá o exato texto grego representado pela E.R.V. mas imprime em negrito os locais que diferem do Texto Recebido. Miller limitou a investigação aos Evangelhos. Disse que descartou citações duvidosas e meras questões de grafia, que em casos duvidosos decidiu contra o *Textus Receptus*, e que na tabulação final omitiu muitos casos menores, favoráveis ao *Textus Receptus* (*Ibid.*, pp. 94-122).

² Kenyon, *Handbook*, pp. 321-22. Tanto Hort como Kenyon claramente declararam que nenhuma leitura estritamente "Síria" existiu antes do fim do 4º século. É encorajador ver que ambos Carson (p. 111) e

Antes de proceder à réplica de Kenyon, será bom pausar e rever as implicações deste intercâmbio. Hort e os muitos (como Kenyon) que repetem o seu discurso, têm asseverado que nem sequer uma leitura "estritamente Bizantina" é encontrada nas obras existentes de qualquer pai da Igreja anterior a Crisóstomo (que morreu em 407). Para desprovar a afirmação de Hort só é preciso encontrar *algumas* leituras "estritamente Bizantinas" anteriores ao tempo especificado, uma vez que a questão imediatamente em foco é a existência, não necessariamente a prevalência delas. Miller afirma que o texto Bizantino não apenas é encontrado nos escritos dos pais primitivos, mas que de fato ele *predomina*.

Com relação aos pais que morreram antes de 400 d.C., a questão pode ser agora formulada e respondida. Eles testemunham do Texto Tradicional como existindo desde o início, ou não? Os resultados da evidência, tanto em quantidade quanto em qualidade do testemunho, nos permitem responder não só que o Texto tradicional estava em existência, mas que era predominante durante o período em questão. Que qualquer um que disputar esta conclusão parta da evidência dos pais e forme para o Texto Ocidental, ou o Alexandrino, ou para o Texto de B e \aleph , um arrazoado que possa igualar ou suplantar aquele que tem sido agora posto diante do leitor.¹

Ninguém jamais aceitou o desafio de Miller.

Como citado acima, Kenyon reconheceu que, se os números de Miller são corretos, então a teoria de Hort está liquidada. Mas Kenyon continuou:

Um exame deles, no entanto, mostra que não podem ser aceitos como de modo algum representando o verdadeiro estado do caso. Em primeiro lugar, é razoavelmente certo que edições críticas dos vários pais, se existissem, mostrariam que em muitos casos as citações foram assimiladas, em MSS posteriores, ao Texto Tradicional, ao passo que nos anteriores elas concordariam com as testemunhas 'Neutra' ou 'Occidental'. Contudo, não podemos responsabilizar o Sr. Miller por este defeito. As edições críticas dos pais gregos e latinos, agora em curso de produção pelas Academias de Berlim e Viena, tinham coberto muito pouco do terreno ao tempo quando seus [de Miller] materiais foram compilados, e naquele tempo ele pôde legitimamente usar os materiais acessíveis a ele; e os erros que surgissem desta fonte dificilmente afetariam o resultado geral em qualquer extensão muito séria.²

Depois de sofismar a respeito de edições críticas ele admitiu que "os erros que surgissem desta fonte dificilmente afetariam o resultado geral em qualquer extensão muito séria." No entanto, a sugestão de Kenyon que "em muitos casos as citações têm sido assimiladas, em MSS posteriores, ao Texto Tradicional" dá a essência de uma contenção hoje largamente usada para evitar a força da crescente evidência em favor de um texto "Bizantino" antigo. Retornaremos a este item daqui a pouco.

Kenyon prosseguiu:

A falácia verdadeira em sua estatística é diferente, e é revelada no detalhado exame das trinta passagens selecionadas. Destas, fica claro que ele entendeu a contenção de Hort de forma completamente errada. As trinta leituras "tradicionais", que ele mostra ser tão esmagadoramente vindicadas pelos pais, não são o que Hort chamaria de

Fee ("A Critique," p. 416) têm retrocedido à afirmação mais fraca que são todas estas leituras juntas, ou o completo "tipo de texto", que não teve tal existência.

¹ Burgon, *The Traditional Text*, p. 116.

² Kenyon, *Handbook*, pp. 322-23.

leituras "Sírias" em circunstância alguma. Em praticamente cada caso elas têm atestação "Ocidental" ou "Neutra" em adição a aquela das autoridades posteriores.¹

Ele então se referiu brevemente a casos específicos em Mateus 17.21, Mateus 18.11, Mateus 19.16, Mateus 23.38, Marcos 16.9-20, Lucas 24.40 e João 21.25, e continuou:

Em suma, o Sr. Miller evidentemente computou para seu lado cada leitura que ocorre no Texto Tradicional, sem considerar se, sob os princípios de Hort, elas são leituras velhas que conservaram seu lugar na revisão Síria, ou leituras secundárias que foram então introduzidas pela primeira vez. De acordo com Hort, o Texto tradicional é o resultado de uma revisão na qual elementos velhos foram incorporados; e o Sr. Miller meramente aponta para alguns destes elementos velhos, e daí argumenta que o todo é velho. É claro que a teoria de Hort não é tocada por tal argumentação.²

É difícil acreditar que Kenyon foi exatamente imparcial aqui. Ele tinha obviamente lido a obra de Miller com cuidado. Por que ele não disse nada acerca de "ao arrependimento" em Mateus 9.13 e Marcos 2.17,³ ou "vinagre" em Mateus 27.34,⁴ ou "da porta" em Mateus 28.2,⁵ ou "os profetas" em Marcos 1.2,⁶ ou "boa vontade" em Lucas 2.14,⁷ ou a oração do Senhor por seus assassinos em Lucas 23.34,⁸ ou "um favo de mel" em Lucas 24.42,⁹ ou "aqueles" em João 17.24?¹⁰

¹ *Ibid.*, p. 323.

² *Ibid.*

³ Sustentado por Barnabé (5), Justino M. (*Apol.* i.15), Irineu (III. v. 2), Orígenes (Comentário sobre João xxviii. 16), Eusébio (Comentário sobre Salmo cxlvi), Hilário (Comentário sobre Mateus *ad loc.*), Basílio (*De Poenitent.* 3; Homília sobre Salmo xlvi. 1; *Epist. Class.* I. xlv. 6). A evidência citada nesta nota de rodapé, e nas próximas sete, foi tomada de Burgon, *The Traditional Text*.

⁴ Sustentado pelo Evangelho de Pedro (5), *Acta Philippi* (26), Barnabé (7), Irineu (p. 526, 681), Tertuliano, Celso, Orígenes, Eusébio de Emesa, pseudo-Taciano, Teodoro de Heraclea, Efraem, Atanásio, *Acta Pilati*.

⁵ Sustentado pelo Evangelho de Nicodemus, *Acta Philippi*, Atos Apócrifos dos Apóstolos, Eusébio (*ad Marinum*, ii. 4), Gregório de Nyssa (*De Christ. Resurr.* I. 390, 398), Evangelho de Pedro.

⁶ Sustentado por Irineu (III. xvi. 3), Orígenes, Porfírio, Eusébio, Tito de Bostra.

⁷ Sustentado por Irineu (III. x. 4), Orígenes (*c. Celsum* i. 60; *Seleções* sobre Sl xlv.; Comentário sobre Mt xvii; Comentário sobre João i. 13), Gregório Taumaturgo (*De Fid.* Cap. 12), Metódio (Sermões de Simeão e Ana), Constituições Apostólicas (vii. 47; viii. 12), *Diatessaron*, Eusébio (*Dem. Ev.* p. 163, 342), Afraates (i. 180, 385), Jacob-Nisibis, Tito de Bostra, Cirilo de Jerusalém (p. 180), Atanásio, Efraem (Gr. iii. 434).

⁸ Sustentado por Hegésipo (*Eus. H.E.* ii. 23), Marcião, Justino, Irineu (*c. Haer.* III. xviii. 5), Arquelau (xliv), Hipólito (*c. Noet.* 18), Orígenes (ii. 188), Constituições Apostólicas (ii. 16; v. 14), Homílias de Clementino (*Recogn.* vi. 5; Hom. xi. 20), pseudo-Taciano (E. C. 275), Eusébio (cânon x), Hilário (*De Trin.* 1. 32), *Acta Pilati* (x. 5), Teodoro de Heraclea, Atanásio (i. 1120), Tito de Bostra, Efraem (ii. 321).

⁹ Sustentado por Marcião (*ad loc.*), Justino M. (ii. 240, 762), Clemente de Alexandria (p. 174), Tertuliano (i. 455), *Diatessaron*, Atanásio (i. 644), Cirilo de Jerusalém (iv. 1108), Gregório de Nyssa (i. 624).

¹⁰ Sustentado por Irineu (*c. Haeres.* IV. xiv. 1), Clemente de Alexandria (*Paed.* i. 8), Cipriano (p. 235, 321), *Diatessaron*, Eusébio (*De Eccles. Theol.* iii. 17--bis; *c. Marcell.* p. 292), Hilário (p. 1017, 1033), Basílio (*Eth.* ii, 297), Celestino (*Concilia* iii. 356).

Entre as numerosas afirmações dúbias com que Fee nos favorece, nenhuma é mais surpreendente do que sua acusação que "os dados de Burgon e Miller são simplesmente repletos com evidência sustentadora inútil," ("A Critique," p. 417). Quem quer que estude seus trabalhos com cuidado (como fiz) sairá convencido que são excepcionalmente exaustivos, cuidadosos e escrupulosos em seus tratamentos da evidência patrística. Fee não o é. Diz ele, da leitura "vinagre" em Mateus 27.34, "Tomei o incômodo de conferir novamente três quartos dos dezessete pais sustentadores [citados] por Burgon e **nenhum deles** [ênfase de Fee] pode ser provado estar citando Mateus!" (pp. 417-18). Uma vez que afirma que ele próprio conferiu os pais, a construção mais caridosa que pode ser colocada sobre as palavras de Fee é que a checagem foi apressada e sem cuidado. (Favor ir para a nota de rodapé 5 na primeira página do capítulo 6, para uma refutação da declaração de Fee.) Com referência à evidência patrística para "ao arrependimento" em Mateus 9.13 e Marcos 2.17, o leitor interessado deverá conferir as fontes por si mesmo.

Essas ocorrências também estão entre "as trinta" e pareceriam ser leituras "estritamente Sírias", se realmente tal coisa existe. Por que Kenyon as ignorou? Os casos que Kenyon citou caem dentro do escopo da investigação de Miller porque são leituras Tradicionais, sejam quais forem as outras atestações que também possam ter, e *porque os Revisores Ingleses de 1881 as rejeitaram*. (Favor observar que uma vez que Hort *et al.* rejeitaram as testemunhas não Bizantinas que concordam com o texto Bizantino naqueles locais, elas têm que ser vistas como tendo fugido da "norma" escolhida. Se elas se assimilaram ao texto Bizantino, não podem razoavelmente ser citadas como evidência contra esse texto.) Kenyon asseverou que os números de Miller "não podem ser aceitos como de modo algum representando o verdadeiro estado do caso," mas não tem nos mostrado por que. Kenyon [também] nada disse sobre as alegadas "leituras secundárias" que têm sustento patrístico antigo.

Os números de Miller representam precisamente o que ele afirmou representarem. "O verdadeiro estado do caso" é que o Texto Tradicional ("Bizantino") recebe *mais sustentação* dos pais da Igreja primitiva do que o texto crítico (essencialmente W-H) usado pelos Revisores ingleses. Deve ser notado que, sem dúvidas, há numerosas leituras assim chamadas "Ocidentais" e "Alexandrinas"¹ a serem encontradas nos pais primevos as quais não estão incluídas nos números de Miller porque os Revisores as rejeitaram. Se estivessem todas elas tabuladas, as leituras "Bizantinas" talvez perderiam a maioria absoluta da atestação patrística antiga, mas ainda estariam presentes e atestadas, a partir do começo, e esta é a questão em pauta agora.

Leituras puramente "sírias"

A declaração de Kenyon contém um outro problema. Ele referiu-se a "leituras puramente 'Sírias'" e efetivamente negou ao texto "Sírio" qualquer leitura que porventura tenha alguma atestação "Ocidental" ou "Alexandrina" (atestação que já foi arbitrariamente categorizada de acordo com as pressuposições da teoria). Mas quais, exatamente, seriam estes componentes "Sírios" tardios ou "puros"?

E. F. Hills evidentemente conduziu uma busca por eles. Ele observa:

A segunda acusação comumente alegada contra o texto Bizantino é que contém tantas leituras recentes. Um texto com todas essas leituras recentes, assim se diz, tem que ser um texto recente. Mas é extraordinário quão poucas realmente foram as leituras Bizantinas que Westcott e Hort designaram como recentes. Em seu *Notes*

¹ Novamente deparamos com o fugir-da-pergunta-por-assumir-o-fato-como-provado que é característico de Hort e muitos escritores subseqüentes. Irineu, por exemplo, é arbitrariamente declarado ser uma testemunha do "tipo de texto Ocidental" e então qualquer leitura que ele tenha é imediatamente e por isso declarada ser "Ocidental". Mesmo se concedêssemos a existência de tais entidades como os tipos de texto "Ocidental" e "Alexandrino" (só para fins de argumentação), se fosse imposta a exigência que somente aquelas leituras que são sustentadas por uma **maioria** das testemunhas atribuídas a um tipo de texto possam ser reivindicadas para este, então o número de leituras "Ocidentais", "Alexandrinas", e "Cesareenses" encolheria **drasticamente**. Em contraste, o número de leituras "Bizantinas" permaneceria aproximadamente o mesmo.

Há um detalhe adicional que, penso eu, não tem recebido atenção suficiente. Miller colocou o Texto Tradicional contra o "Neologiano" (W-H) porque este representava o julgamento dos Revisores quanto ao que seria o texto original. Segue-se que quaisquer testemunhas "Ocidentais" e, especialmente, "Alexandrinas" que atestaram algo diferente foram rejeitadas, em cada um desses pontos. Assim, presumivelmente, quaisquer testemunhas "Alexandrinas" rejeitadas não mais seriam "Alexandrinas", naqueles pontos – ou existiram diversos tipos de texto "Alexandrinos"? Em que base podem aquelas testemunhas "Alexandrinas" rejeitadas (rejeitadas por Hort e pelos Revisores) ser usadas para invalidar leituras "Bizantinas"?

on *Select Readings*, Hort discutiu cerca de 240 exemplos de variação entre os manuscritos dos Evangelhos, e em apenas umas vinte quis ele caracterizar a leitura Bizantina como recente. Assim, pareceria que mesmo na própria admissão de Hort apenas cerca de 10% das leituras do texto Bizantino [questionadas] são recentes, e desde os dias de Hort o número destas leituras Bizantinas alegadamente recentes vem gradualmente diminuindo.¹

(Mesmo assim, Hort depreciou o inteiro testemunho "Sírio" como sendo recente.)

Parece claro que o texto "Bizantino" não pode ganhar num fórum presidido por um juiz com a inclinação de Kenyon. Sempre que uma testemunha primeva vem à tona é declarada ser "Alexandrina" ou "Ocidental" ou "Cesareense" e daí aquelas leituras "Sírias" que ela contém cessam de ser "puramente Sírias" e não mais são permitidas como evidência. Tal procedimento é evidentemente útil aos defensores da teoria de Hort, mas é ele certo? É comum entre os muitos que estão determinados a desprezar o texto "Bizantino" evadirem-se da questão, como Kenyon o fez acima. Os postulados da teoria de Hort são assumidos como verdadeiros e a evidência é interpretada com base nessas pressuposições. Além da natureza imaginária dos textos "Alexandrino" e "Ocidental", como entidades estritamente definíveis, sua antecedência face o texto "Bizantino" é o exato ponto a ser provado e não pode ser presumido. A declaração de Kirsopp Lake é representativa. Tomando Orígenes, Irineu e Crisóstomo respectivamente como representantes dos textos "Neutro", "Ocidental", e "Bizantino", ele asseverou:

Embora Crisóstomo e Orígenes freqüentemente se unam em diferir de Irineu, e Crisóstomo e Irineu em diferir de Orígenes, já Crisóstomo não difere de ambos a uma só vez. E isto é quase [uma] prova demonstrativa que seu texto, (caracteristicamente representativo dos pais, versões e MSS posteriores), é um texto eclético.²

Mesmo se a descrição dos fenômenos por Lake fosse verdadeira (mas lembre-se do que ele próprio disse de estudiosos copiando um do outro, com referência a Crisóstomo), há uma outra interpretação perfeitamente adequada de tais fenômenos. Nas palavras de Hills,

Certamente há uma maneira muito mais razoável de explicar porque cada texto não bizantino (incluindo Papiro Bodmer II) contém leituras Bizantinas não encontradas em outros textos não bizantinos. Se considerarmos o texto bizantino como o original, então é perfeitamente natural que cada texto não bizantino deva concordar com o texto bizantino em locais onde os outros textos não-bizantinos se desviaram dele.³

Também, dada a antecedência do texto "Bizantino", os locais onde todos os textos

¹ E.F. Hills, *The King James Version Defended!* (Des Moines: The Christian Research Press, 1956), p. 73. Carson continua a fugir-da-pergunta-por-assumir-o-fato-como-provado (p. 111). Se a tendência atual continuar até que todas as leituras "puramente Bizantinas" tenham atestação bem antiga, ele não ficará perturbado, uma vez que continuará a declarar arbitrariamente que tais leituras são "Ocidentais" ou "Alexandrinas." Quero respeitosamente submeter a opinião que as normas geralmente aceitas do proceder acadêmico não permitem a continuada fuga deste questionamento em particular, por meramente assumir o fato como provado.

² Lake, p. 72. Pelo contrário: uma situação dessas demonstra a existência de três linhas de transmissão independentes. Se Crisóstomo nunca fica sozinho, então ele representa a melhor linha.

³ J.W. Burgon, *The Last Twelve Verses of the Gospel According to Saint Mark* (Ann Arbor, Mich.: The Sovereign Grace Book Club, 1959), p. 55. Esta reimpressão da obra de Burgon, 1871, contém uma Introdução por E.F. Hills, ocupando as páginas 17-72.

divergentes acontecem abandonar o "Bizantino" ao mesmo tempo seriam poucos. Atribuir arbitrariamente pais, manuscritos e versões às famílias "Alexandrina" e "Ocidental", e então negar ao texto "Bizantino" leituras que uma ou mais destas testemunhas arbitrariamente atribuídas também acontecem sustentar, não parece ser honesto nem algo que se espera de estudiosos.

Um expediente preconceituoso

Antes de fechar esta seção, resta lidar com o expediente já aludido, pelo qual muitos procuram se evadir da evidência patrística antenicena favorável ao texto "Bizantino." Vincent Taylor expressa o expediente tão nuamente quanto qualquer deles. "Ao julgar entre duas leituras alternativas [para determinado pai e local], o princípio a ser adotado é: a que diverge do texto eclesiástico posterior (o TR) é mais provável de ser original"¹

¹ Taylor, p. 39. Fee continua a propor vigorosamente este expediente. "Minha experiência é que em cada caso uma edição crítica do pai move o texto de seu NT em algum grau **distanciando-se da** tradição Bizantina" ("Modern Text Criticism," p. 160). Ele recentemente observou que "todos os dados de Burgon ... são suspeitos devido ao seu uso de edições não críticas" ("A Critique," p. 417).

Mas há razão para questionar se podemos confiar em editores com uma tendência anti-Bizantina para relatar a evidência de modo imparcial. Certamente uma edição crítica de Irineu preparada por Fee não seria de confiar. Ao discutir a evidência para "nos profetas" contra "em Isaías o profeta" em Marcos 1:2 ("A Critique," p. 410-11), Fee não menciona Irineu sob a leitura do Texto Majoritário, aonde ele se enquadra, mas sob a outra leitura diz, "exceto por uma citação de Irineu". Fee então oferece o seguinte comentário em uma nota de rodapé: "Uma vez que esta citação ergue-se solitária em toda a evidência antiga grega e latina, e uma vez que o próprio Irineu claramente conhece o outro texto, esta 'citação' é especialmente suspeita de adulteração posterior." Ele vai em frente para concluir sua discussão desta passagem afirmando que a leitura mais longa é "a única leitura conhecida por todo pai da igreja que cita o texto." Ao fim de sua discussão Fee tem completamente suprimido o indesejado testemunho de Irineu.

Mas é o testemunho de Irineu, aqui, realmente suspeito? Em *Adv. Haer.* III.10.5 lemos: "Marcos ... assim começa sua narrativa do Evangelho: 'O princípio do Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como está escrito nos profetas: Eis ... [as citações continuam].' Claramente o começo do Evangelho cita as palavras dos santos profetas, e apontam para Ele ... a quem confessaram como Deus e Senhor." Note que Irineu não apenas cita Marcos 1.2, mas o comenta, e em ambos citação e comentário sustenta a leitura "Bizantina". Mas o comentário é um pouco distante da citação e é inteiramente improvável que um copista teria molestado o comentário mesmo se tivesse se sentido chamado a mudar a citação. Jogo limpo exige que esta citação seja lealmente registrada como apoio do 2º século para a leitura "Bizantina".

Uma outra citação, quase tão inambígua, ocorre em *Adv. Haer.* III.16.3, onde lemos: "Razão pela qual Marcos também diz: 'O princípio do Evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como está escrito nos profetas.' Conhecendo um e o mesmo Filho de Deus, Jesus Cristo, quem foi anunciado pelos profetas. ..." Veja que novamente Irineu não apenas cita Marcos 1.2, mas também o comenta, e em ambos citação e comentário ele sustenta a leitura "Bizantina".

Há também uma clara alusão a Marcos 1:2 em *Adv. Haer.* III.11.4, onde lemos: "Por qual Deus, então, foi João, o arauto-precursor ... enviado? Verdaderamente foi por Ele ... quem também tinha prometido pelos profetas que enviaria Seu mensageiro diante da face do Seu Filho, quem [o mensageiro] prepararia Seu [do Filho] caminho..." Não podemos nós razoavelmente reivindicar esta como uma **terceira** citação em apoio da leitura "Bizantina"? Em qualquer caso, fica claro que a manipulação das evidências de Irineu por Fee na melhor das hipóteses é decepcionante, se não repreensível.

Enquanto estamos no assunto da confiabilidade de Fee, ofereço a avaliação feita por W.F. Wisselink [cf. nota de rodapé 7, p. 50] depois de uma exaustiva investigação da sua obra:

Enquanto eu estava estudando o relato de Fee [P⁷⁵, P⁶⁶, and Origen: 'The Myth of Early Textual Recension in Alexandria,' *New Dimensions in New Testament Study*, ed. R.N. Longenecker e M.C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974), pp. 42-44] tornou-se-me aparente que ele é incompleto e indistinto, e que contém erros. Fee descreve a sua investigação em pouco mais que uma página. Introduz seu relato como segue: 'A plena justificativa desta conclusão requererá um volume de

Este expediente é estendido mesmo a casos onde não há nenhuma alternativa. A alegação é que copistas alteraram a redação do pai para conformá-la à "Bizantina", que consideravam como "correta".¹ É óbvio que o efeito desse procedimento é pôr o texto "Bizantino" em desvantagem. Uma investigação baseada neste princípio está "armada" contra o TR.² Mesmo que pareça haver certos exemplos onde isto aparentemente ocorreu, tais exemplos não justificam uma ampla generalização. Esta se baseia na pressuposição que o texto "Bizantino" é posterior – mas isto é o exato ponto a ser provado e não pode ser presumido.

Se o texto "Bizantino" é primitivo não há nenhuma razão para supor que uma leitura "Bizantina" em um pai antigo deve-se a um copista posterior, a não ser que seja possível uma demonstração inequívoca neste sentido. Miller mostrou claramente ter plena consciência desse problema e estar alerta para excluir da sua tabulação quaisquer exemplos suspeitos.

Uma objeção talvez possa ser feita, que os textos dos livros dos pais são certos de terem sido alterados para coincidirem mais acuradamente com o Texto Recebido. Isto é verdadeiro a respeito de *Ethica* ou *Moralia*, de Basílio, e de *Regulae brevius Tractatae*, que parecem ter sido constantemente lidos nas refeições, ou senão estiveram em uso contínuo nas Casas Religiosas. Os monges de uma época posterior

considerável tamanho cheio com listas de dados. Aqui podemos oferecer somente uma ilustração-amostra, com a nota adicional que os dados completos variarão pouco da amostragem' (Fee, 1974, 42).

Daí, solicitei de Fee os dados completos. Recebi seis páginas parcialmente preenchidas contendo os dados (em forma de rascunho) sobre as assimilações em Lucas 10 e 11. Depois de estudá-los, cheguei à conclusão que também são incompletos e indistintos, e contém erros. Assim, pontos de interrogação podem ser colocados na confiabilidade da investigação à qual aqueles dados rudes e aquele relatório fazem referência. [Wisselink, p. 69.]

Wisselink então prossegue para documentar suas acusações nas três páginas seguintes.

Repito que não poderíamos confiar numa edição crítica de Irineu preparada por Fee, e começo a duvidar que qualquer edição preparada por alguém com um preconceito anti-Bizantino seria de confiar. Isto sem falar da falácia do ponto de partida deles, a saber que o texto "Bizantino" é recente.

As três citações de Irineu são tomadas de A. Roberts e J. Donaldson, eds. *The Ante-Nicene Fathers*, 1973, Vol. I, pp. 425-26 e 441, e foram conferidas, quanto à acurácia, contra a edição crítica de W. W. Harvey (*Sancti Irenaei: Episcopi Lugdunensis: Libros Quinque Adversus Haereses*, Cambridge: University Press, 1857). Devo este material sobre Irineu a Maurice A. Robinson.

¹ Naturalmente este princípio também é aplicado aos MSS gregos, com conseqüências sérias. Uma declaração por Metzger dá um exemplo claro.

Deve ser observado que, de acordo com a teoria que membros de f¹ e f¹³ foram sujeitos à progressiva acomodação ao texto Bizantino posterior, estudiosos têm estabelecido o texto destas famílias por adotarem leituras de testemunhas (dentro da família) que diferem do *Textus Receptus*. Por conseqüência, a citação da sigla f¹ e f¹³ pode, em qualquer dado exemplo, significar uma minoria de manuscritos (ou mesmo somente um) que pertence à família. (*A Textual Commentary on the Greek New Testament* [companheiro de UBS³], p. xii.)

Um procedimento assim engana o usuário do aparato, que tem todo o direito de esperar que a sigla somente será usada quando todos (ou quase todos) os membros concordam. Uma visão distorcida é criada – a divergência de f¹ e f¹³ para com o texto "Bizantino" é feita parecer maior do que realmente é, e a extensão da variação entre os membros [em cada família] é obscurecida. O estudo sobre Cirilo de Jerusalém por Greenlee (p. 30, ver próxima nota de rodapé) provê um outro exemplo. Entre outras coisas, ele apela para o "bem conhecido fato que todas as testemunhas Cesareenses são mais ou menos corrigidas em direção ao padrão Bizantino, mas em diferentes locais, de modo que os grupos têm que ser considerados como um todo, não pelos membros individuais dele, para se ter a verdadeira visão [da situação]." O comportamento dos MSS individuais não fariam mais sentido se vistos como fugindo do padrão bizantino?

² Eu acredito que o estudo sobre Cirilo de Jerusalém por J.H. Greenlee é um exemplo. *The Gospel Text of Cyril of Jerusalem* (Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1955).

não se contentariam em ouvir diariamente passagens familiares das Santas Escrituras fraseadas em termos diferentes daqueles com os quais estavam acostumados e que consideravam corretos. Este fato ficou perfeitamente evidente depois de exame, porque esses tratados foram achados dar evidência ao *Textus Receptus* na proporção de cerca de 6:1, enquanto os outros livros de São Basílio a concedem correspondendo a uma proporção de cerca de 8:3. [Mas, não poderia ser o caso que, precisamente por causa do “uso contínuo nas Casas Religiosas” (e ainda mais se esse uso começou bem cedo), a proporção de 6:1 reflete a transmissão fiel ou pura enquanto “os outros livros” sofreram alguma adulteração?]

Pela mesma razão não tenho incluído a edição do Evangelho de São Lucas por Marcião, ou o *Diatessaron* de Taciano, na lista de livros ou autores, porque tais representações dos Evangelhos, que foram de uso público, seguramente foram revisadas de tempos em tempos, de modo a conciliá-las com o julgamento daqueles que as liam ou ouviam. Nossos leitores observarão que fiz um exercício de auto-negação porque, pela inclusão das obras mencionadas, a lista no lado Tradicional teria sido grandemente aumentada. Mas nossos alicerces têm sido fortalecidos, e realmente a posição do Texto Tradicional apoia-se tão firmemente sobre o que não é passível de dúvidas, que pode dispensar aqueles préstimos que possam ser abertos a alguma suspeita. (Todavia Marcião e Taciano podem ser razoavelmente citados como testemunhas sobre leituras individuais.) E permanece a inferência natural que as diferenças entre os testemunhos de *Ethica* e de *Regulae brevius Tractatae* por um lado, e aqueles das outras obras de Basílio do outro lado, sugerem que demasiada variação e demais daquilo que é evidentemente variação característica, de leituras, vem ao nosso encontro nas obras dos diversos pais, para a existência de qualquer dúvida que na maioria dos casos temos as palavras, embora talvez não a grafia, como originalmente fluíram da pena do autor. Leituras variantes de citações ocorrendo em edições diferentes dos pais são encontradas, de acordo com minha experiência, com muito menos freqüência do que alguém poderia supor. Onde eu vi uma diferença entre MSS anotada no Beneditino ou outras edições ou em cópias a partir do Beneditino ou em outros impressos, naturalmente considerei a passagem duvidosa e não a registrei. Familiaridade com este tipo de testemunho não pode senão fazer mais evidente a sua confiabilidade geral.¹

Depois deste cuidadoso peneiramento, Miller ainda chegou a 2630 citações, de 76 pais ou fontes, cobrindo uma extensão de 300 anos (100 - 400 d.C.), sustentando leituras do texto "Bizantino" em oposição àquelas do texto crítico dos Revisores Ingleses (que recebeu 1753 citações). Irá alguém seriamente propor que todas aquelas citações, ou a

¹ Burgon, *The Traditional Text*, p. 97-98. Acredito que Suggs tende a concordar com Miller que a inclinação assimiladora dos copistas medievais pode facilmente ser superestimada ("The Use of Patristic Evidence," p. 140). Os Lecionários dão testemunho eloqüente contra a suposta inclinação assimiladora. Depois de discutir em alguma extensão a falta de consistência textual deles, Colwell observa: "Figurativamente falando, o Lecionário é um conservante no qual, de tempos em tempos, porções do texto vivo foram colocadas. Uma vez submersas no Lecionário, cada porção foi solidificada ou determinada." (Colwell and Riddle, *Prolegomena to the Study of the Lectionary Text of the Gospels*, p. 17). Similarmente, Riddle cita favoravelmente a estimativa de Gregório: "Ele viu que, como um produto do sistema litúrgico, eles eram guardados por uma força fortemente conservadora, e ele foi correto na sua inferência que o conservadorismo da liturgia tenderia freqüentemente a fazê-los o meio para a preservação de um texto antigo. Foi boa a sua analogia com o Saltério da Igreja Anglicana" (*Ibid.*, pp. 40-41). Muitas das lições no *Book of Common Prayer* anglicano são muito mais velhas que a AV, mas nunca têm sido adaptadas à AV. Em suma, temos boa razão para duvidar que copistas medievais foram tão pesadamente inclinados a assimilar (adaptar) o texto como estudiosos tais como Taylor desejam nos fazer crer.

maioria delas, foram alteradas? Que base objetiva existe para fazer tal proposta?

Hills discute o caso de Orígenes como segue:

Nos primeiros quatorze capítulos do Evangelho de João (isto é, na área coberta pelo Papiro Bodmer II), de 52 ocasiões nas quais o texto Bizantino fica sozinho, Orígenes concorda com o Bizantino 20 vezes e discorda dele 32 vezes. Assim, a afirmação dos críticos que Orígenes nada sabia do texto Bizantino torna-se verdadeiramente difícil de manter. Ao contrário, estas estatísticas sugerem que Orígenes conhecia o texto Bizantino e freqüentemente adotou suas leituras em preferência àquelas dos textos Ocidental e Alexandrino.

Críticos naturalistas, é verdade, têm feito um esforço resolutivo para justificar a remoção das leituras 'distintamente' Bizantinas que aparecem nas citações do NT por Orígenes (e outros pais antenicanos). Argumenta-se que estas leituras Bizantinas não são realmente de Orígenes, mas representam alterações feitas por escribas que copiaram suas obras. Eles insistem em que estes copistas revisaram as citações originais de Orígenes e as conformaram ao texto Bizantino. A evidência do Papiro Bodmer II, no entanto, indica que esta não é uma explanação adequada para os fatos. Certamente parece uma maneira muito insatisfatória para explicar os fenômenos que aparecem nos primeiros quatorze capítulos de João. Nestes capítulos, 5 das 20 leituras 'distintamente' Bizantinas que ocorrem em Orígenes também ocorrem em Papiro Bodmer II. Estas 5 leituras, pelo menos, devem ter sido as leituras de Orígenes, não as de escribas que copiaram as obras de Orígenes. E o que é verdade a respeito destas 5 leituras é provavelmente verdade a respeito das outras 15, ou pelo menos da maioria delas.¹

Esta demonstração deixa claro que o expediente acima deplorado é de fato indefensável.

O testemunho dos pais da Igreja primitiva

Para recapitular, leituras "Bizantinas" são reconhecidas (mais notavelmente) pela *Didaquê*, Diogneto e Justino Mártir na primeira metade do segundo século; pelo Evangelho de Pedro, Atenágoras, Hegésipo, e Ireneu (acentuadamente) na segunda metade; por Clemente de Alexandria, Tertuliano, Clementino, Hipólito e Orígenes (todos acentuadamente) na primeira metade do terceiro século; por Gregório de Taumaturgo, Novaciano, Cipriano (acentuadamente), Dionísio de Alexandria e Arquelau na segunda metade; por Eusébio, Atanásio, Macário Magno, Hilário, Dídimo, Basílio, Tito de Bostra, Cirílo de Jerusalém, Gregório de Nissa, *Cânones e Constituições Apostólicas*, Epifânio, e Ambrósio (todos acentuadamente) no quarto século. Aos quais podemos adicionar o testemunho dos antigos papiros.

O testemunho dos papiros antigos

Nos dias de Hort e mesmo de Miller, os papiros antigos não eram conhecidos – se o fossem, a teoria de W-H dificilmente poderia ter aparecido na forma que o fez. Cada um dos papiros primevos (300 d.C. ou antes) atesta algumas leituras "Bizantinas". G. Zuntz realizou um estudo exaustivo de P⁴⁶ e concluiu:

Para sumariar: várias leituras Bizantinas, a maioria delas genuína, que previamente

¹ Burgon, *The Last Twelve Verses*, p. 58. Sturz lista um número de leituras "Bizantinas" adicionais que têm tido sustentação patrística antiga (Clemente, Tertuliano, Marcião, Metódio) e que agora têm também sustentação antiga pelos papiros (pp. 55-56). Aqui, novamente, não mais funcionará a alegação que os MSS dos pais têm sido alterados para se conformarem ao texto "Bizantino".

foram descartadas como 'posteriores', são antecipadas por P⁴⁶. ... Como então – assim vem a vontade de continuar perguntando – onde não acontece de algum papiro Chester Beatty certificar a existência primitiva de uma leitura Bizantina? São todas as leituras Bizantinas antigas? No caso cognato da tradição homérica G. Pasquali responde a mesma pergunta na afirmativa.¹

Colwell reconhece a declaração de Zuntz e concorda.² Ele tinha dito do "NT Bizantino" alguns anos antes, "A maioria das suas leituras existiram no segundo século."³

Hills afirma que os papiros Beatty vindicam 26 leituras "Bizantinas" nos Evangelhos, 8 em Atos e 31 nas epístolas de Paulo.⁴ Ele diz em referência a P⁶⁶:

Para ser preciso, o Papiro Bodmer II contém 13% (18 de 138) de todas as leituras alegadamente posteriores do texto Bizantino na área coberta por ele. Treze por cento das leituras Bizantinas que a maioria dos críticos tem considerado como posteriores têm sido provados agora pelo Papiro Bodmer ser leituras primevas.⁵

A declaração de Colwell sobre P⁶⁶ já foi apresentada.

Muitos outros estudos estão disponíveis, mas o de H.A. Sturz sumaria tudo.⁶ Ele inspecionou "todos os papiros disponíveis" para descobrir quantas leituras "Bizantinas", sustentadas por papiros, existem. Ao tentar decidir quais leituras eram "distintamente Bizantinas" ele fez um esforço consciente para "errar do lado conservador", de modo que a lista é mais curta do que poderia ser (p. 144).

Ele encontrou (e alista a evidência em favor de) mais de 150 leituras "distintivamente Bizantinas" (pp. 145-59), 170 leituras "Bizantino-Occidentais" (pp. 160-174), 170 leituras "Bizantino-Alexandrinas" (pp. 175-87) todas apoiadas por papiros antigos (anteriores a 300 d.C.). Fornece as evidências para mais 175 leituras que são Bizantinas, mas que têm sustentação escassa "Occidental" ou "Alexandrina", com sustentação por antigos papiros.⁷ Refere-se ainda a outras 195 leituras onde a leitura "Bizantina" tem sustentação por papiros, mas ele não se deu o trabalho de alistá-los (aparentemente considerou que estas

¹ Zuntz, *The Text*, p. 55.

² Colwell, "The Origin of Texttypes," p. 132.

³ Colwell, *What is the Best New Testament?*, p. 70.

⁴ Burgon, *The Last Twelve Verses*, p. 50. (Hills escreveu a Introdução.)

⁵ *Ibid.*, p. 54.

⁶ H.A. Sturz, *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism*.

⁷ Pp. 188-208. Sturz observa que leituras em um bom número (15 desta lista) realmente devem ser consideradas como "distintamente Bizantinas," mas uma ou outra testemunha alegadamente "Occidental" ou Alexandrina" também as contém, e daí ...

Sturz formula as seguintes conclusões a partir das evidências que apresenta: 1) Leituras "Distintamente Bizantinas" são encontradas em papiros antigos (p. 55). 2) Conseqüentemente, tais leituras são antigas (p. 62). 3) Tais leituras não podem ser o resultado de um editar no 4º século (p. 62). 4) Os unciais antigos não têm preservado um quadro completo da situação textual no 2º século (p. 62). 5) O tipo de texto "Bizantino" tem preservado alguma parte da tradição do 2º século **não** encontrada nos outros (p. 64). 6) A posterioridade de outras leituras "Bizantinas", para as quais atestação por papiros antigos ainda não tem vindo à tona, é agora questionável (p. 64). 7) Alinhamentos "Bizantino-Occidentais" retrocedem até dentro do 2º século; eles **têm** que ser antigos (p. 70).

Fee fala de minhas "distorções da evidência dos papiros" e diz, com referência a ela, que eu tenho "grosseiramente mal-interpretado os dados" ("A Critique," p. 422). Eu convido o leitor a conferir as evidências apresentadas por Sturz e então decidir por si próprio se tem ou não havido distorção e má interpretação.

variantes eram de menor consequência).¹

A magnitude desta atestação pode ser mais plenamente apreciada ao se lembrar que somente cerca de 30% do NT tem atestação por papiros antigos, e boa parte desse percentual tem somente um papiro. Onde mais que um cobre uma extensão de texto, cada novo MS descoberto vindica leituras Bizantinas adicionais. Extrapolando o comportamento daqueles ao alcance, se tivéssemos pelo menos 3 papiros cobrindo todas as partes do NT, quase todas as 6000+ leituras Bizantinas rejeitadas pelos textos críticos (ecléticos) seriam vindicadas por um papiro antigo.

Parece que a declaração de Hort sobre (ou seu tratamento de) a evidência externa não tem nenhuma base nos fatos. Será que sua declaração sobre evidência interna será diferente?

Evidência Interna das Leituras

Já temos registrado algo sobre o uso que Hort fez da evidência interna, mas ele próprio reconheceu as fraquezas desse uso. Ele disse: "Ao lidar com este tipo de evidência [Evidência Intrínseca das Leituras], críticos igualmente competentes freqüentemente chegam a conclusões contraditórias quanto às mesmas variações."²

E outra vez, quatro páginas depois: "Impulsos mentais são assuntos não apenas insatisfatórios para estimativas de força comparativa; mas uma pluralidade de impulsos por nós reconhecidos como possíveis em qualquer dado caso, de modo algum implica uma pluralidade de impulsos como realmente tendo estado em operação."³

Exatamente! Nenhuma pessoa do século XX (ou XXI), confrontando um conjunto de leituras variantes, pode saber ou provar o que realmente aconteceu para produzir as variantes.

Uma vez mais, a pregação de Hort é melhor do que sua prática:

As decisões sumárias (inspiradas por um instinto sem hesitações quanto ao que um autor tem que ter escrito, ou ditadas pela suposta autoridade dos 'cânones da crítica') quanto ao que os copistas têm que ter introduzido, realmente são, em uma ampla proporção dos casos, tentativas para fugir do solucionar de problemas que dependem de dados genealógicos.⁴

Se apenas trocarmos as palavras "dados genealógicos" por "evidência externa", então podemos concordar com Hort. Infelizmente, no entanto, os admiráveis pensamentos acima citados não foram senão uma cortina de fumaça. Como Fee diz, referindo-se a Hort:

A evidência interna de leituras foi também o fator predominante na escolha do seu texto 'Neutro' sobre os textos 'Ocidental' e 'Alexandrino' ... e sua escolha de B. ...

O ponto relevante é que Hort não chegou à sua conclusão acerca dos [manuscritos] Bizantinos e B pelo método genealógico, ...⁵

¹ P. 189. Isto significa que os papiros antigos atestam as leituras "Bizantinas" em 660 (ou 885) locais onde há variação significativa. Poder-se-ia desejar que Sturz também nos tivesse dado os números para leituras "distintamente Ocidentais" e "distintamente Alexandrinas", mas como definir tais expressões? Onde há uma definição objetiva para "leitura Ocidental", por exemplo?

² Westcott e Hort, p. 21.

³ *Ibid.*, p. 25. Fee me critica severamente por meu "agnosticismo" ("A Critique," p. 409), mas minha declaração dificilmente é mais forte que a de Hort.

⁴ *Ibid.*, p. 286.

⁵ Fee, "Modern Text Criticism and the Synoptic Problem," *J.J. Griesbach: Synoptic and Text-Critical Studies 1776-1976*, ed. B. Orchard e T.R.W. Longstaff (Cambridge: University Press, 1978), p. 156.

A natureza precária e insatisfatória da evidência interna já recebeu alguma atenção na discussão de ecletismo. Colwell diz especificamente do uso de probabilidade intrínseca e de transcrição, "Infelizmente, estes dois critérios freqüentemente colidem frontalmente, porque tanto copistas antigos como redatores modernos freqüentemente preferiram a leitura que melhor se adequa ao contexto."¹ "Se escolhermos a leitura que melhor explica a origem da outra leitura, estamos usualmente escolhendo a leitura que não se encaixa no contexto. Os dois critérios se cancelam um ao outro."² E isto deixa o estudioso "livre para escolher em termos dos seus próprios prejuízos."³

Burton disse a respeito de considerações internas:

Freqüentemente são o produto de inclinação pessoal ou observação limitada: e, onde um estudioso as aprova, outro as condena dogmaticamente. Evidência circunstancial é merecidamente avaliada como inferior, nos fóruns de justiça: e advogados apresentam testemunhas sempre que puderem.⁴

Aventuramo-nos a declarar que, já que as noções de um perito sobre o que é 'transcricionalmente provável' provam ser diametralmente contrárias às noções de um outro perito, a suposta evidência a ser derivada desta fonte pode, com vantagem, ser totalmente desprezada. Permita-se que o estudo da **Evidência Documental** tome seu lugar. Noções de 'Probabilidade' são a grande praga das províncias da Ciência onde é possível recorrer a **Fatos**.⁵

Burton também chamou a atenção para um perigo envolvido no uso de um sistema de cânones rígidos: "As pessoas, em geral, são constituídas de tal modo que, uma vez que tenham construído um sistema de cânones, não põem nenhum limite à sua operação, e tornam-se seus escravos."⁶ (O uso de *ardua lectio potior* [preferir a leitura mais difícil] por Gordon Fee me parece ser um caso relevante.)⁷

A leitura mais curta

Talvez o cânon mais amplamente usado contra o texto "Bizantino" seja *brevior lectio potior* – a leitura mais curta seja a preferida. Hort assim expressou a base alegada para o cânon: "No NT, como em quase todos os escritos em prosa que têm sido muito copiados, adulterações por interpolação são muitas vezes mais numerosas que adulterações por omissão."⁸ Conseqüentemente, tem sido costumeiro, desde Hort, taxar o Texto Recebido como sendo cheio e interpolado, e considerar B e Aleph como excelentes exemplos de textos não interpolados.⁹

Mas será realmente verdade que interpolações "são muitas vezes mais numerosas" que omissões na transmissão do NT? B.H. Streeter pensou que não:

¹ Colwell, "The Greek New Testament," p. 37.

² Colwell, "External Evidence," p. 4.

³ *Ibid.*, p. 3.

⁴ Burton, *The Traditional Text*, p. 67.

⁵ Burton, *The Revision Revised*, p. 251.

⁶ Burton, *The Traditional Text*, p. 66.

⁷ Fee, *Papyrus Bodmer II*.

⁸ Westcott e Hort, p. 235.

⁹ Aliás, um exame de um bom aparato ou das colocações de MSS revela que o tipo de texto "Bizantino" é freqüentemente mais curto que seus rivais. Sturz oferece diagramas que mostram que, onde o texto "Bizantino" (com apoio de papiros antigos) ergue-se contra tanto o "Occidental" como o "Alexandrino", aquele adiciona 42 e omite 36 palavras, em comparação com estes. O "Bizantino" revela-se algo mais longo, mas o quadro não é desequilibrado. Entre as palavras adicionadas estão 9 conjunções e 5 artigos, mas entre as omitidas estão 11 conjunções e 6 artigos, o que faria o "Bizantino" **menos** suave que seus rivais. (Sturz, p. 229.)

Hort fala da 'tendência quase universal dos copistas fazerem seus textos tão completos quanto possível, e abominar omissões', e infere que copistas tenderiam a preferir um texto interpolado a um texto não interpolado. Isto pode ser verdade quanto a certos textos locais do segundo século; é o extremo oposto da verdade, no que concerne aos copistas ou editores treinados na tradição da crítica textual Alexandrina. Os editores alexandrinos de Homero eram tão perspicazes em detectar e marcar como duvidáveis 'interpolações' em Homero quanto um crítico moderno.

Temos evidência irrefutável de que copistas e estudiosos cristãos eram capazes da mesma atitude crítica. ... Está completamente refutada a noção que a tendência normal dos copistas era escolher a leitura mais longa, e portanto que o redator moderno está bastante seguro enquanto firmemente rejeitar [as leituras mais longas].

Agora, quem quer que tenha sido responsável por ele, o texto B tem sido editado a partir do princípio Alexandrino.¹

Toda a questão de interpolações nos MSS antigos foi posta sob uma luz inteiramente nova pelas pesquisas de A.C. Clark, Professor Catedrático de latim na Universidade de Oxford. ... Em *The Descent of Manuscripts*, uma investigação da tradição manuscrita dos clássicos gregos e latinos, ele prova conclusivamente que o erro a que os copistas eram mais inclinados não era interpolação, mas sim omissão accidental. ... Até aqui a máxima '*brevior lectio potior*' ... tem sido assumida como um postulado da crítica científica. Clark tem mostrado que, no tocante aos textos clássicos, os fatos apontam inteiramente na outra direção.²

Burgon tinha objetado, muito antes:

Como pode, na verdade, ser possivelmente mais verdadeiro [em relação] às fraquezas dos copistas, ao veredicto da evidência nas várias passagens, e à origem do NT na infância da Igreja e entre associações que não eram literárias, supor que foi primeiramente produzida uma composição abreviada a qual foi amplificada em uma era posterior, com o objetivo de 'torná-la mais lúcida e completa', em vez de supor que aquelas palavras, cláusulas e sentenças foram omitidas (sob princípios definitivamente entendidos) em uma pequena classe de documentos, por copistas desleixados ou ignorantes ou com preconceitos.³

Leo Vaganay também tinha reservas relativas a este cânon:

Via de regra o copista, especialmente quando executando o trabalho de revisão, é inclinado a amplificar o texto. ... Mas a regra sofre muitas exceções. ... Distrações do copista, ... correções intencionais. ... E, finalmente, ... a tendência fundamental de alguma recensão, da qual um bom exemplo é a recensão egípcia. ... E também não devemos esquecer que os escritores do NT eram orientais, que são mais dados a comprimento que a brevidade.⁴

Kilpatrick inclusive sugere que um cânon substituto, "a leitura mais longa é preferível," não seria pior. Ele conclui:

Refletindo bem, não conseguimos achar nenhuma razão para pensar que a máxima *lectio brevior potior* realmente seja válida. Podemos somente esperar que uma mais

¹ B.H. Streeter, *The Four Gospels: A Study of Origins* (London: Macmillan and Co., 1930), pp. 122-24. Para uma discussão mais recente da atividade crítica em Alexandria, ver W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge: Cambridge University Press, 1974), pp. 13-22.

² *Ibid.*, p. 131. Estou ciente que Kenyon e outros têm criticado o tratamento de Clark a esta máxima, mas creio que a abordagem dele tem validade suficiente para merecer ser levada em conta.

³ Burgon, *The Causes of the Corruption*, p. 156.

⁴ Vaganay, pp. 84-85.

completa familiaridade com os problemas envolvidos crescentemente nos capacite a discernir, em cada caso, razões pelas quais as leituras mais longas ou mais curtas parecem mais prováveis.¹

Colwell publicou um estudo muito significativo dos hábitos dos copistas, como ilustrado pelos três papiros antigos P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵. O estudo demonstra que amplas generalizações sobre hábitos dos copistas nunca deveriam ter sido feitas, e segue-se que as ideias acerca de leituras variantes e tipos de texto baseadas em tais generalizações devem ser reconsideradas. Será bom citar Colwell em alguma extensão:

A caracterização destas leituras singulares pode ir mais adiante até que os copistas individuais tenham sido caracterizados. Suas leituras peculiares devem-se às suas [próprias] peculiaridades. Isto foi bem expresso por Dain. Ele nos lembra que embora todos copistas cometam erros e erros do mesmo tipo, todavia cada copista tem um coeficiente pessoal da freqüência [de cada tipo] dos seus erros. Cada um tem seu próprio padrão de erros. Um copista é inclinado a ditografia, um outro à omissão de linhas do texto; um lê bem, outro lembra mal; um é bom de ortografia, etc., etc. Nessas diferenças têm que ser incluídas a seriedade de intenção do copista e as peculiaridades do seu próprio método de copiar.²

Em geral, P⁷⁵ copia letras, uma por uma; P⁶⁶ copia sílabas, em geral com o comprimento de duas letras. P⁴⁵ copia frases e cláusulas.

A acurácia destas assertivas pode ser demonstrada. Que P⁷⁵ copiou letras uma por uma é demonstrado pelo padrão dos seus erros. P⁷⁵ tem mais de sessenta leituras envolvendo uma única letra, e não mais de dez (causadas por desleixo) que envolvem uma sílaba. Mas P⁶⁶ omite sessenta e uma sílabas (vinte e três delas 'saltando para uma semelhante', e da mesma maneira, também omite uma dúzia de artigos e trinta palavras curtas. Em P⁴⁵ não há a omissão de sequer uma sílaba 'saltando para uma semelhante', nem há nenhuma lista de omissões de sílabas por descuido. P⁴⁵ omite palavras e frases.³

Como um editor, o copista de P⁴⁵ brandiu um machado afiado. O aspecto mais impressionante do seu estilo é sua concisão. As palavras dispensáveis são dispensadas. O copista omite advérbios, adjetivos, substantivos, participios, verbos, pronomes pessoais – sem qualquer hábito compensatório de adição. Frequentemente omite frases e cláusulas. Prefere as palavras simples às compostas. Em suma, favorece brevidade. Encurtou o texto em pelo menos cinquenta locais, **contando-se apenas leituras singulares**. Mas **não** omite sílabas ou letras. Seu texto encurtado é legível.⁴

Bastante destes tem sido citado para estabelecer a colocação que P⁶⁶ edita como faz tudo o mais – de maneira desleixada. Quando faz suas mudanças, não é guiado por algum objetivo claramente definido e que seja sempre mantido em vista. Se tem uma inclinação para omitir, não é "de acordo com o conhecimento", mas é inconstante e sem cuidado, frequentemente levando a nada mais que irracionalidade.⁵

P⁶⁶ tem 54 'saltos para um semelhante' para a frente e 22 para trás; 18 [dos 54] saltos

¹ Kilpatrick, p. 196.

² Colwell, "Scribal Habits," p. 378.

³ *Ibid.*, p. 380.

⁴ *Ibid.*, p. 383.

⁵ *Ibid.*, p. 387.

para frente são haplografias.¹

P⁷⁵ tem 27 'saltos para um semelhante' para frente e 10 para trás. P⁴⁵ tem 16 'saltos para um semelhante' para frente, e 2 para trás. Disto fica claro que o copista, procurando pelo local que havia perdido [no exemplar], procurou à frente três vezes mais freqüentemente do que à trás. Em outras palavras, a perda de posição geralmente resultou em perda de texto, uma omissão."²

O jogo foi virado. Aqui está uma clara demonstração que interpolações não são "muitas vezes mais numerosas" que omissões. Omissão é mais comum do que adição, como um erro não intencional, e ademais, P⁴⁵ mostra que, quanto a alguns copistas, omissões foram deliberadas e extensivas. Seria mera coincidência que Aleph e B provavelmente foram elaborados na mesma área que P⁴⁵ e que exibem características similares às dele? De qualquer modo, a "completude" do Texto Tradicional, ao invés de ser uma prova de inferioridade, emerge como um ponto a seu favor.

A leitura mais difícil

Outro cânon usado contra o texto "Bizantino" é *proclivi lectioni praestat árdua* – a leitura mais difícil seja a preferida. A base para isto é uma alegada propensão dos escribas ou copistas para simplificar ou alterar o texto quando encontravam uma suposta dificuldade ou algo que não entendiam. Mas onde está a demonstração estatística que autoriza uma tal generalização? Provavelmente, como no caso do cânon que acabamos de discutir, quando uma tal demonstração for produzida, ela provará o oposto.

Vaganay diz deste cânon:

Mas a leitura mais difícil não é sempre a mais provavelmente autêntica. A regra não se aplica, por exemplo, no caso de alguns erros acidentais. ... Mas, o que é pior, algumas vezes achamos leituras difíceis ou intrincadas que são o resultado de correções intencionais. Um copista, por entender mal certa passagem ou por não tomar o contexto em conta, pode com toda sinceridade obscurecer o que tenciona esclarecer.³

Não temos todos nós ouvido pregadores fazerem a mesma coisa?

Metzger observa a reclamação de Jerônimo: "Jerônimo reclamou dos copistas 'que escrevem não o que encontram, mas o que pensam ser o intencionado: e enquanto tentam retificar os erros dos outros, meramente expõem os seus próprios'."⁴ [Exatamente, produzindo assim leituras que nos pareceriam ser "mais difíceis", mas que são de fato espúrias.]

Depois de relatar um incidente em uma assembléia dos bispos cipriotas em 350 d.C., Metzger conclui:

Apesar da vigilância de eclesiásticos com o temperamento do Bispo Esperidião, é evidente, mesmo ao exame casual de um aparato crítico, que copistas, ofendidos por erros (reais ou imaginados) de grafia, de gramática e de veracidade histórica,

¹ N.Trads.: *Haplografia* é um erro de cópia que consiste: (a) na omissão de uma ou mais sílabas vizinhas (geralmente iguais ou similares) de um vocábulo ("semimiserável" vira "semiserável"); ou (b) na omissão de uma ou mais palavras vizinhas (geralmente homônimas ou parônimas), de uma sentença ("antes queria morrer do que ~~que~~ me acusassem de ladrão" perde um "que").

² *Ibid.*, pp. 376-77.

³ Vaganay, p. 86.

⁴ Metzger, *The Text*, p. 195.

deliberadamente introduziram mudanças no que estavam transcrevendo.¹

Muitas destas mudanças nos pareceriam ser "leituras mais difíceis", não?

Seja como for, o fato amplamente documentado que numerosas pessoas no segundo século fizeram alterações deliberadas no texto por diversas razões, quer doutrinárias quer outras, introduz uma variável imprevisível que invalida este cânon. Uma vez que uma pessoa se arroga a autoridade para alterar o texto, não há nada, em princípio, que impeça que capricho individual se intrometa ou que tome o controle – não temos maneira de saber que fatores influenciaram o originador de uma variante (quem quer que tenha sido) ou se o resultado nos pareceria ser "mais difícil" ou "mais fácil". Este cânon é simplesmente inaplicável.²

Outro problema com este cânon é sua vulnerabilidade à manipulação de uma imaginação hábil e determinada. Com engenhosidade suficiente, praticamente qualquer leitura pode ser feita parecer "convicente." Hort é um excelente exemplo deste tipo de imaginação e engenhosidade. Zuntz declarou:

O tratamento de Dr. Hort [dado] a esta e a outras evidências patrísticas para esta passagem [1Coríntios 13:3] exige uma palavra de comentário. Ninguém poderia sentir maior respeito (até reverência) por ele do que o atual escritor, mas seu tratamento desta variante, fazendo cada peça da evidência dizer o oposto do seu verdadeiro significado, mostra a que distorções mesmo um grande estudioso pode ser levado pelo apaixonado desejo de ajustar os fatos a uma teoria errônea ou, pelo menos, imperfeita. Souter, Plummer e muitos outros exibem as conseqüências da tenacidade do Dr. Hort.³

Salmon notou a mesma coisa:

Aquilo com que Hort ganhou tantos aderentes teve alguma influência adversa para comigo – quero dizer, seu extremo brilhantismo como um advogado; pois eu tenho sentido como se não existisse nenhuma leitura tão improvável à qual ele não pudesse dar boas razões para se pensar ser ela a única genuína.⁴

Samuel Hemphill escreveu a respeito do papel de Hort no Comitê do NT que produziu a *Revised Version* de 1881:

Também não é difícil entender que muitos dos seus colegas menos resolutos e decididos freqüentemente devem ter sido completamente conquistados pela capacidade persuasiva e astúcia e zelo de Hort, ... De fato, dificilmente pode ser duvidado que a vontade mais forte de toda a Companhia foi a de Hort, e sua sagaz agilidade em debate somente foi igualada pela sua pertinácia.⁵

(Pareceria que a composição do texto grego usado pelos autores da *English Revised Version* – e conseqüentemente pelos da RSV, NASB, etc. – foi em larga medida determinada

¹ *Ibid.*, p. 196.

² Para qualquer um que sentir que somos obrigados a explicar a origem de toda ou cada leitura variante peculiar, mesmo se encontrada em apenas uma ou duas cópias – especialmente se as cópias acontecem de ser B, Aleph ou um dos papiros – Burgon chama a atenção para uma obrigação correlata muito maior. "Freqüentemente ocorre que a única desculpa restante, de muitos críticos, por adotarem leituras de um certo tipo, é a natureza inexplicável dos fenômenos que estas leituras exibem. 'Como você poderia explicar uma leitura tal como a presente,' (dizem eles) 'se ela não for autêntica?' ... Eles perdem de vista a dificuldade correlata: -- Como é que o restante das cópias têm leitura diferente?" (*The Causes of the Corruption*, p. 17.)

³ Zuntz, *The Text*, p. 36.

⁴ Salmon, pp. 33-34.

⁵ S. Hemphill, *A History of the Revised Version* (London: Elliot Stock, 1906), pp. 49-50.

pelo brilhantismo e pertinácia de Hort, inspirados por sua devoção a um único manuscrito grego.)

O desempenho de Hort mostra a razoabilidade da advertência de Colwell contra a "distorção de julgamento que tão facilmente manipula os critérios de evidência interna."¹

*Harmonização*²

Alega-se amplamente que o texto "Bizantino" é caracterizado por harmonizações; e.g. Metzger diz: "Os montadores deste texto procuraram ... harmonizar passagens paralelas divergentes."³ Pela escolha desta terminologia é assumido que as variadas leituras encontradas na minoria dos MSS são originais e que copistas se sentiram impelidos a fazer relatos paralelos concordarem. Talvez seja tempo de perguntar se jamais foi (ou se pode ser) provado que tal interpretação é correta. Jakob Van Bruggen diz da declaração de Metzger, "Este julgamento não tem sido provado, e não pode sê-lo."⁴

1) Van Bruggen

Uma vez que o valioso trabalho de Van Bruggen pode não estar disponível a muitos leitores, citarei com certa extensão o seu tratamento do assunto em foco. Sua reação à declaração de Metzger continua:

Freqüentemente exemplos ilustrativos são dados para sustentarem essa caracterização negativa do texto Bizantino. Mas não seria difícil 'provar', com a ajuda de

¹ Colwell, "External Evidence," p. 2. A aplicação é minha. Colwell talvez não teria concordado com ela.

² Meus críticos graciosamente chamaram a atenção para algumas fraquezas, de fato, em meu tratamento deste tópico na primeira edição [deste livro]. Na segunda edição, a seção foi reescrita e consideravelmente aumentada. Para esta atual e considerável revisão, temos agora acesso à massiva (quatro volumes) avaliação da questão, por W.F. Wisselink. Sua obra priva os oponentes do texto "Bizantino" deste o seu último argumento.

³ Metzger, *A Textual Commentary*, p. xx.

⁴ Jakob Van Bruggen, *The Ancient Text of the New Testament* (Winnipeg: Premier, 1976), p. 30. Cf. W.F. Wisselink, *Assimilation as a Criterion for the Establishment of the Text*, 4 vols. (Kampen: Uitgeversmaatschappij J.H. Kok, 1989). Wisselink conclui: "Assimilações ocorrem em todos manuscritos. Mesmo no manuscrito B há uma questão de assimilação em 31% das 1489 variantes que foram investigadas. Em P⁷⁵ o número de assimilações é: 39% das 165 variações que foram investigadas" (p. 87). Maurice A. Robinson contribui com as seguintes questões relevantes:

- 1) Por que a forma de texto bizantina não se desenvolveu como deveria ter se desenvolvido [pela hipótese de Hort], e se mover mais consistentemente na direção de harmonização de todas passagens?
- 2) Por que, ao contrário, encontramos tantas ou mais harmonizações possíveis entre os tipos de texto minoritários do que aquilo que é alegado ter ocorrido com respeito à forma do texto bizantino?
- 3) Em adição, por que os conservadores e guardiões da tradição bizantina corretamente rejeitaram a vasta massa de tais harmonizações? A maioria delas nunca ganhou mais que um insignificante ponto de apoio que não poderia sobreviver e não o fez.
- 4) Por que, também – se harmonização foi tão comum, além de ser uma tendência popular dentro de um processo crescente e contínuo – as "antigas harmonizações" (diretas e claras) entre os representantes dos tipos de texto Alexandrino e Ocidental **não** sobreviveram à medida que o texto progrediu para dentro da era bizantina?
- 5) Por que, especialmente, harmonizações preexistentes, como as encontradas nas tradições Ocidental e Alexandrina, foram *des*armonizadas pelos copistas da era bizantina, uma vez que isto foi precisamente o oposto do que deveria ter ocorrido?

Robinson, "Two Passages in Mark: A Critical Test for the Byzantine-Priority Hypothesis," apresentado ao 46º encontro anual da E.T.S. [Evangelical Theological Society], Nov., 1994, p. 25. O leitor interessado faria bem em ler as pp. 24-34 deste artigo – Robinson desfecha várias colocações penetrantes.

exemplos cuidadosamente escolhidos de outros tipos de texto, que estes também são culpados de harmonizar, conflitar leituras, e suavizar a enunciação.¹

Kilpatrick, usando evidência estritamente interna, conclui que, "embora o texto sírio tenha seu quinhão de harmonizações, outros textos (incluindo o egípcio) também têm sofrido neste sentido. Não podemos condenar o texto sírio por harmonização. Se o fazemos, temos que condenar os outros textos também pelos mesmos motivos."²

Van Bruggen continua:

Aqui ilustrações não provam nada. Afinal de contas, pode-se, sem muita dificuldade, dar um grande número de exemplos do texto Bizantino em apoio à proposição que este texto *não* harmoniza e *não* suaviza diferenças. Em comentários, o exegeta muitas vezes fica satisfeito com o exemplo incidental, sem compará-lo com a totalidade dos dados textuais. Todavia, uma proposição sobre o *tipo* Bizantino não deve se basear em ilustrações, mas sim em argumentos provindos do texto *como um todo*. Quem quer que deseje achar tais argumentos encontrará um número de problemas e barreiras metodológicos que obstruem o caminho para a prova. Podemos aqui mencionar os seguintes pontos:

1. Metodologicamente, temos que primeiro perguntar como um 'tipo' é determinado. Isto não pode ser feito com base em leituras selecionadas, porque então a seleção logo será determinada pelo que se está tentando provar. Você só pode falar de um tipo de texto se as características que têm que distingui-lo não são incidentais, mas **sim** são encontradas ao longo de todo ele, e se elas não aparecem em outros tipos do qual ele tem que ser distinguido. Os critérios têm que ser distintivos e gerais. Quanto a este ponto, suspeita é despertada quando Hort observa que as interpolações harmonizadoras e assimiladoras no texto Bizantino são 'afortunadamente caprichosas e incompletas' (*Introduction*, p. 135). Então, será que, na verdade, Hort generalizou e tomou as características de algumas leituras como se fossem características do tipo de texto? Esta suspeita torna-se certeza quando Metzger, em seu *Textual Commentary*, tem que observar mais de uma vez que leituras não bizantinas, por exemplo, no Códice Vaticano, podem ser explicadas pelas tendências dos copistas de assimilarem e simplificarem o texto.³

Em uma nota de rodapé, Van Bruggen cita a discussão que Metzger apresenta sobre Mateus 19.3 e 19.9, João 6.14, Tiago 2.3, 4.14, 5.16 e 5.20, onde harmonização e outros esforços suavizadores são atribuídos ao Códice B e seus companheiros. Sua discussão prossegue:

O que é [dito ser] típico do texto Bizantino evidentemente não é tão exclusivo deste tipo de texto! Mas se certos fenômenos parecem ser visíveis em todos tipos de texto, então não é justo categoricamente condenar um deles e considerá-lo inferior, com base em tais fenômenos.

2. Ademais, é metodologicamente difícil falar de desvios harmonizadores e assimiladores em um texto, quando o original não é conhecido. Ou será um axioma que, em qualquer caso, o texto original foi tão desarmonioso que toda leitura harmoniosa torna-se imediatamente suspeita? Hort nos deixa sentir que ele pessoalmente não prefere um NT 'mais adequado ao estudo superficial e a recitação do que ao estudo repetido e diligente' (*Introduction*, p. 153). Mas quem, sem o original à sua

¹ *Ibid.* Cf. E.F. Hills, "Harmonizations in the Caesarean Text of Mark," *Journal of Biblical Literature*, 66 (1947), 135-152.

² Kilpatrick, p. 193.

³ Van Bruggen, pp. 30-31.

disposição, pode provar que este original tinha as características que um filologista e um crítico textual consideram ser mais recomendáveis?¹

P. Walters comenta sobre o senso de estilo de Hort como segue:

O senso de estilo de Hort, sua ideia do que era correto e preferível em cada alternativa, foi adquirido de uma íntima companhia com seu texto 'neutro'. Não lhe ocorreu que a maioria dos aspectos formais deste texto correspondeu tão bem com os padrões dele [Hort] exatamente porque estes foram tomados de seu modelo. Até aqui as decisões de Hort têm a natureza de um círculo vicioso: Nós que hoje vivemos fora deste círculo mágico, o qual manteve enfeitada uma geração, somos capazes de desmascarar a ilusão de Hort.²

Van Bruggen continua:

4. Se os editores do texto Bizantino tivessem se dispostos a harmonizar o texto e a encaixar passagens paralelas dos Evangelhos uma dentro da outra, então temos que observar que eles deixaram quase todas as suas oportunidades escapar. ... Além disso, o que parece ser harmonização, freqüentemente em uma direção diferente não é harmonização. Uma leitura pode parecer ajustada à passagem paralela em um outro Evangelho, mas então freqüentemente se desvia novamente da leitura no terceiro Evangelho. Uma leitura pode parecer ter sido tomada emprestada do relato paralelo, todavia ao mesmo tempo desafinar no contexto do próprio Evangelho. Aqui os exemplos são inumeráveis, enquanto alguém não se limitar a uns poucos textos e sim prestar atenção ao contexto e aos Evangelhos como um todo.³

Com referência a dar a devida atenção ao contexto, Van Bruggen cita um estudo onde comparou o TR com Nestle²⁵ em catorze passagens extensas, para ver se qualquer deles poderia ser caracterizado como harmonizando ou assimilando:

A comparação da edição de Stephanus (1550) com Nestle-Aland (25ª edição) levou à conclusão que o dilema 'harmonização / não harmonização' é inapropriado para distinguir ambas dessas edições de texto. Examinamos Mateus 5.1-12; 6.9-13; 13.1-20; 19.1-12; Marcos 2.18-3.6; Lucas 9.52-62; 24.1-12; João 6.22-71; Atos 18.18-19.7; 22.6-21; 1 Coríntios 7; Tiago 3.1-10; 5.10-20; Apocalipse 5. No exame comparativo, não apenas o contexto, mas também todas as passagens paralelas foram levadas em conta. Uma vez que o texto de Stephanus é intimamente aparentado com o Bizantino e a edição de Nestle-Aland é claramente não Bizantina, o resultado desta investigação também pode se aplicar à relação entre o texto Bizantino e outros tipos de texto: o dilema 'harmonização/não harmonização' ou 'assimilação/não assimilação' é inválido para distinguir *tipos* na tradição textual do NT.⁴

Isto nos lembra a observação de Burgon que decisões baseadas em considerações internas são freqüentemente "o resultado de inclinação pessoal ou de observação limitada."⁵ A este respeito, será bom considerarmos alguns exemplos.

2) Exemplos

Marcos 1:2 – Leremos "*em Isaías o profeta*", com os textos "Alexandrino-Occidental", ou

¹ *Ibid.*, pp. 31-32.

² P. Walters, *The Text of the Septuagint. Its Corruptions and their Emendation*, ed. D.W. Gooding (Cambridge: University Press, 1973), p. 21. (Citado por Van Bruggen.)

³ Van Bruggen, pp. 32-33.

⁴ *Ibid.*, p. 33.

⁵ Burgon, *The Traditional Text*, p. 67.

"*nos profetas*", com o texto "Bizantino"? Todas as edições críticas seguem a primeira leitura e Fee afirma que ela é um "claro exemplo da 'leitura mais difícil sendo preferida como a original'."¹ Eu diria que a discussão superficial de Fee é um "claro exemplo" de inclinação pessoal (para o cânon da "leitura mais difícil") e de observação limitada. Os únicos outros locais em que Isaías 40:3 é citado no NT são Mateus 3.3, Lucas 3.4 e João 1.23. Os primeiros dois são em passagens paralelas a Marcos 1.2 e todas três são idênticas à LXX. A citação em João difere da LXX em uma palavra e é também usada em conexão com João Batista. A consideração crucial, para nosso propósito aqui, é que Mateus, Lucas e João todos identificam a citação como sendo de Isaías (sem variação de MS). Parece claro que a leitura "Alexandrino-Occidental" em Marcos 1.2 é simplesmente uma assimilação aos outros três Evangelhos. Deve também ser notado que o material de Malaquias (3.1) parece mais uma alusão que uma citação direta. Ademais, embora Malaquias seja citado (ou aludido) várias vezes no NT, nunca o é por nome. Os próprios hábitos de Marcos podem também ser relevantes a esta discussão. Marcos cita Isaías em 4.12; 11.17 e 12.32 e a ele alude em cerca de dez outros locais, todos sem dar o nome de sua fonte. A única vez que ele usa o nome de Isaías é quando cita Jesus em 7.6.² É o texto "Bizantino" que escapou de harmonização e preserva a leitura original.

Marcos 10.47 -- *Ναζαρηνος* B L W D Q Y 1 lat cop
Ναζορηνος D
Ναζωραιος Byz ✠ A C (K) X P 13 pl it^{pt} syr³

//Lucas 18.37 -- *Ναζαρηνος* D 1 pc
Ναζωραιος rell

Marcos 1.24 -- *Ναζαρηνε* todos concordam

Marcos 14.67 -- *Ναζαρηνου* todos concordam

Marcos 16.6 -- *Ναζαρηνον* todos concordam, com exceção das omissões de ✠ e D.

Todas as edições críticas seguem a primeira leitura em Marcos 10.47 e interpretam a leitura "Bizantina" como uma assimilação a Lucas 18.37 (onde elas rejeitam a leitura de D). Deve ser observado, no entanto, que em todos os outros locais onde Marcos usa a palavra, a forma *-αρην-* ocorre. Não será igualmente tão possível que Códice B e companhia têm se assimilado à forma prevalectente de Marcos?⁴

Marcos 8.31 -- *μετα τρεις ημερας* todos concordam

//Mateus 16.21 -- *μετα τρεις ημερας* D al
τη τριτη ημερα rell

//Lucas 9.22 -- *μεθ ημερας τρεις* D it
τη τριτη ημερα rell

Marcos 9.31 -- *μετα τρεις ημερας* ✠ B C D L D
τη τριτη ημερα Byz Q pl

//Mateus 17.23 -- *μετα τρεις ημερας* D it
τη τριτη ημερα rell

¹ Fee, "A Critique of W.N. Pickering's *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*," *The Westminster Theological Journal*, XLI (Spring, 1979), p. 411.

² Devo a Maurice A. Robinson o material da discussão acima.

³ Seguindo o aparato crítico da série Nestle: *pc* = poucos [MSS], *al* = alguns, *pm* = muitos [a maioria], *pl* = a grande maioria, *rell* = todos os demais, *it* = itálica.

⁴ Esta discussão é adaptada de Van Bruggen, pp. 33-34.

Marcos 10.34 -- *μετα τρεις ημερας* ⚭ B C D L D Y it cop
τη τριτη ημερα Byz A^c K W X Q P 1 13 pl syr

//Mateus 10.19 -- *τη τριτη ημερα* todos concordam

//Lucas 18.33 -- *τη ημερα τη τριτη* todos concordam

Todas edições críticas seguem a primeira leitura em Marcos 9.31 e 10.34, e interpretam a leitura "Bizantina" como uma assimilação a Mateus, em ambos os casos. Mas então, por que os "Bizantinos" também não assimilaram em Marcos 8.31, onde havia a pressão de ambos Mateus e Lucas? Não será mais provável que os "Alexandrinos" façam Marcos consistente (notar que Mateus é consistente) por assimilar as duas últimas ocorrências à primeira? Notar que, neste exemplo e no precedente, é o Códice D que se engaja na atividade de assimilação mais flagrante.¹

Marcos 13.14 – Leremos "que foi dito por Daniel o profeta" com o texto "Bizantino" ou seguiremos o texto "Alexandrino-Occidental" no qual esta frase está faltando? Todas as edições críticas tomam a segunda opção e Fee nos assegura que o texto "Bizantino" tem se assimilado a Mateus 24.15, onde todas testemunhas têm a frase em questão.² Mas consideremos a própria evidência:

Mateus 24.15 -- *το ρηθεν δια Δαβιηλ του προφητου*

Marcos 13.14 -- *το ρηθεν υπο Δαβιηλ του προφητου*

Se os "Bizantinos" estavam resolvidos a copiar de Mateus, por que alteraram a redação? Se o propósito deles foi harmonizar, por que desarmonizaram, para usar a expressão de Fee? Ademais, se usarmos apenas o texto "Bizantino" e compararmos o trecho completo em ambos os Evangelhos (Mateus 24.15-22 e Marcos 13.14-20), o resultado será que, embora os dois relatos sejam virtualmente do mesmo comprimento, vêm a diferir em nada menos que um terço das palavras. A alegação de que os "Bizantinos" eram dados a harmonizar torna-se tola. Ainda mais, parece haver três claras assimilações a Marcos da parte das testemunhas "Alexandrino-Occidentais", e uma a Mateus (*επι* a *εις* em Mateus 24.15, *καταβαινετω* a *καταβατω* em Mateus 24.17, *τα ιματια* a *το ιματιον* em Mateus 24.18, e a omissão de *ων* em Marcos 13.16) mais três outras assimilações "Occidentais" (*τα* a *τι* em Mateus 24.17, *και* a *ουδ* em Marcos 13.19, e *δε* adicionado a Mateus 24.17). Mas, retornando à primeira variante, por que os "Alexandrinos" teriam omitido a frase em questão? Uma comparação da LXX de Daniel com o contexto imediato sugere uma resposta. A frase de Marcos, "onde não deve" não é encontrada em Daniel [compare Daniel 9.27; 11.31; 12.11]. Que algumas pessoas sentiram que a integridade de Marcos necessitava de proteção é claro das ações remediais esboçadas por uns poucos MSS gregos e de versões. A omissão Alexandrina pode muito bem ser uma tal tentativa.³

Para concluir, é demonstrável que todos "tipos de texto" têm muitas possíveis harmonizações. Não tem sido demonstrado que o texto "Bizantino" tem mais harmonizações

¹ Esta discussão é adaptada de Van Bruggen, p. 34. Suspeito que uma cuidadosa checagem revelará que é o texto "Occidental", não o "Bizantino", que lidera todos os outros em harmonização. Wisselink confirma isto, "*D especialmente tem sido assimilado*" (p. 87). Aqui está sua conclusão:

"Com um grau de certeza bastante grande, chegamos a esta conclusão: Assimilação não é restrita a um único grupo de manuscritos, nem a um único evangelho; em nenhum evangelho assimilação tem acontecido em um grau chocantemente elevado.

"Assim, se uma assimilação é sinalizada, nada pode ser concluído dela com respeito à idade de nenhuma variante ou ao valor de nenhum tipo de texto." (Wisselink, p. 92.)

² Fee, "A Critique," pp. 411-12.

³ Devo a Robinson o material usado na discussão acima.

possíveis ou reais do que os outros. Segue-se que "harmonização" não pode ser razoável ou responsabilmente usada para argumentar que o tipo de texto "Bizantino" é inferior.

Inferioridade

Hort não ofereceu uma demonstração estatística em apoio à sua caracterização do texto "Bizantino".¹ Metzger faz referência a von Soden como suprindo evidência adequada a esta caracterização. Depois do exame das páginas designadas,² descobrimos que não há nenhuma lista de evidência de manuscritos e nenhuma discussão. Sua lista limitada de referências alegadamente ilustrando adição ou omissão ou assimilação, etc., pode ser vista de outra forma por uma mente diferente. De fato, Kilpatrick tem argumentado pela originalidade de um considerável número de leituras Bizantinas do tipo que von Soden alistou.³

Em qualquer caso, o comprimento das listas dificilmente é satisfatório. Ninguém tem feito para o texto "Bizantino" algo mesmo remotamente próximo daquilo que Hoskier fez para Códice B, enchendo 450 páginas com uma cuidadosa discussão, um por um, de muitos dos seus erros e idiosincrasias.⁴ Como já registramos, Hort declarou o *Textus Receptus* ser "depravado" e "vil" quando só tinha vinte e três anos de idade – antes que tivesse estudado a evidência, antes que tivesse trabalhado através do texto para avaliar leituras variantes uma por uma. Você supõe que ele trouxe uma mente aberta para aquele estudo e avaliação?

Elliott e Kilpatrick professam fazer suas avaliações com uma mente aberta, sem nenhuma predileção quanto aos tipos de texto; todavia inescapavelmente usam os cânones ambíguos da evidência interna. Que concluem eles? Elliott decidiu que o texto "Bizantino" estava correto aproximadamente tão freqüentemente quanto Aleph e D, os principais representantes dos textos "Alexandrino" e "Ocidental" (nas Epístolas Pastorais).⁵ Kilpatrick afirma:

Nossa conclusão principal é que o texto Sírio é freqüentemente correto. Ele, em muitos pontos, está isento de enganos e alterações deliberadas encontrados em

¹ A caracterização de Hort é similar a descrições contemporâneas do grego Koinê nos tempos do NT: Fontes não bíblicas atestam que houve um tal estilo simples e comum de escrita e fala do grego, originando nos tempos mais primitivos do NT. Fontes tais como os papiros não bíblicos e como os Discursos de Epíteto, o filósofo estóico, atestam este estilo. Adicionalmente, há uma delineação formal do que o estilo direto deve ser, o qual tem sido datado como aproximadamente do mesmo tempo em que o NT estava sendo escrito. *Demétrio, Sobre Estilo* cita "o estilo comum" ... como um dos quatro que ele descreve e discute. ... Partes do seu tratamento deste assunto tendem a relembrar-nos das descrições do Koinê do período helenístico e do tipo de grego que se supõe caracterizar o NT. . . .

.....
A despeito da conhecida existência de um tal estilo comum como foi apresentado por Demétrio e encontrado em Epíteto, haviam aqueles, no período primitivo da Igreja e seus escritos, que escarneciam do estilo comum e falavam dele desdenhosamente, como se encontra nas Escrituras. Um desses foi o pagão Celso, que procurou refutar a fé cristã através de um ataque literário escrito em algum tempo entre 161-180 d.C. Orígenes indica que Celso ridicularizou as Escrituras por levá-las a uma comparação desfavorável com os escritos dos filósofos, em trechos onde parecia haver algum paralelo (Sturz, pp. 112-13).

² H.F. von Soden, *Die Schriften des Neuen Testaments* (2 Vols.; Gottingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911), Vol. 1, part. ii, pp. 1456-1459 (cf. 1361-1400), 1784-1878.

³ Kilpatrick, *Op. Cit.*

⁴ Hoskier, *Codex B*, Vol. I. Não consigo ver como qualquer pessoa pode ler este trabalho de Hoskier com atenção e ainda reter uma opinião elevada dos códices B e Aleph.

⁵ Elliott, pp. 241-43.

outras testemunhas. Isto significa que em cada variação temos que encarar as leituras dos manuscritos Bizantinos com a possibilidade em mente que eles podem estar corretos. Não podemos descartar suas variantes características como sendo, em princípio, inferiores.¹

A deficiência básica, tanto fundamental quanto séria, de qualquer caracterização baseada em critérios subjetivos, é que o resultado é uma mera opinião: não pode ser verificado objetivamente. Será que não existe nenhuma maneira melhor para identificar a redação original do Novo Testamento? Creio que sim, mas primeiro há mais um componente da teoria de Hort a ser analisado.

A "Recensão Luciânica" e a *Peshitta*

Burton deu a resposta suficiente a esta invenção:

No entanto, deixando de lado a improbabilidade intrínseca grosseira da suposta Recensão, a mais completa ausência de sequer uma partícula de evidência, tradicional ou não, que ela jamais ocorreu, tem que ser reputada fatal à hipótese que a Recensão tenha *realmente* existido. É simplesmente inacreditável que um incidente de tal magnitude e interesse não deixaria nenhum vestígio de si na história.²

Não adiantará alguém dizer que um argumento baseado em silêncio nada prova. Em uma questão desta "magnitude e interesse", ele é conclusivo. Kenyon também considerou esta parte da teoria de Hort como sem fundamento:

A ausência de evidência aponta noutra direção, pois seria muito estranho, se Luciano tivesse realmente editado ambos os Testamentos, que somente seu trabalho no Velho Testamento seria posteriormente mencionado. O mesmo argumento depõe contra qualquer teoria de uma revisão deliberada a qualquer momento definido. Sabemos os nomes de vários revisores da Septuaginta e da Vulgata, e seria estranho se historiadores e escritores da Igreja tivessem todos eles se omitido de registrar ou mencionar um tamanho evento como a deliberada revisão do NT em seu grego original.³

Colwell é direto: "A Vulgata Grega – o tipo de texto Bizantino ou Alfa – não teve em sua origem nenhum foco único como a latina o teve em Jerônimo."⁴ F.C. Grant está disposto a procurar no segundo século a origem do tipo de texto "Bizantino".⁵ Jacob Geerlings, que tem feito trabalho extenso em certos ramos do tipo de texto "Bizantino", afirma dele: "Sua origem, como também de outros assim chamados tipos de texto, provavelmente retrocede até os autógrafos."⁶

Em um esforço para salvar as conclusões de Hort, ao que parece, Kenyon procurou atribuir o texto "Bizantino" a uma "tendência":

Parece provável, portanto, que a revisão Síria foi, antes o resultado de uma tendência cobrindo um considerável período de tempo do que uma revisão (ou conjunto de revisões) definida e imposta autoritariamente, tais como as que produziram nossas versões *English Authorized* e *English Revised*. Temos somente que supor ser estabe-

¹ Kilpatrick, p. 205.

² Burton, *The Revision Revised*, p. 293.

³ Kenyon, *Handbook*, pp. 324-25.

⁴ Colwell, "The Origin of the Texttypes," p. 137.

⁵ F.C. Grant, "The Citation of Greek Manuscript Evidence in an Apparatus Criticus," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M.M. Parvis e A.P. Wikgren (Chicago: The University of Chicago Press, 1950), pp. 90-91.

⁶ J. Geerlings, *Family E and Its Allies in Mark* (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 1.

lecido, em círculos cristãos de Antióquia e suas vizinhanças, o princípio que, no caso de leituras divergentes serem encontradas nos textos copiados, seria melhor combiná-las do que omitir qualquer delas, e que obscuridade e aspereza de dicção seria suavizada tanto quanto possível.¹

Mas e se escolhermos não "supor" coisa alguma, mas, antes, exigir evidências? Já temos visto, do *Atlas* de Hutton, que para cada caso em que o texto "Sírio" possivelmente combina leituras divergentes, há uma centena onde ele não o faz. Que tipo de "tendência" é esta? Insistir que uma variedade de copistas separados no tempo e espaço e trabalhando independentemente, mas todos sentindo a responsabilidade de aplicar suas faculdades críticas ao texto, produziria uma uniformidade de texto tal como é exibida dentro do texto "Bizantino", parece ser pedir um pouco demais, tanto deles quanto de nós. Hodges concorda:

Será notado nesta discussão que, em lugar da ideia anterior de uma revisão específica como o ponto de origem para o texto Majoritário, alguns críticos querem agora postular a ideia de um 'processo' estendido sobre um longo período de tempo. Pode ser confiantemente predito, no entanto, que essa explanação do texto Majoritário terá que eventualmente desabar, da mesma maneira. O texto Majoritário, tem que ser lembrado, é relativamente uniforme em seu caráter geral, com comparativamente pequenas quantidades de variação entre seus principais representantes. Ninguém tem explicado ainda como um longo e lento processo, estendido tanto sobre muitos séculos como também sobre uma ampla área geográfica, e envolvendo uma multidão de copistas que freqüentemente não sabiam nada do estado do texto fora dos seus próprios mosteiros ou "scriptoria", poderia alcançar esta uniformidade geral a partir da diversidade apresentada pelas formas de texto mais antigas. Mesmo uma edição oficial do NT – promovida com sanção eclesiástica através do mundo conhecido – teria tido grande dificuldade para alcançar este resultado, como a história da *Vulgata* de Jerônimo amplamente demonstra. Mas um processo a esmo alcançar relativa estabilidade e uniformidade nas diversificadas circunstâncias textual-histórico-culturais nas quais o NT foi copiado, impõe esforços impossíveis à nossa imaginação.²

Um processo normal de transmissão textual resulta em divergência, não convergência. Uniformidade de texto é geralmente maior mais próxima da fonte e diminui ao longo da transmissão.

A evidência que se acumula parece não incomodar Metzger. Ele ainda afirmou em 1968 que o texto "Bizantino" é baseado em uma recensão preparada por Luciano.³ Há um problema adicional com essa tese.

Luciano era um ariano, e clamoroso. Será que Metzger seriamente nos convida a crer que os partidários de Atanásio vitoriosos abraçaram uma revisão ariana do NT em grego?

Quanto à *Peshitta* siríaca, novamente Burgon protestou a completa falta de evidência para as assertivas de Hort.⁴ A. Vööbus diz do esforço de Burkitt:

¹ Kenyon, *Handbook*, p. 325.

² Hodges, "A Defense of the Majority Text," p. 42. Para uma discussão adicional dos problemas confrontando a tese de "processo", ver a seção "Objecções" no Apêndice C.

³ Metzger, *The Text*, (2nd. ed., 1968), p. 212. Em 1972 ele escreveu, "Se realmente foi Luciano ...," portanto ele pode agora estar recuando daquela posição. "Patristic Evidence and the Textual Criticism of the New Testament," *New Testament Studies*, XVIII (1972), p. 385.

⁴ Burgon, *The Revision Revised*, pp. 276-77.

Burkitt tem tentado pintar o período de vida do bispo Rábula como decisivo no desenvolvimento do texto do NT na igreja síria.

Apesar da aceitação geral do axioma por ele estabelecido que 'a autoridade de Rábula garantiu um sucesso instantâneo para a nova versão revisada.' ... e que 'cópias da *Peshitta* foram rapidamente multiplicadas, ela cedo se tornou o único texto em uso eclesiástico' – este tipo de reconstrução da história textual é pura ficção sem sequer uma raspa de evidência para apoiá-la.¹

Vööbus entende que o próprio Rábula usou o tipo de texto da *Velha Siríaca*. Suas pesquisas mostram claramente que a *Peshitta* retrocede pelo menos até a metade do quarto século e que ela não foi o resultado de uma revisão imposta autoritariamente.²

Há aqui, novamente, uma dificuldade histórica adicional.

A *Peshitta* é considerada como Escritura autoritativa tanto pelos Nestorianos como pelos Monofisitas. É difícil ver como isto pode ter vindo a se passar, na hipótese que Rábula foi o autor e principal promotor da *Peshitta*. Pois Rábula era um decidido Monofisita e um determinado oponente dos Nestorianos. É quase contrário à razão, portanto, supor que os crentes Nestorianos adotariam tão rápida e tão unanimemente a obra das mãos do seu maior adversário.³

É difícil entender como homens tais como F.F. Bruce, E.C. Colwell, F.G. Kenyon, etc. puderam se permitir declarar dogmaticamente que Rábula produziu a *Peshitta*.

Conclusão

E isto completa nossa revisão da teoria crítica de W-H. Esta teoria é evidentemente errônea em cada ponto. Nossas conclusões concernentes à teoria também se aplicam necessariamente a qualquer texto grego construído a partir dela, bem como a todas aquelas versões baseadas em tais textos (e aos comentários nelas baseados).

K.W. Clark diz do texto de W-H: "A história textual postulada para o '*textus receptus*' em que agora confiamos [isto é, o Texto Crítico de W-H] tem sido explodida."⁴ Epp confessa que "simplesmente, não temos uma teoria do texto."⁵ A questão relevante é que "o estabelecimento do texto do NT pode ser alcançado apenas por uma reconstrução da história daquele texto primitivo. ..." ⁶ Colwell concorda: "Sem um conhecimento da história do texto, a leitura original não pode ser estabelecida."⁷

Nas palavras de Aland: "Agora, como no passado, não é possível crítica textual sem uma história do texto."⁸ Ou, como o próprio Hort expressou: "TODA RESTAURAÇÃO CONFIÁVEL DE TEXTOS ADULTERADOS É FUNDADA NO ESTUDO DE SUAS HISTÓRIAS."⁹

¹ A. Vööbus, *Early Versions of the New Testament* (Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954), p. 100.

² *Ibid.*, pp. 100-102. Carson me censura por não mencionar "a crítica decisiva de Matthew Black a Vööbus" (p. 112). Bem, Metzger evidentemente não a considera ser "decisiva": "A questão de quem foi que produziu a versão *Peshitta* do NT talvez nunca será solucionada. Que não foi Rábula tem sido provado pelas pesquisas de Vööbus" (*Early Versions of the New Testament* [Oxford: Clarendon Press, 1977], pp. 57-61).

³ Burgon, *The Last Twelve Verses*, p. 56. Metzger reconhece a força desta circunstância (*Loc. Cit.*).

⁴ Clark, "Today's Problems," p. 162.

⁵ Epp, p. 403.

⁶ *Ibid.*, p. 401.

⁷ Colwell, "The Greek New Testament with a Limited Apparatus," p. 37. Este tema permeia seu "Hort Redivivus."

⁸ Aland, "The Present Position," p. 731.

⁹ Westcott e Hort, p. 40.

Como já foi notado, uma das deficiências fundamentais do método eclético é que ele ignora a história do texto. Hort não a ignorou, mas o que devemos dizer da sua "visão clara e firme"¹ dela? O que Clark diz é:

A história textual que o texto de Westcott-Hort representa não mais é defensável, à luz de descobertas mais novas e de análises de texto mais completas. No esforço de construir uma história congruente, nosso fracasso sugere que estamos perdidos, que enveredamos num beco sem saída, e que apenas uma visão nova e diferente nos permitirá romper as barreiras e emergir.²

(A evidência ante nós indica que a história de Hort nunca foi defensável.)

A questão crucial permanece – *que tipo de história [do Texto] a evidência reflete?* A identificação do texto original do Novo Testamento, nosso reconhecimento dele, depende da nossa resposta!

ALGUMAS POSSÍVEIS OBJEÇÕES

Os MSS Mais Antigos Não São os Melhores?

Burgon reconheceu a "probabilidade antecedente" com estas palavras:

O testemunho mais antigo é provavelmente o melhor testemunho. Que de modo algum esta [probabilidade] sempre se concretiza também é um fato familiar. ... Contudo, permanece verdadeiro que, em qualquer ocorrência específica, até que evidência tenha sido produzida em contrário, a mais antiga de duas testemunhas pode razoavelmente ser presumida ser a testemunha melhor informada.³

Esta expectativa **a priori** parece ter sido elevada à categoria de certeza quase absoluta nas mentes de muitos críticos textuais do século XIX. O ingrediente básico do trabalho de homens tais como Tregelles, Tischendorf e Hort foi uma deferência aos MSS mais antigos, e nisto eles seguiram Lachmann.

A 'melhor' atestação, assim afirmou Lachmann, é suprida pelas testemunhas mais antigas. Posicionando-se rigorosamente a favor do mais antigo, e desconsiderando toda a evidência [mais] recente, ele assumiu as conseqüências das observações de Bengel. O material que Lachmann usou poderia, com vantagem, ter sido aumentado; mas o princípio que o texto do NT (como daquele de toda outra edição crítica) tem que ser inteiramente baseado sobre a melhor evidência disponível, foi de uma vez por todas estabelecido por ele.⁴

Notar que aqui Zuntz claramente iguala "a mais antiga" a "a melhor". Ele evidentemente exemplifica o que Oliver denominou "a crescente crença que os manuscritos mais antigos contêm o texto mais próximo do original." Oliver prossegue:

Alguns críticos recentes têm retornado ao padrão anterior de Tischendorf e Westcott e Hort: procurar o texto original nos MSS mais antigos. Críticos do início do século XX criticaram severamente esta prática do século XIX. O retorno tem sido motivado em grande parte pela descoberta de papiros que estão separados dos autógrafos por menos de dois séculos.⁵

¹ Epp, "Interlude," pp. 391-92.

² Clark, "Today's Problems," p. 161.

³ Burgon, *The Traditional Text*, p. 40.

⁴ Zuntz, *The Text*, pp. 6-7.

⁵ Oliver, "Present Trends", pp. 312-13.

Mas, a "evidência contrária" está à mão. Já vimos que a maioria das variantes mais significativas já existiram até o ano 200, portanto antes do tempo dos MSS mais antigos hoje conhecidos. A pressuposição **a priori** em favor da antigüidade é anulada pela conhecida existência de uma considerável variedade de textos deliberadamente alterados, já no segundo século. Cada testemunha tem que ser avaliada por si só. Como Colwell tão bem colocou: "a questão crucial tanto para as testemunhas iniciais como para as tardias, ainda é, 'ONDE ELAS SE ENCAIXAM DENTRO DE UMA RECONSTRUÇÃO PLAUSÍVEL DA HISTÓRIA DA TRADIÇÃO MANUSCRITA?'"¹

Geralmente concorda-se que todos os MSS mais antigos, aqueles sobre os quais nossos textos críticos são baseados, vieram do Egito.

Quando o crítico textual olha mais acuradamente para os seus materiais manuscritos mais antigos, a escassez dos seus recursos é mais completamente apreendida. Todas as testemunhas mais antigas, quer papiros ou pergaminhos, vêm apenas do Egito. Manuscritos produzidos no Egito, estendendo-se do terceiro século ao quinto, fornecem somente uma meia dúzia de testemunhas extensivas (os Papiros Beatty, e os bem conhecidos unciais, Vaticano, Sinaítico, Alexandrino, Efrém Sírio, e Freer Washington).² [A estes os papiros Bodmer precisam ser adicionados.]

Mas quais são as qualificações do Egito para se impor à nossa confiança? E quão sábio é seguir o testemunho de apenas um local? Quem achar convincente a história do texto aqui apresentada colocará pouca confiança nos MSS mais antigos.

A sua qualidade julgada por eles próprios

Deixando de lado a história da transmissão do texto, os MSS mais antigos trazem as próprias condenações nas suas faces. P⁶⁶ é largamente considerado o mais antigo manuscrito de algum tamanho. E a sua qualidade? Novamente tomo emprestado do estudo de Colwell sobre P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵. Falando "da seriedade de intento do copista e das peculiaridades do seu próprio método básico de copiar", ele continua:

Sobre estes últimos e importantíssimos assuntos, nossos três escribas estão marcadamente separados. P⁷⁵ e P⁴⁵ seriamente tencionam fazer uma boa cópia, mas é difícil de acreditar que esta foi a intenção de P⁶⁶. As quase 200 leituras sem sentido e 400 grafias itacísticas³ em P⁶⁶ são evidência de algo menos que atenção disciplinada à tarefa básica. A esta evidência de descuido têm que ser adicionadas as leituras singulares cuja origem frustra especulação, leituras que não podem receber rótulo mais exato que desleixo que leva a diversificadas leituras variantes. Uma contagem apressada mostra P⁴⁵ com 20, P⁷⁵ com 57, e P⁶⁶ com 216 leituras puramente descuidadas. Como temos visto, P⁶⁶ tem, adicionalmente, mais que duas vezes os "saltos" de [palavras] iguais para iguais, que qualquer um dos outros dois.⁴

O estudo de Colwell levou em consideração somente leituras singulares – leituras não apoiadas por nenhum outro MS. Ele localizou e revelou que P⁶⁶ tem 400 itacismos mais 482 leituras singulares outras, 40% das quais são sem sentido.⁵ "P⁶⁶ edita [i.é., introduz as

¹ Colwell, "Hort Redivivus," p. 157.

² Clark, "The Manuscripts of the Greek New Testament," p. 3.

³ N.Trads.: "itacístico" tem a ver com "itacismo", que diz respeito a erro cometido quando o copista confunde vogais e ditongos que têm pronúncia igual, ou muito parecida.

⁴ Colwell, "Scribal Habits," pp. 378-79.

⁵ *Ibid.*, pp. 374-76.

opiniões do copista], como faz com tudo o mais – de forma desleixada."¹ Em suma, P⁶⁶ é uma cópia extremamente ruim, no entanto é uma das mais antigas!

P⁷⁵ é colocado próximo a P⁶⁶ quanto à data de origem. Embora não seja tão ruim quanto P⁶⁶, dificilmente poderia ser dito que é uma boa cópia. Colwell localizou e revelou que P⁷⁵ tem cerca de 145 itacismos, mais 257 outras leituras singulares, 25% das quais são sem sentido.² Embora Colwell dê ao copista de P⁷⁵ o crédito de ter tentado produzir uma boa cópia, P⁷⁵ parece bom somente ao ser comparado com P⁶⁶. (Se você fosse copiar o Evangelho de João a mão, será que cometeria mais de 400 erros?³ Experimente e veja!) Deve ser conservado em mente que os números oferecidos por Colwell tratam somente dos erros que são propriedade exclusiva dos respectivos MSS. Estes, sem dúvida, contêm muitos outros erros que acontecem também ser encontrados em alguma(s) outra(s) testemunha(s). Em outras palavras, P⁷⁵ e P⁶⁶ são de fato ainda piores do que os números de Colwell indicam.

P⁴⁵, embora um pouco posterior quanto à data de origem, será considerado a seguir porque é o terceiro membro do estudo de Colwell. Ele localizou e revelou que P⁴⁵ tem aproximadamente 90 itacismos mais 275 outras leituras singulares, 10% das quais são sem sentido.⁴ No entanto, P⁴⁵ é mais curto que P⁶⁶ (P⁷⁵ é mais longo) e assim não é comparativamente tão melhor quanto os números podem sugerir à primeira olhadela. Colwell comenta sobre P⁴⁵:

Uma outra maneira de dizer isto é que, quando o copista de P⁴⁵ cria uma leitura singular, quase sempre ela faz sentido; quando os copistas de P⁶⁶ e P⁷⁵ criam leituras singulares, elas freqüentemente não fazem sentido e são erros óbvios. Assim P⁴⁵ tem que receber o [mau] crédito de uma densidade de mudanças intencionais muito maior do que os outros dois MSS.⁵

Como um editor, o copista de P⁴⁵ usou um machado afiado. O aspecto do seu estilo que mais chama a atenção é sua concisão. As palavras dispensáveis são dispensadas. Ele omite advérbios, adjetivos, substantivos, participios, verbos, pronomes pessoais – sem qualquer hábito compensatório de adição. Freqüentemente omite frases e cláusulas. Prefere as palavras simples às compostas. Em suma, favorece brevidade. Ele encurta o texto em pelo menos cinquenta locais, **somente contando as leituras singulares**. Mas **não** remove sílabas nem letras. Seu texto encurtado é legível.⁶

De especial significância é a possibilidade de afirmar com certeza que o copista de P⁴⁵ deliberada e extensamente encurtou o texto. Colwell lhe concede o crédito de ter tentado produzir uma boa cópia. Se por "boa" ele significa "legível", pode ser, mas se por "boa"

¹ *Ibid.*, p. 387.

² *Ibid.*, pp. 374-76.

³ Estou provavelmente sendo injusto com o copista que produziu P⁷⁵ – alguns ou muitos daqueles erros talvez estavam no exemplar do qual copiou. O fato permanece que, qualquer que seja a origem deles, P⁷⁵ contém acima de 400 erros óbvios, e pelo exercício sugerido estou tentando ajudar o leitor a visualizar quão inferiores estas cópias antigas realmente são. Carson adota um ponto de vista diferente. "Se P⁷⁵, um papiro do segundo [?] século, não é recensional, então tem que ser extremamente próximo do original ou ser extremamente adulterado. Esta última possibilidade parece ser eliminada pelo testemunho de B" (p. 117). Como assim? Se P⁷⁵ é "extremamente adulterado" e B foi copiado dele, ou algo similar, então B também tem de ser extremamente adulterado. (Hoskier fornece evidência objetiva para este efeito, em *Codex B and its Allies*.)

⁴ Colwell, "Scribal Habits," pp. 374-76.

⁵ *Ibid.*, p. 376.

⁶ *Ibid.*, p. 383.

nós significamos uma reprodução fiel do original, então P⁴⁵ é uma péssima cópia. Uma vez que P⁴⁵ contém muitas *alterações deliberadas*, somente com certas reservas pode ser chamada de "cópia".

P⁴⁶ é considerado por alguns ser tão antigo quanto P⁶⁶. O estudo de P⁴⁶ por Zuntz é bem conhecido. "Apesar da sua boa aparência (foi escrito por um copista profissional e corrigido – mas muito imperfeitamente – por um perito), de modo algum P⁴⁶ é um bom manuscrito. O copista cometeu muitos erros grosseiros. ... Minha impressão é que foi sujeito a ataques de exaustão."¹

Deve-se observar de passagem que o Códice B também é notado por sua "boa aparência", mas não deve-se presumir, conseqüentemente, tratar-se de uma boa cópia. Zuntz diz mais: "P⁴⁶ está repleto de erros grosseiros de cópia, de omissões e também adições."²

... o copista que escreveu o papiro fez seu trabalho muito mal. De suas inumeráveis falhas, somente uma fração (menos que uma em dez) foi corrigida e mesmo essa fração – como freqüentemente acontece em manuscritos – diminui progressivamente à medida que se aproxima do final do livro. Páginas inteiras foram deixadas sem qualquer correção, por mais que precisassem dela.³

Hoskier também discutiu o "grande número de omissões" que desfiguram P⁴⁶.⁴ Novamente, Zuntz diz: "Temos observado, por exemplo, que o copista de P⁴⁶ foi descuidado e lerdo, e produziu uma pobre representação de uma excelente tradição. Nem podemos atribuir a excelência básica desta tradição ao manuscrito do qual P⁴⁶ foi copiado (veremos que ele também era defeituoso)."⁵

É interessante notar que Zuntz se sente capaz de declarar que o **exemplar** de P⁴⁶ também foi defeituoso. Mas que P⁴⁶ representa "excelente tradição" é uma assertiva gratuita, baseada na teoria de Hort. Incontestável é que P⁴⁶, como se encontra, é uma cópia muito ruim – como o próprio Zuntz enfaticamente declarou.

Aland diz a respeito de P⁴⁷: "Não precisamos mencionar o fato que o manuscrito mais antigo não tem necessariamente o melhor texto. P⁴⁷, por exemplo, é de longe o mais antigo dos manuscritos que contêm todo ou quase todo o texto de Apocalipse, mas certamente não é o melhor."⁶

A sua qualidade julgada entre eles próprios

Quanto a B e \aleph , já registramos a asserção de Hoskier que estes dois MSS discordam entre si mais de 3000 vezes só nos quatro evangelhos. A lógica simples impõe a conclusão que, acima de 3000 vezes, um ou outro tem que estar errado – isto é, eles têm mais de 3000 erros entre si. (Se você fosse escrever os quatro evangelhos à mão, será que conseguiria cometer 3000 erros? ou 1500?) \aleph e B discordam, na média, em quase cada verso dos evangelhos. Tal demonstração gravemente solapa a credibilidade desses MSS.

Burgon pessoalmente colacionou os códices que, nos seus dias, eram "os cinco unciais antigos" (\aleph , A, B, C, D). Nas suas obras de forma geral ele repetidamente chama a atenção

¹ Zuntz, *The Text*, p. 18.

² *Ibid.*, p. 212.

³ *Ibid.*, p. 252.

⁴ H.C. Hoskier, "A Study of the Chester-Beatty Codex of the Pauline Epistles," *The Journal of Theological Studies*, XXXVIII (1937), p. 162.

⁵ Zuntz, *The Text*, p. 157.

⁶ Aland, "The Significance of the Papyri," p. 333.

para a *concordia discors*, a confusão e discordância prevaletentes que os unciais antigos mostram entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (Ⲱ ABCD) falsificam a Oração [dominical] do Senhor, como registrada por São Lucas, em nada menos que 45 palavras.¹ Mas tão pouco eles concordam entre si que se colocam a si próprios em 6 combinações diferentes em seus desvios do Texto Tradicional; no entanto eles nunca são capazes de concordar entre si próprios quanto a uma única leitura variante: enquanto apenas uma vez são mais que dois deles observados concordando, e este supremo ponto de união é nada menos que a omissão de um artigo. Tamanha é sua tendência excêntrica que em 32 das 45 palavras [que diferem do Texto Tradicional] eles, respectivamente, dão evidência solitária.²

Marcos 2.1-12 oferece outro exemplo:

No curso daqueles 12 versos ... acharemos existir 60 variações de leitura. ... Agora, no presente caso os 'cinco unciais antigos' **não podem ser** os depositários de uma tradição – seja ocidental ou oriental – porque **em cada verso** prestam testemunho inconsistente. Ademais, tem que ser admitido (pois esta não é uma questão de opinião, mas um óbvio caso fatural) que é irrazoável depositar confiança em tais documentos. Qual seria o pensamento em uma Corte Judicial a respeito de cinco testemunhas que, chamadas 47 vezes para ser examinadas, fossem observadas produzindo testemunho contraditório **todas as vezes**?³

Também Hort teve ocasião de notar um caso dessa *concordia discors*. Comentando sobre os quatro locais no Evangelho de Marcos onde o cantar do galo é mencionado (14.30, 68, 72a,b), ele disse: "A confusão de atestação introduzida por estas várias correntes opostas de mudanças é tão grande que, dos sete principais MSS, Ⲱ A B C D L Δ, nenhum par deles tem o mesmo texto em todos os quatro locais."⁴ Ele poderia também ter dito que nesses quatro locais os sete unciais se apresentam em **doze** combinações diferentes (e apenas A e Ⲱ concordam em três dos quatro locais). Se adicionarmos W e Θ a confusão continua a mesma, exceto que agora há treze combinações. São tais testemunhas merecedoras de crédito?

Recordando o esforço de Colwell para reconstruir um arquétipo "Alexandrino" para o primeiro capítulo de Marcos, ou códice B está errado 34 vezes somente naquele capítulo, ou então a maioria das demais testemunhas "Alexandrinas" primárias está errada (o que acaba com as pretensões do texto "Alexandrino"), e assim quanto a Ⲱ e L, etc. Ademais, Kenyon admitiu que B está "desfigurado por muitos erros grosseiros no processo de copiar".⁵ Scrivener disse de B:

Uma propriedade marcante, característica desta cópia, é o grande número de suas omissões. ... Que uma porção não pequena delas resultou de mera desatenção do copista parece evidente pela circunstância que este mesmo copista repetidamente escreveu palavras e cláusulas duas vezes em seguida, uma classe de enganos que Mai e os cotejadores raramente consideraram digno de registro, ... mas que de modo

¹ N.Trads.: como no Texto grego a oração é composta de 60 palavras, 45 representa ¾ delas.

² Burgon, *The Traditional Text*, p. 84.

³ Burgon, *The Revision Revised*, pp. 30-31.

⁴ Westcott e Hort, p. 243.

⁵ Kenyon, *Handbook*, p. 308.

algum aumenta nossa estimativa do cuidado empregado no copiar deste venerável registro do cristianismo primitivo.¹

Até mesmo Hort reconheceu que o copista de B "de modo algum alcançou um alto padrão de acurácia."² Ⲛ é, por todos os lados, reconhecido ser pior que B, em todas as maneiras.

O Códice D forma uma classe sozinho. Disse Scrivener:

O caráter interno do códice Bezae é um tema muito difícil e, na verdade, quase inesgotável. Nenhum manuscrito conhecido contém tantas interpolações ousadas e extensivas (seiscentas, é dito, somente em Atos). ... O sr. Harris, de curiosa evidência interna, como a existência no texto de uma tradução viciada de um verso de Homero, que traz sinais de ter sido retraduzido a partir de uma tradução latina, infere que o grego foi fabricado a partir do latim.³

Hort falou "da quantidade tremenda de erros que D contém."⁴ Burgon concluiu que D se aproxima mais de um *Targum* [comentário] do que de uma cópia.⁵

A sua qualidade julgada pela Igreja antiga

Se estes são nossos melhores MSS podemos todos concordar com os que insistem em que a recuperação das palavras originais do NT grego é impossível, e voltar nossas mentes para outros empreendimentos. Mas a evidência indica que os MSS mais antigos são os piores. É claro que a Igreja em geral não propagou o tipo de texto encontrado nos MSS mais antigos, o que demonstra que eles não eram tidos em alta estima nos seus dias.

Considere o assim chamado tipo de texto "Ocidental". Nos evangelhos ele é representado essencialmente por um MS grego, o Códice Bezae (D, 05), mais as versões em latim (mais ou menos). Tanto é assim que por muitos anos nenhum texto crítico utiliza um símbolo para representar "Ocidental". Aliás, K. e B. Aland agora se referem ao "texto Ocidental" simplesmente como o texto "D" (a designação é objetiva, pelo menos). A Igreja universal simplesmente recusou-se a copiar, ou a propagar de qualquer outro modo esse tipo de texto. Também, a *Vulgata* latina não pode ser legitimamente reivindicada para o "Texto Ocidental" – ela é mais "Bizantina" que qualquer outra coisa (relembrar que ela foi traduzida no 4º século).

Considere o assim chamado tipo de texto "Alexandrino". Em tempos recentes, tampouco os textos da UBS ou de Nestle utilizam um símbolo para representar "Alexandrino" (usam somente para o "Bizantino"). F. Wisse cotejou e analisou 1.386 MSS para os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas.⁶ Com base em mosaicos de leituras compartilhados ele foi capaz de agrupar os MSS em famílias, [sendo] 15 grupos "principais" e 22 grupos menores. A um dos principais ele chama de "Egípcio" ("Alexandrino") – ele é constituído de precisamente quatro unciais e quatro cursivos, mais outros dois de cada que são "Egípcios" em um dos três capítulos. Arredondando para 10, temos meramente dez num total de 1386 MSS – menos que 1%!

Novamente, a Igreja universal simplesmente recusou-se a copiar, ou de qualquer outro modo propagar, aquele tipo de texto. Códice B não tem nenhum "filho". Códice Ⲛ não

¹ Scrivener, *A Plain Introduction*, I, 120.

² Westcott e Hort, p. 233.

³ Scrivener, *A Plain Introduction*, I, 130. Ver Rendel Harris, *A Study of the Codex Bezae* (1891).

⁴ Westcott e Hort, p. 149.

⁵ Burgon, *The Traditional Text*, pp. 185-90.

⁶ F. Wisse, *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

tem nenhum "filho" – de fato, ele é tão ruim que, no decorrer dos séculos, algo como 14 pessoas diferentes trabalharam com ele, tentando consertá-lo (mas ninguém o copiou). Relembre o estudo de Colwell onde ele tentou chegar ao arquétipo do texto "Alexandrino" no primeiro capítulo de Marcos, com base nos 13 MSS que se presumia representar esse tipo de texto. Eles eram tão díspares que Colwell descartou os sete "piores", e então tentou seu experimento usando os seis remanescentes. Mesmo assim os resultados foram tão ruins – Códice B divergiu do texto médio 34 vezes (somente em um capítulo) – que Colwell colocou as mãos na cabeça e declarou que um tal arquétipo nunca existiu. Se Colwell está correto, então o tipo de texto "Alexandrino" não pode representar o Autógrafo. O Autógrafo é o arquétipo supremo, e ele realmente existiu.

Considere um detalhe a mais. Zuntz diz do copista de P⁴⁶:

De suas inúmeras falhas, somente uma fração (menos que uma em dez) foi corrigida, e mesmo essa fração – como freqüentemente acontece em manuscritos – diminui progressivamente à medida que se aproxima do final do livro. Páginas inteiras foram deixadas sem qualquer correção, por mais que precisassem dela.¹

Algo similar ocorre em P⁶⁶. Por que? Provavelmente porque o corretor esgotou sua esperança, desistiu. Talvez ele viu que a cópia era tão desesperançosamente má que ninguém quereria usá-la, mesmo se ele pudesse remendá-la. Também deve-se notar que, embora muitos cotejos e discussões de MSS ignorem erros de grafia, para uma pessoa no ano 250 desejosa de **usar** uma cópia (para estudos devocionais ou o que seja), erros de grafia seriam tão irritantes e distrativos quanto erros mais sérios. Uma cópia como P⁶⁶, com aproximadamente dois erros por verso, seria detestada e posta de lado.

Ademais, como poderiam os MSS antigos ter sobrevivido por 1500 anos se eles tivessem sido usados? (Em minha curta vida já desgastei várias Bíblias pelo uso intenso.) Considerando a relativa dificuldade para adquirir cópias naqueles dias (dispendiosas, feitas à mão), qualquer cópia digna teria sido usada até acabar, pelo uso. Isto nos traz à próxima possível objeção.

Por Que Não Há MSS 'bizantinos' Dos Primeiros Séculos?

Por que poderia ou deveria haver? Exigir que um MS sobreviva por 1500 anos é efetivamente exigir tanto que tenha permanecido sem ser usado e que tenha sido armazenado no Egito (ou Qumran). Mesmo um MS não usado requereria um clima árido para durar tanto tempo.

Mas é qualquer dessas exigências razoável? A não ser que existissem pessoas tão ricas a ponto de serem capazes de fazer proliferar cópias das Escrituras apenas para seu bem-estar ou diversão, cópias seriam feitas sob encomenda, para serem **usadas**. À medida que o uso do grego foi se extinguindo no Egito, a procura por Escrituras em grego também foi morrendo, e portanto não devemos esperar encontrar muitos MSS gregos no Egito.

Não se deve presumir, no entanto, que o Texto "Bizantino" não foi usado no Egito. Embora nenhum dos papiros antigos possa razoavelmente ser chamado "Bizantino", cada um deles contém leituras "Bizantinas". O caso de P⁶⁶ é muito eloqüente. A primeira mão foi extensivamente corrigida, e ambas as mãos são datadas em torno de 200 d.C. A 1ª mão é quase metade "Bizantina" (cerca de 47%), mas a 2ª normalmente muda leituras "Bizantinas" para "Alexandrinas" e vice-versa (i.é., muda leituras "Alexandrinas" para "Bizantinas"), repetidamente. Isto significa que eles [copista e revisor] haviam de ter dois

¹ Zuntz, *The Text*, p. 252.

exemplares,¹ um "Alexandrino" e um "Bizantino" – entre as duas mãos o Texto "Bizantino" recebe considerável atestação.

Considere o caso do códice B e P⁷⁵; é dito que eles concordam 82% das vezes (fato sem precedentes para MSS "Alexandrinos", mas bastante pobre para "Bizantinos"). Mas, e a discrepância de 18%? Quando P⁷⁵ e B discordam, na maioria das vezes um ou o outro concorda com a leitura "Bizantina". Se eles vêm de uma fonte em comum, aquela fonte teria sido mais "Bizantina" que qualquer dos descendentes. Mesmo as versões coptas concordam com o Texto "Bizantino" tão freqüentemente quanto discordam.

"Filhos órfãos"

O estudo e as conclusões de Lake, Blake, e New, já discutidos em uma seção prévia, são de especial interesse aqui. Eles procuraram evidência de genealogia direta e não encontraram praticamente nenhuma. Eu repito sua conclusão.

“... os manuscritos que temos são, quase todos, filhos órfãos, sem irmãos ou irmãs.

Tomando este fato em consideração juntamente com o resultado negativo da nossa colação de MSS em Sinai, Patmos, e Jerusalém, é difícil resistir à conclusão que os copistas habitualmente destruíam seus exemplares quando tinham copiado os livros sagrados.”²

Será irrazoável supor que uma vez que um MS velho se tornou esfarrapado e quase ilegível em certos locais, os fiéis fariam uma exata cópia dele e então o destruiriam, ao invés de permitir a indignidade dele literalmente ir se decompondo [até completa destruição]? Que poderia tal prática acarretar às nossas chances de encontrar um MS "Bizantino" bem antigo? Quem objetar a esta conclusão ainda terá que explicar o fato de que em três bibliotecas monásticas antigas equipadas com *scriptória* (salas desenhadas para facilitar o copiar fiel de MSS), só há "filhos órfãos". Por que não há nenhum pai?!

¹ N.Trads.: "Exemplar" é o manuscrito a partir do qual o escriba produz sua "cópia".

² Lake, Blake e New, p. 349. D.A. Carson oferece a seguinte resposta a esta sugestão: "As respostas a esta teoria engenhosa são óbvias: (1) Se apenas uma cópia fosse feita antes que o exemplar fosse destruído, não haveria nunca mais que uma cópia sobrevivente do NT grego! (2) Se várias cópias foram feitas de um exemplar, então (a) não foram todas elas feitas ao mesmo tempo e portanto, afinal de contas, a destruição do exemplar não foi uma prática comum; ou (b) as cópias foram todas elas feitas ao mesmo tempo. (3) Se a última hipótese prevalece, então deve ser possível identificar a relação de irmãos entre as cópias; todavia, tal identificação é de fato tão difícil e precária quanto a identificação da relação exemplar-cópia entre os manuscritos. Isto provavelmente significa que temos perdido uma porção de manuscritos; e/ou significa que as divergências entre cópia e exemplar, como também entre cópia e cópia-irmã, são freqüentemente difíceis de detectar. (4) Por que não há **nenhuma** cópia do texto Bizantino antes de cerca de 350 d.C., e **tantas** [ênfase de Carson] daí em diante? Esta anomalia, poderia ser argumentado, demonstra que a prática de destruir o exemplar morreu durante o quarto século" (*The King James Version Debate*, Grand Rapids: Baker Book House, 1979, pp. 47-48).

Talvez seja até bom que Lake não pode mais comentar sobre esta declaração extraordinária. Se posso presumir responder por ele, me parece evidente que o que Lake encontrou foi a ponta final do novelo, a última geração de cópias. Nem Lake nem ninguém tem sugerido que apenas uma cópia seria feita de qualquer exemplar, mas que, após uma vida de uso e de ser copiado, um MS gasto e esfarrapado seria destruído. O ponto (4) de Carson é difícil de acreditar. Lake, Blake e New estavam examinando MSS minúsculos, provavelmente nenhum deles anterior ao décimo século – eles tinham que ser copiados de algo, e é um fato que Lake e seus companheiros não encontraram nenhum dos "pais" deles. Carson não oferece nenhuma explicação deste *fato*. E que devemos entender da sua estranha observação a respeito de MSS "Bizantinos" antes e depois de 350 d.C.? Não há nenhum MS "Bizantino" do quarto século, a não ser que W (Mateus) seja lá colocado; há dois MSS parcialmente "Bizantinos" do quinto, e uma corrente gradualmente se expandindo no decorrer dos séculos subseqüentes. É apenas quando chegamos à era dos minúsculos que encontramos "tantos". Favor ver a próxima seção, "o processo de transliteração do século nono", para descobrir o porquê.

Van Bruggen aborda o problema de uma direção ligeiramente diferente. Ele diz do Texto "Bizantino":

O fato que esta forma de texto se faz conhecida a nós por meio de MSS mais recentes não é, como tal, nenhuma prova de que seja um tipo de texto tardio, mas parece se tornar uma prova quando ao mesmo tempo um texto diferente é encontrado em todos os manuscritos mais antigos. A combinação destas duas coisas parece oferecer prova decisiva para a origem tardia do Texto Tradicional.¹

Ele responde à "prova aparente" da seguinte maneira:

Façamo-nos conscientes do **que** temos pressuposto com este argumento aparentemente convincente. Que condições têm que ser satisfeitas se desejarmos conceder o prêmio aos maiúsculos mais velhos? Enquanto fizemos esta pergunta assumimos, quer ou não o desejássemos, que éramos capazes de fazer uma comparação imparcial entre MSS de um período anterior e aqueles de um período posterior. Afinal de contas, somente se esta hipótese for verdadeira é que podemos chegar a asserções categóricas. Imagine que alguém dissesse: 'na Idade Média foram construídas principalmente catedrais, mas em tempos modernos muitas igrejas pequenas e mais simples estão sendo construídas.' Esta declaração parece completamente verdadeira quando hoje olhamos ao redor nas cidades e aldeias. Todavia estamos em erro. Um erro compreensível: muitas pequenas igrejas da Idade Média têm desaparecido, e geralmente somente as catedrais foram restauradas. Portanto, surge uma grande falsificação histórica de perspectiva com respeito à história da construção de igrejas. Não podemos fazer uma assertiva genérica sobre construção de igrejas na Idade Média, baseados nos materiais sobreviventes. Se ainda ousássemos fazer uma tal asserção, então erroneamente assumimos que os materiais sobreviventes nos capacitaram a fazer uma comparação imparcial. Mas como é a situação no campo dos manuscritos do NT? Temos um número **representativo** de manuscritos dos primeiros séculos? Somente se esta hipótese for verdadeira é que temos o direito de fazer conclusões e declarações categóricas. Todavia é exatamente neste ponto que as dificuldades surgem. A situação é mesmo tal que sabemos com certeza que **não** possuímos um número representativo de manuscritos dos primeiros séculos.²

A conclusão de Lake, Blake e New reflete uma outra consideração. A idade do manuscrito não deve ser confundida com a idade do texto que ele exhibe. Qualquer cópia, por definição, contém um texto que é mais velho que ela. Nas palavras de Burgon, a cópia "representa um MS, ou uma linhagem de MSS, mais antigos que ela própria, e não é senão justo supor que ela exercita tal representação com acurácia razoável."³

O processo de transliteração no século IX

Van Bruggen discute ainda outra consideração relevante.

Na Codicologia é reconhecido o grande valor do processo de transliteração no século IX e depois. Naquele tempo, os manuscritos mais importantes do NT, escritos em maiúsculas, foram cuidadosamente transcritos para a escrita minúscula. Presume-se que depois deste processo de transliteração os [MSS] maiúsculos foram retirados de circulação. ... A importância deste dado não tem sido suficientemente tomada em consideração na crítica textual presente do NT; pois o fato implica que apenas os MSS

¹ Van Bruggen, p. 24.

² *Ibid.*, p. 25.

³ Burgon, *The Traditional Text*, p. 47.

mais velhos, melhores e mais comumente usados nos chegam às mãos na nova roupagem da escrita minúscula, não é? Isto é ainda mais convincente uma vez que parece que vários arquétipos podem ser detectados neste processo de transliteração para o NT. Assim, não recebemos um manuscrito-progenitor através das comportas da transliteração, mas sim vários. Os originais, no entanto, desapareceram! Isto lança uma luz totalmente diferente sobre a situação com a qual estamos confrontados com respeito aos manuscritos. Por que os antigos manuscritos sobreviventes mostram um outro tipo de texto? Porque são os únicos sobreviventes da sua geração, e porque sobreviveram devido ao fato que eram de um tipo diferente. Embora alguém continue a sustentar que os copistas do tempo da transliteração transmitiram para a Idade Média um tipo de texto errado, todavia nunca poderá provar isto codicologicamente com a observação que os maiúsculos mais velhos têm um texto diferente. Isto seria raciocinar em círculo vicioso.¹ Certamente existiram maiúsculos exatamente tão veneráveis e antigos quanto os sobreviventes Vaticano e Sinaítico, e que, como uma seção do Alexandrino, apresentavam um Texto Bizantino. Mas eles foram renovados na forma de escrita minúscula e sua aparência maiúscula desapareceu. Historicamente, **parece** que os manuscritos maiúsculos mais antigos contêm exclusivamente um texto não-bizantino, mas esta perspectiva é falsificada, exatamente como aquela sobre a construção de igrejas na Idade Média e no presente.²

A significância do processo de transliteração foi explicada por A. Dain como segue: "A cópia transliterada, cuidadosamente escrita e firmemente encadernada, tornou-se o ponto de referência para a tradição subsequente. Os velhos exemplares em papiro e pergaminho que tinham sido copiados, sem dúvidas bastante desgastados, não foram mais de interesse e geralmente foram descartados ou destruídos."³ Aparentemente houve um movimento organizado para "transliterar" MSS unciais para a forma ou caligrafia minúscula. Notar que Dain concorda com Lake que os exemplares "desgastados" foram então destruídos (alguns podem ter sido "reciclados", tornando-se *palimpsestos*). E se aqueles exemplares foram antigos unciais "Bizantinos"? Aliás, pensando melhor, eles têm que tê-lo sido, uma vez que os cursivos são "Bizantinos". (Se o 'filho' é bizantino é porque o 'pai' foi bizantino.)

C.H. Roberts comenta sobre uma prática dos antigos cristãos que teria tido um efeito similar.

Era um hábito judaico conservar manuscritos pondo-os em jarras ... e também, descartar escrituras heréticas, desgastadas ou defeituosas enterrando-as próximo a um cemitério; não para preservá-las, mas porque qualquer coisa que pudesse conter o nome de Deus não poderia ser destruída. ... Certamente parece que esta instituição de um necrotério para MSS sagrados mas não desejados foi emprestada do judaísmo pela Igreja antiga.⁴

Notar que o efeito desta prática em qualquer clima não árido seria a decomposição dos MSS. Se exemplares "Bizantinos", desgastados pelo uso, foram descartados desta maneira (como parece provável), certamente pereceriam. Tudo isso reduz nossas chances de encontrar MSS "Bizantinos" realmente antigos. Mas isto também não é tudo.

¹ N.Trads.: "Raciocinar em círculos" é falsamente "provar" uma tese usando argumentos que, por sua vez, a assumem como verdadeira.

² Van Bruggen, pp. 26-27.

³ A. Dain, *Les Manuscrits* (Paris, 1949), p. 115.

⁴ C.H. Roberts, p. 7.

Repressão imperial ao NT

Há uma consideração adicional. "É historicamente certo que o texto do NT enfrentou um período muito difícil nos primeiros séculos. Muitas edições do texto, boas e oficiais, foram confiscadas e destruídas pelas autoridades durante o tempo das perseguições."¹

Roberts refere-se à "habitual requisição e destruição de livros pelas autoridades em tempos de perseguição, tantas vezes registradas nos atos dos mártires."² Tal atividade oficial parece ter chegado a um apogeu na campanha de Diocleciano para destruir os manuscritos do NT, em torno de 300 d.C.

Se houve qualquer trauma na história da transmissão normal do texto, foi este; ainda mais que a campanha evidentemente foi concentrada na área Egéia. Muitos MSS foram descobertos ou entregues e queimados, mas outros certamente escaparam. Que muitos cristãos não teriam poupado nenhum esforço para esconder e preservar suas cópias das Escrituras é demonstrado pela atitude deles para com aqueles que desprezaram e entregaram seus MSS – o cisma Donatista, que imediatamente seguiu à campanha de Diocleciano, se prendeu em parte à questão da punição dos que tinham entregue MSS. Os cristãos cuja completa devoção às Escrituras foi assim demonstrada seriam também exatamente os mais cuidadosos quanto à linhagem dos seus próprios MSS; do mesmo modo que eles se esforçaram para proteger seus MSS, eles presumivelmente teriam se esforçado para assegurar que seus MSS preservavam a verdadeira redação.

De fato, a campanha de Diocleciano pode mesmo ter tido um efeito purificador sobre a transmissão do texto. Se a atitude de desconsideração pelo texto, refletida na disposição de alguns para entregar seus MSS, também se estendeu à qualidade de texto que estavam dispostos a usar, então podem ter sido principalmente os MSS mais contaminados que foram destruídos, deixando os mais puros para repovoar a terra.³ Mas estes MSS puros sobreviventes teriam ficado em demanda extraordinariamente pesada, para serem copiados (a fim de repor os que foram destruídos) e teriam se desgastado mais rápido que o normal.

Em suma, se a história da transmissão aqui apresentada é válida, não seria de esperar, necessariamente, encontrarmos quaisquer MSS "Bizantinos" mais antigos. Eles teriam se desgastado pelo muito uso. (Mas o texto que continham seria preservado por seus descendentes.) Uma analogia é fornecida pelo destino da *Bíblia Pauperum* [Bíblia dos Pobres], no século XV.

A Bíblia Pauperum

De todas as obras Xilográficas (isto é, aquelas impressas a partir de blocos de madeira) a *BIBLIA PAUPERUM* é talvez a mais rara, como também a mais antiga; é um manual ou um tipo de catecismo da Bíblia, para o uso de jovens e do povo comum, de onde deriva seu nome – *Bíblia Pauperum* – 'A Bíblia dos Pobres'. Assim, os pobres podiam adquirir, por um preço comparativamente baixo, um conhecimento imperfeito de alguns dos eventos registrados nas Escrituras. Sendo muito usadas, as poucas cópias

¹ Van Bruggen, p. 29. Ver Eusébio, *Historia Ecclesiastica* VIII, II, 1.4 e F.H.A. Scrivener, "A Plain Introduction," pp. 265-66.

² Roberts, p. 8.

³ Houve aqui uma excelente oportunidade para os textos "Alexandrino" e "Ocidental" progredirem e ganhar "espaço" às custas do "Bizantino", mas tal não ocorreu. A Igreja rejeitou aqueles tipos de texto. Como podem os críticos modernos possivelmente estar em uma melhor posição para identificar o verdadeiro texto do que esteve a Igreja universal no início do 4º século?

que podem hoje ser encontradas nas bibliotecas dos curiosos estão na sua maior parte mutiladas ou em más condições. A extrema raridade deste livro, e as circunstâncias sob as quais foi produzido, concorrem para lhe conferir um alto grau de interesse.¹

Embora tenha passado por cinco edições, presumivelmente totalizando milhares de cópias, era tão popular que as cópias foram destruídas pelo uso. Sustento que a mesma coisa aconteceu com os antigos MSS "Bizantinos".

Acrescentando a tudo isto a discussão, na seção anterior, da qualidade dos MSS mais antigos, a antigüidade de um MS bem que pode despertar nossas suspeitas – por que ele sobreviveu? E isso nos leva a uma terceira possível objeção.

"Mas Não Há Evidência do Texto Bizantino Nos Primeiros Séculos"

Embora Hort e Kenyon tenham declarado claramente que nenhuma "leitura síria" existiu antes, digamos, de 250 d.C., seus atuais seguidores têm sido obrigados pelos antigos papiros a retroceder para a declaração mais fraca que é a junção de todas as leituras, o texto "Bizantino" ("sírio"), que não tinha existência antiga. Ehrman declara a posição tão grosseiramente quanto qualquer um: "De qualquer local do mundo Cristão mais antigo, nenhum pai que escrevia em grego, nenhum pai que escrevia em latim, ou em siríaco, e nenhuma versão antiga do NT, dá evidência da existência do texto sírio antes do quarto século."²

Evidência oriunda dos pais da Igreja primitiva

Esta questão já recebeu alguma atenção no capítulo 3 ("Leituras sírias antes de Crisóstomo"), mas K. Aland nos oferece certa evidência nova e fascinante. Em "The Text of the Church?" ele oferece uma tabulação de citações patrísticas do NT.³ A significância da evidência é de algum modo obscurecida pela apresentação, que parece ser um pouco tendenciosa. O arranjo das palavras é tal que leva o leitor desatento a uma impressão exagerada sobre a evidência contra o Texto Majoritário. Por exemplo, Orígenes é dito ser: "55% contra o Texto Majoritário (30% das quais mostra concordância com o 'Texto Egípcio'), 28% comum a ambos os textos, e 17% pró o Texto Majoritário." $55 + 28 + 17 = 100$. O problema repousa em "das quais". No uso normal do inglês este "of which" refere-se aos 55% (não aos 100%); assim temos que calcular 30% de 55%, o que nos dá 16.5% (do total). 55 menos 16.5 deixam 38.5% que não são nem Egípcio nem Majoritário, e portanto são "outros". Tabularei as estatísticas inambiguamente, seguindo esta interpretação.

Pai	Data	Somente Egípcio	Egípcio e Majoritário	Somente Majoritário	Outros (-EM)	Número de passagens
Marcião	(160?)	23%	10%	18%	49%	94
Ireneu	(d.202) ⁴	16%	16.5%	16.5%	51%	181
Clemente de Alex.	(d.215)	13.5%	29%	15%	42.5%	161
Hipólito	(d.235)	14.5%	31%	19%	46.5%	33**

¹ T.H. Horne, *An Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*, 4th American edition (4 vols.; Philadelphia: E. Little, 1831), vol. II, p. 217. Foi Maurice Robinson que chamou minha atenção para este material.

² Ehrman, p. 72.

³ K. Aland, "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:131-144 [realmente publicado em 1989], p. 139.

⁴ (d.202) significa que morreu em 202 d.C.

		13.5%	18%	21%	43.5%	21
		14.5%	18%	21%	46.5%	33
Orígenes	(d.254)	16.5%	28%	17%	38.5%	459
Metódio	(280?)	12.5%	31%	19%	37.5%	32
Adamâncio	(d.300)	11.5%	21%	31%	36.5%	29
Astério	(d.341)	---	40%	50%	10%	30
Basílio	(d.379)	2.5%	39%	40%	18.5%	249
Const. Apostólicas	(380?)	3%	33%	41%	23%	46
Epifânio	(d.403)	11%	33%	41%	37%	114**
		11%	30%	22%	37%	114
Crisóstomo	(d.407)	2%	38%	40.5%	19.5%	915
Severiano	(d.408)	3%	37%	30%	30%	91
Teodoro Mopsuéstia	(d.428)	4.5%	29%	39%	27.5%	28
Marcus Eremita	(d.430)	5.5%	35%	35%	24.5%	37
Teódoto	(d.445)	3%	37.5%	37.5%	22%	16
Hesíquio	(d.450)	3.5%	37%	33%	26.5%	84
Teodoreto	(d.466)	1%	41%	42%	16%	481
João Damasceno	(d.749)	2%	40%	40%	18%	63

** (Com referência a Hipólito e Epifânio, a primeira linha reflete as estatísticas fornecidas no artigo de Aland, mas elas não totalizam 100%. A segunda linha reflete as estatísticas fornecidas em um rascunho distribuído pela *American Bible Society* antes da publicação do mesmo artigo. Para Epifânio, a segunda linha é provavelmente correta, uma vez que totaliza 100% – os percentuais 33 e 41 foram provavelmente copiados da linha acima. Para Hipólito a segunda linha também não totaliza 100, assim somos obrigados a fazer uma pequena crítica textual para ver se podemos recuperar o original. A terceira linha dá a minha conjectura – os percentuais 31 e 19 foram provavelmente emprestados da linha abaixo [no artigo de Aland, Metódio é colocado antes de Orígenes – eu os coloco em ordem cronológica]. Seis erros do rascunho pré-publicação foram corrigidos, mas outros quatro foram criados.)

Uma coisa torna-se aparente em um relance. Com a única exceção de Marcião, cada pai usou o Texto Majoritário **mais do que** o Egípcio. Mesmo com Clemente e Orígenes (no Egito, portanto), o Texto Majoritário é preferido sobre o Egípcio, e pelo final do terceiro século a preferência é clara. Isto é surpreendente, porque vai contra quase tudo que temos sido ensinados durante todo o século XX. Talvez tenhamos entendido mal a declaração de Aland? Retornando a Orígenes, somos ditos que ele é "55% contra o Texto Majoritário (30% das quais mostra concordância com o 'Texto Egípcio'), ..." Pensando melhor, o "of which" provavelmente deve referir-se ao total. Neste caso, uma maneira menos ambígua de apresentar as estatísticas seria dizer: "30% concordando com o Texto Egípcio, 17% com o Majoritário, 28% com ambos o Majoritário e o Egípcio e 25% diferindo de ambos." Tabulei suas estatísticas desta maneira, usando "outros" para a última categoria.

Pai	Data	Somente Egípcio	Egípcio e Majoritário	Somente Majoritário	Outros (-EM)	Número de passagens
Marcião	(160?)	32%	10%	18%	40%	94
Ireneu	(d.202)	24%	16.5%	16.5%	43%	181
Clemente Alex.	(d.215)	24%	29%	15%	32%	161
Hipólito	(d.235)	24%	18%	21%	37%	33
Orígenes	(d.254)	30%	28%	17%	25%	459
Metódio	(280?)	25%	31%	19%	25%	32

Adamâncio	(d.300)	24%	21%	31%	24%	29
Astério	(d.341)	---	40%	50%	10%	30
Basílio	(d.379)	11%	39%	40%	10%	249
Const. Apost.	(380?)	11%	33%	41%	15%	46
Epifânio	(d.403)	23%	30%	22%	25%	114
Crisóstomo	(d.407)	8.5%	38%	40.5%	13%	915
Severiano	(d.408)	9%	37%	30%	24%	91
Teodoro Mops.	(d.428)	14%	29%	39%	18%	28
Marcus Erem.	(d.430)	19%	35%	35%	11%	37
Teódoto	(d.445)	12.5%	37.5%	37.5%	12.5%	16
Hesíquio	(d.450)	12%	37%	33%	18%	84
Teodoreto	(d.466)	6%	41%	42%	11%	481
João Damasceno	(d.749)	11%	40%	40%	9%	63

(Imagino que este segundo quadro é mais provavelmente aquele que Aland intencionou; nele, portanto, basear-se-á qualquer discussão subsequente da evidência desses pais antigos.)

Algo que Aland não explica, mas que absolutamente exige nossa atenção, é o ponto ao qual estes pais antigos aparentemente não citaram nem o texto Egípcio nem o Maioritário – uma maioria simples para os primeiros quatro pais. Deve isto ser interpretado como evidência contra a autenticidade tanto do texto Majoritário quanto do Egípcio? Provavelmente não, pela seguinte razão: Uma cuidadosa distinção precisa ser feita entre menção, citação e transcrição. Uma pessoa responsável, transcrevendo uma cópia, terá o exemplar diante de si e tentará reproduzi-lo exatamente. Uma pessoa citando um verso ou dois de memória é sujeito a uma variedade de truques da mente e pode criar novas leituras que não vêm de nenhuma tradição textual. Uma pessoa mencionando um texto em um sermão, comumente variará o arranjo das palavras para efeito retórico. Toda citação patrística precisa ser avaliada com estas distinções em mente e não deve ser empurrada além dos seus limites.

Evidência oriunda de Clemente de Alexandria

Quero explorar esta questão um pouco mais, avaliando uma cópia de Marcos 10.17-31 feita por Clemente de Alexandria. O texto é tomado de três edições: *Clement of Alexandria*, ed. G.W. Butterworth (Harvard University Press, 1939 [The Loeb Classical Library]); *Clemens Alexandrinus*, ed. Otto Stahlin (Berlin: Akademie-Verlag, 1970); the Library of Greek Fathers (Athens, 1956, vol. 8). O texto de Clemente é comparado com o da UBS³ (considerado um representante do texto Egípcio), com o Texto Majoritário de H-F (representante do texto Bizantino), e com o Códice D (representante do texto “Ocidental”). O texto grego de cada uma dessas quatro fontes foi arranjado de modo a facilitar a comparação e é fornecido nas páginas seguintes. As quatro linhas em cada conjunto são sempre dadas na mesma ordem: em primeiro lugar Clemente [onde as três edições não estão em completa concordância, eu sigo duas contra uma], em segundo o Texto Majoritário, em terceiro UBS³ e em quarto o Códice D. O resultado é interessante e, penso eu, instrutivo.

Clem. 17)	---	εκπορευομενω	αυτω	εις	οδον	προσελθων	τις	---	εγονυπετει	---	---	---							
TM		και	εκπορευομενου	αυτου	εις	οδον	προσδραμων	εις	και	γονυπετησας	αυτον	επηρωτα	αυτον						
UBS		“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“						
Bezae		“	“	“	“	“	“	“	“	γονυπετων	“	ηρωτα	“						
λεγων		διδασκαλε	αγαθε	τι	αγαθον	ποιησω	ινα	ζωην	αιωνιον	κληρονομησω	18)	ο	δε	Ιησους	λεγει	---	τι		
---		“	“	“	---	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	ειπεν	αυτω	τι
---		“	“	“	---	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“
λεγων		“	“	“	---	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“	“

passagem, Clemente é mais próximo do tipo de texto Bizantino do que do Egípcio. (24 das 26 concordâncias de UBS³ com Clemente são comuns com o TM.)

Há tempos, o Códice D é notório por sua “excentricidade”, e esta passagem provê um eloqüente exemplo disto. Mas, comparado a Clemente, o códice parece quase inofensivo. Eu diria que Clemente tem acima de 60 erros (envolvendo acima de 120 palavras) nestes 15 versos, ou uma média de quatro erros por verso! Como devemos explicar tamanho espetáculo?

A sabedoria convencional argumentaria que, em uma passagem tão extensa quanto esta (15 versos), o pai certamente estava copiando um exemplar que estava aberto diante dele. Mas é difícil de imaginar que um exemplar possa ter sido tão ruim assim, ou que Clemente teria usado tal exemplar, se é que ele existiu. Sinto-me forçado a concluir que Clemente transcreveu a passagem de memória, mas não foi bem servido por ela. Pergunto-me se isto não nos dá uma possível explanação para as estatísticas oferecidas por Aland.

Comparando as colunas “outros”, “Egípcio” e “Majoritário”, os quatro pais mais antigos têm “outros” liderando com uma maioria simples. Entre esses pais está Clemente, que se alinha com “outros” 32% das vezes. No entanto, as estatísticas de Aland são baseadas em uma seleção de unidades de variação (conjuntos de variantes) consideradas “significativas”. Se mapearmos todas as leituras de Clemente dentro das unidades de variação em Marcos 10.17-31 (segundo fornecemos acima), na mesma tabela, obtemos:

E = 2 (2%) E&M = 24 (23.5%) M = 9 (9%) O = 67 (65.5%) # 102

O valor de “outros” subiu dramaticamente. Isto ocorreu porque **O** não representa um tipo reconhecível de texto. Neste exercício, **E** e **M** são entidades definidas (UBS³ e TM) enquanto que **O** é uma cesta de lixo que inclui leituras singulares e erros óbvios. Talvez possamos concordar que verdadeiras leituras singulares devem ser excluídas de tais tabulações, mas qualquer limitação de conjuntos de variantes além daquilo será presumivelmente influenciada pela tendência de quem quer que conduza a experiência.

Pois então, que conclusões devemos tirar deste estudo de Clemente? Proponho que todas as assertivas sobre o testemunho dos pais da Igreja primitiva precisam ser reavaliadas. A maioria das citações foi presumivelmente feita de memória – nelas temos que esperar variação errática. Ademais, se os pais teriam uma tendência de fazer alterações estilísticas do tipo daquelas que são típicas do texto Egípcio (tais como se mover na direção do grego clássico), eles podem acontecer de fazer a mesma “melhoria” independentemente. Tais concordâncias acidentais não assinalam relacionamento genealógico. Também, preconceito anti-bizantino precisa ser colocado de lado. Por exemplo, defrontados com a preferência de Clemente por leituras Majoritárias em Marcos 10.17-31, é presumível que alguns tentarão argumentar que copistas medievais “corrigiram” Clemente em direção da norma Bizantina. Mas nessa eventualidade por que eles também não corrigiram todas as leituras singulares? Táticas que pressupõem o resultado desejado, como presumir que o texto Bizantino foi um desenvolvimento secundário, precisam ser abandonadas.

Agora, quero voltar à tabela dos pais (a segunda) e aplicar minha classificação (ver capítulo 4) àquelas estatísticas. O resultado parece assim:

	<u>II & III</u>	<u>IV</u>		<u>V</u>		
Marcião	O- (45%)	Astério	M++ (83%)	Teodoro Mops.	M	(55%)
Ireneu	O (51.5)	Basílio	M (66)	Marcus Erem.	M	(54)
Clemente Al.	O- (45)	Const. Apost.	M (61.5)	Teódoto	M	(60)

Hipólito	O- (44.5)	Epifânio	O- (36)	Hesíquio	M (53)
Orígenes	E- (41.5)	Crisóstomo	M (65)	Teodoreto	M+ (71%)
Metódio	E/O (36.5)	Severiano	M- (47.5)		
Adamâncio	M- (39%)				

(Epifânio, Crisóstomo e Severiano presumivelmente fizeram a maioria dos seus escritos no século IV, e seus MSS datariam de bem dentro daquele século.)

Imagino que quase todo mundo que tem estudado crítica textual do NT, como geralmente ensinada em nossos dias, ficará surpreso com este quadro. Aonde está o texto Egípcio? Os séculos II e III são dominados por **O** – somente em Orígenes **E** consegue uma maioria simples, enquanto empata com **O** em Metódio. **M** já tomou a dianteira pelo final do século III (em Adamâncio) e está em claro controle nos séculos IV e V. Os detratores do texto Bizantino têm habitualmente argumentado que, embora “leituras” Bizantinas possam ser atestadas nos primeiros séculos, a mais antiga atestação existente do “texto” Bizantino, como tal, vem do século V. Em contraste, dizem eles, o “texto” Egípcio é atestado nos séculos III e IV. Bem, as tabulações das leituras reais dos pais, e dos unciais, que Aland tem fornecido, parecem contar uma história diferente. Em primeiro lugar, o que é exatamente o “texto Egípcio”? Como chegou Aland à “norma”? Não poderia ser o caso que não há mesmo nenhum “texto” Egípcio, apenas “leituras”? Muitas das leituras classificadas sob “**O**” freqüentemente têm sido chamadas “Ocidentais.” Há “leituras” Ocidentais, mas será que há um “texto” Ocidental? Muitos estudiosos responderiam que não. Se não há nenhum “texto” Ocidental, como podem haver “leituras” Ocidentais? Em que base deve uma leitura ser identificada como “Ocidental”? E o “texto” Bizantino, pode ele ser definido objetivamente? Sim. Eis aí porque podemos dizer quando estamos olhando para uma “leitura” Bizantina – ela é característica daquele “texto” definido objetivamente. Se as “leituras” Bizantinas que ocorrem nos pais e papiros dos séculos II e III não constituem evidência da existência do “texto”, então as “leituras” Egípcias e Ocidentais também não constituem evidência daqueles “textos”.

Evidência oriunda dos papiros antigos

Na página 140, Aland também apela para os papiros: “Não há sequer um vestígio que se ache do texto Majoritário (segundo definido por Hodges e seus colegas) em nenhum dos mais de quarenta papiros do período primitivo (antes do período de Constantino), nem em nenhum dos cinquenta papiros adicionais até o final do 8º século.” Ele está se referindo a “texto”, não a “leituras”, mas o que quer ele dizer com “sequer um vestígio”? Em uso normal, um “vestígio” não é muito. Depois de sua tabulação das citações nos pais mais antigos, Aland declara: “Pelo menos uma coisa está claramente demonstrada: é impossível dizer que a existência fora do Egito, no período primitivo, daquilo que Hodges chama ‘Texto Egípcio’, não está provada” (p. 139). Ele então se refere por nome aos primeiros cinco pais. Notar que ele está afirmando que os 24% de preferência por “leituras” Egípcias em Irineu, por exemplo, “provam” a **existência** do **texto** Egípcio fora do Egito, no século II. Ora, se 24% são bastantes para provar a existência de um “texto”, não deveriam seguramente 18% ser chamados pelo menos de um “vestígio”? Se o argumento que Aland aqui usa é válido, então os 18% de preferência de Marcião pelas “leituras” Majoritárias provam a existência de um “**texto**” Majoritário na metade do segundo século! Se Aland não está disposto a conceder que a percentagem das “leituras” Bizantinas encontradas nestes pais mais antigos constituem um “vestígio”, então presumivelmente eles também não contêm nenhum vestígio do texto Egípcio. Mas e os papiros?

Infelizmente, o livro de Aland não contém um sumário da "colação de teste sistemático"¹ para os papiros, como faz para os unciais, portanto uma breve menção será feita dos estudos de P⁴⁵ por Eldon Epp e de P⁶⁶ por Gordon Fee. Com referência a 103 unidades de variação em Marcos 6-9 (onde P⁴⁵ é sobrevivente), Epp registra que P⁴⁵ mostra uma concordância de 38% com D, 40% com o TR, 42% com B, 59% com f¹³ e 68% com W.² Fee registra que em João 1-14 P⁶⁶ mostra uma concordância de 38.9% com D, 44.6% com \aleph , 45.0% com W, 45.6% com A, 47.5% com o TR, 48.5% com C, 50.4% com B e 51.2% com P⁷⁵.³ Será que 40% não constituem um "vestígio"? O quadro é similar ao oferecido pelos pais antigos. Se mapeássemos esses papiros em uma tabela com os mesmos cabeçalhos, haveria um significativo número de variantes em cada coluna – "Egípcio", "Majoritário" e "outros", todos eles foram atores importantes na cena do Egito ao final do segundo século.

Deve ser mencionado o estudo feito por Harry A. Sturz.⁴ Ele próprio colacionou P^{45,46,47,66,72 e 75}, mas tirou citações de P¹³ e P³⁷ dos aparatos nos textos de Nestle (p. 140). Ele, através de todo o NT, comparou estes papiros com os textos Bizantino, Alexandrino e Ocidental, tabulando os resultados como segue:

<u>Leituras Comparadas</u>	<u>Número de Ocorrências</u>	<u>Porcentagem do Total</u>
PB/A/W	31	6.3
PB/AW	121	24.7
PBW/A	169	34.4
PBA/W	<u>170</u>	<u>34.6</u>
Total:	491	100.0%

"PB = leituras de Papiros endossando o texto Bizantino; A = texto Alexandrino; e W = texto Ocidental. Portanto, PB/A/W significa que as leituras Papiro-Bizantinas estão sendo comparadas contra as Alexandrinas onde diferem das leituras Ocidentais" (p. 228). Assim, torna-se visível que Sturz identificou 31 + 121 = 152 locais onde os antigos papiros se alinham com o texto Bizantino contra ambos os textos Alexandrino e Ocidental. Ele dá evidência para mais 175 leituras Bizantinas apoiadas por papiros, mas que também têm alguma atestação Ocidental ou Alexandrino, e assim não são "distintamente Bizantinas" (p. 189-212). Ele ainda se refere a outros 195 casos onde a leitura Bizantina tem apoio de papiros, mas não alista estes casos (p. 187). As 169 ocorrências PBW/A nos lembram a declaração feita por Gunther Zuntz. "Leituras Bizantinas que reaparecem em testemunhas Ocidentais **têm** [ênfase dele] que ser antigas. Elas retroagem ao tempo anterior àquele em que o papiro Chester Beatty [P⁴⁶] foi escrito; o tempo anterior à emergência das separadas tradições Oriental e Ocidental; em suma, elas retroagem para bem dentro do segundo século."⁵ Poderíamos desejar que Sturz também nos tivesse dado os

¹ Não apenas isso; não nos são dados os critérios usados na escolha dos conjuntos variantes a serem colacionados. Similarmente, não nos são dados os critérios usados na escolha dos pais e citações para seu artigo, "The Text of the Church?". Considerando a tendência anti-Bizantina de Aland, estamos provavelmente seguros ao presumir que nenhuma escolha foi feita para favorecer o texto "Bizantino"; nesta hipótese, uma amostragem mais ampla poderia aumentar bastante as percentagens Bizantinas.

² Eldon Epp, "The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism," *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974), pp. 394-96.

³ G.D. Fee, *Papyrus Bodmer II (P⁶⁶): Its Textual Relationships and Scribal Characteristics* (Salt Lake City: U. of Utah Press, 1968), p. 14.

⁴ H.A. Sturz, *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism* (Nashville: Thomas Nelson, 1984).

⁵ G. Zuntz, *The Text*, pp. 150-51.

alinhamentos PA/BW e PW/AB, mas não o fez. De qualquer modo, será que toda aquela atestação das leituras Bizantinas por papiros antigos não merece ser chamada pelo menos de um "vestígio"?

Evidência oriunda das versões antigas

Tem sido afirmado que as versões antigas (latina, siríaca e copta) não testemunham em prol do texto "Bizantino". Isto é parte de um procedimento maior (que foge da questão), no qual estas três versões são atribuídas aos "tipos de texto" Alexandrino ou Ocidental (cuja própria existência não tem sido demonstrada) e, portanto, negadas ao texto "Bizantino". Mas que aconteceria se olhássemos para o desempenho destas versões sem quaisquer ideias preconcebidas tais? Fiz uma verificação rápida dos balanços de evidência no aparato da UBS³ para o texto de João. Nele, 172 conjuntos de variantes são alistados (lembrar que apenas os conjuntos "significativos" foram incluídos) mas 13 deles são conjuntos de variantes dentro de versos disputados – estes eu desconsidereei, uma vez que a questão anterior é se a passagem deve ou não ser incluída. Restaram 159 conjuntos, umas três dúzias dos quais não eram muito aplicáveis (algumas diferenças são ambíguas em uma tradução). Verifiquei cada testemunha latina, siríaca e copta, para saber se ela era **a favor** do texto Bizantino, **contra** ele, ou se estava **dividida**. Aqui está o resultado dessa contagem rápida:¹

	A favor	Contra	Dividida
latina	60	32	27
siríaca	63	23	35
copta	49	45	27

Mesmo a versão copta se alinha com o texto Bizantino mais freqüentemente que não, mas a tendência das versões latina e siríaca é claramente em direção ao texto Bizantino. E parece não haver nenhuma correlação previsível entre qualquer uma destas três versões e os unciais e papiros mais antigos e importantes. A versão *Velha Latina* freqüentemente discorda de D, por exemplo, ou divide seu apoio. Eu diria que a *Velha Latina* dá testemunho claro da existência antiga do "texto" Bizantino. Se a siríaca e a copta não testemunham a favor do "texto" Bizantino, então presumivelmente também não podem ser reivindicados para nenhum outro "texto".

Sumário e conclusão [da evidência do texto Bizantino nos primeiros séculos]

A distinção entre "leituras" e "texto" é comumente feita de um modo enganador. Por exemplo, não é legítimo falar de **leituras** "Ocidentais" até que se tenha definido um **texto** "Ocidental", como tal. Para definir um "texto" deve-se reconstruir o arquétipo presumido. Tendo feito isto, então pode-se identificar as leituras que são peculiares àquele arquétipo e portanto características dele. Ninguém jamais reconstruiu um arquétipo "Ocidental", e há concordância geral entre os estudiosos que nunca existiu. Eis aí porque edições críticas do NT grego não incluem um símbolo (ícone) representativo do "texto Ocidental". Em seu recente livro texto, os Alands agora falam do texto "D", referindo-se ao Códice Bezae. Segue-se que não é legítimo falar de leituras "Ocidentais". É menos legítimo ainda atribuir MSS, pais ou versões ao texto "Ocidental" fantasma. É verdade que MSS, pais e versões dos primeiros séculos certamente contêm muitas leituras que não

¹ Peter J. Johnston fez uma avaliação independente, deste material, e concluiu que eu fui demasiadamente cauteloso; especialmente no caso da siríaca, a atestação para o texto "Bizantino" é mais forte que meus números indicam (comunicação pessoal).

são nem "Alexandrinas" nem "Bizantinas", mas elas parecem ser largamente aleatórias, com uma influência comum discernível aqui e ali. Se o texto "Ocidental" não tem arquétipo, ele não pode representar o original. Vou repetir: Sem arquétipo o texto "Ocidental" **não pode** representar o original; é impossível!

Similarmente, não é legítimo falar de leituras "Alexandrinas" até que se tenha reconstruído o arquétipo presumido. Colwell tentou e desistiu, declarando que ele nunca existiu. As edições UBS e N-A²⁶ não mais incluem um símbolo (ícone) representativo do "texto Alexandrino". Pelos números fornecidos por Aland, a testemunha "Alexandrina" mais forte, Códice B, é somente 72% 'pura' nos sinópticos – aonde devemos ir para encontrar os outros 28%? Dizem que P⁷⁵ e B têm uma concordância de 82% – aonde devemos ir para encontrar os outros 18%? As testemunhas geralmente atribuídas ao texto "Alexandrino" discordam constante e significativamente entre si. Uma influência comum sobre elas é, na verdade, discernível, mas há, do mesmo modo, grande quantidade de variações aparentemente aleatórias. Todas elas mostram concordâncias significativas com o texto "Bizantino", em diferentes locais e em variados graus. De fato, nos sinópticos o Códice C é mais "Bizantino" que "Alexandrino". Uma vez que não existe o arquétipo "Alexandrino", eu contesto a legitimidade de falar de leituras "Alexandrinas" e de reivindicar MSS, pais e versões dos primeiros séculos em favor desse suposto "texto". Se o texto "Alexandrino" não tem arquétipo, ele não pode representar o original. Vou repetir: Sem arquétipo o texto "Alexandrino" **não pode** representar o original; é impossível!

Em contraste, um arquétipo "Bizantino" ou "Majoritário" pode na verdade ser reconstruído, com grau de certeza acima de 99%. Eis aí porque edições críticas modernas do NT em grego ainda incluem um símbolo (ícone) representativo do "texto Bizantino" ou "texto Majoritário". Segue-se que é inteiramente legítimo falar de leituras "Bizantinas" ou "Majoritárias" – elas são definidas pelo arquétipo. Uma vez que o arquétipo "Bizantino" é o único cuja existência já foi demonstrada, qual a sua procedência senão dos Autógrafos?

De qualquer maneira, as considerações apresentadas demonstram que, se a evidência dos séculos II e III não atesta a presença do "texto" Bizantino, então ela também não atesta a presença dos "textos" Ocidental ou Alexandrino. Contudo, afirmo que a evidência é clara no sentido de que o "texto" Bizantino", como tal, certamente existiu no século II.

Não Devem As Testemunhas Ser Pesadas, em Vez de Contadas?

A forma da pergunta, que reflete aquela da asserção usualmente feita, é tendenciosa. Implica que pesar e contar são mutuamente excludentes. Mas como assim? Em qualquer investigação, jurídica ou não, testemunhas devem ser **tanto** pesadas (avaliadas) **quanto** contadas. Primeiro elas devem ser pesadas, certamente, mas então têm que ser contadas – senão, para que se incomodar em pesá-las, ou então, para que se incomodar com testemunhas? Discutirei as duas atividades pela ordem, começando com a pesagem.

Primeiro pesar

Como exatamente devem os MSS ser pesados? E quem seria competente para realizar a pesagem? Como o leitor a esta altura já é bem sabedor, Hort e a maioria dos estudiosos subseqüentes têm feito suas "pesagens" com base na assim chamada "evidência interna" – os dois critérios padrão são "escolha a leitura que se adequa ao contexto" e "escolha a leitura que explique a origem da outra leitura."

Um problema com isto foi bem exposto por Colwell: "De fato, estes dois critérios padrão para a avaliação da evidência interna de leituras podem facilmente cancelar um ao outro

e deixar o estudioso livre para escolher [entre as leituras] em termos de seus próprios julgamentos."¹ Ademais, "quanto mais conhecimento erudito o estudioso tem, mais fácil é para ele produzir uma defesa razoável de ambas as leituras. ..."²

Todo o processo é tão subjetivo que torna a palavra "pesar" uma sátira ridicularizante. O significado básico do termo envolve uma avaliação feita por um instrumento objetivo. Se queremos que nossa pesagem de MSS tenha validade objetiva, temos que achar um procedimento objetivo.

Como avaliamos a credibilidade de uma testemunha na vida real? Observamos como ela age, ouvimos o que diz e como o diz, e ouvimos a opinião dos seus vizinhos e associados. Se podemos demonstrar que uma testemunha é mentirosa contumaz ou que suas faculdades críticas estão afetadas, então recebemos seu testemunho com ceticismo. Em considerável medida, é bastante possível avaliar MSS de modo similar, e é difícil de entender porque os estudiosos têm geralmente negligenciado fazê-lo.

Favor referir-se à evidência já dada, na discussão dos MSS mais antigos. Podemos objetivamente dar a P⁶⁶ peso como testemunha? Bem, no espaço do Evangelho de João P⁶⁶ tem mais de 900 erros claros e indubitáveis – como testemunha à identidade do texto de João nos enganou mais de 900 vezes. É P⁶⁶ uma testemunha acreditável? Eu argumentaria que nenhum dos copistas de P⁶⁶ e P⁷⁵ sabiam grego. Não devemos dizer que, como testemunhas, estavam desqualificados?³

Relembrar, do estudo de Colwell, que o copista de P⁴⁵ evidentemente fez numerosas mudanças **deliberadas** no texto. Não devemos dizer que o copista estava moralmente desqualificado? Em qualquer caso, ele repetidamente nos deu informação falsa. Ainda confiaremos nele?

Similarmente, tem sido demonstrado por simples lógica/aritmética que \aleph e B têm acima de 3000 conflitos entre si, somente nos Evangelhos. \aleph é claramente pior que B, mas provavelmente não duplamente pior – pelo menos 1000 dessas discrepâncias são erros de B. Será que \aleph e B se encaixam na nossa noção de uma boa testemunha?

Mesmo quando não é possível afirmar objetivamente que uma testemunha particular é mal informada, sua credibilidade sofre se ela anda em companhia suspeita. Várias referências já foram dadas para o fenômeno que Burgon chamou de *concordia discors*. Darei mais um exemplo. Burgon nos convida à colação de Lucas 8.35-44 nos cinco unciais antigos – \aleph , A, B, C, D (a passagem toda). Comparando os unciais um aos outros e contra o pano de fundo da maioria dos MSS – Códice A aparece sozinho 2 vezes; B, 6 vezes; \aleph , 8 vezes; C, 15 vezes; D, 93 vezes – A e B aparecem juntos contra todos 1 vez; B e \aleph , 4 vezes; B e C, 1 vez; B e D, 1 vez; \aleph e C, 1 vez; C e D, 1 vez – A, \aleph e C conspiram juntos 1 vez; B, \aleph e C, 1 vez; B, \aleph e D, 1 vez; A, B, \aleph e C, 1 vez; B, \aleph , C e D, 1 vez. Todos os cinco não concordam juntos nenhuma vez sequer contra a maioria. Como Burgon observou, eles

¹ Colwell, "External Evidence," p. 3.

² *Ibid.*, p. 4.

³ O fato de que o copista de P⁷⁵ o copiou letra por letra e o de P⁶⁶ sílaba por sílaba (Colwell, "Scribal Habits," p. 380) fortemente sugere que nenhum dos dois sabia grego. Quando copiar em uma língua que você sabe, o faz frase por frase ou, no mínimo, palavra por palavra. P⁶⁶ tem tantas leituras sem o menor sentido que o copista não pode ter conhecido o significado do texto. Quem quer que tenha jamais tentado copiar à mão (não digitar) um texto de qualquer comprimento, em uma linguagem que não entenda, saberá que esta é uma tarefa exigente e tediosa. Pureza de transmissão não é de se esperar sob tais circunstâncias.

"concordam e novamente se separam, com singular imparcialidade,"¹ o que o levou a concluir:

Após uma sincera inspeção das dependências, irá alguém nos condenar como irrazoáveis se declararmos que uma tal demonstração da 'concordia discors' que sempre prevalece entre os unciais mais antigos, mas que especialmente caracteriza ƛ B D, grandemente nos indispõem a tolerar que sua autoridade sem apoio nos determine o Texto das Escrituras?²

Não havemos de concordar com Burgon?

Precisamos também verificar a opinião dos contemporâneos de uma testemunha. Eles testemunham favoráveis ou há reservas quanto ao seu bom caráter? A julgar pela circunstância que Códices tais como ƛ e B não foram copiados – o que nos diz que a Igreja em geral rejeitou sua forma de texto – parece que eles não foram respeitados nos seus dias. Que evidência objetiva existe que nos leve a reverter o julgamento dos seus contemporâneos?

Estudiosos como Zuntz protestarão que um MS pode representar uma tradição excelente a despeito do trabalho inferior feito pelo copista.³ Talvez, mas como podemos sabê-lo? Vejo somente duas maneiras de chegar à conclusão que uma certa tradição é excelente – por meio da atestação de testemunhas que se aprovam como confiáveis, ou através da preferência e imaginação do crítico. Em nenhum caso a conclusão depende da cópia inferior em si – em um caso a conclusão repousa sobre a autoridade de testemunhas independentes e confiáveis, e no outro repousa sobre a autoridade do crítico. A cópia inferior não tem, por si mesma, nenhum direito à nossa confiança.

*A seguir, contar*⁴

Tendo pesado as testemunhas, temos então que contá-las. Na contagem, preferência deve ser dada às cópias que não são demonstravelmente inferiores, ou ruins. Do mesmo modo que, ante a lei, uma pessoa é considerada inocente até que seja provada culpada, assim também uma testemunha tem que ser considerada veraz até que se possa provar que é mentirosa. Mas antes de contar, temos que tentar determinar se tem havido qualquer conluio entre as testemunhas. Quaisquer delas que pareçam ser mutuamente dependentes devem ser consideradas como uma só. Então, cada testemunha que parece ser tanto independente como confiável tem que ser permitida votar; tais testemunhas têm, na verdade, que ser contadas. Se várias centenas delas concordam contra três ou quatro mentirosos inveterados, pode haver qualquer dúvida razoável quanto à identidade da verdadeira leitura? Retornarei a este assunto no capítulo seguinte.

¹ N.Trads.: entenda-se "imparcialidade" como "aleatoriedade", não tendendo preponderantemente para lado algum.

² Burgon, *The Revision Revised*, pp. 16-18.

³ Cf. Zuntz, *The Text*, p. 157.

⁴ O quadro que Carson aqui pinta da minha posição exige algum comentário. Ele diz que eu argumento que "temos que ver a maioria dos manuscritos como autoridades independentes que devem ser contadas, não pesadas" (p. 108). "Não devem os manuscritos ser pesados, ao invés de contados? Pickering pensa que contar deve ser preferido porque ele já tem descartado o princípio genealógico – pelo menos para sua própria satisfação" (p. 107). "A única alternativa [para ecletismo] é apelar para um método de contar manuscritos" (p. 105). Não tem o leitor da crítica de Carson o direito de assumir que este leu meu livro com razoável cuidado? Se Carson assim leu meu livro, ele tem deliberadamente distorcido minha posição, como o leitor pode facilmente constatar.

Caso alguém ainda esteja disposto a levantar a objeção que "leituras Bizantinas repetidamente demonstram ser inferiores", respondo: "Prove-o!" Uma vez que tais caracterizações têm sido baseadas sobre os cânones demonstravelmente falazes da "evidência interna", não têm nenhuma validade. Considero a alegação como pífia. Também exigiria que o rejeitador do texto Bizantino abertamente enuncie suas pressuposições. Diferentes pressuposições normalmente levam a diferentes conclusões.

Tenho demonstrado que a teoria crítica e a história do texto, ambas de W-H, são errôneas. Tenho esboçado a história da transmissão do texto a qual creio melhor concordar com a evidência disponível. Resta fornecer uma declaração coerente do procedimento pelo qual podemos nos assegurar da exata identidade da redação original do texto do Novo Testamento.

É a crítica textual do NT uma ciência?

Você já ouviu ou leu (ou disse) a frase "a ciência da crítica textual do NT"? E quanto à frase "crítico textual"? Então, o que faz um crítico? Ele critica. O que ele critica? Neste caso é o texto do NT em grego. Mas o que exatamente está ele criticando? Um crítico literário analisa coisas como estilo e escolha de vocabulário; um comentarista tenta decidir qual foi o significado pretendido pelo autor do texto. Então, o que faz um crítico textual? Ele tenta reconstruir a redação original de um texto – note que ele está assumindo que a redação original está 'perdida', no sentido de que ninguém sabe ao certo o que é ou foi. (Observe também que isso coloca a crítica acima do texto, ao qual retornarei.) A crítica textual só existe para textos cuja redação original é considerada "perdida". Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista de notícias da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual da versão King James de 1611, uma vez que ainda temos cópias impressas dela. Todo e qualquer argumento em torno da KJV cai sob outros títulos; não são crítica textual.

Qualquer pessoa familiarizada com o terreno sabe que durante os últimos 150 anos (pelo menos) o mundo acadêmico tem sido dominado pela noção de que a redação original do texto do NT está de fato "perdida". Apenas para ilustrar, há cerca de 75 anos, Robert M. Grant escreveu: "é geralmente reconhecido que o texto original da Bíblia não pode ser recuperado".¹ Para uma série de outras referências que ecoam esse sentimento, consulte as páginas 3-5 do meu *Identity V*. Antes de tentar refutar essa ficção, como acredito, esboçarei um pouco de história relevante.

Um pouco de história relevante

A disciplina tal como a conhecemos é basicamente uma 'filha' da Europa Ocidental e das suas colônias; as Igrejas Ortodoxas Orientais geralmente não estiveram envolvidas. (Eles sempre souberam que o verdadeiro Texto reside na tradição bizantina.) No ano de 1500, o cristianismo da Europa Ocidental era dominado pela Igreja Católica Romana, cujo papa reivindicava o direito exclusivo de interpretar as Escrituras. Essa Escritura era a Vulgata Latina, que os leigos não tinham permissão de ler. As 95 teses de Martinho Lutero foram publicadas em 1517. Foi mero acaso que o primeiro Texto Grego impresso do NT tenha sido publicado no ano anterior? À medida que a Reforma Protestante avançava, foi declarado que a autoridade das Escrituras excedia a do papa, e que todo crente tinha o direito de ler e interpretar as Escrituras. A autoridade da Vulgata Latina também foi

¹ R. M. Grant, "The Bible of Theophilus of Antioch", *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 173. Observe o pessimismo, ele 'não pode ser recuperado'. Nesse caso, os críticos estão desperdiçando o seu tempo, e o nosso. Certamente, porque não teríamos como saber se o encontraram ou não.

desafiada, uma vez que o NT foi escrito em grego. É claro que a biblioteca do Vaticano continha muitos MSS gregos, não havendo dois dos quais idênticos (pelo menos nos Evangelhos), por isso a Igreja Romana desafiou a autenticidade do Texto Grego. Em suma, a Igreja Romana forçou a Reforma a enfrentar a variação textual entre os MSS gregos. Mas eles não sabiam como fazê-lo, porque se tratava de um novo campo de estudo e simplesmente não possuíam uma proporção suficiente das evidências relevantes.¹ (Eles provavelmente nem sabiam que existia a península do Monte Atos com seus vinte mosteiros.)

Em 1500, o Estabelecimento católico romano era corrupto, moralmente falido e desacreditado entre as pessoas pensantes. A Era da Razão e o humanismo estavam vindo à tona. Mais e mais pessoas estavam decidindo que poderiam viver melhor sem o deus do Estabelecimento romano. A nova suposta liberdade da supervisão sobrenatural era inebriante, e muitos não tinham interesse em aceitar a autoridade das Escrituras (“*sola Scriptura*”). Além disso, seria ingênuo ao extremo excluir o sobrenatural de consideração, e não levar em conta a atividade satânica nos bastidores – Efésios 2.2.² ‘Filhos da desobediência’ juntaram-se ao ataque contra as Escrituras. A chamada “alta crítica” negou completamente a inspiração divina. Outros utilizaram a variação textual para argumentar que, de qualquer forma, a redação original estava ‘perdida’, não havendo forma objetiva de determinar o que poderia ter sido (ou seja, não conseguiam perceber tal forma naquele momento).

A suposição acrítica de que “o mais velho é igual ao melhor” era um fator importante e tornou-se cada vez mais importante à medida que os unciais mais antigos vieram à luz. Tanto o Códice Vaticanus quanto o Códice Bezae estavam disponíveis desde cedo, e eles têm milhares de divergências, apenas nos Evangelhos (em Atos, Bezae é ‘louco’, quase inacreditável). **Se** “o mais antigo é igual ao melhor” e os MSS mais antigos estão em constante e massiva discordância entre si, então a recuperação de um texto perdido torna-se impossível. Você entendeu isso? **Sem esperança, totalmente sem esperança!** No entanto, já argumentei que “o mais velho é igual ao pior”, e isso muda radicalmente o quadro.³

¹ A família 35, sendo de longe o maior e mais coeso grupo de MSS, estava mal representada nas bibliotecas da Europa Ocidental. Aliás, muito poucos MSS de qualquer tipo de texto haviam sido suficientemente cotejados para permitir qualquer rastreamento da história da transmissão.

² Estritamente falando, o Texto tem “segundo o ‘Aeon’ deste mundo, segundo o príncipe do domínio do ar” – as frases são paralelas, de sorte que ‘Aeon’ e ‘príncipe’ têm a mesma referência, uma pessoa ou um ser específico. Esse espírito está atualmente em ação (tempo presente) nos “filhos da desobediência”. Os ‘filhos’ de algo são caracterizados por esse algo, e o algo neste caso é ‘a’ desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo. Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos, um demônio atua como agente de Satanás, quando é necessário algo mais do que a influência da cultura circundante - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica [a exigência acadêmica de que se demonstre ‘conhecimento da literatura’ obriga a perder tempo com tudo o que os servos de Satanás escreveram - considere 1 Coríntios 3.18-20]). Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Visto que Satanás é o “pai” das mentiras (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente – isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como o materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

³ O trabalho de referência sobre este assunto é a obra de Herman C. Hoskier: *Codex B and its Allies, a Study and an Indictment* (2 vols.; Londres: Bernard Quaritch, 1914). O primeiro volume (cerca de 500 páginas) contém uma discussão detalhada e cuidadosa de centenas de erros óbvios no Códice B; o segundo (cerca de 400 páginas) contém o mesmo para o Códice Aleph. Ele afirma que só nos Evangelhos esses dois MSS diferem bem mais de 3.000 vezes, número esse que não inclui pequenos erros como ortografia (II, 1). Pois bem, a lógica simples exige que um ou outro tem de estar errado mais de 3.000

Visto que todos são influenciados (não necessariamente controlados) pelo seu meio, isso se aplicava aos Reformadores. Em parte (pelo menos) a Reforma foi um ‘filho’ da Renascença, com ênfase na razão. Lembre-se de que, no julgamento, Lutero disse que só poderia retratar-se se fosse convencido pelas Escrituras e pela razão. Até aí tudo bem, mas muitos não queriam as Escrituras, e isso deixou apenas a razão. Além disso, visto que a razão não pode explicar ou lidar com o sobrenatural, aqueles que enfatizam a razão são geralmente hostis para com o sobrenatural. [Até hoje as denominações protestantes históricas ou tradicionais, assim chamadas, têm dificuldade em lidar com o sobrenatural.]

Antes de Adolf Deissmann publicar seu *Light from the Ancient East* (1910), (sendo uma tradução de *Licht vom Osten*, 1908), onde demonstrou que o grego Koinê era a *língua franca* nos dias de Jesus, existindo até uma gramática publicada explicando suas regras, apenas o grego clássico era ensinado nas universidades. Mas o NT está escrito em Koinê. Antes do trabalho de referência de Deissmann, havia duas posições sobre o grego do NT: 1) era uma forma degradada do grego clássico, ou 2) era um grego do ‘Espírito Santo’, inventado para o NT. A segunda opção foi defendida principalmente pelos pietistas; o mundo acadêmico preferiu a primeira, o que levantou a questão natural: se Deus fosse inspirar um NT, por que não o faria em grego ‘decente’?

Tudo isto colocou os defensores de uma Bíblia grega inspirada na defensiva, com o problema muito real de decidir onde melhor estabelecer o seu perímetro de defesa. Dada a ignorância prevaiente relativamente às provas relevantes, a sua melhor escolha pareceu ser um apelo à Providência Divina. Deus escolheu providencialmente o TR, e então esse era o texto a ser usado (o texto ‘tradicional’).¹

Ao que tudo indicava, Satanás estava vencendo, mas ainda tinha um problema: as principais versões protestantes (em alemão, inglês, espanhol, etc.) eram todas baseadas no *Textus Receptus*, assim como as declarações doutrinárias e os ‘livros de orações’. Entra F.J.A. Hort, um “filho da desobediência” por excelência. Hort não cria na inspiração divina da Bíblia, nem na divindade de Jesus Cristo. Como ele abraçou a teoria darwiniana assim que ela apareceu, presumivelmente não acreditava em Deus.² Sua teoria da crítica textual

vezes; ambos não podem estar certos, sem contar os lugares em que ambos estão errados. **Nenhuma preferência subjetiva pode obscurecer o fato de que são cópias de baixa qualidade, objetivamente.**

John William Burgon cotejou pessoalmente o que em sua época eram “os cinco unciais antigos” (κ,Α,Β,Γ,Δ). Ao longo de suas obras, ele repetidamente chama a atenção para a *concordia discors*, a confusão e a discordância predominantes, que os unciais antigos exibem entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (κΑΒΓΔ) falsificam a Oração do Pai Nosso conforme dada por São Lucas em nada menos que quarenta e cinco palavras. Mas eles concordam tão pouco entre si, que se lançam em seis combinações diferentes nos seus desvios do Texto Tradicional; e, no entanto, eles nunca são capazes de concordar entre si quanto a uma única leitura diferente: embora apenas uma vez seja observado que mais de dois deles estão juntos, e seu grande ponto de união é nada menos que uma omissão do artigo. Tal é a sua tendência excêntrica que, em relação a trinta e duas das quarenta e cinco palavras, elas trazem, por sua vez, evidências solitárias. (*The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Organizado, concluído e editado por Edward Miller. Londres: George Bell and Sons, 1896, p. 84.)

Sim, de fato, o mais antigo é igual ao pior. Para mais informações sobre este assunto, consulte as páginas 130-36 de meu *Identity IV*.

¹ Note, por favor, que não estou criticando Burgon e outros; eles fizeram o que puderam, dadas as informações disponíveis. Eles sabiam que a teoria hortiana e o texto grego resultante não poderiam estar certos.

² Para documentação de tudo isso, e muito mais, nas palavras do próprio Hort, veja a biografia escrita por seu filho. A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 vols.; Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1896). O filho fez uso intenso da abundante correspondência do pai, a quem admirava. (Naquela

do NT, publicada em 1881,¹ baseava-se diretamente nos pressupostos de que o NT não era inspirado, que nenhum cuidado especial lhe foi dispensado nas primeiras décadas e que, em consequência, a redação original se perdeu – ficou perdida sem recuperação, pelo menos por meios objetivos. Sua teoria varreu o mundo acadêmico e continua a dominar a disciplina até hoje.

Além disso, Hort afirmou que, como resultado do seu trabalho, apenas uma milésima parte do texto do NT poderia ser considerada como em dúvida, e isso foi recebido com alegria pelas bases, uma vez que parecia fornecer garantia sobre a confiabilidade daquele texto. – no entanto, é claro, essa afirmação aplicava-se apenas ao texto de W-H (provavelmente o pior NT publicado que existe, até hoje).²

A natureza de um exercício científico

Até aí o meu esboço da história. Voltarei agora à questão do título. Para começar, observo e insisto que em qualquer exercício científico tem de ser feita uma distinção rigorosa entre evidência, interpretação e pressuposição. É desonesto representar as próprias pressuposições como sendo parte da evidência (opinião não é evidência). Portanto, para que a crítica textual do NT seja uma “ciência”, as pressuposições devem ser excluídas. Mas se excluirmos a pressuposição de que a redação original foi “perdida”, então a crítica textual deixa de existir; e como pode se ter uma ‘ciência’ de algo que não existe? A ciência é uma coisa; teoria é outra. Uma teoria baseia-se em pressupostos, por necessidade, e por isso é legítimo falar de uma teoria hortiana de crítica textual, uma vez que ele considerava perdida a redação original. Minha própria teoria não inclui crítica textual, pois considero que a redação original não está perdida. Defendo uma teoria da preservação divina do Texto do NT.³

A esta altura, deve estar evidente para o leitor que a questão de um original “perdido” é o ponto crucial, a questão central em qualquer tentativa de identificar a redação original do NT. Então, para essa questão, passo agora. Para ser justo, preciso reconhecer duas definições de “perdido”: 1) perda irre recuperável, pelo menos por meios objetivos; 2) perdido de vista, no sentido de que a evidência disponível não foi suficientemente

época, uma 'Vida' de dois volumes, em oposição a uma 'Biografia' de um volume, era um símbolo de status póstumo.) Muitos dos meus leitores foram ensinados, assim como eu, que não se deve questionar/julgar os motivos de outra pessoa. Mas espere só um minuto; de onde veio uma tal ideia? Certamente não veio de Deus, que espera que a pessoa espiritual avalie tudo (1 Coríntios 2.15). Visto que existem apenas dois reinos espirituais neste mundo (Mateus 12.30, Lucas 11.23), então a ideia vem do outro lado. Ao eliminar o motivo, elimina-se também a pressuposição, algo que Deus nunca faria, uma vez que a pressuposição governa a interpretação (Mateus 22.29, Marcos 12.24). É por isso que devemos sempre esperar que um verdadeiro estudioso declare as suas pressuposições. Já afirmei repetidamente as minhas, mas aqui estão novamente: 1) O Soberano Criador do universo existe; 2) Ele entregou uma revelação escrita à raça humana; 3) Ele preservou essa revelação intacta até hoje.

¹ B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; Londres: Macmillan and Co., 1881). O segundo volume explica a teoria e é geralmente entendido como sendo o trabalho de Hort.

² Eu diria que o texto deles está errado com referência a 10% das palavras – o NT grego tem cerca de 140.000 palavras, e então o texto WH está errado com referência a 14.000 delas. Eu diria que o assim chamado texto “crítico” atualmente em voga “apenas” está errado com referência a cerca de 12.000, uma melhoria (por menor que seja). E, a propósito, quão sábio é usar um NT preparado por um servo de Satanás?

³ Considero-me um estudioso do texto, não um crítico. O Texto está acima de mim, não o contrário. No ecletismo o crítico está acima do texto, está acima da evidência; em vez de seguir fielmente as evidências, ele faz com que as evidências o sigam. Os MSS são reduzidos ao papel de ‘fornecedores de leituras’.

estudada para permitir uma escolha empírica entre variantes concorrentes. Considero que a minha *Identidade V* fornece provas mais do que suficientes para demonstrar que a primeira definição é falsa. A teoria hortiana e todos os seus derivados, como o ecletismo (de qualquer tipo), não é ciência, e não pode honestamente ser chamada de ciência. A segunda definição permite procedimento científico. Sugiro e recomendo que comecemos a usar o termo “manuscritologia”, em vez de “crítica textual” – a manuscritologia refere-se ao estudo dos MSS e é neutra quanto aos pressupostos. Qualquer exercício científico deve começar com as evidências; então qual é a evidência?

A evidência primária é fornecida pelos manuscritos de texto contínuo (grego) do NT. A evidência fornecida pelos lecionários é secundária. A evidência fornecida por versões antigas e citações patrísticas é terciária. A evidência histórica genuína (na medida em que possa ser determinada) é acessória. Quando a evidência primária é inequívoca, os restantes tipos não devem entrar em jogo. Por exemplo, em qualquer ponto dos quatro Evangelhos existirão cerca de 1.700 MSS de texto contínuo, representando todas as linhas de transmissão e todos os locais. Onde todos concordam, não pode haver dúvidas legítimas quanto à redação original. Mas e se um papiro antigo vier à tona com uma variante, isso mudará o quadro? O próprio fato de ser antigo sugere que é ruim; por que não foi usado e desgastado?

Provavelmente todos nós já ouvimos/lemos a ‘verdade falaz’, ‘manuscritos devem ser pesados, não contados’. O significado básico do verbo ‘pesar’ refere-se a um procedimento objetivo; isso é feito com pesos fisicamente verificáveis. Mas será que os seguidores de Hort (que são os principais que continuam a repeti-lo) ‘pesam’ os manuscritos usando critérios objetivos? Não o fazem, e é por isso que chamo isso de ‘verdade falaz’. Dito isso, no entanto, submeto à consideração de todos os interessados que é de facto possível avaliar os MSS utilizando critérios objetivos.

Como devem os MSS ser pesados? E quem poderia ser competente para fazer a pesagem? Como o leitor já deve saber, Hort e a maioria dos estudiosos subsequentes fizeram a sua “pesagem” com base nas chamadas “evidências internas” – os dois critérios padrão são: “escolha a leitura que se adapta ao contexto” e “escolha a leitura que explica a origem da outra leitura”.

Um problema com isso foi bem declarado por E.C. Colwell. “Na verdade, esses dois critérios padrão para a avaliação da evidência interna das leituras podem facilmente anular-se mutuamente e deixar o estudioso livre para escolher em termos dos seus próprios pré-julgamentos.”¹ Além disso, “quanto mais conhecimento o estudioso conhece, mais fácil é para ele produzir uma defesa razoável de ambas as leituras...”² Todo o processo é tão subjetivo que zomba da palavra “pesar”. O significado básico do termo envolve uma avaliação feita por um instrumento objetivo. Se desejarmos que a nossa pesagem de MSS tenha validade objetiva, devemos encontrar um procedimento objetivo.

Como avaliamos a credibilidade de uma testemunha na vida real? Observamos como ele age, ouvimos o que ele diz e como o diz, e ouvimos a opinião dos seus vizinhos e associados. Se pudermos demonstrar que uma testemunha é uma mentirosa habitual ou que as suas faculdades críticas estão prejudicadas, então receberemos o seu testemunho com ceticismo. É perfeitamente possível avaliar os MSS de forma semelhante, numa medida

¹ Colwell, “External Evidence and New Testament Criticism”, *Studies in the History and Text of the New Testament*, eds. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 3.

² *Ibid.*, p. 4.

considerável, e é difícil compreender porque é que os estudiosos geralmente têm negligenciado fazê-lo.

Podemos ‘pesar’ objetivamente P⁶⁶ como testemunha? (É o mais antigo de algum tamanho.) Bem, no espaço do Evangelho de João (não completo) contém mais de 900 erros claros e indubitáveis – como testemunha da identidade do texto de João, ele nos enganou mais de 900 vezes. P⁶⁶ é uma testemunha crível? Eu diria que nenhum dos escribas de P⁶⁶ e P⁷⁵ sabia grego; não deveríamos dizer que como testemunhas eles foram prejudicados?¹

P⁷⁵ é colocado perto de P⁶⁶ na data. Embora não seja tão ruim quanto o P⁶⁶, dificilmente seria uma boa cópia. Colwell descobriu que P⁷⁵ tem cerca de 145 itacismos, além de 257 outras leituras singulares, 25% das quais são absurdas.² Embora Colwell dê crédito ao escriba do P⁷⁵ por ter tentado produzir uma boa cópia, o P⁷⁵ parece bom apenas em comparação com o P⁶⁶. (Se te pedissem para escrever o Evangelho de João à mão, você cometeria mais de 400 erros? Experimente e veja!) Deve-se ter em mente que os números oferecidos por Colwell tratam apenas de erros que são de propriedade exclusiva de os respectivos MSS. Eles sem dúvida contêm muitos outros erros que por acaso podem também ser encontrados em outras testemunhas. Em outras palavras, são ainda piores do que indicam os números de Colwell.

P⁴⁵, embora sua data seja um pouco mais tarde, será considerado a seguir porque é o terceiro membro no estudo de Colwell. Ele descobriu que P⁴⁵ tem aproximadamente 90 itacismos mais 275 outras leituras singulares, 10% das quais são absurdas (*Ibid.*). No entanto, o P⁴⁵ é mais curto que o P⁶⁶ (o P⁷⁵ é mais longo) e por isso não é comparativamente tão melhor como os números podem sugerir à primeira vista. Colwell comenta sobre P⁴⁵ da seguinte forma:

Outra maneira de dizer isso é que quando o escriba de P⁴⁵ cria uma leitura singular, ela quase sempre faz sentido; quando os escribas de P⁶⁶ e P⁷⁵ criam leituras singulares, muitas vezes elas não fazem sentido e são erros óbvios. Assim, deve-se dar crédito ao P⁴⁵ por uma densidade muito maior de mudanças intencionais do que os outros dois (*Ibid.*, p. 376).

Como editor, o escriba do P⁴⁵ empunhava um machado afiado. O aspecto mais marcante de seu estilo é a concisão. A palavra dispensável é dispensada. Ele omite advérbios, adjetivos, substantivos, participios, verbos, pronomes pessoais – sem qualquer hábito compensatório de adição. Ele freqüentemente omite frases e cláusulas. Ele prefere a palavra simples à palavra composta. Em suma, ele favorece a brevidade. Ele encurta o texto em pelo menos cinquenta lugares **apenas em leituras singulares**. Mas ele **não** omite sílabas ou letras. Seu texto abreviado é legível (*Ibid.*, p. 383).

P⁴⁶ é considerado por alguns como sendo tão antigo quanto P⁶⁶. O estudo deste manuscrito por Zuntz é bem conhecido. “Apesar de sua aparência elegante (foi escrito por um

¹ O fato de o transcritor de P⁷⁵ ter copiado letra por letra, e o de P⁶⁶ sílaba por sílaba (Colwell, “Scribal Habits”, p. 380) sugere fortemente que nenhum dos dois sabia grego. Ao transcrever em um idioma que você sabe, você copia frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. P⁶⁶ tem tantas leituras sem sentido que o transcritor não poderia saber o significado do texto. Qualquer pessoa que já tenha tentado transcrever um texto de algum tamanho à mão (não à máquina de escrever) em um idioma que não entende saberá que é uma tarefa cansativa e enfadonha. Pureza de transmissão não se pode esperar sob tais circunstâncias.

² E.C. Colwell, “Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text”, *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt [New York: Abingdon Press, 1965], pp. 374-76.

escriba profissional e corrigido – mas de forma muito imperfeita – por um especialista), o P⁴⁶ não é de forma alguma um bom manuscrito. O escriba cometeu muitos erros... Minha impressão é que ele estava sujeito a acessos de exaustão.”¹

Deve-se observar de passagem que o Códice B também é conhecido por sua ‘aparência elegante’, mas não se deve presumir que, portanto, deva ser uma boa cópia. Até mesmo Hort admitiu que o escriba de B “não alcançou de forma alguma um alto padrão de precisão” (Westcott e Hort, p. 233). Aleph é reconhecido por todos como pior que B em todos os sentidos. Zuntz diz ainda: “P⁴⁶ está repleto de erros do copista, omissões e também acréscimos” (*Op.Cit.*, p. 212).

...o escriba que escreveu o papiro fez muito mal o seu trabalho. De suas inúmeras falhas, apenas uma fração (menos de uma em cada dez) foi corrigida e mesmo essa fração – como acontece frequentemente nos manuscritos – fica cada vez menor até o final do livro. Páginas inteiras ficaram sem qualquer correção, por mais que precisassem dela (*Ibid.*, p. 252).

Lembre-se do estudo de Colwell que o escriba de P⁴⁵ evidentemente fez numerosas mudanças **deliberadas** no texto – não deveríamos dizer que ele estava moralmente prejudicado? De qualquer forma, ele nos informou mal repetidamente. Ainda devemos confiar nele? Da mesma forma, já foi demonstrado que Aleph e B têm mais de 3.000 erros entre eles, apenas nos Evangelhos. Aleph é claramente pior que B, mas provavelmente não é duas vezes pior – pelo menos 1.000 desses erros são de B.² Aleph e B se enquadram na sua noção de uma boa testemunha? Mais uma vez digo: mais velho é igual a pior!

Precisamos realmente entender que a idade não garante nada em relação à qualidade. Cada testemunha deve ser avaliada por si só, independentemente da idade. Além disso, e talvez mais precisamente, precisamos de saber como um determinado MS se relaciona com outros. Uma vez que um MS é identificado empiricamente como pertencente a uma família (linha de transmissão), então já não é uma testemunha independente do original – é uma testemunha do arquétipo da família. Como Colwell tão bem colocou, “a questão crucial tanto para as testemunhas antigas como para as tardias ainda é: ‘ONDE ELES SE ENCAIXAM NUMA RECONSTRUÇÃO PLAUSÍVEL DA HISTÓRIA DA TRADIÇÃO MANUSCRITA?’”³

Lamentavelmente, a teoria hortiana, aliada à ficção de que ‘o mais velho é igual ao melhor’, teve um efeito soporífero sobre a disciplina de tal forma que comparativamente poucos MSS têm sido totalmente cotejados e, em consequência, poucas famílias foram definidas empiricamente. Uma ideia aproximada baseada em verificações pontuais não é adequada; há muita mistura.

A Transmissão do Texto

Voltando aos 1.700 MSS conhecidos para qualquer ponto dos Evangelhos, deveria ser evidente que uma variante num único MS, de qualquer idade, é irrelevante – é um falso testemunho do seu arquétipo familiar, nesse ponto, nada mais. Se vários MSS partilham uma variante, mas não pertencem à mesma família, então cometeram o erro de forma independente e são falsas testemunhas dos seus respectivos arquétipos familiares – não há dependência. Quando um grupo de MSS reflete evidentemente corretamente a forma

¹ Gunther Zuntz, *The Text of the Epistles* (London: Oxford University Press, 1953), p.18.

² Se você copiasse os quatro Evangelhos à mão, você acha que conseguiria cometer mil erros? Experimente e veja!

³ Colwell, “Hort Redivivus: A Plea and a Program”, *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E.C. Colwell (Leiden: E.J. Brill, 1969), p. 157. [Ênfase no original.]

arquetípica da sua família, então estamos a lidar com uma família (não com os MSS individuais). As famílias precisam ser avaliadas da mesma maneira que avaliamos os MSS individuais. É possível atribuir um quociente de credibilidade a uma família, com base em critérios objetivos. Mas é claro que toda e qualquer família deve primeiro ser identificada e definida empiricamente, e tal identificação depende do cotejo completo dos MSS.

Embora a disciplina tenha (até agora) negligenciado o seu trabalho de casa (cotejar MSS), ainda assim uma grande maioria de MSS deveria ser convincente. Por exemplo, se uma variante goza de 99% de atestação das testemunhas primárias, isto significa que domina totalmente qualquer 'árvore' genealógica, porque dominou a transmissão global do texto. A série *Text und Textwert* do INTF, praticantes do método de perfil Claremont, H.C. Hoskier, von Soden, Burgon, Scrivener – em suma, qualquer pessoa que tenha cotejado qualquer número de MSS – todos demonstraram que a maior parte dos MSS bizantinos não é de forma alguma monolítica. Existem um bom número de córregos e riachos. (Lembre-se de que Wisse postulou 34 grupos dentro da massa bizantina, com 70 subgrupos.) É claro que não houve 'fraude das urnas'; não houve decreto 'papal'; não houve recensão imposta pela autoridade eclesiástica. Em suma, a transmissão foi predominantemente normal.

Em circunstâncias normais, quanto mais antigo for um texto do que os seus rivais, maiores serão as suas probabilidades de sobreviver numa pluralidade ou na maioria absoluta dos textos existentes em qualquer período subsequente. Mas o texto **mais antigo** de todos é o autógrafo. Assim, deveria se presumir que, salvo algum deslocamento radical na história da transmissão, uma maioria de textos terá muito mais probabilidade de representar corretamente o caráter do original do que uma pequena minoria de textos. Isto é especialmente verdade quando a proporção é uma esmagadora 8:2. Sob quaisquer condições de transmissão razoavelmente normais, seria... completamente impossível para uma forma de texto posterior assegurar uma preponderância tão desproporcional de testemunhas conhecidas.¹

Insisto que a transmissão do Texto do NT foi de fato predominantemente normal, baseado em evidências históricas. A Parte I do meu livro, *Deus Preservou o Seu Texto*, alista e discute essas evidências, mas aqui está um esboço por alto:

1. Os autores dos livros do NT criam que estavam escrevendo Escritura;
2. Os Apóstolos reconheceram que seus colegas estavam escrevendo Escritura;
3. Os 'Pais da Igreja' dos séculos I e II consideravam os escritos do NT como Escritura;
4. Os escritos do NT foram usados junto com o AT pelas congregações cristãs desde muito cedo;
5. Os primeiros cristãos estavam preocupados com a pureza do Texto do NT.
6. Quais regiões começaram com os Autógrafos? Área do Egeu (18-24), Roma (2-7), Palestina (0-3), Egito (0).
7. Onde a Igreja foi mais forte durante os séculos II e III? Ásia Menor e região do Egeu.
8. Onde o grego foi mais usado e por mais tempo? Área do Egeu e Ásia Menor.

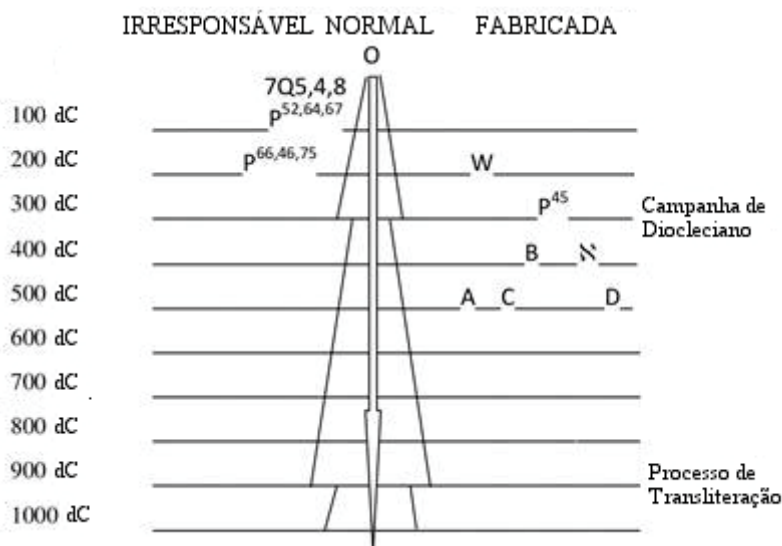
¹ Z.C. Hodges, "A Defense of the Majority Text" (notas de curso não publicadas, Dallas Theological Seminary, 1975), p. 4. O Apêndice B do meu livro *Identity V* mostra que a ciência matemática da probabilidade estatística dá amplo apoio à afirmação de Hodges. É estatisticamente impossível que um retardatário domine a transmissão.

9. Quais são as implicações da campanha de Diocleciano e do movimento donatista?

Afirmo que as provas são claras no sentido de que a transmissão foi de fato predominantemente normal.

Então, que tipo de quadro podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes, dado o entendimento de que a história da transmissão do Texto do Novo Testamento foi predominantemente normal? Podemos esperar um amplo espectro de cópias, mostrando pequenas diferenças devido a erros de copiar, mas todas refletindo uma tradição comum. A existência simultânea de transmissão anormal nos primeiros séculos resultaria num salpicar de cópias, desordenadamente, fora desse fluxo principal. O quadro seria algo como a figura a seguir.¹

Os MSS dentro dos cones representam a transmissão “normal”. À esquerda, plotei alguns possíveis representantes do que poderíamos chamar de transmissão “irresponsável” do texto – os copistas produziram cópias de baixa qualidade por incompetência ou descuido, mas não fizeram alterações deliberadas. À direita, plotei alguns possíveis representantes do que poderíamos chamar de transmissão “fabricada” do texto – os escribas fizeram alterações deliberadas no texto (por quaisquer razões), produzindo cópias fabricadas, e não cópias verdadeiras. Estou bem ciente de que os MSS plotados na figura acima contêm erros descuidados e deliberados, em proporções diferentes (7Q5,4,8 e P^{52,64,67} são demasiado fragmentados para permitir a classificação dos seus erros como deliberados e não descuidados), de modo que qualquer classificação como a que tento aqui será relativa e dá uma imagem distorcida. Ainda assim, atrevo-me a insistir que a ignorância, o descuido, a intromissão e a malícia todos deixaram a sua marca na transmissão do texto do Novo Testamento, e devemos levá-los em conta em qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão.



Tal como a figura sugere, defendo que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo de transmissão. Para aguentar a tortura em vez de entregar seu(s) MS(S), você teria que ser um crente verdadeiramente comprometido, o tipo de pessoa que desejaria boas cópias das Escrituras. Assim, provavelmente foram os MSS mais contaminados que foram destruídos, grosso modo, deixando os MSS mais puros para

¹ A história do local onde o Códice W foi encontrado sugere que ele deve ter sido copiado antes de 200 d.C., o que colocaria o Texto Bizantino no século II, uma vez que ele mostra influência bizantina.

reabastecer a terra (por favor, veja a seção “Repressão Imperial do N.T.” no Capítulo 6 de minha *Identity IV*). A seta dentro dos cones representa a Família 35 (ver Parte II).

Outra consideração sugere-se – se, como relatado, a campanha de Diocleciano foi mais feroz e eficaz na área bizantina, a vantagem numérica do tipo de texto 'bizantino' sobre o 'ocidental' e o 'alexandrino' teria sido reduzida, dando aos dois últimos uma oportunidade de tomar a liderança. Mas isso não aconteceu. A Igreja, em sua maioria, recusou-se a propagar essas formas do texto grego. Os códices B, κ , D, etc., não têm 'filhos'. Uma vez que é impossível produzir uma forma arquetípica para os tipos de texto, assim chamados, 'ocidental' ou 'alexandrino', com base na evidência dos manuscritos, será que eles existem?

O 'ponto crucial' de um Original 'perdido'

Voltando ao 'ponto crucial', a redação original se perdeu? Respondo com um enfático “**Não**”. Certamente existe dentro da massa bizantina, mas o que faremos se há confusão dentro dessa massa? (Insistir que deve ser uma das variantes existentes é melhor do que nada, suponho, mas eu, pelo menos, quero identificar a redação original.) Na minha opinião, sempre que pelo menos 90% das testemunhas primárias concordam, não pode haver nenhuma questão razoável; é estatisticamente impossível que uma leitura não original possa ter uma pontuação tão alta.¹ Sempre que uma leitura obtém uma atestação de pelo menos 80%, sua probabilidade é muito alta. Mas para talvez 2% das palavras no NT a atestação cai abaixo de 80% (um número desproporcional estando no Apocalipse), e neste ponto precisamos desviar a nossa atenção dos MSS para as famílias.² Já mencionei a atribuição de um quociente de credibilidade a cada família, com base em critérios objetivos, e isso precisa ser feito. Infelizmente, há muito “trabalho de casa” por fazer nesta área (até onde sei, apenas a Família 35 tem um perfil empiricamente definido),³ mas já foi feito trabalho suficiente para permitir algumas ideias aproximadas.

Estamos em dívida com o *Institut für Neutestamentliche Textforschung* por sua série *Text und Textwert*. Uma análise cuidadosa de seus cotejos indica que provavelmente não existe K^x em lugar nenhum (e lembre-se de Wisse). Tomemos, por exemplo, os volumes do *TuT* sobre o Evangelho de João, capítulos 1-10. Eles examinaram um total de 1.763 MSS (para 153 conjuntos de variantes) e incluíram os resultados nos dois volumes. As páginas 54 a 90 (volume 1) contêm “Agrupamentos de acordo com graus de concordância” “concordando mais frequentemente entre si do que com o texto majoritário”. Apenas um símbolo de grupo é usado, K^r – o primeiro representante da família, MS 18, lidera um grupo de cerca de 120 MSS, mas todos os representantes subsequentes têm apenas um K^r (que chamo de f^{35}). Depois de K^r , existem 22 grupos com entre 52 e 25 MSS, e

¹ Ver o Appendix B no meu *Identity V*.

² Uma vez que todos os MSS tenham sido cotejados e atribuídos empiricamente a famílias, então poderemos limitar a nossa atenção a essas famílias, desde o início (como fiz no Apocalipse).

³ Até onde eu sei, nem f^1 nem f^{13} existem fora dos Evangelhos, mas mesmo ali, alguém já produziu um perfil empiricamente definido para qualquer um deles? Considere a seguinte declaração de Metzger:

Deve-se observar que, de acordo com a teoria de que os membros de f^1 e f^{13} foram sujeitos a uma acomodação progressiva ao texto bizantino posterior, os estudiosos estabeleceram o texto dessas famílias adotando leituras de testemunhas da família que diferem do Textus Receptus. Portanto, a citação da sigla f^1 e f^{13} pode, em um dado caso, significar uma minoria de manuscritos (ou mesmo apenas um) que pertencem à família. (*A Textual Commentary on the Greek New Testament* [companheiro de UBS³], p. xii.)

Seria irracional dizer que tal procedimento é injusto para com o leitor? Não engana o usuário do aparato? Pelo menos conforme utilizadas pelas edições da UBS, essas siglas não representam perfis definidos empiricamente.

todos, exceto quatro deles, são realmente K^r/f^{35} , e o mesmo vale para vários grupos menores, de sorte que seu K^r provavelmente deveria ser superior a 200 (eu diria que a Família 35 nos Evangelhos tem mais de 250 representantes, mas a sua classificação aqui é baseada em apenas 153 conjuntos de variantes, na metade de João).

Considere o maior grupo além de K^r : 2103. Dos seus 52 membros, 15 mostram apenas uma concordância de 95% com o MS 2103. Se esses 52 MSS forem alguma vez cotejados para todos os Evangelhos, é inteiramente previsível que o “grupo” diminuirá consideravelmente; pode até desaparecer.

Há alguns anos, Maurice Robinson fez um cotejo completo de 1.389 MSS que contêm o P.A.,¹ e eu tive em minha posse a fotocópia de William Pierpont desses cotejos durante dois meses, passando a maior parte desse tempo estudando esses cotejos. Ao fazê-lo, tornou-se óbvio para mim que von Soden “regularizou” os seus dados, “criando” arbitrariamente a alegada forma arquetípica para as suas primeiras quatro famílias, $M^{1,2,3,4}$ – se é que existem, são bastante fluidos. Seus $M^{5\&6}$ existem, possuindo perfis distintos para o propósito de mostrar que são diferentes, mas são um pouco ‘moles’, com confusão interna suficiente para tornar arbitrária a escolha da forma arquetípica. De fato, suspeito que terão de ser subdivididos. Em contraste com o exposto acima, seu M^7 (que chamo de Família 35) tem um perfil sólido e inequívoco – a forma arquetípica é demonstrável, determinada empiricamente.

Quanto ao Apocalipse, dos nove grupos que Hoskier identificou, apenas o seu Complutense (que chamo de Família 35) é homogêneo. Dos demais, os principais têm subdivisões, que exigirão perfil próprio.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da precisa redação original do Texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação está reproduzida na minha edição do NT grego, disponível em www.prunch.org. MAS ATENÇÃO: seja ou não o arquétipo de f^{35} o Autógrafo (como afirmo), permanece o fato de que os MSS cotejados para este estudo refletem uma transmissão incrivelmente cuidadosa de sua fonte, e isso ao longo da Idade Média. Minhas pressuposições incluem: Deus existe; Ele inspirou o Texto Bíblico; Ele prometeu preservá-lo por mil gerações (1 Crônicas 16.15); portanto, Ele deve ter um interesse ativo e contínuo nessa preservação [já houve menos de 300 gerações desde Adão, e então Ele ainda tem um longo caminho a percorrer!]. **Se Ele estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão diferente de f^{35} , essa transmissão seria menos cuidadosa do que a que já demonstrei para f^{35} ?** Eu acho que não. Portanto, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isto inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até agora!²

Com base nas evidências disponíveis até agora, afirmo o seguinte:

1. A redação original nunca foi ‘perdida’ e sua transmissão ao longo dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecida como material inspirado desde o início.

¹ 240 MSS omitem o PA, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze apresentam lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Portanto, $1389 + 240 + 14 + 7(?) =$ cerca de 1650 MSS verificados por Robinson. Isso não inclui Lecionários, dos quais ele também verificou um bom número. (Esses são microfilmes mantidos pelo Instituto em Münster. Sabemos agora que existem muitos mais MSS conhecidos, e provavelmente ainda mais que ainda não foram identificados.) Infelizmente, até onde sei, Robinson ainda não publicou os seus cotejos, tornando-os assim disponíveis ao público em geral.

² Coisas como M^6 e M^5 em João 7.53-8.11 vêm à mente.

2. Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.
3. Para delinear tais linhas, os MSS devem ser agrupados empiricamente com base num mosaico partilhado de leituras.
4. Esses grupos ou famílias devem ser avaliados em termos de independência e credibilidade.
5. O maior grupo claramente definido é a Família 35.
6. A Família 35 é comprovadamente independente de todas as outras linhas de transmissão em todo o NT.
7. A família 35 é demonstradamente antiga, datando pelo menos ao século III.
8. Os representantes da Família 35 vêm de toda a região do Mediterrâneo; a distribuição geográfica é quase total.
9. A Família 35 não é uma recensão, não foi criada em algum momento posterior aos Autógrafos.
10. A família 35 é uma entidade objetiva/empiricamente definida em todo o NT; tem um perfil diagnóstico demonstrável de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.
11. A forma arquetípica da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrada (ver Parte II).
12. O Texto Original é o arquétipo mor; qualquer candidato também tem de ser um arquétipo – um arquétipo real, honesto e objetivamente verificável; há apenas um – Família 35.¹
13. A preocupação de Deus com a preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33, João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem razoavelmente ser interpretados como implicando uma promessa de que as Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (devemos viver “por cada palavra de Deus”) e até o fim do mundo (“por mil gerações”), mas nenhuma indicação é dada sobre como Deus propôs fazer isso. Devemos deduzir a resposta daquilo que Ele realmente fez – descobrimos que Ele fez, de fato!
14. Essa preocupação reflete-se na Família 35; é caracterizada por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (em contraste com outras linhas). [Tenho uma cópia perfeita do texto arquetípico da Família 35 para a maioria dos livros do NT (22); tenho cópias feitas de exemplar perfeito (presumido) por mais quatro (4); à medida que continuo a cotejar os MSS, espero acrescentar o último (Atos), mas mesmo para ele a forma arquetípica é demonstrável.]
15. Se Deus estivesse preservando o texto original em alguma linha de transmissão que não fosse a Família 35, essa linha seria menos cuidadosa? Eu acho que não. Portanto, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isso inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até agora.

¹ Se você quer ser candidato ao melhor advogado da sua cidade, você deve ser advogado, ou o melhor carpinteiro, ou oncologista, ou o que quer que seja. Se houver apenas um candidato a prefeito em sua cidade, quem será eleito?

16. Afirmando que Deus usou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto do Novo Testamento; está reproduzida em minha edição do Texto Grego.¹

A honestidade costumava fazer parte da definição de um verdadeiro estudioso. Qualquer um que deseje sê-lo deveria absolutamente parar de representar suas pressuposições como fazendo parte da evidência. Visto que o original nunca foi perdido, não há crítica textual legítima do NT e, portanto, nenhuma ciência sobre tal. Visto que a crítica textual do NT (tal como praticada pela comunidade acadêmica durante os últimos 130 anos) depende de um pressuposto falso, não pode ser uma ciência. Aqueles que rejeitam a evidência primária podem, e provavelmente continuarão, a propor uma teoria de crítica textual. Suponho que eles tenham direito à sua teoria, mas não posso desejar que passem bem.

¹ E Deus usou principalmente as Igrejas Ortodoxas Orientais para preservar o Texto do NT ao longo dos séculos – elas sempre usaram um Texto que era uma representação adequada do Original, para todos os efeitos práticos.

PARTE II: A Preservação do Texto do NT

Preâmbulo

Em qualquer discussão envolvendo a interpretação da evidência, três coisas precisam ser claramente distinguidas: evidência, interpretação e pressuposição. A verdadeira evidência, a realidade objetiva, tem de ser a mesma para todos. No entanto, a interpretação que diferentes pessoas dão a essa evidência pode variar consideravelmente. Essas diferentes interpretações derivam de diferentes conjuntos de pressuposições. Como é impossível trabalhar sem pressuposições, ninguém deveria ser criticado por tê-las. Dito isso, no entanto, uma vez que a pressuposição controla, ou pelo menos influencia fortemente, a interpretação, qualquer participante honesto em uma discussão de evidência deve entender as suas próprias pressuposições e declará-las aberta e claramente. O omitir de declarar as pressuposições da pessoa é desonesto e repreensível. A pessoa é simplesmente perversa que não declara as suas pressuposições, mas critica a outra pessoa que o faz; é uma postura desprezível. Toda e qualquer discussão envolvendo a interpretação das evidências deve começar com uma declaração de pressuposições. Nesse ponto, uma questão se apresenta: é possível avaliar os pressupostos? Caso que sim, como? Eu ofereço a seguinte tentativa para começar.

A questão fundamental que governa a existência humana em nosso planeta é a questão da autoridade: quem a tem, se é que tem, e sob que condições. A competição entre cosmovisões (ideologias, religiões, filosofias de vida), no mercado do mundo, remonta a essa questão. Estou ciente de que poucas pessoas se preocupam com a causa primordial, contentando-se em viver suas vidas da maneira como a sua cultura dita – talvez ‘contentando-se’ não seja a melhor palavra aqui; eles não têm tempo e oportunidade para bolar alternativas. Mas o que acontece quando um agente de mudança aparece? O agente de mudança está promovendo uma visão de mundo alternativa; ele está desafiando a cultura. Mesmo que a questão da autoridade não seja explicitamente declarada, ela se esconde em segundo plano. Eu submeto à devida consideração que o fator mais básico é a existência (ou não) de um Soberano Criador. Se tal Criador existe, então Ele terá autoridade absoluta sobre o que Ele criou. Onde mais de um candidato é apresentado, a escolha correta deve depender das evidências. No mundo de hoje, é comum se negar a existência de qualquer Criador. A existência do universo que nos cerca é atribuída a processos evolutivos.

Todo experimento científico, e conhecimento humano verdadeiro se baseia no princípio de causa e efeito – observamos um efeito e procuramos isolar a causa. Como corolário lógico, a causa tem de ser igual a, ou maior que o efeito, caso contrário não seria capaz de produzi-lo. Qualquer ser humano, que seja tanto honesto como inteligente, confrontado pelo universo observável, com sua organização e complexidade incríveis, é obrigado a concluir que deve existir uma CAUSA, de inteligência e poder além de incríveis – negar-se a fazê-lo é ser perverso. Já que nós temos personalidade, Ele também deve tê-la.

A única alternativa a uma CAUSA seria o acaso trabalhando cegamente com nada. Mas é cientificamente impossível: absolutamente, estupidamente, ridiculamente impossível que o acaso trabalhando cegamente com nada seria capaz de produzir qualquer coisa. $10 \times 0 = 0$; $1.000 \times 0 = 0$; $1.000.000 \times 0 = 0$, e assim por diante. Não importa quantas vezes você multiplicar zero, o resultado será sempre zero. Se multiplicar zero por alguma coisa cada dia durante cinco bilhões (ou trilhões, ou quadrilhões) de anos, o resultado sempre será exatamente zero! Mesmo se alguém começar com a superstição de um ‘big bang’ de

material inorgânico (sem vida), de onde veio a vida? (Isso deixando de lado a questão da origem de todo esse material inorgânico.)

A ciência da física nos informa que o universo inteiro conhecido, levando em conta unicamente a parte inorgânica (que não faz parte de um sistema vivo), pode ser descrito com até 350 'bits' de informação. Para descrever a menor partícula de proteína (tão pequena que não pode viver sozinha, mas que faz parte de um organismo vivo), é necessário em torno de 1.500 'bits' de informação (a bactéria 'e-coli' uns 7 milhões, e uma célula humana uns 20 bilhões!). Aonde, pois, poderia o nada mais o acaso encontrar 1.150 'bits' de informação nova (para produzir a proteína mais simples), se no universo inteiro só tinha 350? A teoria da evolução, para explicar a origem da vida, é estupidamente, ridiculamente impossível!

A ciência da genética, com seus projetos de genoma, já descobriu que uma mudança aleatória de apenas 3 nucleotídeos é fatal para o organismo. A diferença genética entre um ser humano e um chimpanzé (que seria seu 'parente' mais próximo) gira em torno de 1,6% – pode não parecer muito, mas representa uma diferença de uns 48 milhões de nucleotídeos. Já que uma mudança ao acaso de apenas 3 nucleotídeos mata o animal, e um animal morto não pode reproduzir, é simplesmente impossível um chimpanzé evoluir até se tornar homem (uns 15 milhões de chimpanzés morreriam na tentativa! – mas nunca progredindo além dos primeiros três nucleotídeos). Cada tipo diferente de animal tinha de ser criado separadamente, assim como Gênesis afirma. A teoria da evolução, para explicar os tipos diferentes de animal (para nem se comentar pássaros, insetos, peixes, plantas, etc.), é cientificamente impossível, estupidamente, ridiculamente impossível!

A 'coluna geológica' é uma ficção. Na Austrália existem troncos de árvores fossilizados, em pé, atravessando várias camadas de pedra sedimentária, que segundo a 'coluna geológica' representariam muitos milhões de anos – estupidamente, ridiculamente impossível! Nos EUA existe uma chapada (cerro) com camada de pedra mais antiga em cima de camada mais nova (segundo a 'coluna'), mas de uma área tão grande que não existe força conhecida capaz de vencer a fricção causada pela tentativa de fazer uma camada deslizar por cima da outra (o argumento que se usa) – outra coisa impossível para a 'coluna'.

A uns 100 km ao sudoeste de Dallas, Texas, existe uma pequena cidade chamada Glen Rose, que fica perto das margens do riacho Paluxy. Lá tem o parque estadual do dinossauro, porque no leito do riacho têm pegadas de dois tipos de dinossauro: de três dedos e de quatro dedos. Riacho acima do parque, um paleontólogo chamado Dr. Carl Baugh comprou bastante terreno pelas margens do riacho, para poder fazer suas próprias escavações. Lá ele tem um museu que eu mesmo já visitei. Na **mesma camada** de pedra sedimentária, ele encontrou os fósseis de dois trilobites, que os evolucionistas dizem ter existido a 550 milhões de anos; um musgo fossilizado chamado 'lapidodendron', que os evolucionistas dizem ter existido a 250 milhões de anos; o fóssil inteiro de um dinossauro chamado 'acrocantasauro' (com dez metros de comprimento), que os evolucionistas dizem ter existido a 100 milhões de anos; sete pegadas de um 'gato' enorme, que os evolucionistas dizem ter existido a 6 milhões de anos; 57 pegadas de ser humano (algumas dentro de pegada de dinossauro); o quarto dedo da mão esquerda de uma mulher, fossilizado; e ainda um martelo de ferro pré-diluviano (cujo ferro não enferruja, sendo 96,6% ferro e 2,7% cloro) – **tudo isso na mesmíssima camada de pedra sedimentária!**

Segue-se que a 'coluna geológica' não existe; foi uma invenção perversa bolada por pessoas desonestas e perversas. Todos esses fósseis foram criados pelo Dilúvio de Noé, há uns 4.365 anos; caso contrário, como explicar que todas essas coisas estão na mesma camada de rocha? [De passagem, é muito comum os defensores da 'coluna' argumentar em círculo: a idade de uma camada é determinada pelos fósseis que ela contém, ao passo que a idade de um fóssil é determinada pela camada em que se encontra!]

Depois, a terra é jovem. No observatório real na Inglaterra, eles veem medindo a força do campo magnético que envolve a terra cada ano, desde 1839. Constataram que essa força vem diminuindo num ritmo constante e previsível, uma progressão geométrica – locando os valores, ano por ano, num gráfico, eles caem numa linha reta em declive. Com isso é possível projetar a linha para cima e para baixo. Projetando para trás, há 10.000 anos a força iria esmagar a vida na terra. Segue-se que qualquer teoria que exige milhões, ou bilhões de anos é estupidamente, ridiculamente impossível.

O rio Mississippi nos EUA despeja 80.000 toneladas de sedimento no golfo do México cada hora! É só medir a delta para saber que a terra é jovem. O diâmetro do sol está diminuindo mais de um metro por hora. Projetando para trás, há 100.000 anos o sol teria o dobro do tamanho atual – iria assar tudo na superfície da terra; não haveria vida. Os evolucionistas querem que o granito tenha levado 300 milhões de anos para cristalizar, mas dentro do granito existem auréolas de polônio com meias-vidas de minutos e até segundos. O granito tinha de ser criado instantaneamente. As plantas e insetos **simbiontes** são impossíveis para a evolução – tiveram de ser criados ao mesmo tempo; eles dependem de dias de 24 horas. E assim por diante.

Conclusão: a teoria de evolução, como explicação de origens, é cientificamente impossível; é absolutamente, estupidamente, ridiculamente impossível. Há várias décadas o erudito Sir Frederick Hoyle foi contratado para avaliar a probabilidade científica de a vida ter aparecido no planeta por acaso (com dinheiro a contento e acesso livre às bibliotecas). A conclusão dele foi esta: seria mais fácil um ciclone passar por um campo de sucata e sair um Boeing 747 perfeito voando do outro lado do que a vida aparecer no planeta por acaso. Ora, ora, ora, que a vida poderia ter originado por um processo de evolução é obviamente, estupidamente, ridiculamente impossível!! [De passagem, questionamentos quanto à bondade do Criador não são de cunho científico.]

Portanto, uma Causa tem de existir, e essa Causa deve ser incrivelmente inteligente e poderosa. Essa Causa também deve ter personalidade, já que Ele criou seres com personalidade. O termo costumeiro usado para essa Causa é 'Deus', mas usarei o Soberano Criador. No mercado do mundo, não faltam ideias diferentes a respeito de 'Deus'. Gênesis 1.27 nos informa que "Deus criou o homem à sua própria imagem" e, desde então, o homem tem tentado devolver o favor! Eu me pergunto se as pessoas entendem que qualquer deus que elas criarem será menor do que elas são.

Já que existe um Soberano Criador, Ele detém autoridade absoluta sobre o que Ele criou. Mas por quais meios pode a autoridade ser exercida? Ela pode ser exercida por decreto, por intervenção soberana, mas fazer isso com seres criados à imagem de Deus os transformaria em robôs, o que seria contraditório ao propósito de criar tais seres. Como o Soberano disse à mulher samaritana, enquanto Ele andava nesta terra no corpo de Jesus: "os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4.23-24). Se o Pai está procurando adoração espontânea,

ou pelo menos voluntária, então isso não pode ser coagido ou forçado. Mas como pode o homem saber o que o Soberano Criador quer? Tem de haver comunicação. Mas que forma poderia essa comunicação tomar? Para comunicar conceitos, Ele teria que usar a linguagem humana. Sendo que qualquer idioma humano obedece a regras – fonológicas, gramaticais, semânticas – o Criador teria de se limitar ao conjunto de possibilidades oferecido pelo idioma escolhido.

Se o Criador estivesse preocupado apenas em transmitir informações a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado momento, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente, falando diretamente ou através de um representante. Mas se o propósito do Criador era de fornecer orientação que também fosse válida para as gerações subsequentes, a forma apropriada seria por escrito. Considere 1 Crônicas 16.15, “a palavra que Ele prescreveu para mil gerações”. Bem, como mal houve 300 gerações desde Adão até aqui, então a revelação escrita do Criador estará em vigor até o fim do mundo. No entanto, para estar em vigor até o final, ela deve ser mantida disponível até o final, mas estou me adiantando.

Se o Soberano Criador existe, e se Ele dirigiu uma Revelação escrita para nossa raça, então nada é mais importante para nós do que saber o que Ele disse (com a intenção de obedecê-la, se formos espertos). Isso porque tal revelação terá autoridade objetiva sobre nós (embora o Criador nos dê a opção de rejeitar essa autoridade [mas a devida consideração deve ser dada às consequências]). [De passagem, o inimigo sempre entendeu isso melhor do que quase todos nós, e ele começou seus ataques bem no início – “É verdade que Deus disse, . . . ?” (Gênesis 3.1).] Agora, autoridade objetiva depende de significado verificável; se um leitor/ouvinte pode dar qualquer significado que escolher para uma mensagem, qualquer autoridade que ela tenha para ele acaba sendo relativa e subjetiva (a abordagem ‘neo-ortodoxa’).

Como linguista (PhD), afirmo que o princípio fundamental da comunicação é o seguinte: tanto o falante/escritor quanto o ouvinte/leitor devem respeitar as normas da linguagem, em particular aquelas do código específico que é usado. Se o codificador violar as regras, ele estará enganando o decodificador (deliberadamente, se ele souber o que está fazendo). Se o decodificador violar as regras, ele irá deturpar a comunicação do codificador (deliberadamente, se ele souber o que está fazendo). Em qualquer caso, a comunicação fica prejudicada; a extensão do prejuízo dependerá das circunstâncias.

Várias vezes o Senhor Jesus se referiu ao Espírito Santo como “o Espírito da Verdade”, e Tito 1.2 afirma que Deus não pode mentir – é uma coisa que Ele não pode fazer, sendo contrária à Sua essência; “Ele não pode negar-se a si mesmo” (2 Timóteo 2.13). Deveria ser óbvio para todos que o Soberano não aceitará ser chamado de mentiroso. Interpretar o Texto Sagrado de forma não fiel às regras do hebraico e do grego, respectivamente, é atribuir ao Autor divino a intenção de nos enganar, é chamá-lo de mentiroso – não convém. Mas, para interpretar o Texto, precisamos tê-lo, e vou abordar o assunto da preservação daqui a pouco.

Mas primeiro, como podemos saber se o Criador realmente dirigiu, ou não, uma revelação escrita para nós? E se Ele o fez, como podemos identificá-la? Partindo do ponto de vista que o Soberano Criador decidiu fornecer orientação para nossa raça, Ele saberia que Ele teria que torná-la reconhecível pelo que era, e as evidências precisariam permanecer disponíveis para as gerações subsequentes. Mas como podemos saber que meios Ele usaria para tornar Sua revelação reconhecível? Podemos saber olhando para o que Ele fez, e ir voltando, tentando reconstruir a história. Neste ponto, eu preciso ir direto para as minhas conclusões, com base nas evidências e, em seguida, retroceder pelas etapas para verificar

se a minha conclusão permanece válida. Eu aqui declaro as pressuposições que eu trago para minha tarefa: 1) o Soberano Criador existe; 2) Ele endereçou uma Revelação escrita para nossa raça; 3) Ele a preservou intacta até os dias atuais de tal forma que podemos saber qual é (tanto o conteúdo como a redação), baseado em critérios objetivos.

Introdução

Inspiração

Quando escrevo um livro,¹ identifico-me como o autor e normalmente dou alguma indicação quanto ao meu propósito ao escrevê-lo. Como cristão, aprendi que nossa Bíblia (contendo 66 ‘livros’) é uma Revelação escrita dada pelo Soberano Criador. Então eu pergunto: a Bíblia diz o que ela é? Ela afirma ser divinamente inspirada? Começaremos com a reivindicação e, em seguida, tentaremos verificá-la.

A reivindicação

Gênesis 1.1: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. O único que poderia passar essa informação para Adão (como eu entendo) era o próprio Criador; o Autor está se identificando. Adão certamente desenvolveu uma forma escrita para o idioma que Deus deu a ele, e ele teria feito um registro escrito de tudo que o Criador lhe contou a respeito do começo deste planeta. Centenas, se não milhares de vezes em toda a Bíblia encontramos “Deus disse”, ou “o Senhor disse”. Os livros proféticos expressamente afirmam ser mensagens dadas por Deus. Aqui está apenas um exemplo: “A palavra do Senhor que veio a Miquéias, morastita, nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá” (Miquéias 1.1).

Salmo 138.2, “Engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome”. Como o nome de uma pessoa representa essa pessoa, o ponto dessa afirmação parece ser que a palavra de Deus representa a sua pessoa ainda melhor do que o nome dEle. “Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu” (Salmos 119.89). Se a palavra está no céu, então deve ser de Deus, e apenas um Ser eterno pode produzir uma palavra eterna. 1 Pedro 1.25 cita Isaías 40.8, “a palavra do SENHOR dura para sempre”, e há várias outras passagens que dizem essencialmente a mesma coisa. Novamente, apenas um Ser eterno poderia produzir uma palavra eterna.

Mateus 5.18, “na verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem uma só ‘iota’, nem um só til, passará da Lei, até que tudo aconteça”. O Soberano Jesus está fazendo uma declaração sobre a preservação da forma precisa do Texto Sagrado através dos tempos. Apenas uma autoridade máxima poderia garantir algo assim. “Toda a Escritura é exalada por Deus” (2 Timóteo 3.16). Paulo inventa uma expressão para descrever a íntima conexão entre Deus e Sua Revelação escrita; é como a Sua própria respiração.

Romanos 14.24, “Àquele que tem poder para estabelecer vocês de acordo com meu Evangelho e a proclamação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério mantido em segredo através de longas eras, 25 mas agora revelado e tornado conhecido pelas Escrituras proféticas, de acordo com o mandamento do Deus eterno, com vista à obediência de fé entre todas as nações étnicas”. Como está sendo revelado apenas ‘agora’, essas ‘Escrituras proféticas’ tem de ser os escritos do Novo Testamento, dados por Deus! [5,2% dos manuscritos gregos colocam os versos 24-26 no final do livro, em vez daqui. É costume de Paulo colocar doxologias no meio de suas cartas – não vem apenas no final.]

2 Pedro 1.20-21, “sabendo primeiro isto, que nenhuma Profecia das Escrituras acontece por liberação privada; porque nenhuma profecia jamais veio pela vontade do homem, e sim os homens santos de Deus falaram ao serem levados pelo Espírito Santo”. Aqui temos

¹ Até aqui, já publiquei oito (sem contar traduções), além de um Texto grego do NT.

uma descrição impressionante do processo de Inspiração.¹ Eu gosto da definição das Escrituras que encontramos em Romanos 2.20 – “tendo na Lei a corporificação do conhecimento e da verdade”. Quem, senão o Soberano Criador, poderia produzir uma Revelação escrita que incorpora o conhecimento e a verdade? Entendo que as declarações já citadas afirmam a existência de uma Revelação escrita, mas elas não nos fornecem a identidade dos escritos inspirados que compõe essa revelação, isto é, a composição do Cânon. Tratarei essa questão no seu turno.

As evidências da Inspiração

Considero que lidei adequadamente com a afirmação, e agora passo para as evidências, ou para a verificação. Uma literatura que afirma ter origem sobrenatural deveria ser intrinsecamente sobrenatural e produzir resultados sobrenaturais. Começarei com os resultados sobrenaturais, que também nos dirão algo sobre o propósito do Criador ao dar a Revelação.

Paulo escreveu a Timóteo: “desde a infância, conhecestes as Sagradas Escrituras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé que há em Cristo Jesus. Toda Escritura é exalada por Deus e é valiosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para treinar em retidão moral, para que o homem de Deus seja plenamente competente, totalmente equipado para toda boa obra” (2 Timóteo 3.15-17). Certamente, um dos propósitos mais importantes da Revelação é mostrar como obter a salvação eterna. Paulo continua dizendo que as Escrituras são valiosas para quatro coisas. Observe a sequência: 1) as Escrituras fornecem informações objetivamente verdadeiras; 2) então o Espírito Santo usa Sua Espada para convencer do pecado; 3) isso leva ao arrependimento e à conversão; 4) então a Palavra é nossa comida e água para o crescimento espiritual. (Acesso às Escrituras é necessário para crescimento e trabalho espirituais.) À medida que crescemos, podemos ajudar os outros a percorrer a sequência. Um grande número de cristãos, de todo o mundo, já descobriu que o que está dito acima é verdadeiro em sua experiência pessoal.

Hebreus 4.12-13, “a Palavra de Deus é viva e eficiente, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, penetrando até o ponto de separar alma e espírito, juntas e medulas; na verdade, é capaz de avaliar as reflexões e intenções de um coração. Nada em toda a criação está oculto da sua vista; antes, todas as coisas estão nuas e abertas aos olhos dAquele a quem devemos prestar contas”. Meditar na Palavra de Deus pode ser um tanto desconfortável; é um ‘espelho’ que nos diz a verdade sobre nós mesmos (Tiago 1.25). Efésios 6.17 chama isso de “a espada do Espírito”. Uma palavra que pode separar a alma do espírito deve ser sobrenatural. (Se alma e espírito podem ser separados, então obviamente não podem ser uma só coisa; assim como juntas e medulas não são a mesma coisa.) Um grande número de cristãos, de todo o mundo, já descobriu que o que está dito acima é verdadeiro em sua experiência pessoal. Voltando a Hebreus 4.13, teremos de prestar contas a um Juiz que conhece TODOS os fatos. Essa ciência realmente deveria fazer de nós pessoas sérias, que procuram Deus com diligência.

“Este Livro da lei não se apartará de sua boca, mas você deve meditar nele dia e noite, para poder observar para fazer de acordo com tudo que está escrito nele. Porque então prosperarás e serás bem-sucedido” (Josué 1.8). Tiago 1.25 diz algo muito semelhante. Moisés disse aos israelitas: “Colocam os vossos corações em todas as palavras que testifico entre vós hoje, as quais ordenareis que vossas crianças observem atentamente –

¹ O vocábulo que eu traduzi como ‘liberação’ acontece somente aqui no NT, mas o sentido básico da raiz é ‘soltar’ ou ‘liberar’. Quanto a uma palavra profética, poderia dizer respeito tanto ao enunciar/originar dela, como à interpretação dela. O verso 21 deixa claro que aqui é o originar. Profecias falsas derivam da vontade do ‘profeta’ (ou influência demoníaca), mas profecia de verdade, nunca.

todas as palavras desta lei. Pois não é uma coisa fútil para vocês, porque é a vossa vida” (Deuteronômio 32.46-47). Um grande número de cristãos, do mundo todo, já descobriu que o que está dito acima é verdadeiro em sua experiência pessoal. (Lembrar que estou falando das evidências; do efeito que produz.)

Romanos 1.16-17: “Não me envergonho do Evangelho de Cristo, porque é o poder de Deus para a salvação de cada um que crê (primeiro para o judeu, depois para o grego); porque nele a justiça de Deus é revelada, de fé em fé; assim como está escrito: ‘O justo viverá por fé.’” O Evangelho é o poder para a salvação. Como o Soberano Jesus disse em João 14.6 – “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”. Não existem muitos caminhos, mas apenas um. Voltando a Romanos 1.16, de onde teria Paulo tirado a ideia de ‘vergonha’? Um mundo controlado por Satanás faz de tudo para acabrunhar qualquer um que se atreve a proclamar a Verdade. Paulo cita Habacuque 2.4. Para ‘viver por fé’ é necessário passar de um exercício de fé para outro. Milhões de vidas já foram transformadas pelo poder da Palavra de Deus; então, de onde veio esse poder?

A inspiração do Texto Sagrado é uma qualidade intrínseca; ela é, porque é. No entanto, podemos perceber a qualidade inerente, comparando material inspirado com material que não é inspirado. Considere a natureza do conteúdo ou mensagem da Bíblia: não é o tipo de coisa que o ser humano gostaria de escrever, mesmo que pudesse; nem é o tipo de coisa que ele poderia escrever, mesmo que ele quisesse. E depois, há a unidade da Bíblia: embora os 66 livros tenham sido escritos por pelo menos trinta autores humanos diferentes, durante uns 2.000 anos, e em dois idiomas muito diferentes (hebraico e grego),¹ o todo é coerente, não se contradiz. Há também profecias específicas e detalhadas, incluindo até mesmo o nome de uma pessoa, reveladas séculos antes do fato, que foram precisamente cumpridas.

Para aqueles que creem que Jesus Cristo é Deus, a atitude dEle em relação ao Antigo Testamento será relevante. Ele atribuiu autoridade absoluta ao A.T.; em João 5.45-47 Ele colocou os escritos de Moisés no mesmo nível de Sua própria palavra, que Ele afirmou ter validade eterna (Lucas 21.33). Conforme relatado nos quatro Evangelhos, Ele citou pelo menos Gênesis, Êxodo, Números, Deuteronômio, Salmos, Isaías, Jeremias, Daniel, Oséias, Jonas, Zacarias e Malaquias. Em Lucas 24.44, Ele reconheceu explicitamente as três divisões do Cânon hebraico: a Lei, os Profetas e os Escritos (Salmos). E ainda há Mateus 23.35 – “para que caia sobre vocês todo o sangue justo já derramado sobre a terra, do sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Berequias, a quem vocês assassinaram entre o templo e o altar.” Jesus está aqui concluindo Sua denúncia dos escribas e fariseus. O assassinato de Abel é o primeiro registrado na Bíblia (Gênesis 4.8). Por favor, note que Jesus afirma a historicidade de Abel, e desde que Abel teve pais, necessariamente, Jesus também está afirmando a historicidade dos pais de Abel, Adão e Eva! Zacarias foi contemporâneo de Esdras e Ageu na época da construção do segundo templo. Então, “todo o sangue justo derramado” entre esses dois homens cobre todo o AT, uns 3.500 anos!

Tendo dito tudo isso acima, no entanto, reconheço que afirmar a inspiração divina da Bíblia é uma declaração de fé – uma fé inteligente, que é baseada em evidências, mas ainda assim é fé, uma vez que as evidências não são absolutas;² e elas não são absolutas por uma boa razão. O Soberano Criador deliberadamente não permite que as evidências sejam absolutas, porque então não haveria teste verdadeiro. O Criador requer que os homens escolham entre o bem e o mal, e a escolha não pode ser coagida. Naquela última noite, no cenáculo, Soberano Jesus se referiu ao Espírito Santo como “o Espírito da

¹ Uns poucos capítulos foram escritos em aramaico.

² De sorte que não estamos lidando com ciência, num sentido objetivo.

Verdade” e declarou que “Ele vos guiará a toda a verdade” (João 16.13). É a prerrogativa do Espírito Santo sentenciar e convencer.

A sua natureza.

Usamos o termo "inspiração" para nos referirmos ao processo que o Soberano Criador usou para produzir sua Revelação escrita. O Criador escolheu usar autores humanos, com exceção das tábuas de pedra contendo o Decálogo, que o próprio Criador gravou (Êxodo 31.18, 32.16). Ao comparar o estilo de livros escritos por pessoas diferentes, é evidente que a personalidade do autor humano não foi reprimida ou bloqueada: Paulo escreve de uma maneira, João escreve de uma maneira diferente e assim por diante. E o mesmo autor mudará de estilo, dependendo do público-alvo ou destinatário. Assim sendo, quando Pedro escreve que os autores foram “conduzidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1.21), podemos entender que o ‘conduzir’ garantiu que as palavras que foram escritas expressavam corretamente o significado que o Espírito Santo queria transmitir. Tanto a Palavra viva como a Palavra escrita envolvem uma união hipostática: como Jesus Cristo pode ser 100% Deus e 100% homem ao mesmo tempo é um mistério; como a Palavra escrita pode ser 100% divina e 100% humana ao mesmo tempo é também um mistério.

Mas não é só isso. A maneira como a inspiração funciona varia com o tipo de literatura.

1) Estritamente falando, ‘revelação’ significa informação dada diretamente a alguém pelo Criador (às vezes usando um anjo). A verdadeira profecia é um profeta repetindo palavra por palavra o que o Criador lhe disse: “a palavra do SENHOR veio a mim dizendo” (Jeremias 1.4). Por necessidade, a informação contida no primeiro capítulo de Gênesis foi dada diretamente a Adão pelo Criador. Da mesma forma, as informações contidas em Jó 1.6-12 e 2.1-7 tinham de ser dadas diretamente ao autor do livro (talvez Eliú, filho de Baraque – Jó 32.2). Atos 1.16 diz que o Espírito Santo falou pela boca de Davi. Com referência à ‘Ceia do Senhor’, Paulo escreveu: "Recebi do Senhor o que também transmiti a vocês" (1 Coríntios 11.23). Eu poderia adicionar outras referências, mas já dei o suficiente para ilustrar ‘revelação’; tal revelação é geralmente normativa, serve para orientar o nosso comportamento.

2) A informação histórica é um pouco diferente; a inspiração garante a veracidade do que é descrito – as coisas aconteceram exatamente daquela maneira. Deve ser óbvio que as descrições de pecado, mentira, crime ou perversidade não são normativas, embora sirvam de exemplos negativos para nos alertar. Gênesis 3.4 registra uma mentira; “Então a serpente disse à mulher: Você certamente não morrerá”. Obviamente, a inspiração não está de acordo com a mentira, apenas garante que a serpente disse exatamente isso. Informações históricas, ou registros, podem incluir orientação normativa. É sempre necessário prestar muita atenção ao contexto, que pode apropriadamente ser chamado de ‘rei da interpretação’.

3) O material poético é mais difícil. É um gênero de comunicação que tem suas próprias regras, e o contexto é muito importante. A Canção de Salomão é composta de treze ‘cânticos’; eles não são apresentados como normativos. Como a relação entre homem e mulher é fundamental para a existência humana, é natural que o assunto encontre um lugar na Revelação escrita. Que o Criador escolheu o gênero poético, foi Sua prerrogativa, e isso vai com o assunto; a emoção frequentemente encontra expressão em forma poética.

Em contraste, os Provérbios são geralmente normativos. Em Eclesiastes 12.9-11, Salomão declara a inspiração dos provérbios: eles “nos foram dados pelo único Pastor”.

Por outro lado, o próprio Salomão não faz a mesma reivindicação para Eclesiastes, outro livro que ele escreveu. O segundo verso, “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade”, obviamente não concorda com o resto da Bíblia. Servir a Deus não é vaidade, a salvação em Cristo não é vaidade, e assim por diante. De fato, Salomão declara abertamente como o livro veio a ser: “Apliquei o meu coração a esquadriñar e a informar-me com sabedoria” (1.13), “Falei eu com o meu coração” (1.16), “Apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a conhecer os desvarios e as loucuras” (1.17), “Busquei no meu coração como estimular com vinho a minha carne” (2.3). O livro é claramente uma tentativa de entender a vida e o mundo usando uma análise puramente humanista, deixando o Soberano Criador fora de cena. Essa análise foi realizada por um homem que era muito inteligente. Entendo que o livro foi incluído no Cânon precisamente para mostrar a que conclusão uma análise puramente humanista da vida deve chegar – ao vazio e ao desespero. No entanto, o autor concluiu o livro afirmando a verdadeira verdade, para que ninguém fosse enganado: “De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.”

Iluminação

Eu afirmo que é importante distinguir entre inspiração e iluminação, com referência às Escrituras. Inspiração se refere ao escrever do material bíblico; iluminação se refere à interpretação do material bíblico. Ambos, inspiração e iluminação, são obra do Espírito Santo. A iluminação é geralmente reservada para aqueles que já foram regenerados. “Ora, um homem alimático não recebe as coisas do Espírito de Deus, porque são loucura para ele; de fato, ele não pode entendê-las, porque elas são espiritualmente discernidas” (1 Coríntios 2.14). É isso que o Texto diz. Uma pessoa alimática não pode entender as coisas espirituais, o que parece ser um defeito congênito. Os fatos concretos contidos em um registro histórico podem ser entendidos por qualquer pessoa. Que Davi matou Goliás é um fato que qualquer um pode entender. Mas entender o propósito do Espírito Santo por trás de uma declaração inspirada depende da iluminação, e para recebê-la é preciso ser espiritual (1 Coríntios 2.15).

O Cânon

Chego agora à questão da canonicidade do Texto Sagrado: por que nossa Bíblia tem a variedade exata de livros que ela possui – nem mais, nem menos, e não outros? Inspiração refere-se à atividade divina no ato de escrever o material, garantindo o resultado. Em contraste, a canonização do Texto refere-se à atividade humana, reconhecendo a qualidade divina desse material. O processo desse reconhecimento ocorreu dentro da comunidade da Fé – a comunidade hebraica, para o AT, e a comunidade cristã, para o NT. Já me referi à atitude que o Senhor Jesus Cristo demonstrou em relação ao AT, que era toda a Bíblia que existia naquele momento. Ele, evidentemente, reconheceu o Cânon de 39 livros que haviam sido definidos até Seu tempo. Ele citou vários livros – tirados da Lei, da história, da profecia e da poesia – e o fez como sendo a Palavra de Deus, algo verdadeiro, sagrado e autoritário. Os autores humanos do NT demonstraram o mesmo respeito pelo AT, que também era a Bíblia deles.

Eu já disse que o AT contém 39 livros, e assim foi até o século XVI da era cristã. O Concílio de Trento foi uma reação da Igreja Católica Romana contra a Reforma Protestante. Começou em 1545 e concluiu seu trabalho em 1563. Acrescentou quatorze ‘livros’ ao AT,

embora os quatorze nunca tivessem sido reconhecidos pela comunidade hebraica. Nos círculos protestantes, esses livros são geralmente referidos como 'Apócrifos', enquanto nos círculos católicos romanos eles são referidos como 'Deutero-canônicos'. O Cânon do NT foi formalmente fechado pelo Concílio de Cartago em 397 d.C., o Cânon do AT tendo sido fechado séculos antes. Certamente, 1563 já era tarde demais para acrescentar livros ao Texto Sagrado.

Agora, a canonização tem tudo a ver com a preservação do Texto. Isso porque certamente a comunidade da Fé só se preocuparia em transmitir e proteger os livros "canônicos", aqueles que foram considerados inspirados.¹ Prosseguindo, quando eu abordar a questão da preservação, abaixo, vou ponderar que é precisamente a preservação do Texto que comprova sua canonicidade. A parte humana na transmissão do Texto é óbvia; mas havia também atividade divina, protegendo o Texto (incluindo a exata redação)? E como poderia alguém 'medir' essa atividade divina? Eu vejo duas 'ferramentas' relevantes para fazer a medição: a lógica e a história. Eu começo com o argumento da lógica.

Inspiração é um resultado ou uma qualidade da Revelação – com essa declaração estamos afirmando que o Soberano Criador decidiu transmitir alguma informação objetiva à raça humana. Se o Criador estivesse apenas preocupado em transmitir informação a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado ponto no tempo, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente. Mas se o propósito dEle era alcançar uma sequência de gerações (até mil delas, 1 Crônicas 16.15), então a forma apropriada seria por escrito. Agora, se o Criador pretendesse que Sua Revelação chegasse intacta, ou pelo menos inteira e em condições confiáveis, ao século XXI, Ele absolutamente teria que vigiar o processo de transmissão através dos séculos. Ele teria que proibir a perda irrecoverável de qualquer material genuíno, bem como proibir qualquer inserção irreconhecível de material espúrio. A redação original deveria estar disponível, em qualquer geração, para pessoas que estivessem suficientemente interessadas em ter essa redação de que pagariam o preço necessário (tempo, viagem, dinheiro) para obtê-la. (Em geral, as pessoas ficariam satisfeitas com o texto que tinham, desde que considerassem confiável.) Então, uma pessoa que crê na inspiração divina do Novo Testamento, por exemplo, também deveria crer na preservação divina do NT – é uma questão de lógica. Mas, e quanto às evidências históricas; elas concordam com nossa lógica, ou não? É para essa pergunta que eu me ateno agora.

O propósito de Deus de preservar

Para começar, entendo que as seguintes referências podem ser razoavelmente entendidas como uma declaração do Soberano Criador de que Ele pretendia preservar o Seu Texto, mas Ele não deu nenhuma indicação sobre como se propôs fazê-lo. Devemos trabalhar de volta a partir do que Ele fez. Mas primeiro, as referências:

¹ Por exemplo, existem pessoas que sustentam que o Autógrafo de Mateus foi escrito em hebraico. Mas existe uma pequena dificuldade com essa tese: não existe sequer uma única cópia conhecida desse Evangelho em hebraico. Sendo que foi somente o Mateus em grego que a Igreja protegeu e transmitiu, então o Autógrafo foi escrito em grego, obviamente. Contudo, parece-me igualmente óbvio que Mateus, e qualquer outra pessoa que sabia escrever, encheu 'cadernos' com as suas anotações de tudo que Jesus disse e fez. Sim, porque Lucas 1.1 afirma que "muitos têm empreendido pôr em ordem uma narração dos fatos que de veras se cumpriram entre nós". Todas as anotações feitas 'na hora' teriam sido em hebraico, já que foi esse o idioma que Jesus usou. Quando Mateus escreveu o seu Evangelho em grego, ele certamente consultou suas anotações escritas em hebraico. A falta de sequer uma cópia em grego de coisas tais como o evangelho de Tomé, ou de Judas, ou como queira, significa que tais escritos não eram inspirados e não foram reconhecidos pela Igreja.

1 Crônicas 16.14-15 faz parte de um salmo de louvor a Deus que foi cantado quando a Arca foi trazida para Jerusalém. “Ele é o SENHOR nosso Deus; Seus julgamentos estão em toda a terra. Lembre-se para sempre do Seu mandamento, da palavra que ele ordenou para mil gerações”. Para que a Palavra fosse válida até a milésima geração, ela teria que ser preservada até essa geração, e teria de estar disponível para cada geração ao longo do caminho. Entendo que “mil gerações” é paralelo a “para sempre”. “Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada nos céus. A tua fidelidade estende-se a todas as gerações” (Salmos 119.89-90). “Para sempre” é paralelo a “todas as gerações”. “A erva seca, a flor murcha, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre” (Isaías 40.8). Para ‘permanecer’ para sempre, deve ser preservada para sempre. {Salmo 102.18 e 1 Coríntios 10.11}

Mateus 5.17-18 faz parte do chamado ‘Sermão da Montanha’, proferido pelo Soberano Jesus enquanto Ele andava nesta terra. “Não pensem que vim destruir a Lei ou os Profetas; não vim para destruir, mas para cumprir. Pois deveras vos digo: Até que, eventualmente, passem o céu e a terra, absolutamente não passará da Lei sequer um iota ou um til até que tudo aconteça.” O Senhor faz aqui uma declaração impressionantemente forte a respeito da preservação através do tempo da forma precisa do Texto Sagrado. Visto que nosso único acesso ao significado é através da forma, qualquer alteração na forma alterará o significado. (Uma das maneiras mais eficazes de anular um mandamento é corromper o Texto – algo que Satanás entende muito bem.) “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um só traço da Lei” (Lucas 16.17). “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Lucas 21.33). O Soberano Jesus declara que Suas palavras têm validade eterna e, portanto, estão no mesmo nível da Revelação escrita de Deus (ver Salmo 119.89).

Em Mateus 4.4, o Soberano Jesus refuta Satanás, citando Deuteronômio 8.3. “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de cada palavra saindo da boca de Deus.’” Se temos de viver de “cada palavra”, então cada palavra deve ser mantida disponível. Observe também Deuteronômio 29.29, “as coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”. “Todas as palavras” inclui cada palavra individual que contribui para o todo; e para que a trecentésima geração obedeça a todas elas, todas elas ainda devem estar disponíveis. Considere também Isaías 59.21 – “Quanto a mim”, diz o SENHOR, “esta é a minha aliança com eles: o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras que pus na tua boca, não se desviarão da tua boca, nem da boca dos teus descendentes, nem da boca dos descendentes dos teus descendentes”, diz o SENHOR, “desde agora e para sempre”. “Minhas palavras” incluem cada palavra individual que contribui para o todo, e devem estar disponíveis “desde agora e para sempre”, o que inclui todas as gerações intervinientes. Apocalipse 22.18-19 também enfatiza as palavras individuais.

Submeto que as referências apresentadas acima podem ser razoavelmente entendidas como constituindo uma declaração de que o Soberano Criador pretende que a Sua Revelação escrita esteja disponível a todas as gerações até o fim do mundo – Sua preocupação se estende às palavras individuais, e até mesmo às letras (Mateus 5.18)! Contudo, visto que Ele não deu nenhuma indicação sobre como se propôs fazê-lo, devemos deduzir a resposta analisando o que Ele fez. Começarei com o Novo Testamento. Prossigo a desfilas as evidências.

A História do Texto (O que aconteceu de fato?)

Os Autógrafos

Quando falo da preservação divina do Texto do Novo Testamento, refiro-me à exata redação dos documentos originais, os Autógrafos. Quando falo de preservação, estou presumindo inspiração divina; são coisas logicamente interdependentes. Por que Deus inspiraria uma revelação escrita se Ele não fosse preservá-la? Por que Deus preservaria escritos que Ele não havia inspirado? Eu considero que a preservação do Texto do NT talvez seja o argumento mais forte em favor da natureza inspirada dele. O mesmo vale para a seleção precisa de livros que compõem o Canon do NT. Como considero que o Evangelho de Mateus foi o primeiro livro do NT a ser entregue ao público ('publicado'), vou começar por ele.

Na época em que o Evangelho de Mateus foi 'publicado' em 38 d.C., a produção de livros no Império Romano era generalizada, mas não havia "direitos autorais". Assim que um livro era solto, ele se tornava de "domínio público", e qualquer um poderia usá-lo e alterá-lo. Ora, se o Espírito Santo pensasse em proteger as obras que Ele estava inspirando, protegendo contra a livre alteração, o que Ele poderia fazer? Sugiro que a maneira mais óbvia seria que essas obras fossem 'publicadas' na forma de cópias múltiplas. Hoje em dia, a primeira edição de um livro geralmente é de alguns mil exemplares, mas naqueles dias cada cópia tinha de ser feita à mão (manuscrita). (Os colofões em 50% dos manuscritos, incluindo a Família 35, dizem que Mateus foi 'publicado' oito anos após a ascensão do Cristo. Sendo que Jesus ascendeu em 30 d.C., Mateus foi entregue ao público em 38. Os colofões dizem que Marcos foi publicado dois anos mais tarde (40), Lucas outros cinco anos mais tarde (45) e João em 62.)

Um livro do tamanho do Evangelho de Mateus representaria um considerável investimento de tempo e esforço, bem como de papiro e tinta. Entendo que os escritos do NT foram preparados em forma de livro a partir do começo (não rolo), e o material usado provavelmente era papiro. ["Traz os livros, e principalmente os pergaminhos" (2 Timóteo 4.13). A partir disso podemos entender que pergaminho já estava sendo usado, mas os "livros" eram de papiro, presumivelmente; caso contrário, para que o contraste?] No entanto, papiro não suporta muito manuseio, e já no ano 38 havia muitas congregações cristãs apenas no território judeu, para não mencionar em outros lugares. Se o Espírito Santo pretendesse que os escritos do Novo Testamento tivessem uma ampla circulação, o que pareceria óbvio, seria necessário começar com cópias múltiplas. Um único exemplar de Mateus estaria caindo aos pedaços antes de chegar à vigésima congregação (se em papiro).

Mas por que eu insisto em papiro em vez de pergaminho? Bem, uma única cópia de Mateus representaria cerca de quinze ovelhas ou cabras; com base nisso, quem poderia pagar por múltiplas cópias? Dito isto, no entanto, a cópia original pode, de fato, ter sido feita em pergaminho, por duas razões: se uma cópia original era para ser guardada, para controle de qualidade, ela deveria estar em material durável; se várias cópias, da cópia original, fossem feitas antes de serem entregues ao público, uma cópia original em papiro não poderia durar.

A ideia de publicar um livro na forma de vários exemplares pode ser inferida das Epístolas. 2 Coríntios foi escrita para "a igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia" (versículo 1). Quantas congregações haveria "em toda a Acaia"? Estaria Paulo pensando em cópias múltiplas? 1 Coríntios foi endereçada a "todos os que em toda a parte invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (versículo 2). Ora,

quantas cópias **isso** levaria? Gálatas foi escrito para "as igrejas da Galácia" (versículo 2). Uma única cópia poderia chegar a todas elas?

Considere o caso da primeira carta de Pedro: ela é dirigida aos crentes em "Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (versículo 1). Agora, com que base poderia Pedro (apóstolo para a circuncisão, Gálatas 2.8) escrever para as pessoas nesses lugares? Provavelmente, um bom número dos líderes mais antigos estava com Pedro no Pentecostes, e se sentou sob seu ministério até que a perseguição sob Saul os mandou de volta para casa, presumivelmente (Atos 8.4). Observe que a lista de lugares em Atos 2.9-11 inclui os seguintes lugares na Ásia Menor: Ásia, Capadócia, Panfília, Frígia e Ponto. Três dos cinco estão na lista de Pedro e não precisamos presumir que a lista dele era exaustiva; quanto a isso, a lista em Atos 2.9-11 provavelmente não é exaustiva.

Você já olhou para um mapa para ver a localização das cinco províncias de Pedro? Elas basicamente representam toda a Ásia Menor (hoje a Turquia)! A "Ásia" parece ter sido usada de maneiras diferentes. Atos 27.2 tem a Ásia incluindo Cilícia e Panfília (verso 5). O Cristo glorificado colocou as sete igrejas na Ásia (Apocalipse 1.4). Em Atos 16.6 o termo parece se referir a uma área mais limitada, a qual, no entanto, presumivelmente incluía Éfeso, à qual Paulo retornou mais tarde. A Ásia Proconsular incluía a Mísia e a Frígia. Agora, quantas congregações existiriam em toda a Ásia Menor? E como poderia uma única cópia chegar a todas elas? Se a carta foi escrita em papiro (como parece provável – mais barato, mais abundante), ela já estaria caindo aos pedaços ao chegar à vigésima congregação, se não antes (o papiro não suporta tanto manuseio).

Agora, suponhamos, só para efeito de raciocínio, que Pedro enviou cinco cópias de sua carta, uma para cada província. Quais seriam as implicações para a transmissão de seu texto? Isso significa que se multiplica o processo e o progresso da transmissão por cinco! Isso significa que você tem o começo de um 'texto majoritário' muito cedo. Isso significa que a integridade básica do texto seria garantida (ainda mais se Deus estivesse supervisionando o processo). Se Pedro enviou mais do que cinco cópias, o efeito seria um tanto maior. E quanto a Tiago? Quantas cópias seriam necessárias para alcançar "as doze tribos que estão na dispersão" (versículo 1)? (O termo "dispersão" não sugere que elas foram amplamente espalhadas? E se as "doze tribos" forem literais?) A segunda carta de Pedro não alista as cinco províncias, mas 3.1 parece indicar que ele tinha como alvo a mesma área.

Para ver que não tirei a ideia de cópias múltiplas do nada, vamos considerar 2 Pedro 1.12-15. Os versículos 12 e 13 referem-se a lembretes repetidos enquanto ele ainda está em sua "tenda", que seria sua própria atividade contínua; então por que o 'além disso' no verso 15? No verso 15 da NKJV lê-se: "Além disso, terei o cuidado de garantir que vocês tenham sempre uma lembrança dessas coisas depois da minha morte". Bem, como se pode "garantir" que alguém "sempre terá um lembrete" de algo? Parece claro para mim que o algo tem de ser escrito; um lembrete tem de ser por escrito, para ser garantido. Então, qual é a intenção de Pedro? Ele especifica "um lembrete dessas coisas", então, quais são as ditas "essas coisas"? Elas são evidentemente as coisas que ele irá discutir nesta carta. Mas ele deve estar se referindo a algo mais do que a versão inicial da carta (ou o verso se torna sem sentido) – por isso, várias cópias.¹

¹ Foi o Dr. Mike Loehrer, um pastor na Califórnia, que chamou a minha atenção para 2 Pedro 1.12-15, e comecei a refletir a respeito. Quanto ao verso 15, ele me escreveu o seguinte: "Poderia a escolha de usar *mneme* com *poieo* na voz reflexiva significar que era para garantir que sempre haveria uma maneira de validar uma memória? Naqueles dias poucas pessoas teriam as condições para possuir sua própria cópia de qualquer escrito, e a congregação, sem dúvida, iria guardar qualquer autógrafo. Naqueles

Se Pedro escreveu sua segunda carta sob inspiração divina, então 1.15 é inspirado e, nesse caso, a ideia de cópias múltiplas veio de Deus. Seria um meio eficiente de preservar o texto e garantir sua integridade ao longo dos anos de transmissão. As igrejas na Ásia Menor poderiam se consultar mutuamente sempre que uma dúvida ou uma necessidade surgisse. Se fosse ideia de Deus que uma pequena carta fosse ‘publicada’ na forma de cópias múltiplas, quanto mais os livros maiores. Obviamente, Deus sabia o que estava fazendo; de sorte que a prática teria começado com o primeiro livro do NT, Mateus.¹

Se não for o primeiro livro, que tal o último livro? Considere Apocalipse 1.10-11. “Eu estava em espírito no dia do Senhor e ouvi uma voz atrás de mim, forte como uma trombeta, dizendo: ‘O que vês escreve num livro e envia às sete igrejas: a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodiceia.’” Observe que ele deve escrever o que vê, não o que apenas ouve (as sete letras foram ditadas a ele, ele não as ‘viu’). Ele deve enviar o que escreve às sete igrejas; a maneira óbvia de fazer isso seria enviar uma cópia separada para cada igreja. Nesse caso, o Apocalipse foi “publicado” em pelo menos sete cópias (ele pode ter guardado uma cópia para si mesmo).

A ideia é tão boa, que se tornou a norma, ainda mais se foi uma ordem divina. Creio que todos os livros do NT foram divulgados na forma de cópias múltiplas, com exceção das cartas endereçadas a indivíduos. (Como Lucas e Atos são dirigidos a um indivíduo, eles também podem ter começado como uma única cópia, a menos que Teófilo fosse um “beneficente” que estava financiando as várias cópias. Lucas e Atos são os dois livros mais longos do NT, e cópias múltiplas deles representariam um investimento financeiro significativo.) Mais uma vez eu digo que a ideia é tão boa que eu não ficaria surpreso se, uma vez que recebessem a ideia, as igrejas começassem a fazer várias cópias de outros escritos que considerassem inspirados, tais como cartas para indivíduos. Um ‘texto majoritário’ ficaria bem estabelecido em toda a área do Mar Egeu (Grécia e Ásia Menor) já no primeiro século. A ‘terra-coração da Igreja’ (para usar a frase de K. Aland) simplesmente continuou usando e copiando essa forma de texto – daí a massa de MSS bizantinos que chegaram até nós.

O reconhecimento imediato

Críticos naturalistas gostam de presumir e ensinar que os escritos do Novo Testamento não foram reconhecidos como Escritura quando primeiro apareceram, e assim, pelo descuido resultante na transcrição do texto, ele ficou confuso e a redação original se ‘perdeu’ desde o início (no sentido de que ninguém mais sabia ao certo qual teria sido).

dias a maneira mais comum de adquirir Escritura era memorizá-la, ao ouvi-la sendo lida na congregação. A existência de autógrafos múltiplos, em lugares múltiplos, certamente garantiria uma maneira de validar uma memória. Mesmo que os líderes de uma congregação ou sinagoga viessem a ser presos, e seu autógrafo levado ou destruído, eles poderiam descansar na certeza de que seria possível localizar outro autógrafo para validar sua memória quanto à exata redação de um verso ou uma passagem.” [E eles poderiam fazer outra cópia para seu próprio uso.]

A ideia de validar uma memória é tanto interessante como sugestivo. O fato de Pedro ter usado *μνημη*, que é basicamente reflexivo, com *ποιεω* na voz reflexiva, torna a sugestão de Dr. Loehrer razoável, assim me parece. Acompanha as cópias múltiplas. Irineu ficou intrigado com o verso 15 e acabou sugerindo que Pedro tinha a intenção de fornecer cópias do Evangelho de Marcos àquelas regiões. Parece que a ideia de cópias múltiplas não lhe era estranha. E quanto aos demais livros?

¹ Deixando de lado a ideia de ‘publicar’ mediante cópias múltiplas, vamos pensar no que aconteceria quando uma congregação recebesse uma cópia de 1 Pedro, Tiago ou uma das cartas de Paulo, acompanhada da instrução de que deviam passá-la adiante. Se você fosse um dos líderes daquela congregação, o que você faria? Quanto a mim, eu certamente faria uma cópia para ficarmos com ela. Você não faria o mesmo? Quer dizer, assim que um livro inspirado começasse a circular, a proliferação de cópias começaria em seguida. O que significa que um ‘texto majoritário’ também começaria de imediato.

Mas será que eles têm razão? O lugar para começar é no início, quando os apóstolos ainda estavam escrevendo os Autógrafos.

O período apostólico

Fica claro que o apóstolo Paulo, pelo menos, considerou seus escritos como sendo de autoridade divina; podemos começar com Romanos 16.24-25. “Ora, ao que tem poder para vos estabelecer segundo o meu evangelho e a proclamação de Jesus Cristo, segundo a revelação do mistério que ficou encoberto durante longas eras, 25 mas agora foi revelado e dado a conhecer através das Escrituras proféticas, segundo a ordem do Deus eterno, visando a obediência de fé entre todas as nações étnicas.” Paulo afirma que **agora**, no tempo dele, estava havendo revelação “através das Escrituras proféticas segundo a ordem do Deus eterno”, e essas Escrituras incluíam o Evangelho que ele, Paulo, pregava, e “a proclamação de Jesus Cristo” (uma referência aos quatro Evangelhos, presumivelmente). O alvo era conversões em todas as nações étnicas; somente a Palavra de Deus poderia efetuar isso. Para alcançar todas as nações, aquela Palavra teria de ser traduzida para seus idiomas; “a ordem do Deus eterno” inclui uma distribuição mundial! [Segundo 95% dos manuscritos gregos, a posição correta para 16.24-26 é 14.24-26, sendo que a redação permanece exatamente a mesma.]

Vejam algumas outras referências: 1 Coríntios 2.13, “São justamente elas que expomos, não com palavras ensinadas por sabedoria humana, e sim, ensinadas por Espírito Santo”. Paulo afirma claramente que ele recebeu instrução do Espírito Santo. 1 Coríntios 14.37, “Se alguém pensa que é profeta ou espiritual, ele deve reconhecer que as coisas que estou vos escrevendo são mandamentos do Senhor”. Ora, se são do Senhor, então representam Revelação. Gálatas 1.11-12: “Irmãos, eu quero que vocês saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana; porque eu não o recebi de homem algum, nem fui ensinado; antes, eu o recebi de Cristo por revelação.” O sentido claro destes versos é que Paulo reivindica revelação, e que a recebeu diretamente do Cristo glorificado!

Eféios 3.5: “Em outras gerações este segredo não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos Seus santos apóstolos e profetas.” Paulo afirma que o Espírito Santo deu Revelação a várias pessoas. Um apóstolo, ao receber uma revelação, funcionaria também como profeta, ao passo que pessoas como Marcos e Lucas eram profetas sem serem apóstolos. Colossenses 1.25-26: “Da qual [a Igreja] me tornei ministro segundo a comissão de Deus que me foi dada, para vocês, de **completar** a Palavra de Deus, o segredo que ficou escondido durante épocas e gerações, mas que agora foi manifestado aos Seus santos.” O sentido normal e central do verbo grego aqui, πληρωω, é exatamente ‘completar’, e não ‘cumprir’, ou coisa parecida. Para que fugir do sentido normal? Paulo afirma que Deus o comissionou para escrever Escritura! Com efeito, pois Deus fez incluir catorze das Epístolas de Paulo no Cânon do Novo Testamento.

1 Tessalonicenses 2.13, “quando vocês receberam de nós a Palavra falada de Deus, a acolheram não como palavra de homens, mas como de fato é, Palavra de Deus”. Paulo se refere ao falar, ou aplicar, a Palavra, enfatizando a origem divina. A autoridade da Palavra, quer falada ou escrita, também está em 2 Tessalonicenses 2.15.

Fica claro que Paulo esperava que seus escritos tivessem um público mais amplo do que apenas a igreja específica abordada. De fato, em Gálatas 1.2 ele se dirige às “igrejas da Galácia”; para não mencionar 2 Coríntios 1.1, “todos os santos na Acaia”, e 1 Coríntios 1.2, “todos os que em todo lugar”. Na verdade, como já sugeri, é provável que Paulo tenha enviado cópias múltiplas de suas cartas.

João também é bastante claro. Apocalipse 1.1-2: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus deu a Ele para mostrar aos Seus escravos – coisas que em breve hão de acontecer. E comunicou, enviando pelo Seu anjo ao escravo dEle, João, o qual testificou da Palavra de Deus, a saber, o testemunho de Jesus Cristo: as coisas que Ele viu, tanto coisas que são como as que hão de acontecer após estas.” É assim que o livro começa; agora vejamos como termina. Apocalipse 22.20: “O que está testificando estas coisas diz, ‘Sim, venho sem demora!’ Amém! Sim! Vem Soberano Jesus!” Em outras palavras, o livro inteiro é o que o Cristo glorificado está atestando, está revelando, como testemunha ocular!! Quer dizer, o livro inteiro é inspirado.

Pedro também é claro. Em 1 Pedro 1.12 ele diz a respeito dos profetas do Antigo Testamento, “Foi revelado a eles que não estavam ministrando estas coisas para si próprios, mas para vocês, as quais agora tem sido anunciadas a vocês por aqueles que vos proclamaram o Evangelho, com o Espírito Santo enviado do Céu”. Pedro afirma que várias pessoas, certamente incluindo ele próprio, proclamaram o Evangelho, acompanhados pelo Espírito Santo. 1 Pedro 1.23-25: “já que foram gerados de novo, não de semente corruptível, mas de incorruptível, por meio da Palavra viva de Deus, que permanece *válida* para sempre. Pois: ‘Toda a carne é como relva, e toda a glória do homem como flor da relva. A relva murcha e cai a sua flor, mas a palavra do Senhor permanece para sempre.’ [Isaías 40.6-8] Ora, esta é a boa nova que vos foi proclamada.” Eles foram regenerados por meio do Evangelho de Cristo, que se encontra no Novo Testamento. Pedro coloca material neotestamentário em pé de igualdade com o A.T. – é a Palavra de Deus que permanece para sempre. Quando Pedro escreveu, pelo menos Mateus e Marcos já estavam em circulação, e talvez Lucas também. 2 Pedro 3.2 vai na mesma direção. Tanto Paulo quanto Pedro declaram que várias pessoas estavam escrevendo Escritura em seus dias.

Eu entendo que Lucas também reivindica inspiração divina; senão, vejamos. Lucas 1.1-4: “Já que muitos têm empreendido pôr em ordem uma narração dos fatos que deveras se cumpriram entre nós,¹ 2 segundo nos transmitiram aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e ministros da Palavra,² 3 pareceu-me bem também a mim, ó excelentíssimo Teófilo, tendo anotado cuidadosamente tudo que veio do **Alto**, escrever-te com precisão e em sequência,³ 4 para que possas saber a certeza das coisas que te foram ensinadas.”⁴

Podem ver que eu traduzi “tudo que veio do Alto”, em vez de ‘tudo desde o princípio’. É que o sentido normal, central do vocábulo grego aqui, *ανωθεν*, é precisamente ‘do alto’, e não vejo motivo adequado para rejeitar esse sentido aqui. Ainda mais porque no verso anterior Lucas já havia utilizado a frase normal, *απ αρχης*, que significa ‘desde o princípio’. Entendo que Lucas está afirmando inspiração divina, sem rodeios.

Agora quero ver mais alguns versos onde um apóstolo reconhece que outro está escrevendo Escritura. Vejamos 1 Timóteo 5.18, “Pois a Escritura diz: ‘Não amordaçarás um boi que está debulhando cereal’, e ‘Digno é o trabalhador do seu salário.’” A parte sobre o boi

¹ Pensando um pouco, parece óbvio que qualquer pessoa que sabia escrever iria anotar pontos salientes a respeito de Jesus, mas Lucas afirma que havia ‘muitos’ que tentaram escrever um relato sério. Tais relatos bem que poderiam ter fornecido material, possivelmente verdadeiro, para ‘correções’ espúrias acrescentadas aos quatro registros inspirados durante as primeiras décadas.

² Lucas assegura que sua informação vem de testemunhas oculares responsáveis, que acompanharam tudo.

³ De fato, com poucas exceções, a narrativa de Lucas segue a sequência cronológica, e enquanto médico ele certamente valorizava precisão.

⁴ Dado o propósito declarado que orientou Lucas, o seu registro deve relatar dados históricos de forma verdadeira. Observar que Teófilo já tinha recebido alguma instrução.

é uma citação de Deuteronômio 25.4, definitivamente Escritura, mas a parte sobre o trabalhador é uma citação de Lucas 10.7! Agora isso é muito instrutivo. Paulo, um ex-fariseu, presumivelmente atribuiu o mais alto nível de inspiração aos cinco livros da Lei, e é de esperar que ele chame Deuteronômio de Escritura. Mas para ele colocar Lucas em pé de igualdade com Moisés é quase incrível. Embora possa ter havido cerca de quinze anos entre a “publicação” de Lucas e o escrever de 1 Timóteo, Lucas foi reconhecido e declarado pela autoridade apostólica como Escritura não muito depois de ter saído do prelo, por assim dizer. Para um homem que já foi um fariseu rigoroso colocar Lucas (ainda vivo) no mesmo nível de Moisés é simplesmente estonteante; teria exigido a direção do Espírito Santo. Aliás, se Paulo escreveu esta carta sob a inspiração do Espírito Santo, como creio, então o próprio Deus está declarando que Lucas é Escritura!

Em 2 Pedro 3.15-16, Pedro coloca as Epístolas de Paulo no mesmo nível das "outras Escrituras". Embora algumas estivessem publicadas por talvez quinze anos, em outras, a tinta quase não secava, e talvez 2 Timóteo ainda não tivesse sido escrita quando Pedro escreveu. Os escritos de Paulo foram reconhecidos e declarados por autoridade apostólica como Escrituras assim que apareceram.

Em 1 Coríntios 15.4 lemos assim: “que foi sepultado, e que foi ressuscitado no terceiro dia, segundo as Escrituras”. "As Escrituras" presumivelmente se refere aos Evangelhos, mesmo porque “no terceiro dia” não se encontra no A.T. – isso mesmo, não há menção do ‘terceiro dia’ no A.T.

Em João 2.22 eu traduziria: "então eles creram na Escritura, a saber, na palavra que Jesus havia dito" – o que Jesus disse em João 2.19 já estava circulando como ‘Escritura’ em Mateus 26.61 e 27.40 (quando João escreveu, em 62 d.C.).

Clemente de Roma, cuja primeira Epístola aos coríntios comumente é datada por volta de 96 d.C., fez amplo uso das Escrituras, apelando para a sua autoridade; ele colocou lado a lado citações do NT e do A.T. Clemente citou Salmo 118.18 e Hebreus 12.6 lado a lado como “a palavra santa” (56.3-4).¹ Ele atribui 1 Coríntios ao “bendito Paulo, o apóstolo” e diz acerca da carta, “com verdadeira inspiração ele vos escreveu” (47.1-3). Ele faz citações claras de Hebreus, 1 Coríntios e Romanos, e possíveis de Mateus, Atos, Tito, Tiago e 1 Pedro. Aqui está o bispo de Roma, antes do final do primeiro século, escrevendo oficialmente uma carta à igreja em Corinto, na qual vários livros do NT são reconhecidos e declarados Escritura por autoridade episcopal, incluindo Hebreus (e envolvendo pelo menos cinco autores diferentes).

A Epístola de Barnabé, datada entre 70 e 135 d.C., diz em 4.14: “tomemos cuidado, como está escrito, para que não se ache entre nós que ‘muitos são chamados, mas poucos escolhidos.’” A referência parece ser a Mateus 22.14 (ou 20.6) e a frase “como está escrito” pode ser considerada, com justiça, uma expressão técnica referente a Escritura. Em 5.9 há uma citação de Mateus 9.13 (ou Marcos 2.17 ou Lucas 5.32). Em 13.7 há uma citação livre de Romanos 4.11-12, palavras atribuídas a Deus. Semelhantemente, em 15.4

¹ Estou ciente que poderia ser Provérbios 3.12 (LXX) em vez de Hebreus 12.6. Clemente repetidamente cita ambos os livros por toda a carta e assim, neste ponto, ambos seriam candidatos iguais. Mas Clemente concorda exatamente com Hebreus enquanto Provérbios (LXX) difere em uma palavra importante. Além disso, o ponto principal do capítulo 56 de Clemente é que a correção deve ser aceita graciosamente como sendo do Senhor, o que também é o assunto de Hebreus 12.3-11. Uma vez que, evidentemente, Clemente tinha ambos os livros na sua frente (no próximo capítulo ele cita nove versículos consecutivos, Provérbios 1.23-31), então a concordância exata com Hebreus é significativa. Se ele escolheu deliberadamente a redação de Hebreus em lugar da de Provérbios, o que poderia isso implicar quanto à autoridade relativa dada a ambos os livros?

acha-se: “Observai, filhos, o que significa ‘ele terminou em seis dias’. Significa isto: que o Senhor acabará com tudo em seis mil anos, pois um dia para Ele significa mil anos. E Ele mesmo é minha testemunha, dizendo: ‘Eis que o dia do Senhor será como mil anos’.”¹

O autor, quem quer que fosse, claramente reivindica autoria divina para esta citação, que parece ser de 2 Pedro 3.8.² Em outras palavras, 2 Pedro é aqui considerado Escritura, assim como Mateus e Romanos. Barnabé também fez possíveis alusões a 1 e 2 Coríntios, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Hebreus e 1 Pedro.

O segundo século

As sete cartas de Inácio (cerca de 110 d.C.) contêm prováveis alusões a Mateus, João, Romanos, 1 Coríntios e Efésios (na sua própria carta aos efésios, Inácio diz que eles são mencionados “em todas as epístolas de Paulo” – um pouco de hipérbole, mas claramente ele estava ciente de um corpo paulino), e possíveis alusões a Lucas, Atos, Gálatas, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito, mas bem poucas são citações claras e mesmo elas não são identificadas como tais.

Por outro lado, Policarpo, escrevendo para a igreja filipense (c. 115 d.C.), tece um fio quase contínuo de claras citações e alusões aos escritos do NT. Seu uso maciço das Escrituras lembra o de Clemente de Roma, sendo que Clemente utilizava mais o A.T. enquanto Policarpo usava mais o NT. Existem talvez cinquenta citações claras tiradas de Mateus, Lucas, Atos, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, 1 e 2 Pedro, e 1 João, além de muitas alusões, inclusive a Marcos, Hebreus, Tiago, e 2 e 3 João. (O único escritor neotestamentário não incluído é Judas! Mas lembrar que estamos comentando apenas uma carta – se Policarpo escreveu outras cartas, bem que poderia ter citado Judas.) **Atenção: Favor de notar que a ideia do ‘cânon’ do NT evidentemente já existia em 115 d.C., e o ‘cânon’ de Policarpo era bem parecido com o nosso.**

Sua atitude para com os escritos do NT fica clara em 12.1: “Estou certo que vocês são bem versados nas Escrituras sagradas, ... Agora, como se diz nessas Escrituras: ‘Irai-vos e não pequeis’, e ‘não se ponha o sol sobre a vossa ira’. Bem-aventurado quem se lembrar disso.”³ Ambas as partes da citação poderiam ser de Efésios 4.26, mas tendo-a dividido, Policarpo talvez tenha se referido a Salmo 4.5 (LXX) na primeira parte. Em todo caso, ele declara Efésios ser “Escritura sagrada”. Um subsídio a mais quanto a sua atitude acha-se em 3.1-2.

Irmãos, eu vos escrevo isto acerca da justiça, não por iniciativa própria, mas porque primeiro me convidastes. Porque nem eu, nem ninguém como eu, pode se aproximar da sabedoria do bendito e glorioso Paulo, o qual, enquanto vivia entre vós, ensinava a palavra da verdade com cuidado e constância, face a face com os seus contemporâneos, e estando ausente vos escreveu cartas. Pelo exame cuidadoso de suas cartas podereis fortalecer-vos na fé que vos foi dada, “que é a mãe de todos nós, ...”⁴

¹ Tenho utilizado a tradução feita por Francis Glimm em *The Apostolic Fathers* (New York: Cima Publishing Co., Inc., 1947), pertencente à coleção *The Fathers of the Church*, ed. Ludwig Schopp.

² J.V. Bartlett diz sobre as fórmulas de citação utilizadas em Barnabé para apresentar citações das Escrituras: “o resultado geral é uma doutrina de inspiração absoluta”, mas ele não se dispõe a admitir que 2 Pedro está sendo usada. Oxford Society of Historical Research, *The New Testament in the Apostolic Fathers* (Oxford: Clarendon Press, 1905), pp. 2, 15.

³ Citei Francis Glimm, outra vez.

⁴ *Ibid.*

(Isso veio de alguém que foi, talvez, o bispo mais respeitado da Ásia Menor no tempo dele. Foi martirizado em 156 d.C.)

A segunda carta, assim chamada, de Clemente de Roma (geralmente datada antes de 150 d.C.) parece claramente citar Mateus, Marcos, Lucas, Atos, 1 Coríntios, Efésios, 1 Timóteo, Hebreus, Tiago e 1 Pedro, com possíveis alusões a 2 Pedro, Judas e Apocalipse. Depois de citar e comentar uma passagem do A.T., o autor prossegue dizendo em 2.4: "Uma outra Escritura diz: 'Eu não vim chamar os justos, mas pecadores'" (Mateus 9.13, Marcos 2.17, Lucas 5.32). Aqui há outro autor que reconheceu os escritos do NT como Escritura.

Duas outras obras primitivas, o *Didaquê* e a 'Carta a Diogneto', utilizam os escritos do NT como de autoridade, mas sem, expressamente, chamá-los de Escritura. O *Didaquê* aparentemente cita Mateus, Lucas, 1 Coríntios, Hebreus e 1 Pedro, e tem possíveis alusões a Atos, Romanos, Efésios, 1 e 2 Tessalonicenses e Apocalipse. A Carta a Diogneto cita Atos, 1 e 2 Coríntios e aluda a Marcos, João, Romanos, Efésios, Filipenses, 1 Timóteo, Tito, 1 Pedro e 1 João.

Uma outra obra primitiva, o Pastor de Hermas, muito usada nos séculos II e III, faz alusão relativamente clara a Mateus, Marcos, 1 Coríntios, Efésios, Hebreus e especialmente Tiago.

Pela metade do século II obras relativamente extensas de Justino Mártir (martirizado em 165) chegaram até nós. Seu "Diálogo com Trifão" demonstra um conhecimento magistral do AT, ao qual ele atribui a mais elevada autoridade possível, mantendo evidentemente uma visão de inspiração por ditar – em *Trifão* 34 ele diz: "para te persuadir que nada tens entendido das Escrituras, lembro-te de um outro Salmo, ditado a Davi pelo Espírito Santo."¹ A finalidade de *Trifão* é provar que *Jesus é Cristo e Deus, e portanto o que Ele disse e mandou era da mais elevada autoridade.*

Em *Apológia*. i.66 Justino diz: "Pois os apóstolos nas memórias compostas por eles, que são chamados Evangelhos, transmitiram assim o que lhes foi ordenado..."² E em *Trifão* 119 ele diz que, assim como Abraão creu na voz de Deus, "da mesma maneira nós temos crido na voz de Deus falada pelos apóstolos de Cristo..." Veja bem, 'a voz de Deus, através dos apóstolos'.

Também parece claro em *Trifão* 120 que Justino considerou os escritos do Novo Testamento como Escrituras. De considerável interesse é uma referência inequívoca ao livro de Apocalipse em *Trifão* 81. "Além disso, havia um certo homem conosco cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, que por uma revelação que lhe foi feita profetizou que os que creem em nosso Cristo habitariam mil anos em Jerusalém."³

Justino prossegue dizendo: "Assim como nosso Senhor também disse", e cita Lucas 20.35; assim, evidentemente, ele considerava o Apocalipse de autoridade. (Ainda sobre o Apocalipse, em 165 d.C. Melito, Bispo de Sardes, escreveu um comentário sobre o livro.)

Uma passagem das mais instrutivas ocorre em *Apológia*. i.67.

E no dia chamado domingo há num lugar uma reunião dos que moram em cidades ou no campo, e ali se leem as Memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas,

¹ Utilizei a tradução constante no Volume I de *The Ante-Nicene Fathers*, ed., A. Roberts e J. Donaldson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956).

² Utilizei a tradução por E.R. Hardy em *Early Christian Fathers*, ed., C.C. Richardson (Philadelphia: The Westminster Press, 1953).

³ Utilizei a tradução de *The Ante-Nicene Fathers*.

enquanto o tempo permitir. Quando o leitor termina, o presidente num discurso nos exorta e convida a imitar essas coisas nobres.¹

Quer a seqüência sugira ou não que os Evangelhos eram preferidos sobre os Profetas, fica claro que ambos eram considerados de autoridade e igualmente admoestados aos ouvintes. Notar ainda mais que cada congregação teria de possuir a sua própria cópia dos escritos dos apóstolos para poder lê-los, e que tal leitura acontecia cada semana.

Atenágoro, em seu "Apelo", escrito no início do ano 177, cita Mateus 5.28 como Escritura: "não nos é permitido sequer um olhar lascivo. Porque a Escritura diz: 'Aquele que repara uma mulher com concupiscência já cometeu adultério em seu coração'" (32).² Ele trata de maneira semelhante Mateus 19.9, ou Marcos 10.11, no 33.

Teófilo, bispo de Antióquia, em seu tratado a Autólico, cita 1 Timóteo 2.1 e Romanos 13.7 como "a Palavra Divina" (iii.14); cita o quarto Evangelho, dizendo que João era "inspirado pelo Espírito" (ii.22); Isaías e "o Evangelho" são mencionados em um parágrafo como Escritura (iii.14), e ele insiste em diversas passagens que os escritores jamais se contradiziam. "As declarações dos Profetas e dos Evangelhos se acham coerentes, porque todas foram inspiradas pelo único Espírito de Deus" (ii.9; ii.35; iii.17).³

Os escritos sobreviventes de Irineu (morto em 202 d.C.), sua obra principal *Contra Hereges* sendo escrito no ano 185 aproximadamente, são mais ou menos iguais em quantidade aos de todos os líderes anteriores juntos.

Seu testemunho da autoridade e inspiração da Sagrada Escritura é claro e inequívoco. Ele permeia todos os seus escritos; e este testemunho é mais do que ordinariamente valioso porque deve ser considerado como representando diretamente pelo menos três igrejas, as de Lyon, Ásia Menor e Roma. O uso impositivo de ambos os Testamentos é claramente estabelecido.⁴

Irineu afirmou que os apóstolos ensinavam que Deus é o autor de ambos os Testamentos (*Contra Hereges* IV. 32.2) e evidentemente considerou os escritos do Novo Testamento como formando um segundo Cânon. Ele citou todos os capítulos de Mateus, 1 Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses e Filipenses, todos os capítulos menos um ou dois de Lucas, João, Romanos, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito, da maioria dos capítulos de Marcos (incluindo os últimos doze versos), Atos, 2 Coríntios e Apocalipse, e de todos os outros livros, exceto Filemom e 3 João. Esses dois livros são tão curtos que Irineu pode não ter tido a ocasião de se referir a eles em seus trabalhos conhecidos – isso não significa necessariamente que ele os ignorava ou os rejeitava. **Atenção: Evidentemente, as dimensões do Cânon do Novo Testamento reconhecidas por Irineu ficam muito próximas ao que afirmamos hoje.**

A partir da época de Irineu, não pode haver dúvida sobre a atitude da Igreja em relação aos escritos do Novo Testamento – eles são Escritura. Tertuliano (em 208) escreveu da

¹ Utilizei a tradução de E.R.Hardy. Seu cuidadoso estudo dos papiros literários cristãos antigos levou C.H. Roberts a concluir: "Isto indica o uso cuidadoso e normal das Escrituras pelas comunidades locais" (*Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt* [London: Oxford Univ. Press, 1979], p. 25). Ele também infere de P. Oxy. iii. 405 que uma cópia de *Adversus Haereses*, escrita por Irineu em Lion, foi trazida a Oxyrhynchus dentro de bem poucos anos depois de ter sido escrita (*Ibid.*, p. 23, 53), eloqüente testemunho da extensão de tráfego entre as antigas igrejas.

² Utilizei a tradução em *Early Christian Fathers*; exceto que C.C. Richardson é o tradutor, aqui.

³ Tirado de G.D. Barry, *The Inspiration and Authority of Holy Scripture* (New York: The McMillan Company, 1919), p. 52.

⁴ *Ibid.*, p. 53.

igreja em Roma, "a lei e os profetas, ela une em um volume com os escritos de evangelistas e apóstolos" (*Prescrição contra Hereges*, 36).

Atenção por favor! A contribuição da evidência até agora apresentada à nossa discussão é a seguinte: as implicações da atitude deles em relação ao Texto. Se alguém hoje concorda ou não com eles, não vem ao caso. Os primeiros cristãos criam que os 'livros' do NT eram divinamente inspirados, constituindo um segundo Cânon. Como consequência de sua crença, eles tratariam esses escritos com cuidado e respeito.

Os Cristãos Primitivos Eram Cuidadosos?

Tem sido largamente afirmado que os cristãos primitivos eram indiferentes ou incapazes de vigiar a pureza do texto. Mais uma vez precisamos revistar o terreno. Muitos dos primeiros cristãos tinham sido judeus devotos que tinham reverência e cuidado inatos (que se estendiam aos jotas e tis) para com as Escrituras do AT. Tal reverência e cuidado seriam naturalmente passados para as Escrituras do NT também.

Por que será que críticos modernos imaginam que os cristãos primitivos, e particularmente os líderes espirituais entre eles, eram inferiores em integridade ou inteligência? Um líder da igreja citando de memória ou adaptando certa passagem à sua finalidade em sermão ou carta, de maneira nenhuma significa que ele usaria a mesma liberdade ao copiar um livro ou trecho do NT. A simples honestidade exigiria que ele produzisse uma cópia fiel. Deve-se presumir que todos os que fizeram cópias dos livros do NT nos primeiros anos eram bobos ou velhacos? Paulo certamente era um homem tão inteligente quanto qualquer um de nós. Se Hebreus foi escrito por outra pessoa, aí temos outro homem de elevado entendimento espiritual e capacidade intelectual. Havia Barnabé e Apolo e Clemente e Policarpo e tantos outros. A Igreja teve homens de raciocínio e inteligência em todas as épocas. Começando com o que eles **sabiam** ser o texto puro, os primeiros líderes da Igreja não precisavam ser críticos textuais. Só precisavam ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Mas não existem motivos suficientes para crer que exerceriam vigilância e cuidado **especiais**?

Os apóstolos

Os próprios apóstolos não só declararam que os escritos do NT eram Escritura, o que criaria reverência e cuidado por parte deles no seu tratamento, mas também expressamente advertiram os crentes a ficarem alertas contra falsos mestres. Vejamos Atos 20.28-31: "Portanto, cuidem de vocês mesmos e do todo o rebanho dentre o qual o Espírito Santo vos colocou como supervisores, para pastorearem a igreja do Senhor e Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue. Pois isto eu sei, que depois de minha partida, lobos ferozes entrarão no meio de vocês, não poupando o rebanho. Sim, dentre vocês mesmos se levantarão homens falando coisas destorcidas, para separar os discípulos após si. Portanto, vigiai!" Paulo poderia ser mais claro?

Vejamos também Gálatas 1.6-9: "Estou decepcionado porque assim tão rapidamente vocês estão se desviando daquele que vos chamou pela graça de Cristo, para um evangelho diferente – o qual não é uma mera variação, mas algumas pessoas estão vos confundindo, querendo perverter o Evangelho do Cristo. Atenção, ainda que nós ou um anjo do céu vos anuncie um evangelho contrário ao que vos anunciamos, que seja amaldiçoado! Como acabamos de dizer, e agora repito enfaticamente: Se alguém vos anunciar um evangelho contrário ao que já receberam, que seja amaldiçoado!!" Paulo poderia ser mais enfático? Notar que Paulo está afirmando ser ele competente para definir o único verdadeiro Evangelho de Cristo, e só poderia fazer isso genuinamente através de inspiração divina.

Agora vejamos Pedro. 2 Pedro 2.1-2: “Houve também entre o povo falsos profetas, como, também, haverá entre vocês falsos mestres, os quais introduzirão heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os comprou (trazendo sobre si mesmos repentina destruição). E muitos seguirão as libertinagens deles, por causa das quais o caminho da Verdade será difamado.” Pedro advertiu os crentes a ficarem alertas contra falsos mestres.

Agora vejamos João. 2 João 7 e 9-11: “Muitos enganadores já adentraram o mundo, os quais não admitem que Jesus Cristo esteja vindo em carne – tal é o enganador, o Anticristo!” “Todo aquele que se desvia e não permanece no ensino de Cristo, não tem Deus; mas quem permanece no ensino de Cristo, tem, sim, tanto o Pai como o Filho. Se alguém chegar a vocês, mas não trouxer este ensino, não o recebam em casa; e não digam “Passe bem” a ele, pois quem disser “Passe bem” a ele, torna-se participante das suas obras malignas.” A orientação que João dá pode nos parecer um tanto ‘forte’, mas que está alertando, está! Voltando ao verso 7, o Texto traz “esteja vindo”, não ‘veio’, de sorte que João deve estar se referindo à segunda vinda de Cristo, que certamente será “em carne”. Lembrar a palavra dos anjos em Atos 1.11.

A afirmação de Pedro a respeito da distorção dada às palavras de Paulo (2 Pedro 3.16) sugere que havia consciência e preocupação em relação ao texto e à maneira pela qual estava sendo tratado. Reconheço que os apóstolos se concentravam mais na interpretação do que na transcrição do texto, mas mesmo assim, uma vez que qualquer alteração do texto poderia resultar numa interpretação diferente, podemos razoavelmente deduzir que a sua preocupação pela verdade incluiria a transmissão fiel do texto.

Aliás, mal poderíamos pedir uma expressão mais clara desta preocupação do que a apresentada em Apocalipse 22.18-19. “Eu testifico a todos que ouvem **as palavras** da profecia deste livro: Se alguém acrescentar a elas, que Deus acrescente a ele as sete pragas escritas neste livro! E se alguém tirar algo **das palavras** do livro desta profecia, que Deus tire a parte dele da árvore da vida e da santa cidade, que estão escritas neste livro!” Já que é o Cristo glorificado que está falando, não prestaria qualquer verdadeiro seguidor dEle cuidadosa atenção?

Mesmo no começo de seu ministério terreno, o Soberano Jesus expressou claramente essa preocupação protetora. Em Mateus 5.19 lemos: “qualquer que anular um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, . . .” Notar, “por menor que seja”; a preocupação do Senhor se estende ao “menor”.

Os líderes da igreja primitiva

Os líderes da igreja primitiva fornecem algumas pistas úteis sobre a situação em seus dias. As cartas de Inácio contêm diversas referências a um considerável intercâmbio entre as igrejas (as da Ásia Menor, Grécia, Roma) por intermédio de mensageiros (muitas vezes oficiais), o que parece indicar um profundo sentimento de solidariedade que as unia, e uma ampla circulação de notícias e atitudes (problemas com um herege em certo lugar logo ficariam conhecidos em todos os lugares, etc.). Que havia forte sentimento sobre a integridade das Escrituras, Policarpo deixa claro (7.1): “Quem perverter as palavras do Senhor . . . esse é primogênito de Satanás.” Críticos atuais podem até não gostar da terminologia de Policarpo, mas o uso de linguagem tão forte deixa claro que ele estava mais do que atento e preocupado; ele estava mesmo irado.

Da mesma forma, Justino Mártir afirma (*Apologia* i.58), “os demônios iníquos também patrocinaram Marcião de Ponto”. Novamente, uma linguagem tão forte deixa claro que ele estava ciente e preocupado. E em *Trifão* xxxv ele diz dos hereges que ensinam doutrinas dos espíritos do erro, esse fato “faz com que nós, que somos discípulos da verdadeira

e pura doutrina de Jesus Cristo, sejamos mais fiéis e firmes na esperança anunciada por Ele".

Parece óbvio que a atividade herética teria precisamente o efeito de colocar os fiéis de sobreaviso e de obrigá-los a definir nas próprias mentes o que iriam defender. Assim, o cânon truncado de Marcião evidentemente incitou os fiéis a definir o verdadeiro cânon. Mas Marcião também alterou a redação de Lucas e das Epístolas de Paulo, e por meio de suas recriminações amargas fica claro que os fiéis estavam tanto cientes como preocupados. De passagem podemos observar que a atividade herética também fornece evidência indireta de que os escritos do NT eram considerados Escritura – para quê falsificá-los se não tinham autoridade?

Dionísio, bispo de Corinto (168-176), queixava-se de que suas próprias cartas haviam sido adulteradas e, pior ainda, também as Sagradas Escrituras.

E insistiram em que tinham recebido uma tradição pura. Assim Irineu disse que a doutrina dos apóstolos havia sido transmitida através da sucessão de bispos, sendo guardada e preservada, sem qualquer alteração das Escrituras, sem permitir acréscimos nem diminuições, envolvendo leitura pública sem falsificação (*Contra Hereges* IV. 32.8).

Tertuliano também atesta o seu direito às Escrituras do NT: “Eu tenho os verdadeiros registros oficiais desde os próprios donos originais ... Sou o herdeiro dos apóstolos. Assim como prepararam com cuidado o seu testamento e testemunho, e o outorgaram a uma custódia . . . assim mesmo eu o retenho.”¹

Irineu

A fim de assegurar precisão na transcrição, os autores às vezes incluíam no final de suas obras literárias um esconjuro dirigido a copistas futuros. Assim, por exemplo, Irineu anexou ao final do seu tratado *Da ogdôade* o seguinte: “Eu te esconjuro, quem copiar este livro, por nosso Senhor Jesus Cristo e por seu glorioso advento, quando vier julgar os vivos e os mortos, a que compares o que transcreves e o corrijas com cuidado a partir deste manuscrito do qual estás copiando, e também que transcrevas este esconjuro e o coloques na cópia.”²

Se Irineu tomou tais precauções extremas em prol da transmissão precisa de sua própria obra, quanto mais preocupação teria pela transcrição exata da Palavra de Deus? De fato, ele demonstra a sua preocupação pela exatidão do texto por defender a leitura tradicional de uma **única letra**. A questão é se o apóstolo João escreveu ϞϞϞ (666) ou ϞϞϞ (616) em Apocalipse 13.18. Irineu assevera que 666 se acha “em todas as cópias mais antigas e aprovadas” e que “aqueles homens que viram João face a face” atestam esta leitura. E ele adverte àqueles que fizeram a alteração (de uma só letra) que “não será leve o castigo sobre quem acrescentar ou subtrair qualquer coisa da Escritura” (*Contra Hereges* xxx.1). Parece que Irineu está impondo Apocalipse 22.18-19.

Considerando a intimidade entre Policarpo e João, a sua cópia pessoal do Apocalipse provavelmente se baseou no Autógrafo. E considerando a veneração de Irineu para com Policarpo, a sua cópia pessoal do Apocalipse provavelmente se baseou na de Policarpo. Embora Irineu evidentemente não mais podia se referir ao Autógrafo (nem 90 anos após este ter sido escrito!), claramente ele tinha condições de identificar uma cópia fiel e declarar com certeza a leitura original – isto no ano 186 d.C. Agora vamos a Tertuliano.

¹ *Prescription against Heretics*, 37. Utilizei a tradução feita por Peter Holmes no Vol. III de *The Ante-Nicene Fathers*.

² B.M. Metzger, *The Text of the New Testament*, (London: Oxford University Press, 1964), p. 21.

Tertuliano

Por volta do ano 208 ele instou os hereges a:

percorrer as igrejas apostólicas, nas quais os próprios tronos dos apóstolos ainda estão nos seus lugares proeminentes, nas quais os seus próprios escritos autênticos (*authenticae*) são lidos, expressando a voz e representando o rosto de cada um deles. Acáia fica bem perto de vós, (na qual) vós achais Corinto. Já que não estais longe da Macedônia, tendes Filipos; (e ali também) tendes os tessalonicenses. Já que podeis atravessar para a Ásia, encontrais Éfeso. Além disso, como estais perto da Itália, tendes Roma, donde chega às nossas mãos a própria autoridade (dos próprios apóstolos).¹

Alguns já pensaram que Tertuliano estivesse afirmando que os autógrafos de Paulo ainda eram lidos no seu tempo (208), mas no mínimo ele estava dizendo que utilizavam cópias fiéis. Era de esperar algo diferente? Por exemplo, quando os cristãos em Éfeso viram que o autógrafo da carta de Paulo a eles estava ficando gasto, não iriam com cuidado fazer uma cópia idêntica para o seu uso futuro, e que teria uma declaração de que ela havia sido autenticada? Deixariam o autógrafo perecer sem fazer uma tal cópia? (Deve ter havido um fluxo constante de pessoas vindo para fazer suas cópias da carta ou verificar a leitura correta.) Creio que somos obrigados a concluir que no ano 200 a igreja de Éfeso ainda estava em condições de atestar a redação original de sua carta (e assim também para as outras igrejas detentoras de autógrafos) – atenção: isso é contemporâneo de P⁴⁶, P⁶⁶ e P⁷⁵!

Justino Mártir e Irineu, ambos, afirmaram que a Igreja estava espalhada por toda a terra, no tempo deles – lembrar que Irineu, em 177, tornou-se bispo de Lion, na **Gália**, e não foi o primeiro bispo daquela região. Juntando esta informação com a afirmação de Justino que as memórias dos apóstolos eram lidas todos os domingos nas congregações, torna-se claro que deve ter havido milhares de cópias dos escritos do NT em uso, por volta de 200 d.C. Cada congregação precisaria de uma cópia (pelo menos) para fazer a leitura, e deve ter havido cópias particulares entre aqueles que podiam pagar por elas.

Temos evidência histórica objetiva para sustentar as seguintes proposições:

- O texto verdadeiro jamais foi ‘perdido’.
- Em 200 d.C. a exata redação original dos diversos livros ainda podia ser verificada e certificada.
- Portanto não havia necessidade alguma de praticar a crítica textual, e qualquer esforço nesse sentido seria espúrio.

A disciplina da crítica textual (de qualquer texto) baseia-se na suposição/alegação/declaração de que existe uma dúvida legítima sobre a exata redação original de um texto. Ninguém faz crítica textual com a Bíblia King James de 1611, por exemplo, já que cópias da impressão original ainda existem. Com referência à crítica textual do Novo Testamento, o ponto crucial em questão é a preservação de seu texto. **Para que qualquer texto tenha autoridade objetiva, precisamos ter certeza quanto a sua redação.**

Mas, para continuar, presumivelmente algumas áreas estariam em melhor posição para proteger e transmitir o texto verdadeiro do que outras, o que será nosso próximo assunto.

¹ *Prescription against Heretics*, 36, usando a tradução de Holmes.

Quem era o melhor qualificado?

Que fatores seriam importantes para garantir, ou pelo menos facilitar, uma transmissão fiel do texto dos escritos do N.T.? Eu proponho que há quatro fatores de controle: acesso aos Autógrafos, proficiência na língua de origem, a projeção da Igreja e uma atitude apropriada em relação ao Texto.

Acesso aos Autógrafos

Este critério provavelmente vigorou por bem menos de cem anos (presume-se que os Autógrafos ficaram totalmente gastos dentro desse prazo) mas é altamente significativo para uma compreensão adequada da história da transmissão do Texto. Já no ano 100 certamente havia muitas cópias dos diversos livros (uns mais que outros) enquanto ainda era certamente possível verificar uma cópia com o original, ou uma cópia garantida, caso surgisse alguma dúvida. [Mas favor de ver a secção anterior onde proponho a possibilidade de os Autógrafos terem começado na forma de cópias múltiplas.] Certamente havia um fluxo crescente de cópias fielmente feitas emanando dos detentores dos autógrafos para o resto do mundo cristão. Naqueles primeiros anos os copistas sabiam que a redação verdadeira poderia ser conferida, o que exerceria pressão sobre eles no sentido de não tomarem liberdades com o texto.

Contudo, presume-se que distância seria um fator – para alguém no norte da África consultar o autógrafo de Efésios seria um empreendimento caro em termos de dinheiro e tempo. Creio que podemos concluir razoavelmente que de modo geral a qualidade das cópias seria melhor na região circunvizinha do autógrafo e iria deteriorar lentamente à medida que aumentasse a distância. Barreiras geográficas importantes aumentariam esta tendência.

Então, quem detinha os autógrafos? Falando em termos de regiões, seguramente podemos dizer que a Ásia Menor tinha doze (João, Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Filemom, 1 Pedro, 1 e 2 e 3 João, e Apocalipse). Seguramente podemos dizer que a Grécia tinha seis (1 e 2 Coríntios, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, e Tito em Creta). Seguramente podemos dizer que a Roma tinha dois (Marcos e Romanos) – quanto aos outros, Lucas, Atos e 2 Pedro provavelmente ficaram na Ásia Menor ou Roma; Mateus e Tiago na Ásia Menor ou Palestina; Hebreus em Roma ou Palestina; enquanto é difícil citar probabilidade para Judas, é bem possível ter ficado na Ásia Menor. Considerando a Ásia Menor e Grécia juntas, a região Egeia (do Mar Egeu) detinha os autógrafos de pelo menos 18 (dois terços do total) e possivelmente até 24 dos 27 livros do NT. Roma detinha de dois a sete; Palestina talvez até três (mas em 70 d.C. eles teriam sido enviados para um lugar seguro, talvez Antióquia). Alexandria (Egito) não detinha **nenhum**.

Claramente a região Egeia tinha o melhor começo, e Alexandria o pior – o texto no Egito só poderia ser de segunda mão, na melhor hipótese. Tomando por base o exposto, podemos concluir razoavelmente que na primeira fase da transmissão do Texto do NT as cópias mais confiáveis circulavam na região que detinha os autógrafos. Relembrando a discussão de Tertuliano acima, creio que podemos estender esta conclusão até o ano 200 d.C. e além. Assim, alguém que no ano 200 procurava o melhor texto do NT presumivelmente iria à região Egeia; certamente não ao Egito.¹

¹ Aland afirma: “Egito se distinguia das demais províncias da Igreja, até onde podemos julgar, pela dominação precoce do gnosticismo”. Ele nos informa também que “ao término do II século” a igreja egípcia era “predominantemente gnóstica” e prossegue dizendo: “As cópias que existiam nas comunidades gnósticas não podiam ser utilizadas, porque estavam debaixo da suspeita de serem corrompidas”. Ora,

Domínio da língua original

Como lingüista (PhD) e alguém que tem lidado com o processo de tradução da Bíblia por alguns anos, afirmo que uma tradução ‘perfeita’ é impossível. (Aliás, uma aproximação toleravelmente razoável muitas vezes é bastante difícil realizar – as áreas semânticas das palavras simplesmente não se sobrepõem, ou só em parte.) Segue-se que qualquer cuidado divino em prol da forma exata do Texto do NT teria que ser mediado através do idioma dos autógrafos – grego koinê. Evidentemente versões antigas (em siríaco, latim, copta) podem dar um voto claro com referência a variantes maiores, mas exatidão só é possível em grego (no caso do NT). Isso como pano de fundo, mas a nossa preocupação principal aqui é com os copistas.

Copiar um texto à mão em um idioma que você não entende é um exercício tedioso – é quase impossível produzir uma cópia perfeita (experimente e veja!). Você praticamente tem que copiar letra por letra e verificar constantemente o seu lugar. (É ainda mais difícil se não houver espaço entre as palavras e nenhuma pontuação, como foi o caso do Texto do NT nos primeiros séculos.) Mas se você não consegue entender o texto, é muito difícil permanecer atento. Considere o caso de P⁶⁶. Esse manuscrito em papiro talvez seja o mais antigo (c. 200) manuscrito conhecido do NT de algum tamanho (contém a maior parte de João). É uma das piores cópias que temos. Tem em média dois erros por versículo – muitos sendo erros óbvios, erros bobos, erros sem sentido. Pela natureza dos erros é evidente que o copista copiou sílaba por sílaba. Não hesito em afirmar que a pessoa que produziu P⁶⁶ não sabia grego. Se ele tivesse entendido o texto, ele não teria cometido o número e os tipos de erros que ele cometeu.

Agora, considere o problema do ponto de vista de Deus. A quem deveria Ele confiar a responsabilidade principal pela fiel transmissão do Texto do NT (lembre-se de 1 Crônicas 16.15)? Se o Espírito Santo fosse tomar parte ativa no processo, onde deveria concentrar os Seus esforços? Presumivelmente falantes fluentes do grego teriam a vantagem, e áreas onde o grego continuaria em uso ativo seriam as preferidas. Para ocorrer uma transmissão fiel, os copistas tinham que ter proficiência em grego, e isto ao longo dos anos. Então, onde o grego predominava? Evidentemente na Grécia e na Ásia Menor. O grego é língua pátria da Grécia até hoje (tendo mudado bastante no decorrer dos séculos, como acontece com qualquer língua viva). A predominância do grego na área do Mar Egeu foi assegurada por muitos séculos pelo Império Bizantino; por sinal, até a invenção da imprensa (século XV). Constantinopla foi tomada pelos turcos otomanos em 1453; a Bíblia Gutenberg (em latim) foi impressa apenas três anos depois, ao passo que a primeira edição impressa do NT em grego saiu em 1516. (Para os que creem na providência divina, sugiro que esses fatos constituem uma forte demonstração da mesma.)

E quanto ao Egito? O uso do grego no Egito já estava em declínio no começo da era cristã. Bruce Metzger observa que a seção helenizada da população no Egito “era só uma fração comparada com o número de habitantes nativos que falavam somente as línguas egípcias.”¹ No terceiro século, o declínio estava evidentemente bem avançado. Eu já ponderei que o copista que fez o P⁶⁶ (c. 200) não sabia grego. Agora considere o caso de P⁷⁵ (c. 220). E.C. Colwell analisou P⁷⁵ e encontrou cerca de 145 itacismos [“Itacismo” significa a substituição de uma vogal ou um ditongo por outro/a que se pronunciava de

tudo isso é muito esclarecedor – o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que até o ano 200 d.C. a tradição textual no Egito **não merecia confiança!** (K. e B. Aland, p. 59 e K. Aland, “The Text of the Church?”, *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.)

¹ B.M. Metzger, *The Early Versions of the New Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1977), p. 104.

forma igual ou muito parecida], mais 257 outras leituras singulares, 25% das quais não têm sentido. A partir da natureza dos erros, fica claro que o copista que fez P⁷⁵ copiou letra por letra!¹ Isto significa que ele não sabia grego – ao transcrever numa língua que se sabe, copia-se frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. K. Aland afirma que já antes do ano 200 o grego caía no desuso nas áreas onde se falava latim, siríaco ou copta, e 50 anos mais tarde a mudança para a língua local era bem acentuada.²

Mais uma vez, a região Egeia é de longe a mais bem qualificada para transmitir o Texto com confiança e integridade. Notar que mesmo se o Egito tivesse começado com um bom texto, já no final do século II a sua competência para transmiti-lo estava sempre diminuindo. De fato, os papiros antigos (provenientes do Egito) são demonstravelmente inferiores em qualidade, quando considerados individualmente, além de apresentarem tipos de texto um tanto divergentes (não concordam entre si).

A projeção da Igreja

Esta questão é relevante para a nossa discussão por dois motivos. Primeiro, a lei da oferta e da procura funciona na igreja tanto quanto em outros lugares. Onde há muitas congregações e crentes, haverá uma demanda crescente por cópias das Escrituras. Em segundo lugar, uma igreja forte e bem estabelecida normalmente terá uma liderança confiante e experiente – exatamente o tipo que se interessaria pela qualidade de suas Escrituras e que também seria capaz de fazer algo a respeito. Então, em que áreas a Igreja primitiva era mais forte?

Embora a Igreja evidentemente tenha começado em Jerusalém, as primeiras perseguições e a atividade apostólica fizeram com que ela se espalhasse. A principal linha de avanço parece ter sido ao norte para a Ásia Menor e daí ao oeste para a Europa. Se a escolha das igrejas para receber as ‘cartas’ do Cristo glorificado (Apocalipse 2 e 3) for indicativa, o centro de gravidade da Igreja parece ter se deslocado da Palestina para a Ásia Menor antes do final do primeiro século. (A destruição de Jerusalém pelos exércitos de Roma em 70 d.C. deve ter apressado o processo.) Kurt Aland concorda com Adolf Harnack que “cerca de 180 d.C. a maior concentração de igrejas estava na Ásia Menor e ao longo da costa do mar Egeu na Grécia”, e continua: “A impressão geral é que a concentração do cristianismo era no Oriente ... Mesmo em torno de 325 a cena permanecia praticamente sem mudança. Ásia Menor continuava sendo ‘a terra-coração’ da Igreja.”³ “A terra-coração da Igreja” – pois então, quem mais estaria numa posição melhor para certificar o texto correto do Novo Testamento?

O que dizer sobre o Egito? C.H. Roberts, num tratamento erudito dos papiros literários cristãos dos primeiros três séculos, parece favorecer a conclusão de que a igreja alexandrina era fraca e insignificante para o mundo grego cristão no segundo século.⁴ Aland afirma: “O Egito se destacava das outras províncias da Igreja, até onde podemos julgar, pelo domínio, desde cedo, do gnosticismo.”⁵ Prossegue nos informando que “ao final do segundo século” a igreja egípcia era “dominada pelo gnosticismo”, e adianta mais: “As cópias existentes nas comunidades gnósticas não podiam ser usadas, por estarem sob

¹ E.C. Colwell, “Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text”, *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt (New York: Abingdon Press, 1955), pp. 374-76, 380.

² K. e B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), pp. 52-53.

³ *Ibid.*, p. 53.

⁴ C.H. Roberts, *Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt* (London: Oxford University Press, 1979), pp. 42-43, 54-58.

⁵ K. e B. Aland, p. 59.

suspeita de serem adulteradas."¹ Isto é bastante esclarecedor – o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que durante o segundo século (101 a 200) a tradição textual do Egito **não era confiável**. A avaliação de Aland aqui é bem provavelmente correta. Notem o que Bruce Metzger diz sobre a igreja primitiva no Egito:

Entre os documentos cristãos que durante o segundo século se originaram no Egito ou lá circulavam entre tanto ortodoxos como gnósticos, estão numerosos livros apócrifos, evangelhos, atos, epístolas e apocalipses ... Há também fragmentos de obras dogmáticas e exegéticas compostas por cristãos alexandrinos, principalmente gnósticos, durante o segundo século ... De fato, baseado nos comentários de Clemente de Alexandria, quase todo o tipo de seita cristã digressiva se representava no Egito durante o segundo século. Clemente menciona os valentinianos, os basilidianos, os marcionitas, os *peratae*, os encratitas, os docetistas, os haimetitas, os cainitas, os ofitas, os simonianos e os eutiquianos. Não se sabe que porcentagem de cristãos no Egito durante o segundo século era ortodoxa.²

Mas precisamos parar para refletir sobre as implicações das afirmações de Aland. Ele era um campeão do tipo de texto egípcio ('alexandrino'), mas apesar disso, ele mesmo nos informa que até o final do segundo século a tradição textual do Egito não era confiável, e que já no ano 200 o uso de grego por lá havia praticamente cessado. Pois então, baseando-se em quê pode ele argumentar que mais tarde o texto egípcio tornou-se o melhor? Aland também afirma que nos séculos II, III e IV a Ásia Menor continuava sendo "a terra-corção da Igreja". Isto significa que as qualificações superiores da região Egeia para proteger, transmitir e certificar o Texto do NT vigoram **século IV adentro!** Acontece que Hort, Metzger e Aland (além de muitos outros) ligaram o tipo de texto bizantino com Luciano (de Antióquia), que morreu em 311 d.C. Ora vejam, um texto produzido por um líder "na terra-corção da Igreja" não seria melhor do que qualquer coisa que tivesse evoluído no Egito? É claro que eu faço a pergunta acima apenas para apontar a inconsistência deles. O tipo de texto 'bizantino' existia muito antes de Luciano.

Atitude para com o Texto

Onde se exige trabalho cuidadoso, a atitude das pessoas às quais a tarefa é confiada é essencial. Estão eles cientes? Concordam? Se não compreenderem a natureza da tarefa, provavelmente a qualidade diminuirá. Se compreendem, mas não concordam, podem até sabotar – uma eventualidade danosa. No caso dos livros do NT podemos começar com a pergunta: "Por que cópias seriam feitas?"

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do NT desde o princípio, e assim a produção de cópias começou imediatamente. Os autores claramente intencionaram que os seus escritos fossem circulados, e a qualidade dos escritos era tão óbvia que a notícia se espalhou e cada congregação iria querer uma cópia. O fato de Clemente e Barnabé citarem e fazerem alusão a vários livros do NT na virada do primeiro século torna claro que cópias estavam circulando. Um corpo paulino era conhecido a Pedro antes de 70 d.C. Atendendo a um pedido da igreja em Filipos, Policarpo [(XIII) c. 115] enviou uma coleção das cartas de Inácio, possivelmente dentro de cinco anos após serem escritas. Evidentemente era procedimento normal fazer cópias e coleções (de escritos dignos) para que cada congregação tivesse um conjunto. Inácio fez referência ao trânsito

¹ K. Aland, "The Text of the Church?" *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

² Metzger, *Early Versions*, p. 101.

livre e ao intercâmbio entre as igrejas, e Justino à prática semanal de ler as Escrituras nas congregações. (Se liam, é porque tinham cópias, necessariamente.)

Uma segunda pergunta seria: Qual era a atitude dos copistas para com o seu trabalho? Já temos a essência da resposta. Sendo seguidores de Cristo, e crendo que lidavam com Escritura, a uma honestidade básica seria acrescentada reverência no seu lidar com o Texto, desde o princípio. E a vigilância também, visto que os apóstolos haviam advertido repetida e enfaticamente a respeito de falsos mestres. Dado que os fiéis eram pessoas com inteligência e integridade pelo menos medianas, com o passar dos anos eles produziram cópias cuidadosas dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, assegurados que estavam transmitindo o verdadeiro texto. Haveria erros acidentais no processo de copiar, mas nenhuma alteração proposital.

É importante ressaltar que os primeiros cristãos não precisavam ser especialistas em crítica textual. Começando com o que sabiam ser o texto puro, só tinham que ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Eu digo que temos boa razão de entender que eram bastante vigilantes e cuidadosos—principalmente nas primeiras décadas. E numa linha de transmissão isso seguiu sendo o caso. Eu mesmo já cotejei pelo menos um livro em 130 MSS representando a linha de transmissão que denomino Família 35. Tenho uma cópia perfeita de pelo menos 22 dos 27 livros que compõe o NT. São cópias feitas nos séculos XI, XII, XIII, XIV e XV. Para que uma cópia feita no século XIV seja perfeita, todos os seus ‘ancestrais’ tinham de ser perfeitos também, até chegar no arquétipo da família. Creio que o arquétipo da Família 35, é o Autógrafo, mas caso contrário deve remontar ao terceiro século, pelo menos.

No decorrer do tempo desenvolveram-se atitudes regionais, além de políticas regionais. O surgimento da “Escola de Antióquia” é um fator relevante. A partir de Teófilo, um bispo de Antióquia (que morreu cerca de 185 d.C.), os antioquenos começaram a insistir na interpretação literal das Escrituras. O importante é que o literalista é obrigado (por formação) a preocupar-se com a exata redação do texto, visto que a sua interpretação ou exegese depende dela.

É razoável presumir que esta mentalidade ‘literalista’ tenha influenciado as igrejas da Ásia Menor e da Grécia, estimulando-as na transmissão cuidadosa e fiel do texto puro que haviam recebido. Por exemplo, os MSS conhecidos da *Peshitta* siríaca são sem igual na sua coerência (em contraste com os 8.000 MSS da *Vulgata* latina, que são notáveis por suas discrepâncias extensivas; nisto seguem o exemplo dos MSS da *Velha Latina*). Não é insensato supor que a antipatia antioquena contra a interpretação alegórica das Escrituras de Alexandria os indisporia a olhar com simpatia quaisquer formas concorrentes de texto procedentes do Egito. De modo semelhante, a controvérsia quarta-decimaniana com Roma não ajudaria quaisquer inovações procedentes do Oeste.

Na medida em que as raízes da abordagem alegórica, que floresceu em Alexandria durante o terceiro século, já estavam presentes, elas também seriam um fator negativo. Sendo que Filo de Alexandria estava no auge de sua influência quando os primeiros cristãos chegaram lá, pode ser que sua interpretação alegórica do AT tenha começado a influir na igreja jovem já no primeiro século. Visto que um alegorista vai impor suas próprias ideias ao texto de qualquer maneira, ele presumivelmente teria menos inibições sobre alterá-lo – redação exata não teria prioridade elevada.

A escola de crítica literária existente em Alexandria também seria um fator negativo, se tivesse qualquer influência sobre a Igreja, e W.R. Farmer argumenta que teve. “Existe ampla evidência de que no tempo de Eusébio as práticas de crítica textual de Alexandria

estavam sendo seguidas em pelo menos algumas bibliotecas onde manuscritos do NT estavam sendo produzidos. Precisamente quando primeiro foram usados os princípios da crítica textual da Alexandria ... não se sabe.”¹ Ele prossegue sugerindo que a Escola cristã em Alexandria fundada por Panteno (c. de 180), inevitavelmente seria influenciada pelos eruditos da grande biblioteca daquela cidade. O relevante é que os princípios utilizados para tentar ‘restaurar’ as obras de Homero, não seriam apropriados para os escritos do NT quando ainda era possível apelar para os autógrafos, ou cópias exatas deles.

Conclusão

Qual é a resposta dada à nossa pergunta pelos “quatro fatores controladores”? Os quatro falam com voz unida: “A região do mar Egeu era a melhor qualificada para proteger, transmitir e confirmar o verdadeiro texto dos escritos do NT.” Isto era verdade no segundo século; era verdade no terceiro século; continuou sendo verdade no quarto século. Então, em 350 d.C., em meados do século IV, onde deveríamos procurar as cópias mais corretas do NT? Na área do Mar Egeu; Egito seria o último lugar para ir. Se a transmissão do Texto do NT foi razoavelmente normal, a área Egeia continuaria a ter o melhor Texto nos séculos seguintes. Mas há aqueles que argumentaram que a transmissão não era normal; vamos analisar essa questão a seguir.

A transmissão do Texto foi normal?

Começando com Saulo de Tarso, os cristãos foram perseguidos cá e lá por todo o Império Romano até que Constantino deu um alívio em 312 d.C. As perseguições incluíram a destruição esporádica de cópias do Novo Testamento, no todo ou em parte, cá e lá. Mas em 303 d.C., Diocleciano decretou a mais severa perseguição que o cristianismo tinha experimentado até aquele ponto. Incluía a queima dos livros sagrados; eles deveriam ser destruídos, onde quer que fossem encontrados. Embora a perseguição fosse do Império inteiro, foi especialmente severa na Ásia Menor, onde o cristianismo era o mais forte, e continuou por pelo menos dez anos.

Muitos MSS foram encontrados, ou traídos, e queimados, mas outros certamente escaparam. Que muitos cristãos não pouparam esforços para esconder e preservar suas cópias das Escrituras é demonstrado por sua atitude em relação àqueles que entregaram seus MSS – o cisma Donatista, que imediatamente seguiu à campanha de Diocleciano, tratou, entre outras coisas, da questão da punição para aqueles que haviam entregado MSS. Os cristãos, cuja inteira devoção às Escrituras foi assim demonstrada, seriam também os que seriam os mais cuidadosos com a linhagem de seus próprios MSS; assim como eles se esforçavam para proteger seus MSS, presumivelmente teriam se esforçado para garantir que seus MSS preservassem a verdadeira redação.

Aliás, a campanha de Diocleciano pode até ter tido um efeito purificador sobre a transmissão do texto. Se a atitude de desleixo em relação ao texto refletida na disposição de alguns cristãos de entregar seus MSS também se estendeu à qualidade do texto que eles estavam preparados para usar, então pode ter sido os MSS mais contaminados que foram destruídos, grosso modo, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra.² Mas esses MSS puros sobreviventes seriam demandados de maneira extraordinariamente

¹ W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge: University Press, 1974), pp. 14-15. Ele cita B.H. Streeter, *The Four Gospels*, 1924, pp. 111, 122-23.

² Aqui havia uma excelente oportunidade para os tipos de texto ‘alexandrino’ e ‘ocidental’ se projetar e tirar ‘espaço’ do texto bizantino, mas não aconteceu. A Igreja rejeitou aqueles tipos de texto. Com que base os críticos modernos se julgam mais competentes de identificar o Texto verdadeiro do que a Igreja universal no começo do século IV?

pesada para serem copiados (para substituir aqueles que haviam sido destruídos) e seriam desgastados mais rápido que o normal.

Mas voltando à nossa pergunta: a transmissão foi normal? Sim e não. Presumindo que os fiéis eram pessoas de integridade e inteligência pelo menos medianas, eles produziram cópias razoáveis dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, tendo segurança que estavam transmitindo o texto verdadeiro. Haveria erros acidentais nos seus trabalhos de copiar, mas não alterações propositadas. Mas havia outros que expressaram interesse nos escritos do NT, pessoas às quais faltava integridade, e que fizeram suas próprias cópias com intenção maliciosa. Haveria erros acidentais em seu trabalho também, mas também alteração deliberada do texto. Vou traçar primeiro a transmissão normal.

A transmissão normal

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do NT desde o princípio – se não fosse assim, estariam rejeitando a autoridade dos apóstolos, e como conseqüência não estariam entre os fiéis. A uma honestidade básica seria acrescentada a reverência no seu lidar com o texto, desde o princípio. E a estas seria acrescentada a vigilância, visto que os apóstolos os haviam advertido, repetida e enfaticamente, acerca de falsos mestres.

Com a procura sempre crescente e a conseqüente proliferação de cópias em todo o mundo greco-romano, e com a possibilidade de verificar cópias recorrendo aos centros que ainda possuíam os autógrafos, a situação inicial do texto era presumivelmente altamente favorável à ampla disseminação de MSS em estreita concordância com o texto original. Podemos razoavelmente entender que pelos primeiros anos do segundo século a disseminação de tais cópias teria sido bem ampla, com a conseqüência lógica que a forma de texto nelas incorporada logo ficaria consolidada e entrincheirada em toda a área de sua influência.

As considerações que acabamos de colocar são cruciais a uma compreensão adequada da história da transmissão do texto, porque indicam que uma tendência básica ficou estabelecida logo no princípio – tendência que continuaria inexoravelmente até o advento do texto impresso do NT. Digo “inexoravelmente” porque, dado um processo normal de transmissão, a ciência da probabilidade estatística demonstra que uma forma de texto em tais circunstâncias dificilmente poderia ser deslocada de sua posição dominante – as probabilidades contra uma forma concorrente de texto jamais alcançar atestação majoritária seriam proibitivas, isso não importando quantas gerações de MSS pudessem existir.¹ Seria necessário um transtorno muito incomum na história de transmissão para dar margem a que uma forma de texto aberrante chegasse a predominar. Não conhecemos nenhum lugar na história que dê espaço para tal transtorno.

O argumento baseado em probabilidade se aplica também a escritos seculares, além do NT, e não leva em conta qualquer preocupação extraordinária pela pureza do texto. Contudo, tenho argumentado que os primeiros cristãos realmente tinham uma preocupação especial por suas Escrituras e que essa preocupação acompanhou a difusão do Cristianismo. Assim, Irineu claramente levou para Gália a sua preocupação pela pureza do texto (que se estendia até o nível de uma só letra) e sem dúvida influenciou os cristãos daquela região. O ponto relevante é que a forma de texto dos autógrafos do NT tinha uma

¹ A demonstração que justifica minha afirmação encontra-se no Apêndice B de meu livro, *The Identity of the New Testament Text V*. Ele pode ser comprado na Amazon.com, ou baixado do meu site, www.prunch.org.

grande vantagem sobre aquela de qualquer literatura secular, de sorte que sua posição dominante se tornaria ainda maior do que a sugerida pelo argumento da probabilidade, e ainda mais se os autógrafos foram 'publicados' como cópias múltiplas. A rápida multiplicação e dispersão de boas cópias elevaria a níveis intransponíveis qualquer oportunidade para formas de texto aberrantes ganharem qualquer tipo de aceitação ou uso generalizado.¹

Segue-se que, dentro de relativamente poucos anos após os livros do NT serem escritos, surgiu rapidamente um texto 'majoritário' cuja forma era essencialmente aquela dos próprios Autógrafos. Esta forma de texto, no decorrer natural das coisas, continuaria a se multiplicar e em cada geração sucessiva de cópias continuaria a ser exibida na massa dos manuscritos conhecidos. Enfim, teria uma transmissão 'normal'. A lei da oferta e demanda opera dentro da Igreja, assim como em outros lugares. Verdadeiros crentes estariam muito mais interessados em obter cópias dos escritos do NT do que pessoas que não eram. Os opositores do cristianismo, que poderiam tentar confundir a questão produzindo cópias alteradas, teriam um 'mercado' muito menor para seu trabalho.

O uso de designações como 'sírio', 'antioqueno' e 'bizantino' para o Texto Majoritário reflete sua ligação generalizada com aquela região. Não conheço nenhuma razão para duvidar que o texto 'bizantino' é de fato a forma de texto conhecida e transmitida na região Egeia desde o princípio.

Em suma, creio que a evidência claramente favorece aquela interpretação da história do texto que vê a transmissão normal do texto centrada na região Egeia, a área melhor qualificada, sob todos os aspectos, para transmitir o texto, desde o princípio. O resultado dessa transmissão normal é o tipo de texto 'bizantino'. Em cada época, incluindo os séculos II e III, ele tem sido o texto tradicional.²

Pois então, afirmo que o texto do NT teve uma transmissão normal, isto é: a plenamente previsível difusão e reprodução de cópias fieis dos autógrafos desde os primeiros anos ao longo da história da transmissão até que a disponibilidade de textos impressos colocou ponto-final na prática de copiar a mão.

A transmissão anormal³

¹ Tenho evitado introduzir qualquer argumento baseado na providência de Deus, até aqui, porque nem todos aceitam tal raciocínio e porque a superioridade do Texto bizantino pode ser demonstrada sem se recorrer a tais raciocínios. Assim, creio que a argumentação a partir das probabilidades estatísticas, acima oferecida, é válida como ela se encontra. No entanto, embora eu não tenha argumentado com base na Providência, quero que o leitor entenda que, pessoalmente, não creio que a preservação do verdadeiro texto foi tão mecânica quanto a discussão acima poderia sugerir. A partir da evidência já apresentada, parece claro que um grande número de leituras variantes (talvez a maioria das leituras maliciosas) que existiram no segundo século simplesmente não sobreviveram — não temos nenhuma testemunha conhecida a favor deles. Podemos razoavelmente concluir que os antigos cristãos foram "cães de guarda" conscientes e capazes do texto verdadeiro. Eu gostaria de crer que eles foram ajudados e assistidos pelo Espírito Santo. Nesta hipótese, a segurança do texto é consideravelmente maior do que aquela sugerida somente pela probabilidade, incluindo a proposição que nenhuma das palavras originais foi perdida.

² Dentro do largo rio bizantino existem dúzias de ribeirãoes (lembrar que F. Wisse isolou 36 grupos, que incluem 70 subgrupos), mas a maior (de longe) linha de transmissão distinguível é Família 35, o fluxo central, e foi explicitamente esta família que Deus usou para preservar a redação original. Favor de ver a Parte II para uma explicação maior.

³ Tenho sido acusado de incoerência por criticar W-H por tratarem o NT como qualquer outro livro enquanto, todavia, eu próprio afirmo uma "transmissão normal" para o Texto Majoritário. Não procede; eu me refiro à transmissão normal de um Texto inspirado, o que W-H negaram. Refiro-me a cristãos copiando um texto que **eles** criam ser inspirado. Além disso, eu também reconheço uma "transmissão anormal", enquanto W-H não o fizeram. Fee distorce seriamente minha posição, por ignorar minha

Voltando agora para a transmissão anormal, sem dúvida ela começou junto com a normal. Os próprios escritos apostólicos contêm fortes reclamações e advertências contra atividades heréticas e maliciosas. À medida que o Cristianismo se espalhou e começou a impactar o mundo, nem todas as pessoas o aceitaram como 'boas novas'. Vários tipos de oposição surgiram. Também surgiram divisões dentro da comunidade cristã global – o próprio NT toma conhecimento do começo de alguns desses desvios. Em alguns casos fidelidade a uma posição ideológica (teológica) evidentemente tornou-se mais importante do que fidelidade ao texto do NT. Certo é que alguns dos líderes da Igreja que escreveram durante o segundo século se queixaram amargamente das alterações propositadas do Texto feitas pelos "hereges".

Grandes partes dos escritos existentes dos primeiros líderes se ocupam precisa e exclusivamente com o combate aos hereges. É claro que durante o segundo século, e talvez já no primeiro, tais pessoas produziram muitas cópias dos escritos do NT incorporando as suas alterações.¹ Algumas aparentemente foram largamente circuladas por algum tempo. O resultado foi uma mistura de leituras variantes para confundir os mal informados e enganar os incautos. Tal cenário era totalmente previsível. Se o NT é de fato a Palavra de Deus, então tanto Deus quanto Satanás devem ter vivo interesse na sua situação. Abordar a crítica textual do NT sem levar isto devidamente em conta é agir irresponsavelmente.

A maior parte do estrago foi feito até 200 d.C.

É geralmente aceito que a maioria das variantes significativas já existiam até o final do segundo século. Colwell afirmou: "A maioria esmagadora das leituras foi criada antes do ano 200."² Décadas antes dele Scrivener disse: "Tanto é de acordo com os fatos, quanto soa paradoxal, que as piores corrupções às quais o Novo Testamento já foi submetido tiveram origem dentro dos cem anos que se seguiram à sua composição."³ Kilpatrick comentou a evidência dos papiros mais antigos.

Vamos considerar nossos dois manuscritos mais ou menos dessa data [200 d.C.] que contêm partes de João, o Papiro Chester Beatty e o Papiro Bodmer. Eles trazem mais ou menos setenta versículos em comum. No espaço desses setenta versículos eles discordam entre si umas setenta e três vezes, afora equívocos.

Além disso, no Papiro Bodmer o copista original frequentemente corrigiu o que havia primeiro escrito. Em alguns lugares ele corrigia os próprios equívocos, mas em outros ele substituía uma forma de frase por uma outra. Em mais ou menos setenta e cinco dessas substituições ambas as alternativas são conhecidas independentemente a partir de outros manuscritos. O copista está de fato substituindo uma variante por uma outra em cerca de setenta lugares, de sorte que podemos concluir que no tempo dele já havia variação nesses pontos.⁴

discussão da transmissão anormal (G.D. Fee, "A Critique of W.N. Pickering's *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*", *The Westminster Theological Journal*, XLI [Spring 1979], pp. 404-08) e representando distorcidamente minha visão da transmissão normal (*Ibid.*, p. 399). Eu mantenho que 95% das variantes, os óbvios erros de transcrição, se enquadram (na maior parte) na transmissão normal, ao passo que os 5% restantes, as variantes "significativas", se enquadram na transmissão anormal.

¹ J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883) pp. 323-24.

² E.C. Colwell, "The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts", *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikren (Chicago: Quadrangle Books, 1961), p. 138.

³ F.H.A. Scrivener, *A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament*, quarta edição, editada por E. Miller (2 Vols.; London: George Bell and Sons, 1894), II, 264.

⁴ G.D. Kilpatrick, "The Transmission of the New Testament and its Reliability," *The Bible Translator*, IX (July, 1958), 128-29.

O Papiro Bodmer é P⁶⁶, e o que Kilpatrick não te diz é que naqueles 75 lugares o escriba estava alternando entre leituras bizantinas e alexandrinas: às vezes ele começou com uma leitura bizantina e depois a alterou para uma alexandrina, e às vezes ele fez o contrário. Fica óbvio que ele tinha tais exemplares diante dele, o que significa que o Texto bizantino já existia no ano 200!

G. Zuntz também reconheceu tudo isso. “A crítica moderna para diante da barreira do segundo século. Parece ser a época de liberdades incontidas para com o texto.”¹

Kilpatrick prossegue argumentando que a criação de novas variantes cessou por volta de 200 d.C. porque se tornou impossível ‘vendê-las’. Ele comenta algumas das tentativas de Orígenes de introduzir uma mudança no texto, e prossegue:

O tratamento dado por Orígenes a Mateus 19.19 é significativa de duas outras maneiras. Primeiro ele era provavelmente o comentarista mais influente da Igreja antiga e mesmo assim a sua conjectura neste ponto parece ter influenciado só um manuscrito de uma versão local do NT. A tradição grega aparentemente não sofreu nenhuma influência dela. A partir do terceiro século nem mesmo um Orígenes podia efetivamente alterar o texto.

Isto nos leva para o segundo ponto significativo – sua data. A partir do começo do terceiro século a liberdade para alterar o texto que havia obtido anteriormente não mais podia ser praticada. Taciano é o último autor, de quem temos informação explícita, a fazer mudanças propositadas no texto. Entre Taciano e Orígenes a opinião cristã mudou tanto que não era mais possível fazer alterações no texto, fossem inofensivas ou não.²

Kilpatrick acha que essa atitude foi uma reação contra o remanejo do texto pelos hereges do segundo século. Certamente houve um grande clamor, e qualquer que seja a razão, parece que houve pouco prejuízo adicional após o ano 200 d.C. [Creio que podemos entender, com alguma razão, que variantes que só aparecem mais tarde, dentro de manuscritos conhecidos, de fato foram criadas bem antes.] Entretanto, eu certamente discordo da “liberdade para alterar o texto que havia obtido anteriormente” de Kilpatrick; não havia tal ‘liberdade’, era a perversidade dos inimigos da Verdade.

As formas de texto aberrantes

A dimensão das dificuldades textuais do segundo século facilmente pode ser exagerada. Mesmo assim, a evidência citada realmente prova que formas aberrantes do texto do NT foram produzidas. Naturalmente, algumas delas podem ter obtido aceitação local e temporária, mas mal poderiam se tornar mais do que pequenos remansos à beira do rio ‘majoritário’. Lembre-se de que a possibilidade de conferir com os autógrafos, ou cópias garantidas, deve ter servido para inibir a difusão de tais formas de texto.

Por exemplo, Gaio, um líder ortodoxo que escreveu próximo ao fim do segundo século, citou por nome quatro hereges que não só alteraram o texto do NT mas tinham discípulos que multiplicaram cópias de suas versões. De interesse especial aqui é a sua afirmação de que eles não podiam negar a sua culpa por não poderem produzir os originais nos quais eram baseadas as suas cópias.³ Isto seria uma acusação vazia da parte de Gaio se também ele não podia produzir os originais. Já tenho argumentado que as igrejas na Ásia Menor, por exemplo, ainda possuíam os autógrafos ou cópias exatas que eles mesmos haviam

¹ G. Zuntz, *The Text of the Epistles* (London: Oxford University Press, 1953), p. 11.

² Kilpatrick, "Atticism and the Text of the Greek New Testament," *Neutestamentliche Aufsätze* (Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963), pp. 129-30.

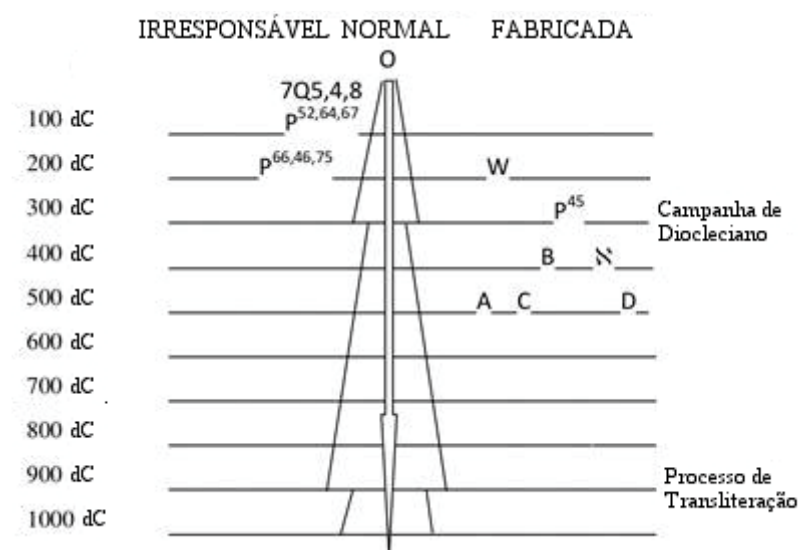
³ Cf. Burgon, *The Revision Revised*, p. 323.

feito – assim eles **sabiam**, absolutamente, qual era a redação verdadeira e podiam repelir as formas aberrantes com confiança. Um homem como Policarpo seria capaz de afirmar em 150 d.C., letra por letra se fosse o caso, a redação original do texto para a maior parte dos livros do NT. E presumivelmente os seus manuscritos não foram queimados junto com ele.

Não somente haveria pressão procedente dos autógrafos, mas também pressão exercida pelo já estabelecido ímpeto de transmissão detido pela forma de texto majoritária. Como já mostramos, a probabilidade estatística operando contra formas aberrantes do texto seria fulminante. Em outras palavras, apesar da existência de um sortimento atordoador de variantes, a julgar pelas testemunhas conhecidas (e essas variantes realmente exerceram uma influência perturbadora no fluxo da transmissão), elas não poderiam ser bem-sucedidas em frustrar o progresso da transmissão normal.

O fluxo da transmissão.

Agora, que tipo de quadro podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes, pressupondo que a história da transmissão do Texto do NT foi predominantemente normal? Podemos esperar um largo espectro de cópias, apresentando pequenas diferenças devido a erros no processo de copiar, mas todas refletindo uma tradição comum. A existência simultânea de transmissão anormal nos primeiros séculos resultaria num punhado de cópias singulares salpicadas fora daquela corrente principal. O quadro teria aparência semelhante a esta *Figura*.



Os MSS dentro dos cones representam a transmissão ‘normal’. À esquerda estão alguns possíveis representantes do que poderíamos caracterizar como transmissão ‘irresponsável’ do texto – os copistas produziram cópias defeituosas por incompetência ou descuido, mas não fizeram alterações propositadas. À direita estão alguns possíveis representantes do que poderíamos caracterizar como a transmissão ‘fabricada’ do texto – os copistas fizeram alterações propositadas no texto (quaisquer que tenham sido as razões), produzindo cópias falsificadas, não cópias verdadeiras. Estou bem ciente que os MSS distribuídos na figura acima contêm tanto erros de descuido quanto erros deliberados, em proporções diferentes (7Q5,4,8 e P^{52,64,67} são fragmentos pequenos demais para permitir a classificação de seus erros como deliberados em vez de descuidos), de sorte que uma classificação como esta, não deixa de ser relativa, e apresenta um quadro um pouco distorcido. Mesmo assim, eu insisto em que ignorância, descuido, intromissão e malícia,

todos deixaram marcas na transmissão do texto do NT, e devemos levá-los em conta em qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão.¹

Como a figura sugere, eu sustento que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo da transmissão. Para suportar tortura antes de entregar o(s) seu(s) MS(S), alguém teria que ser crente comprometido, o tipo de pessoa que queria boas cópias das Escrituras. Assim, é provável que eram os MSS mais contaminados, em geral, que foram destruídos, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra.² A seta dentro dos cones representa a Família 35, que entendo representar o âmago da transmissão (ver a Parte II que segue).

Um outro elemento deve ser considerado — uma vez que a campanha de Diocleciano, como registrada pela História, foi mais intensiva e eficiente na região bizantina, a vantagem numérica do tipo de texto 'Bizantino' sobre o 'Ocidental' e o 'Alexandrino' teria sido reduzida, dando a estes a oportunidade de avançar (no cômputo global). Mas não aconteceu assim. De modo geral a Igreja recusou-se a propagar essas formas do texto grego.

O que encontramos ao consultar as testemunhas é exatamente tal quadro. Temos o Texto Majoritário (como Aland o chamou), ou o Texto Tradicional (como Burgon o chamou), dominando o fluxo da transmissão, com umas poucas testemunhas individualmente seguindo seus caminhos peculiares. No Capítulo 4 do meu livro *Identity V*, demonstro que a noção de "tipos de texto" e recensões, como definida e usada por Hort e seus seguidores, é gratuita. A ideia de "fluxos" de Epp não é nada melhor. Só existe uma correnteza (na verdade, um rio), com vários remansos pequenos pelas suas margens.³ Ao dizer que o Texto Majoritário domina o fluxo, isto significa que se representa em cerca de 95% dos MSS.⁴

Bem, tal afirmação não é completamente satisfatória porque não dá margem para a mistura ou as afinidades vagantes encontradas dentro de MSS individuais. Uma maneira melhor (embora mais trabalhosa) de descrever a situação seria algo mais ou menos assim: 100% dos MSS concordam quanto a, digamos, 50% do Texto; 99% dos MSS concordam quanto a outros 40% do Texto; mais de 95% dos MSS concordam quanto a outros 4% do Texto; mais de 90% dos MSS concordam quanto a outros 2% do Texto; mais de 80% concordam quanto a outros 2% do Texto; somente para 2% do Texto temos menos que 80% dos MSS concordando, e um número desproporcional desses casos ocorre no

¹ A história do local onde o Codice W foi encontrado sugere que ele deveria ter sido copiado antes de 200 d.C.: foi encontrado nas ruínas de uma cidade que foi abandonada em 200 d.C. quando a sua água secou. Essa cidade ficava em uma área isolada, cercada pelo deserto. Como W mostra influência bizantina, esse tipo de texto já existia no segundo século.

² Para uma discussão maior sobre este ponto, favor de ver a seção "Imperial repression of the N.T." no meu livro, *The Identity of the New Testament Text V*, disponível no Amazon.com, bem como no meu site, www.prunch.org.

³ Poderíamos falar de um remanso P⁴⁵,W ou um remanso P⁷⁵,B, por exemplo.

⁴ Embora eu tenha usado, por necessidade, o termo "tipo de texto" em alguns de meus escritos, vejo o Texto Majoritário como sendo muito mais amplo. É uma tradição textual que pode ser dita incluir vários "tipos de texto" parecidos, tais como K^a, Kⁱ, e K^l de von Soden. Quero enfatizar novamente que é apenas concordância em erros que determina relacionamentos genealógicos. Segue-se que os conceitos de "genealogia" e "tipo de texto" são irrelevantes com referência a leituras originais — eles são úteis (quando apropriadamente empregados) somente para identificar leituras espúrias. Bem, se há uma família que muito aproximadamente reflete o texto original, seu "perfil" ou mosaico de leituras irá distingui-la das outras famílias, mas a maioria daquelas leituras não será de erros (as variantes concorrentes distintas das outras famílias sim **serão** erros).

Apocalipse.¹ (Não me preocupo em defender a precisão dos números usados, eles são **palpites**, mas creio que representam uma aproximação razoável da realidade.) E os componentes do grupo dissidente variam de leitura para leitura. Contudo, com a ressalva acima, podemos razoavelmente dizer que até 95% dos MSS conhecidos pertencem à tradição textual Majoritária.

Não vejo como explicar a predominância de 95% (ou 90%) a não ser que esse texto seja procedente dos autógrafos. Hort viu o problema e inventou uma revisão. Harry Sturz parece não ter visto o problema. Ele demonstra que o “tipo de texto Bizantino” é primitivo e independente dos tipos de texto “Ocidental” e “Alexandrino”, e como von Soden, quer tratá-los como três testemunhas iguais.² Mas, se os três tipos de texto fossem iguais, **como** poderia o tipo “Bizantino” obter um predomínio de 90% a 95%? [De passagem, um texto produzido por seguir dois dos “tipos de texto” contra o terceiro (em qualquer combinação), moveria o texto da SBU 80% da distância em direção ao Texto Majoritário.]

O argumento baseado em probabilidade estatística entra aqui com bastante força. Não somente os MSS nos apresentam uma forma de texto gozando de uma maioria de 95%, mas os outros 5% não representam um único tipo de texto concorrente. Os MSS da minoria discordam entre si tanto (ou mais) do que o fazem com a maioria. É uma raridade dois deles concordarem tanto quanto P⁷⁵ e B o fazem. Não estamos, portanto, julgando entre duas formas de texto, uma representando 95% dos MSS e a outra 5%. Antes, temos que julgar entre 95% e uma fração de 1% (comparando o Texto Majoritário com, por exemplo, a forma de texto P⁷⁵,B). Podemos ver um caso específico: em 1 Timóteo 3.16 uns 600 MSS gregos (além dos lecionários) trazem “Deus”, enquanto somente nove trazem algo diferente. Desses nove, três têm leituras particulares e seis concordam em ler “quem.”³ De sorte que temos que decidir entre 98,5% e 1%, “Deus” contra “quem.” É difícil

¹ Concordo de todo coração com Colwell quando ele insiste em que temos de "eliminar radicalmente a leitura singular" ("External Evidence and New Testament Criticism", *Studies in the History of the Text of the New Testament*, ed. B.L. Daniels e M.J. Suggs [Salt Lake City: University of Utah Press, 1967], p. 8), na suposição inteiramente razoável (assim me parece) que uma testemunha que está solitária contra o resto do mundo não pode estar certa.

² Sturz, *Op. Cit.*

³ As leituras, com os MSS que as atestam, são as seguintes:

o - D

ω - 061

oς Θεος - um cursivo, 256 (e um Lecionário)

oς - Ɀ, 33, 365, 442, 1175, 2127 (e três Lecionários)

Θεος - Ɀ⁵ A, C^{vid}, F/G^{vid}, K, L, P, Ψ, uns 600 cursivos (além dos Lecionários) (inclusive quatro cursivos que têm o Θεος e um Lecionário que têm Θεου).

Será observado que minha declaração difere daquela do texto SBU, por exemplo. Ofereço a seguinte explicação:

Young, Huish, Pearson, Fell, e Mill no século XVII; Creyk, Bentley, Wotton, Wetstein, Bengel, Berriman, e Woide no século XVIII; e Scrivener tão tardiamente quanto em 1881; todos eles afirmaram, baseados em cuidadosa inspeção, que o Códice A traz "Deus". Para uma discussão completa, favor ver Burgon, que diz de Woide: "O erudito e consciente editor do Códice declara que tão recente quanto em 1765 ele tinha visto traços do Θ que, vinte anos depois (a saber, em 1785), não mais lhe eram visíveis." (*The Revision Revised*, p. 434. Cf. pp. 431-36). Foi somente após 1765 que os estudiosos começaram a questionar a leitura de A (através de desvanecimento e desgaste, a linha do meio do *theta* não mais é discernível).

H.C. Hoskier devota o Apêndice J de *A Full Account and Collation of the Greek Codex Evangelium 604* (London: David Nutt, 1890) (o apêndice sendo uma reimpressão de parte de um artigo que apareceu em *Clergyman's Magazine*, fevereiro, 1887) a uma cuidadosa discussão da leitura de Códice C. Ele gastou três horas examinando a passagem em questão, neste MS (o próprio MS), e oferece evidência que mostra claramente, estou convencido, que a leitura original de C é "Deus". Ele examinou o contexto ao redor e observa, "A **barra-de-contracção** tem freqüentemente se desvanecido completamente (de um exame

superficial, creio que a barra desapareceu mais vezes que não), mas outras vezes está evidente e imposta da mesma maneira que em 1 Timóteo. iii.16" (Apêndice J, p. 2). Ver também Burgon, *Ibid.*, pp. 437-38.

Os Códices F/G têm *OC* onde a barra-de-contracção é um traço inclinado. Tem sido argumentado que o traço representa a aspiração de *oç*, mas Burgon demonstra que o traço em questão nunca representa aspiração, mas é invariavelmente o sinal de contracção, e afirma que "*oç* não é **em nenhum outro local** escrito *OC* [com barra de contracção] em nenhum dos dois códices" (*Ibid.*, p. 442. Cf. pp. 438-42). Presumivelmente a linha cruzada no pai comum [aos dois MSS] tinha se tornado muito fraca para ser vista. Quanto ao cursivo 365, Burgon o procurou exaustivamente e não apenas não conseguiu encontrá-lo, mas não pôde encontrar nenhuma evidência que ele jamais tenha existido (*Ibid.*, pp. 444-45). [Fui informado recentemente que mais tarde o MS foi redescoberto por Gregory.]

As três variantes significativas envolvidas são representadas nos MSS unciais antigos como se segue: *O*, *OC*, e *OC* (com barra de contracção acima das duas letras), significando, respectivamente, "que", "quem" e "Deus". Ao escrever "Deus", se um copista omitisse (por pressa ou distração momentânea) as duas linhas [a que cruza o *theta* e a barra em cima] resultaria em "quem". Os Códices A, C, F, e G têm numerosas ocorrências onde uma das duas (a linha cruzante ou a barra de contracção) não é mais discernível (a linha original pode ter desvanecido ao ponto de ficar invisível, ou o copista pode ter falhado em escrevê-la). A hipótese de ambas as linhas se desvanecerem, como aqui no Códice A, é presumivelmente um evento infreqüente. A hipótese de um copista inadvertidamente omitir ambas as linhas também seria um caso infreqüente, presumivelmente, mas deve ter acontecido pelo menos uma vez, provavelmente bem cedo no segundo século e em circunstâncias que produziram um efeito que se propagou amplamente.

A colocação "o mistério ... quem" é ainda mais patológica em grego do que o é em português. Foi assim inevitável, uma vez que tal leitura surgiu e se tornou conhecida, que ação remediadora fosse tentada. Conseqüentemente, a primeira leitura acima, "o mistério . . . que," é geralmente considerada como uma tentativa de fazer a leitura difícil inteligível. Mas tem que ter sido um desdobramento antigo, por que domina completamente a tradição latina, tanto de versões como dos líderes, como também é a leitura provável de Syr^p e das versões Cópticas. Encontra-se somente em um MS grego, Códice D, e em nenhum líder grego antes do quinto século.

A maioria dos estudiosos modernos considera "Deus" como uma outra resposta terapêutica para a leitura difícil. Embora domine os MSS gregos (acima de 98%), é certamente atestada por somente duas versões, a Geórgica e a Slavônica (ambas posteriores). Mas também domina os líderes gregos. Ao redor de 100 d.C. há possíveis alusões em Barnabé: "Ἰησοῦς ... ο υἱος του Θεου τυπω και εν σαρκι φανερωθεις" (Cap. xii), e em Inácio: "Θεου ανθρωπινως φανερουμενου" (*Ad Ephes.* c. 19) e "εν σαρκι γενομενος Θεος" (*Ibid.*, c. 7). No século III parece haver claras referências em Hipólito: "Θεος εν σωματι εφανερωθη" (*Contra Haeresim Noeti*, c. xvii), Dionísio: "Θεος γαρ εφανερωθη εν σαρκι" (*Concilia*, i. 853a) e Gregório Taumaturgo: "και εστιν Θεος αληθινος ο ασαρκος εν σαρκι φανερωθεις" (citado por Fócio). No 4º século há citações ou referências claras em Gregório de Nissa (22 vezes), Gregório de Nazianzo, Dídimo de Alexandria, Diodoro, as *Constituições Apostólicas*, e Crisóstomo, seguido por Cirilo de Alexandria, Teodoreto, e Eutálio no quinto século, e assim por diante (Burgon, *Ibid.*, pp. 456-76, 486-90).

Quanto à leitura gramaticalmente aberrante, "quem", além dos MSS já citados, a mais antiga versão que a atesta é a gótica (quarto século). Para se ter uma clara testemunha patrística grega para esta leitura se exige a seqüência *μυστηριον ος εφανερωθη*, uma vez que depois de qualquer referência a Cristo, Salvador, Filho de Deus, etc. no contexto anterior, o uso de uma cláusula predicativa é previsível. Burgon afirmou que não tinha conhecimento de nenhum tal testemunho (e seu conhecimento do assunto provavelmente nunca foi igualado) (*Ibid.*, p. 483).

Assim, parece que as leituras "Ocidental" e "Bizantina" têm atestação mais antiga que a "Alexandrina". Todavia, se a leitura "que" surgiu para remediar a leitura "quem", então a segunda tem que ser mais velha. A leitura "quem" é admitidamente a mais difícil, tanto assim que aplicar o cânon "escolha a leitura mais difícil", face a uma tão fácil explanação transcricional [a omissão sem querer dos dois traços] para a leitura difícil, parece ser irrazoável. Como Burgon tão bem o disse: "Confio que pelo menos estamos de acordo que a máxima '*proclivi lectioni praestat ardua*,' não enuncia uma tão tola proposição quanto que, ao escolher entre duas ou mais leituras conflitantes, devemos preferir aquela que tem a atestação externa mais frágil, -- contanto que, em si própria, seja [também] quase ininteligível?" (*Ibid.*, p. 497).

Seja qual for a intenção daqueles redatores que escolhem 'quem', o texto deles esvazia esta declaração forte quanto à divindade de Jesus Cristo, além de ser uma estupidez -- qual é o 'mistério' a respeito de

imaginar qualquer combinação de circunstâncias na história da transmissão do texto possivelmente suficiente para produzir a cataclísmica "virada de cabeça para baixo" na probabilidade estatística necessária para afirmar que "quem" seja a leitura original.

Realmente parece que os eruditos que rejeitam o Texto Majoritário enfrentam um problema sério. Como ele se explica se não reflete o Original? A ideia de uma revisão luciânica, proposta por Hort, já foi abandonada pela maioria dos estudiosos pela falta total de evidência histórica. Os ecletistas nem estão tentando explicar [o Texto Majoritário]. A tese de "processo" não tem sido articulada em detalhe suficiente para permitir uma refutação, mas parece ser contraditada frontalmente pelo argumento da probabilidade estatística.¹ Como poderia qualquer quantidade de "processo" transpor o abismo entre B (ou Aleph) e o TR?

Mas existe um problema ainda mais básico com a tese de 'processo'. Hort percebeu clara e corretamente que o Texto Majoritário tem que ter um arquétipo comum. Lembre-se que o método genealógico de Hort se baseava em comunidade de **erro**. Partindo da hipótese que o Texto Majoritário seja uma forma de texto posterior e inferior, a grande massa de leituras comuns que o distingue dos tipos de texto (assim chamados) "Oriental" e "Alexandrino" devem ser **erros** (que é exatamente o que Hort alegava) e tamanha concordância em erro teria que ter uma fonte comum. A tese de "processo" é totalmente incapaz de explicar tal concordância em erro (partindo dessa hipótese).

Hort percebeu a necessidade de uma fonte comum e alegou uma revisão luciânica. Eruditos hoje em dia geralmente reconhecem que o "tipo de texto Bizantino" deve ter originado dentro do segundo século, pelo menos. Mas que possibilidade teria o documento original "bizantino", o arquétipo, de galgar aceitação quando ainda era possível apelar aos autógrafos (se fosse diferente)?

Sinceramente, só existe uma explicação razoável para o Texto Majoritário que tenha sido apresentada até agora – ele é o resultado de um processo de transmissão essencialmente normal, e a fonte comum para sua concordância é os autógrafos. Ao longo dos séculos de copiar, o texto original sempre tem sido refletido com elevado grau de precisão na tradição dos manuscritos como um todo. A história do texto apresentada nesta parte não só explica bem o Texto Majoritário como também explica a minoria de MSS incoerentes. Estes são resquícios da transmissão anormal do texto, refletindo antigas formas aberrantes. É uma dependência em tais formas aberrantes que distingue as edições contemporâneas críticas/ecléticas do NT em grego e as traduções modernas nelas baseadas.

Qual é a evidência real?

Qual é a evidência real que precisa ser avaliada? Os MSS de texto contínuo são as testemunhas primárias. Os lecionários são testemunhas secundárias. As antigas versões e citações patrísticas são testemunhas terciárias. Qualquer evidência histórica, na medida em que possa ser verificada, é acessória. **Atenção:** a relevância dos tipos de evidência secundária e terciária depende das pressuposições de que a redação original foi perdida e de que a transmissão do texto não foi normal. Uma vez que ambas as pressuposições são falsas, vou limitar minha atenção às testemunhas primárias, ainda mais porque são tantas.

qualquer macho humano se manifestar em carne? Todo ser humano tem corpo. No Texto grego o pro-nome relativo não tem antecedente, sendo assim uma 'impossibilidade' gramatical.

¹ Para uma discussão adicional, ver as páginas finais do Apêndice B em meu *Identity V*.

As testemunhas primárias são habitualmente tratadas como sendo de três tipos: os papiros, os unciais e os cursivos. Os papiros e os unciais são escritos com letras maiúsculas (muitas vezes sem espaçamento entre as palavras), sendo a diferença no material usado, papiro ou pergaminho (couro). Os cursivos são escritos com letras minúsculas, muitas vezes juntas, e geralmente com espaçamento entre as palavras; o material usado era pergaminho ou papel. A escrita uncial foi usada exclusivamente até o século IX, quando os primeiros MSS cursivos apareceram. No século XI, a escrita cursiva já havia dominado a transmissão.

A lista internacional de MSS conhecidos do NT é mantida pelo Instituto para Pesquisa Textual do Novo Testamento (*INTF*) em Münster, Alemanha. É chamado de *Kurzgefasste Liste*.¹ Em fevereiro de 2018, essa lista continha 133 papiros, 282 unciais (maiúsculos) e cerca de 2.850 cursivos numerados (minúsculos).

A datação dos MSS é um negócio escorregadio, vulnerável a pressuposições, vieses e ‘linha partidária’. O leitor deve entender que as datas que foram atribuídas aos MSS individuais podem ser pouco mais do que palpites por alto; tanto é assim que elas geralmente são dadas como um século. Quando um MS tem uma data específica, o copista escreveu a data em que ele terminou seu trabalho.

Fiz uma tabela por alto dos papiros por século (tomando a data posterior quando havia uma opção);² eles variam do II ao VIII: II – 4, III – 49, IV – 31, V – 14, VI – 16, VII – 16, VIII – 3. Destes 133 papiros, 35 têm menos de cinco versos (são meros fragmentos);³ 76 dos papiros têm entre seis e vinte versos (ainda fragmentos); mais 13 têm menos de dois capítulos; apenas 9 deles são de tamanho significativo. Para cerca de 40 capítulos ao longo do NT não há testemunho de papiro. Somente Lucas, João, Atos, Hebreus, 1 e 2 Pedro e Judas têm uma testemunha em papiro para um capítulo inteiro. Apenas um papiro tem um livro completo: P⁷² contém 1 & 2 Pedro e Judas. A importância atribuída aos papiros dependerá dos pressupostos da pessoa.

Fiz uma tabela por alto dos unciais por século (tomando a data posterior quando havia uma opção); eles variam do III ao XI: III – 2, IV – 18, V – 50, VI – 65, VII – 36, VIII – 27, IX – 62, X – 20, XI – 2. Desses 282 unciais, 182 têm menos de um capítulo (a maioria deles tem apenas alguns versos; alguns até menos); outros 37 têm menos que um livro inteiro; apenas 63 têm um livro completo ou mais. A importância atribuída aos unciais dependerá das pressuposições de uma pessoa.

Os cursivos variam em data do século IX ao XVII. A grande maioria deles, cerca de 2.130, estão agrupados em quatro séculos: XI – XIV. Cerca de 90 deles são bastante fragmentados, e muitos outros não estão completos. Cerca de 25 deles têm um número, mas se sabe tão pouco sobre eles que, evidentemente, não estão disponíveis; e muitos outros desapareceram de vista. Mesmo assim, sobrou o suficiente para nos manter ocupados por muito, muito tempo.

Até a invenção do papel, os materiais usados para fazer cópias eram papiro e pergaminho (couro), ambos mais espessos que papel. Um NT completo encadernado em um volume seria bastante grosso e bastante caro. Então, bem cedo os livros começaram a ser

¹ Kurt Aland, ed., *Kurzgefasste Liste der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Berlin: Walter de Gruyter, 1994).

² Este parágrafo, e o próximo, estão simplesmente baseados no *Liste* (quer eu concorde, quer não).

³ De passagem, na minha opinião, a única contribuição de um fragmento é estabelecer que qualquer variante que estiver existia quando foi copiado, se não foi criado pelo copista. Um fragmento datado antes de 100 d.C. estabelece que o livro existia naquele tempo.

encadernados em grupos menores: os quatro Evangelhos, as cartas de Paulo (incluindo Hebreus), Atos e as Epístolas Gerais, acrescentando o Apocalipse em alguns. Os Evangelhos eram de longe os mais populares, seguidos pelas cartas de Paulo. Até o momento, sabemos de cerca de 2.350 MSS (incluindo fragmentos) que contêm alguma parte dos Evangelhos, cerca de 800 que contêm alguma parte das cartas de Paulo, mais de 650 que contêm alguma parte de Atos, mais de 600 que contêm alguma parte das Epístolas Gerais, e cerca de 300 que contêm alguma parte do Apocalipse. Conhecemos cerca de 60 Novos Testamentos completos, outros 150 que contêm tudo menos o Apocalipse, e cerca de 270 que contêm de Atos até Judas.

Nem todos os MSS mencionados estarão disponíveis para uma pessoa interessada consultar. Considere os Evangelhos: dos 2.350 MSS mencionados acima, para um único Evangelho qualquer (como João), o número será em torno de 2.000. Mas por causa de fragmentos, danos e lacunas, para qualquer dado verso, o número será em torno de 1.700. O *INTF* em Münster, Alemanha, possui microfimes de quase todos eles. No entanto, tal pessoa interessada precisa entender que ele não está lidando com 1.700 testemunhas independentes – os MSS representam uma variedade de linhas de transmissão, ou ‘famílias’; tais famílias seriam as testemunhas. Por exemplo, Frederik Wisse cotejou e comparou 1.386 MSS em Lucas 1, 10 e 20 (três capítulos); ele reduziu esses MSS a 37 grupos (famílias) (mais 89 ‘aleatórios’).¹ Sucede que 36 dos 37 grupos se situam dentro do rio largo de transmissão bizantino. Ele identificou 70 subgrupos dentro dos 36, de sorte que ele se sentiu capaz de definir esses relacionamentos, baseado nos perfis (ou mosaicos).

Mas haverá inter-relações entre famílias e, para ter certeza sobre tais relações, precisamos de uma reconstrução cientificamente elaborada da história da transmissão do Texto do NT. Lamentavelmente, não existe tal reconstrução. Pior, devido ao efeito soporífero da teoria de Hort, as famílias ainda precisam ser definidas. Eu defini cientificamente a Família 35 para todo o NT, mas até onde eu sei, nenhuma outra família foi similarmente definida. Pode ser que nenhuma outra família exista em todo o NT, mas isso ainda precisa ser determinado.

Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, nessa ordem. Há mais de quatro vezes mais MSS do século XIII que do X, mas obviamente o grego Koinê teria sido uma língua mais utilizada no século X do que no XIII; e então haveria mais demanda, e portanto mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X morreram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu aos produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV que no X. Mas se tivéssemos vivido no século X, e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece se tivéssemos vivido nos séculos VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Aland parece aceitar que através dos séculos de história da igreja o texto bizantino foi considerado como "o texto da igreja", e ele traça o início deste estado de coisas a

¹ *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

Luciano.¹ Ele faz repetidas menções a uma "escola de/em Antióquia" e da Ásia Menor. Tudo isso é muito interessante, porque em seu livro ele concorda com Adolf Harnack que "no ano 180, mais ou menos, a maior concentração de igrejas era na Ásia Menor e ao longo da costa do mar Egeu da Grécia".² Esta é a área onde o grego era a língua materna e onde o grego continuou a ser usado. É também a área que começou com a maioria dos Autógrafos. Mas Aland continua: "Mesmo por volta do ano 325 d.C. a cena ainda era praticamente inalterada. A Ásia Menor continuou a ser a terra-coração da Igreja". "A terra-coração da Igreja" – ora, quem mais estaria em melhor posição para identificar o texto correto do Novo Testamento? Quem poderia "vender" um texto fabricado na Ásia Menor no início do século IV? Eu afirmo que o texto bizantino dominou a história da transmissão, porque as igrejas na Ásia Menor promoveram ele. E elas fizeram isso, desde o início, porque sabiam que era o texto verdadeiro, tendo o recebido dos Apóstolos. O Texto Majoritário é o que é exatamente porque sempre foi **o Texto da Igreja**.

Observações Finais

Até este ponto, eu tenho lidado com o largo rio da transmissão normal do texto do NT. Esse amplo rio é comumente chamado de texto 'Bizantino', ou tipo de texto. Mas esse largo rio é composto de muitas linhas distintas de transmissão dentro dele – lembre-se que F. Wisse postulou 36 linhas tais, baseando-se em seu estudo de Lucas, capítulos 1, 10 e 20. Entre essas 36 linhas, uma é de longe a maior, em termos do número de MSS representativos, e eu argumentarei que também é claramente a melhor. Eu chamo essa linha de transmissão de 'Família 35', e minha exposição sobre essa família ocupa a Parte II. Ali eu argumento que a Família 35 constitui a prova máxima de que Deus preservou o Texto do NT.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da exata redação original do Texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação é reproduzida na minha edição do NT grego, *The Greek New Testament According to Family 35*. O livro pode ser encomendado na Amazon.com, e pode ser baixado gratuitamente do meu site, www.prunch.com.br. Já foi publicado no Brasil pela editora Os Semeadores. Eu alisto aqui minhas conclusões, prometendo ao leitor que então darei, na Parte III, as evidências que levam a essas conclusões (além daquelas já citadas acima).

Com base nas evidências até agora disponíveis, afirmo o seguinte:

1. O texto original nunca foi 'perdido', e sua transmissão ao longo dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecido como material inspirado desde o início.
2. Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.
3. Para delinear tais linhas, os MSS devem ser agrupados empiricamente com base em um mosaico compartilhado de leituras.
4. Tais grupos ou famílias devem ser avaliados quanto à independência e credibilidade.
5. O maior grupo claramente definido é a Família 35.
6. A Família 35 é demonstravelmente independente de todas as outras linhas de transmissão no N.T. inteiro.

¹ K. Aland, "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:131-144 [só publicado em 1989], pp. 142-43.

² *The Text of the New Testament*, p. 53.

7. A Família 35 é demonstravelmente antiga, remontando ao século III, no mínimo.
8. Os representantes da Família 35 vêm de toda a área mediterrânea; a distribuição geográfica é praticamente total.
9. A Família 35 não é uma recensão/revisão; seu arquétipo não foi criado em algum lugar ou momento subsequente aos Autógrafos.
10. A Família 35 é uma identidade definida objetivamente/empiricamente no N.T. inteiro; ela tem um perfil/mosaico demonstrável e diagnóstico de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.
11. A forma do arquétipo da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrado (ver o “Perfil” na Parte II).
12. O Texto Original é o arquétipo mor; então, qualquer candidato a texto original também precisa ser um arquétipo – isto é, um arquétipo real, verdadeiro, de fato e objetivamente verificável – só existe um, Família 35.
13. Que Deus tem interesse na preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens tais como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33, João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem ser razoavelmente interpretadas como contendo uma promessa que as Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (havemos de viver a partir de “cada palavra de Deus”), e até o fim do mundo (“para mil gerações”), mas nenhuma indicação foi dada de como exatamente Deus se propunha a fazê-lo. Havemos de deduzir a resposta a partir do que Ele tem realmente feito – nós descobrimos que Ele de fato o fez!
14. Esse interesse é refletido na Família 35; ela se caracteriza por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (contrastando-se com outras linhas de transmissão). [Tenho em mãos cópias perfeitas do arquétipo da Família 35 para a maioria dos livros do N.T. (22); tenho em mãos cópias completas (nenhuma letra perdida) para outros quatro (4); ao passo que continuo cotejando manuscritos espero acrescentar o último que falta (Atos), mas até para ele a forma do arquétipo é demonstrável.]
15. Se Deus estivesse preservando a redação original em alguma outra linha de transmissão, em vez da Família 35, seria essa linha menos cuidadosa? Creio que não. Então qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna fica desqualificada – isto inclui **todas** as outras linhas de transmissão que vi até aqui.
16. Afirmando que Deus utilizou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto do Novo Testamento. Está publicada na minha edição do Texto Grego. (E Deus utilizou principalmente as Igrejas Ortodoxas do Oriente para preservar o Texto do NT através dos séculos – elas sempre usaram um Texto que representava de forma adequada o Original, para todo efeito prático.)

Afirmo ter demonstrado a superioridade da Família 35 com base no tamanho (número de representantes), **independência** (é demonstravelmente independente de todas as outras linhas de transmissão), **idade** (remonta ao 3º século, pelo menos), **distribuição geográfica** (por toda a área mediterrânea), **perfil** (empiricamente determinado), **esmero** (dos copistas) e **abrangência** (todos os 27 livros). **Eu desafio a todos que façam o mesmo para qualquer outra linha de transmissão!**

O Texto Original é o arquétipo mor; qualquer candidato também deve ser um arquétipo – um arquétipo real, verdadeiro, objetivamente verificável; existe apenas um até agora

identificado: a Família 35. A seguir tem a Parte II, onde forneço mais evidências; são elas que sustentam as minhas conclusões.

PARTE III: A Melhor Linha de Transmissão

Mas, o que é Família 35?

Eu posso imaginar que muitas pessoas estão ouvindo falar da Família 35 pela primeira vez. Ela se refere a uma linha de transmissão dentro do largo rio 'bizantino' de MSS, e eu lhe dei esse nome. Até onde eu sei, o mundo acadêmico está ignorando severamente meu trabalho, como precisam, com certeza, já que eu exponho as falsidades que eles vêm transmitindo por gerações. Vou começar com um pouco da história recente.

Quando Thomas Nelson Inc. publicou meu primeiro livro em 1977, *The Identity of the New Testament Text* ["Qual o Texto Original do Novo Testamento"], o melhor Novo Testamento grego impresso que estava facilmente disponível era o *Textus Receptus*, o Texto Recebido – era o texto grego da Reforma Protestante. John William Burgon, deão de Chichester, o chamou de 'Texto Tradicional'. Embora Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad tivessem começado a trabalhar em um Texto Majoritário, baseando-se no trabalho de Hermann von Soden,¹ ele não foi publicado até 1982. Em 1977, demonstrei que a teoria crítica de Westcott-Hort era falsa em todos os pontos, e essa demonstração nunca foi refutada desde então, até onde sei. Mas quando se tratava de oferecer uma alternativa, eu estava limitado a generalidades e às sete "Notas de Verdade" de Burgon.² Thomas Nelson passou meu livro por pelo menos mais três impressões posteriores, incluindo algumas revisões, a última aparecendo em 1990. Mesmo em 1990, eu não tinha nada melhor para oferecer.

No entanto, em 1988, ajudei a fundar a Majority Text Society [Sociedade do Texto Majoritário], juntamente com Zane Hodges, Art Farstad e Frank Carmichael, e fui seu primeiro presidente. Naquela época, comecei a trabalhar seriamente na teoria do Texto Majoritário e, durante a década seguinte, desenvolvi o que achei por bem chamar de Teoria do Texto Original – TTO. Eu a usei como um meio termo a caminho da minha abordagem atual à crítica textual do Novo Testamento (que podemos chamar de Family 35 Priority Theory [Teoria da Prioridade da Família 35]). Aqui está a minha descrição da TTO:

1. Primeiro, a TTO tem o objetivo de identificar as exatas palavras da redação original dos escritos do Novo Testamento. (Aqui eu rejeito a ideia de que a redação original está perdida e se foi.)
2. Segundo, os critérios devem ser bíblicos, objetivos e razoáveis. (Aqui eu rejeito a dependência de critérios subjetivos e uma abordagem puramente racionalista [que exclui o sobrenatural].)
3. Terceiro, uma atestação de 90% será considerada indiscutível, e de 80% será quase isso. (Isto é agora substituído pelos avanços no ponto 5, embora uma atestação de 90% permaneça difícil de atacar.)
4. Quarto, as "notas de verdade" de Burgon entrarão em jogo, especialmente quando a atestação ficar abaixo de 80%. (Isto é agora substituído pelos avanços no ponto 5, embora as suas "notas" permaneçam válidas, em geral.)
5. Quinto, onde existem cotejos, possibilitando um agrupamento empírico dos MSS com base em mosaicos compartilhados de leituras, isso deve ser feito. Tais grupos devem

¹ *Die Schriften des Neuen Testaments in ihrer ältesten erreichbaren Textgestalt* (Teil 1, Berlin: Verlag von Alexander Duncker, 1902-1910; Teil 2 Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1913).

² Elas são: 1) Antiguidade; 2) Consenso de testemunhas, ou número; 3) Variedade de evidência; 4) Respeitabilidade das testemunhas; 5) Continuidade na transmissão; 6) Contexto; 7) Ser razoável. Burgon, *The Traditional Text*, p.29.

ser avaliados com base em seu desempenho e receber um quociente de credibilidade. Uma história putativa da transmissão do Texto precisa ser desenvolvida com base nas interrelações desses grupos. **Agrupamentos e relacionamentos demonstrados substituem a contagem de MSS.** (Por favor, notar que eu não estou me referindo a qualquer tentativa de reconstruir uma genealogia de MSS – eu concordo com aqueles estudiosos que declararam que tal empreendimento é virtualmente impossível [existem elos perdidos demais]. Estou, de fato, referindo-me à reconstrução de uma genealogia de **leituras** e, portanto, da história da transmissão do Texto. O último período sempre foi enfatizado. Quando todos os MSS tiverem sido cotejados e empiricamente agrupados, podemos dispensar a contagem deles.)

6. Sexto, ela pressupõe que o Criador existe e que Ele falou com nossa raça. Ela aceita o propósito divino implícito de preservar Sua revelação para o uso das gerações subsequentes, inclusive a nossa. Ela entende que tanto Deus como Satanás têm um interesse ativo contínuo no destino do Texto do Novo Testamento – abordar a crítica textual do Novo Testamento sem levar em conta esse interesse é agir de forma irresponsável. (Aqueles que excluem o sobrenatural de seu modelo estão se auto-condenando a nunca alcançar a Verdade – tanto Deus como Satanás existem, e ambos têm se envolvido na transmissão do Texto do NT.)
7. Sétimo, ela insiste que pressuposições e motivos devem sempre ser abordados e avaliados. (Em qualquer investigação científica, uma distinção rigorosa deve ser feita entre evidência, pressuposição e interpretação. Como os pressupostos de uma pessoa influenciam muito, até mesmo controlam, sua interpretação da evidência [que deveria ser a mesma para todos], qualquer estudioso honesto precisa declarar abertamente suas pressuposições. É sem dúvida demais esperar que pecadores exponham seus motivos à luz do dia [João 3.20].)

Eu digo ‘meio termo’ porque eu ainda estava pensando em termos de uma grande maioria, e isso porque eu ainda não tinha reparado na Família 35 (eu ainda estava limitado a generalidades). No entanto, o quinto ponto acima mostra a direção em que eu estava indo; notar especialmente o último período, que sempre esteve em negrito, e mais especialmente o termo ‘demonstrado’. Por exemplo, meu aparato crítico para o Apocalipse dá a evidência em termos dos nove grupos de Hoskier, em vez de porcentagens de MSS. (De passagem, eu diria que Hort fez um malefício considerável à disciplina ao postular tipos de texto teóricos, desprovidos de evidência, e depois tratá-los como fato estabelecido.)

No entanto, em 2003, Wipf e Stock Publishers publicaram *The identity of the New Testament Text II*, como uma reimpressão acadêmica. Ele continha revisão a mais, mas ainda usava as “Notas de Verdade” de Burgon, embora eu tivesse introduzido uma Família 18, que logo mudei para a Família 35. Em 2002, eu já tinha tomado conhecimento da Família 35, mas meu desenvolvimento de uma teoria em torno dela era ainda hesitante e incompleto. Quando Wipf e Stock publicaram *The identity of the New Testament Text III* em 2012, eu havia trabalhado essa teoria o suficiente para substituir as “Notas de Verdade” de Burgon por ela.

Foi a apresentação da evidência de Hodges-Farstad no seu Texto Majoritário quanto à *Pericope Adulterae* que atraiu a minha atenção, por basear-se no suposto cotejo de von Soden de mais de 900 MSS. (De passagem, podemos observar que os cotejos de Maurice Robinson demonstram que von Soden manipulou os dados.) Como afirmado no aparato deles, havia três correntes principais: **M⁵**, **M⁶** e **M⁷**. **7** estava sempre na maioria absoluta

[exceto em uma divisão de cinco leituras diferentes onde não há maioria] porque sempre foi acompanhada ou por 5 ou por 6 [5 + 6 nunca vão contra 7]. Isso me pareceu três correntes independentes, onde raramente mais do que uma se desviaria em qualquer dado item. Sendo o denominador comum, 7 era claramente o melhor dos três e, presumivelmente, também era o mais antigo.

Então eu fui ao Apocalipse (em H-F) e notei três fluxos principais novamente: **M^{a-b}**, **M^c** e **M^{d-e}**. O quadro era análogo ao da PA. Apocalipse representa um corpo muito maior do que a PA, mas mesmo assim, existem apenas 8 casos em que **a-b** e **d-e** se juntam contra **c** (+ 6 outros onde um dos quatro é dividido), comparado com mais de 100 cada para **a-b** e **c** contra **d-e** e para **c** e **d-e** contra **a-b**. Novamente, sendo o denominador comum, **c** era claramente o melhor dos três (veja o aparato do meu Texto Grego em Apocalipse).

Pois então, acontece que **M⁷** na PA, e **M^c** em Apocalipse são iguais ao **K^r** de Soden, e com isso eu comecei a ficar desconfiado. (Por que 'ficar desconfiado'? Porque **M⁷** é claramente mais antigo que **M⁵** e **M⁶** na PA, e **M^c** que **M^{a-b}** e **M^{d-e}** no Apocalipse, mas von Soden alegou que **K^r** era uma revisão de **K^x** [como poderia ser uma revisão se era mais antigo?].) Depois, a série *Text und Textwert* provou que **K^r** é independente de **K^x** em todo o NT. Segue-se que o **K^r** não pode ser uma revisão do **K^x**. Depois, há centenas de lugares onde **K^r** tem atestação antiga patente, contra **K^x**, mas não há padrão para essa atestação antiga. Se não há padrão, não há dependência. Não havendo padrão, então **K^r** tem que ser antigo, como já indicou o quadro na PA e no Apocalipse. Se **K^r** é antigo e independente, então tem que ser reabilitado na prática da crítica textual do Novo Testamento. Se é a melhor linha de transmissão na PA e no Apocalipse, bem que pode ser a melhor em outros lugares também.

Mas há um desdém e uma antipatia arraigados em relação ao símbolo **K^r**, e por isso propus um novo nome para esse tipo de texto. Devemos substituir **K^r** por **f³⁵** – é mais objetivo e se afastará do preconceito contra o **K^r**. O Minúsculo 35 contém todo o NT e reflete **K^r** de fora a fora, e é o MS com o menor número, que atende essas qualificações. O minúsculo 18 tem um número menor e também contém o NT inteiro, mas segue outro tipo de texto no Apocalipse. (Por exemplo, os cursivos 1 e 13 são o menor número em suas famílias e, como eles, 35 nem sempre é o melhor representante [é geralmente excelente] – mas é do século XI [e é uma cópia de um exemplar mais antigo, não uma nova criação], de sorte que o tipo de texto não poderia ter sido criado no século XII, Q.E.D. – isto é uma abreviação do latim, *quod erat demonstrandum*, 'o que tinha de ser demonstrado foi demonstrado'.)

A família 35 representa cerca de 16% do total de MSS gregos conhecidos, mas quase nunca está inteiramente sozinha. No entanto, a lista de outros MSS quase nunca é a mesma, e isso em todo o NT. Isso não indica que **f³⁵** é o denominador comum? Sendo que a lista de outros MSS quase nunca é a mesma, é possível isolar os MSS que representam **f³⁵**. Como afirmei no final da Parte I, o Texto Original é o arquétipo mor, e portanto qualquer candidato também precisa ser um arquétipo – um arquétipo verdadeiro, certo e justo, objetivamente verificável; existe apenas um que já foi identificado – Família 35. A maioria das palavras no NT tem virtualmente 100% de atestação (dos MSS gregos conhecidos), mas onde há discordância, é o mosaico, ou perfil, de leituras compartilhadas que definem uma família, ou linha de transmissão. A seguir apresento o perfil que define a Família 35.

O perfil da Família 35 para o NT inteiro¹

Chave:

- +++ Por volta de 20% = f³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico
- ++- Por volta de 25% = muito bom
- ++ Por volta de 30% = razoável
- +-- Por volta de 35%
- + Por volta de 40%

Estabeleci arbitrariamente o ponto de corte em 40% (do total de MSS conhecidos), como suficiente para meu propósito atual, mas é claro que percentagens mais altas também podem contribuir para o mosaico/perfil da família. (Se eu incluísse 45% e 50%, os números subiriam visivelmente, especialmente para alguns livros. Em algumas das epístolas de Paulo, as outras linhas de transmissão dentro da massa bizantina não se afastaram muito da norma da Família 35.) Quando as percentagens não somam 100%, existem outras variantes; o leitor interessado pode encontrá-las no aparato do meu Texto grego. A leitura da Família 35 é dada primeiro.

Mateus

+++	1.10	μανασσην [25%] μανασση [73%]
++	5.31	ερρεθη [30%] 1 δε [70%]
++	6.6	ταμειον [30%] ταμειον [70%]
+++	6.25 ^a	ενδυσεσθε [20%] ενδυσησθε [80%]
+++	6.25 ^b	πλειων [20%] πλειον [80%]
+++	7.19	ουν [25%] --- [75%]
+++	8.4	προσενεγκαι [25%] προσενεγκε [75%]
++	8.13	εκατονταρχω [30%] εκατονταρχη [70%]
+++	8.20	λεγει [20%] και 1 [80%]
+++	8.21	μαθητων [20%] 1 αυτου [80%]
+--	9.4	ειδως (33.3%) ιδων (65.7%)
++	9.11	και πινει [30%] --- [70%]
+++	9.15	χρονον [20%] --- [80%]
++	9.18	τις [30%] εις [62%]
+++	9.28	αυτοις [20%] 1 ο ιησους [80%]
+++	9.33	οτι [25%] --- [75%]
++	10.2	εισιν [30%] εστιν [70%]
++	10.19	λαλησητε (1 ^a) [30%] λαλησητε [70%]
++	10.25	απεκαλεσαν [30%] εκαλεσαν [49%] επεκαλεσαν [20%]
+++	10.31	πολλω [20%] πολλων [80%]
+--	11.20	ο ιησους [35%] --- [65%]
+++	11.21	χωραζιν [20%] χοραζιν [65%]
+--	11.23 ^a	η̄ [35%] η̄ [64%]
+--	11.23 ^b	υψωθης [35%] υψωθεισα [63%]
+++	12.15	απαντας [20%] παντας [80%]
+++	12.22	κωφον [25%] 1 και [75%]
+++	12.23	ο χριστος [20%] --- [80%]
+++	12.24	εν [25%] 1 τω [75%]
++	12.28	εγω εν πνευματι θεου [28%] ~ 2341 [70%]
+	12.29	διαρπαση [40%] διαρπασει [60%]
++	13.2	εις [30%] 1 το [70%]

¹ Esta informação foi tirada do meu Texto grego e seu aparato.

+++	13.3	εν παραβολαις πολλα [25%] ~ 312 [75%]
++	13.24	σπειραντι [30%] σπειροντι [70%]
++	13.32	παντων [30%] --- [70%]
++	13.44	εν αγρω [30%] 1 τω 2 [70%]
+++	14.5	εφοβειτο [20%] εφοβηθη [80%]
++	14.22	αυτου [30%] --- [70%]
+++	14.28	δε [25%] 1 αυτω [73%]
+++	14.31	και ευθεως [20%] ~ 2 δε [80%]
++	14.34	γενησαρετ [30%] γεννησαρετ [55%]
+-	14.36	καν [35%] --- [65%]
+++	15.6	μητερα [25%] 1 αυτου [75%]
++	15.14	εμπεσουνται [30%] πεσουνται [70%]
++	15.31	εδοξαζον [30%] εδοξασαν [70%]
++	15.32 ^a	ημερας [30%] ημεραι [70%]
+++	15.32 ^b	νηστις [25%] νηστεις [75%]
++	15.39	ενεβη [30%] ανεβη [70%]
+-	16.20	εστιν [35%] 1 ιησους [65%]
+	17.2	εγενετο [40%] εγενοντο [60%]
+++	17.18	ιαθη [20%] εθεραπευθη [80%]
+++	17.25	εισηλθον [25%] εισηλθεν [72%]
+	17.27	αναβαντα [40%] αναβαινοντο [60%]
+++	18.15 ^a	αμαρτη [25%] αμαρτηση [74%]
++	18.15 ^b	υπαγε [30%] 1 και [70%]
+++	19.5	προς την γυναικα [20%] τη γυναικι [80%]
+++	19.16	τις [25%] --- [75%]
+++	20.26	εσται [20%] 1 εν [80%]
+-	20.27	εσται [35%] εστω [65%]
++	21.8	αυτων [30%] εαυτων [70%]
+++	21.35	εδηραν [25%] εδειραν [75%]
+	22.37	τη [40%] --- [60%]
++	22.46	αποκριθηναι αυτω [30%] ~ 21 [69%]
++	23.8	διδασκαλος [30%] καθηγητης [70%]
++	23.10	εστιν υμων [30%] ~ 21 [65%]
+++	23.11	εστω [25%] εσται [75%]
+++	24.1	αυτω [25%] --- [75%]
+++	24.6	μελησετε [25%] μελλησετε [72%]
++	24.18	το ιματιον [30%] τα ιματια [70%]
+++	24.32	γινωσκεται [25%] γινωσκετε [75%]
++	24.49	τε [30%] δε [70%]
++	25.29	δοκει εχειν [30%] εχει [70%]
+++	25.32	συναχθησονται [25%] συναχθησεται f ^{35pt} [75%]
+++	26.1	ιησους [25%] 1 παντας [75%]
+	26.9	τοις [40%] --- [60%]
+	26.11	παντοτε γαρ τους πτωχους [40%] ~ 3421 [60%]
+	26.15	και εγω [40%] καγω [60%]
++	26.26	ευλογησας [30%] ευχαριστησας [70%]
++	26.29	γεννηματος [30%] γεννηματος f ^{35pt} [70%]
++	26.33 ^a	και [30%] --- [70%]
+	26.33 ^b	εγω [40%] 1 δε [60%]
+-	26.39	προελθων [35%] προσελθων [65%]
++	26.43	ευρεν [30%] ευρισκει [66%]
+++	26.46	ιδου [20%] 1 ηγγικεν [80%]

+	26.48	εαν [40%] αν [60%]
++	26.55	εν τω ιερω διδασκων [30%] ~ 4123 [69%]
+-	26.75	ρηματος [35%] 1 του [65%]
+++	27.1	πρεσβυτεροι [20%] 1 του λαου [80%]
++	27.12	και [30%] 1 των [70%]
++	27.33	λεγομενον [30%] λεγομενος [67%]
+++--	27.35	βαλοντες [25%] βαλλοντες f ^{35pt} [75%]
+-	27.55	και [35%] --- [65%]
+++--	27.64	οτι [25%] --- [75%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (17)
+++--	Por volta de 25% = muito bom (22)
++	Por volta de 30% = razoável (34)
+-	Por volta de 35% (10)
+	Por volta de 40% (9)

Total: 92

Uma única leitura diagnóstica poderia ser por acaso, mas várias, presumivelmente, indicam que o MS é pelo menos um membro marginal da família. Provavelmente, nenhum par de estudiosos prepararia listas idênticas – mudando de ‘patente’, adicionando ou subtraindo – mas aqui temos evidência suficiente para estabelecer que f³⁵ é uma família distinta. As declarações aqui se aplicam aos livros restantes também.

Marcos

+	1.12	ευθεως [40%] ευθυς [60%]
++	1.30	του [30%] --- [70%]
++	1.34	χριστον ειναi (28%) --- (58.9%) τον 12 (11.6%)
+	1.38	εληλυθα [40%] εξεληλυθα [59%]
+++--	1.44	προσενεγκαι [25%] προσενεγκε [75%]
+	2.9	τον κραββατον σου [40%] ~ 312 [59%]
++	3.20	μηδε [30%] μητε [70%]
+-	3.35	μου [35%] --- [65%]
++	4.24	αντιμετρηθησεται [30%] μετρηθησεται [69%]
++	5.3a	οικησιν [30%] κατοικησιν [70%]
+	5.3b	ηδυνατο [40%] εδυνατο [60%]
+++--	5.4	ισχυσεν [26%] ισχυεν [74%]
+	5.5	μνημασιν και εν τοις ορεσιν [40%] ~ 52341 [57%]
+++	6.20	ακουων [20%] ακουσας [80%]
+	6.45	απολυσει [40%] απολυση [59%]
++	6.53	γενησαρετ [30%] γεννησαρετ [53%]
++	7.4	χαλκειων [30%] χαλκιων [70%]
++	8.3	νηστις [30%] νηστεις [70%]
+	8.6	και [40%] --- [60%]
+-	8.14	οι μαθηται αυτου [35%] --- [64%]
+	8.21	ουπω [41%] ου [59%]
+++--	9.3	κναφευς [25%] γναφευς [75%]
++	9.20	ιδον [30%] ιδων [70%]
++	9.48	σκωληξ [30%] 1 αυτων [70%]
+-	10.8	σαρξ μια [35%] ~ 21 [65%]
+++	10.17	τις [20%] εις [70%] --- [10%]
+++	10.25	γαρ [20%] --- [80%]

+	10.30	πατερα και μητερα [40%] μητερας [55%]
+	10.33	τοις [40%] --- [60%]
+-	10.40	μου [35%] --- [65%]
+-	10.51	ραβουνι [35%] ραββουνι [59%]
++	10.52	ηκολουθησεν [30%] ηκολουθει [69%]
++	11.5	εστωτων [30%] εστηκοτων [70%]
+-	11.14	φαγη [35%] φαγοι [65%]
+-	11.18	απολεσουσιν [35%] απολεσωσιν [65%]
+++	11.30	ανθρωπων [20%] 1 αποκριθητε μοι [80%]
++	12.3	εδηραν [30%] εδειραν [70%]
++	12.5	δαιροντες [30%] δεροντες [70%]
+++	12.26	μουσεος [20%] μωσεως [50%] μουσεως [30%]
+-	12.28	πασων [25%] παντων [72%]
+-	12.29a	πασων [25%] παντων [72%]
+-	12.29b	υμων [25%] ημων [74%]
+-	12.41	εβαλον [35%] εβαλλον [65%]
++	13.2a	αποκριθεις ο ιησους [30%] ~ 231 [68%]
+++	13.2b	ωδε (21.1%) --- (78.9%)
++	13.9	αχθησεσθε [30%] σταθησεσθε [70%]
+-	13.11a	αγωσιν [35%] αγαγωσιν [65%]
+-	13.11b	λαλησετε [35%] λαλησητε [65%]
++	13.21a	τοτε [30%] και 1 [70%]
+	13.21b	χριστος [40%] 1 η [60%]
++	13.28a	ηδη ο κλαδος αυτης (29%) ~ 4123 (50.2%)
+-	13.28b	γινωσκεται [25%] γινωσκετε [75%]
+++	13.33	προσευχεσθε [20%] και 1 [77%]
+	14.11	αγρυρια [40%] αγρυριον [60%]
++	14.15	ανωγων [30%] ανωγων [39%] ανωγων [25%]
+-	14.22	και [25%] --- [75%]
+++	14.28	μετα δε [20%] αλλα 1 [79%]
+-	14.32	προσευξομαι [35%] προσευξωμαι [65%]
++	14.36	παρενεγκαι [30%] παρενεγκε [70%]
+-	14.40	καταβαρυνομενοι [35%] βεβαρημενοι [64%]
++	15.18	και λεγειν [30%] --- [68%]
+-	15.42	παρασκευη ην [25%] ~ 21 [75%]
+-	15.43	ελθων [35%] ηλθεν [65%]
++	16.1	τον ιησουν [30%] αυτον [70%]
++	16.9	ο ιησους [30%] --- [70%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (8)
+-	Por volta de 25% = muito bom (9)
++	Por volta de 30% = razoável (23)
+-	Por volta de 35% (13)
+	Por volta de 40% (12)

Total: 65

Lucas

+-	1.55	εως αιωνος [35%] εις τον αιωνα [64%]
+-	1.63	εσται [26%] εστιν [74%]
+	2.40	αυτω [41%] αυτο [58%]
+	3.12	υπ αυτου [40%] --- [60%]

++++	3.18	τω λαω [15%] τον λαον [85%]
+++	3.30	ιωναμ [25%] ιωναν [48%]
+	3.34	θαρρα [40%] θαρα [60%]
+++	3.35	ραγαβ [25%] ραγαυ [70%]
+++	4.7	σοι [25%] σου [75%]
+	4.42	εζητουν [40%] επεζητουν [60%]
++++	5.1 ^a	περι [18%] παρα [82%]
++	5.1 ^b	γενησαρετ [29%] γεννησαρετ [60%]
++	5.14	προσενεγκαι [30%] προσενεγκε [70%]
+-	5.19	πως [35%] ποιας [57%]
+++	5.35	ημεραι [25%] 1 και [75%]
+++	6.7	ει [25%] 1 εν [75%]
+	6.10	ουτως [42%] --- [54.5%]
+++	6.26a	καλως ειπωσιν υμας (22%) ~ 132 (76.1%)
+	6.26b	παντες (39.1%) --- (60.5%)
++	6.49	την [30%] --- [70%]
+-	8.3	σωσαννα [35%] σουσαννα [65%]
++	8.24	και προσελθοντες [32%] ~ 2 δε [68%]
+-	8.26	αντιπεραν [33%] αντιπερα [60%]
++++	9.4	ην [15%] 1 αν [85%]
++	9.13	αγορασομεν [30%] αγορασωμεν [70%]
+	9.33	ο [40%] --- [60%]
+++	9.48	υμων [20%] υμιν [79%]
+	9.52	εαυτου [40%] αυτου [60%]
+++	10.4	μη [26%] μηδε [74%]
+++	10.6	μεν [25%] --- [75%]
+-	10.13	χωραζιν [35%] χοραζιν [29%] χοραζειν [20%]
+-	10.39	των λογων [37%] τον λογον [63%]
+	10.41	ο ιησους ειπεν αυτη [40%] ~ 3412 [59%]
++++	11.19	αυτοι υμων [18%] ~ 21 [52%]
++	11.32	νινευι [32%] νινευιται [35%]
+-	11.34	η [35%] 1 και [65%]
+++	11.53	συνεχειν [26%] ενεχειν [70%]
++++	12.7	πολλω [15%] πολλων [85%]
+-	12.11	απλογησεσθε [35%] απλογησησθε [63%]
++	12.22 ^a	λεγω υμιν [28%] ~ 21 [72%]
+++	12.22 ^b	ενδυσεσθε [25%] ενδυσησθε [74%]
+++	12.23	πλειων [23%] πλειον [77]
+++	12.27	λεγω [20%] 1 δε [80%]
+	12.56	του ουρανου και της γης [40%] ~ 45312 [60%]
+++	12.58	βαλη σε [24%] ~ 21 [76%]
+++	13.28	οψεσθε [27%] οψησθε [73%]
+++	14.9	συ [20%] σοι [80%]
+	14.21	τυφλους και χωλους [42%] ~ 321 [57%]
+-	14.26	μου ειναι μαθητης [36%] ~ 132 [60%]
+	15.20	εαυτου [42%] αυτου [58%]
+++	16.22	του [26%] --- [74%]
++	16.25	οδε [30%] ωδε [70%]
++	17.37	και [29%] --- [68%]
+-	19.15	βασιλειαν [37%] 1 και [63%]
+++	19.23	την [23%] --- [77%]
+++	20.10	δηραντες [20%] δειραντες [80%]

+++	20.11	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
+++	20.15	εκβαλοντες [24%] 1 αυτον [76%]
+++	20.28	ο αδελφος αυτου λαβη [20%] ~ 4123 [80%]
++	21.6	λιθον (32.2%) λιθω (65.1%)
+-	21.12	απαντων [34%] παντων [66%]
++	21.15	η [30%] ουδε [68%]
++	21.30	προβαλλωσιν [28%] προβαλωσιν [66%]
++	21.33	παρελευσεται [32%] παρελευσονται [68%]
+-	22.27	ουχ [33%] ουχι [67%]
+-	22.52	προς [33%] επ [67%]
+-	22.54	εισηγαγον [37%] 1 αυτον [55%]
+-	22.63	δαιροντες [35%] δερροντες [65%]
+++	22.66	απηγαγον [24%] ανηγαγον [75%]
++	23.51	ος [32%] 1 και [67%]
++	24.19	ως [32%] ος [68%]
++	24.36	και [32%] --- [68%]
++	24.42	μελισσειου [30%] μελισσιου [70%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (12)
+++	Por volta de 25% = muito bom (17)
++	Por volta de 30% = razoável (17)
+-	Por volta de 35% (15)
+	Por volta de 40% (12)

Total: 73

João

+++	1.28	βιθαβαρα [25%] βηθανια [65%]
+	1.45	υιον [40%] 1 του [60%]
+	3.4	αυτον [40%] 1 ο [60%]
+++	4.1	ιησους (21.7%) κυριος (76.9%)
+	4.5	ου [40%] ο [60%]
+-	4.35	οτι [35%] 1 ετι [65%]
+++	5.44	ανθρωπων (22.6%) αλληλων (77.2%)
+++	5.46	εμου γαρ [25%] ~ 21 [75%]
+++	6.12	των κλασματων [25%] κλασματα [75%]
++	6.58	μου [30%] --- [70%]
++	7.3	εργα [30%] 1 σου [63.5%]
+	7.31	σημεια [40%] 1 τουτων [55%]
++	7.39	ο [30%] ου [70%]
+	8.4	αυτοφωρω [40%] αυτοφορω [60%]
++++	8.7	τον λιθον επ αυτη βαλετω [18%] (5-way split)
+	8.14	η [40%] και [50%]
++	8.33	και ειπον [30%] --- [70%]
++	9.17	ουν [30%] --- [70%]
++	9.26	ανεωξεν [30%] ηνοιξεν [63%]
+++	9.34	ολως [25%] ολος [75%]
++++	10.39	ουν παλιν πιασαι αυτον (18.9%) ~ 1243 (32.8%) ~ 243 (30.3%)
+	11.2	εαυτης [40%] αυτης [60%]
++	11.46	οσα [29%] α [70%]
+-	11.51	ο [35%] --- [65%]

+++	11.56	υμιν δοκει [20%] ~ 21 [80%]
+	12.6	εμελεν [40%] εμελλεν f ^{35pt} [60%]
+	12.12	ο [40%] --- [60%]
+	12.13	απαντησιν [38%] υπαντησιν [60%]
++	12.14	αυτω [30%] αυτο [70%]
+-	13.15 ^a	δεδωκα [35%] εδωκα [65%]
+++--	13.15 ^b	καθως [25%] 1 εγω [75%]
+++	13.22 ^a	δε [20%] ουν [79.5%]
+++--	13.22 ^b	προς [25%] εις [75%]
+-	18.23	δαιρεις [36%] δερεις [64%]
+++	18.39	ημιν [20%] υμιν [80%]
++	18.40	ουν [30%] 1 παλιν [70%]
+	19.14	ην [40%] δε [60%]
+	19.23	αρραφος [40%] αραφος [60%]
++	19.28	ηδη παντα [30%] ~ 21 [60%]
++	19.35	η μαρτυρια αυτου [30%] ~ 312 [65%]
+++	21.1 ^a	εαυτον [20%] 1 παλιν [80%]
+	21.1 ^b	αυτου [40%] --- [60%]
+++--	21.1 ^c	εγερθεις εκ νεκρων [25%] --- [75%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (8)
+++--	Por volta de 25% = muito bom (7)
++	Por volta de 30% = razoável (11)
+-	Por volta de 35% (4)
+	Por volta de 40% (13)

Total: 45 (A transmissão de João foi mais conservadora do que a dos outros Evangelhos.)

Atos

+++--	1.8	και [25%] 1 εν [75%]
+++	1.11	ουτος [20%] 1 ο [80%]
+++--	1.13	ιακωβος [25%] 1 και [73%]
+++--	1.18	ελακισεν [25%] ελακησεν [75%]
+++--	2.13	διαγλευαζοντες [25%] γλευαζοντες [75%]
+++	2.14	επεφθεγξατο [20%] απεφθεγξατο [80%]
+++	2.38	ειπεν δε πετρος [20%] ~ 32 εφη [72%]
+++--	3.23	αν [25%] εαν [75%]
+++--	3.24	προκατηγγειλαν [25%] κατηγγειλαν [75%]
++	4.5	εν [30%] εις [70%]
++	4.12 ^a	ουδε [30%] ουτε [70%]
+++--	4.12 ^b	ετερον εστιν [25%] ~ 21 [75%]
+++	4.14	εστωτα [20%] 1 τον [80%]
+++	4.17	ανθρωπω [20%] ανθρωπων [80%]
++++	4.20	α [18%] --- [82%]
+++	4.23	ανηγγειλαν [20%] απηγγειλαν [80%]
+++--	4.33 ^a	δυναμει μεγαλη [25%] ~ 21 [75%]
++	4.33 ^b	οι αποστολοι το μαρτυριον [30%] ~ 3412 [70%]
+++--	4.34	ην (24.5%) υπηρχεν (74.8%)
+++--	5.1	σαπφειρα [25%] σαπφειρη [56%]
+++	5.15	του [20%] --- [80%]
++++	5.16	και [18%] οιτινες [80%]
+++--	5.22	παραγενομενοι υπηρεται [25%] ~ 21 [75%]

+++	5.33	ακουοντες [25%] ακουσαντες [75%]
+++	5.36 ^a	προσεκληθη [20%] προσεκληθη [54%]
++	5.36 ^b	ως [30%] ωσει [70%]
++	5.39	δυνησεσθε [30%] δυνασθε [58%]
+++	5.40	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
++++	5.41	κατηξιωθησαν υπερ του ονοματος του χριστου [18%] ~ 234561 [15%] ~ 234 αυτου 1 [15%]
++	5.42	τον χριστον ιησουν [30%] ~ 312 [60%]
+++	6.5	πληρη [25%] πληρης [60%]
+++	7.5	δουναι αυτην εις κατασχεσιν αυτω [25%] ~ 15342 [65%]
+++	7.14 ^a	ιακωβ τον πατερα αυτου [25%] ~ 2341 [75%]
+++	7.14 ^b	αυτου [25%] --- [75%]
++	7.14 ^c	εβδομηκοντα πεντε ψυχαις [30%] ~ 312 [63%]
+-	7.16	εμμωρ [33%] εμμορ [60%]
+++	7.21	ανειλετο [22%] 1 αυτον [60%]
++++	7.27	τουτον [18%] αυτον [82%]
+++	7.31 ^a	μωσης [20%] μουσης [80%]
+++	7.31 ^b	εθαυμασεν [25%] εθαυμαζεν [75%]
+++	7.35	αρχηγον [20%] αρχοντα [80%]
+++	7.37	ημων [25%] υμων [75%]
+++	7.42	εν τη ερημω ετη τεσσαρακοντα [20%] ~ 45123 [80%]
+++	8.6	δε [25%] τε [75%]
+++	8.21	εναντιον [25%] ενωπιον [70%]
+++	9.12	ανανιαν ονοματι [25%] ~ 21 [75%]
++	9.18	παραχημα [30%] --- [70%]
+-	9.19	των [35%] 1 οντων [65%]
+++	9.20	ιησουν [25%] χριστον [75%]
+++	9.28 ^a	και εκπορευομενος [25%] --- [75%]
+++	9.28 ^b	εν [20%] εις [80%]
+++	9.28 ^c	ιησου [20%] κυριου 1 [70%]
+++	9.29	ανελειν αυτον [25%] ~ 21 [75%]
+++	9.30	εξαπεστειλαν [20%] 1 αυτον [80%]
+++	9.37	τω [25%] --- [75%]
+++	9.43	αυτον ημερας ικανας μειναι [20%] ~ 2341 [79%]
+++	10.5	ος επικαλειται πετρος [25%] τον επικαλουμενον πετρον [75%]
++	10.17	υπο [30%] απο [70%]
++++	10.22	αγγελου [18%] 1 αγιου [80%]
+	10.26	ηγειρεν αυτον [40%] ~ 21 [60%]
+++	10.47	ως [25%] καθως [75%]
+++	10.48	ιησου [20%] --- [67%]
+++	11.3	εισηλθεις προς ανδρας ακροβυστιαν εχοντας και συνεφαγες [20%] ~ 2345167 [71%]
+++	11.9	εκ δευτερου φωνη [20%] ~ 312 [80%]
++	11.13 ^a	δε [30%] τε [70%]
+++	11.13 ^b	ιοπην [25%] 1 ανδρας [75%]
+-	11.16 ^a	του [35%] --- [65%]
+++	11.16 ^b	οτι [25%] --- [75%]
++++	11.17 ^a	ιησουν [18%] 1 χριστον [82%]
+++	11.17 ^b	εγω [25%] 1 δε [75%]
+++	11.26 ^a	ευρων [25%] 1 αυτον [75%]
+-	11.26 ^b	ηγαγεν [35%] 1 αυτον [65%]
+++	12.6	προαγειν αυτον [20%] ~ 21 [63%]

++++	12.20	τε [18%] δε [70%]
++	12.22	θεου φωνη [30%] ~ 21 [68%]
+++++	12.25	εις αντιοχειαν (5.1%)+{19.5%} 1 ιερουσαλημ (60%) ¹
+++	13.4 ^a	μεν [20%] 1 ουν [80%]
+++--	13.4 ^b	τε [27%] δε [72%]
+--	13.12	εκπληττομενος [35%] εκπλησσομενος [65%]
+++	13.15	προς αυτους οι αρχισυναγωγοι [20%] ~ 3412 [80%]
++	13.26	εξαπεσταλη [30%] απεσταλη [70%]
++	13.27	κατοικουντες [30%] 1 εν [70%]
+++	13.39 ^a	εν [20%] 1 τω [80%]
+++	13.39 ^b	μουσεος [20%] μουσεως [40%] μωσεως [40%]
+++	13.41	ω [20%] ο [80%]
++++	13.43	επιμενειν αυτους [18%] ~ 21 [64%]
+++	14.10	ηλλατο [20%] ηλλετο [35%]
+++	14.15	υμιν εσμεν [20%] ~ 21 [60%]
+++--	14.20	των μαθητων αυτον [25%] ~ 312 [55%]
+++	14.21	εις [20%] 1 την [80%]
+++	15.1	μουσεος [20%] μουσεως [63%]
+++--	15.5	μωσεως [25%] μουσεως [70%]
++	15.7	υμιν [30%] ημιν [70%]
+++	15.21	μωσης [20%] μουσης [80%]
+++	15.23	κατα [20%] 1 την [80%]
+++--	15.25	εκλεξαμενοις [25%] εκλεξαμενους [75%]
++	15.37	και [30%] τον [60%]
+++	15.39	χωρισθηναι [20%] αποχωρισθηναι [75%]
++++	16.3	ηδεσαν [18%] ηδεισαν [70%]
++++	16.9	την [18%] --- [82%]
++++	16.11	την [18%] --- [82%]
+++	16.15	αυτη [20%] --- [80%]
+++	16.17	τω σιλα [20%] ημιν [80%]
+--	16.26	δε [35%] τε [65%]
+++	16.37	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
+++--	16.38	δε [25%] και [75%]
+++	16.40	απο [20%] εκ [80%]
+++	17.3	ησους ο χριστος [20%] ~ 231 [75%]
++	17.4	πληθος πολυ [30%] ~ 21 [70%]
++	17.5	ανδρας τινας [30%] ~ 21 [65%]
++	17.7	ετερον λεγοντες [30%] ~ 21 [70%]
+++--	17.10	βερροιαν [25%] βεροιαν [75%]
++	17.11	προθυμιας [30%] 1 το [70%]
+++--	17.13	βερροια [25%] βεροια [75%]
+++	18.6	τας κεφαλαι [20%] την κεφαλην [80%]
+++--	18.13	αναπειθει ουτος [25%] ~ 21 [65%]
++	18.19	κακεινους [29%] και εκεινους [70%]
++	18.25	ησου [30%] κυριου [70%]
+++	19.3	τε (18.3%)+{6.2%} 1 προς αυτους (61.6%)+{6.2%}
+++	19.11	δε [21%] τε [79%]
++	19.13	ο [30%] --- [70%]

¹ Este é o único lugar no NT inteiro onde a Família 35 se fragmenta, sendo que existem cinco variantes significativas (além de duas outras 'menores'). Normalmente só têm duas variantes quando a família se divide. Para uma discussão detalhada sobre este conjunto de variantes, favor de ver meu artigo, "Aonde colocar uma vírgula—Atos 12.25", no Apêndice.

+++	19.17	εγενετο πασιν γνωστον [20%] ~ 132 [75%]
+++	19.19	συνεψηφισαντο [20%] συνεψηφισαν [67%]
++	19.27 ^a	αρτεμιδος ιερον [30%] ~ 21 [70%]
++	19.27 ^b	ουδεν [30%] ουθεν [70%]
++	19.40	αποδουναι [30%] δουναι [70%]
+++--	20.3	επιβουλης αυτω [25%] ~ 21 [75%]
+++--	20.4	βερροιαιος [25%] βεροιαιος [35%]
+++--	20.15	τρωγυλιω [25%] τρωγυλλιω [30%]
+++++	20.18	ημερας [18%] 1 αφ [82%]
+++++	20.35	του λογου [18%] τον λογον [57%] των λογων [25%]
++	20.37	κλαυθμος εγενετο [30%] ~ 21 [70%]
+	21.8	ηλθομεν (38.8%) οι περι τον παυλον ηλθον (46.4%)
+++	21.21	μουσεος [20%] μουσεως [50%] μωσεως [30%]
+++--	21.27	ημελλον [25%] εμελλον [65%]
+++--	21.31	σπειρας [25%] σπειρης [75%]
+++	21.37	εις την παρεμβολην εισαγεσθαι [20%] ~ 4123 [80%]
+++	21.40	προσεφωνει [20%] προσεφωνησεν [80%]
+++	22.19 ^a	δαιρων [20%] δερων [80%]
+++	22.19 ^b	εις [20%] επι [80%]
++	22.20	και ⁴ [30%] --- [70%]
+++	22.24	ο χιλιαρχος αγεσθαι αυτον [20%] ~ 4123 [64%]
++	22.25	προετειναν [30%] προετεινεν [30%]
++	22.26	τω χιλιαρχω απηγειλεν [30%] ~ 312 [63%]
+-	22.30 ^a	υπο [35%] παρα [65%]
++	22.30 ^b	παν [30%] ολον [70%]
+++	23.6	φαρισαιων το δε ετερον σαδδουκαιων [20%] ~ 52341 [80%]
+	23.8	μητε [40%] μηδε [60%]
+++--	23.12 ^a	εαυτους [25%] 1 λεγοντες [75%]
+++++	23.12 ^b	ανελωσιν [18%] αποκτεινωσιν [80%]
+++--	23.15	καταγαγη αυτον [20%]+{6%} ~ 21 [74%]
+-	23.20	μελλοντες (33.1%) μελλοντα (27.2%)
+-	23.24	φηλικά [35%] φίληκα [25%] φίλικα [40%]
+	23.26	φηλικι [40%] φιληκι [30%] φίλικι [17%]
+++	23.35	του [18%]+{4%} --- [75%]
+++++	24:4	πλεον [18%] πλειον [79%]
++	24:10	δικαιον [30%] --- [70%]
++	24:19	εδει [30%] δει [70%]
+++++	24:26	πυκνοτερον [18%] 1 αυτον [75%]
+-	25:2	οι αρχιερεις [35%] ο αρχιερευς [60%]
+++--	25:9	υπ [25%] επ [73%]
++	25:13	ασπασομενοι [30%] ασπασαμενοι [70%]
+++++	25:20 ^a	περι την [18%] ~ 21 [80%]
+-	25:20 ^b	τουτων [35%] τουτου [65%]
+++--	26:12	εις [25%] 1 την [75%]
++	26:18	επιστρεψαι [30%] υποστρεψαι [35%] αποστρεψαι [35%]
+++	27:1	σπειρας [20%] σπειρης [80%]
+++	27:2	ατραμυτινω [21%] αδραμυττηνω [25%]
+++	27:5	κατηχθημεν [21%] κατηλθομεν [75%]
+++	27:6	εις [20%] 1 την [80%]
+++	27:10	φορτου [22%] φορτιου [78%]
+++--	27:31	εν τω πλοιω μεινωσιν [25%] ~ 4123 [75%]
++	27:34	μεταλαβειν [30%] προσλαβειν [70%]

++	27:38	δε [30%] 1 της [70%]
+++	27:41	εμενεν [22%] εμεινεν [78%]
++	28:3 ^a	εξελθουσα [30%] διεξελθουσα [70%]
+++	28:3 ^b	καθηπατο [25%] καθηψεν [72%]
+++	28:21	πονηρον περι σου [20%] ~ 231 [80%]
+++	28:23	μουσεος [20%] μωσεως [35%] μουσεως [45%]
+++	28:27	ιασωμαι [25%] ιασομαι [75%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (77)
+++	Por volta de 25% = muito bom (53)
++	Por volta de 30% = razoável (36)
---	Por volta de 35% (10)
+	Por volta de 40% (4)

Total: 180

De todos os livros, f³⁵ tem o perfil mais definido em Atos, tendo de longe o maior número de variantes diagnósticas.

Corpo Paulino

+++	Rom. 1.23	ηλλαξαντο [26%] ηλλαξαν [74%]
+++	Rom. 1.27 ^a	ομοιως [23%] 1 τε [70%]
+++	Rom. 1.27 ^b	εξεκαυθησαν [20%] 1 εν [80%]
+++	Rom. 4.16	εκ [20%] 1 του [80%]
+	Rom. 5.1	εχωμεν (43%) εχομεν (57%)
+	Rom. 5.11	καυχωμεθα [38%] καυχωμενοι [52%]
++	Rom. 5.14	μουσεος [30%] μωσεως [50%] μωσεως [20%]
+++	Rom. 9.13	ήσαυ [25%] ήσαυ [75%]
++	Rom. 10.5	μωσης [30%] μουσης [70%]
+++	Rom. 10.19	μωσης [20%] μουσης [80%]
++	Rom. 11.7	τουτου [32%] τουτο [68%]
+++	Rom. 15.9	κυριε [27%] --- [73%]
+++	Rom. 16.6	υμας (22.8%) ημας (76.4%)
++++	Rom. 16.24	ημων [18%] υμων [82%]
+++	1Cor. 1.2	υμων [25%] ημων [75%]
+	1Cor. 4.11	γυμνιτευομεν [40%] γυμνητευομεν [60%]
+++	1Cor. 5.8	ειλικρινειας [20%] ειλικρινειας [55%]
---	1Cor. 6.8	αλλ [35%] αλλα [65%]
---	1Cor. 6.11	αλλ ¹ [35%] αλλα [65%]
++	1Cor. 9.9	άλοωντα [30%] άλοωντα [70%]
++	1Cor. 9.10	άλοων [30%] άλοων [70%]
---	1Cor. 9.26	δαιρων [35%] δερων [65%]
++	1Cor. 10.13	δυνατος [30%] πιστος [70%]
++	1Cor. 11.6	κειρεσθαι [32%] κειρασθαι [64%]
+	1Cor. 12.26 ^a	συμπασχη [40%] συμπασχει [60%]
+	1Cor. 12.26 ^b	συγχειρη [40%] συγχειρει [60%]
+++	1Cor. 14.25	οντως ο θεος εν υμιν εστιν [23%] ~ 231456 [75%]
++	1Cor. 16.2	ευοδουται [30%] ευοδωται [61%]
+++	2Cor. 1.12	ειλικρινεια [25%] ειλικρινεια [60%] (também em 2.17)
+++	2Cor. 1.15	προς υμας ελθειν το προτερον (21.6%) ~ 31245 (61.1%)
---	2Cor. 3.7	μουσεος [35%] μωσεως [55%]

+	2Cor. 3.10	εινεκεν [43%] ενεκεν [57%]
+	2Cor. 3.15	μωσης [40%] μουσης [60%]
+--	2Cor. 5.15	παντων [35%] αυτων [55%]
+++	2Cor. 7.11	αλλ ¹ [27%] αλλα [73%]
++	2Cor. 8.4	δεξασθαι ημας [30%] --- [70%]
+	2Cor. 8.9	ημας [40%] υμας [60%]
++	2Cor. 8.12	καθò εαν [30%] καθ ò εαν [58%]
+++	2Cor. 11.7	εαυτον [22%] εμαυτον [78%]
+	2Cor. 11.20	δαιρει [40%] δερει [60%]
++	2Cor. 13.11	της [30%] --- [70%]
+	2Cor. 13.13	ημων [40%] --- [60%]
++	Gal. 1.12	αποκαλυψεως [30%] 1 ιησου [70%]
+	Gal. 3.6,etc.	άβρααμ [40%] άβρααμ [60%]
+	Gal. 3.16	ερρεθησαν [40%] ερρηθησαν [55%]
+	Gal. 4.2	αλλ [40%] αλλα [60%]
++	Ef. 1.12	της [30%] --- [70%]
+	Ef. 2.17	ημιν [40%] υμιν [60%]
+--	Ef. 4.32	υμιν [35%] ημιν [65%]
++	Ef. 5.5	ιστε [30%] εστε [70%]
+	Ef. 6.6	οφθαλμοδουλιαν [40%] οφθαλμοδουλειαν [60%]
++	Fip. 1.10	είλικρινεις [30%] είλικρινεις [70%]
+++	Fip. 1.20	καραδοκιαν [25%] αποκαραδοκιαν [74%]
+--	Fip. 2.1	τι ² [35%] τις [60%]
+	Fip. 2.4	το [40%] τα [45%] των [15%]
+	Fip. 2.30	πληρωση [40%] αναπληρωση [55%]
+	Fip. 3.1	το [40%] --- [60%]
+	Fip. 3.13	ουπω [40%] ου [60%]
+	Col. 1.22	αυτου [40%] --- [60%]
+	Col. 1.27	τις ο [40%] τι το [60%]
+	Col. 1.28	χριστω [40%] 1 ιησου [60%]
+	Col. 3.22	οφθαλμοδουλαιας [40%] οφθαλμοδουλειαις [43%]
+	1Te. 1.7	και [40%] 1 τη [30%] 1 εν τη [30%]
+	1Te. 1.9	υμων [40%] ημων [60%]
+	1Te. 3.8	στηκητε [40%] στηκετε [60%]
++	1Te. 4.9	γαρ [30%] 1 υμεις [70%]

Nenhuma em 2 Tessalonicenses. (f³⁵ é sempre acompanhado por pelo menos 40% da massa bizantina.)

+	1Tm. 3.2	νηφαλιον [40%] νηφαλεον [50%]
+	1Tm. 3.11	νηφαλιους [40%] νηφαλεους [50%]
++	1Tm. 5.18	άλοωντα [30%] άλοωντα [70%]
+++	1Tm. 5.21	προσκλισιν [25%] προσκλησιν f ^{35pt} [75%]
+	1Tm. 6.12	και [40%] --- [60%]
+++	2Tm. 3.6	ενδυνοντες [20%] ενδυνοντες [77%]
+++	2Tm. 3.14	οις ² [20%] --- [80%]

+	Tito 2.1	νηφαλιους [40%] νηφαλεους [40%] νηφαλαιους [20%]
+++	Tito 3.9	ερις [20%] ερεις [75%]
+	Fim. 1	ιησου χριστου [40%] ~ 21 [60%]
+++	Fim. 25	ιησου [20%] 1 χριστου [80%]
+-	Heb. 2.4	σημειους [35%] 1 τε [65%]
+	Heb. 2.16,etc.	άβρααμ [40%] άβρααμ [60%]
+	Heb. 3.16	μουσεος [40%] μουσεως [45%] μωσεως [15%]
+	Heb. 3.19	δια [40%] δι [60%]
+	Heb. 6.3	ποιησομεν [40%] ποιησωμεν [59%]
+++	Heb. 8.3	προσενεγκοι [20%] προσενεγκη [80%]
+	Heb. 8.6	τετευχεν [40%] τετυχεν [50%]
+-	Heb. 8.11	πλησιον [35%] πολιτην [65%]
+++	Heb. 9.12	ευρομενος [20%] ευραμενος [80%]
++	Heb. 9.14	αγιου [29%] αιωνιου [70%]
+-	Heb. 9.19	μουσεος [35%] μουσεως [45%] μωσεως [20%]
+	Heb. 10.1	δυναται [40%] δυνανται [59%]
++	Heb. 10.28	μουσεος [30%] μουσεως [55%] μωσεως [15%]
++	Heb. 11.20	ήσασ [30%] ήσασ [70%] (também 12:16)
+-	Heb. 12.7	ει [35%] εις [65%]
++	Heb. 12.24	το [30%] τον [70%]
+	Heb. 12.25	ουρανου [40%] ουρανων [60%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (14)
+++	Por volta de 25% = muito bom (10)
++	Por volta de 30% = razoável (21)
+-	Por volta de 35% (11)
+	Por volta de 40% (38)

Total: 94

Epístolas gerais

++	Tiago 1.23	νομου [30%] λογου [69%]
+-	Tiago 1.26	αλλ [35%] αλλα [65%]
++	Tiago 2.3	λαμπραν εσθητα [30%] ~ 2 την 1 [70%]
+++	Tiago 2.4	ου (26.8%) και 1 (72.2%)
+++	Tiago 2.13	ανηλεος [20%] ανελεος [30%] ανιλεως [50%]
+++	Tiago 3.2	δυναμενος [23%] δυνατος [76.5%]
+++	Tiago 3.4	ιθυνοντος [21%] ευθυνοντος [79%]
+++	Tiago 4.11	γαρ [26%] --- [74%]
+++	Tiago 4.14 ^a	ημων [26%] υμων [74%]
++	Tiago 4.14 ^b	επειτα [29.5%] 1 δε και [46%] 1 δε [15%] 1 και [9.5%]
+-	Tiago 5.10 ^a	αδελφοι [35%] 1 μου [62%]
+	Tiago 5.10 ^b	εν τω [40%] 2 [58%]
+	1Ped. 1.3	ελεος αυτου [38%] ~ 21 [60%]
+-	1Ped. 1.7	δοξαν και τιμην [35%] ~ 321 [28%] ~ 32 εις 1 [37%]
+	1Ped. 1.23	αλλ [40%] αλλα [60%]
+-	1Ped. 2.6	ή [35%] εν τη [59%]
+++	1Ped. 2.21	και [23%] --- [77%]

+++	1Ped. 3.10	ημερας ιδειν [26%] ~ 21 [74%]
+++	1Ped. 3.16	τη αγαθη εν χριστω αναστροφη [20%] την αγαθην 34 αναστροφην [50%] ~ την 34 αγαθην αναστροφην [24%]
+++	1Ped. 4.2	του [22%] --- [78%]
+	1Ped. 4.3 ^a	υμιν (41.7%) ημιν (47.1%) --- (11.2%)
+++	1Ped. 4.3 ^b	χρονος [26%] 1 του βιου [74%]
+++	1Ped. 4.11 ^a	δοξαζιηται θεος [20%] 1 ο 2 [73%]
+++	1Ped. 4.11 ^b	αιωνας [27%] 1 των αιωνων [73%]
+	1Ped. 4.14	αναπεπανται [39%] αναπαυεται [52%]
+-	1Ped. 5.7	υπερ [35%] περι [65%]
+++	1Ped. 5.8	περιερχεται [24%] περιπατει [76%]
++	1Ped. 5.10	στηριξαι...σθενωσαι...θεμελιωσαι [30%] στηριξει...σθενωσει...θεμελιωσει [66%]
+++	2Ped. 2.2	ας [20%] ους [80%]
+-	2Ped. 2.9	πειρασμων [33%] πειρασμου [67%]
+++	2Ped. 2.12	γεγενημενα φυσικα [26%] ~ 21 [54%]
+++	2Ped. 2.17	εις αιωνας (25.1%) 1 αιωνα (70.3%)
+	2Ped. 2.18	ασελγειας [40%] ασελγειαις [60%]
+++	2Ped. 3.1	ειλικρινη [20%] ειλικρινη [80%]
+++	2Ped. 3.5	συνεστωτα [23%] συνεστωσα [76%]
+-	2Ped. 3.16	εισιν [33%] εστιν [67%]
+++	2Ped. 3.18	αυξανητε [27%] αυξανετε [60%]
++	1João 1.6	περιπατουμεν [29%] περιπατωμεν [71%]
+-	1João 2.24	πατρι και εν τω υιω [35%] ~ 52341 [65%]
+-	1João 2.29	ειδητε [37%] ιδητε [59%]
+-	1João 3.1	ημας [36%] υμας [63.5%]
+++	1João 3.6	και [20%] --- [80%]
++	1João 3.24	εν [30%] και 1 [70%]
+-	1João 4.16	αυτω [37%] 1 μενει [63%]
+++	1João 5.11	ο θεος ημιν [24%] ~ 312 [76%]
++	2João 5	εχομεν [32%] ειχομεν [68%]
+++	2João 9	δε [20%] --- [80%]
+++	3João 11	δε [25%] --- [75%]
+++	3João 12	οιδαμεν (23%) οιδατε (61.5%) οιδας (15.1%)

Nenhuma em Judas (f³⁵ é sempre acompanhada por pelo menos 40% da massa bizantina.)

Chave:

- +++ Por volta de 20% = f³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (9)
- +++ Por volta de 25% = muito bom (16)
- ++ Por volta de 30% = razoável (7)
- +- Por volta de 35% (11)
- + Por volta de 40% (6)

Total: 49

Apocalypse

Devido aos cotejos de Hoskier, é possível (e melhor) colocar as evidências em termos de famílias, em vez de percentagens, como fiz em meu aparato – favor de consultá-lo para obter as evidências.

+++	1:2	ἄ ἄτινα ---
+	1:5	εκ ---
++	1:13	μαζοις μαστοις μασθοις
+--	2:2	κοπον 1 σου
+++--	2:7	δωσω 1 αυτω
+++--	2:24	βαλω βαλλω
+++	3:2	εμελλες αποβαλειν 1 αποβαλλειν ημελλες αποβαλλειν etc.
+--	3:5	ουτως ουτος
++	3:18 ^a	κολλουριον κουλουριον κολλυριον
+++	3:18 ^b	εγχρισον επι 1 ινα εγχριση ινα εγχρισαι εγχρισαι etc.
+	4:3	ομοια ομοιος ομοιως
+++	4:4	ειδον ---
+	4:6	κρυσταλω κρυσταλλω
+++	4:8	λεγοντα λεγοντες
+	5:2	αξιος 1 εστιν
+++--	6:8	θανατος ο 1 ο αθανατος
+	6:9	των ανθρωπων ---
+	6:12	και ---
+	8:9	διεφθαρησαν διεφθαρη
+	8:13	τρις ---
+++	9:4	μονους ---
+++	9:5	πληξη παιση πεση
+--	9:6	ζητουσιν ζητησουσιν
+++	9:11	αββαδδων αββαδων αββααδων αββααδδων αβαδδων
+--	9:15	και την ημεραν 1 εις 23 13 ---
++	10:7 ^a	τελεσθη και 1 και ετελεσθη
+	10:7 ^b	ὄ ως
++	10:7 ^c	ευηγγελισατο ευηγγελισεν ευηγγελησε
++	11:1	και ειστηκει ο αγγελος λεγων 1 φωνη λεγουσα 5 λεγει
+	11:11	επ αυτους εις 2 εν αυτοις αυτοις
+	11:17	και ο ερχομενος ---
+--	12:3	μεγας πυρρος 1 πυρος ~ 21 ~ πυρος 1
+++	12:4	τικτειν τεκειν
+++--	12:5	ηρπαγη ηρπασθη
+++--	12:7	του πολεμησαι 2 επολεμησαν
+	13:7	φυλην 1 και λαον
+	13:15	ινα ² ---
+	14:6	αλλον αγγελον 2 ~ 21
+++	14:12	του ιησου 2 2 χριστου
+	15:3	μουσεος μουσεως μωσεως
+++--	15:4	αγιος ει 1 2 οστις
+++	15:6	εκ του ουρανου 12 ναου ---
+	16:9	την ---
+	17:8	βλεποντες βλεποντων
+--	18:2	εν ισχυρα φωνη 123 μεγαλη 123 και μεγαλη 23 23 μεγαλη etc.

+	18:3	πεπωκεν πεπωκασιν πεπωτικεν πεπτωκασιν πεπτωκαν πεπωκαν
+	18:7	βασανισμον 1 και πενθος
+	18:14 ^a	απωλοντο απωλετο απηλθεν
+	18:14 ^b	ου μη ευρησεις αυτα 12 ευρησης 4 12 ευρης 4 12 ευρησουσιν 4 etc.
+++	18:17	ο επι των πλοιων πλεων 2345 234 ομιλος 234 ο ομιλος etc.
+++	18:21	λεγων 1 ουτως
+++	19:1	φωνην οχλου πολλου μεγαλην ~ 1423 123 φωνης 23
+	20:4	το μετωπον αυτου 12 των μετωπων 3
+++	20:11	ο ουρανος και η γη ~ 45312
+++	20:12 ^a	ανεωχθησαν ηνεωχθησαν ηνοιχθησαν ηνοιξαν
+++	20:12 ^b	ανεωχθη ηνεωχθη ηνοιχθη
+++	20:14	εστιν ο θανατος ο δευτερος ~ 1453 ~ 23451 ~ 2351 --- ~ 4531
+	21:5	καινα ποιω παντα ~ 312
+	21:6	αρχη και τελος η 12 το 3 και η 12 το 3
+++	21:10	την μεγαλην την αγιαν 12 και 4 34
+	21:24	την δοξαν και την τιμην αυτων εις αυτην 12678 αυτω 235 των εθνων 78
---	22:2	εκαστον αποδιδους 1 αποδιδον 1 αποδιδουν ~ 21 ~ 2 εκαστος

Chave:

- +++ f³⁵ está sozinha, ou quase assim (15)
- +++ f³⁵ é acompanhada por parte de outra família (pequena) (10)
- ++ f³⁵ é acompanhada por uma pequena família inteira (não a ou e) (5)
- +- f³⁵ é acompanhada por uma pequena família inteira (não a ou e) mais (7)
- + f³⁵ é acompanhada por menos de qualquer uma das outras duas principais linhas de transmissão (25)

Total: 62

Aqui estão os totais para todo o Novo Testamento.

Chave:

- +++ Por volta de 20% = f³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (160)
- +++ Por volta de 25% = muito bom (144)
- ++ Por volta de 30% = razoável (154)
- +- Por volta de 35% (81)
- + Por volta de 40% (119)

Total: 658

A evidência é clara. A **Família 35** é uma entidade objetivamente e empiricamente definida em todo o Novo Testamento. Resta saber se o mesmo pode ser dito a respeito de qualquer outra família ou linha de transmissão – atenção, por favor: isto é para todos os 27 livros (algumas linhas existem somente nos Evangelhos, tais como f¹ e f¹³).

A Família 35 é caracterizada pela transmissão incrivelmente cuidadosa (em contraste com outras linhas). Eu tenho uma cópia perfeita do texto arquetípico da Família para a maioria dos livros do NT (22); eu tenho cópias completas (nenhuma letra se perdeu) para mais quatro (4); ao passo que continuo a cotejar MSS, espero acrescentar o último (Atos), mas mesmo para ele, a forma arquetípica é demonstrável. Se Deus estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão que não a Família 35, seria essa linha

menos cuidadosa? Eu acho que não. Assim, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isso inclui **todas** as outras linhas de transmissão que já vi até agora.

Divisões dentro da Família 35 para o NT Inteiro

O arquétipo da Família 35 para Mateus – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 57 representantes da família para Mateus: 18, 35, 55, 128, 204, 246, 361, 363, 386, 402, 479, 510, 547, 553, 586, 685, 757, 769, 789, 824, 867, 897, 928, 955, 1040, 1046, 1062, 1072, 1075, 1111, 1117, 1145, 1189, 1339, 1435, 1461, 1496, 1503, 1551, 1560, 1572, 1637, 1652, 1667, 1694, 1713, 2122, 2175, 2253, 2352, 2382, 2466, 2503, 2554, 2621, 2765 e I.2110.¹

Nos dez locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos 57), verifiquei os seguintes **158** MSS: 58, 66, 83, 141, 147, 155, 167, 170, 189, 201, 290, 394, (415), 480, 516, 520, 521, 536, 575, 594, 645, (664), 673, 676, 689, 691, 694, 696, 746, 758, 763, 781, 797, 825, 932, 938, 940, 952, 953, 958, 959, 960, 961, 962, 966, 978, 986, 1003, 1023, 1025, 1030, 1059, 1088, 1092, 1095, (1131), 1132, 1133, 1147, 1158, 1165, 1180, 1185, (1199), 1234, 1236, 1250, 1251, 1323, 1328, 1334, 1384, 1389, (1390), 1401, 1409, 1427, 1445, 1462, 1476, 1480, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1493, 1501, 1508, (1517), (1543), 1548, (1552), 1559, 1584, 1591, 1596, 1599, 1600, (1609), 1614, 1617, 1619, 1620, 1621, 1622, 1625, 1628, 1636, 1648, (1649), 1650, 1656, 1658, 1659, 1680, 1686, 1688, 1700, 1702, 1786, 2204, (2221), 2255, 2260, 2261, 2265, 2273, 2284, 2296, 2322, 2323, 2355, 2367, 2399, 2407, 2418, 2444, 2454, 2460, 2483, 2496, 2508, 2520, 2598, 2635, 2636, 2647, 2673, 2689, 2692, 2709, 2714, 2715, 2767, (2774), 2806, L.65.

Esses 215 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros 17 MSS que eram difíceis de ler, indisponíveis, incompletos, marginais ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Há um bom número de MSS adicionais com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Os MSS entre parênteses, na lista acima, são membros marginais da família; são 12.

Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Depois de adicionar os 158 MSS verificados pontualmente aos 57 que foram totalmente cotejados, a atestação para a segunda leitura geralmente aumentou, às vezes bastante. Minha explicação é que a maioria dos melhores representantes da família já foram cotejados e sua média está mais próxima do arquétipo. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção de Iviron 2110 e Leukosia 65). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas individualmente. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária (com uma exceção) estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos. Nos exemplos abaixo, um MS entre parênteses tem uma variação da variante.

9.17—*απολουνται* 928^c,1572^c | | *απολλυνται* 35,55,128,361,363,479,547,553,685,769, 867,928,1111,1189, 1435,1572,1694,2466,2765 {58,66,147,155,167,189,290,394,520,521,536,645,676, 694,696,758^c,781,825, 938,952,953,961,962,966,1023,1092,1095,1132,1133,1165, 1180,1199,1236,1251,1323,1334,1389,1401,1427,1476,1482,1490,1493,1543,1552,

¹ Todos os 57 MSS eu mesmo cotejei. Iviron 2110 não possui número GA, até onde eu sei (está na tesouraria do mosteiro).

1599,1625,1680,1688,2260,2261,2273,2284,2296,2322,2367,2407,(2444),2483,
2508,2520,2598,2647,2673,(2714),(2715),2767}

Dos 215 MSS, faltam 20, e portanto dos 195 MSS (dentro da família) 85 têm a variante, o que equivale a 43,6%. O verbo é o mesmo e ambos são Indicativos; o primeiro é futuro médio e o segundo é presente passivo. Nas orações imediatamente anteriores, tanto *εκχεται* quanto *ρηγνυνται* são presentes passivos e andam juntos; então por que a segunda referência aos odres? (Talvez porque o odre de vinho fosse mais valioso; um odre velho poderia ser usado para água, etc.) Qualquer diferença de significado é quase pequena demais para ser traduzida. Embora 43,6% seja significativo, não é suficiente para justificar uma mudança. Nas passagens paralelas em Marcos e Lucas o verbo é futuro médio sem questionamento. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.29—οικιας 586^{alt},928^{alt},1189^{alt},1572^{alt} || οικιαν 18,35,55,128,204,361,386,402,479,510,547,586,685,867,897,928,1062,1111,1189,1435,1572,1694,2122,2382,2466,2503,2621,2765 {58,66,141,147,155,167,189,201,480,536,594,645,673,676,691,694,696,758,781,797,825,940,953,961,962,966,986,1088,1092,1095,1132,1133,1147,1158,1165,1199,1234,1236,1250,1251,1323,1389,1401,1427,1445,1476,1482,1490,1492,1493,1517,1543,1599,1609,1625,1659,1680,1688,1700,1786,2204,2260,2261,2265,2273^c,2284,2296,2322^m,2367,2407,2418,2444,2460,2483,2496,2508,2520,2598,2673,2714,(2715),2767}

Dos 215 MSS, faltam 2, e portanto dos 213 MSS (dentro da família) 108 têm a variante, o que equivale a 50,7%. Porém, cinco dos MSS para o singular têm o plural como alternativo, mais seis correções, que colocam o plural à frente. Plural ou singular? Tal como acontece com os irmãos, se você tiver apenas um, isso é tudo que você pode deixar; e se você não tiver nenhum, você não deixa nenhum. Nas passagens paralelas de Marcos e Lucas, a evidência é praticamente unânime a favor do singular; então onde Mateus conseguiu o plural? Como comparativamente poucas pessoas teriam mais de uma casa, presumivelmente, o singular é esperado. Se o original de Mateus fosse singular, por que alguém o mudaria para o plural, já que ninguém fez isso em Marcos ou Lucas? Mas se o original fosse plural, haveria uma pressão óbvia para alterá-lo para singular. O facto cruel é que os representantes da família estão divididos pela metade, mas considero que os melhores representantes estão geralmente do lado do plural. Juntando tudo, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora haja dúvidas razoáveis. Em qualquer caso, a mudança não faz diferença no que o Senhor estava dizendo; você não pode deixar o que não tem.

20.5—ενατην 35^c,1072^c || εννατην 35,361,363,479,897,928,1072,1572,1667^c,1694,2175,2765 {58^c,66,147,155,167,189,290,415,516,520,521,536,645,676,691,696,797,825,932^c,938,953,961,966,986,1023,1030,1088,1092,1095,1132,1133,1158,1165,1180,1199,1251,1323,1334,1384,1389,1401,1476,1482,1490,1552,1599,1609,1625,1628,1648,1659,1680,1700,1786,2204,2260,2273^c,2284,2296,2407,2418,2444,2460,2508,2598,2635,2647,2673,2692,2714,2715}

Dos 215 MSS, faltam 2, e portanto dos 213 MSS (dentro da família) 79 têm a variante, o que equivale a 36,7%. Não considero a grafia alternativa de um número ser uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 36,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.42—ημων || υμων 361,479,685,1072,1560,1694,2175 {58,66,141,167,189,290,415,520,664,689,758,781,797,825,938,953,958,961,966,978,986,1023,1025,1059,1092,1131,1132,1133,1199,1236,1323,1384,1389,1390^c,1401,1445,1462,1476,1508,1543,1552,1584^c,1596,1599,1609,1614,1622,1625,1649,1658,1659,1680,1700,1702,1786,2204,2221,2255,2260,2261,2265,2296,2323,2399,2407,2418,2444,2454,2460,2483,2508,2598,2635,2689,2714,2774,L.65}

Dos 215 MSS, faltam 3, e portanto dos 212 MSS (dentro da família) 82 têm a variante, o que equivale a 38,7%. Primeira ou segunda pessoa? Esta é uma citação do Salmo 118.22-23. O Texto Hebraico tem a primeira pessoa, assim como a LXX. Fora da Família 35, provavelmente menos de 3% dos MSS têm a segunda pessoa, e portanto a atestação comparativamente pesada aqui parece ser uma variação dentro da família. As duas formas foram pronunciadas da mesma maneira. A mudança não faz diferença no que o Senhor estava dizendo aqui. Os melhores representantes da família estão fortemente do lado da primeira pessoa. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

24.2— $\pi\alpha\nu\tau\alpha\ \tau\alpha\upsilon\tau\alpha$ 1072^c,1075^c || ~ 21 479,685,1072,1075,1694,2175 {58,66,189,520,664,673,676,694,758,797,932,938,953,961,962,966,986,1023,1092,1131,1132,1133,1165,1180,1199,1234,1236,1323,1384,1389,1476,1488,1517,1543,1552,1584,1599,1609,1621,1622,1625,1648,1659,1700,1786,2204,2360,2261,2296,2355,2407,2418,2508,2520,2598,2715}

Dos 215 MSS, falta 1, e então dos 214 MSS (dentro da família) 62 têm a variante, o que equivale a 29%. Como os substantivos, pronomes e adjetivos gregos têm sufixos de caso, mudar a ordem das palavras não afeta o significado, de sorte que são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Em qualquer caso, uma atestação de 29% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

24.35— $\pi\alpha\rho\epsilon\lambda\epsilon\upsilon\sigma\omicron\nu\tau\alpha\iota$ 1075^{alt},2466^{alt},2765^c || $\pi\alpha\rho\epsilon\lambda\epsilon\upsilon\sigma\epsilon\tau\alpha\iota$ 35,361,479,1075,1694,2175,2466,2765 {58,66,520,536,664,676,689,758,797,825,938,953,961,966,1059,(1131),1132,1165,1185,1199,1323,1384,1389,1462,1476,1508,1543,1552,1599,1609,1621,1625,1649,1658,1659,2260,2261,2273^c,2296,2399,2444,2460,2508,2598,2467,2689,2715}

Dos 215 MSS, falta 1, e portanto dos 214 MSS (dentro da família) 54 têm a variante, o que equivale a 25,2%. Devem “o céu e a terra” ser tratados como uma unidade (singular) ou como entidades distintas (plural)? Em inglês, a tradução é a mesma, perdendo a distinção entre singular e plural. Em grego e hebraico a distinção é mantida. Por que menciono o hebraico? Bem, Jesus ensinou em hebraico, e Mateus estava ali com Ele, provavelmente tomando notas, em hebraico. (Lucas certamente não estava lá, e Marcos provavelmente não estava; eles oferecem relatos paralelos, e irei abordá-los em breve.) Suponho que Jesus usou a forma plural do verbo, que Mateus devidamente registrou, e ao traduzir sua nota para Grego ele manteve o plural. Não pode haver dúvida de que o arquétipo tinha o plural. Tanto para Mateus. Tanto Marcos como Lucas têm o verbo no singular: o plural acumula 35% em Marcos e 30% em Lucas, dentro da família. Em todos os três Evangelhos, “o céu” é singular, não plural. Como existem pelo menos três céus, a referência aqui deve ser à atmosfera terrestre, que contém pássaros e nuvens. De sorte que é este planeta com a sua atmosfera que será destruído, e é perfeitamente razoável tratá-los como uma unidade, como fazem Marcos e Lucas. Certamente estava dentro da prerrogativa do Espírito Santo que Mateus fizesse isso de uma maneira e Marcos e Lucas de outra. O significado é o mesmo em ambos os casos.

25.32— $\sigma\upsilon\nu\alpha\chi\theta\eta\sigma\omicron\nu\tau\alpha\iota$ || $\sigma\upsilon\nu\alpha\chi\theta\eta\sigma\epsilon\tau\alpha\iota$ 18^v,35,55,128,204,246ⁱ,361,363,386,402,479,510,547,553,586,769,867,897,928,1062,1189,1435,1572,2122,2175,2253,2382,2466,2503,2765 {141,147,155,167,201,290,394,415,480,521,536,594,673,689,691,694,696,758,781,938,940,962,986,1023,1059,1088,1147,1158^c,1251,1334,1384,1401,1427,1445,1462,1482,1490,1492,1493,1508,1599,1621,1649,1658,1659,1688,1786,2204,2261^c,2265,2273,2284,2296,2322,2355,2367,2399,2418,2444,2460,2483,2520,2647,2689,2692,2715,2767,2806}

Dos 215 MSS não falta nenhum, portanto dos 215 MSS (dentro da família) 96 têm a variante, o que equivale a 44,7%. Singular ou plural; substantivo de massa, ou não? O significado é o mesmo em ambos os casos. Embora a atestação de 44,7% seja significativa, não

é suficiente para justificar uma mudança; tanto mais que os melhores representantes geralmente estão no plural. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

26.29—γενηματος || γεννηματος 18,204,246,386,553,685,769,928,1072,1075,1145,1189, 1551,1572,1652^c, 1694,2175,2253^c,2466,2503,2554^c,2621 {66,141,170,189, 201,394,415,480,520,521,575,594, 673,676,691,694,746^c,758,797,825,932,952,958,961,962,1030,1088,1092,1095,1132,1133, 1147,1165,1180,1185,1234,1236,1323,1334,1390,1427,1445,1476,1482,1488,1492,1493,1501, 1548,1596,1622,1625,1628,1648,1656,1680,1688,1700,1786,2221,2261,2265,2284,2322,2323, 2355,2407,2418^c,2496,2508,2598,2636,2673,2692,2714,2774,2806}

Dos 215 MSS, falta 1, então dos 214 MSS (dentro da família) 94 têm a variante, o que equivale a 43,9%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o Senhor Jesus está claramente se referindo aos produtos. Tanto é verdade que um leitor que visse a forma mais longa lhe daria o significado secundário, e temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Embora a atestação de 43,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

27.35—βαλοντες || βαλλοντες 35,128,204,361,363,402,479,510,547,553,586,769,867,897,928,1189,1435, 1572,1667,1694,2122,2175,2382,2466,2765 {58,66,141,147,155,167,189,290,394,415,516, 521,536,645,664,676,696,746,758,781,797,825,932,938,940,953,(961),966,986,1023,1088, 1092,(1095),1132,1133,1147,1158,1165,1180,1199,1236,1251,1323,1334,1384,1389,1390, 1401,1427,1445,1476,1482,1490,1493,1543,1552,1599,1609,1621,1625,1649,1659,1680,1688, 1700,1786,2204,2221^c,2260,2261,2265,2273,2284,2296,2322,2355,2367,2407,2418,2444, 2460,2496,2520,2598,2647,(2673),2692,2714,2767}

Dos 215 MSS, faltam 7, e portanto dos 208 MSS (dentro da família) 113 têm a variante, o que equivale a 54,3%. É aoristo ou presente? A cláusula controladora é assim: “Tendo-O crucificado, distribuíram Suas vestes entre si, . . .” É “lançando sortes” ou “tendo lançado sortes”? Qualquer um faz sentido, mas a rigor, a distribuição aconteceu após o lançar.¹ Por essa razão, e porque a maioria dos melhores representantes tem o aoristo, escolhi aqui a leitura minoritária para representar o arquétipo. Em ambos os casos, o significado básico não é alterado.

27.45—ενατης 35^c || εννατης^{2x} 35^v,361,363,479,547,897,928,1572,1667,1694,2175,2765 {58,66,147, 155,167,189,290,415,516,520,521,536,645,676,696,797,825,932^c,938,953,966,1023, 1092^c,1095,1158,1165,1180,1199,1236,1251,1323,1334,1384,1389,1390,1401,1427, 1445,1476,1482,1490,(1501),1552,1599,1609,1621,1625,1659,1680,1700,(1702), 2204,2260,2273^c,(2284),2296,2367,2407,(2418),2444, 2460,2496,2508,2598,2635, 2647,2673,2692,2709,2714,2715}

Dos 215 MSS, faltam 4, e portanto dos 211 MSS (dentro da família) 80 têm a variante, o que equivale a 37,9%. Não considero a grafia alternativa de um número uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 37,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos dez locais onde há uma divisão de pelo menos 10% entre os MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Geralmente, a diferença é de uma única letra. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Mateus, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo

¹ Segundo a gramática grega, um particípio no aoristo significa que aconteceu antes do tempo do verbo principal ao qual está subordinado; um particípio no presente significa que é simultâneo ao verbo principal.

que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante. [Não garanto precisão total. Um erro ocasional não alterará o quadro geral.]

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 48 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 49 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 34 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo. Contudo, os MSS ainda por cotejar acrescentarão sem dúvida muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 18. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 40 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS

ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que 26 MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 33 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Capítulo 23: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-três.

Capítulo 24: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-quatros.

Capítulo 25: Nenhuma variante tem mais do que 27 MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-cinco.

Capítulo 26: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-seis.

Capítulo 27: Nenhuma variante tem mais do que 23 MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-sete.

Capítulo 28: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 45 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-oito.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Mateus, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Marcos – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo, feito por mim, dos seguintes 61 representantes da família para Marcos: 18, 35, 128, 141, 204, 361, 510, 547, 553, 586, 645, 689, 769, 789, 824, 867, 928, 960, 1023, 1040, 1046, 1072, 1075, 1111, 1117, 1133, 1145, 1147, 1199, 1251, 1339, 1384, 1435, 1461, 1496, 1503, 1572, 1628, 1637, 1652, 1667, 1705, 1713, 2122, 2221, 2253, 2261, 2265, 2273, 2323, 2352, 2382, 2466, 2503, 2554, 2621, 2765, 2875, 2876, Iviron 2110 e Leukosia 65 [os dois últimos ainda não têm um número GA, até onde eu sei].

Nos treze locais onde há uma divisão de pelo menos 10%, dos MSS cotejados, verifiquei os seguintes **168** MSS: 55, (56), 58, 66, 147, 155, 167, 170, 189, 201, 214, 246, 290, 363, 386, 394, 402, (415), 479, 480, 520, 521, 575, 594, 664, 673, 676, 685, 691, 694, 696, 746, 757, 758, 763, 781, 797, 825, 890, 897, (924), 932, 938, 940, 952, 953, 955, 958, 959, 961, 962, 966, 978, 986, (1003), 1020, 1025, (1030), 1059, 1062, 1092, 1095, 1131, 1132, 1158, 1165, 1180, 1185, 1189, 1234, 1236, (1247), 1250, 1323, 1328, 1329, 1334, 1389, (1390), 1400, 1401, 1409, 1427, 1445, (1453), 1462, 1476, 1480, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1493, 1499, 1501, 1508, (1517), 1543, 1544, 1548, 1551, 1552, 1559, 1560, 1576, 1584, 1591, 1596, 1599, 1600, 1601, 1609, 1614, 1617, 1619, 1620, 1621, 1622, 1625, 1633, 1636, 1638, 1648, 1649, 1650, 1656, 1658, 1659, 1680, 1686, 1688, 1694, 1700, 1702, 1779, 1786, 2204, 2249, 2255, 2260, 2284, 2296, 2322, 2355, 2367, 2399, 2407, 2444, 2454, 2460, 2483, 2496, 2508, 2520, 2559, 2598, 2635, 2673, 2689, 2692, 2709, 2714, 2767, 2774, 2806.

Esses 229 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei 16 MSS difíceis de ler, indisponíveis, incompletos ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Há um bom número de MSS adicionais com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Os MSS entre parênteses, na lista acima, são membros marginais da família; são 9.

Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que a imagem baseada nos 61 MSS totalmente cotejados permanece a mesma após a adição dos 168 MSS verificados individualmente. Quatro das variantes caíram, aquela com maior atestação caiu 4%. Nove deles subiram, seis dos quais subiram significativamente. Minha explicação é que a maioria dos melhores representantes da família já foram cotejados, e sua média está mais próxima do arquétipo. Meu 'atualmente disponível' refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção de Iviron 2110 e Leukosia 65). Digo um sincero "Muito obrigado" a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas individualmente. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos. Os parênteses nos exemplos indicam que o MS tem uma variação nessa leitura.

1.44—προσενεγκαι || προσενεγκε 361,689,1133,1199,1384,1705,2221 {56,58,66,290,479,520,594,(664),797,897,932,953,961,966,986,1020,1059,1095,1131,1132,1165,1323,1329,1389,1453,1462,1476,1480,1499,1508,1517,1543,1552,1584,1599,1609,1614,1621,1638,1648,1649,1658,1659,1700,1702,2204^c,2249,2260,2296,2399,2444,2460,2483,2496,2508,2598,2673,2689}

Dos 229 MSS, faltam 3, e portanto dos 226 MSS (dentro da família) 64 têm a variante, o que equivale a 28,3%. É infinitivo ou imperativo? Um dos usos do Infinitivo é comandar, o que é claramente o caso neste contexto. Portanto, temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas em qualquer caso, com menos de 29% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.41—κουμι || κουμ 18,789,1046,1111,1117,1713,2253,2352,2382,2503,2554,2621,1.2110 {170,201,214,386,480,594,673,691,694,746,758,940,952,958,962,1025,1062,1185,1234,1250,1389,1401,1488,1492,1501,1548,1596,1600,1622,1636,1648,2255,2355,2559,2635,2774,2806}

Dos 229 MSS, faltam 2, e portanto dos 227 MSS (dentro da família) 50 têm a variante, o que equivale a 22%. Não considero uma diferença na grafia de uma palavra estrangeira uma variante adequada. Como as palavras estrangeiras são seguidas de uma tradução, não há diferença de significado. Mas em qualquer caso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.20—ακουων 35^c,1023^{alt},1384^{alt} || ακουσας 35,204,361,547,645,1023,1199,1251,1384,1572^m,1667^c,2273^c,2466,2765 {147,155,167,189,246^m,479,664,676,696,825,938,953,966,1020,1158,1236,1247,1389,1401,1453,1482^m,1490,1493^m,1552,1576^m,1599,1601,1609,1621,1625,1659,2260,2273^c,2296,2367,2444,2460}

Dos 229 MSS (dentro da família), 43 têm a variante, o que equivale a 18,8%. O participio é presente ou aoristo? Será “consultando-o, ele faria muitas coisas”, ou “tendo-o consultado, ele faria muitas coisas”? A questão é a mesma. Era previsível que alguns copistas seriam influenciados pela grande maioria fora da família. Mas em qualquer caso, com menos de 19% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.1—παμπολλου 141^c,1147^{alt},L.65^c || παμπολου 141,1133,1147,1705,2122,2261,2265,2323,2352,L.65 {56,58,66,167^c,214,290,664,781,953,978,1020,1025,1247,1250,1323,1389,1409,1476,1487,1488,1543,1544,1617,1621,1633,1638,1648,1649,1659,1700,1786,2255,2673,2774,2806}

Dos 229 MSS, faltam 5, e portanto dos 224 MSS (dentro da família) 44 têm a variante, o que equivale a 19,6%. Não considero a grafia alternativa de um adjetivo uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 20% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.3—νησις 1145^c || νηστεις 928,1133,1145^v,1572,1667^c,2221,2261,2323^c,2877 {66,246,290,394,521,575,594,676,691,758,825^c,953,959,961,978,986,1020,1030,1092,1132,1189,1247,1334,1389,1390,1427,1445,1482,1487,1543,1544,1576,1622,(1638),1649,1650^c,1680,1694,1700,1779,1786,2204,2407,2444,2460,2635,2692,2714}

Dos 229 MSS, faltam 6, e portanto dos 223 MSS (dentro da família) 53 têm a variante, o que equivale a 23,8%. Temos duas formas da mesma palavra, que parece funcionar como substantivo ou adjetivo. O acusativo plural estaria correto se funcionasse como um

adjetivo normal, como na leitura bizantina principal. Mas com menos de 24% de atestação na família, essa variante não é uma candidata crível. A primeira forma pode ter funcionado como uma forma congelada, mas em qualquer caso, o significado é o mesmo. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.25—ενεβλεψεν || ανεβλεψεν 128,547,689,1023,1145,1199,1251,1435,1705,2876,1.2110 {56,58,147,155,167,(170),201,246,290,363,394,402,415,520,521,664,691,763,781,938,952,(953),958,966,986,1003,1020,1030,1131,1165,1185,1234,1236,1247,1334,1390,1400,1401,(1453),1462,1476,1480,1488,1489,1490,1499,1508,1544,1548,1551,1584,1596,1600,1609,1614,1622,1633,1648,1649,1658,(1686),1700,1702,1779,1786,2204,2367,2399,(2444),2454,(2460),2483^c,2496,2689,2692,2709,2767,2806}

Dos 229 MSS (dentro da família) 88 têm a variante, o que equivale a 38,4%, que é a percentagem mais elevada para qualquer uma das variantes. A diferença de apenas uma letra altera o verbo. Έ εμβλεπω ου αναβλεπω? O advérbio imediatamente seguinte controla o significado, portanto os dois verbos são sinônimos aqui. Embora a atestação de 38,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.20—ιδον || ιδων 553,645,689^c,1023^c,1072,1133,1251,1384,1705,2261,2875,L.65 {56,58,66,155,167,201,214,290,386,479,694,758,781,953,958,959,961,966,978,1020,1062,1092,1132,1234,1247,1323,1328,1389,1390,1401,1409,1453,1480,1487,1490,1499,1543,1560,1576,1591,1596,1599,1601,1609,1614,1617,1621,1622,1633,1638,1648,1700,1702,1786,2249,2260,2355,2367,2399^c,2407,2454,2483,2635,2692,2714,2774,2806}

Dos 229 MSS, falta 1, e então dos 228 MSS (dentro da família) 76 têm a variante, o que equivale a 33,3%. A diferença de uma letra muda o gênero de neutro para masculino. O sujeito do verbo é o demônio ou o menino? No contexto, o demônio é claramente o sujeito, então o neutro está correto. Mas em qualquer caso, com apenas um terço da atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.5—αποκτενοντες 35^c,L.65^c || αποκτενοντες 35,204,361,553,689,769,789,1046,1072,1147,1251^c,1503,1667,2382^c,L.65 {83,415,746,825,952,955,978,1059^c,1180,1185,1409^c,1462,1488,1493,1548,1584,1601^c,1614,1650,1656,1658^c,2322,2399,2444,2460,2508,2598}

Dos 229 MSS (dentro da família), 36 têm a variante, o que equivale a 15,7%. A diferença de uma letra reflete apenas uma grafia alternativa para o verbo. Não há diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 16% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.43—βαλλοντων 2466^c || βαλοντων 1145,1199,1384,1705,2221,2323,2466 {(56),58,189,479,520,676,685,746,758,797,825,932,938^c,953,966,1020,1095,1165,1180,1236,1323,1389,1400,1427,1453,1476,1517,1544,1552,1584^c,1601,1621,1625,1659,1680,2255,2260,2284,2296,(2496),2508,2559,2598,2673,2714}

Dos 229 MSS, faltam 2, e portanto dos 227 MSS (dentro da família) 50 têm a variante, o que equivale a 22%. A diferença de uma letra muda o tempo verbal do presente para aoristo. No contexto, são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas em qualquer caso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.31—παρελευσεται 1145^c || παρελευσονται 547,645,789,824,960,1023,1040,1046,1075,1145,1339,1461,1496,1503,1628,1637,1652,1667,1705,1713,2221,2323,2352,2765 {83,147,155,167,189,246,575,685,691,696,757,763,924,932,938,952,955,958,959,962,978,1025,1158,1185,1236,1328,1390,1401,1409,1489,1490,1501,1517,1548,1551,1560,1576,1584,1591,1596,1617,1619,1620,1622,1633,1638,1650,1656,1686,1702,2255,2367,2454,2508,2635,2709}

Dos 229 MSS, faltam 3, e portanto dos 226 MSS (dentro da família) 80 têm a variante, o que equivale a 35,4%. Devem “o céu e a terra” ser tratados como uma unidade (singular) ou como entidades distintas (plural)? Em inglês, a tradução é a mesma. Em todos os três Evangelhos, “o céu” é singular, não plural. Como existem pelo menos três céus, a referência aqui deve ser à atmosfera terrestre, que contém pássaros e nuvens. Portanto, é este planeta com a sua atmosfera que será destruído, e é perfeitamente razoável tratá-los como uma unidade, como fazem Marcos e Lucas. Curiosamente, o percentual caiu quatro pontos, em relação aos MSS totalmente cotejados. Embora a atestação de 35,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.25—γενηματος || γεννηματος 18,141,204,553,769,928,1133,1147^{alt},1572,1705,2221,2253^c,2261,2323,2466,2503,2554^c {58,66,170,189,201,214,386,394,402,415,480,520,521,594,664,676,694,746^c,758,797,825,932,940,961,1092,1095,1132,1158,1165,1180,1189,1234,1236,1247,1323,1334,1390^c,1427,1445,1476,1482,1487,1492,1493,1559,1621^c,1625,1649,1656,1659,1680,1688,1694,1700,1779,1786,2204,2284,2322,2355,2407,2496,2508,2559,2598,2673,2692,2714,2774,2806}

Dos 229 MSS, faltam 4, e portanto dos 225 MSS (dentro da família) 81 têm a variante, o que equivale a 36%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o Senhor Jesus está claramente se referindo aos produtos, e então a primeira forma está correta. A segunda forma funciona como um significado derivado. Embora a atestação de 36% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.33—ενατης 35^c,1075^c || εννατης 35,361,547,645,928,1023,1075,1199,1251,1572,1667^c,2765 {56,58,66,147,155,167,189,290,363^c,394,415,479,520,521,676,696,797^c,825,897,932,938,953,966,986,1020,1092^c,1095,1158,1165,1180,1236,1247,1323,1334,1389,1390,1401,1445,1453,1476,1480,1482,1490,1499,1552,1559,1576,1599,1601,1609^c,1621,1622,1625,1633,1638,1659,1680,1700,2204,2260,(2284),2296,2367,2407,2444,2460,2496,2508,2598,2635,2673,2692,2714}

Dos 229 MSS, faltam 5, e portanto dos 224 MSS (dentro da família) 80 têm a variante, o que equivale a 35,7%. Não considero a grafia alternativa de um número uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 35,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.46—επι την θυραν 35^c,1111^{alt},2273^c || 1 τη θυρα 35,141,553,769,928,1111,1133,1147,1572,2253,2261,2554,2876,1.2110 {66,170,394,402,521,746^c,758,797,890,961,986,1092,1132,1189,1247,1250,1334,1427,1445,1482,1487,1493,1517^c,1543,1559,1600,1636,1680,1688,1694,1700,1779,1786,2204,2322,2355,2407,2508,2692,2714,2806}

Dos 229 MSS, faltam 5, portanto dos 224 MSS (dentro da família) 56 têm a variante, o que equivale a 25%. O sintagma nominal é acusativo ou dativo? A preposição funciona com três casos, esses dois mais o genitivo. No contexto, a tradução é a mesma, “contra a porta”. Se a ideia de “movimento em direção” estiver incluída no acusativo, então é especialmente apropriada aqui. Mas em qualquer caso, com apenas 25% de atestação, a variante não é uma candidata credível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos treze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Marcos, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se

alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (que é bastante longo), e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (que é bastante longo), e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 19. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que 23 MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que treze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 51 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis, todos os vinte versos.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Marcos, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Lucas – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo (feito por mim) dos seguintes 55 representantes da família para Lucas: 18, 35, 128, 201, 204, 246, 361, 402, 479, 510, 547, 553, 586, 691, 757, 769, 781, 789, 824, 867, 897, 928, 1046, 1072, 1111, 1117, 1147, 1328, 1339, 1384, 1409, 1427, 1435, 1461, 1493, 1496, 1503, 1548, 1551, 1621, 1637, 1652, 1667, 1694, 1713, 2122, 2253, 2352, 2367, 2382, 2466, 2503, 2554, 2765 e Iviron 2110.

Nos quinze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% desses 55, verifiquei os seguintes 167 MSS: 55, (56), 58, 61, (66), 83, 141, 147, 155, 167, 170, (189), (285), (290), 363, 386, 387, 394, (516), 520, 521, 575, 645, 664, (676), 689, 696, 758, 763, 797, 932, 938, 940, 952, 953, 955, 958, 959, 960, 962, 966, 1003, (1017), 1018, 1020, 1023, 1025, 1030, 1040, 1059, 1062, 1075, 1088, 1092, 1095, 1116, 1119, 1131, 1132, 1133, 1145, 1158, 1165, 1185, 1189, 1199, 1224, 1234, (1236), (1247), 1250, 1251, 1323, 1329, 1334, 1389, (1390), 1400, 1401, 1445, (1453), 1462, 1471, 1476, 1480, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1499, 1501, 1508, (1517), 1543, (1544), 1559, 1560, 1572, 1576, 1584, 1591, 1599, 1600, 1601, 1614, 1617, 1619, 1620, 1622, (1625), 1628, 1633, 1636, 1638, 1648, 1649, 1650, 1656, 1658, 1659, 1686, 1688, 1700, 1702, 1703, 1705, 1779, 1786, 1789, 1813, (2175), 2204, 2221, 2249, 2255, 2260, 2261, 2273, 2284, 2296, 2309, 2322, 2323, 2355, 2399, 2407, 2418, 2444, 2454, 2460, (2483), (2508), 2510, 2520, 2559, 2621, 2635, 2673, 2689, 2692, 2709, 2714, 2715, 2734, 2767.

Esses 222 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros 21 MSS que eram indisponíveis, difíceis de ler, incompletos ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Há um bom número de MSS adicionais com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Os MSS entre parênteses, na lista acima, são membros marginais da família; são 18.

Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que o quadro baseado nos 55 MSS totalmente cotejados permanece o mesmo após a adição dos 167 MSS verificados individualmente. Duas das variantes caíram e outras duas subiram ligeiramente, mas a maioria subiu significativamente, e duas mais que dobraram! Minha explicação é que a maioria dos melhores representantes da família já foram cotejados, e sua média é mais próxima do arquétipo. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção do Iviron 2110). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão listados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.55—εως αιωνος 35^c,769^c,928^c,1493^c,1694^c || εις τον αιωνα 35,204,402,553,769,928,1117,1427,1493,1694,2253,2466,2554,1.2110 {58,61,66,141,394,516,521,758,797,1088,1092,1132,1133,1189,1250,1334,1390,1445^c,1482,1487,1517,1543,1559,1572,1600,1620,1688,1700,1786,2175,2204,2249,2261,2322,2407,2734}

Dos 222 MSS, faltam 4, e portanto dos 218 MSS (dentro da família) 49 têm a variante, o que equivale a 22,5%. As duas frases são praticamente sinônimas, com pouca diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 23% de atestação, a variante não é uma candidata crível. Observe também que cinco foram corrigidos. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.40—αυτω 35^{alt},586^{alt},789^c || αυτο 18,35,201,246,510,547,586,757^{alt},789,1072^c,1111,1328,1339,1496^{alt},1503^{alt},1548,1551,2352^{alt},2367,2382,2503,2765 {55,56,61,66^m,83,147,155,167,285,386,387,516,645,696,938,940,952,955,958,960,1017,1023,1025,1046^c,1062,1075,1158,1185,1234,1251,1389,1400,1401,1453,1488,1489,1490,1492,1501,1517,1544,1560,1584,1591,1617^{alt},1619^{alt},1622,1628,1633,1650,1656^{alt},1686,1702,1705,2175,2221,2323,2407,2510,2559,2709,2715}

Dos 222 MSS, faltam 5, e portanto dos 217 MSS (dentro da família) 74 têm a variante, o que equivale a 34,1%. A preposição assume três casos, com pouca diferença de significado. Contudo, o dativo está correto: a graça repousava sobre Ele o tempo todo. Mas em qualquer caso, embora a atestação de 34% seja significativa, um terço do total não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.18—τω λαω 1072^{alt} || τον λαον 18,35^{alt},128,246,402,479^{altc},547,757^{alt},781,789^{alt},824,867,1072,1111,1117,1328,1384,1409,1435,1503^{alt},1551,1637^{alt},1652^{alt},2122,2367,2466^{alt},2554,2765,1.2110 {55,66,83^c,147,155,167,189,285,290,363,386,521,645,664,676,696,758,763,938,952,960^{alt},962^{alt},1003,1017,1018,1023,1025,1030,1040^c,1046^c,1059,1075,1092,1131,1132,1133,1158,1234,1236,1247,1250,1251,1329,1334,1400,1401,1445,1471,1488^{alt},1490,1492,1501^{alt},1508,1517,1543,1560,1548^{alt},1600,1622,1625,1633,1650,1656^{alt},1658,1659^c,1686,1700,1703,1705,1779,1786,1813,2221,2249,2255,2261,2273,2284,2355,2399,2483,2510^c,2520,2533,2689,2692,2709,(2734),2767}

Dos 222 MSS, faltam 7, e portanto dos 215 MSS (dentro da família) 99 têm a variante, o que equivale a 46%. O verbo ευαγγελιζω normalmente leva o dativo, embora o acusativo ocorra – parece não haver diferença no significado, a tradução será a mesma. Como o caso normal para um objeto direto é o acusativo, os copistas que não estavam familiarizados com a peculiaridade desse verbo fariam previsivelmente a mudança (testemunhe os [85%]). Se o arquétipo tivesse o acusativo, quem o mudaria para dativo? Embora 46% seja quase metade, não é suficiente para justificar uma mudança, uma vez que o caso adequado para o verbo é o dativo. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.26—σμει || σεμει 201,1072,1339,1461,1496,1503 {56,58,61,189,285,387,520,575,664,676,758^c,797,932,1003,1017,1030,1040,1092,1095,1165,1236,1323,1390,1476,1488,1489,1544,1619,1620,1622,1625,1648,1649,2221,2284,2323,2407,2508,2635,2673,2734}

Dos 222 MSS, faltam 6, e portanto dos 216 MSS (dentro da família) 46 têm a variante, o que equivale a 21,3%. Não considero uma grafia alternativa de um nome próprio uma variante própria, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.27—εστωτων 246^m || εστηκοτων 246,691,757,781,789^c,824,1046,1072,1328,1339,1409,1461,1496,1503,1548,1551,1637,1652,1694,1713,2352 {66,83,285,516,575,689,758^c,763,938,955,958,959,960,962,1003,1017,1018,1023,1025,1030,1040,1059,1075,1116,1131,1132,1145,1185,1224,1390^c,1453,1462,1487,1488,1489,1501,1508,1543,1544,1559,1560,1584,1591,1614,1617,1619,1620,1622,1628,1633,1636,1648,1649,1650,1656,1658,1686,1700,1702,1705,2221,2249,2255,2309,2323,2399,2454,2483,2510,2635,2689,2734}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 90 têm a variante, o que equivale a 40,9%. Estas parecem ser formas alternativas do particípio ativo perfeito do mesmo verbo, e portanto são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Embora uma atestação de 41% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

10.41—ο ιησους ειπεν αυτη || ~ 3412 35^c,128,510,586,867,1111,1435,2122,2382 {56,58,61,167,290,363,516,520,932,940,1095,1165,1323,1329,1476,1779,2508,2520,2673,2767}

Dos 222 MSS, faltam 5, e portanto dos 217 MSS (dentro da família) 28 têm a variante, o que equivale a 12,9%. Como o grego tem sufixos de caso, uma mudança na ordem das palavras geralmente faz pouca ou nenhuma diferença no significado, uma tradução será a mesma. Mas em qualquer caso, com menos de 13% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.18—γενηματα || γεννηματα 201,246,553^c;928,1427,1548,1551,1621,1667,2554^c {66,189,386,394,520,521^c,676,758^c;797,932,938^c;958,1023,1088,1095,1132,1165,1185,1189,1234,1236,1247,1323,1329,1334,1400,1445,1462,1476,1482,1501^{alt},1572,1576,1625,1649,1656,1659,1688,1700,1779,2204,2249,2284,2418,2508,2673,2692,2714}

Dos 222 MSS, faltam 3, e portanto dos 219 MSS (dentro da família) 52 têm a variante, o que equivale a 23,7%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o homem rico está claramente se referindo aos produtos. Mas em qualquer caso, com menos de 24% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.23—πλειων || πλειον 246,757,1548,1551,1694,2122,2367 {56,58,61,66,141,285^c;290,516,797,938,952,953,958,959,966,1020,1023,1075,1092,1116,1132,1133,1185,1199,1224,1236,1250,1389,1390,1400,1401,1453,1501,1543,1544,1591,1601,1648,1649,1700,1703,1705,1779,1786,1789,1813,2175,2249,2261,2296,2355,2407,2418,2454,2483,2510,2520,2635^v,2715}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 65 têm a variante, o que equivale a 29,5%. A diferença de uma letra muda o gênero de masculino/feminino para neutro. No contexto, o sujeito da comparação é feminino, portanto a primeira forma está claramente correta. Mas em qualquer caso, com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.9—εκκοψεις || εκκοψης 246,1461,1496,1548,1551,1.2110 {290,363,520,575,763,953,958,959,966,1025,1030,1040,1092,1095,1185,1189,1389,1499,1544,1576^c;1619,1620,1648,1649,2255,2355,2418,2635,2673,2715}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 35 têm a variante, o que equivale a 15,9%. A diferença de uma letra muda o tempo /modo do futuro indicativo para o aoristo subjuntivo. Qualquer uma das formas faz sentido e a diferença de significado é pequena. Na caligrafia cursiva as duas formas podem ser muito semelhantes. Mas em qualquer caso, com menos de 16% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.24—απολωλως 479^c || απολωλος 246,479,547,691,1072,1328,1339,1409,1461,1493,1496,1503,1551,1637,1667,2122,2352,2367,2466 {56,83,155,167,189,290,387,394,521,575,645,664,763,797,958,959,960,962,1025,1062,1088,1092,1116,1132,1133,1165,1185,1224,1234,1236,1250,1251,1329,1334,1401,1453,1476,1480,1487,1489,1490,1499,1501,1508,1543,1559,1576,1591,1601,1614,1619,1620,1622,1633,1636,1638,1648,1649,1658,1686,1700,1703,1705,1779,1789,1813,2175,2204,2249,2255,2273,2355,2407,2418,2444,2460,2483,2621,2635,2673,2692,2714,2715}

Dos 222 MSS, falta 1, e então dos 221 MSS (dentro da família) 102 têm a variante, o que equivale a 46,2%. A diferença de uma letra altera o caso/gênero do nominativo masculino para o acusativo neutro. Para ajudar na discussão, começarei com uma tradução: “este meu filho estava morto e reviveu; ele estava perdido e foi encontrado”. O referente, “filho”, é nominativo masculino, claramente, então de onde veio a variante? Bem, ‘morto’, νεκρος, é um adjetivo e é nominativo masculino, mas ‘perdido’ é um particípio ativo perfeito e o sufixo é diferente. Suponho que os copistas trataram o particípio como um adjetivo e repetiram o sufixo. Além disso, ambas as formas foram pronunciadas da mesma forma e, na caligrafia cursiva, as duas formas podem ser semelhantes. Embora 46,2% seja quase metade, não é suficiente para justificar uma mudança, uma vez que a forma correta

é claramente o nominativo masculino. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.32—*απολωλως* 479^c || *απολωλος* 204,479,547,691,1072,1328,1339,1409,1461,1637,1667,2122,2352,2367 {56,155,167,290,387,394,521,575,645,664,758,763,959,1088,1092,1116,1132,1165,1185,1224,1234,1247,1250,1251,1334,1401,1453,1476,1487,1490,1499,1501,1508,1543,1559,1576,1614,1619,1620,1622,1638,1648,1649,1656,1658,1686,1700,1703,1705,1789,2175,2204,2249,2255,2407,2418,2444,2460,2483,2621,2635,2692,2714,2715}

Dos 222 MSS, falta 1, e então dos 221 MSS (dentro da família) 78 têm a variante, o que equivale a 35,3%. A discussão acima também se aplica aqui, exceto que o referente agora é “irmão”. O percentual caiu dez pontos, uma diferença considerável. Por que? Talvez alguns dos copistas tenham percebido o erro, não o repetiram, mas não se preocuparam em voltar atrás e corrigi-lo. De qualquer forma, com apenas 35,3% de atestação, há ainda menos motivos para mudar aqui do que na primeira vez. A forma correta continua sendo o nominativo masculino. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.33—*παρελευσεται* || *παρελευσονται* 246,547,757,1046,1111,1117,1384^{alt},1548,1551,1652,1667,1713,2352,2367,2554,2765,1.2110 {(61),66^c,147,155,167,170,189,285,516,645,696,938,958,960,962,1017,1018,1023,1025,1040,1075,(1088),1145,1158,1185,1247,1251,1400,1401,1453,1471,1488,1490,1501,1517,1544,1576,1600,1628,1633,1636,1638,1686,1705,2175,2221,2255,2323,2407,2483,2510}

Dos 222 MSS, falta 1, e então dos 221 MSS (dentro da família) 66 têm a variante, o que equivale a 29,9%. Devem “o céu e a terra” ser tratados como uma unidade (singular) ou como entidades distintas (plural)? Em inglês, a tradução é a mesma. (Veja a discussão em Mateus e Marcos.) Em qualquer caso, com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

22.18—*γεννηματος* || *γεννηματος* 18,201,402,553,769,928,1147,1427,1493,1621,1667,2466^{alt},2503,2554^c {61,66,141,189,363,386,394,520^v,521,676,758^c,797,932,940,958,1095,1132,1165,1189,1234,1236,1247,1250,1323,1329,1334,1445,1453,1476,1480,1482,1492^{alt},1543,1572,1576,1600,1625,1649,1659,1700,1705,1779,2175,2204,2249,2284,2296,2322,2355,2418,2508,2559,2673,2692,2714}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 65 têm a variante, o que equivale a 29,5%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o Senhor Jesus está claramente se referindo aos produtos. Mas em qualquer caso, com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

23.44—*ενατης* 35^c || *εννατης* 35,361,479,547,691,897,928,1384,1409^s,1621,1667,1694,2367,2765 {56,58,61,66,147,155,167,170,189,363,387,394,520^v,521,645,676,696,797^c,932,938,953,966,1020,1023,1075,1092,1095,1116,1132,1158,1165,1199,1236,1250,1251,1323,1329,1334,1389,1401,1445,1453,1471,1476,1480,1482,1490,1499,1543,1572,1576,1599,1601,1625,1638,1649,1659,1700,1703,1813,2204,2249,2260,2273^{alt},2284,2296,2399,2407,2444,2460,2483,2508,2510,2635,2673,2692,2714,2715}

Dos 222 MSS, faltam 5, e portanto dos 217 MSS (dentro da família) 90 têm a variante, o que equivale a 41,5%. Não considero a grafia alternativa de um número uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 41,5% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

24.10—η 1111^c || --- 201?,246,1072,1111,1493,1548,1551,1637,1667,2466,1.2110 {167,170,189,290,387,394,516,664,676,689,758,763,938,952,953,955^c;958,959,960,962,966,1020,1023,1025,1059,1062,1075,1088,1092^c;1095,1116,1119,1131,1132,1185,1199,1236,1247,1389,1400,1453,1462,1471,1476,1480,1489,1499,1501,1508,1543,1544,1576,1614,1620,1622,1625,1628,1633,1636,1658,1659,1686,1700,1702,1703,1705,1779,1786,1789,1813,2175,2249,2255,2261,2309,2355,2407,2444,2454,2483,2508,2520,2621,2635,2673,2689,2709,2714,2715}

Dos 222 MSS, faltam 3, e portanto dos 219 MSS (dentro da família) 98 têm a variante, o que equivale a 44,7%. É “e a Maria de Tiago” ou “e Maria de Tiago”? Visto que há outra ‘Maria’ quatro palavras antes, e uma série de outras ‘Marias’ nos Evangelhos, o uso do artigo é apropriado; mas também pode ser considerado desnecessário. A maioria das versões, inclusive a minha, traz “a mãe de”, embora a palavra “mãe” não esteja no Texto (a alternativa seria “esposa”). Seria esse o objetivo do artigo? Embora a atestação de 44,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos quinze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Lucas, sem qualquer dúvida razoável. É reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que treze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (que é muito longo), e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que vinte MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 17 (para um total de 53). Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS

ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 17. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 17. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que 18 MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 20. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que 18 MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 46 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 38 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Capítulo 23: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-três.

Capítulo 24: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Lucas, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para João – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo (feito por mim) dos seguintes 62 representantes da família para John: 18, 35, 83, 128, 141, 201, 204, 361, 363, 402, 479, 480, 510, 547, 553, 586, 685, 696, 757, 769, 789, 824, 867, 897, 928, 955, 1046, 1072, 1075, 1111, 1117, 1145, 1147, 1334, 1339, 1384, 1435, 1461, 1493, 1496, 1503, 1559, 1560, 1572, 1617, 1637, 1652, 1667, 1686, 1694, 1700, 1713, 2122, 2253, 2322, 2352, 2382, 2466, 2503, 2554, 2765 e Iviron 2110.

Nos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 62, verifiquei os seguintes **165** MSS: 55, 56, 58, 61, 66, 105, 147, 155, 167, 170, 189, 246, 285, 290, 353, 386, 387, 394, 415, 521, 575, 588, 645, 660^s, 664, 676, 689, 691, 758, 763, 768, 781, 797, 806, 825, 932, 938, 940, 952, 953, 958, 959, 960, 961, 962, 966, 986, 1003, 1017, 1020, 1023, 1025, 1030, 1059, 1062, 1088, 1092, 1095, 1116, 1119, 1131, 1132, 1133, 1158, 1165, 1180, 1181, 1185, 1189, 1199, 1224, 1236, 1247, 1248, 1250, 1251, 1314, 1323, 1328, 1329, 1348, 1390, 1400, 1401, 1445, 1453, 1462, 1476, 1477, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1497, 1499, 1501, 1508, 1543, 1544, 1548, 1551, 1584, 1591, 1596, 1599, 1600, 1601, 1614, 1618, 1619, 1620, 1622, 1625, 1628, 1633, 1634, 1636, 1638, 1648, 1649, 1650, 1656, 1657, 1658, 1659, 1702, 1703, 1813, 2131, 2136, 2204, 2221, 2255, 2260, 2261, (2265), 2273, 2284, 2296, 2309, 2355, 2365, 2367, 2399, 2407, 2454, 2460, 2479, 2496, 2508, 2510, 2520, 2559, 2598, 2621, 2636, 2647, 2673, 2689, 2692, 2715, 2767, 2806.

Esses 227 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros 15 MSS que eram difíceis de ler ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Existem pelo menos mais 60 MSS com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que a quadro baseado nos 62 MSS totalmente cotejados permanece a mesma após a adição dos 165 MSS verificados individualmente. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção do Iviron 2110). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária (com uma exceção) estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.32—εμαρτυρησεν || 1 o 201,363,547,553,1435,1667 {147,189,290,575,660^s,676,825,953,1236,1492,1544,1625,1638,1813,2261,2355,2367,2407,2598,2767}

Dos 227 MSS, faltam 3, e portanto dos 224 MSS (dentro da família) 26 têm a variante, o que equivale a 11,6%. A adição do artigo definido não afeta o significado; a tradução é a

mesma. Mas em qualquer caso, com menos de 12% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A forma mais curta reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.54— $\alpha\upsilon\tau\omicron\nu$ 685° || 1 $\epsilon\nu$ 685,1339,1496,1617,1637,1700 {56,58,61,66°,170,189,285,290,353,660°,676,758,763°,932,953,986,1003,1017,1095,1116,1158,1165,1180,1236,1314,1323,1329,1348,1390°,1476,1489,1499,1508,1543,1551,1591,1619,1620,1625,1634,1638,1658,1813,2131,2204,2221,2261,2265,2309,2399,2496,2508,2598,2673,2689,2715,2767}

Dos 227 MSS, faltam 2, e portanto dos 225 MSS (dentro da família) 60 têm a variante, o que equivale a 26,7%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, uma preposição geralmente está implícita no sufixo, como neste caso. Tornar a preposição explícita não afeta nem o significado nem a tradução, portanto temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Se a forma mais longa fosse original, por que alguém excluiria a preposição? Adicionar a preposição à forma mais curta seria “natural”. Mas em qualquer caso, com menos de 27% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A forma mais curta reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.29— $\epsilon\gamma\omega$ || 1 $\delta\epsilon$ 141,204,547,553,769,897,928,1147,1334,1493,1572,2322 {56,394,415,521,588,691,758,781,797,806,962,986,1092,1119°,1133,1180,1181,1189,1247,1248,1250,1445,1477,1482,1625°,1638,2204,2261°,2273,2355,2407,2636,2692}

Dos 227 MSS, faltam 4, e portanto dos 223 MSS (dentro da família) 42 têm a variante, o que equivale a 18,8%. A conjunção era esperada, então adicioná-la seria “natural”. Faria uma pequena diferença na tradução. Mas em qualquer caso, com menos de 19% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.4— $\alpha\upsilon\tau\omicron\phi\omega\rho\omega$ || $\alpha\upsilon\tau\omicron\phi\omicron\rho\omega$ 479°,1145,1334,1559,1700,2352,2466,1.2110 {56,61,189,285,290,387,394,521,664,689,691,758,763°,806,940,952,959,961,966,1017,1025,1059,1062,1131,1132,1158,1165,1224,1247,1445,1453,1462,1476,1487,1501,1543,1591,1599,1601,1614,1618,1622,1634,1638,1649,1656,1657,1658,1702,1813,2204,2221,2255,2260,2309,2399,2559,2598,2621,2635,2689,2692,2715}

Dos 227 MSS, falta 1, e então dos 226 MSS (dentro da família) 69 têm a variante, o que equivale a 30,5%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.21— $\omicron\upsilon\nu$ || 1 η 141,204,363,553,769,928,1147,1334,1493,1572,1667,2322 {290,394,521,660°,691,758,797,806,953,986,1017,1020,1092,1116,1133,1158,1181,1189,1199,1247,1248,1250,1314,1445,1477,1482,1497,1622,1656°,2136,2204,2261°,2284,2296,2355,2407,2692,2715}

Dos 227 MSS, faltam 4, e portanto dos 223 MSS (dentro da família) 48 têm a variante, o que equivale a 21,1%. A adição do artigo definido não afeta o significado; a tradução é a mesma. Mas em qualquer caso, com menos de 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.6— $\epsilon\mu\epsilon\lambda\epsilon\nu$ 18,141,201,204,361°,363°,402,479,480,553°,685°,769,789°,928,955,1072°,1075,1111°,1334,1339,1384,1461,1493,1496,1503,1572,1667,2253,2322,2382°,2503,2554 {55,58,61,66,285,386,691,758,763,938°,940,959,1030°,1132,1189,1247,1390°,1400,1445,1482,1492,1499,1544,1548,1599,1600°,1619,1620,1625,1638,1648,1650,1656°,1702,1813,2131,2136,2221,2260,2284,2496,2559,2598,2621,2635,2636,2692,2806}

$\epsilon\mu\epsilon\lambda\lambda\epsilon\nu$ 35,83,128,361,363,510,547,553,575,586,685,696,757,789,824,867,897,1046,1072,1111,1117,1145,1147,1435,1559,1560,1617,1637,1652,1686,1694,1700,1713,2352,2382,2466,2765,1.2110 {56,105,147,155,170,189,246,290,353,387,394,415,521,588,645,660°,664,676,689,758°,768,781,797,806,825,932,938,952,953,958,960,961,962,966,986,1003,1017,1020,1023,1030,1025,1059,1062,1088,1092,1095,1116,1119,1131,1133,1158,1165,1180,1181,1185,1199,1224,1236,1248,1250,1251,1314,1323,1328,1329,1348,1390,1401,1453,1462,1476,1477,1488,1489,1490,1497,1499°,1501,1508,1543,1548,1551,1591,1596,1600,1601,1614,1618,1622,1628,1633,1634,1636,1638,1649,1656,1657,1703,1813,2204,2255,2260,2261,2265,2273,2296,2355,2367,2407,2454,2479,2508,2510,2647,2673,2689,2715,2767}

A segunda leitura tem o dobro da atestação da primeira. Como é típico da variação dentro da família, a diferença é de uma letra. Porém, neste caso aquela letra muda o verbo! O verbo é μελω ou μελλω? μελει como forma impessoal é mais comum; entretanto, o verbo também é usado no sentido pessoal/ativo. μελλω (“estar prestes a”) simplesmente não faz sentido aqui. μελλω é cerca de dez vezes mais frequente no NT e alguns copistas podem ter colocado a grafia mais habitual sem pensar. Eles tinham acabado de escrever μελλων duas linhas acima e podem ter repetido a forma por atração. Porém, como ambas as formas têm a mesma pronúncia, quem ouvisse o Texto lido em voz alta o compreenderia corretamente, guiado pelo contexto. Alguém lendo para si mesmo faria o mesmo. Precisamente por esta razão, pode ser que a área semântica da forma mais longa tenha passado a ser considerada como incluindo a da forma mais curta; nesse caso, teríamos grafias alternativas do mesmo verbo. Não é meu costume apelar para os unciais mais antigos, mas todos eles – P^{66,75}, κ, A, B, D, Q, W – têm aqui a forma mais curta, o que iria de acordo com minha hipótese acima. Apesar da atestação desequilibrada, uma vez que o significado central da forma mais longa não pode ser correto, sendo um absurdo, concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, além de qualquer dúvida razoável.

18.39—ημιν || υμιν 928,1334,1572,1667,1700 {56,58,61,66,105,147,167,189,285,290,353,387,394,588,660^s,676,691,758,768,825,932,952,953,966,986,1003,1017,1095,1165,1180,1181,1185,1224,1236,1247,1248,1250,1323,1329,1348,1445,1476,1477,1482,1497,1622,1625,1633,1648,1703,1813,2136,2204,2221,2260,2261,2265,2284,2296,2479,2496,2508,2598,2673,2692,2715}

Dos 227 MSS, faltam 16, e portanto dos 211 MSS (dentro da família) 71 têm a variante, o que equivale a 33,6%. Ora veja, será que Roma libertaria um prisioneiro com base numa exigência judaica? Isto era evidentemente um pouco de ‘relações públicas’ que Roma decidiu fazer. Visto que a segunda pessoa dominava a transmissão fora da família, por qualquer motivo, isso pode ter influenciado alguns copistas. Como sempre, a diferença é de uma letra, e ambas as vogais foram pronunciadas da mesma forma, aumentando a confusão. De qualquer forma, a atestação de 33,6% não é suficiente para justificar uma alteração. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de João, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Considerarei agora a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 34 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 38 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 18. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 47 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 38 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que 35 MSS (por favor leia a discussão sobre a divisão em 12.6). Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), somente 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 37 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 47 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 51 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 37 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 59 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 18. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 58 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 59 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de João, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Atos – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 62 representantes da família para Atos: 18, 35, 141, 149*, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 801, 824, 928, 986, 1040*, 1058*, 1072, 1075, 1100, 1140, 1247*, 1248*, 1249, 1482, 1503, 1508*, 1548, 1617, 1619*, 1628, 1636*, 1637, 1652, 1656*, 1723, 1725,¹ 1732, 1740, 1746*, 1749*, 1761, 1855, 1856, 1858^{frag}, 1864, 1865, 1876, 1892*, 1897, 2080, 2218, 2255*, 2261, 2303^{frag}, 2352, 2378, 2431*, 2441, 2466, 2554, 2587 e 2723.²

Nos 29 locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 62, verifiquei os seguintes 26 MSS: 206^s, 432, 634, 664, 1101, 1618, 1733, 1737, 1745, 1748, 1752, 1754^s, 1763, 1766, 1767, 1768, 2175, 2221, 2289, 2626, 2653, 2691, 2704, 2777, 2778, 2926^s.

Esses 88 MSS representam o total de representantes de família disponíveis atualmente, com exceção do GA 1400, cujo microfilme é muito difícil de ler. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária (com uma exceção) estão alistados.³ Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.11—οὗτος || 1 ο 18,35,141,204,328,386,444,1100,1732,1876,1897,2255,2466,2554 {432,634,1101,1733,1766⁴, 1768,2221,2653,2926^{s,5} }

Dos 88 MSS, faltam 16, e portanto, dos 72 MSS conhecidos (dentro da família), 23 têm a variante, o que equivale a 32%. Um pronome demonstrativo define, ainda mais do que um artigo definido, de sorte que o artigo é redundante aqui. Incluir o artigo não afeta o significado nem a tradução, e por isso é desnecessário. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.1—ενατην 35^s,141^o || εννατην 35,141,204,328,394,928,1247,1249,1749,1855,1856,1876,2080,2255,2261, 2431 {1101,1748⁶,2175,2653,2926^s}

Dos 88 MSS, faltam 14, e portanto, dos 74 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 28,4%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não

¹ Os primeiros quatro capítulos não são f⁵.

² Os MSS marcados com asterisco (*) foram cotejados pelo Dr. Eduardo Flores; o resto eu mesmo cotejei. 1858 contém 23.6 – 28.31 e 2303 contém 8.19 – 15.25.

³ Existe um subgrupo cujo núcleo é composto pelos MSS 328,394,928,1249,2431 e 2441, com 1247, 1723 e 1856 num segundo nível, além de alguns outros. Este subgrupo aparece na maioria das divisões.

⁴ 1766 tem 1.1 – 2.31; 16.1-29; 19.40 – 20.28.

⁵ 2926^s tem 1.1 – 4.21.

⁶ 1748 está faltando 4.13-22.

é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.7—ενεοι 35^c,2466^c || εννεοι 35,141^c,328,386,394,801,928,986,1040,1058,1140,1247,1249,1482,1508,1548,1723,1725¹,1746,1749,1761,1855,1856,1892,2218,2255,2431,2466,2587 {634,664,1101,1748,1752²,1763³,2175,2653,2704}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 37 têm a variante, o que equivale a 48%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

10.3—ενατην 35^c || εννατην 35,328,394,928,986,1247,1249,1482,1508,1725,1732,1749,1855,1856,2255,2431 {1748,2175,2653}

Dos 88 MSS, 11 estão faltando, então dos 77 MSS conhecidos (dentro da família) 19 têm a variante, o que equivale a 24,7%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

10.30—ενατην 35^c || εννατην 35,328,394,928,986,1247,1249,1482,1508,1732,1749,1855,1856,2255,2431 {1101,1748,1763,2175,2653}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 26%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.9—εκ δευτερου φωνη || ~ 312 328,394,928,986,1247,1249,1482,1723,1749,1855,1856,2255,2431,2441 {1748,1752,1763,2175,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 24,4%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das opções não afeta o significado nem a tradução, mas com menos de 25% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.26—συναχθηναι 35^c,1508^c,1652^c,1746^c || 1 εν 35,141,204,328,394,444,604,801,928,986,1058,1247,1249,1482,1508,1723,1725,1732,1746,1749,1761,1855,1856,1876,1897,2080,2255,2261,2431,2554,2587 {432,1748,1752,1763,1768,2175,2221,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto dos 78 MSS conhecidos (dentro da família) 39 têm a variante, o que equivale a 50% (se subtrairmos as correções, seriam 44,87%). Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, uma preposição geralmente está implícita no sufixo, como neste caso. Tornar a preposição explícita não afeta nem o significado nem a tradução, de sorte que temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Se a forma mais longa fosse original, por que alguém excluiria a preposição? Adicionar a preposição à forma mais curta seria 'natural'. Embora a variante tenha a atestação mais forte que vimos até agora, não é suficiente para justificar a substituição da primeira leitura. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

¹ 1725 teve um exemplar diferente nos primeiros quatro capítulos.

² 1752 começa em 8.11.

³ 1763 começa em 4.25.

12.4—αναγαγειν 1723^c || αγαγειν 328,394,928,986,1249,1508,1723,1725,1749,1855,1856,2255,2431

Dos 88 MSS, 12 estão faltando, então dos 76 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 17,1%. Pode haver uma ligeira diferença de significado entre os verbos, mas a atestação da variante é tão baixa que não é um candidato sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.25—εις αντιοχειαν 141,204,328,394,801,928,986,1140,1247,1249,1482,1723,1725,1732,1749,1761,1855,1856,1876,1897,2080,2255,2261,2378,2431,2441

απο ιερουσαλημ 18,386,1100,2554 {634,1101,1733,2303}

απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν 444,1058,1548,2587 {664,1400,1752,1763,2221,2704}

εξ ιερουσαλημ 1865

εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν 604,1865^c {432,1767,1768}

εις ιερουσαλημ 35^c,149,201,757,824,1040,1072,1075,1248,1503,1508,1617,1619,1628,1636,1637,1656,1723^c,1740,1746,1864,1892,2352,2431^c,2466,2723 {1618,1737,1748,2653,2691}

εις ιερουσαλημ εις αντιοχειαν 35 (não é uma confluência, porque é um absurdo; o copista conhecia as duas leituras e colocou ambas)

Faltando: 1652,2218 {206^{s.fr},1745^{fr},1754^{s.fr},1766^{fr},1858^{fr},2175^{fr},2289^{fr},2626^{fr},2777^{fr},2778^{fr},2926^{s.fr}}

Totais: εις αντιοχειαν = 26

απο ιερουσαλημ = 8

απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν = 10

εξ ιερουσαλημ = 1

εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν = 4

εις ιερουσαλημ = 28

Faltando = 13

Comentário: As cinco primeiras leituras são votos contra a sexta, e portanto a votação é 49:28. No entanto, 15 dos 28 são do mosteiro M. Lavras (Monte Atos), o que provavelmente indica uma influência comum. A votação para a sexta leitura provavelmente deveria ser reduzida, tornando a vantagem da primeira leitura ainda mais forte (se os 15 representassem 5 exemplares, a votação seria 49:18). A leitura do arquétipo é a primeira, εις αντιοχειαν. Dentro do contexto, “para Jerusalém” não faz sentido. Para uma discussão completa, consulte meu artigo, “Aonde colocar uma ‘vírgula’ – Atos 12.25”.

14.10—ηλλατο 35^c || ηλατο 35,328,386,394,444,801,928,986,1058,1247,1249,1482,1508,1548,1746,1749,1855^c,1856,2255,2431,2441,2587 {634,1748,1752,2704}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 25 têm a variante, o que equivale a 32,5%. A primeira leitura é presumivelmente uma forma incomum do 1º aoristo que alguns 'corrigiram' tornando-o imperfeito (como em HF, RP e TR), enquanto outros excluíram o λ 'extra', produzindo a forma normal do 1º aoristo (como em OC e NU). Se tivermos grafias alternativas do primeiro aoristo, então não há diferença no significado ou na tradução. É previsível que alguns copistas mudassem uma forma incomum para uma forma esperada, mas quem mudaria a forma esperada para uma forma incomum? Por que? De qualquer forma, a atestação de 32,5% não é suficiente para justificar uma alteração. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.17—υμιν || ημιν 328,386,394,604,801,928,986,1140,1247,1249,1482,1508,1652,1723,1732,1746,1749,1855,1856,1892,1897,2080,2218,2255,2441 {432,634,1101,1737,1763,1768,2653}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 32 têm a variante, o que equivale a 41%. É ‘dando-vos chuva do céu’ ou ‘dando-nos chuva do céu’? Dentro do contexto, o ‘sermão’ extemporâneo em Listra, não faz diferença; o ‘nos’ seria inclusivo, incluindo os ouvintes. Dito isto, a atestação de 41% não é suficiente para

justificar uma mudança. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.26—ανεθη || ανειθη 328,394,928,986,1058,1249,1482,1723,1746,1749,1855,1856,2255,2352,2431,2441,2587 {664,1752,1763,1768,2289¹,2704}

Dos 88 MSS, faltam 9, e portanto, dos 79 MSS conhecidos (dentro da família), 23 têm a variante, o que equivale a 29,1%. Temos grafias alternativas para o aoristo passivo, de sorte que são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer uma das opções não afeta o significado nem a tradução, mas com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata viável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.4—εξ αυτων επεισθησαν || ~312 328,394,928,1247,1249,1508,1723,1749,1856,2431 {664,1748,2289}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 16,67%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 16,67% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.25—διδους πασιν ζωνη και πνονη || ~21543 394,928,1247,1249,1508,1723,1749,1856,2431 {1748,2289}

Dos 88 MSS, 11 estão faltando, então dos 77 MSS conhecidos (dentro da família) 11 têm a variante, o que equivale a 14,3%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 14,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

18.17—εμελλεν 1652^c || εμελεν 18,141^c,149,201,386,394,444,604,757,928,1040,1058,1072,1075^c,1100,1247,1248,1249^c,1482,1503,1548,1619,1628,1636,1652,1656^c,1723,1740,1761,1855,1864,2218,2255,2352,2554^c,2587 {634,1101,1737,1754^s,2221}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 36 têm a variante, o que equivale a 46,75%. Aqui temos verbos diferentes, embora a diferença seja de apenas uma letra. O verbo é μελλω ou μελω? No primeiro caso, o significado não é comum e poderia facilmente dar origem ao segundo; a mudança inversa seria improvável. Render: 'Nada disso foi um atraso para Gálio'; Gálio está no caso dativo. Seu nome deverá estar no caso nominativo, se for considerado sujeito do verbo. Gálio provavelmente se considerava um homem ocupado e não gostou da interrupção; ele não estava disposto a permitir-se mais atrasos. Em Atos 22.16 o mesmo verbo tem o sentido de "atrasar". Tendo em conta todas as considerações relevantes, a atestação de 46,75% não é suficiente para justificar uma alteração. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.34—επιγνοντες 35^c,1249^c || επιγνοντων 35,328,394,604,928,986,1247,1249,1482,1723,1749,1855,1856,2080,2255 {432,2289}

Dos 88 MSS, 11 estão faltando, então dos 77 MSS conhecidos (dentro da família) 17 têm a variante, o que equivale a 22%. O caso é nominativo ou genitivo? No contexto, o nominativo está gramaticalmente correto. De qualquer forma, com apenas 22% de atestação,

¹ 2289 tem 15.36 – 28.31.

a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

20.3—γνωμη || γνωμης 328,394,928,986,1058,1247,1249,1482,1749,1856,2255 {1752,1763,1766,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 19,2%. O caso é nominativo ou genitivo? Sendo sujeito do verbo, o nominativo está correto. De qualquer forma, com apenas 19,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

20.9—απο || υπο 328,394,1140,1247,1249^c,1725,1732,1749,1761,1856,1897 {432,1766,2289}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 16,7%. Ambas as preposições funcionam com o caso genitivo e ambas podem significar 'por'. A segunda é mais comum nessa função, o que provavelmente explica a mudança. De qualquer forma, com apenas 16,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

22.20—στεφανου του μαρτυρος σου || ~2341 328,394,928,1247,1249,1508,1723,1749,2441 {664,2289,2653}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 15,4%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 15,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

23.24—φηλικα 35^c || φιληκα 35,328,394,604,757,928,1040,1058,1072,1247,1248,1249,1482,1503,1508,1548,1617,1619,1636,1637,1652,1723,1740,1746,1749,1761,1855^c,1892,2218,2255,2352,2431,2441,2587 {432,664,1618,1737,1745^a,1748,1752,1754^s,1763,1768,2289,2653,2704,2777²}

Dos 88 MSS, faltam 7, e portanto, dos 81 MSS conhecidos (dentro da família), 47 têm a variante, o que equivale a 58%. Estamos lidando com grafias alternativas de um nome próprio, um nome que ocorre nove vezes com divisão nos capítulos 23-25. Esta discussão servirá para todos as nove. A atestação varia entre 47 e 41. A primeira leitura é atestada pelos códices B e Aleph, e P⁴⁸, o que indica que a grafia não é uma invenção tardia. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Dito isto, porém, devemos escolher uma para imprimir no Texto. Quase todos os textos gregos e as traduções têm 'Felix', então essa é a grafia aceita. A maioria dos melhores representantes da família atestam a primeira grafia. Não vejo razão adequada para inovar uma nova ortografia. Concluo que a primeira grafia reproduz o arquétipo.

23.27—των || --- 328,394,1247,1249,1508,1723,1749,2441 {664,2289}

Dos 88 MSS, faltam 7, e portanto, dos 81 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 12,3%. No contexto, a omissão do artigo não faria muita diferença, mas com apenas 12,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

¹ 1745 tem 23.8 – 24.22, 25.18 – 28.31.

² 2777 tem 20.19 – 21.21, 23.6 – 25.22, 26.7 – 28.31.

25.11—το 141^c || του 141,801,1617,1723,1876,2255,2261,2441 {1752,1767,2626,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 15,4%. Ambas as formas são possíveis e a tradução será a mesma em ambos os casos, mas com apenas 15,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

26.3—ζητηματων || 1 επισταμενος 328,394,928,986,1247,1249,1482,1508,1723,1749,1855^c,2255,2441 {664,2289}

Dos 88 MSS, faltam 8, e portanto, dos 80 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 17,5%. A adição do particípio é inofensiva, mas com apenas 17,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

26.29—ευξαιμην || ευξαμην 18,35,386,1058,1100,1247,1865,2466,2587,2723 {634,1101,1733,1752,2691,2704}

Dos 88 MSS, 6 estão faltando, então dos 82 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 19,5%. A modalidade é optativa ou indicativa? Dentro do contexto, a optativa é melhor, mas de qualquer forma, com apenas 19,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

27.2—ατραμυτινω || ατραμμυτινω 328,394,928,986,1058,1247,1249,1482,1508,1548,1749,1855,1856,2255,2587 {664,1752}

Dos 88 MSS, faltam 6, e portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 20,7%. Estamos lidando com grafias alternativas de um nome próprio (existem várias outras grafias). Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Com apenas 20,7% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.14—εις την ρωμην ηλθομεν || ~4123 328,394,928,1247,1249,1508,1723,1749,1856,2441 {664,2289,(2626),2777}

Dos 88 MSS, 6 estão faltando, então dos 82 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 17%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com 17% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.22—παρα σου ακουσαι || ~312 328,394,444,604,928,1247,1249,1508,1723,1740,1749,1856,2261,2441,2466 {432,664,1768,2289}

Dos 88 MSS, faltam 6, e portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 23,2%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com 23,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.25—ημων || υμων 444,1075,1248,1503,1652,1740,1746,2261,2352,2431 {1618,1745,1748,1754^s,2777}

Dos 88 MSS, 6 estão faltando, então dos 82 MSS conhecidos (dentro da família) 15 têm a variante, o que equivale a 18,3%. Dentro do contexto, qualquer um dos pronomes faz

sentido, mas com 18,3% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.27— $\iota\alpha\sigma\omega\mu\alpha\iota$ || $\iota\alpha\sigma\omega\mu\alpha\iota$ 141,1058,1075,2218,2261,2303,2378,2554 {1763,2221}

Dos 88 MSS, faltam 6, e portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 12,2%. O verbo é aoristo subjuntivo ou futuro indicativo? Há uma ligeira diferença de significado, mas com 12,2% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos vinte e nove locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Atos, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Além da divisão no versículo 11, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo o versículo 11, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 33 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 19. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Além da divisão no versículo 1, nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Incluindo o versículo 1, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que um MS (mas este capítulo é muito curto). Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 50 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11 (que nos dá todos os 61 MSS). Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (e ele é muito longo), e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 40 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Além da divisão no versículo 7, nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Incluindo o versículo 7, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. (E se ignorarmos a divisão, já que é apenas uma grafia alternativa, adicionaremos ainda mais.) Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Além das divisões nos versículos 3 e 30, que são paralelas, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo os versículos 3 e 30, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Além das divisões nos versículos 9 e 26, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo os versículos 9 e 26, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Além das divisões nos versículos 4 e 25, nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Incluindo os versículos 4 e 25, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), somente 9 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (devido à fragmentação no verso 25). Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Além das divisões nos versículos 10 e 17, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo os versículos 10 e 17, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase),

25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Além da divisão no versículo 26, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo o versículo 26, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Além das divisões nos versículos 4 e 25, nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Incluindo os versículos 4 e 25, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Além da divisão no versículo 17, nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Incluindo o versículo 17, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Além da divisão no versículo 34, nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Incluindo o versículo 34, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Além das divisões nos versículos 3 e 9, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo os versículos 3 e 9, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Além da divisão no versículo 20, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo o versículo 20, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados

provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Capítulo 23: Além das divisões nos versículos 24, 26 e 27, nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Incluindo os versículos 24, 26 e 27, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-três.

Capítulo 24: Além das seis divisões ortográficas paralelas, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo essas seis divisões, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-quatro.

Capítulo 25: Além das divisões nos versículos 11 e 14, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo os versículos 11 e 14, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-cinco.

Capítulo 26: Além das divisões nos versículos 3 e 29, nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Incluindo os versículos 3 e 29, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-seis.

Capítulo 27: Além da divisão no versículo 2, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo o versículo 2, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-sete.

Capítulo 28: Além das divisões nos versículos 14, 22, 25 e 29, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo os versículos 14, 22, 25 e 29, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-oito.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Atos, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Romanos – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta e nove MSS representativos – 18, 35, 141, 201, 204, 386, 394, 757, 824, 928, 986, 1040, 1072, 1075, 1100, 1249, 1482, 1503, 1548, 1637, 1652, 1704, 1725, 1732, 1733, 1761, 1855, 1856, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos doze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 39, verifiquei os seguintes 60 MSS: 110, 149, 328, 432, 522, 604, 634, 664, 801, 913, 959, 986, 1058, 1247, 1248, 1508, 1610, 1617, 1618, 1628, 1636, 1656, 1726, 1737, 1740, 1743, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1754, 1763, 1767, 1768, 1830, 1867, 1929, 1948, 1950, 1958, 2009, 2102, 2194, 2218, 2221, 2255, 2261, 2288, 2289, 2352, 2374, 2378, 2431, 2501, 2626, 2691, 2704, 2774, 2777.

Esses 99 MSS representam o total de representantes da família disponíveis atualmente. Negligenciei outros seis que eram difíceis de ler.¹ Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que o quadro baseado nos 39 MSS totalmente cotejados permanece o mesmo após a adição dos 60 MSS verificados individualmente, com exceção do último conjunto de variantes. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.32—πρασσουσιν || πραττουσιν 201,757,824,986,1040,1072,1075,1503,1637,1652,1864,1892 {149, 432,522,604,986,1248,1617,1618,1628,1636,1656,1737,1740,1743, 1745,1746,1748,1756,1768,1948,1958,2009,2102,2218,2352,2431,2777}

Dos 99 MSS, falta um, e portanto, dos 98 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 39,8%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Essa diferença ortográfica é quase propriedade exclusiva da Família 35; fora da família, quase todos os MSS apresentam a primeira forma. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.5—του || --- 201,757,824,986,1072,1075,1503,1548,1637,1652,1864,1892 {149,432,522,604,913,986,1508^c,1610, 1617,1618,1628,1636,1656,1740,1745,1746,1748,1754,1768,1830,1929,1948,1958,2288,2352,2431, 2777}

Dos 99 MSS conhecidos, falta um, e portanto, dos 98 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 39,8%. Dentro do contexto, a omissão do artigo não afeta o significado. Esta omissão é propriedade quase exclusiva da Família 35; fora da família, quase todos os MSS têm o artigo.² A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.7—αφεθησαν || αφειθησαν 201,394,928,986,1040,1249,1482,1548,1704^c,1855,1856,2587 {149,328,432, 522,604,664,959^c,986,1058,1247,1508,1617^{alt},1743,1746^c,1749,1752,1763, 1768,1929,1948,1950,1958,2009,2255,2261,2288,2289,2374,2704,2777}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 38 têm a variante, o que equivale a 38,8%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.8—πιστευομεν 141^c,1761^c || πιστευομεν 35^c,141,204,394,928^{alt},1482^{alt},1732^{alt},1761,1855^{alt},1856^{alt},1858, 1865^{alt},1876,1897,2080^c,2587,2723^{alt} {328,664,1508,1726,1749, 1767,1950,2255,2261,2289,2378,2626}

¹ 228, 1161, 1400, 1899, 1913, 2675.

² Observe que as listas desses dois primeiros conjuntos de variantes são quase idênticas; evidentemente temos um subgrupo de algum tamanho. Dado que os melhores representantes estão geralmente do outro lado, o subgrupo continua a ser um subgrupo.

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 20,2%. A diferença de uma letra muda o modo, do Indicativo para o Subjuntivo, o que provoca uma ligeira diferença na tradução. Mas com apenas 20% de a variante não é uma candidata crível, em qualquer caso. Essa diferença ortográfica é quase propriedade exclusiva da Família 35; fora da família, quase todos os MSS apresentam a primeira forma. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.13— $\alpha\lambda\lambda\alpha$ || $\alpha\lambda\lambda$ 204,394,1249,1482,1725,1732,1761,1855,1856,1858,1876,1897,2080,2554,2587 {110,328,664,801,913,959,1058,1247,1508,1636,1726,1749,1752,1830,1929,1950,2102,2221,2255,2261,2288,2289,2378,2501,2626,2691,2704,2774}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 43 têm a variante, o que equivale a 43,9%. Esta é apenas uma mudança fonológica causada pela vogal seguinte. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Os 44% não são suficientes para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.3— $\epsilon\upsilon\chi\omicron\mu\eta\nu$ || $\eta\upsilon\chi\omicron\mu\eta\nu$ 201,757,824,986,1040,1072,1075,1503,1637,1652,1864,1892 {149,522,664,913,986,1248,1610,1617,1618,1628,1636,1656,1737,1740,1745,1746,1748^v,1754,1830,1929,1948,1950,1958,2009,2102,2218,2352,2431,2777}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 41 apresentam a variante, o que equivale a 41,4%. Temos o mesmo subgrupo dos dois primeiros conjuntos. Estamos vendo formas alternativas, ou grafias alternativas, do imperfeito de $\epsilon\upsilon\chi\omicron\mu\alpha\iota$; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 41% de atestação, ainda mais por se tratar de um subgrupo, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.10— $\sigma\upsilon\gamma\kappa\alpha\mu\psi\omicron\nu$ 141^c,1892^c || $\sigma\upsilon\gamma\kappa\alpha\psi\omicron\nu$ 141,1072,1856,1876,1892,2466 {328,432,522,604,801,913,1247,1610,1628,1656,1746,1749,1763,1768,1830,1950,1958,2009,2194,2218,2261,2289,2352,2374,2378,2431,2501,2626,2691,2774}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 36 têm a variante, o que equivale a 36,7%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.24— $\sigma\pi\alpha\nu\iota\alpha\nu$ || $\iota\sigma\pi\alpha\nu\iota\alpha\nu$ 18^c,35,394,928,1249,1482,1548,1855^c,1856,2587 {328,432,522,604,664,913,959,1058,1247,1610,1749,1752,1754,1763,1767,1768,1830,1867,1929,1950,1958^c,2102,2194,2255,2288,2289,2704}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 34 têm a variante, o que equivale a 34,3%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.28— $\sigma\pi\alpha\nu\iota\alpha\nu$ || $\iota\sigma\pi\alpha\nu\iota\alpha\nu$ 394,928,1249,1482,1548,1855^c,1856,1892^c,2587 {328,432,522,604,664,(913),959,1058,(1610),1749,1752,1754,1763,1767,1768,1830,1929,1950,1958^c,2102,2194,2255,2288,2289,2704}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 31 têm a variante, o que equivale a 31,6%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são

afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.6—υμας || ημας 394,1732,1761,1892 {110,328,432,604,664,913,1248,1508,1610,1617,1618,1726,1740,1743,1745,1754,1763,1768,1830,1929,2102^c,2194,2218,2261,2288,2289,2352,2374^c,2501,2774,2777}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 33 têm a variante, o que equivale a 33,7%. A mudança de uma letra altera o pronome; é 'vós' ou 'nós'? Dentro do contexto, faz pouca diferença. A forte atestação da primeira pessoa fora da família pode ter influenciado alguns copistas, ainda mais porque a segunda pessoa seria inesperada. De qualquer forma, a atestação de 34% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.19—εινοι 1249^c || --- 201,394,928,1249,1856 {149,328,522,959,1656,1749,1948,1958,2009}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 14,1%. Dentro do contexto, a omissão do verbo não afeta o significado. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 14% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.24—ημων || υμων 18,386,757,824,986,1040,1072,1075,1100,1503,1637,1652,1856,1864,1892, 2554^c {110,328,432,522,604,634,664,801,986,1058,1247,1248,1508,1617,1618,1628,1636,1656,1737,1740,1743,1745,1746,1748,1754,1763,1768,1867,2218,2221,2288,2352,2374,2431,2626,2691,2777}

Dos 99 MSS, falta um, e portanto, dos 98 MSS conhecidos (dentro da família), 52 têm a variante, o que equivale a 53%. Sem os MSS verificados individualmente, a variante tem 38,5%; isso ocorre porque a maioria dos melhores MSS já foram cotejados. O pronome na primeira pessoa é propriedade privada da Família 35; quase todos os MSS fora da família têm a segunda pessoa, e foi assim que Paulo terminou todas as suas cartas, exceto Efésios e 1 Timóteo. Romanos é a única carta onde o secretário de Paulo (Tércio) acrescenta suas próprias saudações no final. Tércio certamente escreveu os versículos 22 e 23 por conta própria, e não vejo razão para duvidar que ele tenha feito o mesmo com o versículo 24. Nesse caso, a primeira pessoa é especialmente apropriada, vinda de Tércio. Mas a primeira pessoa é inesperada, e os copistas escreveriam o pronome habitual sem pensar. Se o original fosse a segunda pessoa, quem o mudaria para a primeira pessoa? Essa mudança não é bastante improvável? Observe também que o subgrupo que causou as divisões em 1.32, 2.5 e 9.3 é o fator dominante aqui em 16.24; sem ele a variante cairia abaixo de 20%. Porém, dentro do contexto, a escolha entre os dois pronomes faz pouca ou nenhuma diferença. Em suma, parece-me que a única maneira de explicar a primeira pessoa é tomá-la como a forma arquetípica. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos doze lugares onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 39. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Romanos, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões

acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas (sete das doze) e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 34 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Romanos, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Coríntios – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta-e-quatro MSS representativos – 18, 35, 141, 201, 204, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1249, 1503, 1548, 1637, 1761, 1855, 1864, 1865, 1892, 1897, 2080, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2723 e 2817.

Nos quatorze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 54 MSS: 149, 328, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1248, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1725, 1726, 1732, 1733,

1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, 1958, 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, (2501), 2626, 2691, 2704, 2774, 2777.

Esses 88 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Alguns representantes a mais da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que o quadro baseado nos 34 MSS totalmente cotejados permanece o mesmo após a adição dos 54 MSS verificados individualmente. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.13—υμων 1865^{alt} || ημων 141,757,824,1072,1637^{alt},1864,1865,1892,2080,2431,2466,2723 {634,801^c,959,1508,1656,1704,1725,1726,1732,1733,1748,1752,1858,2261,2378,2626,2774}

Dos 88 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 27 têm a variante, o que equivale a 30,7%. A segunda pessoa é claramente melhor, mas a primeira é possível. No contexto, a mudança faz pouca diferença (pode ter resultado de ditografia). Em qualquer caso, a atestação de 31% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.28—αγενη || αγεννη 394,604,928,1249,1548,1855,2587 {328,432,664,959,1058,1482,1749,1752,1768,1856,2255^c,2289,2704}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 22,1%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Além disso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.4—πειθοις || πειθοι 18,141,204,386 {432,634,801,1704,1725,1732,1768,1858,2691}

Dos 88 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 84 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 15,5%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Além disso, com apenas 15,5% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.2—ηδυνασθε || εδυνασθε 201,604,757,824,986,1072,1075,1503,1637,1864,1892,2352,2431,2817 {149,432,(522),959,1040,1248,1617,1618,1628,1636,1652,1656,1737,1740,1745,1746,1748,1763,1768,1948,1958,2009,2218,2777}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 38 têm a variante, o que equivale a 43,7%. Estas são grafias alternativas do imperfeito médio/passivo, e uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Além disso, a primeira forma é Ática e, em anos posteriores, seria naturalmente alterada para Koinê, mas não o contrário.

¹ 228, 1161, 1913, 2675. De passagem, deixo uma observação a todos que seguirem meus passos. No corpo paulino, a massa bizantina tende a ser mais “conservadora” do que em Atos e nas Cartas Gerais, os MSS se desviam menos do núcleo da Família 35. Pode ser difícil traçar a linha entre ‘f³⁵’ e ‘não-f³⁵’; um bom número de MSS está à margem (e não os incluo na lista da família).

Embora uma atestação de 43,7% seja certamente significativa, a variante não é uma candidata crível, uma vez que pode ser explicada fonologicamente. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.6—μη || --- 604,986,1075,1548,1637,1855,1892,2080,2352,2431 {432,664,1040,1248,1618,1636,1652,1704,1725,1737,1740,1745,1746,1748,1752,1763,1768,1899,2218,2255,2289,2501,2704,2777}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 34 têm a variante, o que equivale a 39,1%. A partícula negativa é repetida para dar ênfase; omitir a repetição não altera o significado básico, nem a tradução. Além disso, a partícula é geralmente atestada pelos melhores representantes. Embora uma atestação de 39,1% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.11—νυνι || νυν 394,928,1249,1855 {328,959,1482,1508,1749,1856,2255,2289}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 13,8%. Temos grafias alternativas do mesmo advérbio, sendo a primeira mais enfática. Uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Mas em qualquer caso, com apenas 14% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.5—διακριναι || ανακριναι 18,35,201,204,1249,1892,2466,2587,2723 {432,522,801,1876,2261,2501,2626,2691,2774}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 18 têm a variante, o que equivale a 20,1%. Embora os verbos sejam diferentes, no contexto funcionam como sinônimos virtuais, resultando na mesma tradução. Mas em qualquer caso, com apenas 20% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.13—ητις || ει τις 201,757,824,1072,1503,1637^c,1864,1892,2352,2431 {149,664,1248,1617,1618,1628,1636,1652,1656,1740,1745,1746,1748,1948,1958^v,2009,2626,2777}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 27 têm a variante, o que equivale a 31%. A variante é uma repetição da redação com o homem: ‘se algum irmão tiver’ → ‘se alguma mulher tiver’; em vez de “uma mulher que tem”. São duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, a atestação de 31% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.17—ει 928^c || η 394,928,1548,1855,2080,2466,2587 {328,664,1058,1482,1508,1726^m,1732^{alt},1733^{alt},1752,1763,1856,1858,2289,2378,2501,2704^{alt}}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 22,1%. A partícula pode ser resultado de ditografia, que ao se tornar exemplar foi fielmente copiada. No contexto, o versículo 17 parece tratar de situações não abordadas no contexto anterior. Seja ει μη ou η μη, a tradução deve ser ‘caso contrário’, ou algo do tipo. Mas em qualquer caso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.9—άλωωντα || αλωωντα 35^c,386,394,928,1249,1637^c,1761,1855,2587 (1864,2554 são ambíguos, mas são aspirados no próximo exemplo) {328,634,959,1040,1058,1482,1617,1652,1656,1726,1740,1745,1746,1748,1749,1752,1763,1767,1876,2221,2255,2691,2704,2774}

Dos 88 MSS, dois são ambíguos e um é ilegível, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 31 têm a variante, o que equivale a 36,5%. As marcas de aspiração podem ser

bastante ambíguas, se não forem escritas com cuidado. Neste caso, estamos vendo formas alternativas ou grafias alternativas; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer escolha não afeta o significado nem a tradução. A atestação de 36,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.10—ἀλοων || αλοων 35^c,386,394,928,1249,1637^c,1761,1855,2587 {328,634,959,1040,1058,1400,1482,1617,1652,1656,1740,1745,1746,1748,1749,1752,1763,1767,2221,2255,2626,2704,2774}

Dos 88 MSS, um é ilegível, portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 30 têm a variante, o que equivale a 34,5%. As marcas de aspiração podem ser bastante ambíguas, se não forem escritas com cuidado. Neste caso, estamos vendo formas alternativas ou grafias alternativas; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer escolha não afeta o significado nem a tradução. A atestação de 34,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.13—θεω || κυριω 394,928,1249,1855 {328,1482,1508,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 88 MSS, faltam três, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 14,1%. No contexto, as duas palavras referem-se à mesma Pessoa. Mas, em qualquer caso, com apenas 14% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.3—καυθησομαι || καυθισωμαι 386,604,1548,1637,2080 {432,634,664,801,1508,1617,1618,1737,1748,1763,1768,2218,2289^c,2626,2691,2777}

Dos 88 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 22,7%. O verbo futuro passivo é indicativo ou futuro passivo subjuntivo? Como o grego normalmente não tem futuro no subjuntivo, a variante é improvável, para dizer o mínimo! Visto que a conjunção *hina* normalmente leva o Subjuntivo, embora o Indicativo não seja raro, os copistas aparentemente fizeram a mudança sem pensar. Mas, em qualquer caso, com apenas 23% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.2—ευοδουται || ευοδωται 394,928,1249,1548,1855,1865,2080,2587,2723,2817 {328,664,801,959,1058,1482,1508,1726,1746,1749,1752,1763,1767^{alt},1856,1876,1899,2255,2289,2378,2626,2691,2704,2774}

Dos 88 MSS, faltam três, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 32 têm a variante, o que equivale a 36,4%. O verbo é indicativo ou subjuntivo? É ‘conforme ele está sendo prosperado’ ou ‘conforme ele seja prosperado’? No contexto o Indicativo é melhor, mas o Subjuntivo é possível; a diferença de significado é pequena. Embora uma atestação de 36,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos quatorze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 1 Coríntios, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Existem dois subgrupos, ambos os quais entraram em jogo neste capítulo. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1 (outra vez os dois subgrupos). Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 1 Coríntios, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Coríntios – forma final

Esta seção é baseada em um cotejo completo dos seguintes trinta e seis MSS representativos – 18, 35, 141, 201, 204, 328, 386, 432, 444, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1249, 1482, 1503, 1548, 1617, 1637, 1652, 1725, 1740, 1855, 1864, 1865, 1892, 1897, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos dezoito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 55 MSS: 149, 394, 522, 604, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1248, 1400, 1508, 1618, 1628, 1636, 1656, 1704, 1723, 1726, 1732, 1733, 1737, 1745,

1746, 1748, 1749, 1752, 1761, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, 1958, 2009, 2080, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, (2501), 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 91 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Com uma exceção, apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.17—βουλευομενος 1548^c || βουλομενος 201,204,824,1548,1725,1897 {149,522,664,801,959,1247, 1704,1752,1761,1858,1948,1958,2009,2261,2378,2501,2691,2704}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 27%. Os verbos são diferentes, mas são sinônimos virtuais. No contexto a mudança faz pouca diferença, a tradução pode ser a mesma. Em qualquer caso, a atestação de 27% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.20—το 1617^c,1637^c,1864^c,2723^c || τω 35^c,204,328,928,1249,1482,1548,1617,1637,1725,1855,1864,1897,2466^c, 2587,2723 {394,522^{c1x},664,801,959,1058,1247,1508,1618,1704,1723,1726, 1749,1752,1856^{c1x},1858,1876,1899,1948^{1x},2080,2255,2261,2289,2378,(2501), 2626,2691,2704,2774^{c1x},2777}

Dos 91 MSS, faltam três, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 40 têm a variante, o que equivale a 45,5%. Este é complicado. Tratei do “sim” e do “amém” como uma única unidade de variação, uma vez que quase todos os MSS são iguais para ambos. Contudo, há nada menos que onze correções (quase igualmente divididas) e dois MSS dividiram os seus votos. Mas o que aconteceu aqui? A gramática pede o nominativo, em vez do dativo, mas a tradução será a mesma. Porém, em ambos os casos o pronome imediatamente anterior é dativo, o que teria exercido atração. Além disso, se o monge não estivesse prestando atenção ao significado, ele poderia fazer o caso concordar, como uma ação reflexa. Nenhuma dessas observações explicaria o nominativo, se o original fosse o dativo. Além disso, o dativo é propriedade quase exclusiva da lasca f³⁵; todos os MSS antigos (que existem aqui) e quase todos os outros MSS têm o nominativo. Embora uma atestação de 45,5% seja certamente significativa, tudo considerado não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.6—επιτιμια || επιτιμησις 328,928,1249,1482,1855 {394,959,1247,1508,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 16,9%. São sinônimos, duas maneiras de dizer a mesma coisa. No entanto, com apenas 16,9% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.14—ει || --- 986,1503,1637,1892 {1040,1247,1618,1737,1746,1748,1749,2218,2777}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 14,3%. A conjunção faz mais sentido no contexto, mas

¹ 228, 1161, 1913, 2675.

a variante é possível. Mas de qualquer forma, com apenas 14,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.20—δεομεθα || 1 ουν 328,928,1249,1482,1855 {394,664,959,1247,1508,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 16 têm a variante, o que equivale a 17,6%. A conjunção simplesmente não é necessária; pode até atrapalhar. Mas, em qualquer caso, com apenas 17,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.12a—υμων || ημων 328,432,1482^{alt},1503,1548,1725,1855^c,2466^c {604,664,959,1040,1058^{alt},1247,1704,1723,1732^{alt},1752,1761,1763,1768,1856^c,1858,1876,1899,2080,2255^c,2261,2289,2626,2704}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 26,4%. Este caso funciona em conjunto com o próximo. Será “vosso verdadeiro compromisso conosco pode ficar claro para vocês”, ou “nosso verdadeiro compromisso com vocês pode ficar claro para vocês”? A alternativa parece ser a mais provável ou esperada, presumivelmente motivo suficiente para a mudança, mas a leitura da maioria ajusta-se melhor ao contexto. Dito isto, temos dois significados diferentes, mas no contexto mais amplo a diferença não é séria. Mas, em qualquer caso, com apenas 26,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.12b—ημων || υμων 204,328,432,928^c,1482^{alt},1548,1725,1855^c,1897,2466,2587^c {604,664,801,959,1040,1058^{alt},1247,1704,1723,1732^{alt},1752,1761,1763,1768,1858,1876,1899,2080,2255,2261,2289,2501,2626,2691,2704}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 30 têm a variante, o que equivale a 33%. Veja a discussão acima. Por que aumentou a atestação da variante? Seja qual for a resposta, uma vez que este caso funciona em conjunto com o anterior, a atestação de 33% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.12c—υμας 928^c,1855^c,2587^c || ημας 386,928,1249,1482^{alt},1855,2587 {664^v,801,1058,1856,2691}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 11%. A confusão aqui pode ter repercutido nos dois casos anteriores. Mas, em qualquer caso, com apenas 11% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.9—ημας 18,35,141,204,386,444,928,986,1100^v,1249,1482,1855,1865,2466,2554,2587,2723 {394,522,634,664,801,1400,1508,1732,1733,1737,1767,1856,1876,2080,2218,2221,2255,2261,2289,2626,2653,2691,2774}

υμας 35^c,201,328,432,444^c,757,824,928^c,1072,1075,1503,1548,1617,1637,1652,1725,1740,1855^c,1864,1892,1897,2352,2431,2587^c {149,394^{alt},604,801^c,959,1040,1247,1248,1618,1628,1636,1656,1704,1723,1726,1732^{alt},1745,1746^v,1748,1749,1752,1761,1763,1768,1856^c,1858,1899,1948,1958,2009,2378,2501,2704,2777,2817}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 50 têm a variante, o que equivale a 55,6%. Este é difícil. ‘Para o vosso bem’ concorda com o complemento; “para o nosso bem” é mais inclusivo; ambos são verdadeiros. Como a segunda pessoa concorda com o complemento, isso é esperado, então se a segunda pessoa fosse original, por que alguém mudaria para a primeira pessoa? Então, de onde veio a primeira pessoa? Os melhores representantes geralmente têm a primeira pessoa. Além disso, temos uma circunstância curiosa: 28 dos MSS tendo a segunda pessoa formam o segundo subgrupo identificado em 1 Pedro, e cerca de metade deles vem de um único mosteiro, M. Lavras. 28 é mais da metade de 50. Num ponto anterior da história da transmissão da

família, a segunda pessoa era provavelmente a variante minoritária. A diferença é pequena, mas a primeira pessoa inclui a outra, mas não o contrário. Embora haja dúvidas, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo.

8.15—ο || --- 18,201,1100,1725,2431 {149,522,959,1248,1508,1704,1737,1763,1948,1958,2009,2218,2255,2289,2653}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 22%. Temos duas orações paralelas em uma frase composta; omitir o artigo paralelo não altera o significado básico, nem a tradução. Mas o artigo não é omitido; com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.20—ημας || υμας 141,201,757,824,1072,1075,1503,1637,1652,1864,2352 {149,522,1618,1628,1636,1656,1737,1745,1746,1748,1763,1948,1958,2009,2218,2653,2777}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 28 têm a variante, o que equivale a 30,8%. No contexto, a primeira pessoa é claramente melhor, mas a segunda pessoa é possível. De qualquer forma, com apenas 30,8% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.24—εις αυτους 1249^m,(2431) || --- 328,928,1249,1482,1855 {394,959,1247,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, falta um, então dos 90 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 15,6%. A omissão da frase é claramente inferior no contexto, pois faria com que os coríntios representassem as congregações estrangeiras. Mas de qualquer forma, com apenas 15,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.4—συν εμοι 1249^m || --- 328,928,1249,1482,1855 {394,959,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, falta um, então dos 90 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 14,4%. A omissão da frase é inferior no contexto, embora não afete o significado básico. Mas de qualquer forma, com apenas 14,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.10—γενηματα || γεννηματα 328,386,432,444,928,1249,1482,1548,1725,1855,2554^c,2587 {394,604,634,959,1058,1247,1508,1704,1723,1732,1749,1752,1768,1856,1858,2221,2255,2289,2704}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 30 têm a variante, o que equivale a 33,3%. Os substantivos são diferentes, o primeiro referindo-se à produção vegetal e o segundo à prole animal; se o segundo for usado para plantas, é um significado secundário. O primeiro também é usado para designar o resultado de esforço ou valor, como aqui. A tradução é a mesma em qualquer caso; mas como a retidão é valor em ação, o primeiro substantivo é mais apropriado. A atestação de 33,3% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.7—εαυτον || εμαυτον 141,328,386,432,444,1249,1482,1725,1855,2554^c {394,604,959,1058^c,1247,1508,1704,1723,1749,1768,1856,1858,1899,1958^c,2221,2289,2817}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 25 têm a variante, o que equivale a 27,5%. É “humilhar-se” ou “humilhar-me”? A segunda é mais direta, mas são duas maneiras de dizer a mesma coisa. A atestação de 27,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.16—με δοξη || ~ 21 328,432,928,1249 {394,604,959,1247,1508,1723,1749,1768,1856,1899,2289}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 16,5%. Em grego, uma mudança na ordem das palavras muitas vezes faz pouca ou nenhuma diferença no significado, como aqui; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, com apenas 16,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.1—δη || δει 141,1892,2431,2723 {801,1737,1763,1767,2255,2653,2691,2774}

Dos 91 MSS, falta um, então dos 90 MSS conhecidos (dentro da família) 12 têm a variante, o que equivale a 13,3%. É uma partícula ou um verbo impessoal? Ambas fazem sentido, mas com apenas 13,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.3—δυνατει || δυνατοι 141,432,1249,1617 {604,1704,1737,1763,1768,2218,2653,2704,2774}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 14,6%. É um verbo ou um adjetivo? No contexto, o sujeito do verbo é singular, mas o adjetivo é plural. O adjetivo seria possível se fosse singular, mas não plural. Mas de qualquer forma, com apenas 14,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos dezoito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de 2 Coríntios, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatorze MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS

ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que 19 MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 9 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Coríntios, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para Gálatas – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1617, 1637, 1725, 1732, 1761, 1855, 1864, 1865, 1892, 2080, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2723 e 2817.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 52 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas individualmente. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.8—ευαγγελιζεται || ευαγγελιζεται 757,824,986,1072,1503,1617,1855,1864,2352,2431 {141,522,664,1628,1737,1748,1876,2255,2289,2501,2774,2777}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 24,7%. O verbo é subjuntivo ou indicativo? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas a atestação de 24,7% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.19—ω || ο 201,1503,1855,2431 {141,149,522,634,1508,1704,1748,1763,1899,1948,1958,2009,2255}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,1%. É ‘a quem foi prometido’ ou ‘que foi prometido’? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 19,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.26—ιησου || --- 328,394,928,1249 {959,1247,1749,1856,2289}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10,1%. É ‘fé em Cristo Jesus’ ou ‘fé em Cristo’? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 10,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

¹ 228, 1161, 1913, 2675.

4.7—δια 394^c || 1 ησου 394,1248,1732,2080 {1636,1704,1726,1740,1746,1899,2218,2221,2653, 2774}

Dos 89 MSS, falta um, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 15,9%. É “através de Cristo” ou “através de Jesus Cristo”? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 15,9% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.26—γνωμεθα || γενωμεθα 18,1548,1732,1761,1892 {141,959,1508,1618,1737,1746,1763,1767,1899, 2218,2501,2653,2691,2704,2774,2777}

Dos 89 MSS, faltam dois, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 24,1%. O verbo está no presente ou aoristo? No contexto, são praticamente duas maneiras de dizer a mesma coisa. De qualquer forma, a atestação de 24,1% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Gálatas, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Gálatas, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Efésios – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1617, 1637, 1725, 1732, 1761, 1855, 1864, 1865, 1892, 1897, 2080, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 53 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros três que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.13—ημεις || υμεις 604,1075,1637,1761,2080,2587 {141,432,959,1040,1618,1652,1704,1737,1752,1763,1768,1948,2218,2221,2289,2653,2777}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 23 têm a variante, o que equivale a 25,8%. É ‘nós ouvimos’ ou ‘você ouviram’? O versículo 13 é uma continuação e subordinado ao versículo 12, onde o sujeito de ambos os verbos é a primeira pessoa do plural; então a primeira forma está correta. De qualquer forma, a atestação de 25,8% não é suficiente para justificar uma alteração. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.16—ἀφης || αφης 757,1248,1732,1865,1892,2352 {141,801,1058,1247,1400,1746,1763,1767,2218,2221,2255,2501,2691,2704}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 20 têm a variante, o que equivale a 22,5%. A primeira vogal é aspirada ou não? A aspiração está correta, mas sua falta seria apenas uma grafia alternativa e, portanto, não uma variante adequada. De

¹ 1161, 1913, 2675.

qualquer forma, com apenas 22,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.5— $\epsilon\sigma\tau\epsilon$ || $\epsilon\sigma\tau\epsilon$ 18,35,386,1100,2466 {141,634,1247,1733,1767,1876,1899,1958^m,2221,2774}

Dos 90 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 16,3%. O verbo é ‘saber’ ou ‘ser’? Ele forma uma frase verbal com o particípio seguinte. Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 16,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.5— $\tau\eta\varsigma$ 1503^c || --- 328,1249,1503,1892 {664,1247,1628,1767,1768}

Dos 90 MSS, faltam dois, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10,2%. São duas maneiras de dizer a mesma coisa: ‘com sinceridade de coração’. No contexto, a omissão do artigo não afeta o significado, mas com apenas 10,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.15— $\nu\pi\omicron\delta\eta\sigma\alpha\mu\epsilon\nu\omicron\iota$ || $\nu\pi\omicron\delta\upsilon\sigma\alpha\mu\epsilon\nu\omicron\iota$ 328,1249,1855,2080,2431 {141,522,959,1058,1247,1508,1652,1746,1749,1752,2009,2218,2255,2378,2501,2653}

Dos 90 MSS, faltam dois, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 23,9%. Os verbos são diferentes, mas no contexto são praticamente duas maneiras de dizer a mesma coisa. De qualquer forma, a atestação de 23,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Efésios, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Efésios, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Filipenses – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2352, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 52 MSS: 141, 149, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.4— $\pi\alpha\sigma\eta$ || 1 $\tau\eta$ 432,604,1897,2587 {664,1058,1723,1767,1768}

Dos 89 MSS, falta um, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10,2%. A tradução será ‘em todas as minhas orações’ em ambos os casos. O pronome possessivo define, com ou sem o artigo. De qualquer forma, com

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

apenas 10,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.10—είλικρινεις || ειλικρινεις 201,432,604,757,1548,1761,1865 {141^c,149,522,801,1636,1704,1767,1768,1899,1948,1958,2009,2221^c,2255,2691,2817}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 24,7%. Visto que aspiração é fonêmica em grego, deve ser escrita, quando aplicável. Neste caso, temos grafias alternativas da mesma palavra. A primeira metade da palavra parece estar relacionada com a palavra luz solar, que é aspirada, o que poderia explicar porque um derivado também é aspirado. Mas, em qualquer caso, com apenas 24,7% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.26—υμας || 1 ιδειν 18,386,1100,1761,1876 {141^c,634,801,1247,(1958^m),2501,2626,2691,2774}

Dos 89 MSS, falta um, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 13,6%. É 'saúde de todos vocês' ou 'saúde de ver todos vocês'? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 13,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.27—λυπην || λυπη 604,986,1075,1761,1892,2080,2466 {141^c,1652,1763,1899,2221,2774,2777,2817}

Dos 89 MSS, falta um, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 15,9%. O caso é acusativo ou dativo? A preposição aqui talvez seja a mais versátil de todas, trabalhando com três casos. No contexto, o acusativo é provavelmente a melhor escolha, mas em qualquer caso, com apenas 15,9% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 37. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Filipenses, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Filipenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Colossenses – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta e sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2352, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 52 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.2— $\kappa\omicron\lambda\omicron\sigma\sigma\alpha\iota\varsigma$ || $\kappa\omicron\lambda\alpha\sigma\sigma\alpha\iota\varsigma$ 201,328,394,604,757,986,1075,1249,1548,1855,1864^c,2352,2587 {149,522,664,(959),1040,1058,1247,1482,1618,1628,1636,1723,1737^c,1740^c,1746,1749,1752,1763,1767,1856,1899,1948,1958,2009,2218,2255,2261,2431,2626,2704,2777}

Dos 89 MSS, falta um, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 41 têm a variante, o que equivale a 46,6%. Temos grafias alternativas de um nome próprio, o que não é uma variante própria, pois nem a identidade nem o significado são afetados. Ambas as grafias são antigas e a massa bizantina também está dividida. Qualquer uma das vogais funcionará, mas para imprimir um texto uma escolha deve ser feita. Até onde sei, todas as Bíblias impressas têm o ‘o’, e não vejo razão para criar confusão. Uma atestação de 46,6% é certamente significativa, mas não é suficiente para justificar uma mudança; tanto mais que

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

a maioria dos melhores representantes tem o ‘ο’. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.14—ηρκεν || ηρεν 201,328,394,928^c;986,1072^c,1249,1768,1876,1892^c {141,149,522,664,959,1247,1508,1618,1723,1737,1749,1856,1899,1948,1958,2009,2218,2431,2626,2653,2774,2777}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 29 têm a variante, o que equivale a 32,6%. O tempo verbal é perfeito ou aoristo? É ‘de fato Ele já tomou’ ou ‘e Ele tomou’? Nosso verbo aqui está rodeado por outros verbos no tempo aoristo, que exerceriam pressão sobre o tempo perfeito, se este fosse original; se o original fosse aoristo, não haveria necessidade de alterá-lo. No contexto, qualquer uma das formas faz sentido, mas embora a atestação de 32,6% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.16—υμας || ημας 328,394,604,928,1249,1855 {959,1247,1482,1723,1749,1856,1899,2255}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 15,7%. É ‘que ninguém julgue vocês’ ou ‘que ninguém julgue a nós’? No contexto a segunda pessoa é certamente melhor, e com apenas 15,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.19—ἀφων || αφων 1248,1725,1732,1876,2352 {141,801,1058,1247,1636,1704,1746,1763,1767,1948,1958,2218,2221,2255,2691,2704,2774,2817}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 23 têm a variante, o que equivale a 25,8%. A primeira vogal é aspirada ou não? A aspiração está correta, mas sua falta seria apenas uma grafia alternativa e, portanto, não uma variante adequada. De qualquer forma, com apenas 25,8% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.3—ο θεος ανοιξη ημιν || ~ 3412 328,394,604,928,1249 {959,1247,1508,1723,1749,1856,1899}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 13,5%. Em grego, uma mudança na ordem das palavras muitas vezes faz pouca ou nenhuma diferença no significado, como aqui; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, com apenas 13,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 37. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Colossenses, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que treze MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 15 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Colossenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Tessalonicenses – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta e nove MSS representativos de 1 Tessalonicenses – 18, 35, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1250, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 52 MSS: 141, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 91 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros três que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.9—*απαγγελλουσιν* || *απαγγελοουσιν* 149,201,1250,1876 {522,1948,1958,2009,2255}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10%. O verbo está no presente ou no futuro? No contexto, o presente está correto. De qualquer forma, com apenas 10% de atestação, a variante não

¹ 1161, 1913, 2675.

é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.7—ἦπιοι || ἦπιοι 394,444,604,824,928,959,1249,1548,1761,1768,1855,1865,1892,2587^v {634,664,801,1058,1247,1400,1482,1508,1723,1740,1749,1752,1767,1856,2255,2378,2501,2626,2653}

Dos 91 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 33 têm a variante, o que equivale a 37,9%. A primeira vogal é aspirada ou não? Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois a identidade e o significado permanecem os mesmos. No entanto, a ‘respiração suave’ está correta. De onde quer que tenha vindo a aspiração, embora a atestação de 37,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.8—ἡμειρομενοι 35^c,2554^c || ομειρομενοι 35,386,1100,1732,1761,1768,2466,2554 {432,634,1400,1726,1733^c,1899,2221,2261,2501,2817}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,1%. Embora os verbos sejam diferentes, eles são sinônimos, duas formas de dizer a mesma coisa. Mas com apenas 19,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.8—στηκητε || στηκετε 959,1249,1250,1876 {432,801,1247,1752,2255,2261,2501^v,2691,2704,2777,2817}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 16,7%. O verbo é subjuntivo ou indicativo? Embora a conjunção normalmente funcione com o Subjuntivo, o Indicativo ocorre. No contexto, qualquer um deles faz sentido; as boas novas de Timóteo talvez tenham levado alguns copistas a fazer a mudança. Mas de qualquer forma, com apenas 16,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.21—δοκιμαζετε || δοκιμαζοντες 604,1761,1768,2080 {141,1723,1899,2221,2774}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10%. O verbo é imperativo ou particípio? No contexto o Imperativo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 10% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 39. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 1 Tessalonicenses, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Acontece que as duas maiores divisões no livro se enquadram neste capítulo. Para qualquer palavra, a atestação nunca fica abaixo de 25 das 39.¹ Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 1 Tessalonicenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Tessalonicenses – forma final

Para este livro a família é muito sólida; nenhuma variante tem mais do que dois MSS! Segue-se que não existiam divisões a verificar. Simplesmente não há dúvidas sobre a redação do arquétipo. Contudo, darei a força da evidência capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 38 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 38 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

¹ A título de retrospectiva, para todos os livros, para qualquer capítulo e qualquer palavra dentro desse capítulo, sua atestação mínima será o total dos MSS cotejados (para o capítulo) menos o número de MSS para a maior divisão.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 38 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Tessalonicenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Timóteo – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 53 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1248, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.9—πατραλοιαις || πατρολωαις 201,757,824,986,1072,1075,1503,1637,1864,1865,1876,1892,2080,2723
{(141),149,522,1040,1248,1508,1617,1618,1628,1636,1652,1726,1740,
1745,1746,1748,1767,1948,1958,2009,2352,2378,2431,2626,(2774),
2777,2817}

1.9—μητραλοιαις || μητρολωαις 201,757,824,986,1072,1075,1503,1637,1864,1865,1876,1892,2080,2723
{(141),149,522,1040,1248,1508,1617,1618,1628,1636,1652,1726,1740,
1745,1746,1748,1767,1948,1958,2009,2352,2378,2431,2626,(2774),
2777,2817}

A atestação é praticamente idêntica para os dois conjuntos, e então irei discuti-los juntos. Dos 90 MSS, três estão faltando e dois são mistos, portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 41 têm as variantes, o que equivale a 48,2%. Liddell e Scott² consideram que as primeiras leituras são as formas primitivas e básicas, e que as variantes são grafias alternativas das mesmas palavras. As grafias alternativas não são variantes adequadas, uma vez que a identidade e o significado das palavras não são afetados. Por que monges medievais ressuscitariam formas clássicas, se o seu exemplar tivesse a grafia do Koinê do tempo deles? A pressão seria na direção oposta. Liddell & Scott consideram ainda que a área semântica inclui tanto um ‘batedor’ como um ‘assassino’; no contexto, “batedor” faz mais sentido, uma vez que o próximo crime listado é “assassinato”. Por que citar

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

² Em matéria de léxico, esse é o ‘pai de todos’.

“assassinato” três vezes? Uma lista normal não repete itens. Embora a atestação de 48,2% seja certamente significativa, neste caso não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.1—πλανοις 1876^c || πλανης 201,328,394,604,928,959,1247,1249,1855,1876,2080 {141,149,522,664,801,1250,1508,1618,1704,1723,1737,1746,1749,1763,1767,1856,1899,1948,1958,2009,2218,2255,2431,2653,2691,2704,2774,2777}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 43,3%. É um adjetivo ou um substantivo? São ‘espíritos enganadores’ ou ‘espíritos de engano’? São duas maneiras de dizer a mesma coisa, e então pode ser qualquer uma delas. Embora a atestação de 43,3% seja certamente significativa, neste caso não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.3—εκγονα || εγγονα 328,394,928,959,1247,1249,1855,2587 {664,1058,1482,1508,1723,1749,1752,1763,1856,1899,2255,2704}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 22,2%. As variantes são grafias alternativas da mesma palavra, sendo a segunda um simples caso de assimilação ou atração fonética. De qualquer forma, com apenas 22,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.18—άλωωντα || αλοωντα 35,328,386,394,444,959,1247,1249,1855,1865,2587 {634,1040,1058,1250,1482,1652,1745,1746,1749,1752,1767,2255,2691,2704,2817}

Dos 90 MSS, faltam dois, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 26 têm a variante, o que equivale a 29,5%. A primeira vogal é aspirada ou não? A aspiração está correta, mas sua falta seria apenas uma grafia alternativa e, portanto, não uma variante adequada. O substantivo equivalente é escrito em todos os lugares com aspiração. De qualquer forma, a atestação de 29,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.21—προσκλησιν || προσκλησιν 35,204,386^{alt},444,604,757,986,1100,1247,1249,1503,1548,1637,1732,1768,1855,1865,1892,2080,2466,2723 {141,522,634,1040,1400,1508,1617^{alt},1628,1704,1723,1726,1737,1746,1763,1767,1958,2218,2255,2261,2378,2653,2691,2704,2777,2817}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 44 têm a variante, o que equivale a 49,4%. Aqui temos uma divisão igual. São substantivos diferentes, mas cada um ocorre apenas aqui no NT, e portanto não temos contextos diferentes para nos ajudar. O significado básico da segunda forma era “uma intimação judicial”, o que simplesmente não se enquadra neste contexto. No entanto, precisamente para este contexto, as duas formas aparentemente foram consideradas como sinónimos significando “parcialidade” (as duas vogais foram pronunciadas da mesma forma). De acordo com os meus pressupostos, tanto o Espírito Santo quanto o apóstolo Paulo eram bons em grego, de sorte que se quisessem dizer “parcialidade”, usariam a palavra com esse significado básico. Então, apesar da divisão, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo.

6.20—παραθηκην 35^c || παρακαταθηκην 35,604,1732^c,1768,2080 {141,801,1704,1723^c,1737,1746,1899,(1948^m),1958,2218,2501,2653,2691}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 15 têm a variante, o que equivale a 16,9%. Os substantivos são diferentes, mas no contexto são praticamente duas maneiras de dizer a mesma coisa. De qualquer forma, a atestação de 16,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 1 Timóteo, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatorze MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que vinte MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 6 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. A maior divisão, mais duas de tamanho médio, estão todas no capítulo 5. Nenhuma palavra terá menos do que 16 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 1 Timóteo, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Timóteo – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-seis MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 54 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1248, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1897, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu 'atualmente disponível' refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero "Muito obrigado" a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.16—επισχυνθη 35^c,1732^c || επισχυνθη 35,204,1732,2466 {141,522,801,1726,1737,1763,1897,2218,2261,2378,2431,2501,2653,2691,2774}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 21,1%. Estas são grafias alternativas do aoristo passivo indicativo do mesmo verbo, e portanto esta não é uma variante adequada. De qualquer forma, com apenas 21,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.6—ενδυνοντες || ενδυνοντες 328,394,604,928,959,1247,1249,1768,1892^c,2587 {141,432,664,1058,1482,1508,1618,1723,1737,1746,1749,1752,1763,1856,1897,1899,2218,2221,2501,2653,2704,2777,2817}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 32 têm a variante, o que equivale a 35,6%. Temos verbos diferentes, o segundo significado é 'mover-se furtivamente' ou 'entrar sorrateiramente'. O significado básico do primeiro verbo é 'entrar' ou 'entrar com força', que com o tempo foi obscurecido pelo uso estatisticamente predominante com referência para entrar em roupas (em português falamos em 'vestir' roupas), exceto que para esse uso o verbo normalmente está na voz média, não na ativa, como aqui. No contexto, a descrição de tais pessoas, dada nos versículos 2-5, não concorda com 'mover-se furtivamente' ou 'entrar sorrateiramente' – elas entram abertamente, exalando confiança e competência. O primeiro verbo é provavelmente correto. Embora a atestação de 35,6% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.14—επιστωθης || επιστευθης 204,444,1548,1725,1732,1761,1768,1855,1876,2080,2554,2587 {432,664,801,1058,1250,1704,1726,1752,2221,2255,2261,2378,2501,2626,2691,2704,2774}

Dos 90 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 29 têm a variante, o que equivale a 33,7%. Novamente temos dois verbos muito

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

semelhantes, ambos no aoristo passivo Indicativo. É ‘sobre o qual você foi assegurado’ ou ‘ao qual você foi comprometido’? Ambos fazem sentido e fazem pouca diferença para a mensagem do parágrafo. No entanto, a atestação de 33,7% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 2 Timóteo, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Mergulhos alternativos devem ser desconsiderados, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. As duas maiores divisões se enquadram no capítulo três. Nenhuma palavra terá menos de 24 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Timóteo, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Tito – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-seis MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 54 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1248, 1250,

1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1897, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

2.2—πρεσβυτας || πρεσβυτερους 328,394,928,959,1247,1249 {1482,1508,1652,1723,1749,1856,1899}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 14,6%. É um substantivo ou um adjetivo? No contexto, o substantivo está claramente correto. De qualquer forma, com apenas 14,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.7—αδιαφοριαν || αδιαφοριαν 35^c,201,204,386,444,757,824,986,1075,1503^c,1637^c,1725,1732,1768,1864^c,1865,1876,2466,2554,2723^c {149,432,522,634,801,1250,1400,1617,1628,1704,1733,1748,1767,1858,1948,1958,2009,2221,2261,2352,2378,2501,2626,2691}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 43,3%. αδιαφορια, ‘indiferença /descuido’, era uma palavra comum no grego clássico, enquanto αδιαφορια, ‘integridade’, aparentemente não existia no grego clássico, e alguns escribas podem ter escrito a palavra mais comum sem pensar. Além disso, φθ → φ seria uma alteração mais fácil que o inverso, sendo uma simplificação fonética previsível; além disso, a consoante dupla é mais difícil de pronunciar. 91,9% de todos os manuscritos gregos conhecidos têm a consoante dupla, embora 8,3% o façam numa forma mais curta da palavra. Em qualquer caso, é pouco crível que Paulo diria a Tito para ensinar com indiferença ou descuido, de modo que aqueles que lessem a forma mais curta presumivelmente lhe dariam um significado derivado de imparcialidade. De acordo com os meus pressupostos, tanto o Espírito Santo quanto o apóstolo Paulo eram bons em grego, e por isso, se quisessem dizer “integridade”, usariam a palavra com esse significado básico. Pois então, apesar da divisão, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo.

2.11—γαρ || --- 328,394,432,1100,1247 {432,664,1400,1749,1763,1767}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 11 têm a variante, o que equivale a 12,2%. No contexto, a conjunção é esperada, embora não seja estritamente necessária. Mas, em qualquer caso, com apenas 12,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.9—ερις 394^c,1768^c || ερεις 201,394,604,986,1247,1249^c,1548,1768,1855^c {149,522,664,801,1508,1723,1737,1899,1948,1958,2009,2218,2255,2626,2653,2691,2817}

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 26,7%. O substantivo é singular ou plural? Os outros substantivos da lista são todos plurais, e os copistas mudariam o singular para o plural sem pensar, mas que razão alguém teria para fazer a mudança inversa? Embora o singular seja inesperado, faz sentido; a atestação de 26,7% não justifica alteração. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Tito, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 13 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Acontece que três das divisões no livro se enquadram neste capítulo. Para qualquer palavra a atestação nunca fica abaixo de 21 das 36. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Tito, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Filemom – forma final

Para este livro a família é muito sólida; nenhuma variante tem mais do que um único MS! Segue-se que não existiam divisões a verificar. Simplesmente não há dúvidas sobre a redação do arquétipo. Contudo, darei a força da evidência para um capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo e, portanto, para o livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão muitos mais (o livro é tão curto que os copistas não tinham tempo para ficar cansados ou entediados). Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa desta carta.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Filemom, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para Hebreus – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta e quatro MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1892, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos oito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 53 MSS: 149, 432, 522, 634, 664, 801, 986, 1040, 1058, 1247, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1876, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 87 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Com uma exceção, apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

3.17—επεσεν || επεσον 959,1248,1548,1892 {664,801,986,1617,1618,1723,1726,1737,1740,1746,1752,1763,2218,2501,2653,2691,2704,2777}

Dos 87 MSS, falta um, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 25,6%. Singular ou plural? O sujeito do verbo é ‘cujos membros’, referindo-se aos membros ou membros do corpo, mas presumivelmente o autor não estava dizendo que essas pessoas perderam um braço ou uma perna de cada vez. Foi o corpo inteiro, ou cadáver, que caiu, e cada pessoa só teve um corpo para cair. Os membros são tratados como uma unidade e, portanto, singulares, como em todos os MSS mais antigos e na maioria dos MSS bizantinos. Alguns copistas não entenderam e mudaram o verbo para concordar com o substantivo plural. De qualquer forma, a atestação de 25,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.16—προσερχομεθα || προσερχομεθα 394,824,1725,1768 {522,1058,1250,1508,1749,1763,1876,1899,2009,2255,2501,2704,2774}

Dos 87 MSS, falta um, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,8%. Subjuntivo ou Indicativo? No contexto o Subjuntivo é melhor, embora o Indicativo seja possível. No entanto, com apenas 19,8% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.14—μωσσης || μωσης 328,386,394,1249 {634,664,1247,1482,1508,1745,1749,1856,1899,2218,2626}

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

Dos 87 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 17,2%. Temos grafias alternativas de um nome próprio, o que não é uma variante própria. De qualquer forma, com apenas 17,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.1— $\pi\rho\omega\tau\eta$ 35^c,1503^c,1637^c,1864^c,2723^c || 1 $\sigma\kappa\eta\nu\eta$ 35,757,824,1075,1249,1503,1548,1637,1761,1864*²,1865,1876,1892,2466,2587,2723 {149,664,801,1040,1058,1247^{alt},1250,1400,1508,1617,1618^c,1628,1636^c,1652,1723^c,1726,1737^c,1740,1745,1746,1748,1749,1752,1763,1767,1876,1948,1958,2218,2261,2352,2387,2431,2501,2626,2691,2704,2774}

Dos 87 MSS, dois são diferentes, e portanto dos 85 MSS conhecidos (dentro da família) 49 têm a variante, o que equivale a 57,6%. Este é incômodo. Todo o capítulo 8 é sobre uma nova e melhor aliança, em comparação com a primeira, e o último versículo (13) tem “a primeira”. Isto é repetido no início de 9:1, e “aliança” deve ser entendida em ambos os lugares; dois MSS realmente fornecem a palavra. No entanto, como o versículo 2 se refere ao 'Lugar Santo' como o primeiro tabernáculo, em algum momento alguém entendeu mal o versículo 1 e acrescentou oficiosamente 'tabernáculo' (não encontrado em nenhum MS dos mais antigos, nem na maioria considerável dos MSS bizantinos).). Aqui temos evidência de que os copistas reproduziram fielmente o exemplar que copiavam; poucos deles analisariam o texto à medida que avançavam. Contudo, colocar “tabernáculo” no versículo 1 é claramente incorreto, uma vez que a primeira tenda, o Lugar Santo, não continha o Santo dos Santos; eles eram separados por uma cortina pesada. O “santuário terrestre”, no final do versículo 1, de fato continha ambos os lugares e fazia parte da primeira aliança. Pois então, embora a primeira forma seja atestada por uma minoria de MSS dentro da família, considero que reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.7— $\pi\rho\sigma\phi\epsilon\rho\epsilon\iota$ || $\pi\rho\sigma\phi\epsilon\rho\iota$ 757,824,1072,1075,1503,1864,1892 {1040,1628,1636,1652,1733,1740,1745,1748,2352}

Dos 87 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 16 têm a variante, o que equivale a 18,4%. Indicativo ou Optativo? No contexto, o Indicativo está claramente correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 18,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.12— $\epsilon\upsilon\rho\omicron\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$ || $\epsilon\upsilon\rho\alpha\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$ 201,204,604,959,1248,1732,1761,1768,1855,1892,2587 {149,432,522,664,801,1058,1247,1250,1618,1636,1723,1726,1740,1752,1763,1876,1948,1958,2009,2221,2255,2261,2378,2501,2626,2653,2691,2704,2774,2777}

Dos 87 MSS, falta um, então dos 86 MSS conhecidos (dentro da família) 41 têm a variante, o que equivale a 47,7%. Estas são grafias alternativas da mesma forma, e portanto não é uma variante adequada; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Os MSS bizantinos atestam massivamente o ‘a’, o que presumivelmente influenciou alguns copistas; os melhores representantes da família têm o ‘o’. Embora a atestação de 47,7% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Considero que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.14— $\upsilon\mu\omega\nu$ || $\eta\mu\omega\nu$ 201,328,394,604,928 {149,522,1040,1247,1482,1508,1723,1749,1856,1899,1948,1958,2009,2221,2431}

Dos 87 MSS, faltam dois, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 23,5%. É 2ª pessoa ou 1ª pessoa? Qualquer um deles faz muito sentido e ambos são verdadeiros. No entanto, com apenas 23,5% de atestação, a

variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.9—εἰς || 1 την 1100,1248,1761,1768 {664,801,1247,1723,1740^c,1899,2218,2378,2431,2501,2691}

Dos 87 MSS, faltam dois, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 16,5%. É ‘para dentro de uma terra’ ou ‘para dentro da terra’? Qualquer uma das duas opções faz sentido, mas com apenas 16,5% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos oito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 34. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções (com uma exceção). Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Hebreus, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS

ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que dois 16 MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 4 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Acontece que quatro das oito divisões caem neste capítulo, incluindo as duas maiores. No entanto, nenhuma palavra terá menos de 18 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro de Hebreus, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Tiago – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 44 representantes da família para Tiago: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986,

1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2303, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10%, verifiquei os seguintes 45 MSS: 209, 226, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

2.6—ητιμασατε 1892^c || ητοιμασατε 149,201,328,986,1072,1892,2352 {1617,1767,2704}

Dos 89 MSS, 1 é diferente, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 10 têm a variante, o que equivale a 11,4%. Este é curioso, porque a vogal extra altera o verbo, de ‘desonrar’ para ‘preparar’, o que não faz sentido no contexto. Talvez tenha sido um caso de ditografia. De qualquer forma, com apenas 11% de atestação, a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.13—ελεον || ελεος 328,394,432,604,928,986,1249,1548,1725,1732^{alt},1897,2587 {209,634,664,1058,1247,1482,1619^c,1636,1749,1752,1766,1856,2080,2704}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 27%; no entanto, 13 deles fazem parte de um subgrupo, o que poderia reduzir essa percentagem em cerca de metade. O caso é acusativo ou nominativo? No contexto, considero que a ‘lei da liberdade’ deve ser entendida como o sujeito do verbo e, nesse caso, o Acusativo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 27% (ou muito menos) de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.14—εχει || εχη 141,328,386,394,604,928,986,1075,1249,1548,1855,1876,2431,2587,2626 {634,664,801,1058,1140,1247,1250,1482,1508,1656,1704,1737,1746,1748,1749,1752,1766,1856,1899,2218,2501,2653,2704}

Dos 89 MSS, falta 1, e portanto dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 38 têm a variante, o que equivale a 43,2%; no entanto, 15 deles fazem parte de um subgrupo (com vários outros à sua margem), o que poderia reduzir essa percentagem em cerca de um terço. Indicativo ou Subjuntivo? No contexto, “se alguém diz” é propriamente Subjuntivo, enquanto “mas não tem obras” é propriamente Indicativo. É o fato de não haver obras que torna a afirmação espúria. Embora a atestação de 43,2% para a variante seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança (ainda mais se subtrairmos o subgrupo). A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, a mudança envolve uma única letra; no terceiro caso as formas tinham a mesma pronúncia. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para o livro de Tiago, sem qualquer dúvida

razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Todas as três divisões discutidas acima estão neste capítulo; essas discussões entram em jogo aqui. Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Tiago, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Pedro – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 43 representantes da família para 1 Pedro: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos nove locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43), verifiquei os seguintes 46 MSS: 209, 226, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745,

1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.23— $\alpha\lambda\lambda$ || $\alpha\lambda\lambda\alpha$ 149,201,432,604,757,824,1072,1075,1248,1503,1548,1637,1754,1768,1864,1892,2352,2431
{209,226,1040,1250,1617,1618,1619,1628,1636,1652,1656,1723,1740,1745,1746,1748,1763,2691^c,2777}

Dos 89 MSS, faltam 2, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 36 têm a variante, o que equivale a 41,4%; no entanto, 27 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa porcentagem em bem mais de metade. A palavra seguinte começa com um alfa, e é fonologia normal que duas vogais idênticas sejam reduzidas a uma quando justapostas. Neste caso temos grafias alternativas que não afetam o significado. Embora uma atestação de 41,4% para a variante seja significativa, se for reduzido em mais da metade, já não é um candidato sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.9— $\epsilon\zeta\alpha\gamma\gamma\epsilon\lambda\eta\tau\epsilon$ 757^c,1503^c,1637^c,1864^{alt} || $\epsilon\zeta\alpha\gamma\gamma\epsilon\lambda\lambda\eta\tau\epsilon$ 604,757,1075,1503,1548,1637,1754,1864,2352
{1619,1628,1652,1656,1740,1745,2691}

Dos 89 MSS, um está faltando e seis são diferentes; portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 16 têm a variante, o que equivale a 19,5%. O tempo é aoristo ou presente? No contexto, a tradução será a mesma. Mas, em qualquer caso, com apenas 19,5% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.11— $\alpha\pi\epsilon\chi\epsilon\sigma\theta\alpha\iota$ 1072^{alt} || $\alpha\pi\epsilon\chi\epsilon\sigma\theta\epsilon$ 149,201,204,604^c,757^c,824,1072,1248,1503^c,1548,1637^c,1864^{alt},2352,2431
{209^{alt},1040^{alt},1617,1618,1619^{alt},1628^{alt},1652^{alt},1656^c,1745^{alt},1746,1748,1899,2704,2777}

Dos 89 MSS, faltam 2, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 18,4%; porém, 13 fazem parte de um subgrupo, o que desqualificaria esta variante. Parece que o Infinitivo e o Imperativo eram frequentemente usados de forma intercambiável, com pouca ou nenhuma diferença de significado, como aqui. Mas, em qualquer caso, com apenas 18,4% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.24— $\alpha\pi\omicron\gamma\epsilon\nu\omicron\mu\epsilon\nu\omicron\iota$ || $\alpha\pi\omicron\gamma\epsilon\nu\nu\omicron\mu\epsilon\nu\omicron\iota$ 394,432,928,986,1249,1548,1768,1855,2587 {664,1058,1247,1482,1508,1723,(1749^c),(2704)}

Dos 89 MSS, 6 são diferentes, e portanto dos 83 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 19,3%. A variante parece ser baseada em um verbo não encontrado no NT que pode significar “destruir”, mas seria estranho neste contexto. Mas, em qualquer caso, com apenas 19,3% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.6— $\epsilon\gamma\epsilon\nu\eta\theta\eta\tau\epsilon$ || $\epsilon\gamma\epsilon\nu\eta\theta\eta\tau\epsilon$ 604,1637,1732,1876,2431,2587,2626 {209,226,664,801,1058,1247,1250,1618,1748,1752,1763,1899,2653,2704,2777}

Dos 89 MSS, dois são diferentes, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 22 têm a variante, o que equivale a 25,3%. O *nu* extra altera o verbo, fazendo-as gestar os filhos de Sara fazendo o bem, o que não faz sentido; o *nu* extra provavelmente é apenas um erro. Mas, em qualquer caso, com apenas 25,3% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.2—του || --- 149,201,432,604,757,824,1072,1075,1248,1503,1548,1637,1761,1768,1864,1892, 2352,2431 {209,226, 1040,1101,1508^c; 1617,1618,1619,1636,1652,1656,1737,1740,1745,1746,1748,1766,1856,1899,2218, 2261,2501,2653,2691,2777}

Dos 89 MSS, faltam dois, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 42 têm a variante, o que equivale a 48,3%; no entanto, 28 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em bem mais da metade. O caso genitivo define: então a tradução será a mesma com qualquer uma das variantes. A enorme atestação da variante fora da família provavelmente influenciou vários copistas. Embora uma atestação de 48,3% para a variante seja significativa, se for reduzida em mais da metade, já não é um candidato sério. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

4.11—ως || ης 141^c; 149,201,432,604,757,824,1072,1075,1248,1503,1637,1864,1982,2352,2431 {226,1040,1508, 1617,1618,1619,1628,1636,1652,1656,1737,1740,1745,1746,1748,1856,2218,2691,2777}

Dos 89 MSS, um é diferente, e portanto dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 34 têm a variante, o que equivale a 38,6%; no entanto, 24 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em bem mais da metade. É ‘como Deus fornece’ ou ‘que Deus fornece’? Ambos fazem sentido e a mudança poderia ser feita quase sem pensar. Embora uma atestação de 38,6% para a variante seja significativa, se for reduzida em mais da metade, já não é um candidato sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.7—μελει || μελλει 141,432,604,824,986,1248,1249,1768,1876,1892,2352,2431,2626 {209,226,801,1247,1250, 1508,1617,1723,1726,1748,1752,1763,1766,1899,2261,2501,2653,2691}

Dos 89 MSS, três estão faltando e um é diferente; portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 31 têm a variante, o que equivale a 36,5%; no entanto, 10 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em quase um terço. A letra adicionada muda o verbo de ‘se importar’ para ‘estar prestes a’. No contexto, a variante não faz sentido. Por alguma razão, este conjunto específico de variantes ocorre repetidamente no NT. Embora a atestação de 36,5% para a variante seja significativa (se não reduzida), não é suficiente para justificar uma mudança, tanto mais que não faz sentido. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.8—καταπειν 394^{alt} || καταπιη 328,394,604,928,986,1075,1249,1761,1855,1892^c,2431,2587^c {664,1058^c, 1247,1482,1508,1628^{alt},1723,1745^m,1748,1749,1752,1763,1766,1899,2704}

Dos 89 MSS, 3 estão faltando e um é diferente; portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 25,9%; porém, 16 deles fazem parte de um subgrupo, o que desqualificaria esta variante. É Infinitivo ou Subjuntivo; ‘alguém para devorar’, ou ‘alguém que ele possa devorar’? São quase duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, com apenas 25,9% (ou menos) de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos nove locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43). Como é típico da variação dentro da família, as diferenças são pequenas. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família do livro de 1 Pedro, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, O Novo

Testamento Grego de acordo com a Família 35. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro de 1 Pedro, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Pedro – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 43 representantes da família para 2 Pedro: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos seis locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos 43), verifiquei os seguintes 45 MSS: 209, 226, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 88 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.14—ταχινη || ταχεινη 394,432,604,1100,1768,2221 {801,1058,1101,1746,1749,2261,2378^v,2691}

Dos 88 MSS, um está faltando e um é diferente; portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 16,3%. Estas parecem ser grafias alternativas da mesma palavra que não afetam o significado. Mas, em qualquer caso, com apenas 16,3% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.19—διαυγαση || διαυγασει 328,386,394,1754,2587 {226,664,1058,1247,1482,1737,1749,1752,1763,1766,1856,2218,2653,2704}

Dos 88 MSS, um é ilegível, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 19 têm a variante, o que equivale a 21,8%. O tempo verbal é aoristo subjuntivo ou futuro indicativo? No contexto, a tradução será a mesma. Mas, em qualquer caso, com apenas 21,8% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.21—ηνεχθη || ηνεγχθη 394,928,986,1249,1548 {1058,1482,1749,1752,2704}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 11,5%. Estas parecem ser grafias alternativas da mesma forma. Mas, em qualquer caso, com apenas 11,5% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.14—πλεονεξιας || πλεονεξιαν 394,928,1249,1855,1876,2587,2626 {664,801,1058,1250,1482,1508,1726,1749,1752,1763,2261,2378,2691,2704}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 24,1%; no entanto, 11 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em cerca da metade. O caso é genitivo ou acusativo? No contexto, o genitivo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 24,1% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.1—είλικρινη || ειλικρινη 149,201,432,604,1548,1761,1768,1876,2221 {226,664,801,1140,1250,1618,1704,1767,2691,2704}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 22,1%. Visto que aspiração é fonêmica em grego, deve ser escrita, quando aplicável. Neste caso, temos grafias alternativas da mesma palavra. A primeira metade da palavra parece estar relacionada com a palavra luz solar, que é aspirada, o que poderia explicar porque um derivado também é aspirado. Mas, em qualquer caso, com apenas 22,1% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.3—γινωσκοντες || γινωσκοντας 328,394,928,1249,1855,2587 {664,1058,1247,1482,1508,1618,1749,1752,1856,2080^v,2704}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,8%; porém, 13 deles fazem parte de um subgrupo, o que desqualificaria a variante. O caso é nominativo ou acusativo? O acusativo não se enquadra neste contexto, portanto o nominativo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 19,8% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos seis locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, as diferenças são pequenas. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para o livro de 2 Pedro, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, O Novo Testamento Grego de acordo com a Família 35. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Pedro, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 João – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 43 representantes da família para 1 João: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos dois locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43), verifiquei os seguintes 47 MSS: 209, 226, 368, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu 'atualmente disponível' refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero "Muito obrigado" a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados, exceto o primeiro. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.6—περιπατουμεν 18,35,141,204,386,824,1100,1725,1732,1754,1761,1858,1865,1876,1897,2221,2466,2554,2626,2723 {226°,801,1101,1140,1250,1704,1726,1733°,1740,1767, 2080,2261,2691}
περιπατωμεν 149,201,328,394,432,604,757,928,986,1072,1075,1248,1249,1503,1548,1637,1768,1855,1892,2352,2431,2587 {209,226,368°,634,664,1058,1247,1482,1508,1617,1618,1619,1628,1636,1652,1656,1723,1733,1737,1740°,1745,1748,1749,1752,1763,1766,1856,1899,2218,2501,2704,2777}

Dos 90 MSS, 3 estão faltando e 2 estão ilegíveis; portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 53 têm a variante, o que equivale a 62,4%; entretanto, observamos uma circunstância curiosa: o rol de MSS que lê o Subjuntivo é composto basicamente pelos dois subgrupos que foram claramente identificados em 1 e 2 Pedro, nada menos que 44 deles. Além disso, 18 deles vêm de um único mosteiro: M Lavras. O Indicativo tem melhor distribuição geográfica. O verbo 'dizer' é propriamente subjuntivo, sendo controlado por εων, mas os verbos 'ter' e 'andar' fazem parte de uma afirmação e são propriamente indicativos: somente se estivermos de fato andando na escuridão é que nos tornamos mentirosos por alegar estarmos em comunhão. Então περιπατουμεν está correto. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.20—μισει || μιση 328,386,394,604,928,1249,1548,1855,2587 {634,1058°,1140,1247,1482,1508,1704,1749,1752,1763,1766,1856,2704}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 23,3%; porém, 15 deles fazem parte de um subgrupo, o que poderia desqualificar essa variante. É indicativo ou subjuntivo? No contexto, você só se torna um mentiroso se realmente odiar seu irmão, e então o Indicativo está correto. De qualquer forma, com apenas 23,3% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos dois locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43). Como é típico da variação dentro da família, as diferenças são pequenas. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família do livro de 1 João, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que 22 MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos

¹ GA 368 é da Família 35, mas tem apenas 1-3 João.

as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro de 1 João, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 & 3 João e Judas – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 47 representantes da família para 2 & 3 João e Judas: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1248, 1249, 1503, 1548, 1628, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Não há divisão de pelo menos 10% (dos 47) em 2 João ou Judas, e apenas um em 3 João. Naquele único lugar, verifiquei os seguintes 43 MSS: 209, 226, 368, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1636, 1652, 1656, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar qualquer decisão tomada aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora a divisão que foi verificada. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

3 John 10—εκ || --- 149,201,432,604,1768,1865,2466 {209,368,1737,1767,2218,2261,2501,2777}

Dos 90 MSS, dois são ilegíveis, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 17%. Por causa do caso, a preposição pode ser entendida, mas torná-la evidente é melhor. De qualquer forma, com apenas 17% de atestação, a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão do único lugar onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 47). Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para os livros de 2 e 3 João e Judas, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *O Novo Testamento Grego segundo a Família 35*.

Irei agora considerar a força das evidências para os três ‘capítulos’, simplesmente contando os MSS que já foram totalmente cotejados.

2 João: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 47 MSS cotejados, 31 são representantes perfeitos do arquétipo deste livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa de 2 João.

3 João: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 47 MSS cotejados, 31 são representantes perfeitos do arquétipo deste livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa de 3 João.

Judas: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 47 MSS cotejados, 25 são representantes perfeitos do arquétipo deste livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa de Judas.

Conclusão: Demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para os livros de 2 e 3 João e Judas, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para o Apocalipse – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes vinte-e-três MSS representativos – (35), 757, 824, 986, 1072, 1075, 1248, 1328, 1503, 1637, 1746, 1768, 1864, 1865, 2041, 2323, 2352, 2431, 2434, 2554, 2669, 2723 e 2821. Além desses 23, verifiquei os seguintes 22 MSS: 432, 1064, (1384), 1551, 1617, (1732), 1733, 1740, 1745, 1771, (1773), 1774, 1894, 1903, 1957, 2023, 2035, 2061, 2196, 2201, 2656, 2926.

Tanto quanto posso dizer, esses 45 MSS representam uma lista completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. GA 1652 também é membro da família, mas aqui é um fragmento contendo apenas os três primeiros versos; entretanto, a primeira leitura diagnóstica da família está nesses versículos, e ele tem essa leitura – além disso, contém todo o NT e é f³⁵ do começo ao fim. Comentarei todas as divisões que envolvem 15% ou mais desses 45 MSS, dos quais existem 29. (Qualquer variante com menos de 15% não poderia representar o arquétipo.) Os MSS dentro de () são membros marginais; são quatro. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Com três exceções, apenas os MSS que apoiam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

2.27—κεραμικα || κεραμεικα 1503,1746,1768,1865,2431 {1384,1732,1773,1957,2196,2201^c}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 10 têm a variante, o que equivale a 22,7%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Mas, em qualquer caso, com apenas 22,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.5—ουτως 1384^c,1732^c || ουτος 2669 {1384,1732,1733,1957,2035,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 45 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 22,2%. É um advérbio ou um pronome? O advérbio refere-se ao contexto imediatamente anterior e é presumivelmente correto, embora o pronome também faça sentido. Como as duas palavras eram pronunciadas da mesma forma, a confusão era fácil. Mas, em qualquer caso, com apenas 22,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.9—ηξουσιν 1865^c || ηξωσιν 35,1746,1768,1865,2041,2323,2723 {1384,1551,1617,1732^c,1773,1894,1903,1957,2023,2061,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 45 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 44,4%. É futuro indicativo ou aoristo subjuntivo? A primeira impressão que se tem é que os três verbos controlados por *ινα* são paralelos e devem estar no mesmo modo, ou seja, subjuntivo—*γνωσιν* é tranquilo, *προσκυνησωσιν* tem uma grande maioria [incluindo *f*³⁵], mas com alguma dissidência; com *ηξωσιν* a dissidência torna-se mais forte, incluindo uma ligeira maioria da Família 35 [uma preponderância dos melhores representantes, lê o indicativo]. A divisão generalizada sugere que a ‘norma’ do subjuntivo com *ινα* estava em ação nas mentes dos copistas, ainda mais porque os outros dois verbos estão nesse modo; mas o indicativo não é tão raro e, neste caso, presumivelmente enfatiza a certeza – eles virão. Se o exemplar tivesse o subjuntivo, por que um copista o mudaria para indicativo? A pressão seria na direção oposta. Considerando tudo isso, embora a atestação de 44,4% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

4.6^a—υαλινη || υελινη 986,1248,2821 {1551,1740,2023,2061,2196,2323^c,2656}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 9 têm a variante, o que equivale a 20,5%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Mas, em qualquer caso, com apenas 20,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.6^b—κρυσταλω 1864^c || κρυσταλλω 35,1075,1248,1746,1864,1865,2041,2431,2723,2821 {432,1384,1617,1732,1740,1745,1771,1773,1903,2023,2196,2201,2656}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 23 têm a variante, o que equivale a 52,3%. (A correção nos dá uma divisão uniforme.) Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, uma vez que nem o significado nem a identidade são tocados. No entanto, este caso é interessante, por uma razão incomum. Embora *λλ* → *λ* fosse presumivelmente mais fácil como erro de transcrição do

que o contrário, em 21.11 João aparentemente inventou o verbo κρυσταλιζω, escrevendo-o com um único 'λ' (se você inventar um palavra, você pode soletrá-la como quiser) – presumo que ele fez a mesma coisa com o substantivo, aqui e em 22.1, mas a grafia incomum levou os copistas a 'corrigi-lo', especialmente em um assunto percebido como sendo de praticamente nenhuma consequência, uma vez que não afetou o significado. Considerando tudo isso, embora a divisão igual seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

4.8—λεγοντα 757^c,2023^c,2323^c || λεγοντες 35,757,1072,1248,1328,2323 {986^{alt},1503^{alt},1617^c,1637^c,1732,1733,1740^{alt},1745^{alt},1746^{alt},1771^{alt},1773,1774,1864^{alt},1865^{mar},1894,1957,2023,2035,2196,2352^{alt},2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 36,4%. O participio é neutro ou masculino? Qual é o sujeito do verbo? O Sujeito do participio é τα ζωα, neutro, de sorte que a forma neutra está correta. Parece claro no versículo 9 que são apenas os quatro seres viventes que estão repetindo “santo”, mas se os copistas pensassem que os anciãos estavam em coro com os seres viventes, eles naturalmente mudariam o gênero para masculino. A maioria dos melhores representantes da família atestam a primeira variante. Em inglês a tradução é a mesma, “dizendo”. Com este conjunto, ‘alt’ se torna proeminente e haverá uso intenso mais tarde, então preciso explicar a diferença entre ‘alt’ e ‘c’. ‘c’ = corregedor (presumivelmente não da primeira mão), ‘alt’ = alternativo (aparentemente da primeira mão, que estava ciente da grafia alternativa e a escreveu acima da palavra). Neste caso, existem seis ‘alt’ para o masculino, mas nenhum para o neutro, então parece que os copistas consideraram o neutro melhor, dando-o como a forma básica – o que está claramente correto no contexto. Embora a atestação de 36,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.4—πυρρος 2023^c,2035^c || πυρος 1075,1328,2323,2821 {432,1617,1894,1903,2023,2035,2196,2201,2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 29,5%. É um adjetivo ou um substantivo? πυρρος é a leitura de todos os membros mais fiéis de f³⁵. Como um erro não intencional, ρρ→ρ seria muito mais fácil do que ρ→ρρ. É “vermelho ardente” ou “de fogo”? Como a palavra se refere à cor do cavalo, o adjetivo é melhor. Mas, em qualquer caso, a atestação de 29,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.5—ρουβιμ || ρουβειμ 1072,1075,(1248),1503,1637,1746,2041,2431,2821 {1617,1740,1745,1771,2023}

Dos 45 MSS, um é diferente e outro está faltando, então dos 43 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 32,6%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, um nome próprio, que não é uma variante própria, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Mas, em qualquer caso, a atestação de 32,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.10—τω θρονω || του θρονου 1248,2554 {1064,1732,1733,1740,1773,1774,1894,2035,2061,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 15 têm a variante, o que equivale a 34,1%. A frase é dativa ou genitiva? Visto que o Pai está firmemente assentado, o dativo está correto. Porém, como a preposição leva três casos, a tradução sai igual. Mas, de qualquer forma, a atestação de 34,1% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.17^a—ποιμινει || ποιμωνει 35,757,824,986,1075,1248,1328,1503,1637,1746,1864,2041,2352,2431,2554,2821 {1732,1733,1740,1745,1771,1773,1894,1903,2023^{alt},2035,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 29 têm a variante, o que equivale a 64,4%. Este caso é complicado. É presente ou futuro? O versículo 17 dá a razão das bênçãos descritas no versículo 16, onde os verbos são futuros, assim como o último verbo no versículo 17; então, de onde veio o presente? É porque o Cordeiro os pastoreia que eles receberão as bênçãos. No entanto, o tempo futuro também faz sentido; tanto que se o Texto fosse sempre futuro, o presente não teria sido aproveitado; a pressão dos verbos circundantes é em direção ao futuro. O presente é atestado por 15 MSS, mais 15 alternativos; mas perde um alternativo, de sorte que se seguirmos os alternativos, temos 29 a 15 a favor do presente, exatamente o oposto do resultado sem os alternativos. O uso dos alternativos nos mostra quão seriamente os copistas levaram a sua tarefa; eles estavam cientes da dúvida e a transmitiram conscientemente aos seus leitores. Considerando tudo isso, embora a divisão igual (com alternativos) seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora haja dúvida. A diferença é de apenas uma letra, e o que está sendo dito não é alterado.

7.17^b—οδηγει || οδηγησει 35,757,824,986,1075,1248,1328,1503,1637,1864,2041,2352,2431,2554,2821 {1064,(1551),1617,1732,1733,1740,1745,1746,1771,1773,1894,2023,2035,2061,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, falta um, e portanto, dos 44 MSS conhecidos (dentro da família), 33 têm a variante, o que equivale a 75%. Considero este o quebra-cabeça mais difícil do livro. Presente ou futuro? ‘Guiá-los’ está ligado a ‘pastoreá-los’ por ‘e’ e deve estar no mesmo tempo, a menos que você coloque uma vírgula entre eles. Contudo, a atestação para o futuro é agora de 75%, o que normalmente é determinante. Além disso, o número de alternativos cai de 15 para 9 – com os alternativos o presente tem 20, o que é menos da metade. Mas novamente pergunto: de onde veio o presente? Aqui o tempo futuro faz ainda mais sentido do que no caso anterior; tanto é assim que se o Texto tivesse sido sempre futuro, o presente não teria sido utilizado (na verdade, quatro MSS mudaram de lado). Além disso, este verbo ainda responde ao ‘porque’ no início do versículo (a menos que você coloque uma vírgula entre as frases verbais). A ‘sede’ no versículo 16 é presumivelmente física, e para isso você precisa de água comum, não de ‘águas da vida’. Será que as ‘águas da vida’ também resolveriam o calor e a fome? Dito e feito, temos três opções: ‘Ele pastoreia e lidera’, ‘Ele pastoreia e liderará’ ou ‘Ele pastoreará e liderará’. Faça a sua escolha. Eu escolho a primeira, mas não importa qual escolhamos, o propósito da passagem permanece o mesmo. Nenhuma das palavras originais foi perdida.

8.3—δωσει || δωση 986^v,1072,2669,2821 {1064,1551,1903,1957,2023,2061,2196,2656}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 12 têm a variante, o que equivale a 27,3%. É futuro indicativo ou aoristo subjuntivo? Há uma divisão generalizada ao longo das linhas de transmissão, o que sugere que a ‘norma’ do subjuntivo com $\iota\nu\alpha$ estava em ação nas mentes dos copistas; mas o indicativo não é tão raro e, neste caso, presumivelmente enfatiza a certeza. Não há dúvida sobre o que o anjo fará. Os melhores representantes da família ficam do lado do indicativo. De qualquer forma, a atestação de 27,3% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.5—πληξει || παιση 35,757,824,1075,1248,1503,1637,1746,1864,2041,2352,2431,2554 {1733,1740,1745,1771,1773,1957,2201}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 46,5%. Os verbos são diferentes. É difícil imaginar monges medievais mudando o familiar *παιση* para *πληξη*; com base em que eles fariam isso? Por outro lado, o desconhecido *πληξη* poderia ser alterado para *παιση* (e até mesmo *πεση*), logo no início. *πλησσω* tendo sido usado com o 2º aoristo em 8.12 acima, o 1º aoristo, que temos aqui, seria inesperado. *πλησσω* é usado para ataques repentinos e violentos, como raios ou a ira de Deus; é usado expressamente para a picada de um escorpião no século I d.C. [Sammelb. 1267,6]. Neste contexto, *πληξη* é precisamente apropriado, embora a diferença de significado seja pequena; uma única tradução cobre ambos. Além dos 23 MSS, a primeira forma conta com 11 alternativos e 2 correções, o que a coloca bem à frente. Considerando tudo isso, embora a atestação de 46,5% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.6—*ζητουσιν* 1075^c,1551^c || *ζητησουσιν* 35,1075,1746,2323 {1551,1732,1771,1773,2023,2061,2201}

Dos 45 MSS, dois estão faltando, então dos 43 MSS conhecidos (dentro da família) 11 têm a variante, o que equivale a 25,6% (as duas correções reduzem isso em 5%). O tempo verbal é presente ou futuro? O futuro é esperado; tanto é verdade que uma grande maioria dos MSS fora da família o lê, o que pode ter influenciado alguns copistas. Dito isto, o presente é por vezes usado com um sentido futuro, o que é exigido aqui pelo “naqueles dias”. Se o original fosse futuro, quem o mudaria para o presente? A pressão é forte na outra direção. Os melhores representantes da família estão do lado do presente. Considerando tudo isso, a atestação de 25,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.11—*αββαδδων* || *αββαδων* 35,1075,1248,1503,1746,1768,1865,2323,2431,2821 {432,1551,1732,1740,1745,1773,1894,2023,2061,2201,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 48,8%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, um nome próprio estrangeiro, que não é uma variante própria, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Embora a divisão equilibrada seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

11.18—*διαφθειραντας* || *διαφθειροντας* 1328,2431 {1774,1894,2035,2061,(2196),2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 23,3%. O contexto exige o tempo aoristo, mas esse verbo geralmente aparece no 2º aoristo, e então o desconhecido 1º aoristo foi alterado para o presente, uma mudança de apenas uma letra. O aoristo recebe alguma atestação de todos os nove grupos de MS, o que significa que não foi inventado na Idade Média – se o presente fosse original, por que os copistas de todas as tradições o mudariam para uma forma desconhecida? Mas, em qualquer caso, com apenas 23,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.14—*καθημενος ομοιος* || *καθημενον ομοιον* 35,757,824,1328,1637,1864,2041,2352,2431,2434,2554,2669 {1617,1732^{alt},1740,1745,1771,2196}

Dos 45 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 41 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 41,5%. A frase é nominativa ou acusativa? Entendo que a gramática exige o nominativo, mas a tradução é a mesma. Além dos 24 MSS, o nominativo conta com 12 alternativos, o que o coloca bem à frente. Mas, de qualquer forma, a

atestação de 41,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.19—τον μεγαν 2023^c || την μεγαλην 1328,2554 {432,1732,1733,1894,2023,2035,2656,2926}

Dos 45 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 41 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 24,4%. O gênero é masculino ou feminino? O referente é a 'ira' (m) ou o 'lagar' (f)? Como "a ira" está modificando "o lagar", "lagar" é o referente esperado; mudar o referente era um procedimento diferenciado. Entendo que a grandeza da ira está sendo enfatizada. O inesperado levou alguns copistas a fazerem a mudança. De qualquer forma, a atestação de 24,4% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.8—ηδυνατο || εδυνατο 35,1248,1328,1637,2352 {2196,2201}

Dos 45 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 41 MSS conhecidos (dentro da família), 7 têm a variante, o que equivale a 17,1%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Ambas as grafias são conhecidas desde os tempos clássicos e aparentemente não afetam o sentido. Mas, em qualquer caso, com apenas 17,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.19—επεσον || επεσαν 35,757,824,1075,1503,1637,1864,2431,2821 {1617,1740,1745,1771,1773,2023,2041^{alt},2196,2201}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 38,5%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Além dos 26 MSS, a primeira forma conta com 11 alternativos, o que a faz avançar bastante. Mas, de qualquer forma, a atestação de 38,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.10—επεσον || επεσαν 35,757,824,1075,1503,1637,1746,1864,2041,2431,2821 {1617,1740,1745,1771^{alt},1773,2023,2196,2201}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 18 têm a variante, o que equivale a 41,9%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Além dos 25 MSS, a primeira forma conta com 11 alternativos, o que a faz avançar bastante. Mas, de qualquer forma, a atestação de 41,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.16^a—ηρημωμενην || ερημωμενην 35,757,824,1075,1503,1637,1864,2821 {986^{alt},1617,1740,1745,1894,1903,2041^{alt},2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 32,6%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 32,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.16^b—φαγονται || φαγονται 1248,1503,1637,1746,2041,2431,2821 {1617,1740,1745,1771}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 11 têm a variante, o que equivale a 25,6%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 25,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.4—επεσαν || επεσον 35,1248,1328,1768,1865,2554,2723 {432,1384,1732,1733,1740^{alt},1894,1957,2656,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 34,9%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 34,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.10—επεσον || επεσα 35,757,824,1075,1248,1503,1637,1864,2041,2323,2352,2431,2821 {1551,1617,1740,1745,1771,1773,2023,2196,2201}

Dos 45 MSS, dois estão faltando e três são diferentes; portanto, dos 40 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 55%. Estas são evidentemente formas alternativas da primeira pessoa, e portanto não há diferença de significado. Além dos 18 MSS, a primeira forma conta com 12 alternativos, o que a faz avançar bastante. Como não há diferença de significado, podemos usar qualquer uma das grafias, mas para um texto impresso devemos escolher uma delas. Considerando tudo isso, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver dúvida.

20.2—εστιν || 1 ο 1328,1503 {1384,1732,1733,1773,1894,1903,2035,2201,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 11 têm a variante, o que equivale a 25,6%. É ‘um diabo’ ou ‘o diabo’? Qualquer uma das duas opções faz sentido, mas com apenas 25,6% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.20^a—σαρδωνυξ || σαρδονυξ 35,986,1072,1637,2041,2323,2352,2434,2669 {1551,1617,2023,2061,2196,2656}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 34,9%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Embora a atestação de 34,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.20^b—ενατος 35^c || εννατος 35,757^s {1551,1617,1903,2023,2061}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 7 têm a variante, o que equivale a 16,3%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 16,3% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

22.1—κρυσταλον 1864^c || κρυσταλλον 35,757^s,1075,1248,1637,1864,2041,2323,2821 {1384,1617,1732^c,1740,1745^c,1771,1903,2023,2201,2656}

Dos 45 MSS, faltam três, e portanto, dos 42 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 40,5%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Por favor, veja a discussão do mesmo conjunto de variantes em 4.6. Considerando tudo, embora a atestação de 40,5% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos vinte e nove locais onde há uma divisão de pelo menos 15%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro do Apocalipse, talvez com alguma dúvida ocasional. Está reproduzido no meu Texto Grego, *O Novo Testamento Grego segundo a Família 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi

perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante. Preciso dizer algo sobre Herman C. Hoskier. Ele fez um cotejo completo de cerca de 220 MSS para o Apocalipse, dos quais apenas 29 são da Família 35 (seu Complutense). Dos 41 representantes da família que eu já identifiquei, excluindo quatro representantes marginais (35, 1384, 1732, 1773), já cotejei 22 e Hoskier cotejou mais 14¹ (ele não teve acesso aos outros cinco; também, cotejei alguns MSS que ele não fez). Até os seus oponentes admitiram que os cotejos de Hoskier são quase sobrenaturalmente precisos, mas extrair o cotejo dele desses 14 MSS seria muito tedioso e demorado, e decidi renunciar ao exercício. Portanto, o que se segue é baseado no meu próprio cotejo de 22 dos 41 MSS.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 8 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 8 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 5 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem três divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 14 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 13 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

¹ Para quem estiver interessado, alisto os números GA para esses 14: 432, 1617, 1733, 1740, 1745, 1771, 1774, 1894, 1903, 1957, 2023, 2035, 2061, 2196.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 5 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem três divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 7 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 2 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem duas divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 10 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 15 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 13 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 9 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 4 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existe uma divisão grande neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 11 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 21 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 7 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 7 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem duas divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 12 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 2 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem duas divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 10 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 21 MSS cotejados (completos, ou quase), 3 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existe uma divisão grande neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 13 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 20 MSS cotejados (completos, ou quase), 8 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro do Apocalipse, com base nas evidências disponíveis. Já comentei e resolvi as divisões dentro da Família 35 para todos os vinte-e-sete livros do NT.

Deus preservou o Seu Texto!

Epistemologia

Caro leitor, permita-me sugerir que a questão da epistemologia não tem recebido a atenção que merece dentro da disciplina de crítica textual do NT. A epistemologia trata da natureza do conhecimento, incluindo origem e fundamentos. De onde vem o conhecimento? “O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento” (Provérbios 1.7). Isso é

correto? Só pode ser correto se o Soberano Criador existir – temer um ser inexistente não resultará em conhecimento verdadeiro. Qualquer evolucionista naturalmente excluirá o sobrenatural de qualquer modelo que ele crie, como fez Fenton John Anthony Hort. Observe que tal modelo não permite a possibilidade de um NT divinamente inspirado. A hipótese evolucionista, como teoria de origens, é cientificamente impossível; a evidência que nos cerca aponta claramente para a existência de um Criador incrivelmente inteligente e poderoso.

Se o Criador existe, e se Ele entregou uma Revelação escrita à nossa raça, nada deveria ser mais importante para nós do que saber o que Ele disse. Claro, porque Ele será a Fonte de todo conhecimento verdadeiro. Pare e pense. Se algum Ser criou nosso planeta com tudo o que ele contém, incluindo todas as formas de vida (as plantas têm vida), e principalmente incluindo nossa capacidade de raciocinar, Ele obviamente é competente para nos dar informações corretas sobre o que Ele criou. Ele é a Fonte da verdade objetiva sobre nosso planeta.¹ Como “sabemos” alguma coisa? Só se a tivermos experimentado, ou se outra pessoa a tiver experimentado e nos contar a respeito. Mas o que acontece se as experiências entrarem em conflito? E como podemos saber se ou quando interpretamos uma experiência corretamente? E como podemos lidar com interpretações conflitantes?

Se não há Criador para nos dar informações corretas, nosso ‘conhecimento’ está condenado a ser sempre parcial e incerto, quando não perigosamente equivocado. Isso é igualmente verdadeiro para aqueles que fingem que não há Criador. O desespero do relativismo e a incerteza implacável sobre tudo o que não é ciência dura é o resultado. O rei Salomão foi esperto o suficiente para discernir isso há 3.000 anos: “Vaidade de vaidades, tudo é vaidade!” (Eclesiastes 1.2).

Satanás vem enchendo o mundo com sofismas por 6.000 anos, de sorte que não há limite para o falso “conhecimento” por aí – inclusive na “ciência” da crítica textual do NT. Para alguém que afirma ser cristão, excluir o sobrenatural de seu modelo de trabalho é envolver-se em uma contradição epistemológica fundamental. Ele afirma ser um cristão, mas trabalha como um ateu. Qualquer um que exclua o sobrenatural de seu pensamento obviamente não tem o Espírito Santo e, portanto, está bem aberto à interferência satânica em sua mente.²

Não adianta alguém alegar que está apenas tentando ser neutro; nem Deus nem Satanás permitirão a neutralidade. O Soberano Criador, enquanto Ele andava nesta terra como Jesus, foi bastante claro sobre o assunto. “Quem não é comigo é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha” (Mateus 12.30, Lucas 11.23). Observe que isso inclui tanto o que cremos quanto o que fazemos: espalhar é uma atividade. Trabalhar como um ateu é ser contra Jesus. Praticar a crítica textual ateu é ser contra Jesus. A neutralidade não existe.

Em 1881, quando Westcott e Hort publicaram seu trabalho em dois volumes, John William Burgon imediatamente começou a demonstrar que a teoria e o trabalho deles eram contrários à evidência empírica. O biógrafo de Burgon escreveu o seguinte: “Burgon foi neste

¹ Entre as Pessoas da Trindade, o Filho é declarado ser o Agente principal na criação do nosso planeta (Colossenses 1.16, Hebreus 1.10, João 1.10). Segue-se que Ele é a Fonte de toda sabedoria verdadeira e conhecimento concernente à vida neste planeta (Colossenses 2.3).

² Já escrevi extensivamente sobre o assunto da guerra espiritual bíblica. A maior parte pode ser encontrada em meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*. Também está disponível no meu site, www.prunch.org (ou www.prunch.com.br). Para começar, você deve meditar em Efésios 2.2, junto com Lucas 8.12 e 2 Coríntios 4.3-4.

país [Inglaterra] o principal professor religioso de seu tempo”.¹ Burgon era um homem de erudição inquestionável; seu biógrafo alista mais de cinquenta obras publicadas, sobre uma variedade considerável de assuntos. Seu índice de citações do Novo Testamento por líderes cristãos primitivos consiste em dezesseis grossos volumes manuscritos, encontrados na Biblioteca Britânica; contém 86.489 citações.² A erudição de Burgon nesta área da totalidade da disciplina nunca foi igualada. Ele talvez seja a única pessoa, viva ou morta, que pessoalmente cotejou cada um dos cinco grandes unciais antigos (conhecidos em sua época) – κ , A, B, C, D – em sua totalidade (NT). Ele catalogou 374 MSS gregos; naquela época não havia nem microfimes, ele tinha que ir pessoalmente até onde cada MS se encontrava.

Por causa do conhecimento em primeira mão de Burgon para com a evidência empírica, a sua refutação da teoria de Hort nunca foi respondida, pelo menos com base na evidência. Ele foi ignorado ou deturpado: ‘tudo o que ele faz é contar MSS’, uma falsidade perversa (e grotesca); ‘ele simplesmente não entende genealogia’, igualmente perverso e igualmente falso.³ Mas a crítica mais estridente e contínua era que sua argumentação era teológica, porque ele cria na inspiração divina do NT e a defendia. É aqui que entra a epistemologia: os ataques contra Burgon eram realmente uma epistemologia maligna atacando uma epistemologia piedosa.

É impossível trabalhar sem pressupostos, em qualquer disciplina. Portanto, é perverso criticar alguém por tê-los. Dito isso, as pressuposições podem e devem ser avaliadas. Uma vez avaliada, uma pressuposição pode ser razoavelmente criticada. A evidência concreta (empírica) é presumivelmente a mesma para todos, mas a interpretação que se dá à evidência será controlada (ou pelo menos fortemente influenciada) por suas pressuposições. Segue-se que todo erudito honesto deve declarar abertamente suas pressuposições. Deixar de fazê-lo é repreensível.⁴ Para alguém que não declara seus pressupostos criticar outrem por fazê-lo é pior que perverso – fingir que ele mesmo não tem nenhum é depravado (bem, talvez apenas tenha levado lavagem cerebral e sido cegado).

Embora eu não esteja na classe de Burgon como estudioso (viver na selva amazônica com um povo indígena não permitia pesquisas acadêmicas), também tenho sido constantemente criticado por declarar abertamente minha crença de que Deus tanto inspirou como preservou o NT. É até alegado que tal crença torna impossível fazer um trabalho acadêmico objetivo. Bem, bem, bem, se um servo de Deus não pode fazer um trabalho acadêmico objetivo, então um servo de Satanás certamente também não pode fazê-lo. Então, em que base um servo de Satanás critica um servo de Deus? Ele o faz com base em seus pressupostos, sua epistemologia.

Um irmão que mora em Curitiba, capital do estado do Paraná, escreveu recentemente a introdução de um livro em português que estou em coautoria. Ele elogia meu trabalho do ponto de vista da epistemologia. Achei seu argumento tão interessante (inspirou este

¹ E.M. Goulburn, *Life of Dean Burgon* (London: John Murray, 1892, 2 vols.), I, vii.

² Leo Vaganay, *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*, trans. B.V. Miller (London: Sands and Co., Ltd., 1937), p. 48.

³ A maioria dos ‘acadêmicos’ e professores são realmente ‘papagaios’, apenas repetindo o que foram ensinados – eles nunca voltaram à fonte para ver se é verdade. Quantos “estudiosos” do NT grego já cotejaram sequer um manuscrito grego? (Será que Hort cotejou algum MS?) Eles aceitam cegamente o que foi escrito sobre o assunto, talvez não percebendo que a maior parte do que foi escrito foi feito por ‘papagaios’.

⁴ Enquanto eu era estudante no seminário teológico, fomos ensinados que nunca devemos questionar os motivos de outra pessoa. Ora, ora, de onde você acha que essa ‘doutrina’ veio?

artigo) que pedi sua permissão para usá-lo aqui. Seu nome é Carlos Eduardo Rangel Xavier. Peço ao leitor que se concentre no argumento dele e não se distraia com os elogios.

O trabalho do Dr. Pickering dentro da crítica textual do NT (embora ele próprio não se considere um crítico textual¹), especialmente no cotejo de manuscritos, é impressionante e incomparável. E, mais do que isso, sua teoria acerca da preservação do Novo Testamento por meio do grupo de manuscritos identificado por ele como Família 35 é dotada de uma solidez epistemológica, de um rigor metodológico e de um valor apologético igualmente impressionantes.

Do ponto de vista epistemológico e apologético, o trabalho dele parte da premissa pressuposicionalista de que Deus dirigiu à raça humana uma revelação escrita, e que não faria sentido que esta redação escrita não fosse preservada pela própria providência divina. Como todo primeiro princípio epistemológico, este ponto deve ser pressuposto, e o Dr. Pickering sempre faz questão de, demonstrando muita honestidade intelectual, deixar suas pressuposições bastante claras.

Mas é na análise das evidências empíricas que reside o impressionante rigor metodológico da teoria do Dr. Pickering.

Fazendo questão de enfatizar que a teoria tem uma base epistemológica pressuposicionalista, vou todavia introduzir a consideração das evidências empíricas a partir de um eixo completamente diferente. Como consequência do impacto recente que autores como Alvin Plantinga e William Lane Craig têm desempenhado sobre meus estudos, usarei, a seguir, lógica modal para trabalhar em bases de uma apologética evidencialista.

Deixando bem claro, portanto, que as linhas que seguem dizem respeito exclusivamente a um trabalho de argumentação persuasiva de lógica modal que eu estou construindo aqui (e não à forma como o Dr. Pickering constrói diretamente seus argumentos), posso enunciar as seguintes premissas para argumentar acerca da preservação do Texto do Novo Testamento na Família 35.

- 1) É possível que Deus tenha dirigido uma revelação escrita à humanidade.
- 2) Se Deus nos dirigiu esta revelação, é razoável que ela tenha sido preservada.
- 3) A existência de um texto preservado confirma 1) e 2).
- 4) O único tipo de texto que, objetivamente, se encaixa em 3) é o da Família 35.

Crer que Deus existe é uma decisão de fé. Mas não mero fideísmo, uma vez que a fé cristã constitui, como já ensinou Alvin Platinga, uma crença avalizada e, assim, corresponde a conhecimento verdadeiro se o seu objeto de crença é verdadeiro. Os argumentos apologéticos tradicionais para a existência de Deus operam neste campo.

Por outro lado, a consideração histórica da pessoa de Jesus se relaciona com a questão da revelação, uma vez que todos os fatos básicos da fé cristã conduzem a Cristo como o ponto culminante do processo de autorrevelação de Deus na História.

Logo, se existe um Deus criador de todas as coisas, e se Ele decidiu se revelar a nós em Cristo, é perfeitamente razoável inferir que Ele também tenha deixado e preservado uma revelação escrita para nós.

Em outras palavras, a única premissa que se acrescenta por inferência aos fatos básicos da fé cristã é a preservação do Texto do Novo Testamento. Ou seja, o teísmo

¹ É verdade. Eu me considero um estudante do texto; o Texto está acima de mim. Um crítico está acima do texto. Não tenho uma teoria de crítica textual; minha teoria é sobre a preservação do texto.

trinitário do Dr. Pickering pressupõe não apenas o Deus criador, redentor e providente, mas agrega, por uma inferência racional simples, à Providência deste Deus a preservação do Texto do Novo Testamento.

De todo modo, é importante notar que, embora eu tenha remetido a prova de (1) à apologética tradicional, e que (2), adicionalmente, seja algo razoavelmente inferido a partir de (1), o fato é que, para fins de análise do argumento, a proposição (3) se segue a (1) e (2). Portanto, toda a validade do argumento depende apenas de provar (4); ou seja, que o texto da Família 35 é o único tipo de texto do Novo Testamento que pode, objetivamente, ser demonstrado como preservado. E é aqui que entra o trabalho de toda uma vida do Dr. Pickering.

É precisamente neste ponto, da demonstração da proposição (4), que o trabalho do Dr. Pickering deixa de ser apenas pressuposicionalista e passa a ser empírico, considerando as evidências de forma objetiva, algo que qualquer cientista contemporâneo de respeito procura fazer.

Ou seja, a demonstração da antiguidade e da independência do texto de Família 35 é feita a partir de argumentos objetivos e da comparação das evidências (quer dizer, de todos os manuscritos conhecidos). Nesse aspecto, também, o trabalho do Dr. Pickering é incomparável.

Aproveitando a correlação com a apologética, posso articular que o trabalho do Dr. Pickering com as evidências segue, assim como a apologética cristã, uma linha defensiva e uma linha ofensiva.

Do ponto de vista defensivo, o trabalho consiste em, seguindo a tradição iniciada por John Burgon, apontar para as incoerências dos postulados subjetivos da teoria eclética e demonstrar, objetivamente, a qualidade inferior dos manuscritos mais antigos.

Do ponto de vista ofensivo (no sentido de positivo, propositivo), o trabalho do Dr. Pickering consiste em considerar as possíveis linhas de transmissão do texto e analisar objetivamente as evidências disponíveis – ou seja, os manuscritos. A conclusão a que chega é que o único arquétipo objetivamente demonstrável para o texto de todo o Novo Testamento é a Família 35. [É certamente o único que foi demonstrado até agora.]

Obrigado, Professor Carlos! Qualquer um que lide de forma justa com meu trabalho¹ sabe que não uso argumentos sobrenaturais ou teológicos para defender a preservação divina do texto do NT. Minha afirmação de que a Família 35 preserva a redação original é baseada inteiramente em evidências empíricas, e dedução lógica baseada nessas evidências. Se eu uso a providência divina, é apenas para explicar os fatos, não para chegar a eles. A única maneira de explicar o caráter interno da Família 35 é entender que Deus estava preservando Seu Texto.

Insisto que não sou um empirista puro. Meu trabalho está ancorado em uma premissa transcendental. Meu cotejamento de MSS forneceu a comprovação empírica da premissa. Não uso a premissa para chegar aos fatos; chego aos fatos empiricamente. Utilizo a premissa para explicar os fatos, uma vez determinados empiricamente. **A minha epistemologia é baseada na pessoa e na obra do Soberano Jesus.**²

¹ Visto que Satanás obriga seus servos a prevaricar, não espero ser tratado com justiça por eles.

² Hebreus 1.10, João 1.10 e Colossenses 1.16 deixam claro que das três Pessoas que compõem a Divindade, Jeová Filho foi o agente primário na criação de nosso planeta e nossa raça. Portanto, Ele é a Fonte

A Datação de K^r (f³⁵) Revisitada

Quando Hermann von Soden identificou K^r e a declarou ser uma revisão de K^x feita no século XII, ele prestou um considerável malefício à Verdade e àqueles que tem interesse em identificar a redação original do NT. Esta seção argumenta que se Von Soden tivesse realmente prestado atenção às evidências disponíveis em seus dias, ele não poderia ter perpetrado tal injustiça.

Aqueles que estão familiarizados com o meu trabalho sabem que eu comecei usando f¹⁸ em vez de K^r, porque o minúsculo 18 é o membro da família com o menor número. Depois mudei para f³⁵ pelas seguintes razões: 1) embora o minúsculo 18 seja às vezes um representante mais puro do tipo de texto que o minúsculo 35, no Apocalipse o 18 desvia para outro tipo, enquanto 35 permanece fiel [ambos MSS contêm todo o NT]; 2) enquanto o 18 é datado ao século XIV, o 35 é datado ao século XI, desmentindo, assim, por si só, o dito de Von Soden que o K^r foi criado no século XII. Além disso, se 35 é uma cópia, não uma nova criação, então seu exemplar teria de ser mais antigo, e assim por diante.

Depois de fazer um cotejo completa de 1.389 MSS que contêm a *Pericope Adulterae* inteira (havia alguns outros que certamente contêm a *pericope*, mas não puderam ser cotejados porque o microfilme estava ilegível), Maurice Robinson concluiu:

Com base nos dados cotejados, o presente escritor é forçado a inverter as suas suposições anteriores em relação ao desenvolvimento e restauração / preservação da forma textual bizantina neste sentido: embora a própria transmissão textual seja um processo, parece que, na maior parte, as linhas de transmissão permaneceram separadas, com relativamente pouca mistura ocorrendo ou se tornando perpetuado....

Certamente, todos os tipos de texto da PA são distintos e refletem uma longa linha de transmissão e preservação em suas integridades separadas.

Assim, parece que os MSS bizantinos minúsculos preservam linhas de transmissão que não são apenas independentes, mas que necessariamente tiveram sua origem em um tempo bem anterior ao século IX.¹

Muito bem. Se K^r (M⁷) foi preservado em sua "integridade separada" durante "uma longa linha de transmissão", então ele teria que ter sua origem "em um tempo bem anterior ao século IX". Além do testemunho do 35, os cotejos de Robinson demonstram que o minúsculo 1166 e o lecionário 139, ambos do século X, refletem K^r. Se são cópias, não novas criações, então seus exemplares precisam ser mais antigos, e assim por diante. Sem

de todo o verdadeiro conhecimento relativo à vida neste planeta, como Colossenses 2.3 declara claramente: "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento".

¹ "Preliminary Observations regarding the *Pericope Adulterae* based upon Fresh Collations of nearly all Continuous-Text Manuscripts and over One Hundred Lectionaries", apresentado ao Evangelical Theological Society, nov., 1998, pp. 12-13. Contudo, já recebi a seguinte clarificação de Maurice Robinson: "Eu reivindicaria que, se meu nome for citado no que diz respeito a teus diversos artigos sobre K^r ou M⁷, você deixe claro que eu não concordo com a sua avaliação de K^r ou M⁷. Digo isto particularmente a respeito do artigo, "Preliminary Considerations regarding the *Pericope Adulterae*"; não deve ser usado para sugerir que eu considere a linha M⁷ ou texto K^r como sendo antigos. Isto seria bem errôneo, já que eu sustento, junto com quase todos os outros, que K^r / M⁷ são de fato textos recentes, que refletem atividade de revisão que começou, grosso modo, no século XII (talvez com exemplares de base do século XI, mas nada mais antigo)." [Bem, pressupondo que ele foi sincero quando escreveu aquele artigo, fico a indagar que evidência nova ele viu que levou ele a mudar de ideia – as colocações dele lá são mais do que claras. Além disso, eu mesmo tive em mãos uma cópia dos cotejos dele durante dois meses, e gastei a maior parte daquele tempo analisando-os; não vi motivo algum para duvidar das conclusões dele naquele artigo de novembro, 1998.]

acrescentar qualquer evidência adicional, parece justo dizer que **K^r** deve ter existido já no século IX, se não no VIII.

Durante anos, com base na série *Text und Textwert*, tenho insistido que **K^r** é tanto antigo como independente. Robinson pareceria concordar. “A falta de larga comparação-cruzada e correção demonstrada nos MSS conhecidos contendo a PA impede o fácil desenvolvimento de qualquer forma existente do texto da PA a partir de qualquer outra forma do texto da PA durante pelo menos a era do velino.”¹ “A era do velino” – isso não nos leva de volta ao século IV, pelo menos? Na realidade, sim. Considere:

- Atos 4.34 — τις ην **K^r** & A (~21 B) [**K^r** é independente, e tanto **K^r** como **K^x** são do IV século]
τις υπηρχεν **K^x** P⁸D
- Atos 15.7 — εν υμιν **K^r** & ABC, it^{pt} [**K^r** é independente, e tanto **K^r** como **K^x** são antigos]
εν ημιν **K^x** (D)lat
- Atos 19.3 — ειπεν τε **K^r** B(D) [**K^r** é independente, e tanto **K^r** como **K^x** são antigos]
ο δε ειπεν & A(P³⁸)bo
ειπεν τε προς αυτους **K^x** sy^p,sa
- Atos 21.8 — ηλθομεν **K^r** & AC(B)lat,syr,cop [**K^r** é mais antigo que **K^x**, muito antigo]
οι περι τον παυλον ηλθον **K^x**
- Atos 23.20 — μελλοντες (33.1%) **K^r** lat,syr,sa [**K^r** é independente e muito antigo; não há **K^x**]
μελλοντα (27.2%) {HF,RP}
μελλοντων (17.4%)
μελλων (9.2%) AB,bo
μελλον (7.5%) {NU} &
μελλοντας (5.4%)
- Rom. 5.1 — εχωμεν (43%) **K^r** **K^{x(1/3)}** & ABCD,lat,bo [teria parte de **K^x** assimilado a **K^r**?]
εχωμεν (57%) **K^{x(2/3)}**
- Rom. 16.6 — εις υμας **K^r** P⁴⁶ & ABC [**K^r** é independente e muito antigo, século II/III]
εις ημας **K^x**
εν υμιν D
- 2 Cor. 1.15 — προς υμας ελθειν το προτερον **K^r** [**K^r** é independente!]
προς υμας ελθειν &
προτερον προς υμας ελθειν ABC
προτερον ελθειν προς υμας D,lat
ελθειν προς υμας το προτερον **K^x**
- 2 Cor. 2.17 — λοιποι **K^r** P⁴⁶ & D,syr [**K^r** é muito antigo, século II/III]
πολλοι **K^{x(pt)}** & ABC,lat,cop
- Tiago 1.23 — νομου **K^r** [**K^r** é independente]²
λογου **K^x** & ABC
- Tiago 2.3 — την λαμπραν εσθητα **K^r** [**K^r** é independente]
την εσθητα την λαμπραν **K^x** & ABC
- Tiago 2.4 — — ου **K^r** & ABC [**K^r** é independente e antigo]
και ου **K^x**
- Tiago 2.8 — σεαυτον **K^r** & ABC [**K^r** é independente e antigo]
εαυτον **K^x**
- Tiago 2.14 — εχει **K^r** [**K^r** é independente]
εχη **K^x** & ABC

¹ *Ibid.*, p. 13.

² Para os exemplos em Tiago consultei *Editio Critica Maior* também.

- Tiago 3.2 — δυναμενος **K^r** **ℵ** [**K^r** é independente e antigo]
 δυνατος **K^x** AB
- Tiago 3.4 — ιθυνοντος **K^r** [**K^r** é independente; uma grafia clássica rara]
 ευθυνοντος **K^x** **ℵ** ABC
- Tiago 4.11 — ο γαρ **K^r** [**K^r** é independente]
 ο — **K^x** **ℵ** AB
- Tiago 4.14 — ημων **K^r** [**K^r** é independente]
 υμων **K^x** **ℵ** A(P¹⁰⁰B)
- Tiago 4.14 — επειτα **K^r** [**K^r** é independente]
 επειτα και **ℵ** AB
 επειτα δε και **K^x**
- 1 Ped. 3.16 — καταλαλουσιν **K^r** **ℵ** AC,sy^p,bo [**K^r** é independente e antigo]
 καταλαλωσιν **K^x**
 καταλαλεισθε P⁷²B,sa
- 1 Ped. 4.3 — υμιν **K^r** **ℵ** bo [**K^r** é independente e antigo]
 ημιν **K^x** C
 (omitir) P⁷²AB,lat,syr,sa
- 2 Ped. 2.17 — εις αιωνας **K^r** [**K^r** é independente]
 εις αιωνα **K^x** AC
 (omitir) P⁷² **ℵ** B,lat,syr,cop
- 3 João 12 — οιδαμεν **K^r** [**K^r** é independente]
 οιδατε **K^x**
 οιδας **ℵ** ABC

Então, que conclusões podemos tirar dessa evidência? **K^r** é independente de **K^x** e ambos são antigos, datando pelo menos ao século IV.¹ Alguns dos exemplos poderiam ser interpretados como significando que **K^r** é mais antigo que **K^x**, datando ao século III e até mesmo ao século II, mas deixarei essa possibilidade em banho-maria e observarei mais algumas evidências. Os exemplos a seguir são baseados em *Text und Textwert* e no IGNTP *Luke*.

- Lucas 1.55 — εως αιωνος **K^r** C [**K^r** é independente e do século V]
 εις τον αιωνα **K^x** **ℵ** AB
- Lucas 1.63 — εσται **K^r** C [**K^r** é independente e do século V]
 εστιν **K^x** **ℵ** AB
- Lucas 3.12 — υπ αυτου και **K^r** C [**K^r** é independente e do século V]
 — — και **K^x** **ℵ** ABD
- Lucas 4.7 — σοι **K^r** [**K^r** é independente]
 σου **K^x** **ℵ** AB
- Lucas 4.42 — εζητουν **K^r** [**K^r** é independente]
 επεζητουν **K^x** **ℵ** ABCD
- Lucas 5.1 — περι **K^r** [**K^r** é independente]
 παρα **K^x** P⁷⁵ **ℵ** ABC

¹ Alguém talvez objete que as leituras são antigas, mas não os tipos de texto; mas se um tipo de texto é claramente independente, e o sortimento de testemunhas antigas que o sustentam varia constantemente, então ele tem leituras antigas porque ele próprio é antigo. E no caso de **K^r** existem muitas centenas de jogos de variantes onde a sua leitura tem atestação antiga concreta. (Lembrar que o **M** de Aland e o **K** de Soden incluem **K^r** – o coitado do tipo de texto em si não deve ser responsabilizado pela maneira em que eruditos modernos o tratam.) Se é possível demonstrar objetivamente que um tipo de texto tem centenas de leituras antigas, mas não é possível demonstrar objetivamente que tem quaisquer leituras recentes, com que base pode alguém declarar que esse tipo é recente?

- Lucas 5.19 — ευροντες δια **K^r** [**K^r** é independente]
ευροντες — **K^x** ⚭ ABCD
- Lucas 5.19 — πως **K^r** [**K^r** é independente]
ποιας **K^x** ⚭ ABC
- Lucas 6.7 — — τω **K^r** D [**K^r** é independente e do século V]
εν τω **K^x** ⚭ AB
- Lucas 6.10 — ουτως και **K^r** [**K^r** é independente]
— και **K^x** ⚭ ABD
- Lucas 6.26 — καλως ειπωσιν υμας **K^r** ⚭ A [**K^r** é independente e do século IV]
καλως υμας ειπωσιν **K^x** D
υμας καλως ειπωσιν P⁷⁵B
- Lucas 6.26 — παντες οι **K^r** P⁷⁵AB(⚭) [**K^r** é independente e do começo do século III]
— οι **K^x** D,syr
- Lucas 6.49 — την οικιαν **K^r** P⁷⁵ [**K^r** é independente e do começo do século III]
— οικιαν **K^x** ⚭ ABC
- Lucas 8.15 — ταυτα λεγων εφωνει ο εχων ωτα ακουειν ακουετω **K^r** [**K^r** é independente]
(omitir) **K^x** ⚭ ABD
- Lucas 8.24 — και προσελθοντες **K^r** [**K^r** é independente]
προσελθοντες και **K^x** ⚭ ABD
- Lucas 9.27 — εστηκοτων **K^r** ⚭ B [**K^r** é independente e do século IV]
εστωτων **K^x** ACD
- Lucas 9.56 — (têm o verso) **K^r** **K^x** lat,syr,Diat,Marcion [tanto **K^r** como **K^x** são do século II]
(omitem o verso) P^{45,75} ⚭ ABCDW,cop
- Lucas 10.4 — πηραν μη **K^r** P⁷⁵ ⚭ BD [**K^r** é independente e do começo do século III]
πηραν μηδε **K^x** AC
- Lucas 10.6 — εαν μεν **K^r** [**K^r** é independente]
εαν — **K^x** P⁷⁵ ⚭ ABCD
- Lucas 10.39 — των λογων **K^r** [**K^r** é independente]
τον λογον **K^x** P^{45,75} ⚭ ABC
- Lucas 10.41 — ο Ιησους ειπεν αυτη **K^r** D [**K^r** é independente e do século V]
ο Κυριος ειπεν αυτη P⁴⁵ [a sequência das palavras é do século III]
ειπεν αυτη ο Ιησους **K^x** ACW,syr,bo
ειπεν αυτη ο Κυριος P⁷⁵ ⚭ B,lat,sa
- Lucas 11.34 — — ολον **K^r** CD [**K^r** é independente e do século V]
και ολον **K^x** P^{45,75} ⚭ AB
- Lucas 11.53 — συνεχειν **K^r** [**K^r** é independente!]
ενεχειν **K^x** P⁷⁵ ⚭ AB
εχειν P⁴⁵D
επεχειν C
- Lucas 12.22 — λεγω υμιν **K^r** P⁷⁵ ⚭ BD,lat [**K^r** é independente e do século II]
υμιν λεγω **K^x** AW

- Lucas 12.56 — του ουρανου και της γης **K^r** P^{45,75}D [**K^r** é independente e do século III]
της γης και του ουρανου **K^x** ̳ AB
- Lucas 12.58 — βαλη σε **K^r** (D) [**K^r** é independente]
σε βαλη **K^x** A(P⁷⁵ ̳ B)
- Lucas 13.28 — οψεσθε **K^r** BD [**K^r** é independente e do século IV]
οψησθε **K^x** P⁷⁵AW
ιδητε ̳
- Lucas 19.23 — επι την **K^r** [**K^r** é independente]
επι — **K^x** ̳ ABD
- Lucas 21.6 — επι λιθον **K^r** [**K^r** é independente]
επι λιθω **K^x** ̳ AB
- Lucas 21.15 — αντειπειν η αντιστηναι **K^r** A [**K^r** é independente e do século V]
αντειπειν ουδε αντιστηναι **K^x** W
— — αντιστηναι D,it,syr
αντιστηναι η αντειπειν ̳ B,cop
- Lucas 22.12 — αναγαιον **K^r** ̳ ABD [**K^r** é independente e do século IV]
αναγειον CW
ανωγειον **K^x**
- Lucas 22.66 — απηγαγον **K^r** P⁷⁵ ̳ BD [**K^r** é independente e do começo do século III]
ανηγαγον **K^x** AW
- Lucas 23.51 — ος — **K^r** P⁷⁵ ̳ BCD,lat [**K^r** é independente e do século II]
ος και **K^x** AW

Há um bom número de outros exemplos em que **K^r** está sozinho contra o mundo, mostrando sua independência, mas eu me cansei, decidindo que eu já havia incluído o suficiente para defender a afirmação. Notar que N-A²⁷ menciona apenas um terço desses exemplos de Lucas – ser desprezado é ser ignorado. Esta evidência a mais confirma que **K^r** é independente de **K^x** e que ambos são antigos, só que agora ambos têm que datar ao século III, pelo menos.

Será observado que eu forneci exemplos dos Evangelhos (Lucas, João), Atos, Paulo (Romanos, 2 Coríntios), e as Epístolas Gerais (Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 3 João), com ênfase em Lucas, Atos e Tiago.¹ Ao longo do Novo Testamento, **K^r** é independente e antigo. Datando ao século III, ele é tão antigo quanto qualquer outro tipo de texto. Portanto, **deve ser tratado com o respeito que ele merece!!**

Eu já citei Maurice Robinson duas vezes e mostrei que a evidência sustenta suas afirmações. Tanto **K^r** como **K^x** datam ao começo da era velina. Mas ele faz uma afirmação adicional que é ainda mais ousada:

Nem os unciais, nem os minúsculos mostram qualquer indicação de qualquer linha conhecida derivando de uma linha paralela conhecida. As cerca de 10 linhas de transmissão de "tipo de texto" permanecem independentes e devem necessariamente se estender até um ponto muito antes de ocorrerem suas estabilizações separadas –

¹ Além disso, tenho pelo menos uma página de exemplos em Apocalipse que confirmam que **K^r** (**M^c**) é independente e do século III nesse livro também.

um ponto que parece remontar (como Colwell e Scrivener sugeriram) para bem dentro do segundo século.¹

Ora, ora, ora, estamos chegando bem perto dos Autógrafos! Evidência objetiva do século II é um pouco difícil de se obter. Contudo, os exemplos tirados acima de Atos 21.8, Atos 23.20, Romanos 5.1, Lucas 9.56, Lucas 12.22 e Lucas 23.51 talvez coloquem **K^r** (e **K^x**) no século II. No entanto, não é o propósito desta seção defender essa tese. Por enquanto, contento-me em insistir que **K^r** deve datar ao século III e, portanto, tem de ser reabilitado na prática da crítica textual do NT.

Concluindo, afirmo ter demonstrado que **K^r** é independente e antigo, datando ao século III (pelo menos). Mas há um desdém, uma antipatia arraigada em relação a esse símbolo, e por isso já propus um novo nome para esse tipo de texto. Devemos substituir **K^r** por **f³⁵** – é mais objetivo e se afastará do preconceito que se prende a **K^r**.

Já que critiquei a datação de **K^r** por von Soden, pergunto agora: o que o levou a essa conclusão, e por que sua conclusão é quase universalmente aceita pela comunidade acadêmica? Eu respondo: o número de MSS do tipo **K^r** se torna notório precisamente no século XII, embora haja alguns do XI. Esse número cresce no XIII e cresce um pouco mais no XIV, chamando atenção para si mesmo. Aqueles que já haviam abraçado a doutrina de Hort de um texto "sírio" tardio, não veriam motivo para questionar a afirmação de Soden, e não teriam nenhuma inclinação ou motivação para 'desperdiçar' tempo checando-a. Se o próprio von Soden tinha abraçado a doutrina de Hort, então ele estava cego quanto à evidência.

Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, respectivamente. Há mais de quatro vezes mais MSS do XIII que do X, mas obviamente o grego koinê teria sido uma língua mais viva no X do que no XIII, e assim teria havido mais procura e, portanto, mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X pereceram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu do que os produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV que no X. Mas se tivéssemos vivido no X e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece se tivéssemos vivido no século VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Sobre 'Padrão' e 'Dependência'

Quando 100% dos MSS conhecidos estão de acordo, o padrão e a dependência entre os MSS é total, ou completo. Já que **TODOS** os MSS receberam influência comum a partir do Texto Original, são as divergências que exigem atenção especial.

Quando 100% dos MSS conhecidos estão de acordo, não pode existir dúvida razoável quanto à redação original. Isto provavelmente diga respeito a pelo menos 50% das palavras do NT. Quanto a muitas outras palavras, apenas um MS discorda – chamamos isso de

¹ *Ibid.*

leitura 'singular'. Eu concordo com E.C. Colwell quando ele declarou que toda e qualquer leitura singular deve ser excluída de consideração, rigorosamente¹ – mesmo quando uma dada leitura não é um erro óbvio. É simplesmente desarrazado imaginar que um MS solitário possa estar certo contra 1.700 nos Evangelhos, ou contra 700 em Paulo. Quando todas as linhas de transmissão estão de acordo, elas certamente refletem a leitura Original. Se o MS que contém uma variante singular pertence a uma linha de transmissão, essa variante não pode estar certa (é interna a essa linha).

MSS que são tão discrepantes individualmente que não podem ser agrupados, não pertencem a nenhuma linha de transmissão. Qualquer leitura singular que eles apresentam não pode estar certa. O número de MSS do NT é tão vasto que qualquer MS discrepante foi meramente a propriedade particular de alguém: é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

Quando dois MSS, ou mais, concordam numa divergência, devemos fazer pelo menos três perguntas: 1) Foram produzidos no mesmo lugar? 2) É um erro de copiar fácil que copistas diferentes poderiam fazer independentemente? 3) Pertencem eles à mesma linha de transmissão? Quando dois MSS, ou mais, compartilham algumas variantes em comum, é provável existir alguma dependência: eles compartilham uma influência comum de algum tipo. O alcance de tal influência exige avaliação.

Colwell opinou que dois MSS deveriam concordar pelo menos 70% das vezes, havendo variação, para serem classificados como representantes da mesma família² [eu exigiria 80%]. Sendo que os códices Aleph e B concordam menos que 70% das vezes, eles caem abaixo do piso de Colwell. Dito isso, no entanto, não há como negar que aqueles dois MSS sofreram uma contaminação em comum, acompanhados, em graus diferentes, pelos códices A, C, D e W. Essa contaminação em comum teria de ter uma fonte; aonde? Dentro da disciplina da crítica textual do NT, essa contaminação em comum se chama de tipo de texto 'alexandrino'. Sendo que a Alexandria se situa no Egito, esse tipo de texto é também chamado de 'egípcio'. Cada um dos seis códices mencionados acima traz um aglomerado distinto de variantes; cada um é um tanto diferente de todos os outros. Já que nenhum deles tem pais ou filhos (que saibamos), eles são produções individuais, cópias fabricadas. Não temos como saber o que motivou cada um dos copistas que produziram essas cópias fabricadas. Contudo, a nossa ignorância a esse respeito não altera a natureza dessas cópias fabricadas.

Após eu ter divulgado uma versão anterior deste artigo, o Dr. Michael C. Loehrer me enviou algumas ideias sobre como produzir um 'tipo de texto' sem um arquétipo:

Embora não possamos *saber* o que motivou os copistas a introduzir variações fabricadas no texto, podemos conjecturar o que os motivou a partir do lugar onde viviam e daquilo que criam. Eles viviam no Egito e detinham crenças gnósticas num mundo greco-romano. No mundo deles, uma mistura de crenças demonstrava respeito mútuo e uma disposição para promover paz, um de seus valores mais elevados. Judeus e cristãos criam que tal mistura diluía ou comprometia verdade absoluta. Gnósticos egípcios faziam por aonde melhorar um texto imperfeito. Judeus e cristãos criam que começaram com um texto perfeito. Portanto, judeus e cristãos procuravam fazer

¹ "External Evidence and New Testament Criticism", *Studies in the History of the Text of the New Testament*, ed. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 8.

² "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts," *New Testament Studies*, IV (1957-1958).

cópias fiéis a seu exemplar. Gnósticos egípcios procuravam melhorar seu exemplar. Essas conclusões se baseiam em várias linhas de raciocínio:

- 1) No império romano não havia leis que protegiam direitos autorais, de sorte que no momento que um texto foi entregue ao público ficava vulnerável a alteração livre – qualquer um poderia fazer alterações.
- 2) Copistas gnósticos introduziam mudanças propositais porque criam que eles estavam melhorando um texto imperfeito (partiam da pressuposição de que todos textos eram imperfeitos, por serem de produção humana).
- 3) Eles não criam que autoria divina e inerrância fossem possíveis num mundo material (a perfeição só existia no mundo imaterial).
- 4) Eles criam que eles detinham conhecimento especial, e com isso eles tinham uma obrigação de fazer por aonde aprimorar.
- 5) Eles criam que eles eram superiores (acadêmica e religiosamente) ao povo comum, os que tinham provido cópias inferiores previamente.

Com isso, um tipo de texto egípcio mal definido foi produzido sem arquétipo por gnósticos egípcios que tinham uma cosmovisão muito diferente da dos judeus e cristãos que produziram o texto original. [Entendo que essas ponderações merecem consideração.]

Há muitos anos, Colwell demonstrou que é impossível definir uma forma arquetípica para o tipo de texto ‘alexandrino’, assim dito, baseado no voto dos MSS participantes.¹ **Um tipo de texto sem um arquétipo é uma ficção.** Isso dito, no entanto, a contaminação em comum atribuída à Alexandria não é uma ficção. Antes de morrer, Kurt Aland, aquele grande campeão do texto ‘egípcio’, escreveu que em 200 d.C. a presença e a influência gnósticas no Egito eram tão maciçamente difundidas que os manuscritos no Egito não eram confiáveis!² Ele escreveu também que naquele tempo o uso de grego no Egito estava se acabando.³ (Com que base, então, afirmava ele que o texto ‘egípcio’ era o melhor?)

Baseado nas evidências objetivas disponíveis a nós, eu diria que a produção de MSS na Alexandria e arredores nunca passou de um remanso estagnado à margem do grande rio da transmissão do NT. Os MSS sobreviventes, supostamente produzidos naquela região, são tão discrepantes, individualmente, que não perfazem uma linha de transmissão. Já que temos os nomes de pelo menos onze ‘denominações’ gnósticas no Egito em 200 d.C., certamente não faltavam cópias fabricadas entre eles. A antiguidade de uma cópia fabricada não altera o fato de ser ela uma cópia fabricada! Uma cópia fabricada é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

Frederik Wisse cotejou e comparou 1.386 MSS para Lucas 1, 10 e 20 (três capítulos inteiros); ele reduziu esses MSS a 37 grupos (famílias), além de 89 MSS tão discrepantes que não podiam ser agrupados.⁴ Sucede que 36 dos 37 ficam dentro do largo rio bizantino de transmissão. Ele identificou 70 subgrupos dentre os 36, transparecendo que ele se julgou capaz de definir tais relacionamentos, baseado nos perfis. O grupo 37 é o ‘alexandrino’, ao qual ele designou exatamente 10 MSS para os três capítulos – 10 entre 1.386,

¹ Colwell, "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts", *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87.

² "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

³ K. and B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), pp. 52-53.

⁴ *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

justamente o que poderíamos esperar de um remanso estagnado. Wisse utilizou padrão e dependência.

Herman C. Hoskier cotejou uns 220 MSS para o Apocalipse inteiro, e os distribuiu entre nove famílias, ou grupos, baseado nas suas afinidades.¹ Para o propósito da discussão que segue, vou designar esses grupos com letras: a até i. O aparato crítico de meu Texto grego (Família 35) para o Apocalipse, baseado nos cotejos de Hoskier, trata uns 954 jogos de variantes. Fiz uma contagem rápida de todas as divisões internas nos nove grupos, como apresentadas no meu aparato (para meu propósito aqui, exatidão não é necessária). Agora alisto as famílias pela ordem decrescente de número de divisões:

e—495

i—424

h—412

a—268

g—191

d—163

b—135

f—104

c—20

O total é de 2.212, o que dá uma média de 2,3 por jogo de variantes! Por estranho que possa parecer, apesar de toda a confusão, cada um dos grupos tem leituras particulares em número suficiente para permitir identificação. Os primeiros três apresentam divisão em torno de metade das vezes; deve ter havido bastante comparação e mistura. O grupo a é de longe o maior, e Hoskier identificou cinco subgrupos dentro dele, de sorte que o número elevado não deve nos surpreender. O número para o último, c, é muito pequeno, comparado com os outros. Acontece que o grupo c é a minha Família 35, e talvez seja o segundo em tamanho. Quero analisar a questão: o que padrão e dependência nos dizem a respeito das evidências já apresentadas?

Mas primeiro, quero analisar as divisões da Família 35. Existem onze números que podem ser tanto escritos por inteiro ou representados pelas letras correspondentes; como são duas maneiras de dizer a mesma coisa, não são variantes, e não os alistei. Nove são grafias alternadas da mesma palavra; alistei eles, sim, mas não são propriamente variantes (para oito delas a diferença é de uma letra, e a outra é ditongo). Isso deixa onze variantes de fato, cinco das quais envolvem só uma letra, e três um ditongo; apenas uma envolve mais que duas letras. Enfim, a família 35 é muito sólida (internamente coerente), muito mais do que quaisquer dos outros grupos. As variantes de fato envolvem apenas 19 letras para todo o livro de Apocalipse – impressionante!

O que nos dizem padrão e dependência a respeito das evidências apresentadas acima? Começo com os postulados seguintes:

- 1) Quando 100% dos MSS conhecidos concordam, o padrão e a dependência entre os MSS são totais.
- 2) Todos os MSS receberam influência comum do Texto original.
- 3) Todas as variantes singulares devem ser excluídas de consideração, rigorosamente.
- 4) Qualquer MS idiossincrásico simplesmente foi a propriedade particular de alguém, uma cópia fabricada; é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

¹ *Concerning the Text of the Apocalypse*, 2 vols. (London: Bernard Quaritch, 1929).

5) Fragmentos não preservam uma quantidade suficiente de texto para permitir classificação, e assim como os MSS idiossincrásicos, são irrelevantes para a história da transmissão do Texto.¹

Já que todos os MSS conhecidos dos primeiros cinco séculos (para o Apocalipse) são ou fragmentos ou idiossincrásicos, vou limitar a minha análise às linhas de transmissão.

Para começar, Hoskier utilizou padrão e dependência para identificar seus nove grupos. Mas obviamente eles todos não podem representar a redação original, exceto quando todos concordam. Será que os nove grupos são independentes, ou podem alguns dos grupos serem agrupados? Verifiquei o meu aparato crítico e alistei todas as combinações diferentes entre os nove grupos, junto com o número de vezes que cada combinação ocorreu (combinação de dois grupos, ou mais). Encontrei **238** combinações diferentes!! Alistei somente grupos inteiros (não as divisões) exceto que tomei 2/3 ou mais como representando o grupo completo. Devido à quantidade exagerada de confusão, as estatísticas que ofereço não passam de uma aproximação aproximada, mas elas são boas o suficiente para permitir conclusões defensáveis. Contudo, 96 das combinações ocorrem só uma vez, e outras 42 só duas, de sorte que não as incluí no quadro que segue. Mas isso ainda deixa cem!

É um prazer notar que o recente *Text und Textwert* para o apocalipse (2017) reconhece o texto 'Complutensian' deles como sendo uma linha independente de transmissão, fazendo companhia aos seus textos 'Koinê' e 'Andreas', assim chamados. O *Complutensian* deles é a minha família 35; corresponde ao grupo **c** abaixo. O *Koinê* deles corresponde aos grupos **a, b, f, g, i** abaixo. O *Andreas* deles corresponde aos grupos **d, e, h** abaixo – bem, isto é, segundo a minha avaliação. Como podem ver a seguir, há bastante 'promiscuidade', os grupos se movimentam, uns mais que outros. O caso mais difícil é de **h**, que acompanha *Koinê* quase o mesmo tanto que acompanha *Andreas*.

Baseado na minha análise de Hoskier, os grupos têm o tamanho que segue: **a** é representado por 65 MSS; **b** por 10; **c** por 33;² **d** por 15; **e** por 31; **f** por 11; **g** por 9; **h** por 13; **i** por 11. (**a** sozinho é maior que **b, f, g, i** juntos.) (**d** é menor que **e**, mas **e** é de longe o grupo mais fragmentado.)³ Sendo que considero que o grupo **c** é o denominador comum, o coloco primeiro; **a** lidera o *Koinê* e **d** o *Andreas*. Só alisto combinações; cada grupo ocorre sozinho também.

ca—10	cbdeg—5	ab—3	bd—9
cabdfgi—15	cbdegh—11	abdefghi—11	bde—12
cabdfi—3	cbdeh—6	abdfghi—10	bdeh—12
cabefgi—4	cbdfhi—3	abdfgi—4	bdf—4
cabf—5	cbefghi—3	abdfh—3	bdh—3
cabfg—8	cbefgh—4	abefghi—4	be—7
cabfghi—28	cd—22	abefhi—3	beh—4
cabfgi—47	cde—49	abf—23	bf—4

¹ Contudo, tanto fragmentos como MSS discrepantes demonstram que quaisquer variantes que eles contêm existiram no tempo em que foram produzidos. Eles demonstram existência, não valor.

² Eu já acrescentei 10 MSS aos 33, baseado na pesquisa que eu mesmo fiz no INTF (Münster, Alemanha). Dos 43, um é um mero fragmento, mas ele contém a primeira leitura diagnóstica da família.

³ Eu devo mencionar que Hoskier cotejou outros 14 MSS que eu não incluí nos nove grupos (por motivos variados). Se esses não pertencem a nenhuma linha de transmissão, nem compõem juntos um grupo separado, são irrelevantes.

cabfhi—7	cdef—13	abfg—15	bg—3
cabfi—13	cdefghi—3	abfgh—3	bh—5
cabghi—3	cdefhi—3	abfghi—20	
cadfghi—4	cdeg—11	abfgi—33	de—52
cadfgi—5	cdegh—14	abfh—4	def—8
caf—9	cdeghi—4	abfhi—8	deg—5
cafg—6	cdeh—32	abfi—17	degh—8
cafgh—5	cdehi—7	abgh—3	deh—25
cafgi—24	cdg—3	af—19	dei—3
cafhi—3	cdh—7	afg—15	df—6
cafi—5	ce—10	afghi—9	dg—3
cag—4	cef—4	afgi—7	dh—19
caghi—6	ceg—3	afh—5	
cb—5	ceh—5	afhi—3	eg—5
cbd—4	cf—4	afi—14	egh—3
cbde—15	cg—5	ag—19	eh—11
cbdefghi—3	ch—3	agh—5	
cbdefhi—6		agi—3	gh—4

Favor de lembrar que não alistei 138 combinações outras que ocorrem só uma vez ou duas. A quantidade de mistura é atordoadora. Apesar de tudo isso, durante os últimos 80 anos, pelo menos, prevalece dentro da disciplina a ‘verdade falaz’ de que o grupo *Complutensian* seria um composto baseado nos grupos *Koinê* e *Andreas*. Mas será que essa ideia ‘bate’ com as evidências apresentadas? c ocorre em nada menos que 129 combinações com outros grupos, sem falar das vezes que fica sozinho. Contudo, raramente fica totalmente só; um apanhado aleatório de outros MSS o acompanham; mas a lista de tais MSS é sempre diferente (se a lista fosse a mesma, tais MSS fariam parte da família). A incrível variedade de associações não relacionadas permite duas conclusões: 1) os MSS que representam o grupo podem ser identificados e separados, dando-nos uma família definida empiricamente; 2) essa família empiricamente definida **tem de ser independente** de todas as outras linhas de transmissão.

Então, o que padrão e dependência nos dizem a respeito das evidências? Eles funcionam em dois níveis: dentro de um grupo e entre grupos. Dentro de um grupo eles definem o nível de consistência, ou coerência interna, exibido por esse grupo. Assim, entre os nove grupos no apocalipse, e, i e h exibem a confusão interna maior, o que reduz a credibilidade deles enquanto linhas de transmissão. a é grande, mas tem cinco subgrupos; sem os subgrupos ele cai de 65 para 18 MSS – os cinco subgrupos, junto com confusão interna a mais, reduz a sua credibilidade enquanto linha de transmissão. Contrastando com os demais, c é muito sólido, internamente consistente ou coerente – o padrão e a dependência internos são pesados, o que aumenta a credibilidade do grupo, enquanto linha de transmissão.

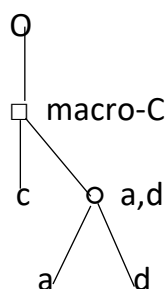
E que fazem eles entre grupos? É o nível comparativamente alto de padrão e dependência que permite que agrupemos a,b,f,g,i e digamos que juntos eles compõem um tipo de texto (podemos chamá-lo de *Koinê*). Tudo isso aplica-se também a d,e,h (podemos chamá-lo de *Andreas*). Contrastando com esses oito, c é independente de todos eles,

demonstrado pela falta de padrão e dependência. *c* e *Koinê* concordam contra *Andreas* mais de 100 vezes, ao passo que *c* e *Andreas* concordam contra *Koinê* mais de 100 vezes também. O rol completo de *Koinê* e *Andreas* juntos concorda contra *c* apenas onze vezes. Eu entendo que a explicação mais razoável para as evidências apresentadas é que *c* é o denominador comum; é o ângulo da transmissão do qual todos os outros se desviaram, em momentos e maneiras diferentes.

Pois então, o que padrão e dependência nos dizem? Eles permitem que identifiquemos grupos, ou famílias, de MSS. Eles também definem o nível de consistência interna de cada grupo. A falta de padrão e dependência permite que identifiquemos linhas independentes de transmissão. Todos os MSS receberam alguma influência em comum da forma original, mas é evidente que linhas independentes de transmissão não podem representar a redação original no mesmo nível. Assim sendo, que havemos de fazer quando confrontados por várias linhas tais? Ou, para ver um caso concreto, como podemos escolher entre *Koinê*, *Andreas* e *Complutensian* no Apocalipse? Se seguirmos dois contra um, teremos um texto ‘majoritário’ – por alto eu diria que tal texto será pelo menos 90% *Complutensian* (porque fica sozinho poucas vezes).¹ (Do meu ponto de vista, aquilo seria um Texto muito bom!)

Não existe sequer uma divisão tríplice clara no livro inteiro, e somente um caso que poderíamos dizer que chega perto (em 15.4). O que nos diz a falta de divisão tríplice? Nos diz que os três grupos **não** são igualmente independentes. Nos diz que o *Complutensian* é o mais independente dos três – quer dizer, independente dos outros dois! Já que todos os três dependem do Original em algum grau, haveria como determinar qual dos três é o mais dependente, e portanto o mais próximo do Original? Se as evidências apontam para o *Complutensian* como sendo o denominador comum, então os outros dois dependem dele, pelo menos em parte. Isso significa que o *Complutensian* se posiciona entre eles e o Original, e portanto é o mais próximo do Original.

Sim, mas que fazer com os poucos casos onde *Koinê* e *Andreas* concordam contra *Complutensian*; conseguiriam ter dado uma ‘volta por cima’ e ter apelado diretamente ao Original? [Aliás, como seria sequer possível isso?] Ou fizeram escolhas caprichosas, consultando um exemplar diferente do *Complutensian*? Tal exemplar seria um ‘nodo’ (ponto de bifurcação) acima de *Koinê* e *Andreas*, já que eles se separaram depois. [Isso, pelo menos, seria possível, imagino.] Mas, e se *Complutensian* representa o Original corretamente? Então poderíamos ter uma ‘árvore’ parecida com esta:



¹ Só para constar, a edição *TuT* já mencionada utiliza uma “maioria relativa”. Eles chegaram a essa “*Mr*” por acrescentar a *NA*²⁸ como sendo uma quarta linha de transmissão, mas também usaram considerações ‘internas’. Eles seguiram *Koinê* 98 vezes, *Complutensian* 95 vezes, *Andreas* 79 vezes e *NA*²⁸ 41 vezes (extraídas de doze combinações). Eles seguiram *Koinê* sozinho onze vezes, a única linha assim contemplada.

Reconheço que a decisão final de alguém será guiada por considerações além de padrão e dependência. Mas precisamos de padrão e dependência para nos levar a essa decisão final.

Apoio de Unciais Antigos para f^{35} nas Epístolas Gerais

Entendo que Klaus Wachtel, em seu *Der Byzantinische Text der Katholischen Briefe* [*O Texto Bizantino nas Cartas Católicas*], reconhece que o **texto** bizantino é antigo (embora muitas vezes decida contra ele por motivos internos), despedindo assim a ficção predominante de que o texto bizantino é tardio. Creio que as evidências que serão apresentadas a seguir demonstram o mesmo para o **texto** da f^{35} .

Passo a catalogar o desempenho dos unciais antigos (século V e anteriores) como eles aparecem no aparato do meu texto grego das sete Epístolas Gerais, mas suplementado a partir da série *Editio Critica Maior*.¹ Eu uso f^{35} como o ponto de referência, mas apenas catalogo conjuntos de variantes em que pelo menos um dos antigos unciais conhecidos (existentes naquele ponto) vai contra f^{35} (isto é necessário, uma vez que a maioria das palavras tem atestação unânime).

Treze unciais antigos aparecem em meu aparato: $P^{20,23,72,78,81,100}$, \aleph , A,B,C,048,0173,0232. Apenas P^{72} , \aleph , A,B,C não são fragmentos (048 é uma variedade de pedaços, cá e lá). O Códice C está faltando basicamente os capítulos 4 e 5 de Tiago, 1 Pedro e 1 João [curiosamente, os mesmos dois capítulos para os três livros], assim como 2 João por inteiro. Claro que P^{72} tem apenas 1 e 2 Pedro e Judas. 0173 é o único deles que nunca está do lado de f^{35} . Do total de 795 conjuntos de variantes, f^{35} recebe atestação antiga concreta 77.9% das vezes (619 ÷ 795).

Antes de tirar conclusões, apresento as evidências (somente as combinações com pelo menos um caso, são catalogadas). De passagem, esclareço que não disponho de quem verifique, e com isso não garanto precisão completa, mas um equívoco cá e lá não altera o quadro geral, e nem invalida as minhas conclusões.

	<u>Tiago</u>	<u>1Pedro</u>	<u>2Pedro</u>	<u>1João</u>	<u>2&3João</u>	<u>Judas</u>	<u>Total</u>
f^{35} só	53	45	17	31	17	13	176
$f^{35} P^{72}$		7	1			1	9
$f^{35} P^{100}$	2						2
$f^{35} \aleph$	9	9	7	11	3	1	40
$f^{35} A$	10	8	2	6		1	27
$f^{35} B$	2	3	1	7	3		16
$f^{35} C$	5	8	3	4	1	1	22
$f^{35} 048$	1		1	1			3
$f^{35} P^{20} \aleph$	1						1
$f^{35} P^{72} A$		3					3
$f^{35} P^{72} B$		3	1				4
$f^{35} P^{72} C$		3					3
$f^{35} P^{72} 048$		1					1
$f^{35} P^{100} A$	2						2

¹ *Editio Critica Maior*, The Institute for New Testament Textual Research, ed (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997), vol. IV, Catholic Epistles.

	<u>Tiago</u>	<u>1Pedro</u>	<u>2Pedro</u>	<u>1João</u>	<u>2&3João</u>	<u>Judas</u>	<u>Total</u>
f ³⁵ ✕ A	12	3	6	10		1	32
f ³⁵ ✕ B	10	5		22	2		39
f ³⁵ ✕ C		1	1	5		2	9
f ³⁵ ✕ 048			1		1		2
f ³⁵ AB	4	2	1	12		2	21
f ³⁵ AC	7	4	4	2		1	18
f ³⁵ A048			1	1	2		4
f ³⁵ BC	3			3			6
f ³⁵ B048	1			1	1		3
f ³⁵ P ⁷² ✕ A		8					8
f ³⁵ P ⁷² ✕ B		4				1	5
f ³⁵ P ⁷² ✕ C		2	1				3
f ³⁵ P ⁷² AB		12	3			3	18
f ³⁵ P ⁷² AC		2	1			1	4
f ³⁵ P ⁷² BC		1	13				14
f ³⁵ P ⁷² C048			1				1
f ³⁵ P ⁸¹ BC		1					1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ✕ A	1						1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ✕ B	1						1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ AB	2						2
f ³⁵ P ¹⁰⁰ AC	1						1
f ³⁵ ✕ AB	13	13	1	10	1	3	41
f ³⁵ ✕ AC	8	4	1	11		2	26
f ³⁵ ✕ A048			2	3	1		6
f ³⁵ ✕ BC	17	1	2	17	2	2	41
f ³⁵ ✕ B048				2			2
f ³⁵ ✕ B0232					1		1
f ³⁵ ABC	8	5	2	15	3	2	35
f ³⁵ AB048	2			4	1		7
f ³⁵ AB0232					1		1
f ³⁵ AC048			2				2
f ³⁵ BC048			1		1		2
f ³⁵ P ²³ ABC	1						1
f ³⁵ P ^{72,78} AB						1	1
f ³⁵ P ⁷² ✕ AB		9	4			4	17
f ³⁵ P ⁷² ✕ AC		4	1			1	6
f ³⁵ P ⁷² ✕ BC		6	10			3	19
f ³⁵ P ⁷² ABC		8	4			5	17
f ³⁵ P ⁷² AB048			1				1
f ³⁵ P ⁷² BC048			1				1
f ³⁵ P ⁸¹ ✕ AB		1					1
f ³⁵ P ⁸¹ ✕ AC		1					1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ✕ BC	2						2
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ABC	1						1
f ³⁵ ✕ ABC	1	11	4		2	7	25
f ³⁵ ✕ AC048					1		1
f ³⁵ ✕ BC048		1			1		2
f ³⁵ ABC048					2		2
f ³⁵ AB048,0232					2		2
f ³⁵ P ^{72,78} ✕ AB						1	1

f ³⁵ P ^{72,81} ⚡BC		1					1
f ³⁵ P ⁷² ⚡ABC						1	1
f ³⁵ P ⁷² ⚡AB048			3		6		9
f ³⁵ P ⁷² ⚡AC048		2					2
f ³⁵ P ⁷² ⚡BC048			1				1
f ³⁵ P ⁷² ABC048		1	2				3
f ³⁵ P ⁷⁸ ⚡ABC						1	1
f ³⁵ P ⁸¹ ⚡ABC		3					3
f ³⁵ ⚡ABC048		3	3				6
Total c/ uncial	127	155	95	147	38	48	619
envolvendo P ²⁰	-	1					
envolvendo P ²³	-	1					
envolvendo P ⁷²	-	153					
envolvendo P ⁷⁸	-	3					
envolvendo P ⁸¹	-	4					
envolvendo P ¹⁰⁰	-	12					
envolvendo ⚡	-	356					
envolvendo A	-	356¹					
envolvendo B	-	378					
envolvendo C	-	285					
envolvendo 048	-	62					
envolvendo 0232	-	4					

Cada um desses doze unciais é claramente independente de todos os outros.² A total falta de padrão na atestação que estes unciais antigos dão à f³⁵ mostra com a mesma clareza que a f³⁵ é independente de todos eles também, sem comentar os 22,1% sem eles. Mas que 77,9% das unidades recebem apoio uncial antigo, sem padrão ou dependência, mostra que o texto da f³⁵ é antigo.

Eu convido especial atenção para o primeiro bloco, onde um único uncial está com f³⁵; cada um dos sete unciais é independente do resto (e da f³⁵) nesse ponto, por necessidade, mas juntos eles atestam 15% do total (119 ÷ 795). Como não há padrão ou dependência para esses 15%, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f³⁵? Haverá alguém para argumentar que quem "inventou" o primeiro MS da f³⁵ tinha todos esses unciais na frente dele, arbitrariamente tirando 9 leituras de P⁷², 2 de P¹⁰⁰, 40 de ⚡, etc., etc., etc.? Pois então, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f³⁵? (Se alguém objetar que os MSS do 5º século não são tão antigos assim, indago: são cópias, ou criações originais? Se são cópias, os seus exemplares tinham de ser mais antigos – todas essas 119 leituras certamente existiam no 3º século.)

¹ Este número está correto, igual por acaso.

² A título de evidência a mais de sua independência, passo a alistar as leituras singulares para cada um desses unciais (cinco não têm), fornecendo ainda mais evidências da independência:

	Tiago	1Pedro	2Pedro	1João	2&3João	Judas	TOTAL
P ⁷²		33	12			17	62
P ⁷⁸						2	2
⚡	11	25	13	18	5	4	76
A	8		5	10	2	2	27
B	7	10	3	8	4	5	37
C	3	7	7	5	2		24
048	1		1	4	3		9

Prosseguindo para o próximo bloco, temos outras 148 leituras onde não há padrão ou dependência; $119 + 148 = 267 = 34\%$. E agora, como explicaremos essas 267 leituras antigas na f^{35} ? Indo para o próximo bloco, temos outras 224 leituras onde não há padrão ou dependência; $267 + 224 = 491 = 61,8\%$. Ora, ora, como podemos explicar essas 491 leituras antigas na f^{35} ? Indo para o próximo bloco, temos outras 100 leituras onde não há padrão ou dependência; $491 + 100 = 591 = 74,3\%$. O último bloco leva o total a 77,9%.

Alegar uma dependência em face desta EVIDÊNCIA, eu considero ser desonesto. A f^{35} é claramente independente de todas essas linhas de transmissão, elas próprias independentes. Se a f^{35} é independente, então é antiga, por necessidade. A f^{35} tem todas aquelas leituras primitivas pelo suficiente motivo de que seu texto é primitivo, datando ao século III, pelo menos. Mas se f^{35} é independente de todas as outras linhas de transmissão (é comprovadamente independente de K^x , etc.), então ela há de remontar aos Autógrafos. Que outra explicação razoável existe? Caso alguém queira alegar que f^{35} é uma recensão, eu requeiro (e insisto) que ele identifique quem a fez, quando e aonde, e provenha a evidência que apoia a alegação. Sem evidência, qualquer alegação nessa direção é frívola e irresponsável.

Fora com ‘verdades’ falazes¹

Utilizei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Um ‘*canard*’ é uma falsidade que galgou o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro de uma disciplina. Lá pelas tantas, um homem chamado Hermann von Soden afirmou que o seu K' era uma revisão de seu K^x , provavelmente feita no século XII. A informação disponível na própria obra dele, de quatro volumes, demonstra que essa afirmação é falsa. Não obstante, essa falsidade galgou o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro da disciplina da crítica textual do NT. Tornou-se um ‘*canard*’.

Considere a seguinte declaração de Kirsopp Lake:

Escritores sobre o texto do Novo Testamento geralmente copiam um do outro a afirmação que Crisóstomo usou o texto bizantino ou antioqueno. Mas no momento que alguém faz uma investigação, fica evidente, mesmo a partir do texto impresso de suas obras, que há muitas variações importantes no texto que ele cita, o que evidentemente não era idêntico ao encontrado nos MSS do texto Bizantino.²

Sendo que eu mesmo já passei alguns anos nos corredores arcanos da academia, observei que a repetição acrítica de coisas que ‘todo mundo sabe’ é realmente bastante comum, em quase todas as disciplinas. A crítica textual do Novo Testamento não é exceção, como Lake observou acima.

Entendo que Hermann von Soden foi o primeiro a identificar formalmente seu K' como um tipo de texto distinto, o ‘r’ significando ‘revisão’, já que ele o considerava uma revisão baseada em seu K^x . Ora, por definição uma ‘revisão’ é perpetrada por alguém específico, em um momento específico e em um lugar específico. Dentro de nossa disciplina, eu entendo que ‘revisão’ e ‘recensão’ são sinônimas. Ouça Hort: “O texto sírio deve, de fato, ser o resultado de uma ‘recensão’ no sentido próprio da palavra, uma obra de tentativa de crítica, realizada deliberadamente por editores e não apenas por escribas”.³ Não é meu

¹ Usei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Os dicionários oferecem uma variedade de definições para o termo, mas todos concordam que é informação falsa, e que teria sido criado maliciosamente para enganar. Claro que alguém pode repetir o ‘*canard*’ sem malícia, embora sem verificar a evidência.

² Kirsopp Lake, *The Text of the New Testament*, sexta edição revisada por Silva New (London: Rivingtons, 1959), p. 53.

³ B.F. Westcott and F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 vols.; London: Macmillan and Co., 1881), *Introduction*, p. 133.

costume recorrer a Fenton John Anthony Hort, mas a sua compreensão de ‘recensão’ é presumivelmente correta. Uma recensão é produzida por um certo alguém (ou grupo) em um determinado momento em um determinado lugar. Se alguém deseja postular ou alegar uma revisão/recensão, e fazê-lo com responsabilidade, ele precisa indicar a fonte e fornecer algumas evidências.¹

Então, com base em que alegou von Soden que seu **K**^x (que eu chamo de Família 35) era uma revisão de seu **K**^x e que foi criado no século XII? Tivesse ele realmente prestado atenção às evidências disponíveis em sua própria *magnum opus*, *Die Schriften des Neuen Testaments* (4 vols.; Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911-1913), ele não poderia ter feito isso, pelo menos não honestamente. Mas foi ele honesto? Pelo menos com referência a João 7.53 – 8.11 (a *P.A.*), acho que não. Ele alegou ter cotejado mais de 900 MSS para essa *pericope* e, com base nisso, postulou sete famílias, ou linhas de transmissão, e até reproduziu uma suposta forma arquetípica para cada uma delas. Hodges e Farstad aceitaram a palavra dele e refletiram sua declaração das evidências em seu aparato crítico; e eu reflito o aparato de H-F no meu (para aquela *pericope*) por falta de algo melhor (exceto que eu garanto a testemunha de **M**⁷ [minha Família 35], baseado em meu exame pessoal dos cotejos de Robinson). Fazendo já vários anos, Maurice Robinson fez um cotejo completo de 1.389 MSS que contêm a *P.A.*,² e eu tive a fotocópia de William Pierpont desses cotejos em meu poder por dois meses, passando a maior parte do tempo estudando esses cotejos. Ao fazer isso, ficou óbvio para mim que von Soden ‘manipulou’ os dados, arbitrariamente ‘criando’ a suposta forma arquetípica para suas primeiras quatro famílias, **M**^{1,2,3,4} – se elas existem, elas são um tanto fluidas. Seus **M**^{5&6} existem, com perfis distintos, mas são um pouco ‘moles’, com bastante confusão interna para tornar arbitrária a escolha da forma arquetípica. Contrastando com isso, seu **M**⁷ (que eu chamo de Família 35) tem um perfil sólido e inequívoco – a forma arquetípica é demonstrável, empiricamente determinada.

Lá pelas tantas, fui levado a acreditar que o trabalho de von Soden era razoavelmente confiável. Isso foi importante porque o trabalho dele é a base para as edições tanto de Hodges-Farstad como de Robinson-Pierpont do Texto Majoritário. Contudo, os cotejos em *Text und Textwert (TuT)*³ demonstram objetivamente que, não raro, von Soden está seriamente errado. Com referência ao tratamento que von Soden deu ao códice 223, K.W. Clark escreveu: “Além disso, nosso cotejo revelou sessenta e dois erros em 229 leituras tratadas por von Soden”.⁴ 27% de erro (62 ÷ 229) é demais em demasia, e o que é verdadeiro para o MS 223 também pode ser verdade para outros MSS. Por favor, pare e pense sobre isso por um minuto. 27% de erro não pode ser atribuído a um simples descuido ou até a um desleixo; mera falta de cuidado não deve exceder 5%. Realmente parece que o leitor está

¹ Quanto a Hort, ele sugeriu que Luciano de Antióquia teria sido o principal responsável – uma sugestão tanto gratuita como frívola, sendo que ele não tinha estudado as evidências já disponíveis no tempo dele. (Se ele fosse repetir a sugestão hoje, seria meramente ridícula.)

² 240 MSS omitem a *PA*, 64 dos quais se baseiam no comentário de Teofilacto. Outros catorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = uns 1650 MSS verificados por Robinson. Isso não inclui lecionários, dos quais ele verificou um bom número. (Todos esses MSS são microfilmes lotados no *Institut* em Münster. Atualmente temos conhecimento de um bom número a mais, além de outros ainda desconhecidos, provavelmente.) Infelizmente, Robinson ainda não publicou os seus cotejos, tornando-os disponíveis ao público maior.

³ *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter).

⁴ *Eight American Praxapostoloi* (Kenneth W. Clark, Chicago: The University of Chicago Press, 1941), p. 12.

sendo enganado, deliberadamente, e isso é desonesto. H.C. Hoskier não estava totalmente enganado em sua avaliação.

Além disso, como poderia o K^r ser uma revisão de K^x se K^x nem sequer existe? O próprio Soden estava perfeitamente ciente de que não havia K^x na *P.A.* Os cotejos de H.C. Hoskier provam que certamente não há K^x no Apocalipse. Somos gratos ao *Institut für Neutestamentliche Textforschung* pela série *Text und Textwert*. Uma olhada cuidadosa em seus cotejos indica que provavelmente não há K^x em lugar algum. Veja, por exemplo, os volumes da *TuT* no Evangelho de João, capítulos 1-10. Eles examinaram um total de 1.763 MSS (incluindo fragmentos) (para 153 conjuntos de variantes) e incluíram os resultados nos dois volumes. As páginas 54-90 (volume 1) contêm "Agrupamentos de acordo com graus de concordância" "concordando mais freqüentemente entre si do que com o texto majoritário". Apenas um símbolo de grupo é usado, precisamente K^r – o primeiro representante da família, MS 18, lidera um grupo de cerca de 120 MSS, mas todos os representantes subsequentes têm apenas um K^r . Dos 120, os últimos seis mostram 98% de concordância, todos os demais são 99% (74) ou 100% (40). Eu diria que a Família 35 nos Evangelhos tem mais de 250 representantes; a classificação aqui é baseada em apenas 153 conjuntos de variantes (mas veja o que acontece abaixo).

O grupo liderado pelo MS 18 enumera 120, e é o único que recebe um símbolo de grupo, sendo de longe o maior. Mas existem outros grupos de tamanho significativo? Agora vou alistá-los em ordem decrescente, começando com aqueles que têm 40 ou mais:

<u>grupo</u>	<u>tamanho</u>	<u>coerência</u>
2103	52	95% (15); 97% (20); 98% (13); 100% (4)
318	44	96% (1); 97% (24); 98% (6); 99% (10); 100% (4)
961	42	97% (1); 98% (4); 99% (34); 100% (3)
1576	42	97% (1); 98% (4); 99% (34); 100% (3)
1247	41	97% (1); 98% (4); 99% (33); 100% (3)
2692	41	97% (1); 98% (4); 99% (33); 100% (3)
1058	40	97% (1); 98% (17); 99% (15); 100% (7)
1328	40	98% (6); 99% (33); 100% (1)
1618	40	100% (todos)
2714	40	98% (6); 99% (33); 100% (1)

Ora, 961, 1576, 1247, 2692, 1328, 1618 e 2714 pertencem todos à Família 35 (K^r), o que deixa apenas 2103, 318 e 1058. Quando olhamos para a coluna 'coerência', notamos que 961, 1576, 1247 e 2692 são iguais e, após inspecioná-los, verificamos que as listas de MSS são virtualmente idênticas – portanto, podemos adicionar 40 MSS aos 120 já designados K^r . 1618 e 2714 têm sobreposição pesada, e 1328 sobreposição parcial, então podemos adicionar pelo menos outros 20. Agora vamos olhar para os três que restam: 2103, 318 e 1058. Lembrando que o limite para o K^r foi de 98%, notamos que metade dos grupos 2103 e 318 estão abaixo dele; então esses grupos não são sólidos. 1058 sai melhor, mas quase a metade cai abaixo de 99% (todos os grupos f^{35} são maciçamente 99% ou 100%). Pode ser relevante observar que o MS 1058 provavelmente seja f^{35} marginal. Então, onde está o K^x ?

Agora alisto os grupos entre 25 e 39, em ordem decrescente:

<u>grupo</u>	<u>tamanho</u>	<u>coerência</u>
1638	37	97% (2); 98% (2); 99% (29); 100% (4)
710	34	94% (18); 95% (1); 96% (13); 98% (2)
763	34	97% (1); 99% (33)
1621	32	98% (1); 99% (24); 100% (7)
1224	29	97% (1); 99% (28)
66	28	98% (1); 99% (26); 100% (1)
394	27	99% (todos)
1551	26	99% (todos)
1657	26	99% (todos)
2249	26	99% (todos)
685	25	99% (todos)
1158	25	99% (todos)

Adivinhe só: todos são da Família 35, exceto 710; uma olhada na coerência nos dá a pista. Se o 710 é realmente um grupo, é um tanto 'mole'. As últimas seis listas são praticamente idênticas, e há considerável sobreposição entre as outras. Mesmo assim, mais alguns MSS provavelmente podem ser adicionados à lista da Família 35, e um exame dos 300 +/- grupos restantes (dependendo do limite que for escolhido) sem dúvida acrescentará ainda mais. E assim por diante. Então, onde está o **K^x**? Caro leitor, permita-me sussurrar em seu ouvido: Não há **K^x**, só existia na imaginação de von Soden. Obviamente **K^r** não pode ser uma revisão de algo que nunca existiu.¹

E depois há a questão da independência demonstrada. Por definição, uma revisão/recensão depende de sua fonte. Se não há nenhuma fonte demonstrável em qualquer lugar dos materiais existentes/disponíveis (que para o NT são realmente bastante consideráveis), então é desonesto, irresponsável e repreensível alegar uma revisão/recensão. [Favor de ver "É a **f³⁵** antiga?" na Parte III.]

E depois, há a questão da antiguidade demonstrada. Existem centenas de lugares onde a **f³⁵** recebe o apoio de testemunhas antigas, mas sem padrão. O ponto crucial aqui é a falta de padrão; sem padrão não há dependência. Não havendo dependência, a **f³⁵** é antiga, necessariamente. Existem mais que trinta linhas de transmissão dentro da massa bizantina, e a **f³⁵** é demonstravelmente independente de todas elas. Repito aqui quatro parágrafos tirados de uma seção acima.

Cada um desses doze unciais é claramente independente de todos os outros. A total falta de padrão na atestação que estes unciais antigos dão a **f³⁵** mostra com a mesma clareza que **f³⁵** é independente de todos eles também, sem comentar os 22.1% sem eles. Mas que 77.9% das unidades recebem apoio uncial antigo, sem padrão ou dependência, mostra que o **texto** de **f³⁵** é antigo.

Eu convido especial atenção para o primeiro bloco, onde um único uncial está com **f³⁵**; cada um dos sete unciais é independente do resto (e da **f³⁵**) nesse ponto, por necessidade, mas juntos eles atestam 15% do total (119 ÷ 795). Como não há padrão ou dependência para esses 15%, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na **f³⁵**? Haverá alguém para argumentar que quem "inventou" o primeiro MS da **f³⁵** tinha todos esses unciais na frente dele, arbitrariamente tirando 9 leituras de P⁷², 2

¹ Ver também o artigo, "Arquétipo nas Epítolas Gerais – **f³⁵** sim, **K^x** não" na Parte III.

de P¹⁰⁰, 40 de X, etc., etc., etc.? Realmente, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f³⁵? (Se alguém objetar que os MSS do 5º século não são tão antigos assim, indago: são cópias, ou criações originais? Se são cópias, os seus exemplares tinham de ser mais antigos – todas essas 119 leituras certamente existiam no 3º século.)

Prosseguindo para o próximo bloco, temos outras 148 leituras onde não há padrão ou dependência; 119 + 148 = 267 = 34%. E agora, como explicaremos essas 267 leituras antigas na f³⁵? Indo para o próximo bloco, temos outras 224 leituras onde não há padrão ou dependência; 267 + 224 = 491 = 61,8%. Ora, ora, como podemos explicar essas 491 leituras antigas na f³⁵? Indo para o próximo bloco, temos outras 100 leituras onde não há padrão ou dependência; 491 + 100 = 591 = 74,3%. O último bloco leva o total a 77,9%.

Alegar uma dependência em face desta EVIDÊNCIA, eu considero ser desonesto. A f³⁵ é claramente independente de todas essas linhas de transmissão, elas próprias independentes. Se a f³⁵ é independente, então é antiga, por necessidade. A f³⁵ tem todas aquelas leituras primitivas pelo suficiente motivo de que seu texto é primitivo, datando ao século III, pelo menos. Mas se f³⁵ é independente de todas as outras linhas de transmissão (é comprovadamente independente de K^x, etc.), então ela há de remontar aos Autógrafos. Que outra explicação razoável existe? Caso alguém queira alegar que f³⁵ é uma recensão, eu requeiro (e insisto) que ele identifique quem a fez, quando e aonde, e provenha a evidência que apoia a alegação. Sem evidência, qualquer alegação nessa direção é frívola e irresponsável.

Mas por que, então, não temos MSS da f³⁵ antes do século XI? Bem, por que você imagina que, com poucas exceções, apenas MSS da f³⁵ tem as lições do Lecionário marcados na margem? Poderia ser porque as comunidades de língua grega as usavam em seus cultos de adoração, bem como para a leitura em refeições comunitárias? E qual efeito produz o uso constante em qualquer livro? Sugiro, para uma consideração calma, fria e consciente de todos os interessados, que quaisquer MSS dignos estariam em uso constante e, portanto, não poderiam sobreviver por séculos. Cópias que eram consideradas de qualidade inaceitavelmente má seriam deixadas na prateleira pegando poeira, e são essas más cópias que sobreviveram.

Seja lá como for, convido a atenção para a seguinte lista de MSS da f³⁵ do século XI. Os MSS entre () parecem ser membros marginais da família, ou estão misturados.

<u>MS</u>	<u>Local</u>	<u>Conteúdo</u>
35	Egeia	eapr
83	Munique	e
(125)	Wien	e
(476)	Londres	e (f ³⁵ em João)
(516)	Oxford	e
547	Karakallu	eap
(585)	Modena	e
746	Paris	e
(1164)	Patmos	e
1384	Andros	eapr
1435	Vatopediu	e
(1483)	M Lavras	e
(1841)	Lesbos	apr (IX/X—talvez seja f ³⁵ em Paulo)
1897	Jerusalém	ap (Já fiz um cotejo completo, e parece-me da mesma idade)

2253	Tirana	e	(Material introdutório indica o século XI)
2587	Vaticano	ap	
2723	Trikala	apr	
(2817)	Basel	p	

Para começar, notamos que há 18 MSS alistados, e cada um em um local distinto (claro, alguns daqueles atualmente na Europa Ocidental podem ter sido adquiridos do mesmo mosteiro). Além disso, como são internamente distintos, representam o mesmo número de exemplares. Uma vez que os exemplares têm de existir antes de quaisquer cópias feitas deles, necessariamente, e uma vez que muitos/a maioria (todos?) desses exemplares também tinham de ser baseados em exemplares distintos, por sua vez, mesmo que alguém alegue uma recensão, não poderia ser perpetrado depois do século VIII – simplesmente impossível. Claro, porque é preciso levar em consideração a distribuição geográfica.

Alguém bolou o arquétipo de f^{35} no século VIII? Quem? Por quê? E como poderia se espalhar pelo mundo mediterrâneo? Há MSS da f^{35} em todo o lugar – Jerusalém, Sinai, Atenas, Constantinopla, Trikala, Kalavryta, Ochrida, Patmos, Karditsa, Roma, Esparta, Metehora, Venedig, Lesbos e a maioria dos mosteiros no Monte Atos (que representavam diferentes ‘denominações’), etc. Mas a massa bizantina controlava pelo menos 60% do fluxo de transmissão (f^{35} = uns 16%); como poderia alguma coisa bolada no século VIII se espalhar tão longe, tão rápido e com tanta pureza? Como isso inspirou tanta lealdade? Tudo o que sabemos sobre a história da transmissão do texto responde que não podia e não aconteceu. É simplesmente impossível que a f^{35} poderia ter sido ‘bolada’ em qualquer momento posterior ao século IV. A lealdade com que a f^{35} foi copiada, o nível de lealdade para com f^{35} sendo muito mais alto do que para qualquer outra linha de transmissão, indica que ela nunca foi ‘bolada’ – ela remonta ao Original.

Precisamos tratar a questão de ‘nível de lealdade’ e o ‘quociente de qualidade’, comparando várias linhas de transmissão nessa base. Por exemplo, por que será que um MS mediano f^{35} terá meramente uma variante cada duas páginas de texto grego impresso, enquanto um MS mediano da massa bizantina terá pelo menos três variantes por página, e um MS mediano alexandrino terá mais que quinze por página? Esse quadro sugere qualquer coisa a respeito de atitude, a respeito de levar a tarefa a sério? Por ‘atitude’ quero dizer para com o exemplar que está sendo copiado – o copista o tratou com respeito ou reverência?

E depois, há o silêncio da história. Embora eu já tenha tocado nisso em outro lugar, isso merece atenção específica. Permita-me pegar emprestado do meu tratamento da ‘Recensão Lucianica’.¹ John William Burgon deu a resposta suficiente para essa invenção.

Além da improbabilidade intrínseca grosseira da suposta Recensão – a completa ausência de uma partícula de evidência, tradicional ou não, de que alguma vez tenha ocorrido, tem de ser considerada fatal para a hipótese de que *aconteceu*. É simplesmente incrível que um incidente de tal magnitude e interesse não tenha deixado vestígio algum de si mesmo na história.²

¹ *The Identity of the New Testament Text IV*, p. 84.

² J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883), p. 293.

Não funcionará alguém dizer que o argumento do silêncio não prova nada. Em uma questão dessa ‘magnitude e interesse’, é conclusivo. Sir Frederick G. Kenyon, também, achou esta parte da teoria de Hort como sendo gratuita.

A ausência de evidência aponta para o outro lado; pois seria muito estranho, se Luciano tivesse realmente editado ambos os Testamentos, que apenas o seu trabalho no Antigo Testamento fosse mencionado em tempos posteriores. **O mesmo argumento vai contra qualquer teoria de uma revisão deliberada em qualquer momento definido** [ênfase adicionada]. Sabemos os nomes de vários revisores da Septuaginta e da Vulgata, e seria estranho se os historiadores e escritores da Igreja tivessem omitido registrar ou mencionado tal evento como a revisão deliberada do Novo Testamento em seu grego original.¹

Ora veja, teria algo de misterioso no que Burgon e Kenyon afirmaram? Não é óbvio? Por favor, pare e pense sobre isso por um minuto. O silêncio da história ‘tem de ser considerada fatal para a hipótese’. De passagem, podemos notar que ao passo que Burgon era um defensor ferrenho do Texto Tradicional, Kenyon enfaticamente não o era, sendo de fato um advogado do texto ‘crítico’, assim chamado.

E depois, existe a questão de ‘procura e oferta’. Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, respectivamente. Há mais de quatro vezes mais MSS do XIII que do X, mas obviamente o grego koinê teria sido uma língua mais viva no X do que no XIII, e assim teria havido mais procura e, portanto, mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X pereceram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu que os produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV do que no X. Mas se tivéssemos vivido no X e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece se tivéssemos vivido no século VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Para concluir, quero crer que o leitor não considerará que eu não esteja sendo razoável se eu solicitar que, doravante, todas as pessoas informadas cessem e desistam de chamar a Family 35 (K¹) de uma revisão em qualquer momento. Encheu! **Fora com ‘verdades’ falazes!**

O tratamento que Von Soden deu a seu K¹

Tenho sido criticado porque nunca respondi, de forma organizada, aos ‘argumentos’ de von Soden, segundo os quais ele chamou seu K¹ de revisão tardia – nunca fiz por ele o que fiz por Hort. Como há pessoas hoje que ainda pensam que seus ‘argumentos’ são válidos, reconheço que deveria ter feito. Apelei ao Dr. Jakob van Bruggen por ajuda com von Soden. Ele começou sua resposta dizendo que von Soden “faz afirmações e dá descrições, mas não apresenta argumentos ou provas”. Ora, ora, como é possível refutar ‘argumentos’ que não existem? Mas como uma resposta de algum tipo está sendo solicitada, avaliarei as ‘declarações’.

¹ F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the Greek Bible*, 2nd ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), pp. 324-25.

- 1) Von Soden observou que havia relativamente poucos MSS **K^r** nas bibliotecas da Europa Ocidental, provavelmente verdade. Mas ele passou a opinar que era uma circunstância negativa, um ponto contra **K^r**.¹ Ele parece ter esquecido que até a Reforma Protestante a Igreja Romana dominava a Europa Ocidental, e essa igreja usava latim, não grego. Pior ainda, somente o Papa podia interpretar as Escrituras, e somente o clero tinha permissão para lê-las, sequer. As pessoas comuns, os leigos, foram proibidos de fazê-lo. Então, no século 14, quem em toda a Europa Ocidental teria alguma utilidade para os MSS gregos? Eram curiosidades, peças de museu, encontradas apenas em bibliotecas ou museus. Todos os MSS do NT dessas bibliotecas vieram do Leste. O Museu Britânico (agora Biblioteca) tem uma coleção considerável; como os conseguiu? Eles foram doados por viajantes que os compraram no Leste. Tudo dito e feito, submeto ao leitor que o número de MSS **K^r** no ocidente é irrelevante para a idade e natureza do tipo de texto, e não deve ser aduzido.
- 2) Von Soden repetidamente mencionou o fato bem conhecido de que os MSS **K^r** são caracterizados por um bem trabalhado aparato litúrgico nas margens, incluindo 'começo' e 'fim' escritos dentro do próprio Texto, mas em tinta de uma cor diferente, geralmente vermelha, para que o leitor saiba exatamente por onde começar e parar. Embora alguns MSS não-**K^r** tenham alguma indicação de leituras em suas margens, nenhum é tão elaborado quanto **K^r**, com exceção do que Frederik Wisse² chamou de *Cluster 17* em Lucas, composto por menos de dez MSS (**K^r** tem mais de 250 nos Evangelhos). Até onde eu sei, eles são os únicos dois grupos que possuem o aparato elaborado, de sorte que a presença desse aparelho é virtualmente diagnóstica de seu **K^r** (minha Família 35, **f³⁵**). Isso é fato, mas o que isso significa?

Von Soden deu como sua opinião que a circunstância indicava que seu **K^r** era uma revisão litúrgica produzida em Constantinopla no século XII, mas não ofereceu sequer um fragmento de evidência em apoio de sua opinião. (Ele tentou defender o século XII mudando a data dos três MSS **K^r** que ele conhecia do XI.) (Tenho cópias de pelo menos dez desses MSS, e há outros, mas argumentarei que o ponto é irrelevante.) Agora, deve ser óbvio para todos que preparar uma cópia em duas cores com um aparato elaborado levará mais tempo e esforço do que uma cópia em uma cor sem esse aparato. Então, por que as pessoas fariam isso? Tinha que haver uma demanda por tais cópias. Mas que fator, ou fatores, poderia impulsionar tal demanda?

Um MS com um aparato litúrgico foi obviamente preparado para ser usado para leitura pública, para ser lido em voz alta para uma audiência. Para leitura e estudo particulares, você deseja um texto sem interrupções. Von Soden chegou a notar que as letras individuais em seus MSS **K^r** tendiam a ser um pouco maiores do que em MSS não-**K^r**. Então, por que seria isso? Presumivelmente para facilitar a leitura pública. Então, por que **K^r/f³⁵** é de longe a maior família dentro da ampla tradição bizantina? E por que estão seus representantes espalhados por todo o mundo mediterrâneo? E quantas pessoas podiam ler grego koinê, e quantas delas podiam comprar uma cópia privada do NT? Afinal, a 'oferta e demanda' opera na Igreja tanto quanto no mundo. No início, eram as congregações locais que exigiam cópias, para serem acompanhadas pelas comunidades monásticas, mais tarde.

¹ Soden, Hermann F. von. *Die Schriften des Neuen Testaments*. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911, pp. 757-765. (O alemão dele é difícil de ler.)

² *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

Em 2014 passei nove noites na península de Monte Atos, com seus vinte mosteiros independentes. Visitei cinco deles (incluindo os quatro primeiros na hierarquia), dormi em três deles e comi refeições em dois deles. Até hoje, os monges e visitantes comem em silêncio, enquanto um monge lê as Escrituras em voz alta. Os mosteiros orgulham-se de serem regidos pela tradição, que afirmam remontar aos primeiros séculos. Não é razoável concluir que essa tradição inclui a leitura das Escrituras durante as refeições? Não usariam MSS precisamente preparados para leitura pública? E a que tipo de texto esses MSS pertencem? E por que eles usaram esse tipo de texto? Esses MSS pertencem à Família 35, e eles usaram essa família porque foi essa a tradição que receberam, uma tradição que foi repassada ao longo dos séculos.

Independentemente do Talmud, sabemos pelo NT que era costume nas sinagogas judaicas ler os escritos do AT em suas reuniões de sábado. O próprio Senhor Jesus fez isso, conforme registrado em Lucas 4.16-19. No 'Concílio de Jerusalém', Tiago concluiu sua decisão com: "Pois desde as gerações antigas Moisés tem em cada cidade aqueles que o pregam, sendo lido nas sinagogas todos os sábados" (Atos 15.21). O apóstolo Paulo sempre começou seu ministério em uma nova cidade com a sinagoga judaica, quando havia uma. Observe o que Atos 13.15 diz: "Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os líderes da sinagoga lhes enviaram . . ." Em uma sinagoga, Paulo geralmente começava seu discurso com: "Homens de Israel e vocês que temem a Deus", o 'vocês que temem a Deus' referindo-se aos gentios que estavam presentes.

Ora, no início, a comunidade cristã era composta principalmente de judeus e tais gentios, e eles naturalmente continuariam a prática de ler as Escrituras em suas reuniões semanais. Lembre-se do que deu origem ao ofício de diácono em Atos 6. "Não é vantajoso que nós deixemos a Palavra de Deus para servirmos às mesas" (versículo 2). "Nós perseveraremos na oração e no ministério da Palavra" (versículo 4). Claro que naquela época a Bíblia deles era o AT; o primeiro Evangelho, Mateus, não sendo publicado até 38/39. No entanto, uma vez que os escritos do NT foram reconhecidos como Escritura desde o início, era natural que eles fossem adicionados ao AT, e com o tempo provavelmente assumiram a liderança. Observe o que Justino Mártir escreveu em sua Primeira Apologia (por volta de 150 d.C.):

No dia chamado domingo, todos os que moram nas cidades ou no campo se reúnem em um lugar, e as memórias dos Apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, enquanto o tempo permite; então, quando o leitor cessa, o presidente [ministro presidindo] instrui verbalmente e exorta à imitação dessas coisas boas.¹

As "memórias dos Apóstolos" eram os Evangelhos como os conhecemos (Primeira Apologia 66). Se considerarmos o uso de Justino da frase "memórias dos Apóstolos" em todos os seus escritos, pode-se concluir com segurança que ele se refere com precisão a dois apóstolos (Mateus e João) e dois seguidores dos apóstolos (Marcos e Lucas), que ele delineou. Justino usou a frase "memórias dos Apóstolos" para fazer referência aos quatro evangelhos, mas ele nunca usou essa frase para fazer referência a evangelhos gnósticos ou apócrifos.²

Observe que os Evangelhos são mencionados primeiro, antes dos 'escritos dos profetas', que se referem ao AT. Justino deixa claro que a prática de ler as Escrituras nas reuniões semanais foi continuada pelos cristãos e, como era de se esperar, os escritos do NT

¹ Roberts, Alexander and Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicean Fathers*. American Edition. New York: Christian Literature Co., 1906. I. p. 186.

² Comunicação pessoal do Dr. Michael C. Loehrer.

passaram a ser preferidos. Não temos evidências de que a prática de ler as Escrituras em reuniões públicas tenha sido abandonada, pelo menos no Leste. Aliás, a própria existência de manuscritos Lecionários seria evidência de que a prática continuou. Se os “Cânones Eusebianos” foram realmente produzidos por Eusébio de Cesaréia (m. 339), temos evidências do início do século IV, e ele certamente estava apenas padronizando o que já estava sendo praticado nas igrejas. Então, quando os monges do Monte Atos afirmam que sua prática remonta aos primeiros tempos, eles estão corretos. No entanto, **nenhuma das colocações acima nos diz que tipo de texto foi usado**, e cabe a mim tratar dessa questão.

Mas primeiro, a evidência dos lecionários contradiz categoricamente a afirmação de von Soden de que o sistema foi criado em Constantinopla no século XII. De acordo com a *Kurzgefasste Liste*¹ (fev., 2018), temos um lecionário conhecido do século IV, dois do V, dois do VI, dois do VII, quinze do VIII, 113 do IX, 162 do X e 303 do XI. Mesmo se reduzirmos todos esses números pela metade (para evitar rodeios), eles demonstram que von Soden estava completamente enganado. Ocorre que entre os Lecionários conhecidos, a segunda maior família contém o texto **K^r/f³⁵**, mas é pequena, comparada à família dominante; mas observe: a diferença está na redação, não na seleção de leituras. Von Soden também afirmou que o texto **K^r/f³⁵** foi imposto por autoridade eclesiástica. Nesse caso, **como é que a grande maioria dos Lecionários tem um texto diferente?** E como poderia algo criado no século 12 suplantar uma prática antiga? Mais uma vez, von Soden estava completamente enganado.

Deveria ser óbvio para todos que os livros usados se desgastam; quanto mais eles são usados, mais rápido eles se desgastam. Os manuscritos mais antigos sobreviveram porque ninguém queria usá-los; nem foram copiados (por que desperdiçar bom pergaminho?). Se as comunidades usassem **K^r/f³⁵** para leitura pública, essas cópias seriam desgastadas e não poderiam sobreviver fisicamente. Assim, a falta de MSS **K^r/f³⁵** antigos não é necessariamente um argumento contra o tipo de texto.

3) Von Soden observou, corretamente, que MSS **K^r/f³⁵** são caracterizados por muito menos variantes do que MSS de outros tipos. Sua explicação foi que seu **K^r** era uma revisão imposta por autoridade eclesiástica; era um texto controlado. Dentro da disciplina, a noção de um texto controlado foi estendida a todo o texto bizantino. Por exemplo, na página 11* da “Introdução” em inglês, os editores da *Editio Critica Maior* de Tiago² referem-se ao texto bizantino (que inclui **K^r/f³⁵**) como sendo “cuidadosamente controlado”. **K^r/f³⁵** é de longe a maior e mais coesa (internamente consistente) linha de transmissão dentro do amplo rio bizantino, de sorte que se a massa bizantina foi controlada, **K^r/f³⁵** seria ainda mais.

Pois então, se um texto é ‘controlado’, alguém tem que fazer o controle – se não há controlador, não pode haver controle. Então, quem são os possíveis candidatos? Vejo três possibilidades: seres humanos, Satanás, Deus. Tanto quanto sei, todos aqueles que se referem ao texto bizantino como ‘controlado’ excluem o sobrenatural de seu modelo; então para eles, o controle é feito por seres humanos, independente de influência sobrenatural. Como o suposto controle teria que operar por mais de um milênio, não poderia ser feito por um único indivíduo. Mas quem poderia controlar todo o mundo mediterrâneo? Por mais de mil anos a Igreja Romana usou latim, não grego. Houve alguma vez uma

¹ Kurt Aland, ed., *Kurzgefasste Liste der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Berlin: Walter de Gruyter, 1994).

² Aland, Barbara, Mink, Gerd, and Wachtel, Klaus (eds.). *Novum Testamentum Graecum, Editio Critica Maior*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

autoridade central em funcionamento entre as Igrejas Ortodoxas? Certamente não por mil anos, e não por todo o mundo mediterrâneo. Então, quem fez o controle?

Não apenas isso, mas o suposto controle era evidentemente bastante frouxo, já que os MSS estão cheios de erros aleatórios, além de dependências compartilhadas. Considere a conclusão alcançada por F. Wisse depois que ele cotejou e analisou 1.386 MSS gregos contendo os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas (três capítulos completos). Ele descreveu 37 linhas de transmissão, além de 89 “mavericks”, MSS tão díspares individualmente que não podiam ser agrupados. Dos 37 grupos, 36 caem dentro do amplo rio bizantino, e dentro deles Wisse descreveu 70 subgrupos. Então, que tipo de “controle” poderia permitir semelhante situação? Espero que meus leitores não me achem irracional quando digo que, diante de tais evidências concretas, acho a tese de um texto bizantino “controlado” (excluindo o sobrenatural) ser menos que convincente. Mas então, como podemos explicar a uniformidade comparativa encontrada nele?

Espero que meus leitores estejam cientes de que eu pessoalmente insisto que o sobrenatural deve ser incluído em qualquer modelo de crítica textual do NT. Tanto Deus quanto Satanás certamente existem, e ambos têm um interesse contínuo no destino do Texto do NT. Há algum tempo venho defendendo a preservação divina do Texto do NT em termos concretos. Curiosamente, aqueles que alegam um texto bizantino controlado costumam rejeitar qualquer noção de preservação divina. Mas é claro, se eles não acreditam na inspiração divina, não acreditarão na preservação. Alguém que nega a existência de um Soberano Criador insistirá logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada. Mas como, então, pode tal pessoa explicar o texto bizantino? Digo que nenhuma hipótese naturalista pode explicar a Família 35 (K').

Satanás certamente não faria nada para ajudar a preservar o Texto do NT; qualquer envolvimento dele seria com o objetivo de perverter o texto, minando assim sua autoridade. (Eu diria que ele concentrou seus esforços no Egito.) Já argumentei em outro lugar que a transmissão do Texto do NT era predominantemente “normal”, e que essa normalidade foi definida pela Igreja Cristã. Por que foram feitas cópias? Porque as congregações precisavam delas. Por que as congregações ‘precisavam’ delas? Porque eles entendiam que os escritos do NT eram divinamente inspirados, e eram lidos e discutidos em suas reuniões semanais. Argumentar que os primeiros cristãos estavam errados nesse entendimento seria irrelevante. Esse entendimento (errado ou não) determinou sua atitude em relação aos escritos do NT, que controlava sua produção de cópias. Se a maioria das pessoas que produziam cópias era composta por cristãos sinceros (mais ou menos), eles fariam seu trabalho com cuidado razoável (alguns mais, outros menos). Aqueles que tinham uma visão forte da inspiração seriam especialmente cuidadosos.

Digo que os MSS sobreviventes refletem minha descrição acima. K'/f³⁵, de longe o grupo maior e mais coeso (talvez o único que existe em todos os 27 livros), representa o núcleo da transmissão, tendo sido seus representantes produzidos por copistas com uma alta visão de inspiração (como evidenciado pelo extremo cuidado em seu trabalho). Fora desse núcleo há um grande número de tangentes, ou riachos, que divergem do núcleo em graus variados, e que começaram em tempos e lugares diferentes. Um monge que estivesse apenas cumprindo uma obrigação religiosa produziria uma cópia bizantina ‘mais ou menos’; bom o suficiente para praticamente todos os propósitos práticos, mas aquém do padrão f³⁵.

Então, era o texto bizantino “controlado”? Obviamente não em qualquer sentido estrito. O controle foi exercido por uma crença comum (dentro da comunidade cristã) de que o NT foi divinamente inspirado. Foi essa crença que ditou a proliferação de cópias feitas

com razoável cuidado. Esse cuidado razoável se reflete na uniformidade básica dentro da massa bizantina. Mas o explicar da transmissão incrivelmente cuidadosa refletida nos representantes do **f**³⁵ requer algo mais.

Dos MSS da família 35 que eu mesmo já cotejei, tenho cópias perfeitas do arquétipo da família (determinado empiricamente) como segue: 29 para Filemom, 15 para 2 Tessalonicenses, 9 para Tito, 6 para Gálatas, 4 para Efésios e pelo menos um para 22 dos 27 livros do NT (e muitos outros erram apenas uma única letra!). Estes são MSS de todo o mundo mediterrâneo e que representam cinco séculos. Então, que tipo de controle poderia produzir um nível tão incrível de perfeição – um controle exercido em mosteiros isolados espalhados pelo mundo mediterrâneo e durante cinco séculos? Não conhecemos nenhuma agência humana que pudesse fazê-lo. Se a agência não era humana, então tinha que ser divina. Como von Soden certamente não estava pensando em controle sobrenatural, mais uma vez ele estava completamente enganado.

4) Von Soden estava obcecado com a passagem da mulher adúltera (João 7.53-8.11) (aparentemente ele pensou que ela forneceria uma chave para todo o NT). Ele e sua equipe cotejaram mais de 900 MSS para esses doze versículos (muito mais do que para qualquer outra passagem do NT). Ele reduziu esses 900 MSS a sete famílias, ou linhas de transmissão, que chamou de **M**^{1,2,3,4,5,6,7} (sendo o M a primeira letra de ‘adultério’, em grego). Na página 524 ele ofereceu uma ‘árvore’, em que seu **M**¹ estava mais próximo da Fonte e **M**⁷ o mais distante dessa Fonte. As últimas três famílias eram de longe as maiores, qualquer uma delas sendo maior do que as quatro primeiras juntas; tanto assim que quaisquer dois dos três representavam a maioria absoluta do total. Von Soden argumentou que seu **M**⁷ era um composto baseado em seu **M**⁶ e **M**⁵ e, portanto, era posterior e inferior a eles.

Isso faz lembrar do tratamento que Hort deu a seu texto “sírio”. No entanto, Hort produziu oito supostas “conflações” dentro de seu texto sírio e o condenou para todo o NT com base nisso. Ora, uma confluência genuína é, por definição, secundária (se você puder provar que as duas leituras mais curtas não são simplificações independentes da leitura original mais longa). Mas na ‘Pericope’, **M**⁷ não contém nenhuma ‘confluência’. Então, em que base objetiva afirmou von Soden que era baseado em **M**⁶ e **M**⁵? Dentro da Pericope existem 32 conjuntos de variantes que são relevantes para os três grandes grupos, que agora reproduzirei. Peço ao leitor que tente analisar as evidências sem noções preconcebidas.

As informações oferecidas abaixo são baseadas no cotejo completo feito por Maurice A. Robinson de 1.389 MSS que contêm a Pericope, João 7.53 – 8.11.¹ Tentei estabelecer um perfil de leituras para cada um dos três grupos principais de MSS, **M**^{5,6,7}. Usei * para distinguir variantes que poderiam ser chamadas de ‘espinha dorsal’ da família, com o objetivo de distingui-la das demais.

	M ⁷	M ⁶	M ⁵
7:53	01 απηλθεν	απηλθεν / απηλθον	*επορευθη / επορευθησαν
8:1	02 Ιησους δε	*και ο Ιησους δε/και ο Ιησους	Ιησους δε
8:2	03 (βαθεως) = omitir	*βαθεως / βαθεος	(βαθεως)
8:2	04 παρεγενετο	*ηλθεν ο Ιησους	παρεγενετο
8:2	05 προς αυτον	προς αυτον	*(προς αυτον)
8:3	06 προς αυτον	(προς αυτον) / προς αυτον	προς αυτον
8:3	07 επι	επι	*εν

¹ 240 MSS omitem a PA, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = cerca de 1650 MSS de texto contínuo verificados por Robinson. Ele também verificou um bom número de Lecionários.

8:3	08 κατειλημμενην	κατειλημμενην	*καταληφθεισαν
8:3	09 εν μεσω	εν τω μεσω / εν μεσω	εν μεσω
8:4	10 λεγουσιν	*ειπον	λεγουσιν
8:4	11 (πειραζοντες)	(πειραζοντες)	*πειραζοντες
8:4	12 ταυτην ευρομεν	ταυτην ευρομεν	*αυτη η γυνη κατεληφθη / ειληπται / κατειληπται
8:4	13 επαυτοφωρω	επαυτοφωρω/-φορω/-φορω	επαυτοφωρω/-φορω
8:4	14 μοιχευομενην	μοιχευομενην / -νη	*μοιχευομενη
8:5	15 ημων Μωσης	ημων Μωσης / υμων Μωσης / Μ. ενετ. ημιν / Μωση	*Μωσης ημιν
8:5	16 λιθοβολεισθαι	*λιθαζειν	λιθοβολεισθαι
8:5	17 (περι αυτης)	(περι αυτης) / περι αυτης	(περι αυτης)
8:6	18 κατηγοριαν κατ	κατηγοριαν κατ	*κατηγορειν
8:6	19 μη προσποιουμενος	(μη προσποιουμενος) / μη προσποιουμενος	μη προσποιουμενος
8:7	20 ερωτωντες	ερωτωντες / επερωτωντες	ερωτωντες
8:7	21 ανακυψας	αναβλεψας / ανακυψας	ανακυψας
8:7	22 προς αυτους	*αυτοις	προς αυτους
8:7	23 *τον λιθον επ αυτη βαλετω	*λιθον βαλετω επ αυτην	*επ αυτην τον λιθον βαλετω
8:9	24 και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι	(και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι) / και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι	και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι
8:9	25 εως των εσχατων	εως των εσχατων	*(εως των εσχατων)
8:9	26 μονος ο Ιησους	ο Ιησους μονος / μονος	μονος ο Ιησους
8:10	27 και μηδενα θεασα-μενος πλην της γυναικος	*ειδεν αυτην και	και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος
8:10	28 αυτη	*(αυτη) γυναι	αυτη / αυτη γυναι
8:10	29 εκεινοι οι κατηγοροι σου	εκεινοι οι κατηγοροι σου / οι κατηγοροι σου	εκεινοι οι κατηγοροι σου
8:11	30 ειπεν δε αυτη ο Ιησους	ειπεν δε αυτη ο Ιησους	*ειπεν δε ο Ιησους
8:11	31 κατακρινω	κατακρινω	*κρινω / κατακρινω
8:11	32 και απο του νυν	και απο του νυν / απο του νυν και	*και

M⁷ tem um perfil/mosaico único, claro e inequívoco, conforme definido por 127 MSS – não há variação interna entre eles (os 127 são precisamente os mesmos para todos os doze versos). Isso contrasta dramaticamente com **M⁶** e **M⁵**. É possível chegar a um perfil parcial tanto para **5** quanto para **6**, para distingui-los entre si e de **7**, mas eles têm tanta variação interna que não vejo como chegar a um arquétipo da família que seja objetivamente definido. Como o leitor pode verificar, **6** tem divisão interna nada menos que 15 vezes em 32, o que não melhora seu quociente de credibilidade. **5** tem ‘apenas’ quatro, e por isso é muito menos ‘mole’ que **6**, mas a natureza desses quatro não permite uma única forma arquetípica. (Eu não incluí o conjunto 13 acima porque há uma confusão generalizada entre os MSS.)

Agora atenção, **7** e **6** se juntam contra **5** quatorze vezes; **7** e **5** juntam-se contra **6** nove vezes; **6** e **5** se juntam contra **7** nem uma única vez. Isso significa que **7** é dependente de **5** e **6** (von Soden), ou significa que **5** e **6** são saídas independentes de **7** (WNP)? Apenas para o conjunto 23 os três grupos são inteiramente distintos, mas pelo menos para este conjunto **7** não depende dos outros dois. (Curiosamente, os MSS nos apresentam pelo menos sete arranjos diferentes das cinco palavras do conjunto 23, e o grupo principal dos lecionários atesta uma quarta leitura, não uma das três grandes.) Ao meu ver, **7** é o menor denominador comum, e portanto, mais velho e melhor do que os outros dois. Então qual é o ponto? A questão é que **M⁷** é igual ao **K'** de von Soden (meu **f³⁵**), e ele usou sua análise

de **M**⁷ para caracterizar seu **K**^r para todo o NT! Ele repetidamente ofereceu **M**⁷ como 'prova' de que **K**^r era tardio. Como qualquer um que esteja remotamente familiarizado com os MSS sabe, caracterizar até mesmo um livro, para não mencionar todo o NT, com base em doze versículos é simplesmente errado.¹

5) Por alguma razão misteriosa von Soden parecia determinado que seu **K**^r deveria ter sido criado no século XII, e por isso ele se esforçou para mudar a data dos três MSS **K**^r do XI que ele conhecia. Mas como os três são cópias, não criações originais, seus exemplares eram mais antigos, necessariamente (assim como os exemplares dos exemplares), então o que achava von Soden que estava 'provando'? Para ele, aparentemente, um tipo de texto não poderia ter existido antes de seu representante mais antigo conhecido [!]. Por muitos anos, tenho ouvido pessoas repetindo a evidente estupidez de que, como não há MSS bizantinos antigos, o texto bizantino não pode ser antigo, e eles ainda estão fazendo isso. Isso se baseia na suposição obviamente falsa de que os MSS sobreviventes dos primeiros séculos são representativos da situação total dos manuscritos naquela época.

Os únicos 'edifícios' sobreviventes no Egito com 4.000 anos são as pirâmides. Será alguém tão ridículo a ponto de argumentar que uma pirâmide era o único tipo de estrutura usada no Egito naquela época? Quantos egípcios naquela época viviam em pirâmides? Absolutamente nenhum, porque as pirâmides eram apenas para os mortos. Mas conseguiram as pessoas comuns uma pirâmide para uma tumba? Apenas um faraó poderia pagar um. Podemos dizer com total certeza que as pirâmides não são representativas da totalidade das estruturas do Egito há 4.000 anos, embora sejam as únicas que sobreviveram. Eu diria que é igualmente certo que os MSS mais antigos não são representativos da situação dos manuscritos na época. (Eles são o local de descanso das formas 'mortas' do Texto do NT, algo como as pirâmides.)

Não sei nem mesmo o nome de nenhum dos meus tataravôs, e não tenho artefatos que eles tenham usado. No entanto, posso afirmar com total certeza que eles existiram. Como eu posso fazer isso? Posso fazer isso porque estou aqui, porque existo. Eu não poderia existir sem tataravôs. Meu corpo contém alguns de seus genes, seu DNA. Só porque eu não existia 400 anos atrás, não significa que nenhum dos meus ancestrais existiu lá. Isso não é perfeitamente óbvio?

Em 1976, o Dr. Jakob van Bruggen publicou *The Ancient Text of the New Testament* (Winnipeg: Premier Printing Ltd.). Ele contém um capítulo sobre 'A Idade do Tipo Bizantino' que ocupa as páginas 22 a 29. Ele arregimenta uma variedade de argumentos para mostrar que o tipo de texto bizantino deve ser mais antigo do que seus representantes sobreviventes. Limitar-me-ei a citar apenas um parágrafo (página 25).

Que condições devem ser satisfeitas se quisermos conceder o prêmio aos maiúsculos mais antigos? Ao fazer essa pergunta, presumimos, intencionalmente ou não, que éramos capazes de fazer uma comparação justa entre os manuscritos de um período anterior e os de um período posterior. Afinal, só podemos chegar a afirmações positivas se for esse o caso. Imagine que alguém dissesse: na Idade Média eram construídas principalmente catedrais, mas nos tempos modernos muitas igrejas pequenas e mais simples estão sendo construídas. Esta afirmação parece completamente verdadeira quando olhamos hoje em volta nas cidades e aldeias. No entanto, estamos enganados. Um erro compreensível: muitas pequenas igrejas da Idade Média

¹ Como é impossível demonstrar objetivamente que **M**⁷ é dependente de **M**⁶ e **M**⁵, essa dependência imaginada não deve ser alegada como relevante para a idade e a natureza do tipo de texto.

desapareceram e, geralmente, apenas as catedrais foram restauradas. Assim, surge uma grande falsificação histórica de perspectiva em relação à história da construção de igrejas. Não podemos fazer uma afirmação geral sobre a construção de igrejas na Idade Média com base nos materiais sobreviventes. Se ainda nos atreveríamos a fazer tal afirmação, presumimos erroneamente que os materiais sobreviventes nos permitiram fazer uma comparação justa. Mas como está a situação no campo dos manuscritos do Novo Testamento? Temos um número *representativo* de manuscritos dos primeiros séculos? Só se for esse o caso temos o direito de tirar conclusões e declarações positivas. Mas é justamente nesse ponto que surgem as dificuldades. A situação é mesmo tal que sabemos com certeza que *não* possuímos um número representativo de manuscritos dos primeiros séculos. Isso se deve a três motivos, que agora merecem nossa atenção sucessivamente [ênfase no original].

Ele então passa a discutir essas três razões. (Conheço o Dr. van Bruggen pessoalmente, e posso dizer que ele é uma autoridade no assunto das catedrais.) As páginas 101 – 111 do meu *The Identity of the New Testament Text V* fornecem uma discussão detalhada das evidências de um tipo de texto bizantino primitivo.

Continuo a insistir que a maioria dos MSS mais antigos sobreviveu porque eram intoleravelmente ruins; era psicologicamente impossível usá-los, além de ser um desperdício criminoso de bom pergaminho para copiá-los (o uncial 06 não é o único com um ‘filho’ conhecido?). Há algum tempo, cotejei o cursivo GA 789 (Atenas: Biblioteca Nacional) para João, já tendo feito isso para Lucas. Embora o copista tenha cometido um erro ocasional, julgo que seu exemplar foi um representante quase perfeito da Família 35. No entanto, 789 está faltando João 19.12 até o fim. Uma mão posterior, 789^s, tem 19.26 até o final, mas aquele copista era um péssimo soletrador, com média de quase um erro por verso – faz pensar no P⁶⁶ (embora P⁶⁶ seja pior, com média de cerca de dois erros por verso). Dei por mim a ficar zangado com o copista – estava preparado para lançar maldições sobre a sua cabeça! Supondo que a causa dos erros fosse a ignorância, e não a perversidade, o copista não deveria ter empreendido uma tarefa para a qual estava tão lamentavelmente desqualificado. Seria psicologicamente impossível para mim usar 789^s para devoção ou estudo. Eu ficaria com raiva demais para continuar. Presumo que os cristãos sinceros dos primeiros séculos teriam reagido da mesma maneira.

Por estranho que possa parecer, o próprio INTF que Kurt Aland fundou – ele que declarou que os MSS bizantinos eram irrelevantes para a busca do texto original – esse INTF agora publicou o seguinte:

Desde que o Textus Receptus foi superado pela crítica textual acadêmica do século 19, há um viés negativo tenaz contra o texto majoritário bizantino. Aonde quer que testemunhas textuais bem conhecidas e antigas como Vaticanus e Sinaiticus, e ainda mais em combinação com um papiro, se oponham à maioria dos minúsculos, a decisão contra o texto majoritário foi muitas vezes tomada facilmente, sem considerar seriamente a qualidade das variantes em questão. Portanto, os editores da presente edição tomaram dois fatores como primordiais.

Primeiro, muitas vezes é esquecido que na grande maioria das passagens com variantes apenas umas poucas testemunhas diferem de todas as outras. Como regra, as testemunhas populares dos séculos IV/V e, se conhecidos, de papiros ainda mais antigos, concordam com a maioria absoluta de todas as testemunhas. Isso implica que em todas essas passagens a antiguidade do texto majoritário não está em dúvida.

Segundo, é necessário distinguir consistentemente entre um manuscrito e o texto nele transmitido. “*Recentiores non deteriores*” é um princípio amplamente aceito no

editar de filologia, mas na erudição do Novo Testamento foi aplicado apenas a alguns manuscritos mais recentes com peculiaridades textuais semelhantes a Vaticanus e Sinaiticus. Pela razão dada acima, é indubitavelmente verdade que a tradição textual como um todo remonta a um período muito antigo e que a transmissão coerente da maioria de todas as testemunhas textuais fornece um forte argumento *a favor*, não *contra*, a variante em questão [ênfase no original]. (Página 30* da recente [2017] *Edição Crítica Maior* de Atos.)

Ora, ora, ora, antes tarde do que nunca! “A tradição textual como um todo” inclui f^{35}/K^r , necessariamente. A série *Text und Textwert*¹ agora está completa para todo o NT, exceto para João 11-21. A evidência objetiva que ela fornece mostra claramente, empiricamente, que a Família 35 (K^r) é independente da massa bizantina (K^x de Soden) em todo o NT. Segue-se que **não pode** ser uma revisão dessa massa. Qualquer um que continue afirmando que o K^r de von Soden foi uma revisão de seu K^x é desinformado ou perverso.²

6) Resta abordar a questão do aparato litúrgico característico de f^{35}/K^r . Uma cópia do lecionário seria muito mais fácil e rápida de produzir do que uma cópia de texto contínuo completa, sem falar de um aparato em uma cor diferente. Já que temos lecionários conhecidos do IV e de todos os séculos subsequentes, por que alguém se daria ao trabalho extra de adicionar um aparato litúrgico a uma cópia contínua do texto? E por que esse aparato foi adicionado a apenas um tipo de texto?

Mas primeiro, por que foram preparados lecionários, em vez de MSS de texto contínuo? À medida que a prática de ler e expor passagens estabelecidas em domingos específicos se generalizou, ter que usar um MS de texto completo tornou-se trabalhoso; por que não preparar MSS contendo apenas as leituras estabelecidas? Lembre-se de que a maioria das pessoas não sabia ler e se limitava a ouvir as Escrituras durante as reuniões semanais. Muitas poucas pessoas conseguiam ler e estudar as Escrituras em casa. Menos ainda estariam em condições de fazer cópias escritas de qualquer coisa. Escriba era uma profissão. No entanto, submeto à consideração do leitor que a própria mentalidade que consideraria um lecionário uma coisa boa, por si só, representava um relaxamento de um devoto compromisso com a forma precisa do Texto Sagrado.

A partir do século IV, se não antes, a Igreja Romana usou o latim, não o grego. Então, quem preservou o NT grego durante a Idade Média? Cada vez mais teriam sido as comunidades monásticas de língua grega. Por definição, um mosteiro é uma comunidade religiosa; sua vida diária e sua própria existência derivam e dependem de sua religião. Para as comunidades cristãs, os escritos do NT seriam centrais para sua fé. No entanto, com o passar do tempo, a tradição tomou conta, e haveria um relaxamento de um compromisso devoto com a forma precisa do Texto Sagrado. Isso se refletiria no nível de controle de qualidade que prevalecia em cada mosteiro com referência ao copiar de MSS do NT. Também se refletiria no aumento da produção de lecionários nos mosteiros.

O relaxamento do controle de qualidade no copiar de MSS do NT se reflete na variedade de leituras encontradas entre os MSS que compõem a tradição bizantina. Para três capítulos de Lucas, F. Wisse identificou 36 linhas de transmissão dentro dessa tradição. Um MS bizantino médio terá de 3 a 5 variantes por página de um texto grego impresso (em comparação com 15 a 20 para um MS alexandrino). O monge estava cumprindo um dever religioso, mas sem compromisso pessoal com o Texto. Um MS f^{35}/K^r meramente ‘mais ou

¹ *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter).

² Ignorar evidências claras que foram chamadas à sua atenção e continuar a promover uma afirmação que você sabe ser falsa é ser perverso.

menos' terá uma variante por duas páginas de um texto grego impresso, enquanto os melhores terão apenas uma variante por quatro ou mais páginas de um texto grego impresso (os realmente bons serão perfeitos para os livros mais curtos). Eu já cotejei um MS com apenas uma variante para os 21 capítulos de João; o mesmo MS (GA 586) tem apenas uma variante para os 16 capítulos de Marcos. O que nos diz esse quadro sobre a mentalidade dos copistas? Como podemos explicar o extremo cuidado demonstrado pelos copistas f^{35}/K^r ?

Os MSS f^{35}/K^r conhecidos provêm de mosteiros isolados ao redor do mundo mediterrâneo e foram produzidos durante cinco séculos (XI-XV). (Ignoro, por enquanto, as gerações de exemplares que eles representam.) Simplesmente não havia agência humana que pudesse exercer tal controle. Evidentemente, alguns mosteiros seriam mais conservadores em doutrina e atitude do que outros, e dentro de um mosteiro conservador um copista individual poderia estar comprometido com a autoridade divina do exemplar que estava copiando. Deixando de lado a participação sobrenatural no processo, a atitude predominante em certos mosteiros mais a convicção pessoal de copistas individuais é a única explicação que posso ver para a incrível consistência interna que os MSS f^{35}/K^r demonstram.

Mas por que iria alguém se dar ao trabalho extra de adicionar um aparato litúrgico a uma cópia de texto contínuo, já que os lecionários eram abundantes? E por que esse aparato foi acrescentado a apenas um tipo de texto, justamente aquele de maior consistência interna? Ora, o que faria um mosteiro conservador se quisesse usar as leituras estabelecidas para a leitura em voz alta nas refeições da comunidade, mas fazê-lo com um MS de texto contínuo (por respeito ao Texto)? O início e o fim das leituras teriam que ser marcados de alguma forma. Mas o respeito ao Texto determina que tais marcadores de leitura não podem ser confundidos com o próprio Texto – portanto, tinta de cor diferente (que também ajudaria o leitor a começar e parar nos pontos corretos).

Muito bem, mas por que escolher f^{35}/K^r ? Bem, se é o respeito ao Texto que te motiva a usar MSS de texto contínuo, ao invés de lecionários, que tipo de texto você vai usar? Se você estiver ciente de que os diferentes MSS oferecem algumas diferenças na redação, como você escolherá? Essa mesma consciência derivará de uma convicção dentro do mosteiro sobre qual linha de transmissão entre os MSS tem o melhor *pedigree*, e será essa linha que merece seu maior respeito. Então esse é o tipo de texto que você vai usar. Mas como é que mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Sim, eis a questão, como é que mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Von Soden opinou que uma autoridade central ordenou uma revisão e a impôs aos mosteiros. Uma vez que é demonstrável que f^{35}/K^r não é uma revisão, em que base essa autoridade imaginária faria uma escolha de qual texto impor? Se essa autoridade fosse um cristão sincero, ele não escolheria o que considerasse ser o melhor texto? Como não havia tal autoridade, resta-nos ainda a questão: como é que os mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Eles provavelmente não fizeram essa escolha; eles simplesmente continuaram a tradição que haviam recebido de gerações anteriores.

E todos eles receberam a mesma tradição porque havia uma convicção generalizada em toda a comunidade cristã global quanto à identidade da linha de transmissão com o melhor *pedigree*. Uma vez que a transmissão do texto do NT ao longo dos séculos foi essencialmente normal, desde o início, a convicção sobre o *pedigree* seria baseada em evidências históricas. Quando os autógrafos foram escritos, não havia lições do NT. A ideia de adicionar marcadores de leitura veio depois; quanto tempo depois não temos como saber. Em algum lugar ao longo do tempo, o primeiro MS tal foi produzido. A ideia foi tão brilhante que se espalhou como fogo selvagem? Ou a ideia se espalhou lentamente? Nós

não temos como saber. No entanto, quando quer que tenha sido, esses marcadores foram adicionados ao tipo de texto que estava sendo usado nas reuniões públicas.

Deve ser óbvio para todos que preparar uma cópia em duas cores com um aparato cuidadoso levará mais tempo e esforço do que uma cópia em uma cor sem esse aparato. Então, por que as pessoas faziam isso? Tinha que haver uma demanda por tais cópias. Um MS com um aparato litúrgico foi obviamente preparado para ser usado para leitura pública, para ser lido em voz alta para uma audiência. Para leitura e estudo particulares, você deseja um texto sem interrupções. Von Soden chegou a notar que as letras individuais em seus MSS **K^r** tendiam a ser um pouco maiores do que em MSS não-**K^r**. Então por que seria? Presumivelmente para facilitar a leitura pública. De qualquer forma, os livros usados se desgastam. Tanto assim, que os mosteiros que usavam um tipo de texto específico para sua leitura pública certamente faziam e mantinham várias cópias sobressalentes à mão. Não haveria a mesma motivação para os tipos de texto que não foram utilizados. Pode ser por isso que **f³⁵/K^r** é de longe a maior família dentro da tradição bizantina, e é a única família que até agora foi demonstrada existir em todos os 27 livros.¹ (Cópias sobressalentes que nunca foram usadas teriam uma boa chance de sobreviver.)

CONCLUSÃO: A caracterização de Von Soden de seu **K^r** como uma revisão tardia é simplesmente falsa. Segue-se que todas as pessoas informadas devem parar de usar o símbolo **K^r**.

Quociente de Esmero do Copista

Há algum tempo, detenho a opinião de que a questão da mentalidade que um copista tinha quando trabalhava merece muito mais atenção do que recebeu até agora. Se podemos concordar que a incumbência de um copista é reproduzir o exemplar que ele está copiando, então deve ser possível avaliar suas falhas ao fazê-lo. É claro que tal avaliação depende da existência conhecida de seu exemplar, ou do arquétipo da família à qual a cópia pertence (conforme determinado por seu mosaico ou perfil). Onde há uma linha de transmissão descendente de um arquétipo, uma determinada variante poderia estar no exemplar, é claro, mas não vejo nenhuma maneira de controlar essa possibilidade no momento. Uma ‘variante’ é definida por ser diferente da forma arquetípica, como determinada empiricamente pelo consenso dos representantes da família.² A variante pode ser avaliada, quando quer que tenha sido introduzida.

Contudo, devemos pensar numa exata definição para ‘variante’. Sou da opinião que no fim o termo ‘variante’ deve ser reservado para leituras que fazem diferença no sentido, e mesmo assim, somente se foram criadas de propósito. Naturalmente, já que uma

¹ De passagem, é do conhecimento geral que os Lecionários não contêm lições do Apocalipse. O que poucas pessoas sabem é que alguns MSS **f³⁵** contêm, sim, um aparato litúrgico no Apocalipse. Poderia isso ser algo que merece um estudo mais aprofundado?

² Determinei a forma arquetípica da **f³⁵** para Marcos com base de cotejos completos dos 53 representantes da família plotados no gráfico que segue. Os resultados se encontram no meu aparato completo de **f³⁵** para Marcos. Existem sete divisões em torno de 20%, quatro dos quais são grafias alternadas da mesma palavra. Existem duas divisões em torno de 25%. Nenhum desses nove é candidato sério para a forma arquetípica. Há somente uma divisão séria, em torno de 40%; se encontra em 13.31. O verbo que acompanha “o céu e a terra” é singular ou plural? Em português, a tradução para qualquer um tem que ser “passarão”, então são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Embora o plural tenha uma distribuição geográfica considerável, o singular tem muito mais. Há bons representantes dos dois lados, mas os cinco exemplares melhores têm o singular. Dos cinco MSS do XI, quatro têm o singular. Somando tudo, o singular recebe o aceno.

alteração sem querer também pode alterar o sentido, havemos de ir devagar, razão pela qual usei 'no fim'. Enquanto isso, no quadro em baixo omitei grafias alternadas da mesma palavra, mas elas estão devidamente registradas no meu aparato completo de f³⁵ para Marcos.

Marcos

Eu convido a atenção para as seguintes evidências do Evangelho de Marcos. Usarei a análise de E.C. Colwell de treze MSS "alexandrinos" no primeiro capítulo e meu próprio cotejo de cinquenta e três MSS da Família 35 para o livro inteiro.¹ Aqui está a declaração do próprio Colwell.

Depois de um estudo cuidadoso de todas as supostas testemunhas do tipo de texto Beta no primeiro capítulo de Marcos, seis manuscritos gregos emergiram como testemunhas primárias: \aleph , B, L, 33, 892, 2427. Portanto, os manuscritos tipo Beta mais fracos: C, D, 157, 517, 579, 1241 e 1342 foram postos de lado. Então, com base nas seis testemunhas primárias, foi reconstruído um texto 'mediano' ou médio, incluindo todas as leituras apoiadas pela maioria das testemunhas primárias.² Mesmo nessa base restrita, a quantidade de variação registrada no aparato era consternante. Neste primeiro capítulo, cada uma das seis testemunhas diferiu da média do tipo de texto Beta como segue: L, dezenove vezes (Westcott e Hort, vinte e uma vezes); Aleph, vinte e seis vezes; 2427, trinta e duas vezes; 33, trinta e três vezes; B, trinta e quatro vezes; e 892, quarenta e uma vezes. Esses resultados mostram de forma convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo de texto Beta em uma base quantitativa está fadada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído, mas construído; é uma entidade artificial que nunca existiu.³ [Um tipo de texto sem arquétipo não pode representar o Original.]

Vamos considerar com cuidado o que Colwell fez, lembrando que ele era um partidário do tipo de texto 'Alexandrino' (seu "tipo de texto Beta"). Ele tentou chegar à forma arquetípica daquele tipo de texto, para um capítulo, por maioria absoluta de votos de seus conhecidos representantes, que ele presumiu serem os treze alistados.⁴ O resultado foi tão

¹ A quem nunca cotejou um manuscrito grego, posso dizer que é um trabalho de escravo, enfadonho mesmo. Cotejar uma cópia de um livro do tamanho de Marcos leva vários dias. Então, por que faço? O fator básico é a convicção de que os livros do NT são divinamente inspirados, uma revelação escrita dada pelo Soberano Criador. Uma revelação assim tem autoridade objetiva, e torna-se importante dispor da exata redação original. Se Marcos fosse apenas uma peça de literatura antiga comum, a exata redação original seria de pouco interesse. Para que? Que diferença faria?

² Observar que o texto 'médio' dele não incluiria uma leitura onde a divisão interna era tal que não havia maioria absoluta; e como ele usou apenas seis MSS, que fez ele quando deu divisão igual?

³ Colwell, "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts", *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87. Cf. também Colwell, "Genealogical Method", pp. 119-123. Colwell segue Kenyon e usa "tipo de texto Beta" para se referir ao texto 'alexandrino' de hoje, ao passo que Hort usou "grupo b" para se referir a seu texto 'ocidental'.

⁴ Notar que a representação total desse tipo de texto é meramente treze MSS (nos Evangelhos), e esse número não aumentou visivelmente desde o tempo de Colwell (fazendo sessenta anos) – mas lembrar que não tem arquétipo demonstrável; o que contrasta com os cinquenta e três MSS da f35 que já cotejei, mas que representam apenas 20% dos representantes da família conhecidos, nos Evangelhos (uns 250 MSS). Resta ver quantas outras famílias, dentro da massa bizantina, podem ser identificadas tendo forma arquetípica única demonstrável, baseada num cotejo completo de uma proporção adequada de seus representantes para estabelecer o arquétipo. Para os volumes do *TuT* cobrindo os primeiros dez capítulos de João, o *INTF* cotejou uns 1875 MSS para 153 jogos de variantes. As páginas 54-90 no primeiro volume contêm uma lista de 'agrupamentos' de MSS; deixando de lado o seu Kr, o grupo maior tem 53 MSS, encabeçado pelo MS 2103. O número de grupos é desconcertante. Além disso, com poucas

incrivelmente ruim que ele descartou os sete representantes "mais fracos" e tentou novamente, usando apenas as seis testemunhas "primárias". Em suas próprias palavras: "Mesmo nessa base restrita, a quantidade de variação registrada no aparato era conster-nante". O grande Códice Vaticano discordou de sua forma arquetípica não menos que trinta e quatro vezes, em um capítulo. Ora veja, pode um MS que discorda de seu arquétipo 34 vezes em um capítulo ser chamado de uma boa cópia? Que base objetiva poderia alguém ter para fazer isso? A título de comparação, ou contraste, convido a atenção para as seguintes evidências da Família 35, cobrindo todos os dezesseis capítulos de Marcos, inclusive os últimos doze versos.

Legenda:

- s = leitura singular (até que todos os MSS sejam cotejados, isso é apenas uma suposição; ademais, erros fáceis de transcrição podem ser feitos por mais de um copista, independentemente);
- c = variante corrigida (variação de qualquer espécie corrigida para o arquétipo presumido);
- x = variante não corrigida ('variante' aqui significa que ela é atestada por MSS fora da família, mas por nenhum outro membro da família; isso pode indicar mistura);
- y = a família é dividida, mas a variante também é atestada por MSS fora da família (isso pode ser mistura por parte de quem introduziu a variante);
- / = a família está dividida e a variante não tem atestação externa (um grupo dissidente);
- h = um caso óbvio de homoioteleuton (ou -arcton) [Eu não considero isto como uma 'variante' verdadeira, mas está incluída abaixo];
- i = pura desatenção (frequentemente repetindo uma sílaba de uma linha para a que segue);
- = nenhum desvio do perfil presumido.

Será observado que eu atribuo um número menor de variantes ao exemplar presumido do que à cópia – eu desconto 'c', 's', 'h' e 'i', atribuindo-os ao copista; "c" poderia ter sido feito por outra pessoa, mas o resultado está correto. É claro que qualquer um deles poderia ter estado no exemplar, e o exemplar poderia ter tido um erro que o copista corrigiu, de sorte que os números na coluna "exemplar" são apenas uma aproximação (mas provavelmente não erram muito). Também é verdade que uma variante classificada como 'x', 'y' ou '/' poderia ser um erro independente do copista, e não do exemplar. Apesar de tudo isso, considero que o contorno geral das evidências dadas abaixo é válido e relevante.

f³⁵ em Marcos — dados brutos

MS	dados	total	exemplar	data	local ¹	conteúdo
18	5y, 1/, 7s, 2i	15	6	1364	Constantinopla	eapr
35	5c	5	---	XI	Egeia	eapr

exceções, os grupos, ou famílias, identificados por von Soden e outros se limitam aos Evangelhos; eles não existem em todos os 27 livros que compõem o nosso Cânon do NT. Mas se Deus inspirou todos os 27 livros, então Ele há de ter preservado todos os 27 (caso contrário, para que inspirar). Já que o Autógrafo é o arquétipo quintessencial, qualquer candidato para essa preservação deve ter um arquétipo, um arquétipo empiricamente determinado, e para todos os 27 livros – até este momento só tem um: Família 35.

¹ Dou o local onde o MS foi adquirido, quando é diferente do lugar onde se encontra atualmente, com base em informação disponível.

MS	dados	total	exemplar	data	local ¹	conteúdo
128	1y, 1/, 2s, 1h, 2i	7	2	XIII	Vaticano	e
141	2x, 2y, 4/, 3c, 9s, 2h	22	8	XIII	Vaticano	eapr
204	3y, 2/, 3s, 1i	9	5	XIII	Bologna	eap
510	1x, 1y, 9s, 3i	14	2	XII	Oxford-cc	e
547	10y, 1/, 4s	15	11	XI	Karakallu	eap
553	2x, 9y, 2/, 1c, 4s, 3i	21	13	XIII	Jerusalém	e
586	1i	1	---	XIV	Modena	e
645	2x, 8y, 4/, 3c, 16s, 2h, 13i	48	14	1304	Chipre	e
689	5x, 5y, 1/, 1c, 7s, 3i	22	11	XIII	Londres	e
789	1y, 2s	3	1	XIV	Atenas	e
824	2x, 3y, 3s, 2i	10	5	XIV	Grottaferrata	eapr
928	3y, 1/, 1c, 1s	6	4	1304	Dionysiu	eap
1023	1x, 4y, 2/, 1c, 1s, 1i	10	7	1338	Ivion	e
1040	2x, 3y, 1/, 2s, 1h	9	6	XIV	Karakallu	eap
1072	1y, 2i	3	1	XIII	M Lavras	eapr
1075	4y, 2/, 1s, 2i	9	6	XIV	M Lavras	eapr
1111	4y, 3/, 1c, 1s	9	7	XIV	Stavronikita	e
1117	1x, 3y, 7s, 1i	12	4	XIV	Philotheu	e
1133	10y, 12/, 1c, 10s, 1h	34	22	XIV	Philotheu	e
1145	1x, 9y, 3/, 5c, 2s, 2i	22	13	XII	Constantinopla	e
1147	1y, 3/, 1c, 5s, 2h, 3i	15	4	1370	Constantinopla	e
1199	8x, 12y, 10/, 24s, 19i	73	30	XII	Sinai	e
1251	1x, 9y, 4/, 7s, 1h, 7i	29	14	XIII	Sinai	eap
1339	2x, 1y, 1/, 1s, 1i	6	4	XIII	Jerusalém	e
1384	1x, 8y, 1/, 1c, 7s, 1h, 4i	23	10	XI	Andros	eapr
1435	4y, 1/, 10s	15	5	XI	Vatopedi	e
1461	1y, 3s	4	1	XIII	M Lavras	e
1496	1y, 2s, 1i	4	1	XIII	M Lavras	e
1503	2/, 1c, 2s, 1i	6	2	1317	M Lavras	eapr
1572	3y, 1/, 3s	7	4	1304	Vatopedi	e
1628	1y, 5s, 1h, 2i	9	1	1400	M Lavras	eap
1637	2y, 2s, 2i	6	2	1328	M Lavras	eapr
1652	1y, 1s, 2i	4	1	XVI	M Lavras	eapr
1667	5y, 2/, 1c, 8s	16	7	1309	Panteleimonos	e
1705	1x, 15y, 4/, 13s, 1h, 4i	38	20	XIV	Tirana	e
1713	1y, 2c, 2s	5	1	XV	Lesbos	e
2122	5y, 5s	10	5	XII	Atenas	e
2221	6x, 15y, 1/, 2s, 1h	25	22	1432	Sparta	eap
2253	1y, 1s, 1i	3	1	XI	Tirana	e
2261	10y, 9/, 3c, 1s, 3i	26	19	XIV	Kalavryta	eap
2323	10y, 2/, 4c, 4s	20	12	XIII	Atenas	er
2352	2y, 2/, 4c, 4i	12	4	XIV	Meteora	eapr
2382	1/	1	---	XII	Constantinopla	e
2466	3y, 1/, 3c, 12s, 4i	23	4	1329	Patmos	eap
2503	3y, 1/, 5s, 1i	10	4	XIV	Sinai	e
2554	1/, 1c	2	1	1434	Bucarest	eapr
2765	4y, 1/, 1i	6	5	XIV	Corinto?(Oxford	e
2875	1x, 37, 2/, 1c, 5s, 1i	13	6	1314	Valopedi	e
2876	2x, 2y, 3/, 13s	20	7	XIV	Vatopedi	e
I.2110	2y, 2/, 2c, 1s, 1i	8	4	1322	Ivion	e
L.65	2x, 3y, 2/, 2c, 9s, 2i	20	7	XIV	Leukosia	e

Como escolhi quais MSS cotejar? Eu usei os volumes da *TuT* para Marcos. O *INTF* cotejou cerca de 1.700 MSS para 196 conjuntos de variantes (nem todos os MSS trazem todos os

conjuntos). O perfil distintivo da f^{35} é composto de apenas quatro desses 196 conjuntos, mas é suficiente para identificar qualquer MS da f^{35} que eles cotejaram. Dentro da lista de MSS que se presume pertencer à f^{35} , escolhi primeiro aqueles que me dariam a distribuição geográfica mais ampla. Em seguida, concentrei-me nos MSS com um perfil ‘perfeito’. Claro, eu estava limitado pela disponibilidade de MSS em PDF. Com o perfil da minha família para todo o NT, posso identificar rapidamente qualquer MS da f^{35} que ainda precisa ser estudado. Foi assim que o Iviron 2110 e o Leukosia 65 entraram (eles ainda não receberam um número do *INTF*, no momento em que escrevo).

Olhando para a tabela, onze MSS têm uma média de apenas uma variante a cada três capítulos ou mais – excepcional! (MS 586 é praticamente perfeito como está.) Outros nove MSS têm apenas uma variante por dois capítulos – excelente. Virtualmente 40% são excelentes ou melhor. Outros dezessete têm apenas uma variante por capítulo – bom. Outros doze têm duas variantes por capítulo – mais ou menos. Outros três têm três variantes por capítulo – pobre. Um MS tem cinco variantes por capítulo – marginal. Note que o pior dos cinquenta e três representantes da f^{35} (1199, e, XII, Sinai) é quatro vezes ‘melhor’ do que o melhor representante alexandrino de Colwell, o Codex L. Pare por um momento e pense nas implicações. Como pode qualquer pessoa se defender a proposição de que o tipo de texto alexandrino representa a melhor linha de transmissão?¹

Um caso representativo

No parágrafo de abertura, afirmo que as variantes podem ser avaliadas. Agora vou tomar um dos representantes da f^{35} meramente ‘mais ou menos’ – MS 1384, eapr, XI, Andros – alistar suas variantes e avaliá-las.

- 1.17 γενεσθαι || --- 1384 [o verbo tem que ser entendido de qualquer maneira; o sentido não é alterado]
- 1.44 προσενεγκαι || προσενεγκε [75%] 1384 + cinco [estas formas eram intercambiáveis, de sorte que são praticamente grafias alternadas da mesma palavra]
- 2.17 εχοντες || 1 και 1384 [ele meramente acrescentou uma conjunção implícita; o sentido básico não é alterado]
- 3.12 πολλα || --- 1384 [isto não altera o sentido básico]
- 3.28 υιοις των ανθρωπων || ανθρωποις 1384 [isto é um sinônimo, o sentido básico não é alterado]
- 4.24 μετρειτε || μετρειται 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 5.4 αλυσεσιν || αλισεσιν 1384^{1x} [um erro de grafia; ele acertou em outros lugares]
- 5.13 τα ακαθαρτα || --- [1%] 1384 + um [um caso fácil de homoioteleuton e –arcton]
- 5.19 αναγγελιον || ανακειλον 1384 [uma grafia alternada]
- 5.27 ακουσασα || ακουσα 1384 [de uma linha para a próxima]
- 6.13 εξεβαλλον || εξεβαλον [10%] 1384 + três [imperfeito, ou 2nd aoristo? um ‘l’ poderia ter sido omitido sem querer, mas há pouca diferença no sentido, de qualquer maneira]

¹ Repito aqui um período de Colwell: “Estes resultados mostram de forma convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo de texto Beta com base quantitativa está fadada ao fracasso.” “Estes resultados mostram de forma convincente” outra coisa; aqueles copistas não estavam incomodados por qualquer respeito especial ou consideração para com o que estavam copiando. Fica óbvio que eles não criam que estavam copiando um texto sagrado, o que me faz perguntar a mim mesmo por que eles iriam gastar tempo e material fazendo isso. Vejo só uma explicação que faz sentido: eles estavam deliberadamente pervertendo o texto, presumivelmente debaixo de influência satânica ou demoníaca. De forma contrastante, o cuidado com que a maioria dos copistas da f^{35} fizeram seu trabalho implica um alto grau de respeito pelo texto sendo copiado. Se Deus se preocupava com a preservação de Seu Texto, que tipo de copista iria Ele utilizar? Que tipo de copista iria o Espírito Santo proteger e abençoar? [Já que tanto Deus quanto Satanás existem, alguém que exclui o sobrenatural de seu modelo está sendo ingênuo ao extremo.]

- 6.20 ακουων 1384^{alt} || ακουσας [80%] 1384 + nove [presente, ou aoristo? A primeira mão colocou o presente acima do aoristo como alternativo; há pouca diferença no sentido]
 (1384 está faltando 6.20-45)
- 6.53 γενησαρετ || γεννησαρετ [53%] 1384 + três [uma grafia alternada]
- 7.4 χαλκειων || χαλκιων [70%] 1384 + um [um itacismo, ou uma grafia alternada]
- 7.26 εκβαλη || εκβαλλη [30%] 1384 + dois [2nd aoristo, or presente? no contexto faz pouca diferença]
- 8.7 παραθειναι || παραθηναι [15%] 1384 + um [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 8.35 απολεση || απολεσει [5%] 1384 [subjuntivo do aoristo, ou indicativo do futuro? no contexto faz pouca diferença]
- 8.38 μοιχαλιδι || μοιχαλιδη 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 9.19 φερετε || 1 μοι 1384 [uma repetição desnecessária do pronome que não altera o sentido]
- 9.20 ιδον || ιδων [70%] 1384 + oito [é o sujeito do verbo o demônio, ou o menino? no contexto faz pouca diferença]
- 9.40 υμων || ημων [12%] 1384 + três [a variante é de qualidade inferior, mas no contexto faz pouca diferença]
- (1384 está faltando 10.23-46, 12.16-41)
- 12.43 βαλλοντων || βαλοντων [39%] 1384 + seis [presente, ou 2nd aoristo? no contexto faz pouca diferença]
- 13.28 γινωσκεται || γινωσκετε [75%] 1384^{alt} + dois [ver 1.44, só que aqui é o alternativo]
- 14:36 παρενεγκαι || παρενεγκε [70%] 1384 + três [ver 1.44]
- (1384 está faltando 15.29-16.7)
- 16.9a μαγαληνη || μαγαλινη 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 16.9b εκβεβληκει || εκβεβληκη 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 16.14 ωνειδισεν || ωνειδησε 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]

Com quatro exceções, apenas uma única letra ou sílaba está envolvida, e em nenhum lugar o significado é seriamente afetado. Se as páginas faltantes estivessem disponíveis e cotejadas, um número de variantes presumivelmente seria adicionado, mas elas não difeririam em espécie das demais. **Alguém lendo o MS 1384 não seria enganado quanto ao significado pretendido em qualquer ponto do livro.** Eu digo que isso é digno de nota e é típico de quase todos os MSS da f³⁵. Ao longo dos séculos de transmissão, qualquer pessoa com acesso a um representante da f³⁵ poderia conhecer o sentido pretendido do Autógrafo.¹ Não apenas isso, a maioria das linhas de transmissão dentro da massa bizantina seria razoavelmente próxima, boa o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Isto também é verdade para o muito criticado *Textus Receptus*; é certamente bom o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Ao longo dos séculos da história da Igreja, a maioria das pessoas poderia ter acesso razoável à revelação escrita de Deus.

Transmissão incrivelmente cuidadosa

Ag^{ra} v^u avaliar as variantes n^s n^{ze} representantes ‘excepti^{nais}’.

MS 586 tem uma: 10.35 – ημιν || υμιν 510,586. C^mMS 510 tem cat^{rze} variantes, e 586 nunca se junta a ele em utr^{lugar}, evidentemente nã^{há} dependência, p^{rtant}, essas sã^{variantes} independentes. Mas há um aspect^{curi^s} para essa variante: é sem sentid[!] Os filh^s de Zebedeu dizem: “Mestre, querem^s que tu faças para nós qualquer c^{isa} que pedirm^s”. P^{rtant}, a variante “fazer para vós (pl)” é alg^{manifestamente} sem sentid[!] F^é um mer^{cas} de itacism[?] Se assim f^r, é ^{únic} em t^dlivr^(para 586).

¹ Sendo que MSS da f³⁵ estão espalhados por todo o mundo mediterrâneo, tal acesso teria sido exequível para a maioria das pessoas.

Em várias ocasiões, com copistas diferentes em livros diferentes, tenho observado uma situação semelhante: o copista fez um trabalho perfeito até esse ponto e, em seguida, introduz uma variante impossível, onde o leitor fará quase automaticamente a correção necessária, como aqui. Isso me faz perguntar se o copista se sentiu indigno de produzir uma cópia perfeita e introduziu um erro óbvio de propósito.

MS 2382 tem uma: 13.1 – εις || 1 εκ 510,1117,2382. Como no exemplo acima, evidentemente não há dependência, portanto, são variantes independentes. (MS 1117 tem doze variantes.) “Um dos Seus discípulos disse-lhe” – a preposição é implícita, e tornando-a concreta não altera o significado; a tradução permanece a mesma.

MS 2554 tem duas: 2.23 – ποιειν 2554^c || πειν 1251,2554,2765; 15.46 – επι την θυραν || 1 τη θυρα 2554 + onze representantes da família. A primeira é obviamente sem sentido, casos independentes de itacismo. O copista de 2554 percebeu o seu erro e corrigiu-o; por isso esta não é uma variante verdadeira. A segunda representa uma divisão na família. A preposição leva três casos – genitivo, dativo, acusativo – portanto, há pouca diferença no significado.

MSS 789, 1072 e 2253 têm três, a serem discutidos nessa sequência. MS 789: 1.20 – αυτων || αυτον 789,1199; 13.31 – παρελευσεται || παρελευσονται [40%] 789 + vinte e um representantes da família; 16.9 – πρωτη || πρωτον 789. A primeira é um itacismo independente, com resultado sem sentido. (MS 1199 tem 73 variantes). A segunda já foi explicada na primeira nota de rodapé, em “Quociente de Cuidado do Copista”. A terceira é um erro bobo, onde aparentemente o copista ficou confuso e assimilou o sufixo ao do substantivo seguinte, só que assim não faz sentido – talvez ele estivesse correndo para terminar, estando tão perto do final do livro. Em qualquer caso, não é uma variante válida.

MS 1072: 6.22 – ορχησαμενης || ωρχησαμενης 1072; 7.37 – εξεπλησσαντο || εξεπληστο 1072; 9.20 – ιδον || ιδων [70%] 1072 + sete representantes da família. A primeira é presumivelmente um itacismo, resultando em uma ortografia alternativa para a mesma palavra. A segunda é um erro, indo de uma linha à próxima, e não é propriamente uma variante. Quanto à terceira, o verbo tem como sujeito o demônio ou o menino? No contexto, faz pouca diferença.

MS 2253: 5.36 – ευθεως ακουσας || ~ 21 [1%] 547,2253; 8.24 – περιπατουντες || περιπαπατουντες 2253; 15.46 – επι την θυραν || 1 τη θυρα 2253 + onze representantes da família. A primeira é presumivelmente um erro independente, que não afeta o significado. (MS 547 tem quinze variantes.) A segunda é uma repetição acidental de uma sílaba, indo de uma linha à próxima, e não é propriamente uma variante. A terceira foi discutida acima.

Os MSS 1461, 1496 e 1652 têm quatro, a serem discutidas nessa sequência. (Curiosamente, todos os três vêm de M. Lavras, mas têm diferentes conjuntos de variantes.) MS 1461: 5.13 – αυτοις || --- 1461; 6.15 – δε || --- 1461; 12.6 – οτι || --- 824,1461; 13.31 – παρελευσεται || παρελευσονται [40%] 1461 + vinte e um representantes da família. A primeira é uma omissão acidental, presumivelmente, que não altera o significado. A segunda omissão também não afeta o significado. A terceira omissão, presumivelmente independente, também não afeta o significado. (MS 824 tem dez variantes.) A quarta variante foi discutida acima.

MS 1496: 10.43 – εν || --- 1496,2323; 11.10 – υπιστοις || υψιστοις 1496; 13.31 – (veja acima); 14.43 – παραγινεται || 1 ο 1496. A primeira é uma omissão independente, tornando a preposição implícita. (MS 2323 tem vinte variantes.) A segunda é uma repetição acidental da vogal, indo de uma linha à próxima, e não é propriamente uma variante. A

terceira variante f³⁵ discutida acima. A quarta é um acréscimo ‘natural’ d³⁵artig³⁵, que não afeta o significado.

MS 1652: 8.32 – προσλαβομενος || προσλαβομενον 1652; 11.13 – αυτην || αυτη 1652; 13.6 – πολλοι || πολλοι 1652; 13.31 – (veja acima). A primeira é um erro óbvio que qualquer leitor corrigiria em sua mente. Para a segunda, a preposição leva às duas cas³⁵s, sem mudança de significado, neste contexto. A terceira é um erro gráfico óbvio. A quarta f³⁵ discutida acima.

Os MSS 35 e 1713 têm cinco a serem discutidos nessa sequência. MS 35: todas as cinco foram corrigidas para o arquetipo.

MS 1713: as duas primeiras foram corrigidas para o arquetipo; 9.5 – ηλια || ηλιαν 1705, 1713, 2503; 9.50 – αρτυσετε || αρτυσητε 1713; 13.31 – (veja acima). A terceira parece ser uma mudança independente, do dativo para o acusativo, embora o dativo é claramente correto. O significado não é alterado (MS 1705 tem 38 variantes; MS 2503 tem dez.) A quarta pode ser um itacismo, embora mude o modo verbal. O significado não é alterado. A quinta f³⁵ discutida acima.

De um total de trinta e cinco variantes, em onze MSS, em todo o livro de Marcos,¹ oito foram corrigidas, o que deixa vinte e sete. Pelo menos seis não são propriamente variantes, o que deixa vinte e uma. Cinco são repetições de uma variante em comum, o que deixa dezesseis.² A maioria destas envolve uma única letra ou sílaba, como é típico das variantes da f³⁵. Nenhuma delas muda o significado. Ora veja, eu chamo isso de **transmissão incrivelmente cuidadosa**.

Atrevo-me a prever, se todos os MSS conhecidos chegarem a ser cotejados, que nenhuma outra linha de transmissão chegará perto desse nível de precisão, ou o quociente de cuidado do copista.

Observações

- 1) Dois terços dos MSS cotejados acima não têm variantes extrafamiliares = sem mistura. Os monges reproduziam fielmente o que estava na frente deles.
- 2) O MS mais descuidado, 1199, também tem o maior número de variantes extrafamiliares = o copista era relativamente descuidado e não se preocupava com a pureza. (Mas se representasse qualquer outra linha de transmissão dentro da massa bizantina, provavelmente seria uma boa cópia.)
- 3) Os cinco MSS do século XI evidentemente refletem exemplares distintos (que provavelmente tinham exemplares distintos), de modo que o arquetipo certamente existiu no período uncial.
- 4) Embora o perfil exato do arquetipo seja claro, também fica claro que os MSS conhecidos refletem várias linhas de transmissão separadas dentro da família.
- 5) Qualquer tentativa de reconstruir uma árvore genealógica para a família exigirá a colocação de um número razoável de nódulos intervenientes, nódulos que bem poderiam estar separados por séculos.
- 6) Segue-se que qualquer alegação de que o arquetipo da f³⁵ foi criado após o início do período minúsculo é desinformada ou perversa.

¹ 11 MSS x 16 capítulos = 171 capítulos; levou esses onze MSS juntos nada menos que 171 capítulos para introduzir o tanto de variantes que Códice B conseguiu fazer em um! Isso quer dizer que Códice B é 171 vezes pior do que os onze representantes da f³⁵ juntos. Mesmo assim, existem pessoas que dizem que B é o nosso ‘melhor’ MS!

² Quer dizer, os onze MSS juntos têm 16 variantes para o livro inteiro, o que dá uma média de 1,5 variantes cada, para o livro inteiro!

Romanos

Eu convido a atenção para as seguintes evidências para a carta de Paulo aos Romanos. Usarei o cotejo de Reuben Swanson dos três grandes MSS 'alexandrinos' – Códice Aleph (01), Códice A (02) e Códice B (03)¹ – e meu próprio cotejo de trinta e sete MSS da Família 35, ao longo de todo o livro em ambos os casos.

Eu simplesmente segui Swanson religiosamente; não conferi nenhum de seus MSS. Eu fiz uma contagem aproximada; eu geralmente contava uma frase como uma variante, e uma longa omissão também. Eu não contei *nomina sacra*, *nu* móvel, acentos e *καθως/καθω*. Swanson cotejou contra tanto o UBS⁴ como o Oxford 1873 TR. A diferença entre a 3ª e a 4ª edição da SBU está no aparato; o texto é o mesmo, o texto que Kurt Aland teve o prazer de chamar de texto "padrão". É basicamente um texto 'alexandrino', e eu o usei para representar o arquétipo 'alexandrino' hipotético (considero que esse seja o julgamento dos editores).

Com base nessa contagem aproximada descrita acima, o Códice B diferiu de UBS⁴ 271 vezes, Aleph 308 vezes e Códice A 333 vezes; isso para o livro inteiro de Romanos. Mesmo que minha contagem aproximada fosse reduzida em 10, 20 ou mesmo 50, faria pouca diferença para o propósito deste exercício: **esses três grandes códices são lamentavelmente pobres representantes de seu tipo de texto alexandrino**. No entanto, fiz uma segunda contagem, eliminando também grafias alternativas da mesma palavra (a maioria envolvia *ei/i/e*). Com base nesta segunda contagem, o Códice B diferiu do UBS⁴ 170 vezes, Aleph 133 vezes e do Códice A 204 vezes. Houve muitos e muitos itacismos, especialmente em Aleph. O quadro melhorou consideravelmente, mas esses três grandes códices ainda são representantes bastante pobres de seu tipo de texto alexandrino.

A título de comparação, ou contraste, convido a atenção para as seguintes evidências da Família 35, abrangendo também Romanos por completo.

*f*³⁵ em Romanos – dados brutos

MS	dados	total	exemplar	data	local ²	conteúdo
18	2y, 1s, 1h, 1i	5	2	1364	Constantinopla	eapr
35	3c	3	---	XI	Egeia	eapr
141	1x, 1c, 4s, 2h, 1i	9	1	XIII	Vaticano	eapr
201	2x, 2/, 1c, 3s, 1i	9	4	1357	Constantinopla	eapr
204	1/, 1h, 1i	3	1	XIII	Bologna	eap
386	2y, 2s, 1h	5	2	XIV	Vaticano	eapr
394	2y, 3/, 4s, 1i	10	5	1330	Roma	eap
757	1y, 1/, 1c, 3s, 1h	7	2	XIII	Atenas	eapr
824	1x, 1y, 1/, 1s	4	2	XIV	Grottaferrata	eapr
928	2/	2	2	1304	Dionysiu	eap
986	2y, 1/, 4s, 1i	8	3	XIV	Esphigmenu	eapr
1040	2x, 1y, 1/	4	4	XIV	Karakallu	eap
1072	1x, 1y, 1/, 4s	7	3	XIII	M Lavras	eapr
1075	1x, 1y, 1/, 1s, 1h	5	3	XIV	M Lavras	eapr

¹ *New Testament Greek Manuscripts—Romans* (Pasadena, CA: William Carey International University Press, 2001). Nos Evangelhos, códice A é marginalmente bizantino, mas nas Epístolas ele é considerado alexandrino de boa qualidade. (Parece-me que lembro ter visto a opinião de que é melhor do que Aleph, e até de B.)

² Indico o local onde o MS foi adquirido, quando este difere do local onde se encontra atualmente, com base nas informações disponíveis.

MS	dados	total	exemplar	data	local ¹	conteúdo
1100	1y, 1s	2	1	1376	Dionysiu	ap
1249	1c, 3s, 1i	5	---	1324	Sinai	ap
1482	---	---	---	1304	M Lavras	eap
1503	1y, 1/, 1i	3	2	1317	M Lavras	eapr
1548	1x, 2/, 6s, 3i	12	3	1359	Vatopediu	eap
1637	1y, 1/, 1s, 1i	4	2	1328	M Lavras	eapr
1652	1y, 1/, 1s	3	2	XIV	M Lavras	eapr
1704	1y, 5s, 2h, 5i	13	1	1541	Kutlumusiu	eapr
1725	1/, 3s, 4i	8	1	1367	Vatopediu	ap
1732	1x, 1y, 1s, 2h	5	2	1384	M Lavras	apr
1761	2x, 2y, 1c, 3s, 1h	9	4	XIV	Atenas	ap
1855	1s	1	---	XIII	Iviron	ap
1856	6x, 1y, 2/, 6s, 1h	16	9	XIV	Iviron	ap
1858	1y, 1/, 1s, 1i	4	2	XIII	Konstamonitu	ap
1864	1y, 1/	2	2	XIII	Stavronikita	apr
1865	1s	1	---	XIII	Philotheu	apr
1876	2x, 2/, 12s, 2h, 5i	23	4	XV	Sinai	apr
1892	3y, 2/, 1c, 12s, 1h, 2i	21	5	XIV	Jerusalém	ap
1897	1/, 4s, 2h, 1i ²	8	1	XII	Jerusalém	ap
2466	2c, 11s, 2i	15	---	1329	Patmos	eap
2554	---	---	---	1434	Bucarest	eapr
2587	1/, 2s	3	1	XI	Vaticano	ap
2723	---	---	---	XI	Trikala	apr

Olhando para a tabela, dezoito MSS têm uma média de apenas uma variante a cada quatro capítulos ou mais – excepcional! (MSS 1482, 2554 e 2723 são perfeitos como estão.) Outros nove MSS têm apenas uma variante a cada dois capítulos – excelente. Mais de 70% são excelentes ou melhor. Outros oito têm apenas uma variante por capítulo – bom. Outros dois têm duas variantes por capítulo – mais ou menos. Notar que o pior dos trinta e sete representantes da f³⁵ (1876, apr, XV, Sinai) é quase seis vezes ‘melhor’ do que o melhor representante de Alexandria, o Códice Aleph. Pare por um momento e pense nas implicações. **Como pode qualquer pessoa sã defender a proposição de que o tipo de texto alexandrino representa a melhor linha de transmissão?**

Um caso representativo

No parágrafo de abertura, afirmo que as variantes podem ser avaliadas. Agora vou tomar um dos dois representantes meramente "mais ou menos" da f³⁵ – MS 1892, ap, XIV, Jerusalém – alistar suas variantes e avaliá-las.

- 1.6 ημων 1892° || --- 1892 [uma □missã□sem querer que f□i c□rrigida]
- 2.5 του || --- (grup□1) 1892 [c□m□□cas□é genitiv□, nã□altera □sentid□]
- 4.21 πληροφορηθεις || πληρωφορηθεις 1892 [um itacism□resultand□num err□de grafia; □d□is tinham a mesma pr□núncia]
- 5.11 νυν || --- 1892 [uma □missã□sem querer que nã□altera □sentid□básic□]
- 5.13 ελλογειται || ελλογειτο 1892 [será que □c□pista estava querend□mudar de presente para imperfeit□? Nã□altera □sentid□]
- 9.15 μουση || μουσει 1892 [meramente uma grafia alternada para □n□me próprio□]

¹ Indico o local onde o MS foi adquirido, quando este difere do local onde se encontra atualmente, com base nas informações disponíveis.

² Só contém 1:1 – 11:22.

- 9.27 $\omega\varsigma \eta \parallel \omega\sigma\epsilon\iota$ 1892 [um itacism resultand num err de grafia; ξ d ξ is tinham a mesma pronúncia]
- 12.8 1892 $\sigma\upsilon\pi\rho\epsilon$ o $\mu\epsilon\tau\alpha\delta\iota\delta\upsilon\sigma\upsilon\varsigma \epsilon\nu \alpha\pi\lambda\omicron\tau\eta\tau\iota$ na margem (um caso claro de homoioarcton, e/ou -teleuton)
- 13.11 $\gamma\alpha\rho \parallel \text{---}$ 1892 [uma omissão sem querer que não altera o sentido básico]
- 14.8 $\alpha\pi\omicron\theta\eta\eta\sigma\kappa\omicron\mu\epsilon\nu \parallel \alpha\pi\omicron\theta\eta\eta\sigma\kappa\omega\mu\epsilon\nu$ 1725,1876,1892 [um itacismo que muda Indicativo para Subjuntiv, mas que faz pouca diferença dentro do contexto; ξ d ξ is tinham a mesma pronúncia; ξ utr ξ d ξ is MSS não pertencem a grupo 1, de sorte que é uma mudança independente]
- 14.15 $\chi\rho\iota\sigma\tau\omicron\varsigma \parallel 1 \delta\omega\rho\epsilon\alpha\nu$ 1892 [um acréscimo que faz pouca diferença]
- 15.7 $\alpha\lambda\lambda\eta\lambda\omicron\upsilon\varsigma \parallel \alpha\lambda\lambda\eta\lambda\omicron\iota\varsigma$ 1892 [assim parece—trabalhando com filme preto e branco, certeza é difícil; muda acusativ para dativ, mas não altera o sentido]
- 15.9 $\psi\alpha\lambda\omega \parallel \psi\alpha\lambda\lambda\omega$ 1892 [provavelmente um descuido, mas muda futuro para presente, mas que faz pouca diferença no sentido; ξ d ξ is tinham a mesma pronúncia]
- 15.13 $\pi\epsilon\rho\iota\sigma\sigma\epsilon\upsilon\epsilon\iota\nu \parallel \pi\epsilon\rho\eta\sigma\sigma\epsilon\upsilon\epsilon\iota\nu$ 1892 [assim parece—trabalhando com filme preto e branco, certeza é difícil; um itacism resultand num err de grafia; ξ d ξ is tinham a mesma pronúncia]
- 15.29 $\tau\omicron\upsilon \chi\rho\iota\sigma\tau\omicron\upsilon \parallel \tau\eta\varsigma \epsilon\iota\rho\eta\eta\eta\varsigma$ 1892 [talvez o exemplar estava danificado; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença]
- 15.30 $\sigma\upsilon\nu\alpha\gamma\omega\nu\iota\sigma\alpha\sigma\theta\alpha\iota \parallel \sigma\upsilon\nu\alpha\gamma\omega\nu\iota\sigma\alpha\sigma\theta\epsilon$ 141,1892 [muda Indicativo para Subjuntivo, mas eles produzem o mesmo efeito; são duas maneiras de dizer a mesma coisa; utrMS não pertence ao grupo 1, de sorte que é uma mudança independente]
- 16.2 $\kappa\alpha\iota \gamma\alpha\rho \parallel 121$ 1892 [uma repetição por descuido da conjunção coordenadora, que não altera o sentido]
- 16.3 $\pi\rho\iota\sigma\kappa\alpha\nu \parallel \pi\rho\iota\sigma\kappa\iota\lambda\lambda\alpha\nu$ [30%] 394,1249^c,1761,1892 [nomes alternados para a mesma pessoa]
- 16.6 $\upsilon\mu\alpha\varsigma \parallel \eta\mu\alpha\varsigma$ (75.5%) 394,1732,1761,1892 [uma mudança que dominou a transmissão geral; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença]
- 16.20 $\sigma\upsilon\nu\tau\rho\iota\psi\epsilon\iota \parallel \sigma\upsilon\nu\tau\rho\iota\psi\omicron\iota$ 1652^{alt},1892 [uma mudança do futuro do Indicativo para o Optativo que enfraquece a força do verbo]
- 16.24 $\eta\mu\omicron\nu \parallel \upsilon\mu\omicron\nu$ [82%] (grupo 1)+ 1892 [uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença]

Com cinco exceções, apenas uma única letra ou sílaba está envolvida, e em nenhum lugar o significado é seriamente afetado.¹ **Alguém lendo o MS 1892 não seria enganado quanto ao significado pretendido em qualquer ponto do livro.** Eu digo que isso é digno de nota e é típico de quase todos os MSS da f³⁵. Ao longo dos séculos de transmissão, qualquer pessoa com acesso a um representante da f³⁵ poderia conhecer o sentido pretendido do Autógrafo.² Não apenas isso, a maioria das linhas de transmissão dentro da massa bizantina seria razoavelmente próxima, boa o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Isto também é verdade para o muito criticado *Textus Receptus*; é certamente bom o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Ao longo dos séculos da história da Igreja, a maioria das pessoas poderia ter acesso razoável à revelação escrita de Deus.³

¹ Observando essa lista, fica evidente que o quociente de cuidado do copista ‘flutuou’; metade das alterações ocorreram nos últimos dois capítulos; entre 5.13 e 9.15 não há alteração: durante quatro capítulos o trabalho dele foi perfeito. No capítulo 16 parece que ele sofreu alguma influência de fora da família. Contudo, 1892 é um representante adequado da redação original de Romanos.

² Sendo que MSS da f³⁵ estão espalhados por todo o mundo mediterrâneo, tal acesso seria exequível para a maioria das pessoas.

³ Contudo, é bom lembrar o que está escrito em 2 Coríntios 4.7: detemos o ‘tesouro’ em ‘vasos de barro’. Mesmo com um Texto perfeito em mãos, devido a nossas limitações inerentes somos incapazes de aproveitar ao máximo esse Texto. Quem entre nós pode garantir uma interpretação perfeita desse Texto perfeito? Haja humildade!

Transmissão incrivelmente cuidadosa

Agora vou avaliar as variantes nas dez representações ‘excepcionais’. (Dez, trinta e sete, é praticamente a metade).

Os MSS 1482, 2554 e 2723 são perfeitos como estão.

Os MSS 1855 e 1865 têm uma, a serem discutidas nessa sequência. O MS 1855: 13.1 – υπο || 1 του 1855, 1856. Ambas as MSS são mantidas pelo mesmo steir, e podem ter tido um exemplar comum. Eles adicionam o artigo antes de "Deus", mas o caso é genitivo e significado não é tido.

MS 1865: 16.18 – ευλογιας || ευλογολογιας 1865 (assim parece – trabalhando a partir de um filme preto e branco, é difícil ter certeza). É óbvio que algo deu errado aqui e o resultado é sem sentido; um leitor presumivelmente faria a correção necessária.

Os MSS 928, 1100 e 1864 têm duas, a serem discutidas nessa sequência. MS 928: 11.1 – αβρααμ || 1 εκ 394, 928, 1856. Os três MSS pertencem ao grupo 2, e podem aparecer para um subgrupo. A preposição é implícita, e torná-la concreta não altera o significado; a tradução continua a mesma. 16.19 – εινοι 1249c || --- 201, 394, 928, 1249, 1856. Todos, exceto 201, pertencem ao grupo 2. O verbo deve ser entendido em qualquer caso, e o artigo é significativo e afetado, mas em todos os casos, foi corrigido.

MS 1100: 15.6 – δοξαζητε || δοξαζηται 1100. Essa mudança é bastante comum, evidentemente sendo considerada como duas maneiras de dizer a mesma coisa. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1100. MS 1100 não faz parte do grupo 1 ou 2. Esta é uma mudança que diminui a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1864: 2.5 – του || --- (grupo 1) 1864. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas o caso é genitivo e significado não é tido. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1864. O MS 1864 faz parte do grupo 1. Esta é uma mudança que diminui a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

Os MSS 35, 204, 1503, 1652 e 2587 têm três, a serem discutidas nessa sequência. MS 35: 1.27 – εξεκαυθησαν 35° || 1 εν [70%] 35. A preposição é implícita, mas em qualquer caso a variante foi corrigida. 2.4 – αυτου και της 35° || --- 35. Esta pode ser um caso de h[í]m[í]teleut[í]n, mas em qualquer caso a variante foi corrigida. 15.31 – γενηται τοις αγοις 35° || ~ 231 [5%] 35, 2466. A mudança na ordem das palavras não afeta o significado, mas em todos os casos a variante foi corrigida. Enquanto corrigido, este manuscrito é perfeito.

MS 204: 2.25 – σου || 11 204. A palavra é repetida de um lado da linha para o outro. É obviamente um erro não intencional que seria automaticamente corrigido por um leitor. 6.8 – πιστευομεν || πιστευωμεν (grupo 2) + 204. Isto pode ser um itacismo, mas muda o modo verbal do Indicativo para Subjuntivo, o que enfraquece um pouco a força do verbo. Como MS 204 não faz parte do grupo 2, pode ter sido um deslizamento independente. 10.15 – ειρηνην των ευαγγελιζομενων || --- 204. Isto parece ser um caso claro de h[í]m[í]teleut[í]n, que eu não considero ser uma variante propriamente dita; mas como o resultado dá um bom sentido, o copista evidentemente não percebeu (é parte de uma citação do AT).

MS 1503: 2.5 – του || --- (grupo 1) 1503. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas o caso é genitivo e significado não é tido. 11.4 – 1503 repete ‘o’ de uma linha para a seguinte. É obviamente um erro não intencional que seria automaticamente corrigido por um leitor. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1503. O MS 1503 faz parte do grupo 1. Esta é uma mudança que diminui a transmissão geral que aconteceria quase

automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1652: 1.15 – και || 1 εν 1652. Isso parece ser um erro de descuido que um leitor provavelmente ignoraria. 2.5 – του || --- (grupo 1) 1652. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1652. O MS 1652 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 2587: 3.20 – δικαιωθησεται || δικαιουται 2587. Isso muda a pessoa do plural para o singular e o tempo do futuro para o presente. No contexto, o significado não é alterado. 6.8 – πιστευομεν || πιστευωμεν (grupo 2)+ 2587. Pode ser um itacismo, mas muda o modo do Indicativo para o Subjuntivo, o que enfraquece um pouco a força do verbo. 12.2 – μεταμορφουσθε || μεταμορφουσθαι 2587. Isso muda o Subjuntivo para o Indicativo, mas eles têm as mesmas duas maneiras de dizer a mesma coisa.

Os MSS 824, 1040, 1249, 1637 e 1858 têm quatro, a serem discutidos nessa sequência. MS 824: 2.5 – του || --- (grupo 1) 824. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 11.17 – αγριελαιος || αγριελεος 824. Isso parece ser um itacismo, resultando em uma ortografia alternativa. 15.14 – αλλους || αλληλους [7%] 824. “Admoestar um ao outro” talvez parecesse mais natural que “admoestar os outros”, mas a diferença de significado é pequena. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 824. O MS 824 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1040: 11.17 – πισοτητος || ποιοτητος 1040, 1072^c, 1548. Isso parece ser um erro de descuido de ortografia, já que o resultado não é uma palavra. No contexto, um leitor faria a correção necessária. 15.2 – ημων || υμων [22%] 1040. Que isso foi uma alteração ‘natural’ se vê pelos 22%, mas no contexto faz pouca diferença. 15.7 – ημας || υμας [38%] 757^c, 1040. Que isso também foi uma alteração ‘natural’ se vê pelos 38%, mas no contexto faz pouca diferença. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1040. O MS 1040 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1249: 2.14 – ποιη || ποιει 1249. Embora isso seja provavelmente um itacismo, muda o modo verbal, mas o significado não é afetado. 9.12 – τω || το 1249. Isto se parece com outro itacismo, mas muda o caso por engano. Um leitor faria a correção necessária e, como as duas formas são pronunciadas da mesma forma, um ouvinte entenderia corretamente. 9.20 – το || τω 1249, 1876. Isso parece um itacismo reverso; veja o comentário acima. 16.19 – εινοι 1249^c || --- 201, 394, 928, 1249, 1856. Todos, exceto 201, pertencem ao grupo 2. O verbo tem de ser entendido em qualquer caso, portanto o significado não é afetado, mas a variante foi corrigida.

MS 1637: 2.5 – του || --- (grupo 1) 1637. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 15.20 – δε || --- 1637. Essa parece ser uma omissão negligente que não afeta o significado. 16.2 – και || 11 1637. Esse é um erro de descuido; a palavra é repetida de uma linha para a próxima. Um leitor automaticamente corrigiria isso. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1637. O MS 1637 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é Terti que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1858: 1.25 – κτισει || κτιση 1858. Isto parece ser um itacismo que se trata mal a palavra; um leitor faria a correção necessária. 2.15 – κατηγορουντων || κατοιγουντων 1858. Repita o comentário acima. 6.8 – πιστευομεν || πιστευωμεν (grupo 2) + 1858. Isto pode ser um itacismo, mas muda de Indicativo para Subjuntivo, que enfraquece um pouco a força do verbo. 8.28 – εις || 1 το [27%] 986, 1732^c, 1858. O artigo não é exigido, mas faz pouca diferença.

De um total de quarenta e três variantes, para dezoito MSS, para todo o livro de Romanos,¹ cinco foram corrigidas, o que deixa trinta e oito. Pelo menos dez não são uma variante válida, o que deixa vinte e oito. Treze são repetições de uma variante em comum, o que deixa quinze.² Mais de 30 dos 43 envolvem uma única letra ou sílaba, como é típico das variantes da **f³⁵**. Nenhum deles muda o significado. Ora veja, eu chamo isso de **transmissão incrivelmente cuidadosa**.

Atrevo-me a prever que, se todos os MSS conhecidos forem cotejados, nenhuma outra linha de transmissão chegará perto desse nível de precisão, ou quociente de cuidado do copista.

Observações

- 1) Dois terços dos MSS cotejados acima não têm variantes extrafamiliares = sem mistura. Os monges reproduziam fielmente o que estava na frente deles.
- 2) Os três MSS do século XI evidentemente refletem exemplares distintos (que provavelmente tinham exemplares distintos), de modo que o arquétipo certamente existiu no período uncial.
- 3) Embora o perfil exato do arquétipo seja claro, também fica claro que os MSS conhecidos refletem várias linhas de transmissão separadas dentro da família.
- 4) Qualquer tentativa de reconstruir uma árvore genealógica da família exigirá a colocação de um número razoável de nódulos intermediários, nódulos que bem poderiam estar separados por séculos.
- 5) Segue-se que qualquer alegação de que o arquétipo da **f³⁵** foi criado após o início do período minúsculo é desinformado ou perverso.

Pós-escrito

As leituras da Família 35 são atestadas por testemunhas antigas, mas sem padrão e, portanto, sem dependência. Mas existem muitas centenas dessas leituras. Então, como o arquétipo da **f³⁵** veio a ter todas aquelas leituras antigas? Por ventura, o seu criador viajou e recolheu algumas leituras de Aleph, algumas de B, algumas de P^{45,66,75}, algumas de W e D, etc.? Essa sugestão não é patentemente ridícula? A única conclusão razoável é de que o texto da **f³⁵** é antigo (também independente).

Afirmo ter demonstrado a superioridade da Família 35 com base no tamanho (número de representantes), independência, idade, distribuição geográfica, perfil (empiricamente

¹ Se dividirmos 43 por 18 dará uma média de 2,4 variantes para cada um dos dezoito MSS, para o livro inteiro. Se escolhermos um MS médio dos 18, como 204, que tem três variantes, e o compararmos ao Códice Aleph, que tem 133 variantes, levaria o MS 204 nada menos que 44 livros do tamanho de Romanos para produzir tantas divergências de seu arquétipo quanto fez Aleph de seu arquétipo hipotético, para um livro. Levaria o MS 204 nada menos que 56 tais livros para produzir tantas divergências quanto fez B, e 68 para Códice A! Ora, ora, caro leitor, que base objetiva poderia alguém alegar para preferir o texto 'alexandrino'? Fazê-lo com base de preferência subjetiva não passa de mera superstição.

² Quer dizer, entre eles os dezoito MSS têm quinze variantes para o livro inteiro, ou uma média de 0,83 variante cada, para o livro inteiro – certamente, transmissão incrivelmente cuidadosa.

determinado), esmero e abrangência (todos os 27 livros). Eu desafio a todos que façam o mesmo para qualquer outra linha de transmissão!

Transmissão Incrivelmente Cuidadosa

Esta seção enfoca as epístolas à Tessalônica, geralmente consideradas como tendo sido os primeiros dos escritos canônicos do apóstolo Paulo (pelo menos em círculos conservadores). Caso que sim, seu prestígio e autoridade como apóstolo ainda não teriam atingido sua plena estatura e, conseqüentemente, esses primeiros escritos poderiam não ter recebido tanto respeito quanto os posteriores. À medida que continuo a cotejar mais e mais MSS da f35, tenho sido surpreendido por uma imagem diferente. Já cotejei os seguintes trinta e quatro representantes da família, e convido a atenção para os resultados.

Desempenho dos MSS da f³⁵ nas Epístolas aos Tessalonicenses

MS	1 Tess.	2 Tess.	Local	Data ¹	Exemplar
18	---	---	Constantinopla ²	1364	---
35	2c	---	Egeia ³	XI	---
201	2y,2/	2x	Londres	1357	2x,2y,2/
204	1	---	Bologna	XIII	1/
328	1/,1s	2s	Leiden	XIII	1/
386	1y,1/,1s	1s	Vaticano	XIV	1y,1/
394	1s	---	Roma	1330	---
444	1s	2s	Londres	XV	---
604	1x,1y	1s	Paris	XIV	1x,1y
757	1s	1y,1c	Atenas	XIII	1y
824	---	1i	Grottaferrata	XIV	---
928	---	---	Dionysiu (Atos)	1304	---
986	1s	1s	Esphigmenu (Atos)	XIV	---
1072	1i	---	M. Lavras (Atos)	XIII	---
1075	1x,1	---	M. Lavras	XIV	1x,1/
1100	1y,1s	1y	Dionysiu	1376	2y
1248	3x,1/,4s	2s,2i	Sinai	XIV	3x,1/
1249	1y	---	Sinai	1324	1y
1503	2s	---	M. Lavras	1317	---
1548	2x,1s	1s	Vatopediu (Atos)	1359	2x
1637	1/	---	M. Lavras	1328	1/
1725	2/	1/	Vatopediu	1367	3/
1732	1y,2s	1/	M. Lavras	1384	1y,1/
1761	2x,2y,1s	1s,1i	Atenas	XIV	2x,2y
1855	---	1s	Ivion (Atos)	XIII	---
1864	---	---	Stavronikita (Atos)	XIII	---
1865	1c	---	Philotheu (Atos)	XIII	---
1876	4y,1/	1y,1/	Sinai	XV	5y,2/
1892	10s	3s	Jerusalém	XIV	---
1897	1/,1c	3s,1h	Jerusalém	XII	1/
2466	1x,2y,1s	1s	Patmos	1329	1x,2y
2554	1c	---	Bucarest	1434	---
2587	1s	1s	Vaticano	XI	---

¹ Dou o local e a data conforme estão na *Kurzgefasste Liste* (1994), embora eu tenha algumas dúvidas quanto à exatidão das datas.

² Embora atualmente em Paris, 18 foi produzido em Constantinopla.

³ Embora atualmente em Paris, 35 foi adquirido na região Egeia.

MS	1 Tess.	2 Tess.	Local	Data ¹	Exemplar
2723	---	---	Trikala	XI	---

Chave:

- x = uma variante não corrigida que é atestada por MSS fora da família;
- y = uma divisão que não se limita à família;
- / = uma divisão dentro da família (sem atestação externa);
- c = uma variante de qualquer tipo que foi corrigida para o arquétipo presumido;
- s = leitura singular / variante privada (até que todos os MSS tenham sido cotejados, isso é apenas uma suposição);
- h = um caso óbvio de homoioteuton (ou –arcton), freqüentemente envolvendo uma linha ou mais, mas pode ser apenas três ou quatro palavras;
- i = pura desatenção;
- = sem afastamentos do perfil presumido.

Implicações

Começo com a última coluna na tabela, "Exemplar". Exceto para 18, 928, 1864 e 2723 que são perfeitos como estão, a maioria dos outros tem uma classificação diferente. Todas as leituras singulares devem ser descontadas (incluindo homoioteuton e desatenção); se não foi introduzido pelo copista, foi feito pelo "pai" ou "avô" – um ancestral estava livre de todos os "s = singulares", portanto, eles não contribuem em nada para o histórico da transmissão, não são relevantes para o rastreamento dessa transmissão. Todas as variantes que foram corrigidas para o perfil presumido da família também devem ser desconsideradas – seja quem tenha feito a correção, elas foram feitas com base em um exemplo correto (correto naquele ponto). Então eu atribuo apenas 'x', 'y' e '/' ao exemplar – é claro que alguns deles podem ter sido feitos pelo copista, o que tornaria o exemplar ainda melhor, mas eu não tenho como saber quando isso ocorreu.

Observe que de trinta e quatro MSS, dezesseis de seus exemplares (quase a metade) eram 'perfeitos', e outros seis tinham apenas uma variante (o pior tinha apenas sete, em dois livros). Se não tivesse subgrupos, poderíamos estar olhando para trinta e quatro linhas independentes de transmissão, dentro da família, o que para mim é simplesmente fantástico.¹ Mas e os subgrupos? Há alguns bem pequenos em 1 Tessalonicenses, e apenas alguns pares em 2 Tessalonicenses.

Concluo que todos os trinta e quatro MSS eram independentes em sua geração, e não vejo nenhuma evidência que indique uma conclusão diferente para seus exemplares. Por favor, perceba que eu não estou afirmando que todas as trinta e quatro linhas permanecem distintas até o arquétipo. Eu reconheço tranquilamente que haveria uma série de convergências antes de chegar à fonte. No entanto, seja como for tudo isso, estamos olhando para uma transmissão muito cuidadosa.

Agora, eu convido a atenção para a localização geográfica. Os MSS vêm de todo o mundo mediterrâneo. Os treze MSS do Monte Athos foram certamente produzidos em seus respectivos mosteiros (sete). A política eclesial tendendo a ser o que ela tende a ser, há pouca probabilidade de ter havido conluio entre os mosteiros sobre a transmissão dos escritos do Novo Testamento – considero os treze como representando o mesmo número

¹ 18, 928, 1864 e 2723 foram produzidos em Constantinopla, Dionysiu, Stavronikita e Trikala, respectivamente – considero ser virtualmente impossível que pudessem ter um exemplar comum (claro que poderiam convergir para cá do arquétipo).

de exemplares. Os MSS de Trikala, Patmos, Jerusalém e Sinai foram presumivelmente produzidos lá; o cursivo 18 foi certamente produzido em Constantinopla; o cursivo 35 foi adquirido na área do Mar Egeu. Os MSS no Vaticano e Grottaferrata podem muito bem ter sido produzidos lá.

Agora, eu convido atenção especial para o minúsculo 18, produzido em Constantinopla em **1364!** Tal como está, é um representante perfeito do presumido perfil de família para as epístolas aos tessalonicenses (digo 'presumido' apenas por deferência a todos os representantes da família que ainda não cotejei, mas dada a distribuição geográfica dos trinta e quatro acima, eu não tenho dúvidas de que o perfil como dado no meu Texto é correto).¹ Quantas gerações de exemplares teria havido entre o MS 18 e o arquétipo da família? Poderia ter havido quinze ou mais? Imagino que tenha havido pelo menos dez. Fossem quantos realmente fossem, favor de notar que todas essas gerações eram perfeitas! As implicações de encontrar um representante perfeito de qualquer texto arquetípico são bastante poderosas. Todos os 'cânones' da crítica textual tornam-se irrelevantes para qualquer ponto posterior à criação desse texto (eles ainda poderiam entrar em jogo quando se estuda a criação do texto, no caso). Para o MS 18 ser perfeito, todas as gerações intermediárias tinham que ser perfeitas também. Agora, eu chamo isso de **transmissão incrivelmente cuidadosa**. Nada do que me foi ensinado no Seminário teológico sobre a crítica textual do Novo Testamento me preparou para essa descoberta! Aliás, nem nada que eu tenha lido também. E o MS 18 não é um caso isolado; todos os trinta e quatro MSS no gráfico acima refletem uma transmissão incrivelmente cuidadosa – até mesmo os piores da turma, minúsculos 1761 e 1874, com suas sete variantes [os 'singulares' em 1893 e 1248 são erros de descuido {monges chateados}], são realmente razoavelmente bons, considerando todas as gerações intervenientes.

Este ponto merece alguma elaboração. Um típico MS 'alexandrino' terá mais de uma dúzia de variantes por página de texto grego impresso. Um típico MS 'bizantino' terá de 3-5 variações por página. Os MSS 1761 e 1876 têm cerca de um por página, e um dos melhores MSS da **f³⁵** passará por páginas sem uma variante. Há uma diferença óbvia na mentalidade que os monges trouxeram para sua tarefa. Um monge copiando um MS 'alexandrino' evidentemente não considerou que ele estava lidando com Escritura, em contraste gritante com outro copiando um MS da **f³⁵**. Para aqueles que não excluem o sobrenatural de seu modelo, eu sugiro que a informação acima é altamente significativa: obviamente, Deus não estava protegendo nenhum tipo de MS 'Alexandrino', provavelmente porque continha 'joio' (Mateus 13.28). Um monge que copiava um tipo de MS 'bizantino' fazia um trabalho muito melhor do que o alexandrino, mas ainda não estava sendo suficientemente cuidadoso – provavelmente estava apenas cumprindo um dever religioso, mas sem compromisso pessoal com o Texto. Visto que Deus respeita nossas escolhas (João 4.23-24), o resultado foi um típico MS 'bizantino'. Também é verdade que nem todos os MSS da **f³⁵** foram feitos cuidadosamente, mas concluo que os representantes centrais foram feitos por copistas que criam estar lidando com a Palavra de Deus e queriam que seu trabalho fosse agradável a Ele² – exatamente do tipo que o Espírito Santo se deleitaria em ajudar e proteger.

¹ Em verdade, eu já cotejei 39 representantes da família para 1 Tessalonicenses e 38 para 2 Tessalonicenses. Eles devem representar pelo menos 40% da totalidade de representantes conhecidos, de sorte que não há dúvida de que os 40% representam corretamente o arquétipo da família.

² Não é raro encontrar um colofão no término de um MS onde o copista clama a Deus por misericórdia, ou mesmo por reconhecimento e bênção.

Desempenho dos MSS da f³⁵ na 2 & 3 de João e de Judas

Esta seção enfoca a 2 & 3 de João e de Judas. Eu já cotejei quarenta e seis representantes da Família 35 até agora (para estes três livros), e convido a atenção para os resultados. Até o momento identifiquei 84 MSS como pertencentes à f³⁵ nas Epístolas Gerais (mais outros 10 ou 12 na periferia), e portanto esta amostra certamente representa a família, considerando também a distribuição geográfica.

MS	2 João	3 João	Judas	Local	Data	Exemplar
18	---	1s	---	Constantinopla	1364	---
35	---	---	2c	Egeia	XI	---
141	---	---	---	Vaticano	XIII	---
149	---	1/	1/,1c	Vaticano	XV	2/
201	---	1/	1/	Londres	1357	2/
204	---	---	---	Bologna	XIII	---
328	---	---	1x,1s	Leiden	XIII	1x
386	---	---	---	Vaticano	XIV	---
394	---	1i	---	Roma	1330	---
432	2s	1/	3s	Vaticano	XV	1/
444 ¹	---	---	1s	Londres	XV	---
604	1x	1/	---	Paris	XIV	1x,1/
664	1x,1s	3s	3s	Zittau	XV	1x
757	2s	---	---	Atenas	XIII	---
824	---	---	---	Grottaferrata	XIV	---
928	---	---	---	Dionysiu (Atos)	1304	---
986	1s	---	1s,1i	Esphigmenu (Atos)	XIV	---
1072	---	---	---	M Lavras (Atos)	XIII	---
1075	---	---	---	M Lavras	XIV	---
1100	---	---	---	Dionysiu	1376	---
1247	1x,1/,1s	1/,1s	1x,1/,6s	Sinai	XV	2x,3/
1248	2/	1/,3s	4s	Sinai	XIV	3/
1249	1/,1c	---	1/	Sinai	1324	2/
1503	1s	---	---	M. Lavras	1317	---
1548	---	---	1s	Vatopediu (Atos)	1359	---
1628	---	---	1s	M. Lavras	1400	---
1637	---	---	---	M. Lavras	1328	---
1725	---	---	1s	Vatopediu	1367	---
1732	1/	---	1x,1s	M. Lavras	1384	1x,1/
1754	1s	1/,1s	2s	Panteleimonos (Atos)	XII	1/
1761	1s	2s	---	Atenas	XIV	---
1768	---	1y	1s	Iviron (Atos)	1516	1y
1855	---	---	---	Iviron	XIII	---
1864	---	---	---	Stavronikita (Atos)	XIII	---
1865	---	1/	---	Philotheu (Atos)	XIII	1/
1876	2/,1s	1/	1/,2s	Sinai	XV	4/
1892	1x	---	---	Jerusalém	XIV	1x
1897	---	---	1s	Jerusalém	XII	---
2221	---	---	---	Sparta	1432	---
2352	1c,1i	---	---	Meteora	XIV	---
2431	---	---	1i	Kavsokalyvia (Atos)	1332	---
2466	---	1/	2s	Patmos	1329	1/

¹ GA 444 é um MS misto. Em Tiago, e na 1 & 2 de Peter, ele tem nada de f³⁵, ao passo que na 1 de João ele fica na periferia da família.

MS	2 João	3 João	Judas	Local	Data	Exemplar
2554	---	---	---	Bucarest	1434	---
2587	---	---	1c	Vaticano	XI	---
2626	1/	1/,1s	2/	Ochrida	XIV	4/
2723	---	---	---	Trikala	XI	---

Implicações

Em 2 João, 2/3 (trinta) dos MSS são representantes perfeitos da família como estão; em 3 João, a porcentagem também é de 2/3 (trinta, mas com uma seleção diferente); em Judas, pouco menos da metade (vinte e dois); e para todos os três abaixo de 1/3 (quatorze). Mais da metade (vinte e nove) dos exemplares foram presumivelmente perfeitos. Como tenho as estatísticas de todos os sete livros das Epístolas Gerais, posso assegurar ao leitor que todos os 46 MSS são independentes em sua geração, assim como seus exemplares. Os cursivos 149 e 201 estão claramente relacionados, assim como 432 e 604, e todos os quatro provavelmente provêm de uma fonte comum depois do arquétipo. Não vejo evidência de conluio – não houve esforço organizado para padronizar o Texto. Estamos olhando para uma transmissão normal, exceto que foi extremamente cuidadosa. Os catorze MSS que são perfeitos em todos os três livros tinham antepassados perfeitos durante todo o caminho de volta ao arquétipo, e assim também com os vinte e nove exemplares perfeitos. Remeto o leitor para a seção anterior para a explicação de como chego à classificação dos exemplares.

No decorrer da tarefa de cotejar MSS, tenho observado um padrão previsível. Para as primeiras 2 ou 3, até 4 páginas, os MSS tendem a ter poucos erros, ou nenhum. Se o escriba vai cometer erros, tende a ser depois de ter passado tempo suficiente para começar a ficar cansado ou entediado. Muitas vezes, a maioria dos erros está em uma única página ou em um único capítulo; então o escriba fez uma pausa (suponho) e, voltando renovado à sua tarefa, fez um trabalho melhor. Eu diria que a alta porcentagem de cópias ‘perfeitas’ é em grande parte devido ao pequeno tamanho de nossos três livros – os copistas não tiveram a tempo para ficar cansados. Apesar disso, essa observação não muda o fato de que houve uma **transmissão incrivelmente cuidadosa** ao longo dos séculos.¹ Considerando o tamanho de minha amostra e a distribuição geográfica dos MSS, tenho certeza tranquila de que temos a exata redação original, letra por letra, do arquétipo da **f³⁵** para a 2 e 3 de João e Judas. Está reproduzida no meu Texto grego.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da exata redação original do texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação é reproduzida em minha edição do NT grego, *The Greek New Testament According to Family 35* [O Novo Testamento Grego de acordo com a Família 35], disponível na Amazon.com e na Amazon.com.br, bem como no meu site www.prunch.org. Também já foi publicado no Brasil pela Editora Os Semeadores (trabalho muito bem feito, por sinal). MAS, POR FAVOR, NOTE: se o arquétipo da **f³⁵** é ou não o autógrafo (como eu afirmo), o fato permanece que os MSS cotejados para este estudo refletem uma transmissão incrivelmente cuidadosa de sua fonte, e isso durante toda a idade média. Minhas pressuposições incluem: Deus existe; Ele inspirou o Texto Bíblico; Ele prometeu preservá-lo por mil gerações (1 Crônicas 16.15); então Ele deve ter um interesse ativo e contínuo nessa preservação [como tem havido menos de 300 gerações desde Adão, Ele tem um

¹ Eu já demonstrei isto quanto às epístolas aos tessalonicenses, acima, e estou em condições de fazer o mesmo para todos os livros do NT. Naturalmente, quanto maior o livro, maior a possibilidade que um copista cometeria algum erro sem querer. Mesmo assim, tenho na mão uma cópia perfeita de Romanos (livro de algum tamanho e complexidade), e uma de Mateus (nada menos que um Evangelho!).

caminho a percorrer!]. **Se Ele estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão diferente de f³⁵, essa transmissão seria menos cuidadosa do que a que já demonstrei para f³⁵?** Eu acho que não. Assim, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna fica desqualificada – isso inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até agora!¹

O Melhor NT Completo que eu já vi, até agora!

O GA 2554 é um dos vários manuscritos completos do NT que representam a Família 35 e estão disponíveis para a comunidade acadêmica. É datado em 1434 d.C. e está lotado na Academia Romena, em Bucareste. Desejo registrar meus sinceros agradecimentos ao Instituto de Pesquisa Textual do Novo Testamento em Münster por disponibilizar uma cópia digital de seu microfilme deste manuscrito. Embora do século XV, a escrita é nítida. Dos dezoito manuscritos completos do NT que representam a Família 35, dos quais eu tenho uma cópia (há outros), 2554 é facilmente o melhor – eu já o cotejei de capa a capa. Agora vou alistar todos os lugares em que ele se desvia do arquétipo da família, incluindo alguns casos duvidosos, em todo o NT.² Existem apenas 49,³ nem todos dos quais são propriamente variantes.

1. Mateus 11.8 βασιλειων || βασιλεων (36,4%)⁴ 2554^c [a primeira mão claramente tinha o *iota*, que foi subsequentemente apagado, de sorte que esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
2. Mateus 13.15 ιασωμαι || ιασομαι [50%] 2554^c [vestígios do lado direito do ômega apagado permanecem, e então a primeira mão estava correta, de sorte que esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto a mudança no tempo verbal não afeta o significado].
3. Mateus 25.32 συναχθησονται || συναχθησεται [70%] [incluo este caso apenas porque, dos 51 representantes da família que cotejei para Mateus até agora, uma pequena maioria (27) tem o singular, não o plural; por causa da qualidade da minoria (24), incluindo 2554, escolhi-a como o arquétipo; em qualquer caso, se o substantivo de massa é visto como singular ou plural, o significado permanece o mesmo].
4. Mateus 26.29 γεννηματος || γεννηματος [70%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de Mateus.

5. Marcos 2.23 ποιειν 2554^c || πειν 2554 [parece que o exemplar de 2554 tinha πειν, e o copista copiou devidamente, mas depois percebeu que era um erro sem sentido, e o corrigiu; se a correção foi feita pela primeira mão, então não temos propriamente uma variante, mas trabalhando a partir de um microfilme, é difícil dizer se a tinta é a mesma].
6. Marcos 5.41 κουμι || κουμ (17,4%) 2554 [essa é uma transliteração de outra língua, e portanto uma diferença de grafia não afeta o significado, ainda mais porque é

¹ Coisas como M⁶ e M⁵ em João 7.53 a 8.11 vêm à mente.

² O perfil da Família 35 para o NT inteiro se encontra no começo desta Parte II. O arquétipo completo está impresso no meu Texto grego: *The Greek New Testament according to Family 35*.

³ Existir meramente 49 para o NT inteiro é estonteante.

⁴ As percentagens dentro de parênteses se baseiam no *Text und Textwert* (que tenho por confiáveis), ao passo que as dentro de colchetes representam a minha própria dedução.

seguida imediatamente pela tradução; eu não considero isso propriamente uma variante].

7. Marcos 14.25 γενηματος || γεννηματος [25%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então essa não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
8. Marcos 15.46 επι την θυραν || 1 τη θυρα [1%] 2554 [uma minoria significativa de representantes da família se junta a 2554 aqui; a preposição trabalha com três casos – genitivo, dativo, acusativo – dentro desse contexto a mudança no caso não afeta o significado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem, propriamente, apenas uma variante em Marcos, a última [15.46], a qual não afeta o significado.

9. Lucas 1.36 συγγενης || συγγενις [10%] 2554 [em vez do adjetivo funcionar como um substantivo genérico, o 2554 usa o substantivo feminino; dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
10. Lucas 1.55 εως αιωνος || εις τον αιωνα [64%] 2554 [a variante é de longe a mais comum e, portanto, esperada, mas dentro do contexto as duas formas são virtualmente sinônimas; qualquer diferença na nuance não altera o significado básico].
11. Lucas 3.1 αβιληνης || αβιλινης 2554 [talvez um itacismo que resultou em uma grafia alternativa para o nome do lugar; as duas formas receberiam a mesma pronúncia; Eu não considero isso propriamente uma variante].
12. Lucas 3.18 τω λαω || τον λαον [85%] 2554 [já que o objeto direto, 'boas novas', está implícito no verbo, 'as pessoas' funcionam como o objeto indireto, e o caso dativo está correto; no entanto, o caso acusativo ocorre e, dentro do contexto, não há diferença de significado]
13. Lucas 12.18 γενηματα || γεννηματα [7%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então essa não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
14. Lucas 21.33 παρελευσεται || παρελευσονται [68%] 2554 [se o sujeito composto do verbo é visto como singular ou plural, o significado é o mesmo; em inglês a tradução é a mesma].
15. Lucas 22.18 γενηματος || γεννηματος [15%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

Comentário: Eu considero que na primeira mão há propriamente quatro variantes em Lucas, mas elas não afetam o significado.

16. João 6.55 αληθως || αληθης (24,5%) 2554^{2x} [seja um advérbio ou um adjetivo, dentro do contexto eles têm o mesmo significado; eu trato a repetição como uma variante única]
17. João 12.6 εμελεν || εμελλεν [60%] [levando em conta as correções, os MSS que eu já cotejei são divididos quase igualmente. É o verbo μελω ou μελλω? μελει como forma impessoal é mais comum; no entanto, o verbo também é usado em um sentido pessoal/ativo. μελλω ('estar prestes a') não faz sentido aqui. μελλω é cerca de dez vezes mais freqüente no NT e alguns copistas podem ter colocado a grafia mais comum sem pensar. Eles haviam acabado de escrever μελλων duas linhas acima e podem ter repetido a forma por atração. No entanto, como as duas formas têm a mesma

pronúncia, alguém que ouvia o texto lido em voz alta o entenderia corretamente, sendo guiado pelo contexto. Precisamente por essa razão, pode ser que a área semântica da forma mais longa veio a ser considerada como incluindo a da forma mais curta; e nesse caso teríamos grafias alternativas do mesmo verbo. (Não é meu costume apelar para os unciais mais antigos, mas todos eles têm a forma mais curta aqui, o que concordaria com a minha hipótese acima.) A primeira mão do 2554 deixou espaço para o segundo *lambda*, e então ele estava ciente da variante, mas ele corretamente não o copiou.]

18. João 12.40 $\text{ιασωμαι} \parallel \text{ιασομαι}$ [20%] 2554 [a primeira mão do 2554 deixou espaço para completar o *omega*, e então ele estava ciente da variante; dentro do contexto a mudança no tempo não afeta o significado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem propriamente duas variantes em João, e elas não afetam o significado. $2 + 4 + 1 = 7$; um manuscrito com apenas sete variantes para os quatro Evangelhos é certamente um exemplo máximo de virtude. Eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa, uma vez que isso também seria verdadeiro para as gerações anteriores, por necessidade.

19. Atos 1.11 $\text{ουτος} \parallel \text{ο}$ [70%] 2554 [um pronome demonstrativo define, ainda mais que um artigo definido, e então o artigo é redundante aqui; em qualquer caso, o significado não é afetado].

20. Atos 11.26 $\text{συναχθηναι} \parallel \text{εν}$ [20%] 2554 [a família está dividida aqui; dos 63 MSS já cotejados, 30 adicionam a preposição, que é um 'natural' mas é redundante; em qualquer caso, o significado não é afetado].

21. Atos 12.25 $\text{εις αντιοχειαν} \parallel \text{απο ιερουσαλημ}$ 2554 [este é o único lugar em todo o NT onde a Família 35 se fragmenta, havendo divisão em seis leituras diferentes (geralmente há apenas dois contendores principais); para uma discussão detalhada, por favor, veja meu artigo, "Onde colocar uma vírgula – Atos 12.25", disponível no meu site, www.prunch.org; dentro do contexto, as duas leituras aqui dadas têm o mesmo efeito].

22. Atos 16.9 την 2554^c $\parallel \text{---}$ [80%] 2554 [a Família 35 é praticamente unânime para o artigo, e então a primeira mão pode ter omitido por conta própria, para ser corrigida por outra pessoa; em qualquer caso, o significado não é afetado].

23. Atos 18.17 $\text{εμελλεν} \parallel \text{εμελεν}$ [14%] 2554^c [a Família 35 é dividida aqui; 2554 tem um único *lambda* em um espaço que é muito grande para ele, então eu presumo que a primeira mão tinha o dobrado, mas foi apagado. O verbo é μελλω ou μελω ? Se o primeiro, o significado não é comum e poderia facilmente dar origem ao segundo. Traduzir: "Nada disso foi um atraso para Gálio"; Gálio está no dativo. Gálio presumivelmente considerava-se um homem ocupado e não apreciava a interrupção; ele não estava disposto a se deixar atrasar mais. Em 22.16, o mesmo verbo tem o sentido de "atraso". Embora haja alguma diferença de significado, o ponto da narrativa não é alterado.]

24. Atos 25.7 $\text{καταβεβηκοτες} \parallel \text{οι}$ 2554 [isso parece ser um erro descuidado da parte do copista, mas que ainda faz sentido; o significado não é afetado].

25. Atos 28.27 $\text{ιασωμαι} \parallel \text{ιασομαι}$ [60%] 2554 [a primeira mão do 2554 deixou espaço para completar o *omega*, e então ele estava ciente da variante; dentro do contexto a mudança no tempo não afeta o significado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem propriamente seis variantes em Atos, uma das quais foi corrigida, deixando cinco. Dos cinco, quatro não afetam o

significado. Em Atos 12.25, dentro do contexto, as duas variantes são virtualmente duas maneiras de dizer a mesma coisa, o ponto da narrativa não é afetado.]

26. Romanos 7.13 *αλλα* || *αλλ* [30%] 2554 [estas são grafias alternativas da mesma palavra, e então esta não é propriamente uma variante].

27) Romanos 16.24 *ημων* || *υμων* [82%] 2554^c [se o verso 24 não foi ditado por Paulo, a primeira pessoa é especialmente apropriada, vindo de Tertius; dentro do contexto, o significado dificilmente é afetado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo para Romanos, não havendo propriamente variantes. 1 Coríntios também nos dá uma cópia perfeita do arquétipo.

28. 2 Cor. 8.9 *ημας* || *υμας* [60%] [a Família 35 está dividida aqui, mas os melhores representantes, incluindo 2554, estão com a primeira pessoa, que é mais inclusiva; dentro do contexto não há diferença real no significado].

29. 2 Cor. 9.10 *γενηματα* || *γεννηματα* [6%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

30. 2 Cor. 11.7 *εαυτον* || *εμαυτον* [78%] 2554^c [o *mu* foi adicionado acima da linha por uma mão posterior, e então isso não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de 2 Coríntios. Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses também nos dão uma cópia perfeita do arquétipo.

31. 1 Tess. 2.8 *μειρομενοι* || *ομειρομενοι* [30%] 2554^c [parece que um *ômicron* foi escrito em torno de um *iota*, mas é difícil dizer a partir de um microfilme; em qualquer caso, uma vez que elas parecem ser grafias alternativas da mesma palavra, essa não é propriamente uma variante].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo para 1 Tessalonicenses. Em 2 Tessalonicenses ela também nos dá uma cópia perfeita do arquétipo.

32. 1 Tim. 1.9a *πατραλοιαις* || *πατρολωαις* [34%] [a Família 35 está dividida aqui, mas a maioria absoluta, incluindo 2554, tem a primeira leitura. Liddell & Scott dão a ela e a contraparte feminina como as formas básicas, seu significado sendo ‘batedor’, ao invés de ‘matador’, o que faz mais sentido].

33. 1 Tim. 1.9b *μητραλοιαις* || *μητρολωαις* [40%] [o mesmo que acima].

34. 1 Tim. 5.21 *προσκλιν* || *προσκλησιν* [75%] [a família 35 está dividida aqui, mas a maioria, incluindo 2554, tem a primeira leitura; as duas formas foram pronunciadas da mesma maneira; dentro do contexto, o significado não é afetado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de 1 Timóteo.

35. 2 Tim. 3.14 *επιστωθης* || *επιστευθης* [10%] 2554 [as duas formas representam verbos diferentes, mas dentro do contexto elas atuam como sinônimos; o significado não é afetado].

36. Tito 2.7 *αδιαφθοριαν* || *αδιαφοριαν* (8%) 2554 [isso é apenas uma grafia alternativa da mesma palavra e, portanto, não é propriamente uma variante].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem propriamente apenas uma variante em 2 Timóteo, e isso não afeta o significado. Tito e Filemon nos dão uma cópia perfeita do arquétipo.

37) Hebreus 3.13 καλειται || καληται 2554^c [um itacismo produzido por uma mão posterior, resultando em algo sem sentido].

38) Hebreus 9.1 πρωτη || 1 σκηνη [30%] [a família 35 está dividida aqui, mas com as correções, a maioria, incluindo 2554, tem a primeira leitura; em qualquer caso, dentro do contexto o significado não é afetado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de Hebreus. Tiago e 1 e 2 Pedro também nos dão uma cópia perfeita do arquétipo. Um manuscrito com apenas uma variante apropriada para todo o corpo paulino é certamente um modelo máximo de virtude. Eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa, uma vez que isso também seria verdadeiro para as gerações precedentes, por necessidade.

39. 1 João 1.6 περιπατουμεν || περιπατωμεν [71%] [A família 35 está dividida aqui; eu sigo uma minoria, composta dos melhores MSS, incluindo 2554. O verbo 'dizer' é propriamente Subjuntivo, sendo controlado por $\epsilon\iota\sigma\iota$, mas os verbos 'ter' e 'caminhar' fazem parte de uma declaração e são propriamente indicativos – apenas se estamos, de fato, andando na escuridão, nos tornamos mentirosos por afirmar estar em comunhão. Então, περιπατουμεν é correto. Em qualquer caso, dentro do contexto, o significado não é afetado.]

40. 1 João 3.23 πιστευσωμεν || πιστευωμεν (26,5%) 2554^c [traços do *sigma* são visíveis; em qualquer caso, dentro do contexto a mudança no tempo não afeta o significado]

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de 1 João. 2 e 3 João e Judas também nos dão uma cópia perfeita do arquétipo. Um manuscrito sem uma única variante para todas as sete Epístolas Gerais é certamente um modelo máximo de virtude. Eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa, uma vez que isso também seria verdadeiro para as gerações precedentes, por necessidade. Até aqui, só houve propriamente treze variantes, mas vamos ver o que acontece em Apocalipse.

41) Apocalipse 1.17 επεσα || επεσον 2554 [estas parecem ser formas alternativas da mesma palavra, e então esta não é propriamente uma variante].¹

42) Apocalipse 4.8 λεγοντα || λεγοντες 2554^{alt} [É o sujeito do verbo apenas os seres vivos, ou os anciãos são incluídos? Com base nos versos 9-11, seriam apenas os seres vivos. Em qualquer caso, uma tradução para o português será a mesma para as duas formas.]

43. Apocalipse 7.17a ποιμινει 2554^{alt} || ποιμινει 2554 [bem mais da metade dos representantes da família que têm o tempo verbal no futuro tem a forma presente como uma alternativa acima da linha, como faz 2554; esse parece ter sido um procedimento padrão em Apocalipse, quando havia dúvida entre duas formas, de modo que o arquétipo é sempre representado; dentro do contexto, o significado não é afetado].

44. Apocalipse 7.17b οδηγει 2554^{alt} || οδηγησει 2554 [a mesma explicação como a

¹ Para o Apocalipse, não dou percentagens porque a evidência é dada em termos de famílias; o leitor interessado deve consultar meu Texto Grego para ver as evidências.

anterior].

45. Apocalipse 9.5 πληξη 2554^{alt} || ποιση 2554 [a mesma explicação como a anterior, exceto que aqui é o verbo que é alterado; dentro do contexto, o significado não é afetado].
46. Apocalipse 14.14 καθημενος ομοιος 2554^{alt} || καθημενον ομοιον 2554 [a mesma explicação como a anterior, exceto que aqui é apenas o caso que é alterado; dentro do contexto, o significado não é afetado].
47. Apocalipse 14.19 τον μεγαν || την μεγαλην 2554 [A frase está modificando ‘ira’ ou ‘prensa de vinho’? Dentro do contexto, são duas maneiras de dizer a mesma coisa.]
48. Apocalipse 16.12 μεγαν || 1 τον 2554 [a variante não afeta o significado]
49. Apocalipse 19.18 και⁷ || --- 2554 [esta parece ser uma leitura singular; ela não afeta o significado]

Comentário: Eu considero que na primeira mão há sete variações do arquétipo, quatro das quais são corrigidas com o alternativo; o que deixa propriamente três variantes, nenhuma das quais afeta o significado. Nenhuma das leituras alternativas afeta o significado também. Para todos os efeitos práticos, 2554 é um representante perfeito do arquétipo no Apocalipse.

Conclusão

Dos 49 casos alistados acima, apenas dezesseis podem ser classificados como uma ‘variante válida’, e somente um deles talvez afete o significado: Atos 12:25.¹ Mesmo aqui, dentro do contexto, as duas leituras alistadas têm o mesmo efeito. O manuscrito GA 2554 é um representante praticamente perfeito de seu arquétipo para todo o Novo Testamento, e isso no século XV! Isso significa que todas as gerações anteriores também tiveram que ser virtualmente perfeitas. Ora, eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa. **Deus preservou o Seu Texto!**

As maiores divisões na f³⁵ em Mateus

Existem apenas cinco divisões que podem ser chamadas de ‘sérias’ em Mateus. A primeira leitura alistada é a que escolhi para representar o arquétipo da família, por razões explicadas no final deste artigo.

- 9.17 απολουνται [80%] || απολλυνται [20%] – o verbo é o mesmo e ambos são indicativos; o primeiro é futuro médio e o segundo é presente passivo. Nas cláusulas imediatamente anteriores, ambos εκχεται e ρηγνυνται são presentes passivos e caminham juntos; então por que a segunda referência aos odres? Qualquer diferença no significado é muito pequena para ser traduzida.
- 19.29 οικιας [66%] || οικαν [30%] – plural ou singular? Tal como acontece com s irmãs, se vcê tiver apenas um, iss é tud que vcê pde deixar; e se você não tem nenhum, você não deixa nenhum.
- 25.32 συναχθησονται [25%] || συναχθησεται [75%] – plural ou singular; é substantivo de massa, ou não? A tradução é a mesma.

¹ Nenhum dos 49 casos alistados altera o sentido do Texto. Uma pessoa lendo GA 2554 não será enganada quanto ao sentido pretendido pelo autor em nenhum lugar, no NT inteiro!

- 26.29 γενηματος [30%] || γεννηματος [70%] – os substantivos são diferentes, o primeiro diz respeito a produto vegetal e o segundo a cria de animal; se o segundo é usado para plantas, é num significado secundário. A tradução é a mesma.
- 27.35 βαλοντες [25%] || βαλλοντες [75%] – aoristo ou presente? No contexto, qualquer diferença de significado é tão pequena que a tradução é a mesma.

Como é típico da variação dentro da família, a diferença é de uma letra, exceto da sílaba, e Mateus não é um livro pequeno. Chamo isso de transmissão incrivelmente cuidadosa – em nenhum momento um leitor será enganado quanto ao significado pretendido. A redação original de Mateus foi precisamente preservada até hoje. (As porcentagens entre colchetes são estimativas, referentes ao total de MSS conhecidos contendo Mateus.)

Eu verifiquei 227 representantes da Família 35, com referência às cinco principais divisões, e o resultado é plotado no gráfico abaixo. Eu confio que qualquer pessoa razoável irá considerar que a amostra é adequada para o meu propósito (os representantes da Família 35 conhecidos para Mateus são pelo menos 250). No gráfico que segue, ++ representa a primeira leitura, e — a segunda.

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
18	++	—	—	—	++	Constantinopla	1364
35	—	ilegível	—	++	—	Egeia	XI
55	—	—	—	++	++	Bodleian	XIV
58	—	—	++	++	—	Oxford	XV
66	—	—	++	—	—	Trinity	XIV
83	++	++	++	++	++	Munique	XI
125	++	++	++	++	—	Wien	XI
128	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
141	lacuna	—	—	—	—	Vaticano	XIII
147	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
155	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
167	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
170	++	++	++	—	++	Roma	XIII
189	—	—	++	—	—	Florence	XIII
201	++	—	—	—	++	Constantinopla	1357
204	++	—	—	—	—	Bologna	XIII
214	++	—	—	—	++	Venedig	XIV
246	++	++	++	—	++	Moscou	XIV
290	—	++	—	++	—	Paris	XIV
361	—	—	—	++	—	Paris	XIII
363	—	++	—	++	—	Florence	XIV
386	++	—	—	—	++	Vaticano	XIV
394	—	++	—	—	—	Roma	1330
402	++	—	—	++	—	Neapel	XIV
415	lacuna	++	—	—	—	Venedig	1356
479	—	—	—	++	—	Birmingham	XIII
480	++	—	—	—	++	Constantinopla	1366
510	++	—	—	++	—	Oxford-cc	XII

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
516	++	++	++	++	—	Oxford-cc	XI
520	—	—	++	—	ilegível	Oxford-cc	XII
521	—	++	—	—	—	Bodleian	1321
536	—	—	—	++	—	Ann Arbor	XIII
547	—	—	—	++	—	Karakallu	XI
553	—	++	—	—	—	Jerusalém	XIII
575	++	++	++	—	++	St Petersburg	XV
586	++	—	—	++	—	Modena	XIV
584	++	++	++	++	++	Parma	X
594	++	—	—	—	++	Venedig	XIV
645	—	—	++	++	—	Chipre	1304
664	++	++	++	++	—	Zittau	XV
673	lacuna	—	—	—	lacuna	Cambridge	XII
676	—	—	++	—	—	Munster	XIII
685	—	—	++	—	++	Ann Arbor	XIII
689	lacuna	++	—	++	++	Londres	XIII
691	++	—	—	—	++	Londres	XIII
694	—	—	—	—	++	Londres	XV
696	—	—	—	++	—	Londres	XIII
746	++	++	++	++	—	Paris	XI
757	++	lacuna	++	++	++	Atenas	XIII
758	++	—	—	—	—	Atenas	XIV
763	++	++	++	++	++	Atenas	XIV
769	—	++	—	—	—	Atenas	XIV
781	—	—	—	++	—	Atenas	XIV
789	++	++	++	++	++	Atenas	XIV
797	++	—	++	—	—	Atenas	XIV
824	++	++	++	++	++	Grottaferrata	XIV
825	—	—	++	—	—	Grottaferrata	XIII
867	—	—	—	++	—	Vaticano	XIV
897	lacuna	—	—	++	—	Edinburgo	XIII
928	—	—	—	—	—	Dionysiu	1304
932	++	++	++	—	—	Dionysiu	XIV
938	—	++	—	++	—	Dionysiu	1318
940	++	—	—	++	—	Dionysiu	XIII
952	—	++	++	—	++	Dionysiu	XIV
953	—	—	++	++	—	Dionysiu	XIV
955	++	++	++	++	++	Dionysiu	XV
958	++	++	++	—	++	Dionysiu	XV
959	++	++	++	++	++	Dionysiu	1331
960	++	++	++	++	++	Dionysiu	XIV
961	—	—	++	—	—	Dionysiu	XV
962	—	—	—	—	++	Dionysiu	1498
966	—	—	++	++	—	Dochiaru	XIII

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
978	++	++	++	++	lacuna	Dochiariu	1361
986	++	—	—	++	—	Esphigmenu	XIV
1003	++	++	++	++	++	Iviron	XV
1023	—	++	—	++	—	Iviron	1338
1025	++	++	++	++	++	Iviron	XIV
1030	++	++	++	—	++	Iviron	1518
1040	++	++	++	++	++	Karakallu	XIV
1046	++	++	++	++	++	Kutlumusiu	XII
1059	++	++	—	++	++	Kutlumusiu	XV
1062	++	—	—	++	++	Kutlumusiu	XIV
1072	++	++	++	—	++	M Lavras	XIII
1075	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1088	++	—	—	—	—	Xiropotamu	XVI
1092	—	—	++	—	—	Panteleimonos	XIV
1095	—	—	++	—	—	Pavlu	XIV
1111	—	—	++	++	++	Stavronikita	XIV
1117	++	++	++	++	++	Philotheu	XIV
1131	++	++	++	++	++	Philotheu	XV
1132	—	—	++	—	—	Philotheu	XV
1133	—	—	++	—	—	Philotheu	XIV
1145	++	++	++	—	++	Constantinopla	XII
1147	lacuna	—	—	—	—	Constantinopla	1370
1158	++	—	++	++	—	Lesbos	XIV
1165	—	—	++	—	—	Patmos	1335
1180	—	++	++	—	—	Patmos	XV
1185	++	++	++	—	++	Sinai	XIV
1189	—	—	—	—	—	Sinai	1346
1199	—	—	++	++	—	Sinai	XII
1234	++	—	++	—	++	Sinai	XIV
1236	—	—	++	—	—	Sinai	XIV
1247	++	++	—	—	++	Sinai	XV
1248	++	—	—	—	++	Sinai	XIV
1250	++	—	++	++	++	Sinai	XV
1251	—	—	—	++	—	Sinai	XIII
1323	—	—	++	—	—	Jerusalém	XII
1328	++	++	++	++	++	Jerusalém	XIV
1334	—	++	—	—	—	Jerusalém	XIII
1339	++	++	++	++	++	Jerusalém	XIII
1384	ilegível	—	—	++	—	Andros	XI
1389	—	—	++	++	—	Patmos	XV
1390	++	++	++	—	—	Stavronikita	XIV
1401	—	—	—	++	—	Pantokratoros	XII
1409	++	++	++	++	++	Xiropotamo	XIV
1427	—	—	—	—	—	Sofia	XIV

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
1435	—	—	—	++	—	Vatopediu	XI
1445	++	—	—	—	—	M Lavras	1323
1461	++	++	++	++	++	M Lavras	XIII
1462	++	++	—	++	++	M Lavras	XIV
1476	—	—	++	—	—	M Lavras	1333
1480	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1482	—	—	—	—	—	M Lavras	1304
1487	++	++	++	++	++	M Lavras	XIII
1488	++	++	++	—	++	M Lavras	XIV
1489	++	++	++	++	++	M Lavras	XII
1490	—	—	—	++	—	M Lavras	XII
1492	++	—	—	—	++	M Lavras	1342
1493	—	—	—	—	—	M Lavras	XIV
1496	++	++	++	++	++	M Lavras	XIII
1501	++	++	++	—	++	M Lavras	XIII
1503	++	++	++	++	++	M Lavras	1317
1508	++	++	—	++	++	M Lavras	XV
1517	++	—	++	++	++	M Lavras	XI
1543	—	++	++	++	—	Vatopediu	1236
1548	++	++	++	—	++	Vatopediu	1359
1551	++	++	++	—	++	Vatopediu	XIII
1552	—	++	++	++	—	Vatopediu	XIV
1559	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
1560	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
1572	—	—	—	—	—	Vatopediu	1304
1584	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
1591	++	++	++	++	++	Vatopediu	1591
1596	++	++	++	—	++	Vatopediu	1596
1599	—	—	—	++	—	Vatopediu	XIV
1600	++	++	++	lacuna	++	Vatopediu	XIV
1609	++	—	++	++	—	M Lavras	XIII
1614	lacuna	++	++	++	++	M Lavras	1324
1617	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1619	lacuna	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1620	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1621	lacuna	lacuna	—	++	—	M Lavras	XIV
1622	++	++	++	—	++	M Lavras	XIV
1625	—	—	++	—	—	M Lavras	XV
1628	++	++	++	—	++	M Lavras	1400
1636	++	++	++	++	++	M Lavras	XV
1637	++	++	++	++	++	M Lavras	1328
1648	lacuna	++	++	—	++	M Lavras	XV
1649	++	++	—	++	—	M Lavras	XV

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
1650	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1652	++	++	++	++	++	M Lavras	XVI
1656	lacuna	++	++	—	++	M Lavras	XV
1658	lacuna	++	—	++	++	M Lavras	XIV
1659	outro	—	—	++	—	M Lavras	XIV
1667	lacuna	++	++	++	—	Panteleimonos	1309
1680	—	—	++	—	—	Panteleimonos	XVI
1686	++	++	++	++	++	Atenas	1418
1688	—	—	—	—	—	Atenas	XIV
1694	—	—	++	—	—	Atenas	XIII
1698	—	—	—	++	—	Atenas	XIV
1700	outro	—	++	—	—	Atenas	1623
1702	++	++	++	++	++	Konstamonitu	1560
1705	++	++	++	—	—	Tirana	XIV
1713	++	++	++	++	++	Lesbos	XV
1786	++	—	—	—	—	Sofia	XV
2122	ilegível	—	—	++	—	Atenas	XII
2175	++	++	—	—	—	St Petersburg	XIV
2204	++	—	—	++	—	Elasson	XV
2221	++	++	++	++	++	Sparta	1432
2253	++	++	—	++	++	Tirana	XI
2255	++	++	++	++	++	Ivion	XVI
2260	—	—	++	++	—	Kalavryta	XII
2261	—	—	++	—	—	Kalavryta	XIV
2265	++	—	—	—	—	Sparta	XIV
2273	—	++	—	++	—	St Petersburg	XIV
2284	—	—	—	—	—	Manchester	XIII
2296	—	—	—	++	—	Manchester	XII
2322	—	++	—	—	—	Prinkipos Is	XII
2323	++	++	++	—	++	Benaki (Atenas)	XIII
2352	++	++	++	++	++	Meteora	XIV
2355	++	++	—	—	—	Sinai	XIV
2367	—	—	—	++	—	Princeton	XII
2382	++	—	—	++	—	Constantinopla	XII
2399	lacuna	++	—	++	++	Chicago	XIV
2407	—	—	++	—	—	Chicago	1332
2418	lacuna	—	—	++	—	Zagora	XV
2444	—	—	—	++	—	Munster	XIII
2454	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
2460	lacuna	—	—	++	—	Joannina	XII
2466	—	—	—	—	—	Patmos	1329
2483	—	—	—	++	lacuna	Bulligny	XIII
2496	++	—	++	—	—	Sinai	1555
2503	++	—	—	—	++	Sinai	XIV

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
2508	—	—	++	—	outro	Atenas	XIV
2520	—	—	—	++	—	Atenas	XIII
2554	++	++	++	++	++	Bucarest	1434
2559	lacuna	—	—	—	lacuna	Benaki (Atenas)	XII
2598	—	—	++	—	—	Strasburg	XIV
2621	lacuna	—	++	—	++	Princeton	1380
2635	++	++	++	++	++	Atenas	1568
2636	++	++	++	—	++	Atenas	XVI
2647	—	++	—	++	—	Amorgos	XIII
2673	—	—	++	—	—	Dimitsana	XV
2689	++	++	—	++	++	Meteora	XIV
2692	++	++	—	—	—	Meteora	XV
2709	++	++	++	++	++	Meteora	1377
2714	—	—	++	—	—	Meteora	XVI
2715	—	—	—	++	lacuna	Meteora	XVI
2765	—	—	—	++	—	Corinto? (Oxford)	XIV
2767	—	—	—	++	—	Bucarest	XIV
2774	++	++	++	—	++	Sofia	XIV
2806	++	++	—	—	++	Trikala	1518
2897	++	++	++	—	++	Orlando	XIII
2916	++	—	++	—	lacuna	Atenas	XIII
I.2110	++	++	++	++	++	Ivion	1322
L.65	++	++	lacuna	++	lacuna	Leukosia	XIV

Agora vou plotar os padrões para os cinco conjuntos de variantes. Notei oito "correções" e nove "alternativas", espalhadas cá e lá; ignorei-as para o propósito deste exercício (embora 12 das 17 mudem um '—' para um '++'). Esse propósito é avaliar se os padrões indicam linhas independentes de transmissão dentro da Família 35. Aqui estão os padrões. Os números representam a primeira leitura (++), e — a segunda.

PADRÕES						TOTAL
1	2	3	4	5	---	45**

1	2	3	4	—	---	4

1	2	3	—	5	---	19*

1	2	—	4	5	---	5

1	—	3	4	5	---	2

—	2	3	4	5	---	0

lacuna	2	3	4	5	---	1

1	lacuna	3	4	5	---	1

1	2	lacuna	4	lacuna	---	1
lacuna	2	—	4	5	---	2
lacuna	2	3	4	—	---	1
<hr/> <hr/>						
1	2	3	—	—	---	3
1	2	—	4	—	---	1
1	2	—	—	5	---	2
1	—	—	4	5	---	1
—	—	3	4	5	---	1
—	2	3	4	—	---	3
—	2	3	—	5	---	1
1	—	3	—	5	---	1
1	—	3	4	—	---	2
1	—	3	—	lacuna	---	1
<hr/> <hr/>						
1	—	—	—	5	---	10*
—	—	—	4	5	---	1
—	2	3	—	—	---	1
—	2	—	4	—	---	6
1	—	—	4	—	---	6
—	—	3	4	—	---	7
1	—	3	—	—	---	2
—	—	3	—	5	---	1
1	2	—	—	—	---	3
lacuna	2	—	—	—	---	1

lacuna	—	—	4	—	---	1

llegível	—	—	4	—	---	1

—	llegível	—	4	—	---	1
=====						
1	—	—	—	—	---	6

—	2	—	—	—	---	6

—	—	3	—	—	---	21*

—	—	—	4	—	---	23*

—	—	—	—	5	---	2

—	—	—	—	—	---	9*

lacuna	—	—	—	—	---	2

lacuna	—	—	—	lacuna	---	1

Existem nada menos que 29 padrões, o que indica uma transmissão normal.

Desconsiderarei todas as linhas que não estejam completas, bem como todas as linhas que tenham menos de nove 'votos'. Convido a atenção para os seis padrões a seguir:

- 1) 1 , 2 , 3 , 4 , 5 = 45 MSS
- 2) —, —, —, 4 , — = 23 MSS
- 3) —, —, 3 , —, — = 21 MSS
- 4) 1 , 2 , 3 , —, 5 = 19 MSS
- 5) 1 , —, —, —, 5 = 10 MSS
- 6) —, —, —, —, — = 9 MSS

Eu considero que o padrão 1) representa o arquétipo da família; é de longe o padrão mais forte e, necessariamente, representa uma linha de transmissão. Mas, e o padrão 2); será que 23 copistas fizeram o mesmo conjunto de escolhas independentemente? Não é muito mais provável que eles representem uma linha independente de transmissão? De fato, eu já cotejei muitas dúzias de MSS da f³⁵, e com poucas exceções os copistas foram fiéis ao seu exemplar. Por exemplo, considere a seguinte evidência para seis dos padrões alistados acima:

Padrão 1) – GA 2554 (Bucarest, 1434, eapr) e GA 1046 (Kutlumusiu, XII, e) são cópias precisamente perfeitas da linha de transmissão que possui o Padrão 1). Existem vários outros que são praticamente perfeitos.

Padrão 2) – GA 867 (Vaticano, XIV, e) está faltando os primeiros cinco capítulos de Mateus, mas de outra forma, é uma cópia precisamente perfeita da linha de transmissão que tem o Padrão 2). GA 128 (Vaticano, XIII, e) é quase perfeito.

Padrão 3) – Acontece que cotejei apenas um dos 21 MSS que possuem esse padrão, e não é uma boa cópia. No entanto, este padrão tem uma ampla distribuição geográfica, pelo que não é um produto local (os 21 estão atualmente localizados em mais de 15 localidades).

Padrão 4) – GA 1072 (M Lavras, XIII, eapr) é uma cópia praticamente perfeita da linha de transmissão que possui o Padrão 4). GA 246 (Moscou, XIV, e) é quase perfeito.

Padrão 5) – GA 18 (Constantinopla, 1364, eapr) e GA 2503 (Sinai, XIV, e) são cópias quase perfeitas da linha de transmissão que tem o Padrão 5).

Padrão 6) – GA 1189 (Sinai, 1346, e) é uma cópia virtualmente perfeita da linha de transmissão que possui o Padrão 3). GA 928 (Dionysiu, 1304, eap), GA 1572 (Vatopediu, 1304, e) e GA 2466 (Patmos, 1329, eap) são todos bons.

O que seria o Padrão 8)—GA 586 (Modena, XIV, e) é uma cópia perfeita da linha de transmissão que possui o Padrão 8). GA 2382 (Constantinopla, XII, e) é quase perfeito, e GA 510 (Oxford-cc, XII, e) é virtualmente perfeito.

Claramente, os copistas estavam reproduzindo fielmente seus exemplares, que representavam linhas distintas de transmissão. Três dos padrões têm atestação explícita do século XI, e outro do século XII, e todos têm distribuição geográfica dispersa. A evidência diante de nós simplesmente requer a conclusão de que o arquétipo da Família 35 tinha que existir no período uncial, e provavelmente bem para dentro daquele período. Já argumentei em outro lugar que a evidência na mão indica que ele já existia no século III, se não antes ainda. **Todas as noções preconcebidas sobre o K^r de von Soden precisam ser descartadas.**

APÊNDICE

A. A Autoridade Objetiva do Texto Sagrado

Introdução

Se o Soberano Criador existe, e se Ele dirigiu uma Revelação escrita à nossa raça, então nada é mais importante para nós do que saber o que Ele disse (com o objetivo de obedecê-lo, se formos sábios). Isto porque tal revelação terá autoridade objetiva sobre nós (embora o Criador nos dê a opção de rejeitar essa autoridade [mas deve-se dar a devida atenção às consequências]). O inimigo sempre entendeu isso melhor do que a maioria de nós e começou seus ataques desde o início: “É verdade que Deus disse,...?” (Gênesis 3.1). É claro que muitos livros foram escritos, prós e contras, e aqui me contentarei em declará-los como pressupostos que trago para a minha tarefa: o Soberano Criador existe, e Ele dirigiu uma revelação escrita à nossa raça.

A disciplina da crítica textual (de qualquer texto) baseia-se na suposição / alegação / declaração de que existe uma dúvida legítima sobre a redação original precisa de um texto. Ninguém faz crítica textual à Bíblia King James de 1611, uma vez que ainda existe uma cópia da impressão original. Com referência à crítica textual do Novo Testamento, o ponto crucial em questão é a preservação do seu Texto. Para que qualquer texto tenha autoridade objetiva, temos que saber o que é.

É frequentemente assumido pelos ignorantes e desinformados – mesmo num campus universitário – que a crítica textual do Novo Testamento é apoiada por uma fé supersticiosa na Bíblia como um livro ditado de forma milagrosa por Deus. Isso não é verdade. A crítica textual nunca existiu para aqueles cujo Novo Testamento é de milagres, mistério e autoridade. Um Novo Testamento criado sob esses auspícios teria sido transmitido sob eles e não teria necessidade de crítica textual.¹

Assim escreveu Colwell em 1952. Em 1948 ele foi ainda mais antagônico.² Em termos simples, o seu argumento foi o seguinte: Se Deus tivesse inspirado o texto do Novo Testamento, Ele o teria preservado; Ele não o preservou e, portanto, não o inspirou. Tenho tendência a concordar com a sua inferência lógica [se os seus factos estivessem corretos], mas proponho virar a mesa: É demonstrável que Deus preservou o Texto do Novo Testamento e, portanto, Ele deve tê-lo inspirado! Considero que a preservação do Texto do N.T. é um forte argumento a favor da sua inspiração e, como é a inspiração que lhe confere a sua autoridade, as duas doutrinas andam de mãos dadas.³ É claro que o uso que faço do termo “demonstrável” é a bandeira vermelha aqui; qualquer pessoa que não tenha lido meu trabalho recente poderia argumentar que estou cometendo uma petição de princípio.

Autoridade objetiva depende de significado verificável; se um leitor/ouvinte puder dar qualquer significado que escolher a uma mensagem, qualquer autoridade que ela acabe tendo para ele será relativa e subjetiva (a abordagem ‘neo-ortodoxa’). Como lingüista (PhD), afirmo que o princípio fundamental da comunicação é este: tanto o falante /escritor quanto o ouvinte/leitor têm que respeitar as normas da linguagem, em particular as

¹ E.C. Colwell, *What is the Best New Testament?* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), p. 8.

² Colwell, “Biblical Criticism: Lower and Higher”, *Journal of Biblical Literature*, LXVII (1948), 10-11.

³ Considero também que a preservação do Texto do NT é um forte argumento para a sua canonicidade. Por que Deus preservou apenas os 27 livros que formam esse cânon, nem mais, nem menos, nem outros?

do código específico sendo utilizado. Se o codificador violar as regras, ele estará enganando o decodificador (deliberadamente, se souber o que está fazendo). Se o decodificador violar as regras, ele deturpará o codificador (deliberadamente, se souber o que está fazendo). Em qualquer dos casos, a comunicação é prejudicada; a extensão do dano dependerá das circunstâncias.

Várias vezes o Senhor Jesus se referiu ao Espírito Santo como “o Espírito da Verdade”, e Tito 1.2 afirma que Deus não pode mentir – é uma coisa que Ele não pode fazer, sendo contrário à Sua essência; “Ele não pode negar-se a si mesmo” (2 Timóteo 2.13). Deveria ser óbvio para todos que o Soberano não aceitará ser chamado de mentiroso. Interpretar o Texto Sagrado de uma forma que não seja fiel às regras do hebraico e do grego, respectivamente, é atribuir ao Autor a intenção de nos enganar, é chamá-lo de mentiroso – não convém. Mas para interpretar o Texto, precisamos tê-lo, e por isso volto ao assunto da preservação. Convido a atenção para as seguintes evidências, em defesa do termo “demonstrável”.

Algumas possíveis discrepâncias

A autoridade objetiva das Escrituras não depende apenas de um significado verificável, mas depende, em primeiro lugar, da inspiração divina. Qualquer coisa inspirada por Deus não deve conter erros, por isso os inimigos de uma Bíblia inspirada são rápidos em apontar quaisquer erros de fato ou contradições internas que possam. Infelizmente, a teoria hortiana tornou tudo mais fácil para eles, uma vez que impõe tais erros e contradições ao Texto do NT. No Apêndice E discuto alguns deles em detalhes (que faça o favor de ler), mas incluirei aqui uma lista simples dos mais óbvios que observei até agora.

'Veneno' inserido no 'Pão da Vida' pela teoria hortiana

Quando as percentagens não somam 100, existem outras variantes que não são mencionadas. Os números entre () são mais ou menos exatos; aqueles dentro de [] são aproximações – as porcentagens referem-se ao total de MSS conhecidos. Para uma declaração completa das evidências, veja meu Texto Grego.

João 6.47— *ο πιστευων* ‘aquele que crê’ (0,5%) X *ο πιστευων εις εμε* ‘aquele que crê para dentro de mim’ (99,5%)

João 7.8— *ουκ* ‘não’ [3%] X *ουπω* ‘ainda não’ [96,5%]

Lucas 4.44 (Marcos 1.39, Mateus 4.23)— *Ιουδαιας* ‘da Judéia’ (4,1%) X *Γαλιλαιας* ‘da Galiléia’ (94,7%)

João 1.18— *μονογενης θεος* ‘um deus unigênito’ (0,3%) || *ο μονογενης θεος* ‘o deus unigênito’ (0,1%) X *ο μονογενης υιος* ‘o filho unigênito’ (99,6%)

1 Timóteo 3.16— *ος* ‘quem’ (1%) X *Θεος* ‘Deus’ (98,5%)

Marcos 16.9-20 – ausente (0,2%) X presente (99,8%)

João 7.53-8.11 – ausente (15%) X presente (85%)

- Lucas 3.33— *του Αδμιν του Αρνι* ‘de Admin, de Arni’ [0,00%] (é uma 'colcha de retalhos' montada com base em pelo menos dez variantes) X *του Αραμ* ‘de Aram’ [95%]
- Mateus 19.17 (X Marcos 10.18, Lucas 18.19)— *τι με ερωτας περι του αγαθου* ‘Por que você me pergunta em relação ao bem?’ (0,9%) X *τι με λεγεις αγαθον* ‘Por que você me chama de bom?’ (99%)
- Lucas 23.45— *εκλιποντος* ‘sendo eclipsado’ (0,8%) X *εσκοτισθη* ‘ficou escurecido’ (97,5%)
- Marcos 6.22 (Mateus 14:6)— *αυτου ... Ηρωδιαδος* ‘Herodias [filha] dele’ (1,3%) X *αυτης της Ηρωδιαδος* ‘própria [filha] de Herodias (97,2%)
- João 6.11 (Mateus 14.19, Marcos 6.41, Lucas 9.16) — omissão [3%] X *τοις μαθηταις οι δε μαθηται* ‘aos discípulos e os discípulos’ [97%]
- Atos 19.16— *αμφοτερων* ‘ambos’ [5%] X *αυτων* ‘eles’ [90%]
- Mateus 1.7,10— *Ασαφ, Αμοσ* ‘Asafe, Amós’ [2%] X *Ασα, Αμον* ‘Asa, Amon’ [98%]
- Mateus 5.22 (ver Efésios 4.26, Salmos 4.4)— omissão (1,9%) X *εικη* ‘sem justa causa’ (96,2%)
- 1 Coríntios 5.1— *ουδε εν τοις εθνεσιν* ‘não existe nem mesmo entre os gentios’ (3,2%) X *ουδε εν τοις εθνεσιν ονομαζεται* ‘não é nomeado nem mesmo entre os gentios’ (96,8%)
- João 18.24— *απεστειλεν ουν* ‘então ele enviou’ [9%] X *απεστειλεν* ‘ele havia enviado’ [90%]
- Mateus 10.10 (Marcos 6.8)— *μηδε ραβδον* ‘nem bastão’ [5%] X *μηδε ραβδους* ‘nem bastões’ [95%]
- Marcos 1.2 (ver Malaquias 3.1, Isaías 40.3)— *τω Ισαια τω προφητη* ‘em Isaías, o profeta’ (3,1%) X *τοις προφηταις* ‘nos profetas’ (96,7%)
- Atos 28.13— *περιελοντες* ‘removendo [algo]’ [5%] X *περιελθοντες* ‘alinhavando de um lado para outro’ [95%]
- 2 Pedro 3.10— *ευρεθησεται* ‘será encontrado’ (3,2%) X *κατακαησεται* ‘será queimado’ (93,6%)
- Judas 15— *πασαν ψυχην* ‘toda alma’ (0,5%) X *παντας τους ασεβεις* ‘todos os ímpios’ (97,8%)
- Lucas 9.10(12)— *πολιν καλουμενην Βηθσαιδα* ‘uma cidade chamada Betsaida’ [0,5%] X *τοπον ερημον πολεως καλουμενης Βηθσαιδα* ‘um lugar deserto pertencente a uma cidade chamada Betsaida’ [98%]

Mateus 21.5— *και επι πωλον* ‘e sobre um jumentinho’ (2%) X *και πωλον* ‘isto é, um jumentinho’ (98%)

Marcos 10.24— *πως δυσκολον εστιν εις την βασιλειαν του θεου εισελθειν* ‘quão difícil é entrar no reino de Deus’ (0,4%) X *πως δυσκολον εστιν τους πεποιθοτας επι χρημασιν εις τη ν βασιλει αν του θεου εισελθειν* ‘quão difícil é para aqueles que confiam nas riquezas entrar no reino de Deus’ (99,5%)

Mateus 1.25— *υιον* ‘um filho’ (0,5%) X *τον υιον αυτης τον πρωτοτοκον* ‘seu filho, o primogênito’ (99,5%)

Mateus 6.13— omissão (1,3%) X *οτι σου εστιν η βασιλεια και η δυναμις και η δοξα εις τους αιωνας* ‘porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre’ (98,7%)

João 5.3b-4— omissão (0,8%) X "—esperando a agitação da água; isso porque de tempo em tempo um anjo descia ao tanque e agitava a água. Então, o primeiro a entrar, após a agitação da água, ficava curado de qualquer doença que o estivesse atrapalhando" (99,2%)

Lucas 2.14— *εν ανθρωποις ευδοκιας* ‘para com homens de boa vontade’ (0,4%) X *εν ανθρωποις ε υδοκια* ‘boa vontade para com os homens’ (99,4%) [6 MSS X 1627 MSS]

Lucas 2.33— *ο πατηρ αυτου* ‘o pai dele’ (0,9%) X *ιωσηφ* ‘José’ (98,8%)

Lucas 22.43-44— omissão (1,3%) X os dois versículos (98,7%) Esta é uma informação importante que só está registrada aqui; é uma perversidade desafiá-la com base em evidência tão fraca.

Marcos 15.39— omissão (0,4%) X *κραξας* ‘gritando’ (98,6%) (O quadro muda drasticamente.)

Comentário: existem muitas centenas de outros erros (no texto ‘crítico’) que prejudicam o Texto, mesmo que não seja possível descrevê-los como erros de facto ou contradições óbvias. Mas têm um efeito cumulativo que é certamente negativo.

Além desses ‘problemas’ fabricados, o próprio Texto apresenta-nos algumas dificuldades aparentes que têm sido utilizadas pelos inimigos da Bíblia. Discutirei aqui os mais óbvios, na minha opinião.

Dificuldades aparentes de fato no Texto

É notória a dificuldade de harmonizar os quatro relatos evangélicos em torno das negações de Pedro. Como minha discussão ocupa um bom número de páginas, dediquei-lhe um apêndice separado (G).

Uma harmonização dos relatos da Ressurreição

Os oponentes de uma Bíblia com autoridade objetiva têm insistido, há décadas e séculos, em que existam discrepâncias insuperáveis entre os relatos dos quatro Evangelhos a respeito dos acontecimentos no dia da Ressurreição. Meu propósito aqui é demonstrar que não existem tais discrepâncias.

Uma seqüência aproximada dentro dos relatos paralelos

Mateus 27.62-28.1;

Marcos 16.1-3 // Lucas 24.1;

Mateus 28.2-4;
João 20.1-10;
Mateus 28.5-8 // Marcos 16.4-8 // Lucas 24.2-8;
Marcos 16.9 // João 20.11-18;
Mateus 28.9-15;
Lucas 24.13-35;
Lucas 24.36-43 // João 20.19-31.

A seqüência presumida dos acontecimentos

0. [Sábado – os guardas selam a pedra e se põem a vigiar (Mateus 27.62-66).] Esta é uma peça necessária como pano de fundo.
1. Jesus ressuscita dentre os mortos. Nenhum dos Evangelistas menciona o momento da ressurreição; provavelmente porque essa informação nunca foi revelada. O fato é tido como dado (“o primogênito dentre os mortos” – Colossenses 1.18 e Apocalipse 1.5; as “primícias” – 1 Coríntios 15.20,23).
2. Cedo de manhã, domingo, as mulheres se dirigem ao túmulo – a Madalena (João 20.1); Madalena e Maria (Mateus 28.1); Madalena, Maria e Salomé (Marcos 16.1-2); Madalena, Maria, Joana e outras (Lucas 23.55 – 24.1,10). Os relatos dizem que foi muito cedo, começando a amanhecer, ainda escuro, mas até chegarem ao túmulo o sol já tinha aparecido. Não há discrepância: aquele jardim fica no lado oeste de uma montanha, e por tanto o túmulo estaria em sombra, além da sombra das árvores. Elas saíram de casa quando ainda era meio escuro, mas ao chegarem já era dia no vale – a área do túmulo ainda estaria um pouco escuro.
3. A caminho falam da pedra, “Quem nos revolverá a pedra do sepulcro?”, porque era muito grande (Marcos 16.3).
4. Antes que elas cheguem, um anjo remove a pedra, acompanhado de terremoto, etc. (Mateus 28.2-4). A remoção da pedra não foi para deixar Jesus sair; foi para deixar testemunhas entrar! Se dispuséssemos apenas do relato de Mateus, poderíamos pensar que as mulheres viram o anjo com brilho fora do sepulcro, mas uma comparação com os outros relatos nos leva a outra conclusão. Mas então, como sabemos desses detalhes? Mateus 28.11 diz que ‘alguns’ da guarda foram aos sacerdotes, e aceitaram dinheiro (bastante) para espalhar relato falso, mas e os outros guardas? Não duvido que alguns deles se converteram, genuinamente, e eles deram testemunha ocular à comunidade cristã.
5. Elas chegam e veem que a pedra foi removida, mas o anjo não está mais do lado de fora, visível (Marcos 16.4, Lucas 24.2, João 20.1). Se o anjo ainda tivesse sido visível, Madalena não teria saído correndo, pois não teria pensado que o corpo havia sido roubado. A hipótese de que ela teria vindo uma vez sozinha, antes das outras, é muito pouco provável (ver o item que segue).
6. Madalena se manda para informar Pedro – Pedro e João correm ao túmulo para ver (João 20.2-3). O fato dela ter utilizado o verbo no plural ‘sabemos’, verso 2, mostra que ela não foi sozinha ao túmulo.
7. Antes de Pedro e João chegarem, as outras mulheres entram no túmulo, e veem e ouvem os anjos (Lucas 24.3-8, Marcos 16.5-7. Mateus 28.5-7). Entendo que Mateus e Marcos são paralelos, aqui, descrevendo o mesmo acontecimento: o anjo que removeu a pedra agora estava dentro do sepulcro, sentado ao lado direito; havia desligado seu brilho e parecia ser um jovem, vestido em branco; cada relato fornece alguns detalhes diferentes da fala do anjo. Agora ofereço uma harmonização dos dois (Mateus e Marcos).

Ao entrarem no sepulcro, elas viram um jovem, vestido de talar branco, assentado à direita, e ficaram amedrontadas. Então o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: “Não tenham medo! Eu sei que vocês estão procurando Jesus o Natsareno, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, assim como tinha dito! Venham, vejam o lugar onde o Senhor jazia. Agora vão depressa e digam aos discípulos dEle, inclusive Pedro: ‘Ele ressuscitou dentre os mortos; e atenção, Ele está indo adiante de vocês para a Galileia; lá vocês O verão, como ele vos disse’. Pronto, eu já vos avisei!” [Quase dá a impressão de que o anjo ficou aliviado ao terminar o que tinha de fazer. Fico a imaginar por que.]

Mas as mulheres não estavam satisfeitas com a situação; estava sendo difícil assimilar o fato do corpo ausente (estavam carregadas de especiarias para cuidar desse corpo – foi em vão seu esforço?) Elas não sabiam quem esse ‘jovem’ era [e não esquecer dos guardas ‘mortos’ do lado de fora] Entendo que Lucas fornece uma segunda rodada: aí o anjo chama um colega e ambos ligam o brilho, produzindo efeito de choque; então citam as palavras do próprio Jesus, que elas lembraram, e com isso elas se dão por satisfeitas e vão embora.

8. Elas saem do túmulo com medo, e não dizem nada aos guardas ou a quem mais encontrarem (Marcos 16.8, Mateus 28.8^a).
9. Provavelmente logo após a saída das mulheres, e antes da chegada de Pedro e João, os guardas se mandam (Mateus 28.11-15).
10. Pedro e João chegam e voltam [a suas casas] (João 20.4-10; ver Lucas 24.12, que é um aparte histórico). Verso 8 diz que João (o autor) “viu e creu”. Que foi que João ‘viu’ que levou ele a ‘crer’? Viu as tiras de linho ‘deitadas’, isto é, na forma do corpo, só que não havia corpo! Se alguém tivesse roubado o corpo, como Madalena supunha, teriam levado o embrulho inteiro (mais fácil de carregar) e aí não teria tiras de linho no chão. Se alguém tivesse desembrulhado o corpo, por qualquer motivo, haveria um montão de tiras de linho misturadas com as especiarias (quanto pano seria necessário para segurar 45 quilos de especiarias?). Não, Jesus meramente passou pelo pano, como mais tarde passaria pela parede do cenáculo, deixando o embrulho como se fosse uma múmia, ou um casulo vazio. Quando João viu aquilo, entendeu que a única explicação possível era ressurreição.
11. Madalena volta ao sepulcro, mas chega lá após a saída de todos (é por isso que imaginou que Jesus fosse o jardineiro); Jesus aparece a ela primeiro (Marcos 16.9, João 20.11-17). Quando os discípulos saíram correndo, naturalmente Madalena os seguiu de volta ao túmulo. Mas estava sem fôlego, não podendo acompanhar o pique (pensando bem, naquela cultura mulher teria poucas ocasiões para correr, e portanto estaria bem cansada, mas nem por isso iria ficar de lado). Talvez tenha chegado (de volta) quando eles estavam saindo, se não havia encontrado já no caminho. No verso 12 João diz que ela viu dois ‘anjos’. Mas como poderia João saber que eram anjos? Ele acabava de sair, e bem sabia que não havia ser humano (presumo que os guardas já estavam longe quando os dois chegaram). Os anjos estavam em branco, mas provavelmente sem brilho, ou isso teria sacudido ela, quebrando o desespero. Ela estava tão controlada pelo desespero que nem o ‘casulo’ vazio fez ela parar e refletir.
12. Então Jesus aparece às outras mulheres, e elas seguem para informar os discípulos (Mateus 28.9-10, Lucas 24.9-11). Seria razoável perguntar: Como disporia Madalena de tempo suficiente para ir e voltar e Jesus aparecer a ela primeiro e ainda ter tempo para aparecer às outras mulheres antes que chegassem aos discípulos; ainda mais porque Mateus 28.8 diz que elas saíram ‘depressa’ e ‘correndo’? Ofereço as considerações que seguem para aliviar a dificuldade percebida: 1) A Jerusalém daquele tempo era

pequena e as distâncias curtas ('ficava perto', João 19.42) – provavelmente não passava de um quilometro entre o túmulo e a casa de Pedro, bem como as casas onde os outros estavam; 2) as mulheres provavelmente demoraram para entrar no sepulcro – os guardas parecendo mortos, escuro, assustadiço (é cemitério), tudo estranho, Madalena a impulsiva não está; estariam desconfiadas – Madalena bem que poderia estar quase chegando na casa de Pedro quando finalmente criaram a coragem de entrar no sepulcro; 3) tanto Madalena, como Pedro e João, estavam excitados e com bastante adrenalina – não demorou tanto; 4) as mulheres saíram correndo do sepulcro e do jardim, mas não necessariamente o percurso inteiro – uma vez fora do jardim e em terreno 'seguro' provavelmente diminuíram a marcha, ou até pararam, para se recompor e discutir o ocorrido (Maria, mãe de Tiago, não é mais mulher nova, e ninguém tinha costume de correr, para nem comentar o tipo de roupa que usavam). Somando tudo, não vejo motivo para duvidar do Texto: tudo ocorreu exatamente como diz.

13. Madalena vai e informa os discípulos (Marcos 16.10-11, João 20.18).

14. Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aparece a Pedro (ver Lucas 24.34). Não vejo como estabelecer a seqüência correta dos itens 14 e 15; poderia ter sido o contrário. Depois, durante o domingo da Ressurreição (não sabemos a hora) muitos santos ressurretos "entraram na cidade santa e apareceram a muitos" (Mateus 27.53), o que seria uma confirmação dramática para os que receberam essa visita.

15. O episódio Emaús (Lucas 24.13-35, Marcos 16.12-13). Uns e outros têm alegado existir uma discrepância entre os dois relatos – o equívoco é ligar ambos aos 'onze', o que não foi o caso. Outras pessoas também estavam no cenáculo, além dos onze (só que eram dez, Tomé estando ausente). Os dez estavam reclinados à mesa; já os 'outros' estariam mais perto da porta. Os dois de Emaús entram com ímpeto, animados e talvez se sentindo importantes, falando de seu encontro com Jesus; são os 'outros', talvez querendo 'tirar um pouco de vento de sua vela', que dizem, "Pois não, pois não, já sabemos; Ele apareceu a Simão". (A natureza humana não mudou, e eles ainda não tinham o Espírito Santo.) Enquanto os dois de Emaús estão falando com os 'outros', não com os dez, o próprio Jesus aparece e interage com os dez (e eles ainda acham que é 'fantasma'!). Marcos, escrevendo para romanos, está enfatizando que os discípulos não eram crédulos, não 'creram' só porque queriam – no verso 11 eles não acreditam na Madalena, no verso 13 nem nos dois, e no verso 14 Jesus reprova sua incredulidade. Não há nada aqui que impugne a genuinidade destes versos – certamente Marcos os escreveu ao mesmo tempo em que escreveu o resto. Segundo Mateus 28.17, muitos dias mais tarde alguns ainda estavam duvidando. Em qualquer grupo de pessoas sempre a níveis diferentes de fé e incredulidade. As cabeças funcionam de formas diferentes, e em ritmos diferentes.

16. Jesus aparece aos 'onze', Tomé ausente (Lucas 24.36-48, Marcos 16.14-18, João 20.19-23).

17. Após a saída de Jesus, Tomé chega (João 20.24-25).

Conclusão

Resumindo, não vejo motivo para duvidar: tudo aconteceu exatamente como o Texto descreve. Não existem discrepâncias, apesar da variedade de detalhes fornecida por várias testemunhas oculares (incluindo guardas convertidos) e registrada por quatro Evangelistas diferentes. É o que deveríamos esperar de um Texto inspirado – inspirado e preservado, até hoje.

Abiatar não é Aimeleque – Marcos 2.26

“Como ele entrou na casa de Deus (tornando Abiatar sumo sacerdote) e comeu os pães consagrados, que apenas aos sacerdotes era permitido comer, e os compartilhou com os que estavam com ele?”

Minha tradução é um tanto diferente das costumeiras ‘nos dias de Abiatar o sumo sacerdote’ ou ‘no tempo do sumo sacerdote Abiatar’. É que estamos traduzindo apenas três palavras gregas, que de forma bem literal seria ‘sobre Abiatar sumo-sacerdote’, mas a preposição aqui, *epi*, é a mais versátil das preposições gregas, e um de seus múltiplos usos é ‘em direção a’. (O léxico padrão [em inglês], *BDAG*, alista dezoito áreas de sentido, sem contar subdivisões.) Recorrendo ao relato no AT, descobrimos que foi com Aimeleque, pai de Abiatar, que Davi conversou, por ser ele o sumo sacerdote naquele momento (1 Samuel 21.1-9). Dentro de poucos dias o rei Saul massacrou Aimeleque e mais 84 sacerdotes (1 Samuel 22.16-18), mas o seu filho Abiatar escapou e foi até Davi, levando com ele o éfode (1 Samuel 22.20-23; 23.6). O fato de Davi poder fazer uso dele para consultar o SENHOR nos leva a entender que teria de ser o éfode privativo do sumo sacerdote, pois unicamente aquele tinha o Urim e Tumim (1 Samuel 23.9-12; cf. Números 27.21, Esdras 2.63).

Aquele éfode era para o sumo sacerdote como a coroa era para um rei; como então poderia estar na mão de Abiatar? O Texto diz que a visita de Davi encheu Aimeleque de medo, presumivelmente porque ele também viu Doegue o edomeu e pressentiu o que iria acontecer. Sim, mas porque Abiatar não foi levado com os outros? Sugiro o seguinte: adivinhando o que iria acontecer (provavelmente Doegue se mandou em seguida, e Aimeleque calculou que teria pouco tempo), Aimeleque deliberadamente consagrou Abiatar sumo sacerdote, deu a ele o éfode, e mandou ele se esconder – é provável que o fez naquele mesmo dia, pois com a chegada dos soldados para prender Aimeleque e os outros 84 seria tarde. Abiatar escapou, mas levou a notícia do massacre junto; só que agora ele era o sumo sacerdote.

Resumindo, foi a visita de Davi que teve o resultado de elevar Abiatar à condição de sumo sacerdote prematuramente, como o próprio Davi reconheceu, e a que Jesus faz alusão de passagem (razão pela qual coloquei entre parênteses). Mas porque faria Jesus alusão a isso? Suponho porque a Bíblia é clara sobre as conseqüências do pecado, e Davi mentiu a Aimeleque. Embora Jesus estivesse utilizando o comer de pão como exemplo, Ele não queria passar por cima do pecado, e suas conseqüências.

Havemos de lembrar que Jesus estava se dirigindo a fariseus, muito conhecedores das Escrituras do A.T. Um caso notório como o massacre de 85 sacerdotes, ordenado por Saul, seria muito bem conhecido. Claro que nada do N.T. ainda havia sido escrito, de sorte que qualquer interpretação do dizer de Jesus teria de se basear em 1 Samuel (“Vós nunca lestes...?”). Se nós hoje queremos entender esta passagem, havemos de nos colocar no contexto descrito em Marcos 2.23-28. Os fariseus entenderiam que se Abiatar estava de posse do éfode que continha o Urim e Tumim, então ele era o sumo sacerdote. E como foi que ele chegou a esse ofício? Chegou por causa da visita de Davi; foi uma conseqüência direta e imediata daquela visita.

A Genealogia de Maria – Lucas 3.23

Και αυτος η̅ν̅ ο̅ Ιη̅σους, ὡ̅σει̅ ε̅τι̅ ἔ̅ν̅ τ̅ριακον̅τα̅ αρχ̅ο̅με̅νος, ἔ̅ν̅ ὡ̅ς̅ ε̅νο̅μι̅ζ̅ε̅το̅ υ̅ι̅ος̅ Ἰ̅σ̅η̅φ, του̅ Η̅λ̅ει, του̅ Μα̅τ̅θα̅τ, του̅ Λ̅ευ̅ι, του̅ Μ̅ε̅λ̅χι...

Quatro palavras aqui causam surpresa, e pedem explicação, a saber: *και, αυτος, ην e ως*. Como o verso 22 termina com o dizer do Pai, quando do batismo de Jesus, fica claro que verso 23 começa outro assunto. A conjunção que fornece a transição é *και*, e não *δε*, como poderíamos esperar – vale dizer que “Jesus” continua sendo o tópico. Mas assim sendo, para que o pronome pessoal *αυτος*, e ainda por cima numa posição bastante enfática? Se o intuito do autor fosse meramente registrar Jesus como filho de José, como muitos supõem, bastaria escrever *και ο Ιησους ην υιος Ισραηλ*, etc.

Mas então, porque colocar *ως ενομιζετο*? Parece-me que o sentido normal da tradução “como se cuidava” é afirmar que Jesus era de fato filho de José; só que seria exatamente o que Jesus **não** era. Lucas já deixou mais do que claro que o Pai de Jesus era o Espírito Santo – 1.34-35, 43, 45; 2.49. Portanto entendo que Lucas está dizendo que embora o povo imaginasse ser Jesus filho de José, de fato Ele era de outra procedência – devemos traduzir “assim se supunha”. (Lembrar que uma tradução leal e fiel procura transmitir corretamente o sentido pretendido pelo autor.)

O verbo *ην* é o único verbo independente no parágrafo inteiro, versos 23-38. Estaria trabalhando com o particípio *αρχομενος* numa construção perifrástica? Parece ser a tendência do texto eclético (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos) que coloca o particípio logo após “Jesus”, mas nesse caso Jesus acaba sendo filho mesmo de José. Parece-me muito mais natural levar as frases participiais como sendo circunstanciais, a saber: “começando com cerca de trinta anos” e “sendo (assim se supunha) filho de José”. Deixando essas duas frases de lado temos *ην ο Ιησους του Ηλει*, “Jesus era de Heli”.

O particípio “começando” pede um objeto, que o Texto deixa implícito; no contexto parece certo que devemos entender “Seu ministério”, ou coisa parecida, razão pela qual as principais versões costumam acrescentar a frase.

Eu traduziria assim: “Ora Jesus, começando *seu ministério* com cerca de trinta anos, sendo (assim se supunha) filho de José, era mesmo de Heli, de Matã, de Levi,...” Então, o pronome enfático *αυτος* realça o contraste entre o que o povo imaginava e o que era de fato. Jesus era neto de Heli, o pai de Maria – Lucas dá a genealogia de Jesus através da mãe, ao passo que Mateus a dá através do pai adotivo.

O texto eclético dá uma redação diferente ao verso: *και αυτος ην Ιησους αρχομενος ωσει ετι ν τριακοντα, υ υιος, ως ενομιζετο, Ισραηλ του Ηλι του Μαθθατ του Λευι του Μελχι...* (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos). A NVI traduz assim: “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era, como se pensava, filho de José, filho de Eli, filho de Matate, filho de Levi,...” Ora, o sentido normal dessa redação é que Jesus era de fato filho de José; será que não? Mas o problema não é só da NVI; cada versão que já vi diz que José era filho de Heli, o que contradiz Mateus: “Jacó gerou José”. Atenção para a precisão de Lucas – o vocábulo ‘filho’ (sem artigo) ocorre unicamente com ‘José’, embora as versões costumem acrescentá-lo pela genealogia toda. O vocábulo não se aplica ao primeiro nome na lista, nem ao último: Heli não gerou Jesus (e nem José), e Deus não gerou Adão (criou). Lucas deliberadamente não colocou o vocábulo.

Conclusão: quando entendemos Lucas corretamente, ele não contradiz Mateus (no que diz respeito ao pai de José), e não afirma um erro de fato (no que diz respeito ao pai de Jesus).

Algumas Anomalias Relacionadas na Genealogia do Cristo segundo Mateus

O propósito de Mateus é demonstrar que Jesus, o Messias, tem o direito, segundo a lei, de sentar no trono de Davi (talvez respondendo a pergunta do próprio Jesus em Mateus

22.42). Embora a genealogia contenha muitos reis, Davi é o único a ser descrito como ‘o rei’, e duas vezes. Sendo que o trono de Davi tem a ver com o povo da aliança, e aquela aliança começou com Abraão, a genealogia também. E termina com José, o ‘pai’ de Jesus por adoção, já que Jesus não tinha qualquer gene de José.¹ Para o propósito de Mateus, era suficiente mostrar que José foi descendente linear, e legal, de Davi; o número de gerações no meio não vinha ao caso. O Evangelho de Mateus foi dirigido primariamente a uma plateia judia, a quem o direito legal era importante.

Mateus divide a sua genealogia do Cristo em três grupos de catorze ‘gerações’. Uma comparação de sua genealogia com o registro no A.T. nos ensina que a genealogia não é ‘normal’, direta — existem anomalias.² Numa tentativa de entender o propósito que jaz por detrás das anomalias, vou começar com o segundo grupo, que é composto de reis soberanos de Judá (com a possível exceção do último). Recorrendo ao A.T. descobrimos que houve dezessete reis tais, não catorze (Jeoacaz era mero ‘boneco’ do Faraó Neco durante três meses, e não vale). **Mas**, Mateus diz ‘gerações’, não reinados, e como Acazias reinou somente um ano, Amom só dois, e Abias só três, eles podem ser assimilados dentro das catorze gerações. Isso posto, no entanto, observamos em seguida que Abias e Amom são incluídos na lista, mesmo assim, ao passo que Acazias não o é, seguido por Joás e Amazias. Os três nomes excluídos formam um grupo entre Jorão e Uzias.

O verso oito diz que “Jorão gerou Uzias”, o verbo ‘gerou’ sendo o mesmo usado na genealogia inteira, mas na realidade Uzias era tataraneto de Jorão. Daí somos obrigados a entender que ‘gerou’ diz respeito a descendente linear, não necessariamente a um filho. Também percebemos que o número ‘catorze’ não está sendo utilizado num sentido estritamente literal (fosse qual fosse o propósito do autor). Também transparece que ‘geração’ não está sendo usado num sentido estritamente literal. Segue-se que estamos diante de uma genealogia editada, editada de acordo com o propósito do autor.

No intuito de entender porque o grupo de três teria sido excluído, pergunto: O que têm eles em comum? Eles tinham em comum genes de Acabe e Jezebel, bem como uma influência espiritual e moral direta. A mãe de Acazias foi Atalia, filha de Acabe e Jezebel, de sorte que 50% de seus genes vieram de Acabe. 2 Reis 8.27 diz que Acazias era genro da casa de Acabe, referindo-se à mãe de Joás, de sorte que 75% dos genes dele vieram de Acabe. Sendo que Joás casou com Joadã de Jerusalém, a contaminação em Amazias caiu para 37%, e depois em Uzias abaixo de 20%.³ É esta a minha melhor explicação para a exclusão daquele grupo; uma repreensão após o fato. (Mateus está dando uma genealogia editada do Cristo, e os genes de Acabe eram indesejáveis, decididamente.)

Vamos agora a outra anomalia: $14 \times 3 = 42$, mas encontramos somente 41 nomes. Que fazer? Começamos por observar que tanto Davi como Jeconias recebem menção em ambos os lados de uma ‘divisa’. Analisarei a segunda divisa primeiro. O verso onze diz que “Josias gerou Jeconias e seus irmãos”, passando por cima de Jeoiaquim, o pai de Jeconias. Mas segundo o Registro, foi Jeoiaquim que teve ‘irmãos’, e não Jeconias. Sendo que

¹ De fato, não podia, devido às profecias em Jeremias 22.30 e 36.30, onde tanto Jeconias como Jeoiaquim são amaldiçoados. Contudo, Jesus recebeu genes de Davi através de Maria (ver o quinto item neste apêndice).

² Creio que Mateus compôs seu Evangelho debaixo de direção divina, que me leva à conclusão que as anomalias são propositadas, da parte de Deus. Por tanto, minha tentativa de desvendar as anomalias procura entender o propósito do Espírito Santo ao introduzi-las no registro.

³ Foi Dr. Floyd N. Jones que me levou a desenvolver esta abordagem (*Chronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, KingsWord Press, 1999, pp. 38-42).

precisamos do Jeconias verdadeiro no terceiro grupo para completar catorze nomes, colo-
co Jeconias no terceiro grupo – contando tanto Jeconias como Cristo temos catorze
nomes.¹

Mas por que teria Jeoiaquim sido omitido? Até onde sei, ele é o único rei que teve a
perversidade de cortar em pedaços um rolo contendo Palavra de Deus, e ainda jogar no
fogo, Jeremias 36.23; e a maldição que segue no verso 30 é declarada como consequência
daquele ato. Se colocamos Davi no segundo grupo, Jeoiaquim faria quinze. Mas sem Je-
oiaquim precisamos de Davi no segundo grupo para perfazer catorze. Mas aí surge outra
dificuldade: precisamos de Davi também no primeiro grupo, para ter catorze nomes. Por
causa dos “irmãos”, entendo que o ‘Jeconias’ antes do cativo em verdade representa
Jeoiaquim, cujo nome foi omitido devido a seu crime hediondo de destruir o Rolo. Assim
sendo, temos catorze nomes sem Davi, e ele pode ser contabilizado no primeiro grupo.

Se o segundo grupo é composto de reis soberanos,² o primeiro é de patriarcas. Atos 2.29
chama Davi de ‘patriarca’, e portanto ele não pode ser desqualificado por isso, mas natu-
ralmente é muito mais conhecido como rei — aliás, ele é expressamente chamado de rei
na genealogia (o único assim). Embora Davi possa ser tanto patriarca como rei, ele não
pode ser duas pessoas, e nem duas gerações. Daí, não gosto da proposta que ele deve
ser colocado como pessoa em ambos os grupos — não devemos nem dividi-lo ao meio,
nem duplicá-lo. Ao meu ver, ele ficaria melhor no segundo grupo, mas com isso só restari-
am treze para o primeiro. Portanto, provisoriamente, vou colocar Davi no primeiro
grupo, perfazendo catorze. Como Davi é utilizado como a primeira ‘divisa’, e como o pro-
pósito da genealogia é estabelecer o direito de Jesus ao trono de Davi, o nome de Davi é
repetido, mas não o contabilizo no segundo grupo.

Que entrem em cena Raabe e Rute (e se quatro pessoas foram omitidas no segundo gru-
po, por que não poderiam algumas serem omitidas também do primeiro?). Passaram 340
anos entre a morte de Josué e o nascimento de Davi, e Salmom casou com Raabe en-
quanto Josué ainda vivia, presumivelmente. Mas com isso Boaz, Obede e Jessé, todos os
três, seriam obrigados a procriar aos 100 anos de idade, mais ou menos (talvez não im-
possível, mas certamente improvável). Mas, e se 'gerou' está sendo usado para neto,
como já vimos? (Josias gerou ‘Jeconias’, sem menção de Jeoiaquim.) Se os genes de Atalia
foram o suficiente para desqualificar Acazias, que dizer dos genes de Raabe? Ela nem era
israelita, e pior, era prostituta. Ora, a Lei diz coisas um tanto severas a respeito de pros-
tituta.³ “Não trará o salário de prostituta nem o preço de catamita à casa do SENHOR teu
Deus... porque ambos são abominação ao SENHOR teu Deus” (Deuteronômio 23.18). Se
um sacerdote fosse casar com uma prostituta iria profanar sua descendência (Levítico
21.13-15), e que dizer então de um ancestral do Messias? Claro que uma prostituta pode
ser salva, mas porque foi ela sequer mencionada? E porque foram mencionadas Tamar,
Rute, e a mulher de Urias? Normalmente mulheres não foram mencionadas nas
genealogias.⁴

¹ Depois, se quatro pessoas foram omitidas do segundo grupo, outros possivelmente foram omitidos do
terceiro, mas não temos como saber, e de qualquer maneira, não faria diferença para o propósito da
genealogia.

² Embora Jeoiaquim começasse como vassalo de Neco, depois da derrota do Egito por Babilônia ele ficou
sem ‘dono’ por algum tempo, até ser conquistado por Nabucodonosor.

³ Contudo, “a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (João 1.17). Sendo esta
uma genealogia editada do Messias, pode ser que Raabe, e as outras mulheres, foram incluídas para
ênfatizar a graça do Messias.

⁴ Nenhuma das mães decentes, honestas, honradas, responsáveis recebe menção, só ‘exceções’.

Agora pensemos em Rute. Ela era moabita, e segundo Deuteronômio 23.3 moabita não podia entrar na congregação do SENHOR até a décima geração. [Tenho como exemplo estarredor da graça de Deus que ela tenha sido incluída na linha do Messias.] Ela abraçou o Deus de Noemi, mas e os genes dela? 'Dez gerações' tem a ver com genes, não conversão espiritual. Moabe foi filho de Ló, e o primeiro 'moabita' seria seu filho; provavelmente um contemporâneo de Jacó. De Jacó a Salmom temos sete gerações, certamente menos que dez, de sorte que Rute não podia entrar. Poderia ser possível que Raabe e Rute representam uma geração omitida, cada uma? Poderia ser por isso que recebem menção?¹ Se dividirmos 300 anos por cinco (em vez de três), então em média a idade de procriação seria 60 anos, bem dentro do razoável (e se mais que duas gerações foram omitidas, a média seria reduzida ainda mais). Repito que esta não é uma genealogia 'normal'. Para que queria Mateus três grupos 'iguais', e porque 'catorze'? Talvez por razões estilísticas (simetria, equilíbrio) e mnemônicas. Contudo, a minha preocupação foi tratar possíveis erros de fato, assim percebidos, que um Texto inspirado não deve ter.

Concluindo: Mateus nos dá uma genealogia editada do Messias. Se por um lado ela enfatiza a graça do Messias, por outro lado reflete a santidade dEle — Ele não pode passar por cima de pecado e suas conseqüências (essa santidade é responsável pela exclusão dos quatro nomes no segundo grupo). Se as quatro mulheres foram incluídas para mostrar a graça do Messias, é também verdade que as conseqüências do pecado não são escondidas — a quarta é simplesmente 'a mulher de Urias' (não 'viúva', embora Salomão fosse concebido após o assassinato de Urias — Davi não casou com viúva, roubou a mulher do outro).

Aonde fica o monte Sinai?

Em Gálatas 4.25 Paulo diz que o monte Sinai fica na Arábia. Embora não saibamos a exata definição que Paulo daria a 'Arábia', o que consta em praticamente todos os mapas como sendo o monte Sinai, na península do mesmo nome, não deve ser o verdadeiro. Senão, vejamos: Quando Moisés fugiu de Faraó ele parou em Midiã (Êxodo 2.15). Midiã fica do lado leste do golfo de Aqaba, a 'orelha de coelho' leste do mar Vermelho, na Arábia Saudita dos nossos dias. Midiã nunca fez parte da península entre os dois golfos. Foi em "Horebe, o monte de Deus" que Moisés viu a 'sarça ardente' (Êxodo 3.1), e no verso 12 Deus disse a ele: "Quando houveres tirado este povo do Egito, servireis a Deus neste monte". O monte Horebe sempre se situou em Midiã. Prosseguindo com a comissão que está dando a Moisés, Deus especifica "caminho de três dias para o deserto" (verso 18). Segundo Êxodo 4.27 Arão encontrou Moisés "no monte de Deus" (Horebe, em Midiã), e foram juntos ao Egito.

Quando o povo deixou o Egito, Deus o conduziu numa marcha forçada; observar o "para que caminhassem de dia e de noite" (Êxodo 13.21). Com três dias de marcha forçada (Êxodo 3.18) estariam perto de Ezion-Geber (o Eilat de hoje), e com mais dois dias estariam bem dentro de Midiã. Mas aí Deus mandou que "voltassem" e "acampassem à beira-mar, defronte de Baal-Zefom" (Êxodo 14.2). Para fazerem isso tinham de deixar a rota estabelecida entre Egito e Arábia e caminhar ao sul, deserto adentro; e foi exatamente esse procedimento que levou Faraó a concluir que estavam confusos e perdidos (obviamente ele teria espiões seguindo a multidão, muito bem

¹ Tamar sofreu uma injustiça severa, e o pecado de Davi com Bate-Seba foi de uma perversidade incommum (assassinato covarde), mas Raabe provavelmente foi vítima das circunstâncias, e Rute certamente não tinha culpa de ter nascido moabita.

montados, para o manterem informado). Teria sido simplesmente impossível que eles se perdessem entre Gósen e o golfo de Suez (o braço oeste do mar Vermelho), mas é o que são obrigados a alegar os que colocam o monte Sinai na península que ora leva seu nome – uma estupidez patente. No decorrer das décadas e dos séculos os israelitas teriam explorado e caçado por toda aquela área, e seria bem conhecida por eles. (E para que os carros de guerra? Faraó poderia tê-los cercado com soldados a pé.)

Deus os levou por uma ravina chamada 'Wadi Watir' que sai numa praia surpreendentemente grande chamada 'Nuweiba' (e é a única praia no golfo de Aqaba com tamanho adequado para comportar aquela multidão de pessoas e animais, de longe). A maior parte daquele golfo tem muitos metros de profundidade, e é beirado por precipícios, mas precisamente em Nuweiba há uma ponte de terra pertinho da superfície que vai de lado a lado, a largura do golfo ali sendo de uns 15 km. A largura da 'ponte' é de várias centenas de metros, de sorte que houve uma 'estrada' ampla para a travessia. A ravina que desemboca em Nuweiba é estreita, com lados íngremes, de sorte que quando Deus moveu o pilar de nuvem para a 'boca' da ravina, Faraó e seus carros ficaram bloqueados. Não podiam passar pelo pilar, e não podiam subir os lados com carros, e com mais de 600 carros numa ravina estreita, imaginem só o engarrafamento (e os cavalos inconformados!) – certamente foi uma confusão como poucas. Entendo que Deus deve ter removido o pilar de nuvem enquanto uma parte da multidão ainda estava atravessando, para encorajar Faraó a seguir atrás. O resto da história conhecemos.

Obviamente Deus fez tudo isso de propósito, e esse propósito deve ter sido destruir o exército egípcio para não representar uma ameaça a Israel nos primeiros anos na terra prometida.

Em nossos dias artefatos dos carros foram descobertos naquela ponte de terra. O nome dado ao possível Horebe verdadeiro pelo governo saudita é 'el Lowz'. De qualquer maneira, o monte Sinai verdadeiro fica em Midiã, e não na península entre os dois golfos. A localização na península torna o relato bíblico do êxodo insustentável, ridículo.

Cainã #2 – Lucas 3.36 X Gênesis 11.12.

“De Serugue, de Ragaú, de Faleque, de Eber, de Salá,³⁶ de Cainã, de Arfaxade, de Sem, de Noé, de Lameque.”

Existem algumas variações de grafia que juntas são atestadas por quase 1% dos manuscritos gregos; 99% têm *Καϊναβ*. Até onde sabemos, somente dois omitem o nome, P^{75v} e D, mas nenhum texto impresso segue esses dois. De sorte que não existe dúvida razoável de que Lucas de fato escreveu que Selá foi gerado por Cainã, e não por Arfaxade. Este Cainã tem sido largamente usado para justificar tratar as genealogias em Gênesis como sendo 'acordeões' – se um nome foi demonstradamente omitido do registro em Gênesis, então ninguém sabe quantos outros também podem ter sido omitidos. Este Cainã é também usado para negar a validade de construir uma cronologia exata baseada nas idades dadas nas genealogias.

Mas aonde encontrou Lucas esta informação? A LXX que conhecemos contém Cainã em Gênesis 11.12, mas difere tanto do Texto massorético que parece ficção. Lembrar que a

Septuaginta que conhecemos é baseada nos códices *Vaticanus*, *Sinaíticus* e *Alexandrinus*, produzidos séculos após Lucas. É mais provável que a nossa LXX seja baseada em Lucas do que o contrário. Pois então, aonde Lucas o encontrou? Entendo que Lucas obteve a informação sobre este Cainã a partir de documentos que existiam no tempo dele, e sendo informação correta o Espírito Santo o levou a incluí-la no seu Evangelho. Assim como Judas, que citou Enoque – a profecia de Enoque certamente existiu no tempo de Judas, mas atualmente não dispomos de cópia em hebraico (consta que a comunidade judaica tinha uma no século 13 d.C.); da mesma forma não dispomos de cópia da fonte usada por Lucas.

Esta nota foi inspirada pela discussão do assunto dada pelo Dr. Floyd N. Jones no seu livro, *Chronology of the Old Testament*.¹ (Este livro chega perto de solucionar todas as discrepâncias numéricas, assim alegadas, no A.T., pelo menos ao meu ver.) Contudo, a explicação que segue originou comigo. Então, vamos rever a exata redação de Gênesis 11.12-13. “Viveu Arfaxade trinta e cinco anos e gerou a Selá. E viveu Arfaxade depois que gerou a Selá, quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas.”

O verbo ‘gerou’ requer que Selá seja descendente sanguíneo de Arfaxade, não adotado. Ele poderia ser um neto, o filho do filho de Arfaxade, ou até um bisneto, exceto que neste caso o intervalo de tempo só tem espaço para uma geração no meio. O sentido claro da fórmula no Texto, ‘W viveu X anos e gerou Y; depois de W gerar Y ele viveu Z anos’, é que W tinha X anos quando Y nasceu; será que não?² Entendo que o sentido claro do Texto hebraico é que Arfaxade tinha 35 anos quando Selá nasceu, seja qual for a solução que dermos a ‘Cainã’.

Vamos ver se conseguimos imaginar a situação nos anos imediatamente após o Dilúvio. Após o Dilúvio a prioridade máxima era encher a terra. Aliás, a ordem divina foi exatamente essa: “Frutificai e multiplicai-vos” (Gênesis 9.1). Pois então, com quem poderiam os netos de Noé casar? Obviamente com suas primas, as netas de Noé. Haveria urgência para reproduzir – assim, as meninas seriam dadas em casamento assim que alcançassem a puberdade, e os meninos semelhantemente. As mulheres estariam dando à luz com a frequência possível. Certamente, a prioridade máxima seria a de aumentar o número de pessoas, em absoluto.

Arfaxade nasceu dois anos após o Dilúvio, mas a sua mulher poderia ter nascido um pouco antes do que ele. (O Texto Sagrado é claro no sentido de que somente oito almas entraram na arca, mas durante o ano lá dentro algumas das mulheres poderiam ter ficado grávidas.) Assim, seria possível que Arfaxade gerasse Cainã #2 quando tinha 17/18 anos. Assim também, seria possível que Cainã #2 gerasse Selá quando tinha 17/18 anos. Desta maneira seria possível dizer que Arfaxade ‘gerou’ Selá quando tinha 35 anos. Cainã #2 poderia ter morrido cedo, ou poderia ter sido ‘pulado’ em Gênesis porque o intervalo de tempo não condizia com uma ‘geração’, ou ambos. Por outro lado, depois que as coisas voltaram ao normal, em termos culturais, a pressa com que Arfaxade e Cainã #2 procriaram talvez tenha sido avaliada como inapropriada. O expediente de omitir Cainã #2 tornaria o registro mais ‘normal’, enquanto preservando exatidão quanto ao intervalo de anos.

¹ *Chronology of the Old Testament: a Return to the Basics* (Floyd Nolan Jones, the Woodlands, TX: KingsWord Press, 1999, pp. 29-36. (Esta é a décima-quarta edição, revisada e ampliada – a primeira saiu em 1993.)

² Segue-se que esta fórmula acaba com a jogada ‘acordeão’. Houve precisamente 130 anos entre Adão e Sete, 105 entre Sete e Enos, 90 entre Enos e Cainã #1, e assim por diante.

Mas Lucas estaria certo ao escrever que Selá era “de” Cainã, que era “de” Arfaxade. Selá era neto de Arfaxade. Em todo caso, a linha messiânica passou por Selá. Sem o registro de Lucas eu, pelo menos, nunca teria parado para considerar como foi a situação logo após o Dilúvio – a prioridade máxima tinha de ser aumentar o número de seres humanos.

‘Profetas’ em Mateus 2.23

“E chegando, estabeleceu-se numa cidade chamada Natsaré [Vila Renovo]; para que se cumprisse o que foi falado através dos profetas, que Ele seria chamado Natsoreano [homem-Renovo].”

A dificuldade é que as versões principais (se não todas elas), quer em português, quer em inglês, trazem o nome do lugar escrito com ‘z’, ‘Nazaré’ e ‘Nazareno’ (‘Nazareth’, ‘Nazarene’), e o equivalente de ‘z’ em hebraico é *zayin* – só que escrito dessa forma não há menção no A.T. E agora, Mateus ‘pisou na bola’ ao dizer que “foi falado através dos profetas”? Como ‘profetas’ é plural, devemos achar mais que um. Curiosamente, o problema foi criado pelas diferenças que existem entre os alfabetos – hebraico, grego, inglês, português. Senão, vejamos.

Sabemos por Lucas que José era de Natsaré – sua casa e empresa estariam a sua espera (embora o tempo de sua ausência foi de algum tamanho). O nome da cidade em hebraico é baseado nas consoantes נ צ ר (*resh, tsadde, nun*), mas como o hebraico se lê da direita para a esquerda, para nós a seqüência se inverte = **n, ts, r**. Esta raiz consonantal significa ‘renovo’. O alfabeto grego tem o equivalente de ‘ps’ e ‘ks’, mas não de ‘ts’, de sorte que a transliteração utilizou um ‘dz’ (*zeta*), que é o equivalente sonoro de ‘ts’. Mas quando o grego foi transliterado para português (e inglês) foi utilizado ‘z’! Mas hebraico tem um ‘z’, ט (*zayin*); daí ao transliterar de volta ao hebraico, o pessoal presumiu as consoantes נ צ ר, trocando o certo *tsadde* por *zayin*. Esta informação técnica fornece pano de fundo para o que segue.

Nem ‘Nazaré’ nem ‘Nazareno’, escrito com *zayin*, se encontra no A.T., mas há uma referência profética ao Messias como Renovo, *netser* – Isaias 11.1 – e várias à palavra sinônima *tsemach* – Isaias 4.2; Jeremias 23.5, 33.15; Zacarias 3.8, 6.12. Assim, Mateus tem razão – os profetas (plural, sendo pelo menos três) referiram-se ao Cristo como o Renovo. Já que Jesus era homem, Ele seria o ‘homem-Renovo’, da ‘Vila Renovo’.

Agora é a vez da palavra ‘Natsoreano’. O conhecido ‘Nazareno’ (Ναζαρηνοϛ) [Natsareno] ocorre em Marcos 1.24, 14.67, 16.6 e Lucas 4.34, mas aqui em Mateus 2.23 e em catorze lugares outros, inclusive Atos 22.8 onde o Jesus glorificado assim se autodenomina, a palavra é ‘Natsoreano’ (Ναζωραιοϛ), que é diferente. (Aliás, em Atos 22.8 o Jesus glorificado se apresentou a Saulo como ‘o Natsoreano’, que um fariseu rigoroso, que nem Saulo, entenderia como uma referência ao Messias, o Renovo de Davi.) Entendo que a Natsaré do tempo de Jesus tinha uns cem anos de idade, tendo sido fundada por uma família Renovo, que a chamou Vila Renovo; estavam bem cientes das profecias a respeito do Renovo e alimentavam a esperança de que o Messias nasceria entre eles – eles se diziam povo-Renovo (Natsoreanos). Já os outros achavam uma piada, chegando ao ponto de desprezá-los, inclusive. “Pode vir alguma coisa boa...?”

Neste caso, a dificuldade é resultado de fonologias diferentes; os sons de hebraico não são os mesmos que os de grego, nem os de português. Como nomes próprios muitas vezes são meramente transliterados, como neste caso, e um tradutor costuma seguir a fonologia do idioma alvo, o que aconteceu aqui foi ‘normal’, sem malícia. Nem teria resultado numa ‘dificuldade’ se Mateus não tivesse citado ‘os profetas’. É a transliteração

falsa, indo de volta ao hebraico, quer do grego, quer do português, que cria a dificuldade aparente.

Quem comprou o que de quem? – Atos 7.15-16 X Gênesis 23.17

Atos 7.15-16 – "Jacó desceu ao Egito, e morreu, ele e nossos pais; e foram transferidos para Siquém, e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor, de Siquém."

Quando comparamos este texto com os textos relevantes em Gênesis parece estarmos diante de algumas discrepâncias. Quem comprou o que, de quem, e aonde? Gênesis 33.19 nos informa que Jacó comprou uma área de Hamor, em Siquém. Por outro lado, Gênesis 23.16-20 explica que Abraão comprou uma área de Efrom, em Hebrom. A cova de Macpela foi a sepultura de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e Jacó e Lia, pois Jacó fez questão de ser sepultado ali, e foi (Gênesis 49.29-30; 50.13). Voltando a Atos 7, foi "nossos pais" que foram levados a Siquém, não Jacó.

Mas quando foi que Abraão comprou qualquer coisa em Siquém? A resposta deve estar em Gênesis 12.6-7. Abraão parou em Siquém e levantou um altar. Construir num terreno que pertencia a outro, e esse outro vendo tudo, não iria dar certo. Podemos deduzir, sem muito medo de errar, que Abraão comprou um terreno "aos filhos de Hamor, de Siquém". O Hamor no tempo de Jacó seria descendente do Hamor no tempo de Abraão, tranquilamente. Gênesis 14.14 diz que Abraão "armou os seus criados, nascidos em sua casa, trezentos e dezoito". Ora, Abraão tinha **muita** gente com ele, e alguém deve ter morrido enquanto ele estava parado em Siquém. Daí ele teve de comprar uma área para cemitério. Certamente esta informação estava disponível a Estêvão em documento extra bíblico.

Voltando a Gênesis 33.19, é possível que Jacó tenha comprado uma área maior em torno da área comprada por Abraão. Mas porque os filhos de Jacó foram todos sepultados em Siquém? A resposta está em Gênesis 34.27-29. É que os filhos de Jacó mataram todos os homens de Siquém, saquearam tudo, mas ficaram com as crianças e as mulheres. E fizeram o que com as mulheres? Certamente casaram com elas; foi ali que encontraram mulher para tantos homens. Siquém sendo a fonte de sua riqueza e suas mulheres, seria natural que fossem sepultados ali. Inclusive, Josué 24.32 diz explicitamente que os ossos de José foram sepultados em Siquém.

Conclusão: não há discrepância. Tanto Abraão como Jacó compraram terreno em Siquém. Foram os filhos de Jacó que foram ali sepultados, não Jacó.

Betsaida, ou Tiberíades?

A questão em pauta é: qual foi mesmo o lugar onde a multiplicação dos cinco pães aconteceu? Mateus 14.13 e Marcos 6.32 meramente dizem que foi num lugar deserto, sem identificação. Mas Lucas 9.10 diz que foi num "lugar deserto pertencente a uma vila chamada Betsaida",¹ ao passo que João 6.23 nos informa que o lugar ficava perto da vila

¹ Calamitosamente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo meramente 0,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, diz que eles foram "a uma vila chamada Betsaida". Isto é uma perversidade óbvia, porque dois versos depois o mesmo texto diz que eles estavam num lugar deserto. Dessa forma, os redatores desse texto fazem Lucas se contradizer, ao mesmo tempo contradizendo os

Tiberíades. Bem, Tiberíades se localizava no lado oeste do Mar, talvez três quilômetros acima do lugar onde o Rio Jordão sai. Mas Betsaida ficava ao norte do Mar, um pouco para o leste do lugar onde o Rio Jordão entra. E agora?

Podemos deduzir a partir de Marcos 6.31 e João 6.17 e 24 que Jesus e Seus discípulos partiram de Capernaum, onde Jesus tinha Sua base de operações. Acontece que Capernaum, assim como Betsaida, ficava ao norte do Mar, mas um pouco para o oeste do lugar onde o Rio Jordão entra. Para ir de barco entre Capernaum e Betsaida, o barco estaria sempre perto da orla. Mas João 6.1 diz que Jesus “atravessou o Mar da Galileia”, o que combina melhor com Tiberíades, já que existe uma baía grande entre Capernaum e Tiberíades, embora ambos ficavam no lado oeste do Mar – quer dizer, eles atravessaram uns quinze quilômetros de água. Mas, após o ‘banquete’, Mateus 14.22 diz que foram de barco “para o outro lado”, e o verso 24 os coloca “no meio do Mar”; ao passo que Marcos 6.45 diz que foram de barco “para o outro lado, a Betsaida”, e o verso 47 também os coloca “no meio do Mar”; já João 6.17 diz que “começaram a atravessar o Mar em direção a Capernaum”, e o verso 19 diz que “tinham remado entre cinco e sete quilômetros”.

Ora, ficar perto da orla é uma coisa, atravessar o Mar é outra. Além disso, se já estavam perto de Betsaida, ou mesmo lá, como poderiam atravessar o Mar para lá chegar (Mateus 6.45)? Fica claro que o milagre aconteceu de fato perto de Tiberíades, como João afirma. Mas isso levanta outra dificuldade: como poderia uma propriedade perto de Tiberíades ‘pertencer’ a Betsaida (Lucas 9.10)? Ou tinha sido transferida por escritura à vila, de alguma forma, ou, o que me parece mais provável, pertencia a uma família radicada em Betsaida. Minha observação se baseia no Texto.

João 6.17 diz que eles “começaram em direção a Capernaum”, ao passo que Marcos 6.45 diz que eles foram “a Betsaida”. Já que as duas vilas se separam por uma distância pequena, no começo da travessia a direção seria praticamente a mesma. Entendo que eles foram de fato a Betsaida, mas ficaram muito pouco tempo ali, prosseguindo diretamente a Genesaré. Aliás, no dia depois do milagre Jesus já estava de volta em Capernaum (João 6.24-25). Mas por que será que eles fizeram aquele desvio a Betsaida (Genesaré fica um pouco para o sul de Capernaum)? Eu imagino o seguinte: uma propriedade perto de Tiberíades, mas pertencendo a alguém em Betsaida, provavelmente seria deserta, um ótimo lugar para um piquenique. Suponho que Jesus tinha autorização para fazer uso do lugar, quando queria fugir da multidão, mas ninguém podia antever uma multidão de talvez 15.000 pessoas (5.000 homens, além de mulheres e crianças). Favor de desculpar a observação desagradável, mas que efeito teria uma tamanha multidão na higiene e na aparência do lugar? Deduzo que Jesus se sentiu na obrigação de dar uma explicação ao dono, em Betsaida.

Já que estamos aqui, permitam-me convidar atenção para outro milagre que Jesus fez, que não se encontra nas listas costumeiras. Como já notamos, Mateus 14.24 e Marcos 6.46 dizem que os discípulos estavam no meio do Mar, mas João 6.19 é mais preciso, dizendo que eles tinham percorrido talvez sete quilômetros. Ora, acontece que uma travessia entre Tiberíades e Betsaida representa em torno de treze quilômetros. Agora, atenção para João 6.21, “Então eles queriam recebê-lo no barco, e imediatamente o barco estava na terra para a qual estavam indo”. Se a distância total foi de treze quilômetros, e só tinham percorrido a metade, então Jesus transportou o barco 6 a 7 quilômetros instantaneamente. Ora vejam, isso não deixa de ser um milagre de tamanho respeitável:

outros três Evangelhos, já que todos concordam em que o lugar era deserto. Lamentavelmente, esta perversidade é reproduzida em NVI, LH e ARA, entre outras.

transportar um barco seis quilômetros num instante! Provavelmente você não achará este milagre em qualquer lista de milagres por aí, porque poucas pessoas se dão ao trabalho de examinar o Texto Sagrado minuciosamente.

A Legião – onde foi?

Primeiro temos de colocar a evidência dos manuscritos gregos. Encontramos o relato em três dos Evangelhos.

Mateus 8.28: γεργεσηνων 98% (guerguessenos) Fiel
γαδαρηνων 2% (gadarenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: “Alguns manuscritos trazem *gergesenos*, outros dizem *geresenos*”. [Por “alguns” a NVI quer dizer uns 1.700, por “outros” ela quer dizer zero! Já a leitura escolhida por ela tem o apoio de uns 30, talvez.]

Marcos 5.1: γαδαρηνων 95,5% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 4,1% (guerguessenos)
γερασηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: “Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros dizem *gergesenos*”.

Lucas 8.26: γαδαρηνων 97% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 2% (guerguessenos)
γερασηνω 0,3% (guerassenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: “Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros manuscritos dizem *gergesenos*, também no versículo 37”.

Lucas 8.37: γαδαρηνων 96% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 3,5% (guerguessenos)
γερασηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, ARA, Cont, etc.

Vou começar com Marcos. Jesus chega à região/área (não 'província') dos gadarenos. Gadara era a cidade capital da província romana de Perara, e distava uns 10 km da orla do lago. Como Marcos escreveu para um público romano, sua descrição é perfeitamente lógica. Lamentavelmente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo três manuscritos gregos de qualidade objetivamente inferior, coloca ‘guerassenos’, em vez de ‘gadarenos’, e é seguido por NVI, etc. A nota da NVI é desonesta: utilizar o vocábulo ‘alguns’ para descrever 1.700 manuscritos contra três é um uso desonesto do idioma nacional. Utilizar ‘outros’ para descrever uns 60 é aceitável.

Lucas também diz que Jesus chegou à terra/região dos gadarenos; como ele escreveu para um público grego, segue o exemplo de Marcos. Novamente a NVI tem uma nota desonesta, como em Marcos. É mais provável que ‘Guerassa’ seja uma ficção, um suposto lugar inexistente. Por outro lado, ‘Guerguessa’ certamente existiu, embora não saibamos mais a exata localização dela. Como vou explicar ao considerar Mateus, parece-me certo que era um povoado perto do lugar onde Jesus desembarcou.

É Mateus que muda de ‘gadarenos’ para ‘guerguessenos’, pois ele escreveu para um público judeu — os moradores da Galiléia teriam conhecimento de Guerguessa. O texto grego eclético ora em voga perversamente coloca ‘gadarenos’, seguindo talvez 30 manuscritos gregos contra 1,700. Novamente a nota da NVI é desonesta. O vocábulo grego comumente traduzido como ‘cidade’ também pode dizer respeito a vila ou povoado. Pensando um pouco, deve ser óbvio que os porqueros não correram 10 km até Gadara;

simplesmente não havia tempo suficiente para isso; mesmo porque o povão não iria correr 10 km para ver o acontecido. Certamente Guerguessa era um povoado mais ou menos perto, talvez dentro de um km. Aí daria para os porquinhos correr, contar, e trazer o povão de volta.

Mudando de assunto, é notório que Mateus diz que eram dois homens demonizados, ao passo que Marcos e Lucas mencionam um. Mateus, contador, primava por exatidão numérica; já os outros se limitaram a comentar o indivíduo que se destacou, inclusive pedindo para acompanhar Jesus. Nem Marcos e nem Lucas diz que era somente um demonizado; aliás, eles não utilizam o número 'um'. Então devemos entender que de fato havia dois demonizados no lugar. O homem que tinha o demônio chefe era o mais importante dos dois, e sendo que Jesus só lidou com o demônio chefe, o segundo homem era irrelevante para o relato.

Fel, ou mirra? – Mateus 27.34 X Marcos 15.23

Em Mateus 27.34 lemos assim: “deram-lhe para beber vinho azedo misturado com fel”. Que Marcos utiliza um termo genérico, ‘vinho’, no lugar do mais preciso ‘vinho azedo’ (ou ‘vinagre de vinho’), não precisa nos deter. Mas qual foi a mistura? Marcos diz que foi mirra. Ora, fel é uma coisa, uma substância animal, e mirra é outra, uma substância vegetal; foi uma das duas, mas qual? Poderia Mateus ter sido influenciado por Salmo 69.21? “Também me deram fel dentro de minha comida, e para minha sede me deram vinagre para beber.” (Mateus escreveu para um público judeu, e parece ter citado profecia cumprida, sempre que podia.) Mais ‘ao caso’, talvez, é Atos 8.23, onde Pedro diz a Simão (o ex-feiticeiro), “pois eu vejo que você está dentro de um fel de amargura” (assim no Texto grego). Parece que ‘fel’ era utilizado como um termo genérico para qualquer substância amarga. Deduzo que Mateus, talvez influenciado por Salmo 69.21, utilizou o termo genérico. Com isso entendo que a exata substância utilizada foi mirra, como Marcos escreveu.

Jeremias? – Mateus 27.9-10

Mateus 27.9-10 versa assim: “Então se cumpriu o que tinha sido falado através do profeta Jeremias, a saber: ‘E tomaram as trinta moedas de prata, o valor daquele que foi avaliado, que alguns dos filhos de Israel avaliaram, e as deram pelo campo do oleiro, como o Senhor me determinou”. A dificuldade surge quando procuramos este material no nosso Jeremias canônico. Notas de rodapé nos encaminham a Jeremias 32.6-9, ou 18.1-4, ou 19.1-3, mas chegando lá, esses textos simplesmente não batem. Zacarias 11.12-13 se aproxima, grosso modo, mas não é exato – e obviamente Zacarias não é Jeremias. Parece que existem manuscritos hebraicos que iniciam o rolo dos profetas com Jeremias, e já houve quem argumentasse que Mateus utilizou o nome ‘Jeremias’ para dizer respeito ao conteúdo do rolo inteiro.

Imagino que poderia ser possível, mas acho mais convincente apelar para Daniel 9.2: “No primeiro ano do seu reinado [Dario] eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos especificado pela palavra do SENHOR através de Jeremias o profeta...” Notar que ‘livros’ é plural. Por que deveria alguém imaginar que homens como Jeremias, ou Isaías, escreveram apenas o que está em nosso cânon? (Eu mesmo já escrevi muita coisa que nunca chegou a ser publicado.) Daniel claramente escreveu ‘livros’, presumivelmente se referindo a Jeremias. Concluo que tais escritos extra canônicos ainda eram conhecidos no tempo de Mateus, e que Mateus cita um deles. Temos o exemplo de Judas, que no verso 14 cita uma profecia de Enoque – evidentemente ele tinha acesso a uma cópia no tempo dele, embora hoje não exista cópia conhecida em hebraico. É verdade também

que Mateus colocou “falado”, em vez de ‘escrito’, embora não se possa insistir na diferença.

Quem disse o que? – Mateus 27.48-49 X Marcos 15.36 X João 19.29-30 (Lucas 23.36)

Entendo que a ação descrita em João 19.29, bem como em Lucas 23.36, foi feita por soldados, e não deve ser confundido com o caso registrado por Mateus e Marcos, embora todos os quatro falem de oferecer vinho azedo a Jesus (sendo que Jesus ficou na cruz durante umas seis horas, houve tempo para beber várias vezes). A discrepância aparente que quero analisar está em Mateus e Marcos. Em Mateus 27.48-49 lemos assim: “Em seguida um deles correu e pegou uma esponja, embebeu-a em vinho azedo, colocou-a numa cana, e começou a dar-lhe de beber. Mas os outros disseram: ‘Pare! Vejamos se Elias vem salvá-lo.’ Um só homem oferece a bebida, mas os outros dizem, “Pare!...” E em Marcos 15.36 lemos: “Então alguém correu e embebeu uma esponja em vinho azedo, colocou-a numa cana, e a ofereceu a Ele para beber, dizendo, “Parem vocês!...” Um só homem oferece a bebida, e ele diz, “Parem vocês!...” Não viria me surpreender se o homem aqui foi o próprio João Marcos. Mas quem quer que fosse, se ele conhecia hebraico ele sabia perfeitamente bem que Jesus não chamou Elias; foi por isso que ele disse “Parem vocês!” e repetiu o resto do dizer dos outros de forma sarcástica, com desgosto. Então, Mateus e Marcos registram partes diferentes da totalidade do incidente. Nego qualquer discrepância.

Entrando, ou saindo, de Jericó? – Lucas 18.35 X Marcos 10.46 X Mateus 20.29-30

Lucas 18.35 e 19.1 deixam claro que o episódio do cego aconteceu antes de entrar em Jericó (Lucas só menciona um cego, mas não diz que era só um). Marcos 10.46 deixa claro que o episódio do cego Bartimeu aconteceu depois de sair de Jericó (Marcos dá nome ao cego, menciona só ele, mas não diz que era só um). Já Mateus 20.29-30 deixa claro que o episódio aconteceu depois de sair de Jericó, só que agora são dois cegos.

Ora, ora, entrar é uma coisa e sair é outra – como então, qual foi? Por estranho que possa parecer, foi ambos! A Jericó que Josué destruiu havia sido reconstruída (pelo menos em parte), e era habitada. Mas no tempo de Jesus, Herodes tinha construído uma nova Jericó, distante talvez um quilómetro da primeira, também habitada. Pois bem, aonde iria um mendigo inteligente se postar? Presumivelmente entre as duas cidades. Entendo que todos os três casos relatados em pauta ocorreram entre as duas cidades; Jesus estava saindo da velha e entrando na nova. Não há discrepância. Acho provável que Lucas e Marcos relatem o mesmo caso, só que Marcos dá nome ao cego.

Mas, e Mateus? Embora tenha sido comum supor que os três relatos digam respeito a um só caso, duvido. Além de afirmar que eram dois, Mateus diz que Jesus “tocou-lhes os olhos”, ao passo que em Lucas e Marcos ele apenas falou. Acho perfeitamente provável que tenha havido mais que um mendigo ao lado daquela estrada (ligando as cidades), e qualquer gritaria seria ouvida de longe. Entendo que Mateus registra um segundo caso – Bartimeu foi curado primeiro, mas ele gritou tão alto que os dois ouviram tudo e sabiam como fazer quando chegou a vez deles.

“Este é” ou “Tu és”? – Mateus 3.17 X Marcos 1.11, Lucas 3.22

Todas as versões traduzem corretamente o Texto grego nesses três versos, quanto ao dizer da Voz. Mateus 3.17 diz, “Este é o meu Filho amado”, ao passo que Marcos 1.11 e

Lucas 3.22 concordam em dizer, “Tu és o meu Filho amado”. E agora, o que foi que a Voz disse? Entendo que o quadro aqui é semelhante ao quadro no dia de Pentecostes – havia mais línguas a serem faladas do que apóstolos, e com a ‘salada’ de sons, teria sido difícil alguém extrair nitidamente o seu próprio dialeto – creio que cada ouvinte recebeu uma interpretação individual no ouvido. Então, Mateus registra o dizer da Voz da perspectiva de João: ele ouviu, “Este é”. Marcos e Lucas registram o dizer da Voz da perspectiva de Jesus: Ele ouviu, “Tu és”. Entendo que foi exatamente assim; Jesus ouviu uma coisa e João ouviu outra.

Quirino – Lucas 2.2

Tem sido alegado que a referência de Lucas a Quirino em Lucas 2.2 é um erro. Se fosse esse o caso, seria o único erro nas dezenas de referências históricas que Lucas fez. É claro que Lucas entrevistou Maria, mãe de Jesus, porque várias vezes ele escreveu que ela guardava coisas no coração. Tal entrevista teria sido algo óbvio para ele fazer. Maria foi pessoalmente incomodada, e em grande medida, pelo decreto de César, e ela teria uma memória vívida de todos os fatores relevantes da época. Se ela disse a Lucas que Quirino estava oficiando, esse era o fato, e é claro que Lucas teve acesso a outras testemunhas e todo o episódio era história recente em sua época.

José empreendeu uma viagem muito inconveniente e cara de Natsaré a Belém. Ele só o teria feito se considerasse que não tinha alternativa viável. Segue-se que o decreto de César era um fato e estava em vigor naquela época. Como poderia Lucas ter-se enganado no assunto de Quirino?

Quirino, 51 a.C. – 21 d.C., foi um competente comandante militar romano. Durante sua vida foi senador, cônsul, duúviro e legado. Ele é famoso por sua campanha contra os Homonadenses, um povo nômade da Cilícia. A Cilícia fazia fronteira com a Síria ao norte. A campanha ocupou cerca de 12-2 a.C., e Quirino teria usado a Síria como base de operações. Ele tinha a confiança do imperador e pode muito bem ter recebido vários ofícios durante aquela década. Em Lucas 2.2 Lucas não usou o substantivo “governador”; ele usou o verbo ‘governar/administrar/oficiar’. Naquela época, um censo demorava muito e podia ser uma tarefa complicada. Quem o imperador deveria escolher para comandar a cena na Síria? Das pessoas disponíveis, quem era mais qualificado que Quirino?

Conclusão: Lucas nos informa que Quirino estava administrando o censo na Síria na época do nascimento de Jesus. Não vejo razão para duvidar de sua afirmação. Não vejo razão alguma para alegar que Lucas escreveu um erro histórico.

Dificuldades aparentes resultantes de tradução defeituosa

Reconheço que a linha entre este tipo de “problema” e o primeiro pode ser indefinida e, conseqüentemente, não estou preocupado em defender a localização de cada caso. Compreendo ainda que a minha utilização do termo “defeituoso” transmite uma crítica implícita a tais traduções, mas como a minha preocupação primordial é defender o Texto, essa crítica é inevitável.

Antes ou depois? – 2 Tessalonicenses 2.2 X 2.7-8

Em Mateus 24.44 o Senhor Jesus disse: “Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis”. Parece-me que para que haja o fator ‘surpresa’ o arrebatamento da Igreja terá de acontecer antes da ‘abominação da desolação’ (Mateus 24.15). Quando o anticristo tomar seu lugar no Santo dos Santos e se autodeclarar como deus, então haverá precisamente 1.260 dias até o retorno de Cristo à terra. “À hora em que não penseis” presumivelmente exige um arrebatamento ‘pré-abominação’ – se for ‘pré-ira’ mas ‘pós-abominação’, só um tolo pode ser tomado de surpresa, a não ser que o arrebatamento ocorra imediatamente após a ‘abominação’ (2 Tessalonicenses 2.3-4).

Vamos começar com 2 Tessalonicenses 2.2. Uns 15% dos manuscritos gregos trazem ‘dia do Senhor’ (como em NVI, LH, ARA, etc.); os 85% que trazem ‘dia de Cristo’, que inclui a melhor linha de transmissão, certamente estão corretos (como em Fiel e Cont). A diferença entre as leituras tem reflexo escatológico. O ‘dia de Cristo’ é geralmente associado com o arrebatamento e benção para os santos, ao passo que o ‘dia do Senhor’ é geralmente associado com juízo pesado sobre o mundo e Israel não-arrepentido; o que inclui o derramar de ira logo antes e depois da segunda vinda de Cristo, quando retorna em glória para estabelecer o Seu Reino Messiânico Milenar.

A dificuldade aparente aqui é que ao passo que os versos 1, 6 e 7 dizem respeito ao arrebatamento, tudo indica, os versos 3-4 e 8-10 dizem respeito à Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Que fazer? Atentar para o Texto. No verso 2, porque estariam os crentes da Tessalônica ‘perturbados’? É que alguém estava ensinando que o arrebatamento já tinha acontecido e que eles ficaram para trás — eu também estaria perturbado! Pois então, ‘dia de Cristo’ é precisamente correto no que diz respeito ao conteúdo dos versos 1 e 2. É o verso 3 que traz problema, pois uma cláusula foi elidida; é por isso que as traduções, para ajudar o leitor, comumente acrescentam uma cláusula, de preferência em letra itálica, para indicar que é um acréscimo, como na Fiel – “*não será assim*”. Só que isso colocaria o arrebatamento depois da revelação do homem do pecado e a ‘abominação da desolação’ – certamente não compatível com certos esquemas escatológicos. Uma ‘solução’ fácil seria alterar ‘Cristo’ para ‘Senhor’ no verso 2, só que isso colocaria o arrebatamento dentro do ‘dia do Senhor’ – também não compatível. Eu gostaria de propor que dar uns pequenos retoques a nossa posição escatológica é preferível a mexer no Texto.

Se ‘o que detém’ nos versos 6-8 é o Espírito Santo (o que me parece ser a única identificação adequada) então o arrebatamento acontece antes da ‘abominação’, e pode até ser visto como ‘gatilho’. Mas, se o ‘dia de Cristo’ inclui o arrebatamento, então verso 3 pareceria colocar o arrebatamento depois da ‘abominação’. E agora, como fica? Embora minha própria formação tenha sido fortemente ‘pré-tribulacionista’, já migrei para uma posição ‘meso-tribulacionista’. Se o arrebatamento seguir imediatamente à ‘abominação’, então o fator ‘surpresa’ permanece em pé. Se a ‘abominação’ e o arrebatamento acontecerem, ambos, dentro de poucos minutos, então do ponto de vista de Deus formariam um só ‘pacote’, e a exata seqüência deixa de ser importante – para todo efeito prático acontecem ao mesmo tempo.

Ouviram eles a Voz ou não? – Atos 9.7 X Atos 22.9

Na ACF, Atos 9:7 diz assim: “E os homens que iam com ele pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém”. E Atos 22:9 diz assim: “E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito, mas não ouviram a voz daquele que falava

comigo”. Comparando os dois relatos, parece que temos uma discrepância: ouviram a Voz ou não? Comparando os versículos do texto grego, descobrimos que o verbo “ouvir” e o substantivo “voz” são iguais em ambos. Olhando mais de perto, porém, notamos que em 9.7 o substantivo está no caso genitivo, enquanto em 22.9 está no acusativo. Temos aqui uma sutileza da gramática grega: no genitivo ‘voz’ refere-se ao som, enquanto no acusativo refere-se ao significado, às palavras. Os companheiros de Saulo ouviram a Voz, mas não foram permitidos a compreender as palavras – apenas Saulo entendeu as palavras. Algo semelhante aconteceu em João 12.28-29; as pessoas ouviram o som (suficientemente impressionante para que o chamassem de trovão), mas apenas Jesus entendeu as palavras.

Salva-se dando à luz? – 1 Timóteo 2.15

Na ACF, 1 Timóteo 2.14-15 diz assim: “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.” Começamos com “salvar-se-á”; ‘se’ é um pronome, que representa um substantivo, e no contexto a referência é claramente a Eva. Pois então, como Eva será salva? (Traduzir “preservada” é basicamente sem sentido.) Nem Eva nem qualquer outra mulher se salva por dar à luz um filho. No Texto grego encontramos ‘parto’, um substantivo, não um verbo. Além disso, há um artigo definido com o substantivo, portanto é “o parto”. Existe apenas um parto que poderia resultar na salvação de Eva, e de todos nós, o nascimento do Messias. É claro que Eva deu à luz Sete, iniciando assim a linhagem que culminou no Messias (Gênesis 3.15). No meio do versículo 15 e da frase aqui, Paulo quebra as regras gramaticais e muda de “salvar” para “permanecerem” (de singular para plural, no grego) – o que é verdade para Eva é aplicado a todas as mulheres. Bem, estritamente falando, uma vez que “-em” não tem antecedentes, suponho que poderia incluir também os homens, todos (a menos que alguém queira argumentar que as mulheres são salvas numa base diferente da dos homens [o que acho que entraria em conflito com outras passagens]). Ainda assim, o parágrafo é sobre mulheres. Qualquer irmã em Cristo que tenha sido perturbada por este versículo, pensando que deve ter um filho, pode sossegar quanto a isso.

Quantos animais? – Mateus 21.1-7 X Marcos 11.1-10, Lucas 19.29-36, João 12.12-15

Marcos, Lucas e João concordam em mencionar só um animal, um jumentinho. Foi solto, foi levado a Jesus, foi coberto de roupas, e então Jesus o montou. Mas Mateus faz questão de registrar que de fato eram dois animais, o jumentinho e sua mãe. Lamentavelmente, a versão ‘Fiel’ traduz Mateus 21.5 assim: “manso, e assentado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho” – fazendo Jesus montar dois animais! (A LH também faz Jesus montar dois.) Infelizmente a Fiel faz a mesma coisa com a profecia citada, Zacarias 9.9. Geralmente, outras versões fazem Jesus montar só um animal, o que é correto. Contudo, o fato incontornável é que Mateus registra dois animais, com roupas colocadas em ambos.

Por que será que o Espírito Santo levou Mateus a fornecer essa informação a mais? Claro que eu não estava lá, mas ofereço a minha avaliação do ocorrido. Marcos e Lucas registram que nunca ninguém havia montado o jumentinho, e dizem que ele estava amarrado; já Mateus diz que de fato era a mãe que estava amarrada. Parece que o jumentinho era novo o suficiente que ficava bem perto da mãe, de sorte que se ela estava amarrada, ele também estava, para efeito prático (estavam fora na rua, o que talvez tenha sido uma experiência nova para o jumentinho). Jesus iria expor o jumentinho a uma situação

estranha e até de meter medo. Saindo de seu povoado pequeno e quieto, de repente ele estaria cercado de uma multidão gritando. Objetos estranhos seriam colocados no seu lombo, e então alguém, provavelmente maior e mais pesado do que ele, iria assentar-se sobre ele! Creio que Jesus fez com que a mãe viesse junto para dar apoio moral a seu filho. Ela também recebeu os objetos estranhos, e vendo a mãe suportar tudo com calma iria encorajar o jumentinho. De passagem, é até provável que Jesus teve que levantar os pés, para não arrastar no chão; deve ter sido uma cena cômica. Eu me sinto bem ao observar que o Senhor Jesus se preocupou com o bem-estar do jumentinho.

'Jesus' ou 'Josué'? – Hebreus 4.8

Sem qualquer dúvida, o texto grego traz “Jesus”, mas todas as versões em português que já vi (exceto a minha) colocam “Josué”. Suponho que “Jesus” foi considerado um anacronismo e, portanto, “Josué” foi eleito para aliviar a situação. Com certeza, a Septuaginta como a conhecemos (baseada em manuscritos alexandrinos inferiores de séculos depois de Cristo) escreve uniformemente “Josué” como Ἰησοῦς (Jesus). (Como linguista, PhD, não consigo entender como os tradutores puderam transliterar 'Iehoshua', o nome de Josué em hebraico, como 'Iesus' – algo estranho aconteceu.) Talvez como consequência, em Atos 7.45, Lucas se refere a Josué como 'Iesus'. Não era seu propósito corrigir a LXX naquela época, pois Estêvão estava falando hebraico. Normalmente, passando de uma língua para outra, os nomes próprios são transliterados, e uma vez que uma determinada transliteração atinge o status de 'norma', normalmente não haveria razão para alterá-la, uma vez que o significado não muda.

Contudo, olhando para o contexto do Salmo 95.6-11, Josué não se enquadra. Aqui está (FIEL):

“Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhem-se diante do Senhor que nos criou. Porque Ele é o nosso Deus, e nós povo do Seu pasto e as ovelhas da Sua mão. Se hoje ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações, assim como na provação e como no dia da tentação no deserto, quando vossos pais me tentaram, me provaram, e viram a minha obra. Quarenta anos estive desgostado com esta geração, e disse: É um povo que erra de coração, e não tem conhecido os meus caminhos. A quem jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso.”

Presumivelmente, era Jeová, o Filho, quem estava falando (“Jeová, nosso Criador”, versículo 6; “Jurei na minha ira”, versículo 11), e como a referência é àqueles que caíram no deserto durante os quarenta anos, Josué não pode vir ao caso. Não só isso, convido a atenção para Josué 21.43-45 e 23.1, onde o Texto afirma que Josué realmente lhes deu descanso. Então, em quem você vai acreditar? Colocar “Josué” em Hebreus tem o efeito de fazer Hebreus contradizer Josué (os livros), um procedimento que o Espírito Santo não aceitará bem.

É claro que o Texto se refere ao descanso físico, não ao espiritual, uma vez que nem Josué nem qualquer outra pessoa poderia ser responsável pelo descanso espiritual de um povo. Ezequiel capítulo 18 é muito claro no sentido de que cada indivíduo é responsável por seu próprio destino eterno. Deus não tem netos, apenas filhos e filhas. Em Mateus 23.8-10, o Soberano Jesus proíbe qualquer tentativa de dominar a fé ou a consciência de outra

pessoa. Isto é consistente com Sua declaração em João 4.23-24. A adoração que o Pai deseja não pode ser forçada, imposta, controlada ou fingida.

Para aliviar a noção de “anacronismo”, ofereço o seguinte: 1) em João 12.41 João afirma que Isaías viu Jesus (era Jeová, o Filho, que estava no trono); 2) em 1 Coríntios 10.4 Paulo afirma que a Rocha que fornecia água era Cristo; 3) em Hebreus 11.26 o mesmo autor [como creio] tem Moisés escolhendo “o vitupério de Cristo”; 4) em 1 Pedro 1.19-20 Pedro afirma que o sangue derramado do Cordeiro de Deus, Jesus, era conhecido antes da Criação – mas sangue requer um corpo, e o corpo do Cordeiro era o de Jesus; então Jesus, como Jesus, era conhecido antes da Criação. Voltando a Hebreus 4.8, foi precisamente Jesus, Jeová o Filho, quem não permitiu que aquela geração entrasse no ‘descanso’.

‘Incensário’ ou ‘altar de incenso’? – Hebreus 9.4

O que nos interessa aqui é a palavra grega θυμιατηριον, que ocorre apenas aqui no N.T. Na LXX o significado da palavra é ‘incensário’, e esse é claramente o significado pretendido aqui. Mas, infelizmente, versões modernas como NVI, LH, ARA, etc. traduzem “altar de incenso”, estabelecendo assim uma contradição com o Antigo Testamento. [O que poderia ter motivado um procedimento tão perverso?] De acordo com Êxodo 30.6, o altar de incenso foi colocado em frente à cortina que conduzia ao Santo dos Santos, e assim ficava no Lugar Santo, não no Santo dos Santos. A única referência a este incensário em particular parece estar em Levítico 16.12, onde deveria ser usado atrás da segunda cortina para esconder a Arca com fumaça. Visto que esse incensário só seria usado uma vez por ano (no dia da expiação), ele pode muito bem ter sido guardado logo atrás de um canto da segunda cortina (onde o sumo sacerdote poderia recuperá-lo sem olhar para dentro) e, portanto, o autor de Hebreus estaria correto ao dizer que o incensário estava atrás da segunda cortina, enquanto o altar estava na frente dela. De qualquer forma, é evidente que aquele incensário era usado apenas dentro do Santo dos Santos, e por isso seria apropriado dizer que a área “tinha” um incensário dourado.

Nós mandamos em Deus? – Mateus 18.18

Na versão ‘Fiel’, Mateus 18.18 versa assim: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu”. Ora, o sentido normal dessa tradução é que o céu tem que nos seguir, será que não? E não falta comunidade religiosa que ensina isso. Mas espera aí, que competência possível poderiam seres humanos ter para orientar Deus? Podemos pedir, mas não mandar. A dificuldade surge a partir de uma tradução inadequada. O tempo da frase verbal grega aqui é perfeito do futuro perifrástico, na voz passiva (também em Mateus 16.19). Portanto, é “terá sido ligado/desligado”, e não ‘será ligado/desligado’ (como em algumas versões). Não é para nós mandar em Deus; é para aplicarmos cá em baixo o que Deus já determinou no Céu.

Em João 5.19 o Senhor Jesus declarou que Ele só podia fazer o que via que o Pai estava fazendo. A nossa inabilidade de ver o que o Pai está fazendo é, bem provavelmente, um de nossos maiores problemas espirituais – ela nos condena a desperdiçar muito tempo e energia tentando fazer coisas que não deveríamos. Em termos práticos, quando eu ‘ligo’ alguma coisa, mas nada acontece, chego à conclusão de que a coisa não tinha sido ‘ligada’ no Céu. Tentei fazer alguma coisa que o Pai não estava fazendo.

Comprar purificação? – Lucas 11.41

Na ACF, Lucas 11.41 diz assim: “Antes dai esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo.” Minha tradução diz assim: “Contudo, deem o possível como esmola; aí sim, tudo vos ficará limpo.” À primeira vista esta afirmação parece difícil, mas porque eles estavam cheios de ganância, para eles doar o máximo possível representaria uma grande mudança nos seus valores. Zaqueu oferece um exemplo disso: o próprio Senhor declarou que ele foi salvo (Lucas 19.8-9).

Havemos de manusear serpentes? – Marcos 16.18¹

As versões em português geralmente traduzem ‘pegarão em serpentes’ (existe versão que acrescenta ‘com as mãos’, seguindo 2,2% dos manuscritos gregos). Como sabemos, existem pessoas que entendem tal tradução de forma bem literal, e creem que devem manusear cobras peçonhentas por uma questão de obediência a Deus. Respeito a sinceridade de tais pessoas, mas creio que foram enganados por uma tradução inadequada.

Eu diria que este dizer do Senhor tem sido mal entendido, de forma geral. O verbo em questão cobre uma área semântica ampla, um de seus usos sendo ‘pegar’ do jeito que um gari pega num saco de lixo – ele o faz para que o lixo seja levado para longe; ele ‘remove’ o lixo. Creio que Lucas 10.19 jorra luz sobre esta questão. Ali o Senhor Jesus disse: “Eis que eu vos do [segundo 98% dos manuscritos gregos] a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada vos fará dano algum.” O Senhor estava se dirigindo aos setenta, não aos doze, e outros certamente estavam presentes também; e, isso ocorreu talvez quatro meses antes de Sua morte e ressurreição. Segue-se que essa autoridade não era só para os apóstolos, e não há menção de limite de tempo. O Soberano Jesus declara que Ele nos dá a autoridade sobre todo o poder do inimigo, e autoridade manda em poder. Em Mateus 28.18 Ele declara que Ele detém “toda a autoridade no céu e sobre a terra”, e portanto ele tem o direito e a competência para nos delegar uma parte dessa autoridade. Podemos ter qualquer número de inimigos, mas o inimigo é Satanás. A frase, “todo o poder”, deve incluir as obras do inimigo, seguidas por suas consequências.

Voltando a Lucas 10.19, o Senhor nos dá a autoridade para “pisotear serpentes e escorpiões”. Ora, para esmagar o inseto literal, um escorpião, você não precisa de poder do Alto, basta um chinelo. Para pisotear uma cobra, prefiro uma bota, mas podemos matar cobras literais sem ajuda sobrenatural. Torna-se óbvio que Jesus estava falando de outras coisas, não de répteis e insetos. Entendo que Marcos 16.18 se refere à mesma realidade – Jesus afirma que certos sinais vão acompanhar os crentes (a Sua maneira de se expressar acaba tendo o efeito de ordens): eles vão expelir demônios, eles falarão idiomas diferentes, eles removerão ‘serpentes’, eles colocarão mãos nos doentes. (“Se beberem...” não é uma ordem; refere-se a uma eventualidade.) Mas, que quis o Senhor por ‘serpentes’?

Numa lista de atividades distintas, Jesus já havia mencionado demônios, de sorte que as ‘serpentes’ devem ser outra coisa. Em Mateus 12.34 Jesus chamou os fariseus de ‘raça de víboras’, e em 23.33, ‘serpentes, raça de víboras’. Em João 8.44, após eles reivindicarem Deus como o pai deles, Jesus disse, “Vocês são de seu pai o diabo”. E 1 João 3.10 deixa claro que Satanás tem muitos outros ‘filhos’. Em Apocalipse 20.2 lemos: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é um caluniador, o próprio Satanás, que engana toda a terra habitada, e o amarrou durante mil anos.” Se Satanás é uma serpente, então

¹ Sendo que somente três manuscritos gregos (de fato, só dois) omitem Marcos 16.9-20, contra uns 1.700 que trazem, sim, esses versos, não pode existir dúvida razoável quanto à genuinidade deles. Para uma discussão maior, favor de ver meu artigo: “Marcos 16.9-20 e a doutrina da Inspiração”.

seus filhos também são serpentes. Pois então, entendo que as ‘serpentes’ em pauta são seres humanos que escolheram servir a Satanás, que se venderam à malignidade. Chego à conclusão de que as ‘serpentes’ em Lucas 10.19 são as mesmas que as em Marcos 16.18. Mas, e os escorpiões? Como também são do inimigo, talvez sejam demônios, e nesse caso o vocábulo bem que pode incluir a cria deles, os humanoides [ver o item 18] neste apêndice, “Como foi nos dias de Noé”]. Ainda estou pedindo a orientação de Deus sobre como efetuar a remoção.

Jesus se escondeu? – João 8.59

Na ACF, João 8.59 diz assim: “Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou”. Minha tradução é assim: “Com isso pegaram pedras para atirar nEle; mas Jesus ficou invisível e saiu do templo, passando pelo meio deles; sim, foi assim que Ele se safou!” O familiar “se escondeu” não é a melhor tradução aqui. Jesus não tentou se esconder atrás de uma coluna, ou algo assim. Ele estava cercado por judeus furiosos com pedras nas mãos. Obviamente eles o teriam visto e começariam a apedrejar. Ele ficou invisível e simplesmente saiu, passando bem pelo meio deles. Cerca de meio por cento dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior (comprovadamente), omitem “passando pelo meio deles; sim, foi assim que Ele escapou” (como em NVI, LH, ARA, Cont, etc.). Os 99,5% estão sem dúvida corretos e fornecem um detalhe importante.

‘Vale’, ou ‘ravina’? – Lucas 3.5

Na versão Fiel, Lucas 3.4-5 vai assim: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas. Todo o vale se encherá, e se abaixará todo o monte e outeiro; o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão...” Havemos de entender com isso que a superfície da terra toda será nivelada? A minha tradução vai assim: “Uma voz clamando: ‘Preparem no ermo o caminho do Senhor, façam retas as Suas veredas. Toda ravina será aterrada, e toda montanha e colina será nivelada; as partes tortuosas das estradas serão endireitadas, e as partes acidentadas serão aplanadas...” A referência é a Isaías 40.3. Poesia hebraica, prosa também, faz uso freqüente de colocações paralelas, ou sinônimas. A partir do contexto em Isaías, fica claro que ‘no ermo’ trabalha com o verbo ‘preparar’, e não com o verbo ‘clamar’.

Mas para que uma estrada reta no ermo? Qualquer estrada facilita a movimentação de pessoas e mercadorias, mas uma estrada reta atravessando terreno acidentado é uma coisa de grande valia, e Jerusalém é cercada por terreno acidentado. ‘Ravina’ é o sentido normal do vocábulo grego aqui, bem como um dos sentidos normais da palavra hebraica correspondente em Isaías. Aliás, Isaías 40.3-4 descreve a construção de uma super estrada moderna. O verso 5 (Lucas 3) descreve o que acontece no preparo do leito da estrada, não na terra toda.

Falta de atenção aos detalhes do texto

Reconheço que a linha entre este tipo de “problema” e o primeiro pode ser indefinida e, conseqüentemente, não estou preocupado em defender a localização de cada caso. E há muito pouca diferença nas conseqüências.

Foi a cruz que matou Jesus? – João 10.18 X Marcos 15.39, João 19.30, Mateus 27.50, Lucas 23.46

João 10.17-18 versa assim: “Por isto o Pai me ama, porque eu deito minha vida para que eu possa tomá-la de novo. Ninguém a tira de mim, mas eu a deito espontaneamente. Tenho autoridade para a deitar, e tenho autoridade para tomá-la de novo. Este

mandamento tenho recebido de meu Pai.” Favor de notar: “**Ninguém a tira de mim**”. Isso inclui Pilatos, etc. Em Mateus 27.50 e João 19.30 o Texto afirma que Jesus “despediu Seu espírito”. Agora vejamos Marcos 15.39: “Aí, quando o centurião, que estava em pé de frente dele, viu que Ele bradou assim e expirou Seu espírito, ele disse, ‘Deveras este Homem era o Filho de Deus!’” Ora, o que poderia convencer um centurião romano endurecido? Certamente já tinha visto um sem fim de crucificações; ele sabia que a vítima morria de asfixia. Pendurado pelas mãos, o diafragma empurra contra os pulmões, e a vítima não consegue respirar. Pregador os pés era um procedimento sádico, para prolongar a agonia – apesar da dor, a vítima empurraria contra o prego para pegar um fôlego, até cansado e fraco demais para fazê-lo. (Foi por isso que os fariseus pediram a Pilatos que as pernas das vítimas fossem quebradas; então morreriam dentro de poucos minutos.) Ora vejam, alguém que está morrendo asfixiado não pode dar um tremendo brado; mas, por outro lado, uma pessoa normal não pode simplesmente mandar seu espírito embora. Portanto, quando o centurião observou que Jesus deu um tremendo brado e então morreu em seguida, ele tirou a conclusão óbvia: ele estava olhando para um ser sobrenatural. Não foi a cruz que matou Jesus; Ele deu a vida voluntariamente, por mim e por você. Muitíssimo obrigado, Senhor!

O centurião saiu de casa? – Mateus 8.5-13 X Lucas 7.1-10

Tem sido comum supor que esses dois relatos sejam paralelos, mas eu entendo que são ocasiões diferentes. Senão, vejamos. É verdade que ambos tratam de um centurião, em Capernaum, com servo doente, e a declaração do centurião, bem como a reação de Jesus, são bem parecidos. Mas têm outros detalhes que simplesmente não batem. Tudo indica que os romanos tinham uma base militar em Capernaum, com um centurião servindo de comandante, o qual poderia ser trocado. [De passagem, imagine, quem naquela cidade teria as melhores condições para comprar a pesca de Pedro e companhia? E que idioma seria usado nas negociações?] Comparando a seqüência de acontecimentos em Mateus e Lucas, eu diria que o incidente relatado por Mateus ocorreu primeiro, e alguns meses antes do relatado por Lucas. Naturalmente, um ‘incidente’ como aquele se tornaria parte do folclore da base militar. Entendo que os centuriões eram diferentes, mas certamente se conheciam; de sorte que o segundo conhecia cada detalhe do primeiro incidente. Quando chegou a vez do segundo, utilizou uma estratégia diferente do que o primeiro (afinal, estava pedindo um segundo favor), mas repetiu a declaração que impressionou Jesus de forma tão positiva. Pois então, o primeiro centurião saiu de casa, mas o segundo não.

‘Bordão’ ou ‘cama’? – Hebreus 11.21 X Gênesis 47.31

Na FIEL, Hebreus 11.21 diz assim: “Pela fé Jacó, próximo da morte, abençoou cada um dos filhos de José, e adorou encostado à ponta do seu bordão”. Já foi alegado que esta afirmação discorda de Gênesis 47.31, que tem Jacó apoiado na cabeceira da cama (seguindo o Texto Massorético), em vez da ponta de seu cajado. Contudo, atenção cuidadosa aos contextos indica que Hebreus 11.21 e Gênesis 47.31 referem-se a ocasiões diferentes, e portanto não há necessidade de imaginar uma discrepância. Dito isto, pode ser interessante observar o seguinte. As palavras hebraicas para ‘cama’ e ‘bordão’ são escritas com as mesmas três consoantes, a diferença está nas vogais, que não foram escritas. Assim, o Texto Original Hebraico era ambíguo aqui. Quando os massoretas acrescentaram sinais vocálicos ao texto hebraico, muitos séculos depois de Cristo, eles escolheram ‘cama’. Muito antes, a Septuaginta havia escolhido ‘bordão’.

Como foi que Judas morreu? – Mateus 27.5-8 X Atos 1.18-19

Segundo Mateus, “ele foi e se enforcou”, ao passo que em Atos lemos “e precipitando-se, rompeu-se pelo meio e todas as suas entranhas se derramaram”. A partir do contexto, fica claro que isso aconteceu no campo que ele comprou, de forma póstuma. Para enfor-car com sucesso, tem que ter altitude suficientemente maior do que o comprimento da corda para que a vítima fique no ar. Mas para precipitar-se, tem que ter precipício; você terá que pular, ou mergulhar, dele. Juntando os dois relatos, podemos entender que existia uma árvore perto da beira do precipício, com um galho esticando além da beira. Judas amarrou uma ponta da corda no galho, e a outra no próprio pescoço, e pulou – ou a corda, ou o galho, quebrou, e a altura foi tal que o impacto foi suficiente para rompê-lo no meio. Mateus escreve que de fato foram os sacerdotes que compraram o campo, utilizando o dinheiro que Judas atirou no templo; com isso, Judas fez a compra de forma póstuma.

Comprar passagem para o céu? – Lucas 16.9

Na ACF, Lucas 16:9 diz assim: “E eu vos digo: Grangeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.” Dentro do contexto, o Senhor está claramente usando ironia ou sarcasmo. No versículo imediatamente anterior, o “louvor” do proprietário ao mordomo estúpido é obviamente sarcástico, uma vez que o mordomo foi demitido. E o versículo 14 abaixo indica que o que Jesus disse foi para o benefício dos fariseus, que eram gananciosos. O uso do sarcasmo não é raro na Bíblia. Entrar nas moradas eternas não depende de ‘comprar’ amigos aqui embaixo; depende de agradar o Dono lá em cima. E quem disse que alguém que pode ser comprado com ‘dinheiro injusto’ irá para o céu? Ele teria que chegar lá primeiro para ‘receber’ o comprador. Toda a ‘cena’ é patentemente ridícula. A propósito, o versículo 13 declara uma verdade extremamente importante. Abraçar o sistema de valores do mundo (humanismo, relativismo, materialismo) é rejeitar Deus. Os ‘cristãos’ materialistas estão realmente servindo a Mamom (‘Mamom’ inclui mais do que apenas dinheiro, embora dinheiro possa ser o eixo).

A menor das sementes? – Marcos 4.31-32, Mateus 13.32

Na versão ‘Fiel’, Marcos 4.31-32 se lê assim: “É como um grão de mostarda, que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra; mas, tendo sido semeado, cresce; e faz-se a maior de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se debaixo da sua sombra.”

A tradução, ‘a menor de todas as sementes que há na terra’, é lamentável e enganadora. O Texto diz, ‘das na terra’, repetindo a frase acima, mas sem o verbo. O Senhor não estava fazendo uma declaração botânica de âmbito global, como o verso seguinte deixa claro. Ele estava se referindo a hortaliças que se plantavam em hortas no tempo e na área dEle, e de tais plantas a semente de mostarda era a menor. Alguém querer objetar que tabaco e orquídea têm sementes menores seria errar o alvo. Eu traduziria assim: “É semelhante a um grão de mostarda, que quando é semeado no solo é a menor de tais sementes, mas uma vez semeada, cresce e se torna a maior de todas as hortaliças, e cria ramos grandes, de sorte que os pássaros do ar podem descansar debaixo de sua sombra.”

O verbo que traduzi como ‘descansar’ é uma forma composta. O substantivo que fornece a base diz respeito a um abrigo temporário, como uma tenda ou um papiri. A forma verbal significa fazer uso de tal abrigo. Mas aqui a preposição *kata* é prefixada ao verbo, enfatizando o fator temporário, ou assim imagino. O Texto diz que os pássaros podem usar a

sombra, não os ramos. Mas a sombra se move, por causa do sol e do vento – como seria possível construir um ninho numa coisa que sempre se move?

Estas observações valem também para Mateus 13.32, exceto que ali os pássaros descansam nos ‘ramos’, em vez de a sombra. O verbo é o mesmo, e o trato da mesma maneira, ‘descansar’, em vez de ‘aninhar-se’, embora ‘aninhar-se’ seja uma tradução possível.

O ‘tamanho’ da fé? – Lucas 17.6, Mateus 17.20

Na versão ‘Fiel’, Lucas 17.6 versa assim: “E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria.” Seja qual for o motivo, não me lembro de ter ouvido ou lido qualquer outra interpretação para isto a não ser o tamanho da fé (idem para Mateus 17.20). Aliás, a NVI traz explicitamente, “fé do tamanho de uma semente de mostarda”. Mas essa interpretação sempre me deixou um pouco ‘por conta’: poxa, certamente minha fé era maior que uma semente, mas nunca consegui fazer com que uma árvore ou um monte me obedecesse! Mas atentando para o Texto outra vez, poderia ser outro o sentido pretendido de “como um grão de mostarda”? Poderia o verbo ‘ter’ estar implícito? E então, que tipo de ‘fé’ poderia um grão de mostarda ter? Embora tão pequeno, ele reage sem questionamentos às circunstâncias climáticas, e cresce até alcançar proporções impressionantes. Se nós reagíssemos de forma semelhante, sem questionamentos, aos impulsos do Espírito Santo, as nossas ‘circunstâncias climáticas’ espirituais, deveria ser possível remover monte, literalmente.

Ou, para colocar de outra maneira, uma semente tem a fé para morrer, como o Senhor Jesus explicou em João 12.24: “se um grão de trigo, caindo na terra, não morrer, permanece só; mas se morrer, ele produz muito fruto”. Uma vez no solo húmido, se a semente não germinar, apodrece, e se perde; mas o processo de germinação destrói a semente, ela ‘morre’. Em 1 Coríntios 15.31, Paulo disse que ele morria diariamente. Mas como assim? Obviamente ele não morria fisicamente; ele morria para si próprio, para suas próprias ideias e ambições, para abraçar a vontade de Deus. Morrer para si é um pré-requisito para remover montes, porque então só iremos intentar o que vemos que o Pai está fazendo (João 5.19).

Quantas pessoas? – Atos 7.14 X Gênesis 46.26 X Gênesis 46.27

Novamente, precisamos apenas prestar muita atenção a cada contexto e à formulação precisa do texto. Os três versículos nos dão três números diferentes: 75, 66 e 70, respectivamente. Começarei com o menor número, que está em Gênesis 46.26: “Todas as pessoas que foram com Jacó para o Egito, que saíram do seu corpo, além das esposas dos filhos de Jacó, eram sessenta e seis pessoas ao todo”. O dado crucial é “do seu corpo”, então quem eram eles? Rúben + quatro filhos = 5, Simeão + seis filhos = 7, Levi + três filhos = 4, Judá + cinco filhos + 6, Issacar + quatro filhos = 5, Zebulom + três filhos = 4, isso soma 31, mas devemos incluir Diná para obter o total de 32 de Lia. Gade + sete filhos = 8, Aser + seis filhos + 7, mas devemos adicionar uma filha (mencionada no registro) para obter o total de 16 de Zilpa. José + dois filhos = 3, Benjamim + dez filhos = 11, que somam 14 de Raquel. Dan + um filho = 2, Naftali + quatro filhos = 5, que somam 7 de Bila. O total geral “do seu corpo” é 69. Mas é claro que José e os seus dois filhos já estavam no Egito, o que deixa 66 que “foram com Jacó para o Egito”. Gênesis 46.27 diz: “Todas as pessoas da casa de Jacó que foram para o Egito eram setenta”. Isto inclui o próprio José e Jacó, portanto não há discrepância. Mas e quanto a Atos 7.14? “Então José mandou chamar seu pai Jacó e todos os seus parentes, setenta e cinco pessoas.” Os 75 presumivelmente referem-se a “todos os seus parentes”, o que exclui Jacó e, claro, José. Suponho que nove

esposas vieram para o Egito (as esposas são mencionadas em Gênesis 46.26), tendo as outras duas morrido antes da migração. (Se incluirmos Jacó, haveria oito esposas.)

Conclusão

O objetivo desta seção é defender a autoridade objetiva do Texto Sagrado, com ênfase no Novo Testamento. Para que qualquer texto tenha autoridade objetiva na prática, temos que saber o que é. Isto significa que Deus teve que preservar Sua revelação através dos séculos. Apresentei evidências no sentido de que a redação original do NT foi de fato preservada até hoje. Visto que a autoridade objetiva das Escrituras não depende apenas do significado verificável, mas, em primeiro lugar, da inspiração divina, e visto que um texto inspirado por Deus não deve conter erros, abordei a questão dos supostos erros. Denunciei o 'veneno' impingido ao Texto do NT pela teoria hortiana, mas também discuti aparentes dificuldades que realmente estão no Texto, bem como pseudo-dificuldades criadas por tradução defeituosa e/ou decorrentes da falta de atenção aos detalhes em o texto. Não estou ciente de nenhuma dificuldade aparente no NT para a qual não tenha uma solução. Com a consciência inteiramente tranquila mantenho a autoridade objetiva de todo o Texto do Novo Testamento!!

B. As Implicações da Probabilidade Estatística para a História do Texto¹

Hoje em dia, toda a questão da derivação de “tipos de texto” por meio de recensões definidas e históricas está aberta ao debate. Na verdade, E.C. Colwell, um dos principais críticos contemporâneos, afirma dogmaticamente que a assim chamada recensão “síria” (como Hort a teria concebido) jamais ocorreu.² Ao contrário, Colwell insiste que todos os “tipos de texto” são o resultado não de atividade editorial definida, mas sim de “processo”.³ Nem todos os estudiosos, talvez, concordariam com esta posição, mas provavelmente é justo dizer que poucos estariam preparados a negá-la categoricamente. No mínimo, a posição de Colwell, até onde ela e suas conseqüências se estendem, teria agradado muito ao Deão Burgon, que foi o grande antagonista de Hort. Burgon, que defendeu o *Textus Receptus* com veemência algo mais do que os estudiosos geralmente gostam, tinha amontoado zombaria sobre a ideia da revisão “síria”, que foi a pedra fundamental da teoria de Westcott & Hort. Aliás, a ideia da recensão síria também foi criticada por outros, e um estudioso da crítica textual tão bem conhecido quanto Sir Frederic Kenyon formalmente a abandonou.⁴

Mas a dissidência tendeu a se extinguir, e a forma na qual existe hoje é bastante independente da questão do valor do TR. Em suma, o ceticismo moderno a respeito do conceito clássico de recensões prospera em um novo contexto (em grande parte criado pelos papiros). Mas este contexto não é de modo algum desencorajador para aqueles que sentem que o *Textus Receptus* foi abandonado com pressa demasiada.

¹ Este apêndice é um sumário editado a partir de “*Uma Defesa do Texto Majoritário*”, de Zane C. Hodges e David M. Hodges (notas de aula, não publicadas, Seminário Teológico de Dallas, 1975), usado com permissão dos autores.

² Sua afirmação é: “*A Vulgata Grega – o tipo-de-texto Bizantino ou Alfa – não teve sua origem em nenhum foco único tal como a Latina teve em Jerônimo*” (itálicas no original) E.C. Colwell, “The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts,” *Early Christian Origins*, p. 137.

³ *Ibid.*, p. 136. Ver nossa discussão desta tese na seção “Objecções”.

⁴ Ver F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*, p. 324 e seguintes.

A própria existência da presente discussão sobre a origem de tipos de texto põe em alto relevo o que os defensores do Texto Recebido sempre afirmaram. A tese pela qual lutaram é esta: Westcott e Hort, por meio de sua teoria de recensões, não conseguiram explicar adequadamente a situação atual da tradição dos manuscritos gregos; e, em particular, falharam em explicar a relativa uniformidade desta tradição. Esta contenção agora encontra apoio em razão das questões que o estudo moderno tem sido obrigado a levantar. Está bem avançada a suspeita de que o Texto Majoritário (como Aland designa a assim chamada família bizantina¹) não pode ser rastejado com sucesso até um evento único na história textual. Mas, se não o pode, como podemos explicá-lo?

Aqui jaz a questão crucial da qual toda a teoria textual logicamente depende. Estudos empreendidos no *Institut für neutestamentliche Textforschung*, em Münster (onde fotos ou microfílm de mais de 4500 [agora mais de 5000] manuscritos estão guardados) tendem a apoiar a visão geral de que até 90% [95%] dos manuscritos gregos cursivos (em letras minúsculas) conhecidos exibem substancialmente a mesma forma de texto.² Se papiros e manuscritos unciais (em letras maiúsculas) forem considerados juntamente com os manuscritos cursivos, a percentagem dos textos conhecidos refletindo a forma majoritária dificilmente pode ser menos que 80% [90%]. Mas esta é uma cifra fantasticamente alta; ela incontornável e imperiosamente exige uma explicação.

De fato, se alguém não tiver uma explicação racional para um texto que permeia toda a tradição exceto 20% [10%], jamais deveria seriamente afirmar saber como manipular nossos materiais textuais. Se a alegação for feita que grande progresso em direção ao original é possível enquanto a origem de 80% da evidência grega é embrulhada em obscuridade, tal alegação tem que ser vista como monstruosamente anticientífica, se não perigosamente obscurantista. Nenhum volume de apelos às preferências subjetivas por esta ou aquela leitura, por este ou aquele texto, pode camuflar este fato. O Texto Majoritário tem que ser explicado como *um todo*, antes que seus direitos como *um todo* possam ser cientificamente rejeitados.

É característica peculiar da crítica textual do NT que, junto com o conhecimento dos nossos recursos manuscritos, que cresce constantemente, tem havido uma correspondente diminuição na confiança com que a história desses recursos é descrita. O esquema cuidadosamente construído por Westcott e Hort é hoje considerado, por todos os estudiosos respeitáveis, muito inadequado. A declaração confiante de Hort, “seria uma ilusão antecipar mudanças importantes no texto [crítico] a partir de qualquer aquisição de nova evidência,” é com justiça reputada hoje como extremamente ingênua.³

A formação do *Institut für neutestamentliche Textforschung* é praticamente um esforço para começar tudo de novo, fazendo o que deveria ter sido feito desde o início – a saber, coletar as evidências! É neste contexto de reavaliação que é inteiramente possível que a questão da origem do Texto Majoritário venha a exigir mais atenção. Na verdade, pode ser confiantemente antecipado que, se a crítica moderna continuar sua tendência em direção a procedimentos mais genuinamente científicos, essa questão [da origem do Texto Majoritário] novamente se tornará uma consideração central. Pois ela permanece

¹ Kurt Aland, “The Significance of the Papyri for Progress in New Testament Research,” *The Bible in Modern Scholarship*, p. 342. “Texto Majoritário” é o nome mais cientificamente não objeccionável já dado a esta forma de texto.

² *Ibid.*, p. 344.

³ *Ibid.*, p. 330 e seguintes.

como a questão que, logicamente, é a mais determinante em toda a disciplina [da crítica textual].

E os proponentes do *Textus Receptus*, têm eles uma explicação para o Texto Majoritário? A resposta é sim. Mais que isto, a posição que seus proponentes mantêm é tão descomplicada que chega a ser isenta de dificuldades encontradas por hipóteses mais complexas. Há muito tempo, no processo de atacar a autoridade dos números na crítica textual, Hort foi constrangido a confessar: “Uma pressuposição teórica verdadeiramente permanece, que uma maioria de documentos em existência é mais provável de representar uma maioria de documentos ancestrais em cada etapa da transmissão, do que *vice-versa*.”¹ Ao reconhecer isto, ele estava meramente afirmando um truísmo da transmissão de manuscritos, a saber: Sob circunstâncias normais, quanto mais velho um texto for em relação aos seus rivais, maiores são as suas chances de sobreviver em uma pluralidade ou em uma maioria dos textos em existência, em qualquer período subsequente. Mas **o mais velho** de todos os textos é o autógrafo.

Portanto, deveria ser ponto pacífico que, fora algum deslocamento radical na história da transmissão, uma maioria de textos será muito mais provável de corretamente representar o caráter do original, do que uma pequena minoria de textos. Isto é especialmente verdadeiro quando a proporção é um esmagador 8:2. Sob quaisquer condições de transmissão razoavelmente normais, para todos os efeitos práticos seria completamente impossível que uma forma-de-texto posterior obtivesse, das testemunhas em existência, uma preponderância tão esmagadora. Mesmo se levarmos a origem do assim chamado texto bizantino até uma data contemporânea a P⁷⁵ e P⁶⁶ (cerca de 200 d.C.) – uma época quando centenas de manuscritos certamente já existiam – proporções matemáticas tais como as reveladas pela tradição em existência não poderiam ser explicadas à parte de alguma sublevação prodigiosa na história textual.

Probabilidade Estatística

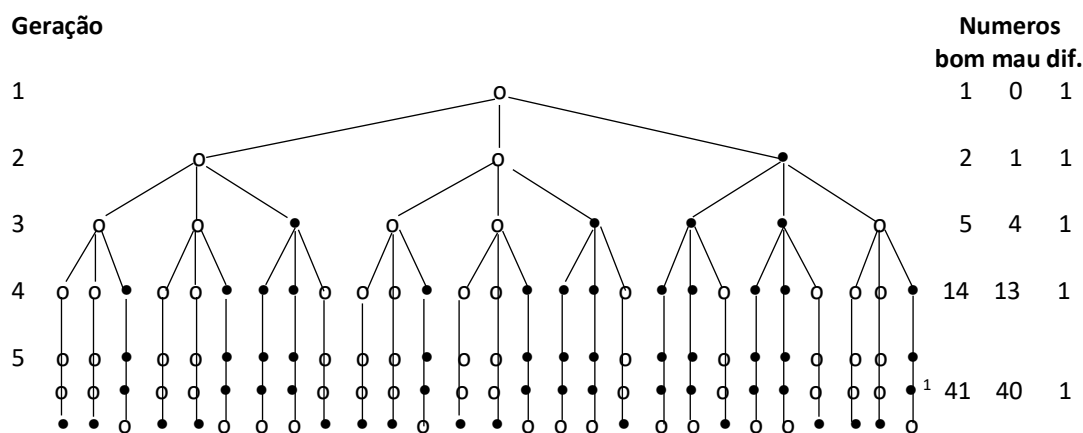
Este argumento não é simplesmente tirado do nada. O que está envolvido pode ser dito de variadas formas em termos de probabilidades matemáticas. Para isto, no entanto, eu tive de procurar ajuda do meu irmão, David M. Hodges, graduado como Bacharel em Ciências pelo Wheaton College,² em 1957, com sua principal área de especialização em Matemática. Sua experiência subsequente, no campo da Estatística, inclui: serviço na Intendência do Exército em Letterkenny (Pensilvânia) como um Oficial Estatístico para a Agência de Dados de Itens Principais do Exército dos EUA, e como um Estatístico Supervisor de Levantamentos para o Escritório de Campo dos Manuais de Equipamentos do Comando de Materiais do Exército (1963-67); e, de 1967 a 1970, como um Estatístico no Quartel General do Comando de Materiais do Exército dos EUA., em Washington, DC. Em 1972 ele recebeu seu grau de Mestre em Ciências, em Pesquisa Operacional, da George Washington University.

É mostrado, abaixo, um diagrama de uma situação de transmissão [textual], onde uma das três cópias de um autógrafo contém um erro, enquanto duas retêm a redação correta. Subseqüentemente, o fenômeno textual conhecido como “mistura” entra em jogo,

¹ B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek*, II, p. 45.

² N.Trads.: Lembrar que “college” é uma faculdade, uma instituição de ensino superior, uma universidade com menor número de cursos em áreas diversificadas.

resultando na introdução de leituras errôneas em bons manuscritos, como também no processo reverso, no qual boas leituras são introduzidas em maus. A declaração do meu irmão a respeito das probabilidades da situação segue-se ao diagrama, nas suas próprias palavras.



Contanto que bons e maus manuscritos serão copiados igual número de vezes e que a probabilidade de introdução de uma má leitura ao copiar um bom manuscrito seja igual à probabilidade de reintroduzir uma boa leitura ao copiar um mau manuscrito, a leitura correta predominará em qualquer geração de manuscritos. O grau da predominância da boa leitura depende da probabilidade de introdução do erro.

Para efeito de demonstração, chamaremos o autógrafa de 1ª geração. As cópias do autógrafa serão chamadas de 2ª geração. As cópias dos manuscritos da 2ª geração serão chamadas de 3ª geração, e assim por diante. O número da geração será identificado como "n". Daí, na 2ª geração, n = 2.

Supondo que cada manuscrito é copiado um igual número de vezes, o número de manuscritos produzidos em uma geração qualquer é k^{n-1} , onde "k" é o número de cópias feitas de cada manuscrito.

A probabilidade que uma boa leitura será reproduzida a partir de um bom manuscrito é expressa como "p", e a probabilidade de introduzirmos uma leitura errônea em um bom manuscrito é "q". A soma de "p" e "q" é "1". Baseado nas nossas suposições originais, a probabilidade de reinserção de uma boa leitura a partir de um mau manuscrito é "q" e a probabilidade de perpetuar uma má leitura é "p".

O número esperado de bons manuscritos em uma geração qualquer é a quantidade $(pkG_{n-1} + qkB_{n-1})$ e o número esperado de maus manuscritos é a quantidade $(pkB_{n-1} + qkG_{n-1})$, onde G_{n-1} é o número de bons manuscritos dos quais estamos copiando, e B_{n-1} é o número de maus manuscritos dos quais estamos copiando. O número de bons manuscritos produzidos em uma geração é G_n e o número de maus é B_n . Temos, portanto, as fórmulas:

- 1) $G_n = pkG_{n-1} + qkB_{n-1}$
- 2) $B_n = pkB_{n-1} + qkG_{n-1}$

¹ [N.B.—the fifth generation is represented by all three lines; in other words, each MS of the fourth generation was copied three times, just as in the other generations.]

$$3) k^{n-1} = G_n + B_n = (pk_{G_{n-1}} + qk_{B_{n-1}}) + (pk_{B_{n-1}} + qk_{G_{n-1}}).$$

Se $G_n = B_n$, então $pk_{G_{n-1}} = qk_{B_{n-1}} = pk_{B_{n-1}} + qk_{G_{n-1}}$ e $pk_{G_{n-1}} + qk_{B_{n-1}} - pk_{B_{n-1}} - qk_{G_{n-1}} = 0$.

Ajuntando os termos semelhantes, temos $(pk_{G_{n-1}} - qk_{G_{n-1}} + qk_{B_{n-1}} - pk_{B_{n-1}} = 0)$ e, desde que “k” pode ser fatorado, temos $(p-q)G_{n-1} + (q-p)B_{n-1} = 0$, e $(p-q)G_{n-1} - (p-q)B_{n-1} = 0$, e $(p-q)(G_{n-1} - B_{n-1}) = 0$. Uma vez que a expressão do lado esquerdo é igual a zero, então pelo menos um dos seus fatores (p-q) ou $(G_{n-1} - B_{n-1})$ tem que ser igual a zero. Mas $(G_{n-1} - B_{n-1})$ não pode ser zero, uma vez que o autógrafo era bom. Isto significa que (p-q) tem que ser igual a zero. Em outras palavras, o número esperado de más cópias pode igualar o número esperado de boas cópias somente se a probabilidade de fazer uma má cópia é igual à probabilidade de fazer uma boa cópia.

Se $G_n > B_n$, então $(pk_{B_{n-1}} + qk_{G_{n-1}} > pk_{G_{n-1}} + qk_{B_{n-1}})$. Podemos subtrair uma mesma quantidade de ambos os lados de uma desigualdade, sem mudá-la. Assim, temos $pk_{B_{n-1}} + qk_{G_{n-1}} - pk_{G_{n-1}} - qk_{B_{n-1}} > 0$. Podemos também dividir ambos os lados [da desigualdade] por “k”, obtendo $pB_{n-1} + qG_{n-1} - pG_{n-1} - qB_{n-1} > 0$. Então, $(p-q)B_{n-1} + (q-p)G_{n-1} > 0$. Também, $(p-q)B_{n-1} - (p-q)G_{n-1} > 0$. Também, $(p-q)(B_{n-1} - G_{n-1}) > 0$. No entanto, $G_{n-1} > B_{n-1}$, uma vez que o autógrafo era bom. Consequentemente, $(B_{n-1} - G_{n-1}) < 0$. Portanto, (p-q) também tem que ser menor que zero. Isto significa que “q” tem que ser maior que “p”, para que o número esperado de maus manuscritos seja maior que o número esperado de bons. Isto também significa que a probabilidade de uma cópia errada tem que ser maior que a probabilidade de uma correta.

O número esperado é realmente a média da distribuição binomial. Na distribuição binomial, um de dois resultados ocorre: ou um sucesso (isto é, uma cópia acurada), ou uma falha (isto é, uma cópia não acurada).

Na situação discutida, equilíbrio se implanta quando um erro é introduzido. Isto é, uma vez que um erro tenha sido introduzido, a diferença numérica entre o número de cópias boas e más é mantida. Em outras palavras, más cópias são transformadas em boas na mesma proporção com que boas cópias são transformadas em más. O elemento crítico é quão cedo uma má cópia aparece. Por exemplo, suponhamos que duas cópias são feitas de cada manuscrito e que “q” é $1/4 = 25\%$. A partir do autógrafo, duas cópias são feitas. A probabilidade da cópia número 1 ser boa é $3/4$, como também é o caso para a segunda cópia. A probabilidade de que ambas sejam boas é $(3/4) \times (3/4) = 9/16 = 56\%$. A probabilidade de que ambas sejam más é $1/4 \times 1/4 = 1/16 = 6\%$. A probabilidade de que só uma [quer seja a primeira, quer a segunda] é má é $(3/4 \times 1/4) + (1/4 \times 3/4) = 6/16 = 38\%$. O número esperado de boas cópias é $pk_{G_{n-1}} + qk_{B_{n-1}}$ que é $(3/4 \times 2 \times 1) + (1/4 \times 2 \times 0) = 1,5$. O número esperado de más cópias é $2 - 1,5 = 0,5$. Agora, se um erro for introduzido na segunda geração, o número de cópias boas e más será igual, dali para frente. Mas a probabilidade disso acontecer é 44%. Se a probabilidade de uma cópia acurada for maior que $3/4$, a probabilidade de um erro na segunda geração decrescerá. Isto permanece verdade não importando qual seja o número de cópias e o número de gerações, desde que o número de cópias feitas a partir de maus manuscritos seja igual ao número de cópias feitas a partir de bons manuscritos. Obviamente, se um tipo de manuscrito é copiado mais freqüentemente que o outro, o tipo de manuscrito copiado mais freqüentemente perpetuará sua leitura mais freqüentemente.

Uma outra observação é que, se a probabilidade de introduzir uma leitura incorreta diferir da probabilidade de reintroduzir uma leitura correta, a discussão não se aplica.

Esta discussão, no entanto, não é de modo algum desequilibrada de modo a favorecer a tese que estamos apresentando. O reverso é o caso. Uma declaração adicional do meu irmão clarificará este ponto:

Uma vez que a redação correta é aquela aparecendo na maioria dos textos em cada geração, é aparente que, se um escriba consulta outros textos aleatoriamente, a leitura majoritária predominará nas fontes consultadas aleatoriamente. A proporção de bons:maus textos consultados irá se aproximar da proporção bons:maus textos na geração precedente. Se um número pequeno de textos é consultado, naturalmente uma proporção não representativa pode ocorrer. Mas, em um número grande de consultas a textos existentes, a aproximação será representativa da proporção existente em todos os textos em existência.

Na prática, contudo, comparações aleatórias provavelmente não ocorreram. O escriba consultaria aqueles textos que lhe fossem mais prontamente disponíveis. Conseqüentemente, haveriam ramos de textos que seriam corruptos porque a maioria dos textos disponíveis ao escriba conteriam o erro. Por outro lado, quando um erro ocorreu a primeira vez, se o escriba checou mais que um manuscrito ele acharia todos com a leitura correta exceto a cópia que introduziu o erro. Assim, quando um escriba usou mais que um manuscrito, a probabilidade de reproduzir um erro seria menor que a probabilidade de introduzir um erro. Isto se aplicaria à geração imediatamente seguinte à introdução de um erro.

Em resumo, portanto, nosso problema teórico estabelece condições para reproduzir um erro que são demasiadamente favoráveis ao erro. Todavia, mesmo assim, nesta situação idealizada, a maioria original a favor da leitura correta é mais provável de ser retida do que perdida. Mas a maioria na quinta geração é uma frágil razão de 41:40. Que diremos, então, quando encontramos a real situação existente, onde (de quaisquer 100 manuscritos dados) podemos esperar achar uma proporção [bons:maus manuscritos] de, digamos, 80:20? Faz-se imediatamente evidente que, em qualquer tipo de transmissão normal, a probabilidade de que os 20 manuscritos representam a redação original é, na verdade, muito pequena.

Portanto, abordando a questão a partir deste lado (i.é.: *começando* com os manuscritos conhecidos), podemos supor um problema envolvendo (para conveniência matemática) 500 manuscritos em existência, nos quais temos proporções de 75% para 25%. A declaração do meu irmão a respeito deste problema é a seguinte:

Dados cerca de 500 manuscritos dos quais 75% exibem uma leitura e 25% exibem outra, dada uma probabilidade de $1/3$ para introduzir um erro, dada a mesma probabilidade para corrigir um erro, e dado que cada manuscrito é copiado duas vezes, a probabilidade que a redação majoritária se originou de um erro é menor que 10%. Se a probabilidade de introduzir um erro for menor que $1/3$, a probabilidade que a redação errônea ocorra 75% das vezes é ainda menor. O mesmo se aplica se três, e não duas, cópias forem feitas de cada manuscrito. Conseqüentemente, a conclusão é que, dadas as condições descritas, é altamente improvável que a leitura errônea predominaria ao ponto que o Texto Majoritário predomina.

Esta discussão se aplica a uma leitura individual e não deve ser interpretada como uma declaração da probabilidade que manuscritos copiados serão isentos de erros.

Deve ser notado também que uma probabilidade de 1/3 na introdução de erros é alta, se houve perícia e cuidado no processo de copiar.

Não bastará argumentar, em resposta a esta demonstração, que é óbvio que um erro pode facilmente ser copiado mais que a leitura original, em qualquer caso específico. Naturalmente isto é verdadeiro e é livremente reconhecido. Mas o problema é mais agudo que isto. Se, por exemplo, em um certo livro do NT encontramos (digamos) 100 leituras [jogos de variantes] onde os manuscritos se dividem na proporção de 80% para 20%, deveríamos supor que em cada um destes casos, ou mesmo na maioria deles, esta reversão de probabilidades tem ocorrido? Todavia isto é o que, *em efeito*, a crítica textual contemporânea está dizendo. Pois o Texto Majoritário é repetidamente rejeitado a favor de leituras minoritárias. É evidente, portanto, que o que os críticos textuais modernos estão *realmente* afirmando – quer implícita ou explicitamente – constitui nada menos que uma rejeição [da ciência] das probabilidades “por atacado”, e em uma escala que a tudo abrange!

Seguramente, portanto, fica claro que aqueles que repetida e consistentemente preferem leituras minoritárias a leituras majoritárias – especialmente quando as majorias rejeitadas são muito grandes – estão confrontados com um problema. Como pode esta preferência ser justificada contra as probabilidades latentes em qualquer visão razoável da história da transmissão do NT? Porque deveremos rejeitar estas probabilidades? Que tipo de fenômeno textual seria requerido para produzir um texto majoritário espalhado em 80% da tradição, e que, apesar disto, seria mais freqüentemente errado que os 20 por cento que se lhe opõe? E, mesmo se pudéssemos conceber tal fenômeno textual, que prova há que ele jamais ocorreu? Pode alguém, racionalmente, seguir em frente na crítica textual sem fornecer uma convincente resposta a estas perguntas?

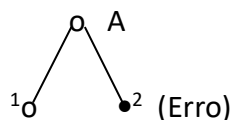
Eu venho insistindo, por bastante tempo, que o ponto crucial do problema textual é como explicamos a esmagadora preponderância do Texto Majoritário na tradição em existência. Explicações atuais da sua origem são seriamente inadequadas (ver abaixo, a seção “Objeções”). Por outro lado, a proposição que o Texto Majoritário é o resultado natural de um processo normal de transmissão de manuscritos lhe dá uma explicação perfeitamente natural. Assim, as formas de texto minoritárias são explicadas, *mutatis mutandis*, como existindo nas suas formas minoritárias devido ao distanciamento comparativo do texto original. A teoria é simples, mas, creio completamente adequada em cada nível. Sua adequação pode ser demonstrada também pela simplicidade das respostas que oferece às objeções colocadas contra ela. Algumas destas objeções seguem.

Objeções

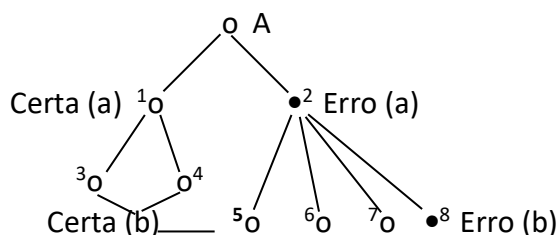
1. *“Uma vez que todos manuscritos não são copiados um mesmo número de vezes, demonstrações matemáticas como as acima são inválidas.”*

Mas isto é entender mal o propósito de tais demonstrações. Naturalmente, o diagrama acima dá uma situação “idealizada” e que não representa o que realmente aconteceu. Em vez disso, ele simplesmente mostra que, todas as outras coisas sendo iguais, a [ciência da] *probabilidade estatística* favorece a perpetuação, em cada geração, da condição majoritária original das leituras autênticas. E tem que ser lembrado que, quanto maior for a maioria original, mais imponente se tornará este argumento baseado em probabilidades. Elaboremos este ponto.

Se imaginarmos um estema como segue:

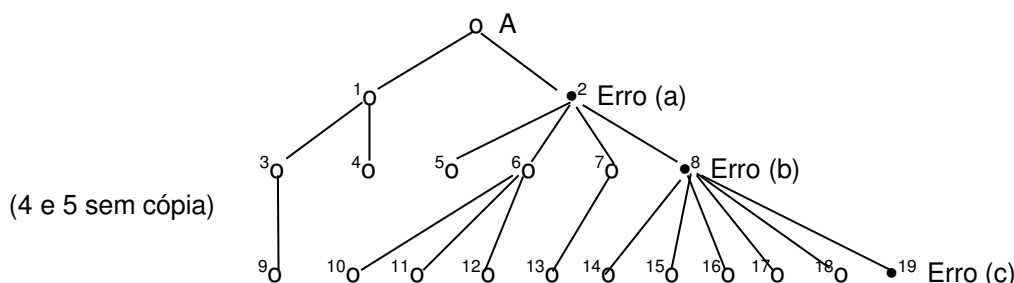


onde A = autógrafo, e (1) e (2) são cópias feitas a partir dele; é aparente que, *teoricamente*, o erro (em 2) tem uma chance igual à da leitura autêntica (em 1) de ser perpetuado. Mas, naturalmente, *na realidade* (2) pode ter sido copiado mais freqüentemente que (1), e assim o erro pode ter sido perpetuado em um número maior de manuscritos posteriores do que a verdadeira leitura (em 1). Tudo bem, até aí. Mas suponha –



Agora, já concedemos que o erro designado (a) está sendo perpetuado em número maior que a verdadeira leitura designada (a), de modo que “erro (a)” é encontrado nas cópias 5-6-7-8, enquanto “leitura verdadeira (a)” é encontrada somente nas cópias 3 e 4. Mas quando “erro (b)” é introduzido na cópia 8, sua rival “verdadeira leitura (b)” é encontrada nas cópias 3-4-5-6-7.¹ Irá alguém supor, neste ponto, que é sequer um pouco provável que “erro (b)” terá a mesma boa sorte que “erro (a)” e que manuscrito 8 será copiado mais freqüentemente que 3-4-5-6-7 juntos?

Mas, mesmo admitindo-se esta situação *muito* menos provável, suponha novamente –



Irá alguém crer que as probabilidades favorecem uma repetição da mesma situação para “erro c” na cópia 19?

Não é patente que, à medida que manuscritos se multiplicam e erros são introduzidos mais tarde no fluxo de transmissão, a probabilidade de que o erro seja copiado mais freqüentemente do que os seus textos rivais, em número cada vez maior, é drasticamente reduzida?

Assim, admitir que *alguns* erros possam ser copiados mais freqüentemente que a leitura autêntica rival, de modo algum atinge o cerne do nosso argumento. A razão é simples: a crítica moderna repetida e sistematicamente rejeita, em uma escala tremenda, leituras

¹ Por “erro (b)” queremos dizer, naturalmente, um erro feito em outro local no texto sendo transmitido a partir do autógrafo. *Não* queremos dizer que “erro (b)” substituiu “erro (a).” Assim, enquanto as cópias 5-6-7 contêm “erro (a),” elas também contêm a redação original que rivaliza com “erro (b).”

majoritárias. Mas, com cada tal rejeição, a probabilidade de que esta rejeição seja válida é dramaticamente reduzida. *Chocar-se contra as probabilidades estatísticas umas poucas vezes é uma coisa, fazê-lo repetida e persistentemente é algo bem diferente!*

Por tudo isto, continuamos a insistir que rejeitar em números enormes as leituras do Texto Majoritário, sem fornecer um arrazoado global acreditável a favor desse procedimento, é voar às cegas de encontro a toda a probabilidade razoável.

2. O Texto Majoritário pode ser explicado como produto de um “processo” que resultou na formação gradual de um tipo-de-texto numericamente preponderante.

Essa tese do Texto Majoritário como resultando de um “processo” parece estar ganhando preferência, hoje em dia, entre os estudiosos do texto do NT. Todavia, ao que eu tenha conhecimento, ninguém tem oferecido uma explicação detalhada do que, exatamente, constituiu o processo, quando ele começou, ou como – uma vez começado – alcançou o resultado que lhe tem sido atribuído. Na verdade, os proponentes da tese de “processo” são provavelmente espertos em permanecerem vagos a respeito dele, porque, já de cara, parece impossível conceber *qualquer tipo* de processo que seja ao mesmo tempo historicamente acreditável e adequado para explicar todos os fatos. O Texto Majoritário, tem que ser lembrado, é relativamente uniforme no seu caráter geral, com comparativamente baixas quantidades de variação entre seus representantes principais.¹

Ninguém ainda conseguiu explicar como um processo lento e longo, espalhando-se tanto por muitos séculos como também por uma ampla área geográfica, e envolvendo uma multidão de copistas que às vezes não sabiam nada do estado do texto fora dos seus próprios mosteiros ou *scriptória*, poderia alcançar esta uniformidade universalmente prevalecente, a partir da [suposta] diversidade apresentada pelas formas de texto anteriores. Mesmo uma edição oficial do NT – promovida ao redor do mundo conhecido com sanção eclesiástica – teria tido grandes dificuldades para alcançar este resultado, como a história da Vulgata de Jerônimo amplamente demonstra.² Mas um processo não dirigido alcançar relativa estabilidade e uniformidade nas tão diversificadas circunstâncias

¹ As palavras chave, aqui, são “relativamente” e “comparativamente.” Naturalmente, membros individuais [da família de manuscritos] do Texto Majoritário mostram variados índices de conformidade com ele. No entanto, a proximidade dos seus representantes para com o padrão geral não é difícil de demonstrar, na maioria dos casos. Por exemplo, em um estudo de cem locais de variação em João 11, os representantes do Texto Majoritário usados no estudo mostraram uma faixa de concordância entre 70 e 93 por cento. Ver Ernest C. Colwell e Ernest W. Tune, p. 28, 31. Os 93% de concordância do códice uncial Ômega com o *Textus Receptus* compara-se bem com os 92 por cento de concordância entre P⁷⁵ e B. A afinidade de Ômega com o TR é mais aproximadamente típica do padrão que se encontraria na grande massa dos textos minúsculos. Altos níveis de concordância deste tipo são (como no caso de P⁷⁵ e B) o resultado de uma base ancestral compartilhada. São as divergências que são o resultado de um “processo” e não o contrário.

Uma declaração sumária mais geral, sobre a matéria, é feita por Epp, “... os manuscritos Bizantinos formam juntamente, afinal, um grupo bastante entrelaçado, e as variações a discutir dentro deste grande grupo inteiro são relativamente secundárias em caráter.” (Eldon Jay Epp, “The Claremont Profile Method for Grouping New Testament Minuscule Manuscripts,” p. 33.)

² Depois de discutir as vicissitudes que afligiram a transmissão da Vulgata, Metzger conclui: “Como resultado, os mais de 8000 manuscritos da Vulgata que hoje existem exibem a maior quantidade de contaminação cruzada de tipos textuais.” (*Text of the New Testament*, p. 76.) Uniformidade de texto é sempre maior na fonte e diminui – em vez de aumentar – à medida que a tradição se expande e multiplica. Esta advertência é ignorada pela tese do Texto Majoritário como resultado de um “processo”.

textuais, históricas e culturais nas quais o NT foi copiado, impõe torções insuportáveis à nossa imaginação.

Assim, vê-se que quanto mais clara e especificamente a tese de “processo” possa vir a ser articulada, mais vulnerável ela provavelmente será a todas as objeções em potencial que lhe fizemos agora. Ademais, quando articulação for dada a uma tal tese, esta terá que se localizar definitivamente em algum local da história – com muitas inconveniências adicionais se acumulando contra seus defensores. Porque, seja lembrado, assim como a História é muda a respeito de qualquer “recensão síria” (tal como aquela que Hort imaginou), do mesmo modo também a História é muda sobre qualquer tipo de “processo” que esteve de algum modo influenciando ou guiando os escribas à medida que manuscritos eram transmitidos. Críticos modernos são os primeiros a descobrir um tal “processo”, mas antes de aceitá-lo teremos que ter mais que proclamações vagas e não documentadas sobre ele.

Parece não ser injusto que se diga que a tentativa de explicar o Texto Majoritário por algum “processo” obscuro e nebuloso é uma confissão implícita de fraqueza da parte da crítica contemporânea. A erosão da tese de Westcott e Hort, que rastejou o Texto Majoritário até uma recensão oficial e definitiva do NT, tem criado um vácuo verdadeiramente muito difícil de ser preenchido. Mais que nunca, vê-se que críticos não podem rejeitar o Texto Majoritário e ao mesmo tempo explicá-lo. *E este é o nosso ponto principal e essencial!* Rejeição do Texto Majoritário e explicação acreditável para o mesmo, são bastante incompatíveis um com outro. Mas a aceitação do Texto Majoritário imediatamente fornece uma explicação para ele e também para os textos rivais! *E é a essência do processo científico preferir hipóteses que explicam os fatos disponíveis e rejeitar hipóteses que não o façam!*

C. CONFLAÇÃO OU CONFUSÃO?¹

Conflação é a teoria que, quando um escriba ou editor teve diante de si dois ou mais manuscritos os quais, em um dado ponto, tinham leituras diferentes que podiam ser “apropriadamente” combinadas para produzir um texto mais “pleno”, ele poderia fazer esta combinação. O resultado seria chamado “conflação”, de acordo com Hort.

Quando se avalia um exemplo aparente de conflação, deve-se dar a devida consideração à hipótese oposta, à possibilidade que as diferenças possam advir da omissão acidental (ou intencional) de diferentes partes de uma leitura original “completa”.

A lista a seguir inclui exemplos de possíveis confluções colecionados de várias fontes. (Um olhar aguçado pode descobrir outros exemplos.) Estes casos são apresentados ao leitor para sua própria avaliação e decisão. Eles vão desde casos de conflação óbvia e omissões óbvias, até casos de completa confusão onde é altamente duvidoso que o mecanismo de “conflação” tenha operado. Por isso, os exemplos são classificados em dois conjuntos de dois grupos cada:

1. “Conflação” verdadeira, ou clara:
 - 1.a. Mera adição ou telescopeamento de leituras, ou omissão delas;

¹ O título e formato básico deste apêndice eu devo a William G. Pierpont, e os uso com sua permissão. No entanto, tenho quase triplicado o número de exemplos, e os comentários editoriais são meus. As principais fontes para os exemplos adicionados são H.A. Sturz (*The Byzantine Text-Type*) e Maurice A. Robinson (artigo não publicado). Peter J. Johnston contribuiu de forma importante para o balanço contábil das evidências.

- 1.b. Adição + conjunções simples, ou omissão.
2. "Conflação" duvidosa, ou confusão:
 - 2.a. Complicada por substituição, transposição ou mudanças internas moderadas, ou omissão;
 - 2.b. Diferenças substanciais – "conflação" duvidosa.

A extensão completa da confusão existente não será aparente ao leitor uma vez que, na maior parte dos exemplos, há uma ou mais variantes adicionais não incluídas aqui porque não são relevantes aos possíveis exemplos de conflação.

Os símbolos no aparato crítico são essencialmente aqueles de uso geral. As abreviações *pc*, *al*, *pm* e *rell* têm o mesmo significado que nas edições de Nestle.¹ Tenho representado *f*¹ e *f*¹³ somente pelos seus números. Apenas um símbolo de tipo-de-texto é usado, **Biz**, que representa a tradição manuscrita 'bizantina'. Utilizo parênteses em duas maneiras – quando eles delimitam um papiro, significam que há dúvidas quanto a que leitura ele exhibe; quando delimitam qualquer outro tipo de testemunha, significam que as suas leituras têm uma leve variação em relação às outras testemunhas. O leitor não pode deixar de notar que a abrangência do aparato varia consideravelmente de exemplo para exemplo – isto é um reflexo das fontes que me eram disponíveis.

"Conflação" Verdadeira, ou Clara

Mera adição ou telescopeamento de leituras, ou omissão delas

1. Mat. 3.12 *αυτου εις την αποθηκην* **Biz** ⚭ C K Δ 0233 1 *pm* lat cop
εις την αποθηκην αυτου L 892 *al* b ff¹ g¹ sy^{p,h}
αυτου εις την αποθηκην αυτου B W *pc*

(Isto pareceria ser uma conflação da parte de B e de W. Uma vez que Hort não seguiu B aqui, ele deve ter sido de uma opinião similar.)

2. Mat. 16.11 *προσεχειν* **Biz** D^c W X *pm* sy^{c,s,h}
προσεχετε D Θ 13 124 *pc* lat sy^p
προσεχετε δε ⚭ B C L 1 *pc* cop
προσεχειν προσεχετε δε C^c 33 237 *al* q

(Uma conflação evidente da parte de alguns MSS mais recentes, construída sobre as leituras 'bizantina' e 'alexandrina/ocidental'.)

3. Mat. 17.25 *οτε εισηλθεν* **Biz** E F G K L W Y Π
ελθοντα B 1
εισελθοντα ⚭
εισελθοντων Θ 13
εισελθοντι D

(Não pode esta ser uma conflação da parte de ⚭, com embelezamentos 'cesareenses' e 'ocidentais'?)

4. Mat. 20. 21 *δεξιων σου . . . ευωνυμων* D Θ 1 *pc* lat
δεξιων . . . ευωνυμων σου ⚭ B
δεξιων σου . . . ευωνυμων σου **Biz** C L N W Z 085 13 *pm* sy^{p,h}

¹ Nota explicativa: *pc* = poucos [MSS], *al* = vários, *pm* = muitos, maioria simples, *pl* = grande maioria, *rell* = todos os demais, ^{pt} = em parte (daí porque muitas vezes ocorre duas vezes).

(É esta uma confluência 'bizantina' das leituras 'ocidental' e 'alexandrina', ou são estas simplificações independentes daquela? Deve ser notado que \aleph e B estão sozinhos na omissão do primeiro *sou*.)

5. Mat. 23.25 *ακρασιας* \aleph B D L Δ Θ Π 1 13 33 *al it sy^h*
αδικιας **Biz** C K Γ *pm f sy^p*
ακρασιας αδικιας W

(Parece evidente que códice W aqui confla as leituras 'alexandrina' e 'bizantina'.)

6. Mat. 24.38 *εκειναις προ* D 253 *pc it^{pt} sy^{h,pal}*
ταις προ **Biz** \aleph L W Θ 067 0133 1 13 *pl it^{pt} vg bo*
εκειναις ταις προ B

(Isto pareceria ser uma confluência da parte de B. Uma vez que Hort usou colchetes aqui, ele deve ter tendido a uma opinião similar.)

7. Mat. 26.22 *εις εκαστος* \aleph B C L Z 0281 33 *pc sa*
εκαστος αυτων **Biz** P^{37,64} (P⁴⁵) A W Γ Δ Π Σ Ψ 074 1 13 *pl sy^p*
εις εκαστος αυτων (P⁴⁵) D M Θ 69 *pc bo*

(Isto pareceria ser uma confluência 'ocidental' de elementos 'bizantinos' e 'alexandrinos'. Uma reunião recente de papirólogos decidiu que P⁶⁴ data do 1º século [!], e confirmou que ele traz a leitura bizantina.)

8. Mat. 26.36 *ου* **Biz** B E F G 067 *pm*
αν D K L W Δ Θ 074 1 69 *al*
ου αν P⁵³ A *pc*

(Antes do advento de P⁵³, presumivelmente todos concordariam que A aqui conflou as leituras 'bizantina' e 'ocidental'. Embora o papiro [P⁵³] antedate quaisquer testemunhas conhecidas destes dois "tipos de texto", eu sugiro que a conclusão correta é que a confluência ocorreu muito cedo.)

9. Mat. 26.70 *αυτων* K *al*
παντων \aleph B D E G L Z Θ 090 13 33 *al lat sy^{p,h}*
αυτων παντων **Biz** A C W Γ Δ 0133 1 *pm*

(Deveremos dizer que o texto 'bizantino' tem uma confluência baseada, por um lado, em um punhado de MSS recentes, e, por outro lado, nos tipos de texto 'alexandrino / ocidental' combinados? Parece mais provável que K etc. tenham simplificado a leitura 'bizantina', uma ocorrência fácil de *homoioteleuton*. Neste caso, a leitura 'alexandrina / ocidental' é melhor explicada como uma outra simplificação da leitura original, um caso de *parablepsis*.)

10. Mat. 27.55 *εκει* **Biz** B C *pl lat*
και D 56 *aur d*
εκει και F K L Π 33 *sy^{h,pal}*
κακει \aleph (*sy^p*)

(Aqui parece que temos variadas testemunhas conflando as leituras 'bizantina-alexandrina' e 'ocidental'.)

11. Marcos 1.4 *ο βαπτιζων εν τη ερημω* B 33 *pc*
βαπτιζων εν τη ερημω και **Biz** A K P W Π 1 13 *pl f sy^{h,pal}*
ο βαπτιζων εν τη ερημω και \aleph L Δ *pc bo*
(εν τη ερημω βαπτιζων και) D Θ *pc lat sy^p*

(Aqui temos testemunhas ‘alexandrinas’ conflando a leitura ‘bizantina’ e aquela do códice B. Embora não tenha havido acréscimo de nova evidência, SBU³ parece esposar esta óbvia confluência enquanto SBU¹ não o fez.)

12. Marcos 1.28 *ευθυς πανταχου ευθυς πανταχου* (omite) **Biz** A D E G H K M U V Y Γ Δ Π Σ Φ Ω 0104 *pm* lat sy^{p,h}
W 579 *pc* b e q
Ⲛ^c B C L 0133 13 *pc*
Ⲛ Θ 1 *al* c ff² r¹ sy^s

(Não é esta uma óbvia confluência ‘alexandrina’? Apesar disto, o texto da SBU a adota sem dar qualquer indicação de que há outras leituras.)

13. Marcos 1.40 *κυριε οτι κυριε οτι* C L W Θ *pc* e c ff sy^{pal}
Biz Ⲛ A *pl* sy^h
B

(Isto parece ser uma confluência clara da parte de B. Uma vez que Hort não seguiu B aqui, ele presumivelmente tendia à mesma opinião.)

14. Marcos 5.42 *εξεστησαν εξεστησαν ευθυς εξεστησαν παντες* **Biz** P⁴⁵ A K W Θ Π 0133 1 13 *pl* e sy^{p,h}
Ⲛ B C L Δ 33 892 *pc* bo
D it sa

(Se os “produtores” do texto ‘sírio’ seguiram uma política de confluência, por que eles negligenciaram esta excelente oportunidade? Notar que aquela que Hort chamou de leitura “síria tardia” tem agora a atestação mais antiga.)

15. João 4.29 *παντα οσα παντα α παντα οσα α* **Biz** P^{66,75} A D L W Γ Δ Θ Λ Π Ψ 086 1 13 *pl* lat sy^h
Ⲛ B C e a d q sy^p cop
579

(Esta é uma confluência óbvia num MS recente. Notar a forte atestação antiga para a leitura ‘bizantina’.)

16. João 5.37 *εκεινος αυτος μεμαρτυρηκεν εκεινος αυτος μαρτυρει* **Biz** P⁷⁵ Ⲛ B L W 213 *pc* a ff^a j sy^{p,h}
P⁶⁶ A Γ Δ Θ Λ Π Ψ 063 1 13 *pl* lat
D a b c l q

(Isto parece ser um caso de confluência ‘ocidental’. Notar que aquela que Hort chamou de leitura “síria tardia” tem atestação muito antiga.)

17. João 7.39 *πνευμα πνευμα αγιον πνευμα δεδομενον πνευμα αγιον δεδομενον* p^{66c,75} Ⲛ K N T Θ Π Ψ *pc* bo
Biz P⁶⁶ L W X Γ Δ Λ 0105 1 13 *pl*
lat sy^{c,s,p} Eusébio
B 053 *pc* e q sy^{pal,h}

(Aqui parece que B confla elementos ‘bizantinos’ e ‘ocidentais’. Uma vez que Hort não seguiu B, ele deve ter tendido à mesma opinião. Notar que aquela que Hort chamou de leitura “síria tardia” tem agora atestação muito antiga.)

18. João 10.19 *σχισμα ουν σχισμα παλιν σχισμα ουν παλιν* D 1241 sy^s
P⁽⁴⁵⁾⁷⁵ Ⲛ B L W X 33 *pc* lat sy^p sa
Biz P⁶⁶ A Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 *pl* sy^h

(Um século atrás, isto poderia ter sido interpretado como uma confluência ‘síria’, mas agora, dificilmente podemos dizer que P⁶⁶ conflou P⁷⁵ e D. A possibilidade tem que ser

pelo menos considerada de que aquela que Hort chamou de leitura "síria tardia" é de fato a mais antiga, a original.)

19. João 10.31 *εβαστασαν* P⁴⁵ Θ
εβαστασαν ουν D 28 1780 *pc lat sy^s bo*
εβαστασαν παλιν (P⁷⁵) ⚡ B L W 33 *pc sy^p*
εβαστασαν ουν παλιν Biz P⁶⁶ A X Π Ψ 1 13 565 *pl f sy^h*

(Um século atrás, isto poderia ter sido interpretado como uma confluência 'síria', mas agora, dificilmente podemos dizer que P⁶⁶ confluiu B e D. Tem que ser reconhecida a possibilidade que aquela que Hort chamou de leitura "síria tardia" é de fato a mais antiga. Todas as três palavras terminam em *nu*, portanto ambas [ou todas as três] leituras mais curtas podem ser o resultado de *homoioleuton*.)

20. João 11.22 *αλλα* 1780
και P⁷⁵ ⚡ B C X 1 33 *pc it^{pt}*
αλλα και Biz P^{45,66} ⚡² A C³ D L W Θ Ψ Ω 0250 13 *pl lat sy^{p,h} cop*

(Parece óbvio que a leitura 'bizantina' não pode ser uma confluência da 'alexandrina' e de um manuscrito recente. 1780 deixou de fora parte da leitura 'bizantina'. Sugiro a mesma explicação para a leitura 'alexandrina'. Observar que a leitura 'bizantina' tem agora atestação muito antiga.)

21. João 12.9 *οχλος πολυς* Biz P^{66,75} A B² I Q X Θ Ψ 065 1 33 *pl (cop)*
ο οχλος πολυς ⚡ B L *pc lat*
οχλος ο πολυς W 1010
ο οχλος ο πολυς P^{66c}

(Confluência ou confusão? Foi P^{66c} que confluiu B e W? Ou devemos dizer que P^{66c} tem a leitura original, a qual todos os demais manuscritos [incluindo P^{66*}!] simplificaram? Notar que aquela que Hort chamou de leitura "síria tardia" tem agora a mais antiga atestação, e como!)

22. João 14.14 *τουτο* P⁷⁵ A B L Ψ 060 33 *al c vg cop*
εγω Biz P⁶⁶ ⚡ D E G Q X Γ Δ Π *pm it sy^{p,h}*
τουτο εγω P^{66c}

(Esta é uma confluência instrutiva da parte de P^{66c}. Notar a atestação antiga para a leitura 'bizantina'.)

23. João 16.4 *αυτων μνημονευητε* ⚡^c L 13 *al lat*
μνημονευητε αυτων Biz K Γ Δ Ψ 054 1 *pm ff² sy^{pal}*
αυτων μνημονευητε αυτων A B Θ Π 33 *al sy^{p,h}*
μνημονευητε ⚡ D a *sy^s cop*

(Esta pareceria ser uma confluência não muito feliz da parte de B, etc.)

24. João 17.23 *και γινωσκη* P⁶⁶ ⚡ W 1 *pc lat*
ινα γινωσκη B C D L 33 *pc a e sy^s*
και ινα γινωσκη Biz A Θ Ψ 054 13 *pm f q sy^{p,h}*

(Esta poderia ser uma confluência 'bizantina', mas as duas primeiras leituras poderiam, com a mesma facilidade, ser apenas simplificações independentes da leitura mais longa.)

25. João 18.40 *παλιν* P⁶⁰ ⚡ B L W X 0109 *pc*
παντες G K N Ψ 1 13 33 *al it sy^{p,pal} cop*

παλιν παντες Biz (P⁶⁶) A Γ Δ Θ 054 0250 *pm* vg sy^h
παντες παλιν D

(Esta poderia ser uma confluência 'bizantina', mas poderia com a mesma facilidade ser o caso que as duas leituras mais curtas são simplificações independentes da leitura mais longa; talvez um caso de *homoiarcton*. Quanto à leitura 'ocidental', é ela uma confluência ou simplesmente uma inversão na ordem das palavras?)

26. Atos 7.16 *του Συχεμ* Biz P⁷⁴ D Ψ 049 056 0142 *pm* lat
εν Συχεμ ⚭ B C *al* cop
του εν Συχεμ ⚭^c A E

(A terceira leitura é, presumivelmente, uma confluência das leituras 'bizantina' e 'alexandrina'.)

27. Atos 10.48 *του κυριου* Biz H L P 049 056 *pm*
Ιησου Χριστου P⁷⁴ ⚭ A B E 33 *al* cop
του κυριου Ιησου Lec *al*
του κυριου Ιησου Χριστου D 81 d p

(A quarta leitura pareceria ser uma confluência 'ocidental' das leituras 'bizantina' e 'alexandrina'.)

28. Atos 14.15 *τον θεον ζωντα* D *pc*
θεον τον ζωντα ⚭
τον θεον τον ζωντα Biz P⁴⁵ H L P *pm*
θεον ζωντα P⁷⁴ B C E 33 *al*

(Um século atrás, isto poderia ter sido interpretado como uma confluência 'síria', mas agora, dificilmente podemos dizer que P⁴⁵ confluiu ⚭ e D. Por que não dizer que aquilo que Hort chamou de leitura "síria tardia" não apenas é a mais antiga como também a melhor? Eu diria que a leitura 'alexandrina' é decididamente inferior em termos da estrutura de discurso do texto, o tipo de coisa que engodaria escribas sem domínio do grego koinê como língua materna.¹)

29. Atos 24.14 *τοις προφηταις* Biz ⚭^c A *pm* syr bo
εν τοις προφηταις B C D *al*
τοις εν τοις προφηταις ⚭ E

(Esta parece ser uma confluência clara da parte de ⚭.)

30. Atos 25.5 *τουτω* Biz *pm*
ατοπον ⚭ A B C E 33 *al* lat
τουτω ατοπον Ψ 69 614 *al* syr bo

(A terceira leitura pareceria ser uma confluência das leituras 'bizantina' e 'alexandrina'.)

31. 1 Cor. 7.34 *η αγαμος και η παρθενος* P¹⁵ B P *al* cop
και η παρθενος η αγαμος Biz D F G K L Ψ *pm* it syr
η αγαμος και η παρθενος η αγαμος P⁴⁶ ⚭ A 33 *pc*

¹ Para uma descrição completa do que quero dizer por "estrutura de discurso", ver meu livro, *A Framework for Discourse Analysis* (Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington, 1980).

(Embora inquestionavelmente antiga, esta realmente parece ser uma confluência da parte de P⁴⁶, etc.)

32. Filip. 1.18 *πλην* Biz D E K L *pm*
οτι B sy^p
πλην οτι P⁴⁶ ⋈ A F G P 048 33 *pc sa*

(Editores modernos tendem a encarar a leitura longa como original, mas agora que sabemos que o texto 'bizantino' retroage até pelo menos o segundo século, devemos reconsiderar a possibilidade de que P⁴⁶, etc. têm uma confluência. No exemplo acima, eles já demonstraram esta capacidade.)

33. Col. 2.2 *του Θεου και Πατρος και του Χριστου* Biz D^c K *pm* Lect
του Θεου και Πατρος του Χριστου ⋈^b Ψ *pc sy^h*
του Θεου Πατρος και του Χριστου 0208 1908 sy^p
του Θεου Πατρος του Χριστου A C it^{pt} sa^{pt} bo
του Θεου Πατρος Χριστου ⋈ 048
του Θεου Χριστου P⁴⁶ B (só eles)
του Θεου D^b H P 436 1881 sa^{pt}
 (pelo menos sete variações adicionais)

(Os editores do texto da SBU fazem a leitura de B sua primeira escolha, e aquela do texto 'bizantino' sua última! Eles devem considerar a leitura 'bizantina' como sendo uma excelente ilustração de confluência, mas como foi que ela ocorreu? Será que "editores sírios" tomaram emprestado os dois *kai* de Ψ e de 0208 respectivamente, ou eles deixaram de lado partes da leitura mais longa? Foi *Πατρος* tomado emprestado de ⋈, A, C ou estes deixaram de lado mais outras partes do original? Presumivelmente os editores da SBU sentiram que H omitiu parte de B, mas B também poderia facilmente exibir o resultado de omissão, um caso não muito difícil de *homoioteleuton* [quatro palavras terminam em *-ou*]. Eu submeto [ao leitor minha convicção] que a leitura que melhor explica o surgimento de todas as outras é precisamente aquela do texto 'bizantino'.)

34. Col. 3.17 *Κυριου Ιησου* Biz P⁴⁶ B (Ψ) *pl*
Ιησου Χριστου A C D F G
Κυριου Ιησου Χριστου ⋈ D² 365 1175 *pc*

(⋈ confla, presumivelmente. Notar a atestação bem antiga para a leitura 'bizantina'.)

35. 1 Tes. 5.27 *τοις αμοις* 103 1984 1985
τοις αδελφοις ⋈ B D E F G *pc d e f g sa*
τοις αμοις αδελφοις Biz (P⁴⁶) ⋈^c A K L P Ψ 33 *pl it syr bo*

(A leitura 'bizantina' dificilmente pode ser uma confluência baseada em 103, portanto 103 deve ter uma simplificação da leitura 'bizantina'. Sugiro a mesma explicação para a leitura 'alexandrina/ocidental'. Ambas as formas curtas podem facilmente ser o resultado de *homoioteleuton* [3 x *-οις*].)

36. Heb. 7.22 *και* 920
κρειττονος Biz P⁴⁶ ⋈^c A C^c D E K L P Ψ *pl lat syr cop*
και κρειττονος ⋈ B C 33 *pc*

(É claro que B não pode ter uma confluência baseada em 920, a não ser que este seja o único sobrevivente de uma tradição muito antiga, mas também não podemos dizer

que P⁴⁶ está simplificando B. Notar que aqui é o texto ‘alexandrino’ que tem a leitura "mais completa e suave".)

37. Apo. 6.1/2 *και ιδε* *και ιδου* M^{a,b,ept}
και ειδον και ιδου M^{c,d,ept} (A C)
και ιδε και ειδον και ιδου ⚭ (sozinho)

(Aqui ⚭ confla as leituras de dois grupos de MSS minúsculos. Segue-se que embora estes MSS sejam de data muito mais recente que ⚭, eles refletem uma forma mais antiga do texto. Em 6:3/4 ⚭ repete esta leitura em um claro caso de assimilação. A relação de evidências nos exemplos 37, 38, 39 e 49 foi tirada de *The Greek New Testament According to the Majority Text* [Thomas Nelson, 1982].)

38. Apo. 6.5 *και ιδε* *και ιδου* M^{a,b}
και ειδον και ιδου M^{c,d,ept} C (A)
και ιδε και ειδον και ιδου ⚭ (sozinho)
 (⚭ repete a confluência.)

39. Apo. 6.7/8 *και ιδε* *και ιδου* M^{a,b,ept}
και ειδον και ιδου M^{c,d,ept}
και ιδον και ιδου A (C)
και ιδε και ιδον και ιδου ⚭ (sozinho)

(⚭ novamente repete a confluência.)

Adição + conjunções simples, ou omissão

40. Mat. 4.3 *αυτω ο πειραζων ειπεν* Biz C L P Θ 0233 pm k sy^h
ο πειραζων ειπεν αυτω ⚭ B W 1 13 33 al vg sy^p bo
αυτω ο πειραζων και ειπεν αυτω D it sy^{c,s,pal}

(Aqui presumivelmente temos uma confluência ‘ocidental’ das leituras ‘bizantina’ e ‘alexandrina’.)

41. Mat. 9.18 *εις ελθων/εισελθων* Biz ⚭² C D E K M N S V W X Θ 1 33 pm d f
προσελθων ⚭ 69 157 pc q sy^p
εις προσελθων ⚭¹ B lat pc
τις προσελθων L 13 al k
τις ελθων Γ al

(O códice B parece ter uma confluência, uma opinião com a qual os editores dos textos da SBU evidentemente concordam.)

42. Mat. 27.41 *και πρεσβυτερων* A B L Θ 1 13^{pt} 33 al it^{pt} vg sa
και Φαρισαιων D W pc it^{pt} sy^s
και πρεσβυτερων και Φαρισαιων Biz Δ Φ 13^{pt} pm sy^{p,h} bo Diatessaron

(Aqui, finalmente, parece que temos uma clara confluência ‘bizantina’, embora datando do segundo século. A cláusula completa, no texto ‘bizantino’, é esta: *οι αρχιερεις εμπαιξοντες μετα των γραμματεων και πρεσβυτερων και Φαρισαιων ελεγον*. Ela realmente parece ser um pouquinho cheia demais; tanto que editores treinados em Alexandria bem que podem ter sido tentados a melhorar o estilo por encurtá-la. Não pode a leitura ‘ocidental’ ser o resultado de *parablepsis*? De fato, ambas as formas curtas podem facilmente ser o resultado de *homoioteleuton* [-ων και, -ων και, -ων].)

43. Lucas 24.53 *αινουντες* D it^{pt}
ευλογουντες P⁷⁵ ⋈ B C L cop sy^{s,pal}
αινουντες και ευλογουντες Biz A C² K W X Δ Θ Π Ψ 063 1 13 pl it^{pt} vg sy^{p,h} Diat.

(Esta é uma das oito "conflações sírias" de Hort. De acordo com o próprio julgamento de Hort, nos últimos 3 capítulos de Lucas o códice D omitiu 329 palavras do texto genuíno, além de ter adicionado 173, substituído 146, e transposto 243. Uma vez que o produtor de D estava numa orgia de omissões nestes capítulos, não é irrazoável sugerir que D simplesmente omitiu "e bendizendo" do texto original, um caso fácil de *homoioteleuton*. Também não é difícil imaginar que editores treinados em Alexandria poderiam reduzir a leitura mais longa para as proporções exibidas pelo texto 'alexandrino'. Notar, uma vez mais, que a leitura 'bizantina' tem atestação do segundo século.)

44. Atos 20.28 *του κυριου* P⁷⁴ A C D E Ψ 33 al cop
του θεου ⋈ B 056 0142 al syr
του κυριου και θεου Biz L P 049 pm

(Aqui temos um excelente candidato para uma confluência 'bizantina', mas somente caso a interpretação oposta possa ser rejeitada. A leitura de A pode facilmente ser um caso de *homoioteleuton* e aquela de B o resultado de *parablepsis* ou de revisão estilística – observar que três palavras terminam em -ου.)

45. Atos 25.6 *πλειους η δεκα* Biz Ψ pm
οκτω η δεκα 2147 pc syr
πλειους οκτω η δεκα E al
ου πλειους οκτω η δεκα (P⁷⁴ ⋈) A B C 33 pc lat bo

(Seria esta uma confluência 'alexandrina'?)

46. 2 Cor. 11.3 *της απλοτητος* Biz ⋈^c H K P Ψ 0121 0243 pm vg syr
της αγνοτητος cinco pais primitivos
της απλοτητος και της αγνοτητος P⁴⁶ ⋈ B G 33 pc it cop
της αγνοτητος και της απλοτητος D

(Parece que os textos 'alexandrino' e 'ocidental' têm confluências separadas. Pelo modo que os editores de ambas as edições Nestle e SBU puseram seus colchetes, podemos concluir que reconheciam esta possibilidade.)

47. Efe. 2.5 *τοις παραπτωμασιν* Biz ⋈ A D² pl cop
ταις αμαρτιας D (G) lat
τοις παραπτωμασιν και ταις αμαρτιας Ψ
εν τοις παραπτωμασιν και ταις επιθυμιας B

(Aqui temos confluências separadas feitas em Ψ e em B. Uma vez que Hort não seguiu B neste ponto, ele deve ter tendido à mesma opinião. Evidentemente os editores das edições Nestle e SBU também concordam com esta opinião.)

48. Col. 1.12 *τω καλεσαντι* D G 33 pc it sa
τω ικανωσαντι Biz P^{46,(61)} ⋈ A C D^c E K L P Ψ pl syr bo
τω καλεσαντι και ικανωσαντι B

(Esta óbvia confluência por parte do códice B foi reconhecida por Hort [p. 240], um julgamento com o qual os editores das edições Nestle e SBU estão em completa concordância.)

49. Apo. 17.4 *της πορνείας αυτης* M^{b,c,d,e} A
της πορνείας της ης M^a
της πορνείας αυτης και της ης ζ (sozinho)

(Esta pareceria ser uma clara confluência da parte de ζ.)

Avaliação

Antes de prosseguirmos para exemplos onde as características requeridas para possíveis confluências são menos claras, será bom pausarmos e vermos que instrução podemos extrair destes claros exemplos possíveis [que acabamos de ver].

Ignorando probabilidades, por enquanto, disporei as "possíveis" confluências em forma de tabela:

	Total	Exemplos
Tipo-de-texto ocidental	4	7, 16, 27, 40
Códice D	3	3, 25, 46
Tipo-de-texto alexandrino	8	11, 12, 23, 31, 32, 36, 45, 46
Códice B	7	1, 6, 13, 17, 41, 47, 48
Códice ζ	7	3, 29, 34, 37, 38, 39, 49
Tipo-de-texto bizantino	13	4, 9, 18, 19, 20, 24, 25, 28, 33, 35, 42, 43, 44

Nenhuma das "confluências" 'ocidentais' tem apoio dos papiros antigos, e creio que há consenso generalizado entre os estudiosos que todos os sete exemplos 'ocidentais' são de fato confluências (ou leituras secundárias). Nenhuma das "confluências" de B ou de ζ tem apoio dos papiros antigos. Creio que há consenso generalizado entre os estudiosos que todos os 14 exemplos de B e ζ são de fato confluências (ou leituras secundárias). (Uma vez que Hort evidentemente estava ciente destas confluências em B, é difícil de entender como ele pôde afirmar que, tanto quanto ele sabia, não haviam confluências 'neutras'.) Três dos casos 'alexandrinos' (31, 32, 46) têm atestação de papiros antigos. Editores modernos têm tendido a incluir todas as oito leituras 'alexandrinas' em seus textos, embora alguns expressem dúvidas sobre 36 e 46. Não podemos deixar de suspeitar que eles ainda estão usando antolhos Hortianos, para usar a frase de Colwell.

Seis das ocorrências 'bizantinas' (18, 19, 20, 25?, 28, 35?) agora têm atestação de papiros bem antigos (outras duas são atestadas pelo Diatessaron). Segue-se que, embora os editores modernos continuem a rejeitar estas leituras, não pode mais ser argumentado que elas são tardias. Se elas são confluências, então aconteceram no segundo século. É significativo que em 35 dos 49 exemplos dados (71%, uma percentagem bem alta) o texto 'bizantino' está possivelmente sendo conflado por outras testemunhas, não vice-versa.

É evidente que todos os "tipos-de-texto" têm confluências possíveis, e que testemunhas 'ocidentais' e 'alexandrinas' têm confluências reais. Eu defenderia que todas as ocorrências 'bizantinas' são originais; mas de qualquer modo, deve ser claro que "confluência" não pode ser responsabilmente usada para argumentar por um tipo-de-texto 'bizantino' tardio. Ao

contrário, exemplos tais como 8, 14, 16, 17, 21, 22, 31, 32, 36, 37, 42, 43, e 46 bem que poderiam ser usados para argumentar por um tipo-de-texto 'bizantino' um tanto antigo.

"Conflação" Duvidosa, ou Confusão

Complicada por substituição, transposição ou mudanças internas moderadas, ou omissão

50. Mat. 7.10 η και ιχθυον αιτησει ῥ B C (1) 33 pc
 και εαν ιχθυον αιτηση Biz (L W) Θ al sy^{p,h}
 η εαν ιχθυον αιτηση lat sy^c
 η και εαν ιχθυον αιτηση K^c 13 al

(Isto poderia ser tanto uma confluência 'ocidental' como uma 'alexandrina', mas presumivelmente não uma 'bizantina'.)

51. Mat. 7.18 ποιειν . . . ενεγκειν ῥ (único MS)
 ενεγκειν . . . ποιειν B (único MS)
 ποιειν ποιειν Biz ῥ^c C K L W X Z Δ Θ Π 0250 1 13 33 pl / lat syr cop

(Os editores das edições SBU evidentemente concordam que a leitura 'bizantina' aqui é genuína.)

52. Mat. 8.1 καταβαντι δε αυτω Biz K L (Δ) pm (lat sy^{p,h})
 και καταβαντος αυτου Z sy^{c,pa}
 καταβαντος δε αυτου B C W Θ 33 (lat sy^{p,h}) cop
 καταβαντι δε αυτου ῥ

(Se alguém conflou, pareceria ser os 'alexandrinos'. ῥ certamente tem uma confluência.)

53. Mat. 9.2 σου αι αμαρτια ῥ B C W Δ 1 33 pc
 σοι αι αμαρτια D Δ^c pc k
 σοι αι αμαρτια σου Biz L Θ 0233^v 13 pm lat syr
 σου αι αμαρτια σου M

(O códice M evidentemente conflou, mas deveríamos dizer o mesmo do texto 'bizantino'? Não seriam as leituras 'alexandrina' e 'ocidental' simplificações independentes?)

54. Mat. 10.3 Θαδδαιος ῥ
 και Θαδδαιος B pc vg cop
 και Λεββαιος D 122 d k
 και Λεββαιος ο επικληθεις Θαδδαιος Biz C² K L W X Δ Θ Π 1 pl syr

(A leitura 'bizantina' realmente não apresenta as características de uma confluência. A leitura de ῥ é obviamente errada. A leitura 'ocidental' pode facilmente ter resultado de *homoioteleuton*. Não é difícil imaginar que editores treinados em Alexandria possam preferir uma leitura mais curta.)

55. Mat. 10.13 ει δε μηγη D sy^s
 εαν δε μη η αξια Biz ῥ B pl lat sy^{p,h}
 ει δε μη αξια L

(Isto parece ser uma confluência da parte do códice L.)

56. Mat. 12.4 εφαγεν ους Biz (P⁷⁰) C K L Δ Θ Π 0233 1 33 pl vg sy^h cop
 εφαγον ο B 481

εφαγεν ο D W 13 it sy^{p,(c)}
εφαγον ους ʒ

(ʒ e o texto ‘ocidental’ parecem ter confluções independentes da leitura ‘bizantina’ e daquela de B. P⁷⁰ tem *efagen* mas nenhum pronome [o papiro está quebrado] – portanto a forma ‘bizantina’ do verbo tem a atestação mais antiga.)

57. Mat. 12.46 *ετι αυτου λαλουντος* ʒ B 33 pc lat
λαλουντος δε αυτου D L Z 892 sy^p
ετι δε αυτου λαλουντος Biz C W Θ 1 13 pm sy^h

(É esta uma conflução ‘bizantina’, ou são as outras duas leituras simplificações independentes?)

58. Mat. 13.28 *οι δε αυτω λεγουσιν* B 157 pc cop
οι δε δουλοι ειπον αυτω Biz L W Θ 1 13 pm vg sy^h
οι δε δουλοι αυτω λεγουσιν C
λεγουσιν ουτω οι δουλοι D it (sy^{c,s,p})
οι δε δουλοι λεγουσιν αυτω ʒ

(Conflução ou confusão? Ambos C e ʒ parecem ter confluções, ambas baseadas na leitura ‘bizantina’, combinada com B e D, respectivamente. Surpreendentemente, o texto da SBU segue ʒ, sem comentários, enquanto Nestle²⁴ segue C. A leitura de B pareceria ser um erro claro.)

59. Mat. 14.6 *γενεσιων δε αγομενων* Biz W 0119 0136 13 pm ff¹ sy^{h mg}
γενεσιοις δε γενομενοις ʒ B D L Z pc (syr)
γενεσιοις δε αγομενοις 1 pc
γενεσιων δε γενομενων C K N Θ al (syr)

(O códice C e f¹ parecem ter confluções independentes, combinando as leituras ‘bizantina’ e ‘alexandrina’.)

60. Mat. 14.34 *επι την γην Γεννησαρετ* C N 13 al sy^{pal}
εις την γην Γεννησαρετ Biz L 1 pm lat sy^{p,(c,s)}
επι την γην εις Γεννησαρετ ʒ B W Δ 0119 33 pc sy^h
επι την γην εις Γεννησαρ D 700

(Não poderia esta ser uma conflução ‘alexandrina/ocidental’?)

61. Mat. 15.14 *οδηγοι εισιν τυφλοι τυφλων* Biz C W X Δ Π 0106 pm q
οδηγοι εισιν τυφλοι ʒ cop sy^c
οδηγοι εισιν τυφλων K pc sy^s
τυφλοι εισιν οδηγοι B D 0237
τυφλοι εισιν οδηγοι τυφλων ʒ^c L Z Θ 1 13 33 al lat sy^{p,h}

(A leitura ‘alexandrina’ parece ser uma conflução das ‘bizantina’ e ‘ocidental’. Os códices ʒ e K parecem ter reduções independentes da leitura ‘bizantina’, devido a *homoi-oarcton*.)

62. Mat. 17.7 *προσελθων . . . ησατο αυτων και ειπεν* Biz C L W 1 pm sy^h
προσηλθεν . . . και απασμενος αυτων ειπεν ʒ B pc
προσελθων . . . και απασμενος αυτων ειπεν Θ 13 pc
προσηλθεν . . . και ησατο αυτων και ειπεν D lat sy^{p,pal,(c)}

(As leituras 'ocidental' e 'cesareense' parecem ser confluções independentes das leituras 'bizantina' e 'alexandrina'.)

63. Mat. 19.9 μη επι πορ. και γαμ. αλλην μοιχαται Biz ⚭ C^c K L N (W) Z Δ Θ Π 078 pm vg sy^{s,p,h}
 παρ. λογου πορ. ποιει αυ. μοιχευθησαι (P²⁵) B 1 bo
 παρ. λογου πορ. και γαμ. αλλην μοιχαται D 13 33 pc it sy^{c,pal} sa
 μη επι πορ. και γαμ. αλλην ποιει αυ. μοι. C 1216 pc

(A leitura 'ocidental' e o códice C têm confluções independentes das leituras 'bizantina' e 'alexandrina'.)

64. Mat. 20.10 ελθοντες δε και ελθοντες ελθοντες δε και Biz ⚭ L W Z 1 pm sy^h bo
 B C D Θ 085 13 33 pc e sy^{c,s,p}
 N 473 pc lat arm

(Uma variedade de testemunhas confla as leituras 'bizantina' e 'alexandrina'.)

65. Mat. 22.13 αρατε αυτον ποδων κ. χειρων και β. α. δησαντες αυτου ποδας κ. χειρας εκβ. α. δησαντες αυτου ποδας κ. χειρας αρατε α. και εκβ. Biz C W 0138 pm (M Φ al) sy^h
 D it^{pt} sy^{c,s}
 ⚭ B L Θ 085 1 (13) pc it^{pt} vg sy^p cop

(É esta realmente uma conflução 'bizantina'? A leitura mais longa é perfeitamente razoável como se encontra; talvez um pouquinho 'completa' demais para editores treinados em Alexandria, mas perfeita para um judeu falando aramaico. Não pode a leitura 'ocidental' ser uma revisão latina?)

66. Marcos 4.5 και οτι οπου και οπου D W it sy^s
 Biz ⚭ A ρ l vg sy^{p,h}
 B

(Uma conflução evidente por parte de B.)

67. Marcos 7.35 διηνοιχθησαν ηνοιχθησαν ηνοιγησαν διηνοιγησαν Biz P⁴⁵ A N X Γ Π 0131 13 pm lat syr
 L
 ⚭ B D Δ 0274 1 892
 W Θ pc

(Tem P⁴⁵ conflado L e W, ou têm estes chegado a confluções independentes, a partir das leituras 'bizantina' e 'alexandrina'? Notar que o que Hort chamou de leitura "síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

68. Marcos 9.49 πας γαρ πυρι αλισθησεται πασα γαρ θυσια αλι αλισθησεται πας γαρ πυρι αλισθησεται και πασα θυσια αλι αλισθησεται B L (⚭ W) Δ 0274 1 13 pc sy^s sa Diat^{apt}
 D it
 Biz A E K N Π Σ (C X Θ Ψ) pm f l q vg sy^{p,h} Diat^{apt,p}

(Esta é outra das "confluções sírias" de Hort. Mas a leitura 'alexandrina' pode facilmente ser o resultado de *homoioteleuton*, e um outro caso de *parablepsis* pode ter dado origem à leitura 'ocidental'. A presença do artigo referindo-se a "sal", no início do verso 50, não sugere que "sal" já tenha sido introduzido no contexto anterior? Em todo caso, a leitura 'bizantina' tem atestação antiga e não pode ser descartada como "síria tardia".)

69. Marcos 12.17 και αποκριθεις ο δε Ιησους και αποκριθεις ο Ιησους W 258 al
 ⚭ B C L Δ Ψ 33 pc sy^(p) cop
 Biz P⁴⁵ A N X Γ Π Φ 1 13 pm sy^{(s),h}

αποκριθεις δε ο Ιησους D 700 *pc lat*
αποκριθεις δε Θ 565

(Quem está conflando quem? Parece mais provável que a leitura de Θ tem simplificado a 'ocidental' do que esta ter estendido aquela. Mas a leitura 'ocidental' pode bem ser uma confluência das 'bizantina' e 'alexandrina'. Parece claro que P⁴⁵ não pode ter conflado W e B, mas não podem estes manuscritos ter simplificações independentes da leitura 'bizantina'? Notar que a leitura que Hort chamou de "síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

70. Luc. 9.57 *και πορευομενων* P^{45,75} ⚭ B C L Θ Ξ 33 *pc sy^{c,s,p} bo*
εγενετο δε πορευομενων Biz A W Ψ 1 *pm lat sy^h*
και εγενετο πορευομενων D 13 a c e r¹

(Isto pareceria ser uma confluência 'ocidental'.)

Luc. 10.42 *ενος δε εστιν χρεια* Biz P^{45,75} A C K P W Γ Δ Θ Λ Π Ψ 13 *pl lat sy^{c,p,h} sa*
ολιγων δε χρεια εστιν η ενος B
ολιγων δε εστιν χρεια η ενος P³ L C² 1 33 *pc sy^{hmg} bo*
ολιγων δε εστιν η ενος ⚭

(Os MSS habitualmente associados com o tipo-de-texto 'alexandrino' estão aqui muito divididos. O códice L [e seus acompanhantes] talvez tenha conflado as leituras 'bizantina' e a de B. Notar que a leitura "síria tardia" de Hort tem agora a atestação mais antiga, com vingança!)

72. Luc. 11.12 *η και* P⁷⁵ ⚭ B L 1 13 33 *cop*
εαν δε και D
η και εαν Biz P⁴⁵ R W X Γ Δ Θ Π Ψ *pl sy^h*

(Devemos dizer que editores 'sírios' conflaram as leituras 'alexandrina' e 'ocidental', ou não é a leitura "síria tardia" de Hort realmente a original?)

73. Luc. 12.30 *ζητει* D it
επιζητουσιν P⁷⁵ ⚭ B L X 070 13 33 *pc*
επιζητει Biz P⁴⁵ A Q W Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 *pl*

(Confluência ou confusão? Notar que a leitura que Hort reputou como "síria tardia" tem agora atestação muito antiga.)

74. Luc. 13.2 *οτι ταυτα* ⚭ B D L *pc d e r¹*
τα τοιαυτα 69 *pc*
οτι τοιαυτα Biz P⁷⁵ A W X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 070 1 *pm lat syr*

(Será que P⁷⁵ conflou B e 69? Notar que a leitura que Hort chamou de "síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

75. João 5.15 *ανηγγειλεν* Biz P^{66,75} A B Γ Θ Λ Π Ψ 063 1 *pm sa (lat sy^h)*
ειπεν ⚭ C L *pc e q sy^{c,s,p} bo*
ανηγγειλεν και ειπεν αυτοις W
απηγγειλεν D K U Δ 13 33 *al (lat sy^h)*

(O códice W parece ter uma confluência envolvendo as leituras 'bizantina' e 'alexandrina'. Notar que a leitura 'bizantina', que Hort tentativamente rejeitou apesar de B,

tem agora forte atestação antiga. O desvio ‘ocidental’ é baseado na leitura ‘bizantina’, que podemos presumir ser a original.)

76. João 6.69 *ο αγιος του Θεου* P⁷⁵ ⚭ B C D L W
ο Χριστος ο υιος του Θεου Biz K Π Ψ 0250 13 (Δ Θ 1 33) *pl* lat syr Diatessaron
ο Χριστος ο αγιος του Θεου P⁶⁶ cop

(Uma confluência instrutiva da parte de P⁶⁶.)

77. João 7.41 *αλλοι ελεγον* Biz P^{66*} ⚭ D W Γ Δ Π Ψ 0105 13 *pm* syr
οι δε ελεγον P^{66c,75} B L N T X Θ 33 *al* lat
αλλοι δε ελεγον 1 *pc* e bo

(É esta uma confluência ‘cesareense’? Notar que o corretor de P⁶⁶ tomou uma leitura ‘bizantina’ e a mudou para uma ‘alexandrina’ – uma vez que ele fez este tipo de coisa repetidamente, pareceria que haviam exemplares de cada tipo no *scriptorium*, ainda mais porque ele freqüentemente também fez o oposto, i.e. mudou uma leitura ‘alexandrina’ para uma ‘bizantina’. Isto em 200 d.C.!)

78. João 9.6 *επεθηκεν* B *pc*
εχρισεν 661
επεχρισεν Biz P^{66,75} ⚭ A C D K L W Δ Θ Π Ψ 0124 0216 1 13 *pl* lat syr cop

(Presumivelmente, mesmo antes do advento de P^{66,75}, ninguém desejaria sugerir que a leitura ‘bizantina’ seja uma confluência de B e 661! Mesmo assim, Hort seguiu B. . .)

79. João 9.8 *τυφλος ην* Biz C³ Γ Δ *pm*
προσαιτης ην P^{66,75} ⚭ B C D *al* lat cop sy^{s,p,h}
τυφλος ην και προσαιτης 69 *pc* e sy^{pal}

(Uma confluência evidente da parte de uns poucos MSS.)

80. João 11.44 *αυτοις ο Ιησους* Biz P^{45,66} ⚭ A C² D X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 0250 1 13 *pl* it
αυτοις 157
ο Ιησους 700 sy^s
ο Ιησους αυτοις L W
Ιησους αυτοις P⁷⁵ B C cop

(157 e 700 têm simplificações independentes da leitura ‘bizantina’. Sugiro a mesma explicação para a leitura ‘alexandrina’ – os editores do texto da SBU evidentemente concordam, mas Hort não.)

81. João 13.24
πυθεσθαι τις αν ειη π. ου λεγει Biz P⁶⁶ A (D) K W Γ Δ Λ Π 1 13 *pl* syr cop
και λεγει αυτω ειπε τις εστιν π. ου λεγει B C I L X 068 33 *pc*
πυθεσθαι τις αν ειη π. ου ελεγεν και λεγει αυτω ειπε τις εστιν π. ου λεγει ⚭

(Esta pareceria ser uma confluência aberrante demais da parte de ⚭, baseada nas leituras ‘bizantina’ e ‘alexandrina’.)

82. João 13.36 *απεκριθη* B C L *pc* lat cop
λεγει αυτω D
απεκριθη αυτω Biz P⁶⁶ ⚭ A C³ K W X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 *pl*

89. 2 Tes. 3.4	<i>και εποησατε και ποιειτε</i>	G
	<i>και ποιειτε και ποιησετε</i>	Biz Ξ ^c D ^c Ψ ρl
	<i>ποιειτε και ποιησετε</i>	Ξ A ρc
	<i>ποιειτε και ποιησατε</i>	D
	<i>και εποησατε και ποιειτε και ποιησετε</i>	B sa

(Este caso pareceria ser uma confluência [não muito elegante] por parte de B, que é abandonada tanto pelo texto Nestle como pelo SBU. O código D parece ter uma confluência independente.)

90. Heb. 9.10	<i>και δικαιωμασιν</i>	D ² K L 056 075 0142 0150 0151 0209 0220 (532 MSS = 94%) ¹ a vg sy ^h
	<i>δικαιωματα</i>	P ⁴⁶ Ξ A I P 0278 (24 MSS = 5%) b sa
	<i>και δικαιωματα</i>	Ξ ² B (8 MSS = 1%)
	<i>δικαιωμα</i>	D (sozinho)

(Uma confluência evidente da parte de B, construída sobre as leituras 'bizantina' e 'alexandrina'. Notar que 0220 é do século III, dando à leitura 'bizantina' atestação antiga cabal.)

Diferenças substanciais – "confluência" duvidosa

91. Mat. 10.23	<i>φευγετε εις την αλλην</i>	Biz C K X Δ Π ρl
	<i>φευγετε εις την ετεραν</i>	Ξ B W 33 ρc
	<i>φευγετε εις την αλλην κ. εκ τ. δ. υ. φευγετε εις την ετεραν</i>	Θ (D L 1 13) ρc

(A leitura 'ocidental' aqui parece incluir uma confluência das 'bizantina' e 'alexandrina'.)

92. Mat. 27.23	<i>ο δε εφη</i>	Ξ B Θ 028113 33 ρc sa
	<i>λεγει αυτοις ο ηγεμων</i>	D L 1 ρc lat sy ^p bo
	<i>ο δε ηγεμων εφη</i>	Biz A W 064 0250 ρm sy ^h

(Confluência ou confusão?)

93. Marcos 6.33		
<i>ε. και προηλθον αυτους και συνηλθον προς αυτον</i>	Biz P ^{84v} E G K Π (A N Σ 13) ρm f (q) sy ^h	
<i>ε. και προηλθον αυτους</i>	Ξ B (0187 ^v) ρc aur l vg (cop)	
<i>ε. και προσηλθον αυτους</i>	L ρc	
<i>ε. και προσηλθον αυτοις</i>	Δ Θ	
<i>ε. και συνηλθον αυτου</i>	D (28 700) b	
<i>ε. και ηλθον αυτου</i>	565 it Diat ^p	
<i>προς αυτους και συνηλθον προς αυτον</i>	33	

(Esta é outra das "confluências sírias" de Hort. Mas, a não ser que alguém esteja preparado a argumentar que é baseada em 33, ela não satisfaz os requisitos para uma confluência e pode apropriadamente ser vista como a original, que todas as outras têm simplificado. A discussão deste caso, por Hort, tem sido vista por alguns como especialmente impressionante, mas eu diria que ele simplesmente entendeu mal o significado básico do texto. No verso 34 Jesus saiu do barco, não de algum local isolado em terra. A turma do Egito pode ter tido a mesma dificuldade de Hort e produzido a leitura 'alexandrina'. A leitura 'ocidental' [e a 'alexandrina'] pode ser o resultado de um

¹ Esta contabilidade de evidências é baseada na série *Text und Textwert*, ed. K. Aland. Ela representa uma colação quase completa dos MSS hoje conhecidos.

pouco de *parablepsis* [*homoioarcton* – 2 x *kai*]. A leitura de 33 é evidentemente secundária, fosse como fosse que surgiu.)

94. Marcos 8.26

<i>μηδε εις την κωμην εισελθης μηδε ειπης τι εν τη κωμη</i>	Biz A C E K N X Δ Π Σ 33 <i>pl sy^{p,h}</i> Diat
<i>μηδε εις την κωμην εισελθης</i>	Ⲛ ^c B L 1 <i>pc cop sy^s</i>
<i>μη εις την κωμην εισελθης</i>	Ⲛ W
<i>υπαγε εις τον οικον σου και μηδενι ειπης εις την κωμην</i>	D d q
<i>υπαγε εις τον οικον σου και εαν εις την κωμην εισελθης μηδενι ειπης μηδε εν τη κωμη</i>	13 (Θ <i>pc lat</i>)

(Esta é outra das "conflações sírias" de Hort, mas a leitura 'bizantina' não satisfaz as exigências para uma confluência e pode razoavelmente ser vista como a original – a turma do Egito pode ter sentido que ela era redundante, reduzindo-a à leitura 'alexandrina', embora esta possa também ser o resultado de *homoioarcton* [2 x *MHAEEL*]. O texto 'ocidental' reescreve o material, como faz freqüentemente. A leitura 'cesareense' evidentemente envolve uma confluência.)

95. Marcos 9.38

<i>ος ουκ ακολουθει ημιν και εκωλυσαμεν αυτον οτι ουκ ακολουθει ημιν</i>	Biz A E K N Π Σ <i>pm sy^h</i>
<i>ος ουκ ακολουθει ημιν και εκωλυσαμεν αυτον</i>	X (W 1) 13 <i>pc lat</i>
<i>ος ουκ ακολουθει μεθ ημων και εκωλυμεν αυτον</i>	D
<i>και εκωλυσαμεν αυτον οτι ουκ ακολουθει ημιν</i>	C <i>pc aur f cop</i>
<i>και εκωλυμεν αυτον οτι ουκ ηκολουθει ημιν</i>	Ⲛ B Δ Θ 0274 (L Ψ) <i>pc sy^{s,p,pal}</i> Diat

(Aqui está ainda outra das "conflações sírias" de Hort. Se esta é uma confluência 'bizantina', está edificada sobre as testemunhas 'ocidental' e 'alexandrina' inferiores, e nesse evento de onde D e B obtiveram suas leituras? Não é mais razoável encarar a leitura 'bizantina' como a original que as outras têm simplificado de variadas maneiras? Nestle²⁴ parece refletir essencialmente esta opinião. De fato, a leitura 'ocidental' pode facilmente ter resultado de *homoioteleuton* ou de uma eliminação estilística da terceira cláusula sob a alegação de ser redundante. Uma olhadela em Lucas 9:49 sugere que os alexandrinos harmonizaram Marcos com Lucas.)

96. Luc. 9.10 <i>τοπον ερημον πολεως καλουμενης Βηθσαιδαν</i>	Biz A C W (1) 13 <i>pm sy^{(p),h}</i>
<i>τοπον ερημον</i>	Ⲛ <i>al sy^c</i>
<i>πολιν καλουμενην Βηθσαιδα</i>	Ⲛ ^c (P ⁷⁵) B L Ξ 33 <i>pc (sy^s) cop</i>
<i>κωμην λεγουμενην Βηθσαιδα</i>	D
<i>κωμην καλουμενην Βηθσαιδαν εις τοπον ερημον</i>	Θ

(Esta é ainda outra das oito "conflações sírias" de Hort. Mas a leitura 'bizantina' não satisfaz as condições para uma confluência e pode razoavelmente ser vista como a original. Ⲛ omitiu e B e D têm revisões independentes – a ideia de "um lugar deserto pertencendo a uma cidade" aparentemente lhes deu dificuldades. Θ parece ter conflado elementos de todas as quatro leituras outras!)

97. Luc. 9.34 <i>εκεινους εισελθειν</i>	Biz P ⁴⁵ A D P R W X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 <i>pl sa</i>
<i>εισελθειν</i>	P ⁷⁵ S
<i>εισελθειν αυτους</i>	Ⲛ B L <i>pc bo</i>
<i>αυτους εισελθειν</i>	C <i>pc</i>
<i>εισελθειν εκεινους</i>	<i>pc</i>

(Confluência ou confusão? O códice C pareceria ter uma confluência. Notar que a leitura 'bizantina' agora tem atestação muito antiga.)

98. Luc. 11.54

ενδρευοντες αζητουντες θηρευσαι τι εκ του στοματος αυτου ινα κατηγορησωσιν αυτου Biz ACW (Ψ 1) 13 33 pm (lat sy^{p,h})
ενδρευοντες α. θηρευσαι τι εκ του στοματος αυτου P^{45,75} (ⲗ) B L pc cop
ζητουντες αφορμην τινα λαβειν αυτου ινα ευρωσιν κατηγορησαι αυτου D (Θ sy^{s,c})

(Esta é outra das oito "conflações sírias" de Hort, mas claramente ela não satisfaz as condições para uma confluência. A solução deste problema está ligada a escolhas textuais no verso 53, mas eu submeto [ao leitor minha convicção] que a leitura 'bizantina' aqui é uma candidata séria a ser a original. A perda da última cláusula nos MSS alexandrinos pode ser uma fácil ocorrência de *homoioleuton*, ou [os editores egípcios] podem ter sentido que ela era redundante, o que também pode ter sido a motivação para eliminar o segundo particípio. O códice D simplesmente reescreveu o material.)

99. Luc. 12.18 *παντα τα γεννηματα μου και τα αγαθα μου* Biz A Q W Θ Ψ pm aur f vg sy^{p,h}
παντα τα γεννηματα μου ⲗ D it (sy^{s,c})
παντα τον σιτον και τα αγαθα μου P^{75c} B L 070 1 (13) pc cop

(Esta é a última das oito "conflações sírias" de Hort. A leitura 'ocidental' pode facilmente ter surgido através de *homoioleuton* [2 x AMOY] e a 'alexandrina' ser o resultado de um retoque estilístico.)

100. Luc. 24.47 *αρξαμενον* Biz P⁷⁵ A F H K M U V W Γ Δ Λ Π 063 1 13 pm syr
αρξαμενοι ⲗ B C L N X 33 pc cop
αρξαμενος S Θ Ψ pc
αρξαμενων D pc lat

(Confluência ou confusão? Notar que a leitura que Hort chamou de "síria tardia" tem agora a atestação mais antiga.)

101. João 2.15 *ανετρεψεν* P⁶⁶ B W X Θ 0162 pc
κατεστρεψεν P⁵⁹ ⲗ 13 pc
ανεστρεψεν Biz P⁷⁵ A G K L P Γ Δ Λ Π Ψ 1 pl

(Confluência ou confusão? Notar que a leitura que Hort denominou de "síria tardia" tem agora atestação muito antiga.)

102. João 11.21 *ο αδελφος μου ουκ αν ετεθηκει* Biz E G U Γ Δ Θ Λ Π Ω 13 pm
ο αδελφος μου ουκ αν απεθανεν P^{45,66} K 0250
ουκ αν απεθανεν ο αδελφος μου P⁷⁵ ⲗ B C L W pc
ουκ αν απεθανεν μου ο αδελφος (Ψ) 1 33 565 pc
ουκ αν ο αδελφος μου απεθανεν (A) D pc

(Confluência ou confusão? Notar que a ordem das palavras na leitura que Hort chamou de "síria tardia" tem agora atestação muito antiga. Não podem P^{45,66} ter uma confluência, embora bem antiga?)

103. João 11.32 *απεθανεν μου ο αδελφος* Biz P⁴⁵ A E G K S X Γ Λ Π 1 pl
μου απεθανεν ο αδελφος P^{66,75} ⲗ B C L W Δ Θ 33 pc
απεθανεν ο αδελφος μου 66 lat
μου ο αδελφος απεθανεν D

(Confluência ou confusão? Notar que a leitura que Hort chamou de "síria tardia" tem agora atestação muito antiga.)

104. João 13.26 *και εμβασας* Biz P^{66c} A K W Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 pl lat syr cop
βασας ουν ⲗ B C L X 33 pc
και βασας D pc

(É esta uma confluência 'ocidental'? Notar que a leitura 'bizantina' agora tem a atestação mais antiga.)

105. João 14.5

<i>δυναμεθα την οδον ειδεναι</i>	Biz P ⁶⁶ A L N Q W X Γ Δ Θ Λ Π Ψ 1 13 <i>pl lat syr cop</i>
<i>την οδον ειδεναι δυναμεθα</i>	Ⲛ K
<i>την οδον οιδαμεν</i>	D
<i>οιδαμεν την οδον</i>	B C a b e

(Está B baseado em D, ou D conflou B e o resto? Notar que a leitura 'bizantina' agora tem a mais antiga das atestações. Os editores do texto da SBU evidentemente concordam que a leitura 'bizantina' é a original.)

106. 1 Ped. 5:8 *τινα καταπιη* **Biz** P⁷² A 056 (33) *pm lat syr*

<i>τινα καταπιν</i>	Ⲛ
<i>τινα καταπιει</i>	0142 <i>pc</i>
<i>καταπιειν</i>	B Ψ 0206 1175 <i>pc</i>
<i>τινα καταπιειν</i>	Ⲛ ^c K L P 049 <i>al bo</i>

(A 5ª linha pode ser uma confluência da 1ª e da 4ª. A 2ª linha é provavelmente um erro de grafia a partir da 1ª – H se tornou N – enquanto a 3ª é também um erro de grafia a partir da 1ª. Notar que a leitura 'bizantina' agora tem a atestação mais antiga.)

Avaliação

Embora muitos dos exemplos no Grupo 2 dificilmente oferecem as características essenciais para uma confluência ser possível, outros sim oferecem, em maior ou menor escala. Farei algumas observações e formularei algumas conclusões, enquanto reconheço que a evidência não é tão clara quanto na primeira seção.

Deixando probabilidades de lado por enquanto, tabularei as confluências "possíveis" (muitas das quais são inteiramente improváveis).

	Total	Exemplos
Tipo-de-texto ocidental	15	50, 56, 60, 62, 63, 64, 69, 70, 86, 88, 89, 91, 93, 104, 105
Tipo-de-texto alexandrino	8	50, 52, 60, 61, 71, 83, 84, 110
Códice B	3	66, 89, 90
Códice Ⲛ	4	52, 56, 58, 81
Tipo-de-texto bizantino	24	
com atestação antiga	9	69, 72, 73, 74, 78, 80, 82, 87, 101
faltando fenômenos	5	54, 93, 94, 96, 98
realmente "possíveis"	10	51, 53, 57, 65, 68, 85, 88?, 92?, 95, 99

Nenhuma das "confluências" 'ocidentais' tem apoio de papiros antigos, e creio que há um consenso geral entre os estudiosos que nenhum dos exemplos 'ocidentais', exceto 88, é

original, quer o mecanismo que deu origem às leituras tenha sido confluência em todos os casos, quer não.

Nenhuma das "confluências" 'alexandrinas' (incluindo aquelas de B e Ⲁ) tem apoio de papiros antigos. Creio que todas as leituras de B e a maioria das de Ⲁ são universalmente rejeitadas pelos estudiosos (o texto da SBU segue Ⲁ no exemplo 58). Editores modernos continuam a adotar as variantes 'alexandrinas'.

Nove das "confluências" 'bizantinas' têm atestação por papiros antigos (e em apenas cinco das ocorrências qualquer das outras leituras tem tal apoio), portanto elas não podem ser usadas para argumentar que o tipo-de-texto 'bizantino' é tardio. Dos quinze casos sem atestação por papiros antigos, em apenas quatro deles qualquer das outras leituras tem tal apoio (85, 96, 98, 99). Submeto [ao leitor a convicção] que em pelo menos cinco casos (creio que 88 e 92 também devem ser incluídos) a leitura 'bizantina' não exibe as características necessárias para uma confluência.

A maior parte destas está entre as oito "confluências sírias" de Hort, de modo que me senti abrigado a incluí-las, para não ser acusado de suprimir evidência desfavorável. Com referência aos oito casos restantes que podem ser toleravelmente descritos como possíveis confluências, creio que eles são mais razoavelmente explicados como sendo as leituras originais (ver os comentários sob cada uma delas). É significativo que em 32 dos exemplos dados no Grupo 2, o texto 'bizantino' está sendo possivelmente conflado por outras testemunhas, e em 25 exemplos (não necessariamente os mesmos) a leitura 'bizantina' tem apoio por papiros antigos – em três casos adicionais alguma característica significativa da leitura 'bizantina' tem apoio por papiros antigos, e em ainda um outro caso apoio do Diatessaron (segundo século). Das possíveis "confluências bizantinas" há consenso generalizado que 51, 80 e 87 são leituras originais.

Conclusão

A evidência apresentada neste apêndice justifica as seguintes declarações:

- 1) testemunhas 'ocidentais' têm claras, indubitáveis confluências;
- 2) testemunhas 'alexandrinas' têm claras, indubitáveis confluências;
- 3) muitas confluências aparentes se edificam sobre leituras 'bizantinas';
- 4) numerosas leituras previamente tidas como sendo "confluências sírias" tardias agora têm atestação antiga cabal;
- 5) segue-se que a atribuição e uso do termo "confluência", por Hort, são errôneos.

Tem sido costume referir-se ao texto 'bizantino' como "o texto posterior e conflado,"¹ como se "confluência" fosse uma característica difundida em todo este texto. A evidência acima apresentada dificilmente dá apoio a uma tal caracterização, uma vez que em completos 60% dos exemplos o texto 'bizantino' aparece como componente e não como resultado da "confluência". Já fiz referência ao *Atlas* de Hutton (no capítulo 4, na seção "Confluência"), o qual provê evidência que há acima de 800 locais onde os "produtores" do texto

¹ Metzger, *The Text*, p. 136. Para surpresa minha, D.A. Carson parece ainda ser desta opinião tão recentemente como em 1979. Em sua crítica (*The King James Version Debate*, Grand Rapids: Baker, "Appendix") à primeira edição deste meu livro, ele declarou que "estudiosos textuais mantêm que uma característica primária do tipo-de-texto bizantino é sua tendência de conflar leituras" (p. 110) e fala da "tradição bizantina em sua forma conflada, matura" (p. 112). O leitor está agora em alguma posição para formar sua própria opinião sobre este assunto.

'bizantino' poderiam ter conflado as leituras 'ocidental' e 'alexandrina' (segundo a hipótese de Hort), mas não o fizeram.

Espero que o leitor não me julgará irrazoável se eu expressar a esperança que todos os interessados neste assunto lealmente concederão que o fantasma de "conflação síria" foi sepultado. Daqui em diante, ninguém pode razoável ou responsabilmente caracterizar o tipo-de-texto 'bizantino' como "conflado", nem utilizar essa alegação para argumentar que ele tem que ser tardio.¹

D. MARCOS 16.9-20 E A DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO

Por mais de cem anos, tem sido um clichê da crítica textual do Novo Testamento argumentar que Marcos 16.9-20 não foi e não poderia ter sido escrito por Marcos (ou por quem quer que escreveu o resto do livro), que a passagem foi adicionada posteriormente. No entanto, entre aqueles que querem crer ou afirmar que o Evangelho de Marcos foi inspirado pelo Espírito Santo, que é Palavra de Deus, não conheço ninguém que esteja preparado para crer que pode realmente ter sido a intenção de Deus terminar o livro com *εφοβουντο γαρ* ("porque temiam"), verso 8. A hipótese mais popular parece ser que o autógrafo foi produzido como um códice (não como um rolo) e que a folha (ou folhas) contendo o seu final original foi rasgada fora e perdida antes que qualquer cópia fosse feita.² Quero examinar as implicações da alegação que os vv. 9-20 não fizeram parte do autógrafo e que o término original desapareceu por completo (qualquer que seja a explicação para tal circunstância).

Estou escrevendo da posição de uma pessoa que crê na inspiração plenária e verbal das Escrituras e estou me dirigindo àqueles que crêem (ou gostariam de crer) que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita – "*toda a Escritura é divinamente inspirada*" (2 Timóteo 3.16).

Então, declaramos que o Espírito Santo inspirou o Evangelho de Marcos. E por que faria Ele algo como isso? Evidentemente Deus queria que as gerações subseqüentes tivessem uma biografia oficial de Jesus Cristo, uma descrição da Sua vida, morte e ressurreição cuja exatidão fosse garantida e cujo conteúdo fosse suficiente para Seu propósito. (Que existam várias biografias oficiais escritas de perspectivas diferentes não é obstáculo para a integridade de cada uma individualmente.) Pois bem, acho inconcebível que uma biografia oficial do Filho, comissionada pelo Pai e escrita sob o controle de qualidade do Espírito Santo, omita provas da ressurreição de Cristo, exclua todas as Suas aparições pós-ressurreição, e termine com a cláusula "*porque temiam*"!

Mas a maioria dos críticos modernos nos assegura que tal é o caso, que o texto genuíno termina no verso 8. Mas então, onde estava Deus esse tempo todo? Se a avaliação dos críticos for correta, parece estarmos entre uma rocha e um lugar duro.³ O Evangelho de Marcos, como se encontra, estaria mutilado (se terminar com v. 8), o final original tendo desaparecido sem deixar vestígios. Mas, nessa hipótese, que seria do propósito de Deus

¹ Estou ciente de que o mecanismo operando, principalmente nos Evangelhos, em muitos ou na maioria dos casos foi provavelmente de harmonização, em vez de conflação. Uma vez que ambos os mecanismos produzem leituras secundárias, o efeito básico deste apêndice não fica alterado por uma escolha entre eles. Também estou ciente de que não posso provar conflação ou harmonização em caso algum. Mas então, asseguradamente, também Hort não o pôde, e mais ninguém poderá.

² Ver, por exemplo, B.M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (New York: United Bible Societies, 1971), p. 126, nota de rodapé 7.

³ N.Trads: em inglês, a expressão equivale a estarmos em insuportável dilema, tal como entre morrer e morrer, ou escolher entre a guilhotina e a forca.

ao comissionar esta biografia? Diríamos que Deus foi incapaz de proteger o texto de Marcos ou que Ele apenas não lhe ligou a mínima? Qualquer dessas opções seria fatal para a afirmação de que o Evangelho de Marcos é "*divinamente inspirado*".

Se Deus tentou, mas foi impotente para impedir que Marcos fosse mutilado de tal modo, como podemos estar seguros de que o livro não foi mutilado em outros locais e de outras maneiras, ou mesmo mutilado sistematicamente? Pior ainda, como podemos estar seguros de que outros livros do NT (ou talvez mesmo todos eles) também não foram mutilados? Seja como for, o grau de mutilação não seria mais a questão principal, porque se Deus foi incapaz de proteger Sua Palavra, então Ele não seria realmente Deus e não faria muita diferença o que Ele disse. A Bíblia perderia sua autoridade e, conseqüentemente, sua importância.

Que tal a outra opção – que Deus poderia ter protegido Marcos, mas escolheu não fazê-lo? Que valor teria controle de qualidade se este se estendeu apenas à escrita do autógrafa? Se Deus permitiu que o final original de Marcos se perdesse antes que quaisquer cópias fossem feitas, então a biografia foi "publicada" em uma forma gravemente incompleta, e torna-se decididamente difícil falar de sua inspiração "verbal e plenária". Se Deus permitisse uma mutilação de tal magnitude, então que segurança temos de que Ele não permitiria qualquer número de mutilações adicionais? Novamente, o problema se estende aos outros livros do NT. Controle de qualidade teria desaparecido pela janela e teríamos sido deixados "assobiando no escuro". Se Deus não vai proteger Seu texto, o propósito da inspiração vai se frustrar, não?

Mas, e Todas as Variantes, Como Ficam?

É um fato incontestado que os manuscritos conhecidos contêm um grande número de enganos involuntariamente cometidos no processo de copiar, e mesmo muitas alterações deliberadas. Uma vez que Deus permitiu que isso acontecesse (não há como negar), restamos perguntar por que o fez, e com que implicações. Primeiro, o porquê.

Por que Deus permitiria erros e alterações no processo de copiar? Não tenho nenhuma revelação direta a oferecer sobre o assunto, mas suponho que a resposta comece com o propósito de Deus ao criar a raça humana. Parece que Ele desejou um tipo de ser que pudesse-Lhe corresponder em adoração e amor, um ser que pudesse escolher (João 4.23-24). Em Hebreus 11.6 somos ensinados que Deus exige fé e recompensa aqueles que **diligentemente** O buscam. Isto sugere que o Seu propósito ao criar o homem faz necessário um elemento de teste. A evidência não pode ser irresistível, esmagadora, inescapável, ou não haveria "teste" adequado. Assim, Deus permitiu variantes textuais para testar nossa fé e determinação, testar nossa atitude, testar nossa disposição de procurarmos respostas humilde e pacientemente (Provérbios 25.2 e Apocalipse 5.10).

Um outro aspecto da criação de seres com volição é que tanto Deus como o homem têm que viver com as conseqüências do exercício dessa volição. Se Ele exerce controle completo, tornamo-nos robôs e perde-se toda a razão do exercício. Mas aí de nós, a maior parte da volição humana é expressa em rebelião contra nosso Criador. Uma grande porção desta rebelião tem sido dirigida contra Sua Palavra – geralmente rejeitando-a, mas às vezes tentando alterá-la.

Além de tudo isso, nossas habilidades e capacidade de entender são limitadas. Como é dito em 2 Coríntios 4.7, somos meros "*vasos [panelas] de barro*". Mesmo se os autógrafos tivessem sido entalhados em tábuas de ouro e miraculosamente preservados intatos até a presente hora, quem de nós poderia oferecer uma "perfeita" interpretação daquele

Texto? (Quem quer que esteja trabalhando a partir de uma tradução está lidando com alguma imperfeição antes mesmo que comece, porque nenhuma tradução pode ser perfeita – a natureza da linguagem não o permite). Desde que nosso entendimento está condenado a ser imperfeito, em qualquer caso, será realmente necessário termos um Texto perfeito? Se não o for, haverá algum ponto no qual a quantidade de imperfeição deixa de ser "tolerável"? Isto nos traz às implicações. Começarei com algumas analogias.

Nossa vida diária fornece várias analogias que iluminam a questão. Durante toda a nossa vida usamos instrumentos de medir – réguas, "metros" de madeira, fitas métricas, trenas – que variam levemente um do outro. Compramos muitas coisas por medida, sem questionarmos a acurácia do instrumento de medição, mesmo que uma comparação exata revelaria discrepâncias entre instrumentos. Por que não questionamos? Porque as discrepâncias não são grandes o bastante para nos preocuparem e porque sabemos que há um padrão absoluto a consultar, se for necessário. No *Bureau of Standards* em Washington, D.C. [e no Instituto Nacional de Pesos e Medidas, em Brasília, DF], em uma caixa hermeticamente selada, está o metro que é o padrão absoluto e invariável. Quantos de nós têm visto aquele padrão? Muito poucos, comparativamente. Todavia nós nascemos, vivemos e morremos sem ver o padrão e sem sentir nenhuma inconveniência. Assumimos que nossos instrumentos de medição são bastante aproximados para os propósitos práticos usuais, como realmente o são, e vivemos felizes com eles. Sabemos que podemos ir a Washington [ou a Brasília] se uma questão surgir que justifique a despesa.

Se alguém perguntar a um grupo de pessoas que horas são, bem pode obter até dez respostas diferentes, espalhadas dentro de um intervalo contínuo de dez minutos. Convivemos diariamente com uma discrepância de um ou dois minutos entre os diversos marcadores de tempo que consultamos, e achamos que isto não é nada. Duas estações de rádio em uma cidade diferem uma da outra por um minuto ou dois, e assim por diante. O sistema opera suficientemente bem porque há em Greenwich, Inglaterra, um padrão aceito por todos. Eu nunca estive lá e suponho que poucos dos leitores estiveram, mas mesmo assim a vida passa normalmente. Todavia, se não houvesse padrão, cedo estaríamos em apuros.

Quando uma legislatura está estabelecendo uma lei, grande cuidado é tomado com a precisão das palavras porque, uma vez promulgadas e publicadas, tornam-se lei – tornam-se um padrão, mandatório sobre as pessoas sob sua jurisdição. Grande cuidado é tomado com o padrão, mas os oficiais que aplicam a lei não têm que memorizá-la *ipsis litteris*. Tudo que eles precisam é um entendimento razoavelmente exato das intenções e provisões da lei. Quando prende um ofensor e lhe cita a lei pela qual o prende, um policial provavelmente só citará a ideia principal dela. Nenhuma corte aceitará uma desculpa do acusado de que o policial que o prendeu não lhe citou a lei palavra por palavra. (Semelhantemente, duvido que Deus aceitará uma desculpa de um descrente de que não teve acesso à Lei *ipsis verbis* – é bastante ter a ideia principal). No entanto, durante um julgamento às vezes ênfase é dada à exata "letra" da lei e toda a disposição do caso pode depender da interpretação dada àquela "letra".

Álcool (etanol) pode ser encontrado nas prateleiras de qualquer drogaria, mas raramente excedendo o teor de 92% de pureza; talvez o farmacêutico tenha um suprimento privado com 96%, para propósitos especiais. Mas, para uso doméstico ordinário, 92% é mais que adequado – em uma emergência, uma cachaça forte, com 60%, queimar e pode ser usado para desinfetar. Pode ser que certos experimentos científicos exijam álcool 100%, mas ele será difícil de obter e bastante caro. Como acontece com todas as mercadorias manufaturadas, quanto maior for seu grau de precisão, pureza ou "perfeição", mais ela

será difícil e dispendiosa de obter. Diferentes propósitos exigem diferentes graus de precisão (em qualquer área), mas para a maioria das pessoas e maioria dos propósitos, na maior parte do tempo o grau de precisão não precisa ser muito alto. Aliás, na maioria dos casos um grau superlativo de precisão seria desperdiçado – o contexto simplesmente não permite que seja completamente utilizado ou valorizado.

Pois então, por que Deus permitiu que erros se introduzissem no Texto, ou por que Ele permite interpretação imperfeita? Em primeiro lugar, toda a razão de ter uma raça humana aparentemente envolve dar-nos a capacidade e a liberdade de pecarmos e sofrer-mos as conseqüências (tanto individual como corporativamente – quanto maior for o grupo que participa de um pecado, mais sérias e de mais longo alcance são as conseqüências). Mas, em segundo lugar, o uso normal e diário não requer um grau de precisão superlativo – em todo caso, temos mais da Verdade de Deus do que somos capazes de apropriar. No entanto, é a disponibilidade de um padrão reconhecido que nos habilita a tolerar imperfeições secundárias, em uma dada área. Temos o tesouro em "vasos de barro", mas o "tesouro" tem que existir!

Mas, os Autógrafos Não Estão Perdidos?

Permanece a questão de um padrão perdido. Retornando à analogia dos instrumentos de medição, que aconteceria se alguém roubasse o metro padrão do Instituto Nacional de Pesos e Medidas? Bem, não haveria inconveniente enquanto não soubéssemos disso – continuaríamos felizes como sempre. Mas, se a perda se tornasse conhecida, então a confiança nos instrumentos individuais seria solapada e nossas transações comerciais se complicariam pelo surgimento de discussões sobre o padrão de medição (como tenho observado em certos locais). Creio que temos visto esta síndrome com referência à Bíblia. Até o século 19 quase não havia questionamento sobre o padrão, e a Bíblia era aceita como autoritativa apesar de que o texto que estavam usando não era idêntico ao Original. Mas, durante os últimos 200 anos, críticos têm convencido a maioria (na Europa e América do Norte) de que o padrão se foi, com a resultante confusão espiritual e moral que vemos por todo lado.

O problema, em larga escala, é de percepção. Gerações têm vivido e morrido felizes usando réguas e metros de madeira que não são [absolutamente] perfeitos, sem sofrer quaisquer danos ou inconvenientes – as discrepâncias não eram bastante grandes para ter importância. (No entanto, se alguém tivesse convencido as pessoas que elas tinham um problema insuperável, elas teriam sido feridas – desnecessariamente.) Similarmente, nossos manuscritos e versões contêm discrepâncias, a maioria das quais não são sérias o bastante para importarem para propósitos usuais. No entanto, se alguém faz de um assunto uma "batalha de tribunal", então a existência e identidade do padrão relevante torna-se crucial.

Proponho que a "questão" central tem a ver com a autoridade da Escritura. Quando a Reforma Protestante tomou as Escrituras (nas línguas originais) como a suprema autoridade, a Igreja Católica Romana contra-atacou apontando para as variações textuais nos manuscritos e desafiando os líderes da Reforma a apresentarem o padrão.¹ Nos séculos dezoito e dezenove, críticos destrutivos foram além das variantes para contestarem a data, a autoria e a composição dos livros individuais da Bíblia. Considero que estes

¹ Ver Theodore P. Letis, "John Owens Versus Brian Walton," *The Majority Text: Essays and Reviews in the Continuing Debate* (Fort Wayne: The Institute for Reformation Biblical Studies, 1987), pp. 145-90.

desafios têm sido adequadamente respondidos por outros e retorno ao problema da variação textual.

Como pode variação textual afetar a autoridade da Escritura? Depende. Esta autoridade deve ser vista como absoluta ou relativa? Se estamos preparados para aceitar uma autoridade relativa (esta é a posição "Neo-ortodoxa"), podemos aceitar uma mistura de adulterações no Texto. Mas se desejarmos afirmar autoridade absoluta, o padrão tem que ser perfeito. A Escritura deriva sua autoridade da inspiração divina, mas se qualquer parte do texto não é inspirado, falta autoridade a essa parte. Especificamente, falta autoridade aos erros e às alterações introduzidos por homens falíveis através dos séculos no processo de copiar. Por esta razão, aqueles que afirmam que a Bíblia é inerrante normalmente limitam esta afirmação aos autógrafos. Mas, uma vez que os autógrafos cessaram de existir (eles provavelmente pereceram pelo uso dentro dos primeiros cem anos), que nos adianta? Depende.

As analogias já fornecidas mostram que podemos conviver com pequenas discrepâncias muito comodamente, sem o sentimento de termos sido trapaceados ou enganados. De fato, na maioria dos contextos, insistir em perfeição absoluta seria reputado como irrazoável, se não intolerável. Aceitamos as discrepâncias diminutas, mas não as **grandes**! Se sentimos que alguém está tentando tirar vantagem de nós, nossa reação é imediata. Similarmente, no processo de copiar, temos que distinguir entre enganos honestos (devidos à desatenção) e alterações deliberadas. Ademais, muitas alterações parecem ser relativamente "inofensivas", enquanto outras são patentemente danosas.

Em Mateus 13.25 e 39 o Senhor Jesus ensinou que Satanás semeia joio entre o trigo – isto é verdade a respeito da Igreja e é verdade a respeito do texto bíblico; embora a analogia não seja perfeita, no último caso o joio pode ser comparado a veneno misturado ao Pão da Vida. Para dar uns poucos e rápidos exemplos: as variantes em Mateus 1.7 e 10 que introduzem Asafe e Amós na genealogia de Jesus, são veneno; a variante em Mateus 1.18 que atribui a Cristo uma "origem" é veneno; a variante em Marcos 6.22 que transforma Herodias na filha de Herodes é veneno; a variante em Lucas 3.33 que insere os fictícios Admin e Arni na genealogia de Jesus é veneno (estes provavelmente foram o resultado de descuido ou ignorância do copista, mas os editores modernos que os forçam para dentro do texto impresso são irresponsáveis); a variante em Lucas 23.45, que tem o sol sendo eclipsado [pela lua cheia da Páscoa], é veneno; a variante em João 1.18 que lê "um deus unigênito" é veneno; a variante em 1 Coríntios 5.1 que nega a existência de incesto entre os gentios é veneno; a omissão de Marcos 16.9-20 é veneno; o uso de colchetes na Escritura impressa (em qualquer linguagem) para insinuar ao usuário que o material circundado é espúrio, é veneno. Por "veneno" quero dizer violência feita ao texto bíblico de modo a solapar sua credibilidade.¹

E agora, onde tudo isso nos deixa? Deixa-nos com milhares de cópias manuscritas (dos escritos do NT), a partir das quais podemos identificar a exata redação dos autógrafos, desde que avaliemos as evidências com base no que a Bíblia diz de si própria, de Deus e Seus propósitos, do homem, e de Satanás e suas táticas. Aos manuscritos devem ser adicionadas as declarações dos pais da Igreja primitiva e os fatos da História, conforme ambos tenham chegado até nós. Pela cuidadosa atenção a todas as considerações relevantes, podemos identificar e excluir os erros e as alterações, e afirmar com razoável certeza qual a redação dos autógrafos. (Eu diria que *The Greek New Testament According to the Majority Text* [Thomas Nelson Publishers, segunda edição, 1985] é pelo menos 99.5% puro,

¹ Tenho, no Apêndice E, um tratamento mais completo do assunto de variação.

sem nenhuma adição de "veneno" – teremos que pagar um alto preço em detalhadas pesquisas para alcançarmos os 100%.)

Uma vez que Deus o Filho, enquanto andou nesta terra, declarou enfaticamente que "*até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido*" (Mateus 5.18), deduzo que Ele jamais permitiria que uma leitura genuína desaparecesse da tradição manuscrita. Sou bem ciente de que Jesus estava presumivelmente se referindo especificamente ao Pentateuco. Como então posso aplicar esta declaração ao NT? Primeiro, jotas e tis se referem a **letras**, não a conceitos ou ideias; de fato, o jota era a menor das letras e o til uma parte de algumas letras. As palavras do nosso Senhor constituem uma declaração um tanto radical sobre a preservação da exata forma do Texto Sagrado através dos tempos. O terceiro capítulo de 2 Coríntios deixa claro que o "*novo testamento*" (v. 6) é de "*maior glória*" (v. 8) que o antigo, incluindo o próprio Decálogo ("*gravado com letras em pedras*", v. 7). Os capítulos 7 até 9 de Hebreus demonstram a superioridade geral do Novo Testamento sobre o Velho e o próprio Jesus tanto garante (7.22) como é o mediador (8.6) deste "melhor" testamento. Chego à conclusão que o interesse protetor que Deus tem no Novo Testamento tem de ser pelo menos tão grande quanto Seu interesse protetor no Velho. 1 Crônicas 16.15 declara que este interesse se estende por mil gerações; em outras palavras, até o fim do mundo (ainda não chegamos a 300 gerações, desde Adão).

Deparar-se com a tarefa de reconhecer qual, entre duas ou mais variantes, é a redação original, é uma coisa; afirmar que algo tão crucial quanto o final de um Evangelho tem desaparecido sem deixar vestígios é outra coisa totalmente diferente. Se Marcos 16.9-20 não for genuíno, então a declaração de Cristo em Mateus 5.18 parece estar errada.

A Questão da Canonicidade

Há uma pergunta adicional – em primeiro lugar, por que afirmamos que Marcos é "Evangelho"? De onde ele obteve sua canonicidade? Ou, em outras palavras, se Deus vai inspirar um texto para ser usado pelas gerações subseqüentes, Ele tem que garantir que as pessoas o reconhecerão como inspirado. Se a natureza de tal texto não é percebida e ele é relegado ao esquecimento, ou tratado sem nenhum respeito a mais que qualquer outra peça de literatura, então o propósito de Deus será frustrado. Então, por que dizemos que o Evangelho de Marcos é "Bíblia"? Porque a Igreja, em sua capacidade corporativa, assim o tem declarado, e assim ela tem feito através dos séculos, a partir do segundo (pelo menos). (Não temos evidência concreta do primeiro século, mas a temos do segundo e de todos os séculos subseqüentes.) Foi necessário que Deus operasse através da Igreja para assegurar tanto a canonicidade (o reconhecimento público de sua qualidade) como a preservação [de cada livro da Bíblia]. (Eu diria que a qualidade superior dos escritos inspirados é intrínseca e pode ser percebida por uma pessoa espiritual em qualquer era, mas se a Igreja primitiva não os tivesse reconhecido eles não teriam sido copiados através dos séculos e assim não nos teriam chegado às mãos.)

O que tem a Igreja dito sobre Marcos 16.9-20, através dos séculos? Com voz unida, quase unânime, ela tem declarado a canonicidade da passagem. Se ela se enganou neste ponto, como sabemos que não se enganou a respeito do restante do livro? Mas desde que sua voz não foi unânime, o próximo passo a tomar é rever a evidência.

A Evidência Externa

A passagem em questão está contida em cada manuscrito grego conhecido (cerca de 1800) exceto três: os códices B (Vaticano) e \aleph (Sinaítico), e o minúsculo 304, do século

XII. Também está contida em todo lecionário conhecido (lecionários são coleções das lições [e leituras] da Escritura, ligadas ao calendário eclesiástico). A importância desta evidência lecionária tem sido explicada por J. W. Burgon: "Que lições do NT eram publicamente lidas nas congregações dos fiéis, seguindo um esquema definido, e em um sistema estabelecido pelo menos tão cedo quanto no quarto século – tem sido mostrado ser um fato histórico tranqüilo."¹ E, novamente:

Descobre-se que, desde o início, Marcos xvi 9-20 foi, em todos os locais e por todos os ramos da Igreja Católica, designado para **duas** das maiores festas da Igreja – Páscoa e Ascensão. Uma circunstância de maior peso ou de maior significado dificilmente pode ser imaginada. Supor que é espúria uma porção da Escritura selecionada pela Igreja universal para tal extraordinária honra, é puramente irracional.²

Embora depois de um certo tempo passagens da Escritura viessem a ser designadas para cada dia do ano, a prática evidentemente começou com os fins de semana, e mais especialmente aqueles mais importantes. De acordo com a Lei de Baumstark, as leituras-lições associadas com as grandes festas parecem ter sido as primeiras a serem adotadas.³ Uma vez que a ideia foi tomada emprestada da prática das sinagogas judaicas, ela bem que pode ter se generalizado durante o segundo século.

Antes que a Igreja começasse a produzir lecionários como tais, manuscritos normais foram adaptados pela colocação de símbolos nas margens (ou no texto) para indicar o início e o fim das leituras-lições. Estes incluíam a palavra *τελος* ("fim"), quer abreviadamente ou por extenso. Declarações de evidência para a omissão dos vv. 9-20 habitualmente mencionam um número de MSS que têm tais símbolos ao final do v. 8 (e, assim, no início do v. 9), alegando que eles foram colocados ali para indicar dúvida sobre a genuinidade dos versos seguintes. Acontece que não apenas Marcos 16.9-20 é uma das mais proeminentes de todas as leituras-lições do calendário litúrgico, como também uma outra leitura-lição termina precisamente no v. 8.

Considere o que Bruce Metzger escreve concernente ao MS 2386:

Este último, no entanto, é apenas uma testemunha aparente da omissão, pois embora a última página de Marcos termine com *εφοβουντο γαρ* ["porque temiam"], a próxima folha do manuscrito está faltando, e logo após 16:8 está o sinal indicando o encerramento de uma leitura-lição eclesiástica ... , uma clara implicação de que o manuscrito originalmente continuava com material adicional de Marcos.⁴

Notar sua "clara implicação". Não é óbvio? Não se pode ler além do fim de um livro, assim não faz sentido se colocar ali um sinal de divisão entre leituras-lições. Isto nos faz indagar quais as intenções dos editores de SBU³. No aparato deles, como evidência para a omissão dos vv. 9-20, incluem "(Lect? A leitura-lição termina no verso 8)" – isto presumivelmente se refere a sinais de leituras-lições nas margens, uma vez que não pode significar que os lecionários não têm vv. 9-20. Mas sinais de leituras-lições na margem são evidências a favor, não contra! Notar que, ao discutir a evidência para conjuntos de variantes dentro dos vv. 9-20, SBU³ invariavelmente cita *Byz Lect*, o que significa que seus editores reconhecem que os lecionários contêm a passagem. De fato, da circunstância que eles

¹ *The Last Twelve Verses according to S. Mark*, 1871, p. 207. Reimpresso em 1959 pelo Sovereign Grace Book Club, mas a paginação dada refere-se à edição de 1871 (para achar o local correspondente na edição de 1959, adicione 78 ao número de página na edição de 1871).

² *Ibid.*, p. 210.

³ W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge University Press, 1974), p. 35. Nas pp. 34 e 35 ele dá um bom sumário da evidência lecionária. Baumstark é considerado o primeiro a demonstrar a tese.

⁴ Metzger, p. 122, nota de rodapé 1.

também listam /185m, parece que o lecionário 185 é o único que não tem os versos no Synaxarion (eles aparecem apenas no Menologion).

As versões siríaca, latina, copta e gótica, massivamente dão apoio à passagem, todas elas. Apenas as versões armênia e georgiana (ambas do quinto século) a omitem. Para ser mais exato, cada MS siríaco (cerca de 1000?) exceto um (o Sinaítico, datado ao redor do ano 400, um palimpsesto) contém a passagem. Embora o Sinaítico seja aparentemente o mais antigo dos MS siríacos em existência, ele não é representativo da tradição siríaca. O próprio B. F. Westcott, escrevendo em 1864, atribuiu a *Peshitta* ao início do segundo século, concordando com a opinião geral do mundo erudito de então.¹ As exigências da teoria de W-H subseqüentemente os levaram a atribuir a *Peshitta* ao quinto século, mas Vööbus demonstra que a *Peshitta* retrocede pelo menos até meados do quarto século e que não foi o resultado de uma revisão autoritativa.² O Sinaítico é um palimpsesto; foi raspado para dar lugar a algum material devocional, o que é um eloqüente comentário sobre a avaliação da sua qualidade, na sua época!

Cada MS latino (8000?) exceto um (Bobiensis, datado ao redor do ano 400) contém a passagem. Mas Bobiensis (k) também parece ser a única testemunha, entre todos os tipos, a nos oferecer somente o assim chamado "final mais curto" – toda outra testemunha que contém o "final mais curto" também contém o "final mais longo," exibindo assim uma confluência (incrivelmente estúpida, por sinal!). Agora, tanto quanto eu sei, todos reconhecem o "final mais curto" como uma aberração, o que significa que Bobiensis é aberrante neste ponto e não representa a tradição latina. Se a tradição latina data do segundo século, temos aqui sustentação do segundo século para o "final mais longo." Parece que a única testemunha copta que omite a passagem é um MS sahídico, embora haja uns poucos que exibem a confluência já mencionada (eles são, deste modo, condenados como aberrantes).

O Diatessaron (de acordo com as tradições árabe, italiana e antiga holandesa) e Irineu claramente atestam os últimos doze versos no segundo século! O mesmo faz Hipólito uns poucos anos depois. Então vêm Vincentius, o *Evangelho de Nicodemos* e as *Constituições Apostólicas*, no terceiro século; Eusébio, Afraates, Ambrósio e Crisóstomo no quarto; seguidos por Jerônimo, Augustinho, Cirílo de Alexandria, Vítor de Antióquia, etc.

Clemente de Alexandria e Orígenes são comumente citados como contra a passagem, mas este é um argumento pelo silêncio.³ Emerge que as obras sobreviventes de Clemente não se referem ao último capítulo de Marcos, mas também não se referem ao último capítulo de Mateus. E daí?

A principal fonte patrística usada contra Marcos 16.9-20 é Eusébio. Parece que ele escreveu uma defesa contra quatro discrepâncias alegadas entre os relatos da ressurreição nos Evangelhos, propostas por um certo "Marinus" (nosso conhecimento baseia-se em um sumário, feito no décimo século, do que ele presumivelmente escreveu, um sumário ao qual falta consistência interna). A primeira discrepância alegada é entre Mateus 28.1 e Marcos 16.9. Fica claro que "Marinus" está aceitando que v. 9 é "Evangelho" genuíno ou não haveria nenhum problema; então podemos concluir que ele entendeu que esta era a posição da Igreja. Que Eusébio gasta tempo para responder aponta na mesma direção.

¹ *The Bible in the Church* (London: MacMillan) p. 132 (reimpressões nos anos 1890 ainda contêm a declaração).

² *Early Versions of the New Testament* (Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954), pp. 100-102.

³ Os estudiosos da lógica ensinam que não se pode tirar conclusões afirmativas a partir de premissas negativas.

Ademais, respondendo à segunda discrepância alegada, Eusébio simplesmente assume a genuinidade do relato de Marcos e argumenta que a mudança de fraseologia em Mateus tem sido mal entendida. No entanto, ao responder à primeira alegação (de acordo com o sumário) ele oferece duas opções: "Alguém poderia dizer que a passagem não é contida em todas as cópias do evangelho de Marcos ...; um outro diz que ambos os relatos (Mateus e Marcos) são genuínos e têm que ser propriamente entendidos." Com a primeira opção ele emprega o modo optativo [no verbo "poderia dizer", no grego], apropriado ao gênero de retórica hipotética (o que significa que nada dito pelo orador hipotético está sendo endossado por Eusébio), enquanto na segunda opção ele muda para o modo indicativo, o que leva a presumir que é esta uma indicação de que ele próprio considerava ser esta segunda posição a correta – tanto que quando passa à segunda discrepância, ele não oferece a opção de rejeitar a passagem.

No entanto, os "cânones" ou "seções" de Eusébio (mas não as assim chamadas "seções de Amônio") podem não ter incluído vv. 9-20. Em alguns MSS gregos o número de seção 233 é colocado na margem ao lado de v. 8 e é o último tal número (em Marcos) – o que significa que a seção 233 começava no v. 8, mas desde que muitas "seções" continham mais que um verso, não sabemos a extensão desta. Mas há mais coisas na estória. Burgon checou 151 MSS gregos que têm as "seções eusebianas" marcadas na margem e ofereceu a seguinte tabulação dos resultados:

em 3 MSS o último número de seção é 232, posto ao lado do v. 6,
em 34 MSS o último número de seção é 233, posto ao lado do v. 8,
em 41 MSS o último número de seção é 234, posto ao lado do v. 9 (?),
em 4 MSS o último número de seção é 235, posto ao lado do v. 10 (?),
em 7 MSS o último número de seção é 236, posto ao lado do v. 12 (?),
em 12 MSS o último número de seção é 237, posto ao lado do v. 14 (?),
em 3 MSS o último número de seção é 238, posto ao lado do v. 15,
em 1 MS o último número de seção é 239, posto ao lado do v. 17,
em 10 MSS o último número de seção é 240, posto ao lado do v. 19,
em 36 MSS o último número de seção é 241, posto ao lado do v. 20.

Adicionado a isto, a seguinte informação pode ser de interesse:

o MS mais antigo que termina com 232 é A do século V,
o MS mais antigo que termina com 233 é L do século VIII,
o MS mais antigo que termina com 234 é D do século IX,
o MS mais antigo que termina com 237 é L do século IX,
o MS mais antigo que termina com 239 é G do século IX,
o MS mais antigo que termina com 240 é H do século IX,
o MS mais antigo que termina com 241 é C do século V.¹

Para as seções 235, 236 e 238, o MS mais antigo é do século X ou depois. Portanto, em três quartos destes MSS os números das seções manifestamente vão além do v. 8, e os dois manuscritos mais antigos (A e C) não ajudam a argumentação pró omissão.

Jerônimo é citado como contrário à passagem porque ele pôs as questões de Marinus nos lábios de uma certa "Hebidia" e usou um sumário das respostas de Eusébio em réplica. No entanto, a própria avaliação de Jerônimo é clara pelo fato que ele incluiu Marcos 16.9-20 na sua Vulgata Latina; ele também citou os versos 9 e 14 nos seus escritos. Hesíquio de Jerusalém (não Severo de Antioquia nem Gregório de Nissa) parafraseia Eusébio em

¹ Burgon, p. 313; para a discussão geral, ver pp. 127-134 e 297-314.

um tratado sobre os ditos "problemas". No entanto, uma vez que citou Marcos 16.19 e expressamente declarou que Marcos escreveu as palavras, sua posição é clara. Vítor de Antióquia também repete Eusébio, e reconhece que os vv. 9-20 faltam em "muitas" cópias de Marcos (não é claro se Vítor tinha verificado e se convencido que isto era verdadeiro, ou se apenas estava citando Eusébio). Então afirma que ele próprio tinha verificado que "muitas" contêm os versos, e apela para "cópias acuradas" e muito especialmente para "o exemplar palestino de Marcos, o qual apresenta a verdade do Evangelho" em apoio à sua própria contenção de que a passagem é genuína. Ele chega mesmo a por a culpa da omissão sobre indivíduos que pensaram que os versos eram espúrios.¹

Infelizmente, ainda podem ser encontrados comentários que reproduzem certas distorções do passado acerca das "scholia"² e "catenae".³ As "catenae" não podem ser alegadas em favor da omissão, como foi demonstrado por Burgon (pp. 135-157). Quanto às "scholia" (notas críticas), a situação parece ser algo como esta:

- pelo menos 22 MSS simplesmente repetem a declaração de Vítor de Antióquia, a qual inclui a afirmação que ele mesmo tinha se certificado de que "muitas" cópias, incluindo cópias "acuradas" e mais especialmente o "verdadeiro exemplar palestino," continham os vv. 9-20;
- diversos MSS têm notas de rodapé defendendo os versos, com base em "antigas cópias de Jerusalém" (a atenção é dirigida para cada nota de rodapé por meio de um "+" ou de um "*" no texto, este sinal sendo repetido antes da nota de rodapé – muito similar ao que fazemos hoje);
- dois MSS dizem que a passagem está faltando em "algumas" cópias, mas presente em "muitas";
- quatro MSS dizem que ela está faltando em "algumas" cópias, enquanto presente em "outras";
- três MSS dizem que está faltando em "muitas" e presente em "muitas" cópias.⁴

Ora, o mais antigo desses MSS é do século X (a maioria é posterior), portanto os copistas estavam repetindo as "scholia" cegamente, sem nenhuma maneira de saber se elas eram ou não verdadeiras. Permanece o fato que, dos manuscritos hoje em existência, somente três deles não têm a passagem.

Os códices L, Ψ, 099, 0112 e 579 são às vezes alegados como sendo contra a genuinidade dos vv. 9-20, porque também contêm o assim chamado "final mais curto." A observação de Metzger (p. 126) é enganadora – estes cinco MSS não substituem um final pelo outro mas, sim, eles conflam a ambos. Uma conflação condena (ao menos naquele local) os MSS que a contêm, mas nada diz dos méritos relativos das partes componentes.

Temos que retornar aos códices B e Ⲛ, ambos do 4º século e ambos provenientes do Egito (presumivelmente, ver Farmer, p. 37), sendo geralmente considerados como os dois MSS mais importantes do NT (freqüentemente referidos como "os melhores e mais antigos"). A concordância deles em omitir vv. 9-20 é um fator importante no pensamento daqueles que rejeitam a passagem (uma vez que eles geralmente consideram o tipo-de-texto alexandrino superior a todos os outros). Contudo, a evidência não é exatamente singela. Códice B é escrito em três colunas por página e, ao se completar o processo de copiar um livro, normalmente começa o livro seguinte no topo da próxima coluna. Mas entre Marcos

¹ Para documentação detalhada e uma discussão exaustiva, ver Burgon, pp. 19-31, 38-69, 265-90.

² N.Trads.: *Scholium* (plural *scholia*) é uma nota ou comentário feito à margem do texto bíblico.

³ N.Trads.: *Catena* (plural *catenae*) é uma série concatenada de versículos relacionados.

⁴ Burgon, pp. 116-125, 290-292.

e Lucas existe uma coluna completamente vazia, a única coluna assim no códice. Considerando que pergaminho era caro, o "desperdício" de tal espaço seria bastante inusitado. Por que o copista fez isso?

Quanto ao códice \aleph , a folha dobrada contendo o final de Marcos e o início de Lucas é, para dizer a verdade, forjada. Tischendorf, que descobriu o códice, advertiu que aquelas quatro páginas pareciam ter sido escritas por uma mão diferente e com uma tinta diferente daquelas do resto do manuscrito. Seja como for, uma inspeção cuidadosa revela o seguinte: o final de Marcos e o início de Lucas ocorrem na página 3 (das quatro); as páginas 1 e 4 contêm o equivalente a uma média de 17 linhas de texto grego impresso por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do códice; a página 2 contém uma média de 15,5 linhas de texto impresso por coluna; a primeira coluna da página 3 contém apenas **doze** linhas de texto impresso e deste modo o v. 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual contém 16 linhas de texto impresso enquanto a coluna 4 volta a conter 17 linhas. Assim, na página 2 o falsário começou a espalhar as letras de modo a deslocar o equivalente a seis linhas do texto impresso. Na primeira coluna da página 3 ele ficou desesperado e deslocou o equivalente a **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna! Desta maneira [deslocando o equivalente a um total de 11 linhas do texto impresso] ele conseguiu levar duas linhas do verso 8 para a segunda coluna, evitando a reveladora coluna vazia (como a de B). Aquela coluna vazia acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, o que, com as outras 11, perfaz um total de 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 tais linhas, portanto há abundante espaço para eles. Realmente parece que houve jogo sujo, e não teria havido necessidade disto a não ser que a 1ª mão do MS de fato exibisse os versos disputados. De qualquer modo, \aleph tal qual se apresenta, é forjado e portanto não pode ser legitimamente alegado como uma evidência contra os versos.

Em suma: cada MS grego conhecido (cerca de 1,700) exceto dois (B e 304 – \aleph não é "conhecido" porque é forjado neste ponto) contém os vv. 9-20. Cada lecionário grego conhecido (cerca de 2000?) os contém (um deles, 185, os contém somente no Menologion). Cada MS siríaco conhecido (cerca de 1000?) exceto um (Sinaítico) os contém. Cada MS latino conhecido (8000?) exceto um (k) os contém. Cada MS copta conhecido exceto um os contém. A favor da "inclusão" temos evidência concreta a partir do 2º século (Irineu, Diatessaron?). A favor da "exclusão" não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Pareceria que, em algum momento durante o 3º século, MSS omitindo a passagem começaram a ser produzidos no Egito, provavelmente em Alexandria, dos quais dois (ou um) do quarto século têm sobrevivido até os nossos dias. Embora a posição omitidora tenha ganho alguma circulação no Egito, ela não se firmou nem mesmo lá, uma vez que a maioria das testemunhas alexandrinas, incluindo a versão copta, contém os versos. Os tradutores da versão armênia tinham estudado em Alexandria, e a versão georgiana foi baseada na armênia, o que explica como a posição omitidora escapou do Egito. O resto do mundo cristão parece não ter tomado conhecimento desta aberração. Como declarado na abertura deste apêndice, com voz unida através dos séculos, em todas as partes do mundo (incluindo o Egito), a Igreja universal tem afirmado e insistido que o evangelho de Marcos vai desde 1.1 até 16.20. Face a tudo isto, como pode alguém que nega a autenticidade de Marcos 16.9-20 ainda afirmar a inspiração divina de Marcos 1.1-16.8? Não está ele sendo incoerente?

A "Evidência?" Interna

Não deveria ser necessário prolongar este exercício, mas provavelmente algo deve ser dito a respeito da "evidência interna" que alguns críticos sentem ser fatal à passagem. Dizem-nos que Marcos "nunca" usa certas palavras ou frases que, no entanto, ocorrem no trecho em disputa; que outras palavras ou frases que ele "sempre" usa estão faltando; que o estilo é "estranho" a Marcos; que há problemas insuperáveis com a estrutura de discurso e com o próprio conteúdo; em uma palavra, que é "impossível" que a mesma pessoa possa ter escrito 1.1-16.8 e 16.9-20. E agora, que fazer?

A maioria dos "argumentos" deste tipo que têm sido proposta revela um decepcionante grau de superficialidade ao pesquisar e ignorância da linguagem. Tais supostos argumentos foram completamente refutados há mais de 100 anos, por J.A. Broadus (*The Baptist Quarterly*, July, 1869, pp. 355-62) e por Burgon (pp. 136-90). Um tratamento moderno (1975) é oferecido por Farmer (pp. 79-103). Eu responderei a um argumento que pode parecer impressionante a um leitor sem muita experiência.

Alega-se como uma circunstância sinistra que Jesus não é mencionado por nome no v. 9 (e nem nos versos seguintes). As regras de estrutura de discurso têm sido violadas, assim dizem eles. Realmente? Consideremos a prática de Marcos em outros locais. Entre Marcos 9.27 e 9.39 Jesus não é mencionado por nome, embora lá hajam duas quebras de parágrafo e uma quebra de seção, mais duas mudanças de local. O próximo ponto onde Jesus é mencionado é 10.5, cinco versos depois de uma quebra de seção e uma outra mudança de local. Entre Marcos 3.7 e 5.6 (75 versos) Jesus não é nomeado embora haja numerosos participantes e diversas mudanças radicais de local, cena e conteúdo. Em cada caso é apenas quando um outro homem é introduzido na narrativa (criando um potencial de ambigüidade) que Jesus é novamente nomeado, uma vez que um mero pronome seria ambíguo quanto a quem se refere. Em Marcos 16 só há uma pessoa morta sendo focalizada, precisamente o participante que tem dominado todo o livro, de sorte que v. 9 só pode se referir a Ele – não há ambigüidade e assim um nome próprio não é necessário. Ao longo dos vv. 9-20 nenhum outro participante singular masculino é introduzido e assim não há necessidade de identificar Jesus por nome. Em contraste, Maria Madalena teve de ser completamente identificada, porque não apenas há mais que uma mulher na narrativa, mas há mais que uma Maria! (A informação sobre os antecedentes, "da qual tinha expulso sete demônios" (v. 9), é perfeitamente apropriada aqui, e só aqui, porque esta é a primeira vez que ela é enfocada. Nas referências anteriores ela somente fazia parte do grupo.)

Há um aspecto desta situação que não tem recebido atenção suficiente, até onde sei. Quanto mais estridente e cáustico um crítico se torna em proclamar a "impossibilidade" de aceitar Marcos 16.9-20 como genuíno (por causa de estilo, vocabulário e fatores de discurso), mais ele insulta os antigos e solapa a sua própria posição. Afinal de contas, Irineu falava grego koinê como nativo (presumivelmente) – por que não notou ele a "impossibilidade"? Como é que os que falavam grego koinê como língua nativa, que viverem na Grécia e Ásia Menor, e que copiaram Marcos através dos anos, não reconheceram a "óbvia estupidez", a "odiosa mentira"? Como? Como é que críticos modernos (que lidam com grego koinê como uma língua morta e a uma distância de 1800 anos) podem ser mais competentes para julgar algo como isto do que os que tinham grego koinê como língua nativa e que estavam na cena? Irineu conheceu Policarpo pessoalmente, o qual conheceu o apóstolo João pessoalmente, o qual conheceu Marcos pessoalmente. Irineu declara que Marcos escreveu 16.19. Quem entre nós está qualificado para dizer que Irineu estava iludido?

Pareceria ser óbvio que quanto mais absurda se afirma ser a passagem, mais difícil se torna explicar como ela se impôs à Igreja universal, a partir (pelo menos) do segundo século. De fato, se a passagem contém dificuldades, isto poderia facilmente explicar sua omissão em certas regiões. As dificuldades percebidas seriam um estímulo mais que suficiente para ativar editores e copistas treinados na escola alexandrina de crítica textual. Na verdade, em nossos próprios dias há não poucos que acham o conteúdo de Marcos 16.9-20 desagradável e que saúdam com alívio a alegação que a passagem é espúria.

Esperamos que todos os interessados concordarão que a identidade do texto da Escritura deve ser estabelecida com base em evidências, não em preconceitos pessoais. Afirmando que neste caso as evidências são perfeitamente claras e que o testemunho irresistível da Igreja através dos séculos deve ser lealmente aceito.

Vejo aqui um corolário: não apenas Marcos 16.9-20 fica absolvido, como também os códices B e \aleph ficam julgados e sentenciados por conterem "veneno". Eles também contêm o veneno em Mateus 1.7, 1.10 e 1.18, Marcos 6.22, Lucas 3.33 e 23.45, João 1.18 e 1 Coríntios 5.1. Será que isto não diminui a credibilidade deles como testemunhas?

Confesso que fico perplexo com a dedicação e intensos esforços dos oponentes dos versos finais de Marcos. Por que vão a tantos extremos e despendem tanta energia para desacreditá-los? Uma outra característica curiosa do trabalho deles é a freqüente falsificação das evidências. Por exemplo, em seu conselho a tradutores sobre como proceder ao final do v. 8, A. Pope sugere colocar o seguinte:

[Alguns manuscritos terminam neste ponto]

[Em alguns manuscritos são encontradas as palavras que seguem]

FINAL MAIS CURTO

[Em alguns manuscritos as palavras que seguem são encontradas após o verso 8]

FINAL MAIS LONGO¹

O que me chama a atenção aqui é a falta de precisão semântica no uso da palavra "alguns". Na primeira vez, ela significa "três". Na segunda, "seis". Na terceira, "cerca de 1700"! Será que um despreparado leitor do artigo de Pope não será enganado? E se alguém seguir o conselho de Pope não irão seus leitores também ser enganados?

Fico imaginando, às vezes, se as pessoas realmente creem no que o Jesus glorificado disse em Apocalipse 22.19.

E. QUE DIFERENÇA FAZ?

Por pelo menos 200 anos tem sido comumente argumentado que, não importa qual o texto grego que se use, nenhuma doutrina será afetada.² Na minha própria experiência, por mais de 50 anos, quando tenho levantado a questão de qual é o texto grego correto do NT, a resposta mais comum, seja qual for o auditório, tem sido: "Que diferença faz?" O propósito deste artigo é responder essa pergunta, pelo menos em parte.

O texto grego eclético atualmente em voga, SBU³/N-A²⁶ [doravante NU], representa o tipo de texto sobre o qual a maioria das versões modernas se baseia.³ A KJV e a NKJV seguem

¹ *Selected Technical Articles Related to Translation*, Oct., 1984, p. 22. Pope deveria ter dito também que os seis MSS que trazem o "final mais curto" também trazem o "final mais longo".

² John Bengel, um crítico textual que morreu em 1752, é considerado o primeiro que propôs este argumento.

³ *The Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 3rd ed., 1975. *Novum Testamentum Graece*, Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 26th ed., 1979. Os textos dessas duas edições são praticamente idênticos, tendo sido elaborados pelos mesmos cinco editores: Kurt Aland, Matthew Black, Carlo Martini, Bruce Metzger e Allen Wikgren. A maioria das versões modernas realmente se baseia no texto

um tipo de texto bastante diferente, um primo próximo do Texto Majoritário.¹ A discrepância entre o texto SBU³ e o Texto Majoritário envolve em torno de 8% das palavras. Em um texto grego com 600 páginas, isto equivaleria a 48 páginas inteiras formadas somente de discrepâncias! Cerca de um quinto desse montante reflete omissões no Texto Eclético, de modo que este é umas dez páginas mais curto que o Texto Majoritário. Mesmo se admitirmos, para efeito de raciocínio, que até metade das diferenças entre os textos Majoritário e Eclético possam ser chamadas de “sem maiores conseqüências,” isto ainda deixaria o equivalente a aproximadamente 25 páginas formadas somente por diferenças que são significativas (em graus variados). Apesar dessas diferenças, é normalmente assumido que nenhuma doutrina cristã cardeal é realmente posta em perigo (embora algumas, tais como as do julgamento eterno, da ascensão e da divindade de Cristo, são enfraquecidas). **No entanto**, a mais básica de todas, a doutrina da divina inspiração do texto, está realmente sob ataque.

O Texto Eclético incorpora erros de fato e contradições tais que qualquer afirmação que o NT é divinamente inspirado torna-se relativa, e a doutrina da inerrância se torna praticamente indefensável. Se a autoridade do NT é solapada, todos os seus ensinamentos são semelhantemente afetados. Por mais de um século, a credibilidade do texto do NT tem sido minada, e esta crise de credibilidade tem sido imposta à atenção dos leigos pelas versões modernas, que colocam partes do texto entre colchetes e têm numerosas notas de rodapé de um tipo tal que levantam dúvidas sobre a integridade do Texto.

As conseqüências de tudo isto para o futuro da Igreja são sérias e de longo alcance. Parece irrazoável que indivíduos e organizações que professam defender um alto conceito da Escritura, que defendem sua inspiração plenária e verbal, e a inerrância dos Autógrafos, venham abraçar um texto grego que efetivamente solapa suas crenças.² Dado que a sinceridade desses indivíduos e organizações é evidente, devemos concluir que estão mal informados, ou que não têm realmente atentado para as evidências e analisado as

Nestle “antigo”, o qual difere da 26ª edição em mais de 700 locais. SBU⁴ e N-A²⁷ não oferecem mudanças no texto, mas sim no aparato crítico. Segue-se que o texto foi estabelecido pelos cinco editores anteriores, não os atuais (Matthew Black e Allen Wikgren foram substituídos por Bárbara Aland [esposa de Kurt, mas agora viúva] e Johannes Karavidopoulos).

¹ *The Greek New Testament According to the Majority Text*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2nd ed., 1985. Este texto foi editado por Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad. Muito parecido com este é *The New Testament in the Original Greek: Byzantine Textform 2005*, Southborough, MA: Chilton Book Publishing, 2005. Este texto foi editado por Maurice A. Robinson e William G. Pierpont. Esses dois diferem algo do *Textus Receptus* sobre o qual a KJV e a NKJV se baseiam.

² Durante anos tem sido comumente afirmado que não há dois manuscritos gregos conhecidos do NT que estejam em perfeita concordância (**no entanto**, para Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Filemom, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João e Judas, tenho em minha posse cópias de pelo menos dois manuscritos idênticos – não os mesmos dois para cada livro). Em conseqüência, as alegações de inerrância bíblica são geralmente limitadas aos Autógrafos (os próprios documentos originais realmente escritos pelos autores humanos), ou às palavras precisas contidas neles. Como não existe hoje nenhum Autógrafo do NT (eles provavelmente se desgastaram em poucos anos devido ao uso intenso), devemos recorrer às cópias existentes em qualquer esforço para identificar o texto original.

A teoria de crítica textual, sobre a qual NU se baseiam, pressupõe que a redação original foi “perdida” durante os primeiros séculos e que certeza objetiva quanto a essa redação é agora uma impossibilidade. Uma parte central do debate atual é o argumento que o texto em uso **hoje** não é inerrante – este é um tema recorrente em *The Proceedings of the Conference on Biblical Inerrancy 1987* (Nashville: Broadman Press, 1987), por exemplo.

Este livro oferece evidência objetiva em apoio à afirmação que a redação original **não** foi “perdida” durante os primeiros séculos. Ademais, defendo a tese que é realmente possível, com razoável certeza e com base em critérios objetivos, identificarmos a redação original ainda **hoje**.

implicações. Por isso, irei agora expor algumas dessas evidências e discutir as implicações. Quero enfatizar que não estou atacando a sinceridade pessoal ou a ortodoxia daqueles que usam o texto da SBU; estou sim desafiando as pressuposições que estão por trás deste, e chamando a atenção para as conseqüências, os resultados finais.

Nos exemplos que seguem, a redação do Texto Majoritário vem sempre primeiro e a do texto da SBU³ logo depois, seguida por quaisquer outras. Imediatamente abaixo de cada variante está um equivalente literal em português. A cada variante está anexada uma relação do apoio, por manuscritos e por versões, do tipo que se pode encontrar no aparato crítico de SBU³, por exemplo. (Muitos leigos não saberão como interpretar estas relações de apoio; neste caso deverão pular para o “Problema” – vale notar, todavia, que “Biz” normalmente representa acima de 90% dos MSS gregos sobreviventes [conhecidos]). O conjunto de variantes, com suas respectivas atestações, é seguido por uma discussão das implicações. Primeiro apresentarei erros de fato e contradições, depois, anomalias sérias e aberrações.

Erros De Fato e Contradições

Lucas 4.44 της Γαλιλαιας—f³⁵ A,D (94.7%) CP, HF, RP, TR, OC
[nas sinagogas] da Galiléia

της Ιουδαιας—P⁷⁵ ⚭ B,C,Q (4.1%) NU
[nas sinagogas] da Judéia

των Ιουδαιων—W (0.2%)
αυτων—(0.5%)

Problema: Jesus estava na Galiléia (e continuou lá), não na Judéia, como o contexto deixa claro.

Discussão: Na passagem paralela (Marcos 1.35-39), todos os textos concordam que Jesus estava na Galiléia. Assim, a NU contradiz a si própria ao trazer Judéia em Lucas 4.44. Bruce Metzger deixa evidente que os editores da SBU fizeram isto propositadamente, quando ele explica que a redação deles “é obviamente a mais difícil, e copistas a corrigiram... de acordo com as [passagens] paralelas de Mateus 4.23 e Marcos 1.39.”¹ Assim, os editores da NU introduziram no texto deles uma contradição que é também um erro de fato. Este erro no Texto Eclético é reproduzido pelas LB, NIV, NASB, NEB, RSV, etc. Em português o erro é reproduzido por NVI (Nova Versão Internacional),² Atualizada, BV (Bíblia Viva), Jerusalém e PT [‘piores textos’, embora eles digam ‘melhores’]; ao passo que a Nova Linguagem de Hoje (NLH) inventa “de todo o país”!

¹ *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 1971, pp. 137-38.

² A NVI nos favorece com uma nota de rodapé: “Alguns manuscritos dizem *Galiléia*.” O ‘alguns’ diz respeito a 1700 manuscritos, contra 75 que dizem ‘Judéia’. Fico a imaginar, que dicionário será esse deles que justifique semelhante uso do vocábulo ‘alguns’? A nota na Bíblia Vida Nova diz: “**Judéia**. Os melhores textos sustentam esta redação.” A demonstração cabal que os pergaminhos mais antigos (“os melhores textos”) são OBJETIVAMENTE de qualidade inferior foi publicada em 1914 (*Codex B and its Allies*, por H.C. Hoskier). São, de fato, os piores textos, ou entre eles. A versão da Imprensa Bíblica Brasileira, “segundo os melhores textos”, é na verdade segundo esses piores textos. Enquanto o trabalho de Hoskier não for refutado, é incabível e improcedente classificar os pergaminhos antigos de “bons” (muito menos “os melhores”).

Lucas 23.45 (verso 44 em muitas versões em português)
 εσκοτισθη—f³⁵ A,D,Q,W (96.8%) CP,HF,RP,TR
 [o sol] escureceu-se
 εκλιποντος—P⁷⁵ & C (0.4%) NU
 [o sol] entrou em eclipse
 εκλειποντος—B (0.4%) OC
 εσκοτισθεντος—(0.7%)
 confluções—(1.2%)

Problema: Um eclipse solar é impossível durante a lua cheia. Jesus foi crucificado durante a Páscoa, e a Páscoa sempre é neste quarto da lua (eis aí porque a data da Páscoa varia de ano para ano). A NU introduz um erro científico.

Discussão: O verbo grego *εκλειπω* é bastante comum e tem o significado básico de “faltar” ou “terminar”, mas quando usado em respeito ao sol ou à lua, refere-se a um eclipse (a nossa palavra “eclipse” vem daquela raiz grega). Tanto é assim que versões tais como a de Moffatt, a “Twentieth Century”, a “Authentic”, a de Phillips, a NEB, a “New Berkeley”, a NAB e a “Jerusalem”, abertamente declaram que o sol entrou em eclipse. Enquanto versões tais como as NASB, TEV e NIV evitam a palavra “eclipse”, o significado normal do Texto Eclético que elas seguem é precisamente “o sol entrando em eclipse.”¹ (Felizmente, as principais versões em português evitam a palavra “eclipse”.)

Marcos 6.22 αυτης της Ηρωδιαδος—f³⁵ A,C,N (96.5%) HF,RP,CP,TR,OC
 [a filha] ela própria de Herodias
 αυτου --- Ηρωδιαδος— & B,D (0.4%) NU
 dele [filha] Herodias
 --- της Ηρωδιαδος—(1.3%)
 αυτης --- Ηρωδιαδος—W (0.7%)
 αυτου της Ηρωδιαδος—(0.9%)

Problema: O texto da NU, em Marcos 6.22, contradiz o texto da NU em Mateus 14.6.

Discussão: Mateus 14.6 declara que a moça era a filha de Herodias (esta tinha sido esposa de Filipe, mas agora estava vivendo com o irmão dele, Herodes). Aqui a NU faz aquela moça ser a própria filha de Herodes, e chama a ela de “Herodias.” Metzger defende a escolha da comissão da NU com estas palavras: “É muito difícil decidir qual redação é a menos insatisfatória” (p. 89)! (Os editores da NU consideram que a redação original está perdida? Se não, ela também tem que [lhes] ser “insatisfatória”! Mas são aqueles editores realmente competentes para fazer um tal julgamento? E, exatamente o que será que torna ‘insatisfatória’ a redação de mais de 98% dos manuscritos? Deve ser porque não cria problema.) As versões modernas que normalmente se identificam com o texto da NU aqui o abandonam, exceto a NRSV, que lê “Herodias, a filha dele.” Felizmente, as principais versões em português também abandonam o texto eclético aqui.

¹ Arndt e Gingrich (*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 242), referindo-se a esta passagem, dizem: “do sol **escurecer**, talvez **ser eclipsado**.” Suspeita-se que essa assertiva foi planejada especificamente para defender a redação do Texto Eclético. Não nos surpreende ver Metzger rejeitar a redação de mais de 97% dos MSS como “a variante mais fácil” (p. 182).

1 Coríntios 5.1 *ονομαζεται*—f³⁵ (96.8%) HF,RP,OC,TR,CP
se nomeia

--- —P⁴⁶ ⚡ A,B,C (3.2%) NU

Problema: É relatado que um homem possuía a esposa do seu pai, um tipo de fornicação tal que nem mesmo os gentios falavam dele. No entanto, o texto da NU afirma que este tipo de incesto nem mesmo existe entre os gentios, uma mentira óbvia. Cada tipo concebível de perversão sexual humana tem existido através de toda a História.

Discussão: Estranhamente, versões evangélicas tais como NIV, NASB, Berkeley e LB propagam este erro. Acho interessante que versões tais como TEV, NEB e “Jerusalem”, embora seguindo o mesmo texto, evitam uma declaração categórica.¹ Em português o erro é reproduzido por NVI, Atualizada, NLH, Contemporânea, BV, Jerusalém, PT e até mesmo pela Corrigida.

Lucas 3.33 του Αμιναδαβ, του Αραμ—f³⁵ A(D) [95%] CP,HF,RP,TR,OC
de Aminadabe de Arão

του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνι—nenhum!! NU
de Aminadabe, de Admin, de Arni

του Αδμειν, του Αρνει—B

του Αδαμ, του Αρνι?—syr^s
του Αδαμ, του Αδμιν, του Αρνει—⚡
του Αδαμ, του Αδμειν, του Αρνει—cop^{sa}
του Αδμειν, του Αδμιν, του Αρνι—cop^{bo}
του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνει—⚡^c
του Αμιναδαβ, του αδμιν, του Αρηι—f¹³
του Αμιναδαβ, του Αδμη, του Αρνι—X
του Αμιναδαβ, του Αδμειν, του Αρνι—L
του Αμιναδαβ, του Αραμ, του Αρνι—N

Problema: Os fictícios Admin e Arni são introduzidos na genealogia de Cristo.

Discussão: O texto da SBU tem distorcido a evidência no seu aparato crítico, de modo a esconder o fato que nenhum MS grego tem o texto exato que imprimiram, uma verdadeira “colcha de retalhos.” Ao apresentar o raciocínio da Comissão da SBU neste caso, Metzger escreve: “A Comissão adotou o que parecia ser a forma menos insatisfatória de texto” (p. 136). Mas que arrogância sem medida!! Os editores da SBU inventam sua própria redação e a proclamam ser “a menos insatisfatória”! E o que exatamente pode ser “insatisfatório” na redação de mais de 95% dos MSS, exceto que não introduz quaisquer dificuldades?

Há completa confusão no arraial egípcio. Essa confusão deve ter começado no segundo século, resultando de alguns erros fáceis de ocorrer ao transcrever, simples enganos ao copiar. É muito fácil mudar *APAM* para *APNI* (nos primeiros séculos, somente letras maiúsculas eram usadas): com uma pena de escrever que começa a arranhar, os traços

¹ O aparato da NU não dá ao usuário nenhuma pista de que há variação séria neste ponto; em consequência, Metzger também não a dá. É mais provável que ele teria dito que a redação de 96,8% dos MSS é ‘insatisfatória’.

cruzantes no *A* e no *M* poderiam ficar fracos, e um copista subsequente poderia confundir a perna esquerda do *M* como acompanhando o *A*, de modo a fazer um *N*, e a perna direita do *M* se tornaria um *I*. Muito cedo “Aminadab” foi soletrado errado, como “Aminadam”, o que sobreviveu em cerca de 25% dos manuscritos conhecidos (nos MSS minúsculos, o *beta* frequentemente foi escrito como um *mu*, só que menos o ‘rabinho’).

O *ADAM* de Ⲁ, sir^s e cop^{sa} surgiu de uma fácil ocorrência de *homoioarcton* (o olho do copista foi do primeiro *A* em “Aminadab” para o segundo, omitindo “Amin” e deixando “Adam”). *A* e *Δ* são facilmente confundíveis, especialmente quando escritos à mão – “Admin” presumivelmente veio de “AMINadab/m”, embora o processo fosse mais complicado. O “i” de “Admin” e “Arni” é adulterado para “ei” em códice B (uma ocorrência frequente nesse MS – talvez devido à influência copta). Códice Ⲁ fez a confluência do ancestral que produziu “Adam” com o que produziu “Admin”, etc. A confusão total no Egito não nos surpreende, mas como explicaremos o texto e aparato da NU neste exemplo? E o que poderia ter se apoderado dos editores da NASB, NRSV, TEV, LB, Berkeley, etc. para abraçarem um erro tão grosseiro? Em português o erro grosseiro é vendido pela Atualizada, Contemporânea, NLH, BV, Jerusalém e PT. A NVI, seguindo a mãe americana, traz a leitura correta.

Mateus 19.17 Τι με λεγεις αγαθον ουδεις αγαθος ει μη εις ο Θεος—f³⁵ C,W (99%) RP,HF,OC,CP,TR
Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, o Deus.

Τι με ερωτας περι του αγαθου εις εστιν ο αγαθος—Ⲁ (B,D) (0.9%) NU
Por que me perguntas a respeito do que é bom? Um é bom.

Problema: a NU em Mateus 19.17 contradiz a NU em Marcos 10.18 e Lucas 18.9 (em Marcos e Lucas todos textos concordam com a redação do texto bizantino em Mateus 19.17).

Discussão: Pode-se presumir que Jesus falou em hebraico, mas não há nenhuma maneira pela qual o que Ele disse pudesse legitimamente resultar nas duas traduções para o grego acima dadas.¹ Que as versões em latim oferecem uma confluência sugere que as outras duas variantes tinham que existir no segundo século – na verdade, o Diatessaron abertamente põe a redação bizantina na primeira metade daquele século. A Igreja no Egito, naquele século, era dominada pelo Gnosticismo. Que uma tal variante tão deliciosamente gnóstica surgiu não é surpresa, mas porque os editores modernos a adotam? Porque é “a mais obscura” (Metzger, p. 49). Esta “obscuridade” foi tão atraente à Comissão da NU que eles imprimiram outra “colcha de retalhos” – juntando a pergunta do jovem e esta primeira parte da resposta do Senhor, o exato texto da NU é encontrado somente no **corretor** do códice B; ademais, com referência aos principais MSS gregos (Ⲁ,B,D, L,Θ,f¹) dados como aqui apoiando o Texto Eclético, o fato é que nenhum deles [aqui] concorda precisamente com nenhum dos outros! (Devem eles ser considerados como testemunhas confiáveis? Em que base?) A maioria das versões modernas se junta ao texto da NU neste erro, também. Em português o erro é reproduzido por NVI, Atualizada, NLH, Contemporânea, Jerusalém e PT.

¹ No Seu ensino sobre temas genéricos, o Senhor presumivelmente se repetiu muitas vezes, usando uma variedade de expressões e variações sobre os temas, e os escritores dos Evangelhos preservam algo dessa variedade. Nesta passagem estamos lidando com uma conversação específica, a qual pode-se presumir que não foi repetida.

Atos 19.16 αὐτῶν—f³⁵ [90%] HF,RP,OC,TR,CP
deles
αμφοτέρων— ⚭ A,B,D [5%] NU
de ambos

Problema: Os filhos de Ceva eram sete, não dois.

Discussão: Argumentar que “ambos” pode significar “todos”, com base nesta passagem, é fugir da pergunta por assumir o fato como provado. Um apelo para Atos 23.8 é similarmente não convincente. “Porque os Saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo ou espírito; mas os fariseus reconhecem ambas as coisas.” “Anjo” e “espírito”, se não foi intencionado que fossem tomados como sinônimos, pelo menos pertencem a uma única classe, a dos seres espirituais. Os fariseus criam em “ambas as coisas” – ressurreição e seres espirituais. Não há aqui nenhuma base para alegar que “ambos” pode legitimamente se referir a sete, em Atos 19.16.¹ Mesmo assim, a maioria das versões modernas traduz “ambos” por “todos”. Na verdade, a NASB traduz como “eles ambos,” tornando a contradição patente! Em português o erro é reproduzido assim: “dois” – Corrigida, Contemporânea, BV e PT; “todos” – Atualizada e Fiel; “uns e outros” – Jerusalém.

Mateus 1.7-8 Ασα— f³⁵ W [98%] RP,HF,OC,CP,TR
Asa
ΑΣαφ— ⚭ ,B,C [2%] NU (duas vezes)
Asafe

Problema: Asafe não pertence à genealogia de Jesus.

Discussão: Asafe foi da tribo de Levi, não da de Judá; foi um salmista, não um rei. É claro, do comentário de Metzger, que os editores da NU entendem que seu texto se refere ao levita e não deve ser entendida como uma grafia alternativa de Asa; Metzger abertamente chama Asafe um “erro” (p. 1). De fato, “Asafe” provavelmente não é uma “escorregada da pena” ao escrever “Asa”. Sem contarmos Asa e Amon (ver v. 10), códice B erra na escrita de 13 nomes neste capítulo, enquanto códice ⚭ erra na escrita de 10 nomes, o que mina sua credibilidade. No entanto, seus erros envolvem ditografia [isto é, repetições], mudança de gênero, ou mudança para um som similar (z em vez de s, d em vez de t, m em vez de n) – não adicionar uma consoante gratuita, como f, nem trocar sons não semelhantes, como s em vez de n.

Em resposta a Lagrange, que atribuía “Asafe” a um antigo erro de escriba, Metzger escreve: “Uma vez, no entanto, que o evangelista pode ter derivado material para a genealogia, não do Velho Testamento diretamente, mas de listas genealógicas subseqüentes, nas quais a grafia errônea ocorreu, a Comissão não viu nenhuma razão para adotar o que parece ser uma emenda escribal” (p. 1). Metzger declara, sem rodeios, que a grafia por eles adotada é “errônea”. Os editores da SBU deliberadamente importaram um erro para o seu texto, e o erro é fielmente reproduzido pela NAB (“New American Bible”) e NRSV.

¹ A nota de Arndt e Gingrich (p. 47) parece planejada para proteger a redação do Texto Eclético em Atos 19.16. A discussão de Metzger é interessante. “A dificuldade em conciliar [“sete”] com [“ambos”], no entanto, não é grande ao ponto de tornar o texto que inclui “ambos” um texto impossível. Por outro lado, no entanto, a dificuldade é tão trabalhosa que é difícil explicar como [“sete”] entrou e foi perpetuada no Texto, se não era original ...” (pp. 471-72). Notar que Metzger assume a genuinidade de “ambos” e discute a dificuldade que isto cria, como se fosse um fato. Eu diria que sua suposição é sem fundamentos, e que a dificuldade que ela cria é um artefato das pressuposições dele.

RSV e NASB oferecem uma nota de rodapé dizendo que o grego lê “Asafe” – seria menos enganador se eles tivessem dito que uma fração minúscula dos MSS gregos assim lê. O caso de Amon vs. Amós, no verso 10, é análogo a este. Metzger diz que “Amos” é “um erro [na grafia] de ‘Amon’” (p. 2), e daí os editores da NU naturalmente inseriram o erro no seu texto. Em português o erro “Asafe” é reproduzido por PT.

Mateus 10.10 μηδε ραβδουζ—^f³⁵ C,N,W [95%] RP,HF,CP
nem bordões
μηδε ραβδον—^z B,D [5%] OC,TR,NU
nem [um] bordão

Problema: Tanto em Mateus 10.10 como em Lucas 9.3, o texto da NU tem “nem [um] bordão”, assim contradizendo Marcos 6.8, onde todos os textos têm “somente um bordão.”

Discussão: Em Lucas e Mateus, o texto bizantino lê “nem bordões”, que não contradiz Marcos – o caso dos bordões é análogo ao das túnicas: cada apóstolo devia levar somente um, não vários. Um leitor superficial provavelmente esperaria o singular; que algum escriba no Egito teria problemas com “bordões” e fizesse a simplificação para “[um] bordão”, não traz nenhuma surpresa; mas por que os editores da NU importaram este erro para seu texto? Quase todas as versões modernas seguem a NU tanto aqui como em Lucas 9.3. Em português o erro é reproduzido por praticamente todas as versões, inclusive a Fiel.

Marcos 1.2 εν τοις προφηταις—^f³⁵ A,W (96.7%) HF,RP,CP,TR,OC
[como está escrito] nos profetas
εν τω Ησαια τω προφητη—^z B (1.3%) NU
[como está escrito] em Isaías, o profeta
Ησαια τω προφητη—D (1.8%)

Problema: O texto da NU atribui ao livro de Isaías material nele inexistente.

Discussão: O resto do verso 2 é uma citação de Malaquias 3.1, enquanto o verso 3 é de Isaías 40.3. Mais uma vez Metzger usa, essencialmente, o argumento da “leitura mais difícil” (p. 73), mas a escolha eclética é, muito provavelmente, o resultado de atividade harmonizadora primitiva.¹ Quase todas as versões modernas seguem o texto da NU aqui. Em português o erro é reproduzido por NVI, Atualizada, NLH, Contemporânea, BV, Corrigida, Jerusalém e PT.

¹ Os únicos outros locais onde Isaías 40.3 é citado no NT são Mateus 3.3, Lucas 3.4 e João 1.23. Os dois primeiros são em passagens paralelas a Marcos 1.2 e casam com este ao citarem a LXX exatamente. A citação em João difere da LXX em uma palavra e é também usada em relação a João Batista. A consideração crucial, para nossos presentes propósitos, é que Mateus, Lucas e João todos eles (sem variação de MS) identificam a citação como sendo de Isaías. Parece claro que a redação ‘alexandrina/ocidental’ em Marcos 1.2 é simplesmente uma assimilação aos outros três evangelhos. Deve também ser notado que o material de Malaquias parece mais uma alusão que uma citação direta. Ademais, embora Malaquias seja citado (ou aludido) várias vezes no NT, ele nunca é nomeado. Os próprios hábitos de Marcos podem também ser muito relevantes a esta discussão. Marcos citou Isaías em 4.12, 11.17 e 12.32, e aludiu a ele em cerca de dez outros locais, sempre sem nomear sua fonte. A única vez que ele usa o nome de Isaías é quando cita Jesus, em 7.6. Ante tão clara evidência o cânon da “redação mais difícil” não pode justificar que um erro seja forçado para dentro de Marcos 1.2.

Lucas 9.10 εις τοπον ερημον πολεως καλουμενης Βηθσαιδα(ν)—^{f35} (A)C(N)W [98%] CP, HF, RP, TR, OC
para um lugar deserto pertencente a uma aldeia chamada Betsáida
εις πολιν καλουμενην Βηθσαιδα—(P⁷⁵)B [0.5%] NU
para uma aldeia chamada Betsáida
εις κωμην λεγομενην βηδσαιδα—D
εις τοπον ερημον—^ξ

Problema: O texto da NU tem Jesus e Seu grupo adentrando Betsáida, mas no v. 12 os discípulos dizem que estão em uma área deserta; assim uma contradição é introduzida. A NU aqui também está em desacordo com a NU nas passagens paralelas.

Discussão: Em Mateus 14.13 todos os textos têm Jesus retirando-se para um lugar deserto, e no v. 15 os discípulos dizem “o lugar é deserto ... despede a multidão, para que vão pelas aldeias.” Em Marcos 6.31-32, todos os textos têm Jesus indo para um local deserto, e no v. 35 os discípulos dizem que “o lugar é deserto,” etc. Assim, a NU não apenas faz Lucas se contradizer a si próprio, mas o coloca contra Mateus e Marcos. As versões modernas não nos surpreendem. Em português o erro é reproduzido por NVI, Atualizada, NLH, Contemporânea, BV, Jerusalém e PT.

João 18.24 απεστειλεν—^{f35} A [90%] CP, HF, RP, OC, TR
[Anás] tinha enviado [Ele amarrado a Caifás]
απεστειλεν ουν—B, C, W [9%] NU, alguns TRs
então [Anás] enviou [Ele amarrado a Caifás]
απεστειλεν δε—^ξ [1%]

Problema: A variante NU estabelece uma contradição no contexto imediato. O versículo 13 diz que Jesus foi levado primeiro a Anás, mas todos os quatro Evangelhos concordam que as negações de Pedro e o julgamento ocorreram na casa de Caifás – aqui em João, os versículos 15-23 aconteceram lá. A variante NU coloca os versículos 15-23 na casa de Anás, fazendo João contradizer os outros três Evangelhos.

Discussão: Somente João registra que Jesus foi levado primeiro a Anás; os outros três vão diretamente para Caifás, de sorte que para eles não surge a dificuldade de mudar de casa. Depois de escrever os versículos 15-23, João percebeu que seus leitores poderiam ter a ideia de que Jesus ainda estava com Anás, então escreveu o versículo 24 para evitar esse mal-entendido. O versículo 24 deve ser traduzido entre parênteses: (Anás tinha o enviado amarrado ao sumo sacerdote, Caifás).

John 6.11 τοις μαθηταις οι δε μαθηται—^{f35} D [97%] CP, HF, RP, OC, TR
aos discípulos, e os discípulos
--- --- --- --- --- —P^{66,75v} ^ξ A, B, W [3%] NU

Problema: O texto da NU se contradiz. Em Mateus 14.19, Marcos 6.41 e Lucas 9.16, passagens paralelas, NU concorda com a maioria que Jesus entregou o pão aos discípulos, que por sua vez o distribuíram ao povo. Aqui em João NU omite os discípulos e tem o próprio Jesus distribuindo o pão ao povo.

Discussão: Esta variante pode ser explicada como um erro de transcrição fácil, um caso de homioarcton, um começo semelhante – neste caso, saltar de um τοις para o próximo.

Não há necessidade de apelar para o cânone da “leitura mais difícil”. Se este fosse o único caso, poderia ser explicado, mas quando somado aos outros tem um efeito cumulativo.

Estou bem ciente de que os exemplos anteriores podem não parecer ao leitor uniformemente convincentes. Contudo, defendo que existe um efeito cumulativo. À força de engenhosidade e ginástica mental, pode ser possível parecer que contornamos um ou outro destes exemplos (incluindo os que se seguem), mas com cada exemplo acrescentado a pressão sobre a nossa credulidade aumenta. Uma ou duas evasões podem ser aceitas como possíveis, mas cinco ou seis tornam-se altamente improváveis; dez ou doze são dificilmente toleráveis.

Anomalias Sérias / Aberrações

João 7.8 οὐπω—^{f35} P^{66,75} B,N,T,W [96.5%] CP, HF, RP, OC, TR

ainda não

οὐκ—[⚭] D [3%] NU

não

Problema: Uma vez que Jesus de fato foi à festa (e sem dúvidas sabia o que estava prestes a fazer), o texto da NU tem o efeito de Lhe atribuir uma mentira.

Discussão: Uma vez que os editores da NU geralmente atribuem o mais alto dos valores a P⁷⁵ e B, não é estranho que os rejeitaram neste caso? Aqui está a explicação de Metzger: “A variante [“ainda não”] foi introduzida em uma data bem antiga (o que é atestado por P^{66,75}), para minorar a inconsistência entre verso 8 e verso 10” (p. 216). Assim, os editores rejeitaram P^{66,75} e B (junto com 96,5% dos MSS) porque preferiram a “inconsistência”. NASB, RSV, NEB e TEV se alinham com o Texto Eclético aqui. Em português o erro é reproduzido por NLH (não LH) e Jerusalém.

João 6.47 εἰς ἐμὲ—^{f35} A,C,D,N (99.5%) CP, HF, RP, OC, TR

[crê] para dentro de mim

--- --- —P⁶⁶ [⚭] B,T,W (0.5%) NU

[crê]

Problema: Jesus está fazendo uma declaração formal sobre como se pode ter vida eterna. “Com toda certeza eu vos digo: aquele que crê para dentro de mim tem vida eterna.” Ao omitir “para dentro de mim”, a NU abre a porta para o universalismo.

Discussão: Uma vez que é impossível viver sem crer em algo, todos creem – o objeto da crença é que é o essencial. O verbo “crer” ocorre em outros locais desacompanhado de um objeto explícito (que é suprido pelo contexto), mas não em uma declaração formal como esta. A redação mais curta é provavelmente o resultado de um exemplo de *homoi-oarcton*, muito fácil de ocorrer – três palavras curtas em seqüência começam com “E”. Todavia, Metzger diz das palavras “em Mim”: “nenhuma boa razão pode ser sugerida para explicar a sua omissão” (p. 214). Os editores dão à omissão a nota {A} [“praticamente inquestionável”]! Isto contra 99,5% dos MSS além de atestação do II século. TEV, NASB, NIV, NRSV e “Jerusalem” reproduzem, precisamente, o texto da NU. Em português o erro é reproduzido por NVI, Atualizada, NLH, Contemporânea, Jerusalém e PT.

Atos 28.13 περιελθοντες—f³⁵ A,048 [95%] HF,RP,OC,TR,CP
fazendo ziguezagues [alcançamos Régio]
περιελοντες—ξ B [5%] NU
tirando fora (alguma coisa) [alcançamos Régio]

Problema: O verbo escolhido pela NU, *περιαιρω*, é transitivo, e não faz sentido aqui.

Discussão: A explicação manca de Metzger é que a maioria dos membros da Comissão da NU considerou a palavra como sendo “um termo técnico náutico de significado incerto” (p. 501)! Por que eles escolheram desfigurar o texto com base em evidências tão pobres, quando há uma explicação transcricional fácil? As letras gregas O e Θ são muito similares e, estando lado a lado em uma palavra, seria fácil deixar uma de fora, neste caso o *theta*. A maioria das versões modernas é na realidade baseada no texto Nestle “antigo”, que aqui concorda com a redação Majoritária. NRSV, entretanto, segue a NU, oferecendo a tradução “então levantamos âncora.”

Marcos 16.9-20 (presente em)—cada MS grego conhecido (a. 1,700) exceto três;
HF,RP,CP,TR,OC[[NU]]
(omitido em)—ξ^c,B,304

Problema: Uma aberração séria é introduzida – é afirmado que o Evangelho segundo Marcos termina em 16.8.

Discussão: A SBU³ coloca estes versos entre colchetes duplos [[]], que significam que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas,” e dão à sua decisão uma nota {A}, “praticamente inquestionável”. Assim, os editores da SBU nos asseguram que o genuíno texto de Marcos termina em 16.8. Mas por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Ela está contida em cada MS grego conhecido (cerca de 1.700), exceto três (na verdade somente dois, B e 304 – ξ não é propriamente “sobrevivente” porque, neste local, é forjado).¹ Cada lecionário grego conhecido (cerca de 2000?) contém a passagem (um deles, 185, somente no Menologion). Cada MS siríaco conhecido exceto um (o Sinaítico), a contém. Cada MS em latim (8000?), exceto um (k), a contém.

¹ Tischendorf, que descobriu o Códice ξ, advertiu que a folha dobrada contendo o término de Marcos e o início de Lucas parecia ser escrita por mão diferente e com tinta diferente do resto do manuscrito. Seja como for, um exame cuidadoso revela o seguinte: o final de Marcos e o começo de Lucas ocorrem na página 3 (de um total de 4 [da folha dobrada]); as páginas 1 e 4 contêm uma média de 17 linhas (de texto grego impresso) por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do código; a página 2 contém uma média de 15.5 linhas de texto impresso por coluna (quatro colunas); a primeira coluna da página 3 contém somente **doze** linhas (de texto impresso) e, desta maneira, o verso 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual contém 16 linhas de texto impresso, enquanto a coluna 4 volta a ter 17 linhas. Na página 2 o forjador começou a distanciar as letras, deslocando seis linhas de texto impresso; na primeira coluna da página 3 ele se desesperou e deslocou **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna!

Desta maneira, o forjador conseguiu que duas linhas do verso 8 sobrassem para iniciar a segunda coluna, evitando a denunciadora coluna vazia (que ocorre no Códice B). Essa segunda coluna acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, as quais, com as outras onze linhas [6 linhas na página 2, mais 5 linhas na página 3], totalizam 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 de tais linhas; assim existe bastante espaço para a passagem. Parece que realmente houve jogo sujo, e não teria havido nenhuma necessidade dele a não ser que a primeira mão de fato exibisse os versos disputados. Em qualquer evento, ξ, como está, é uma fraude neste local, e assim não pode ser legitimamente alegado como evidência contra Marcos 16.9-20.

Cada MS copta conhecido, exceto um, a contém. Temos evidência concreta (Irineu e o Diatessaron) da “inclusão” da passagem já no século II, presumivelmente na sua primeira metade. Quanto à “exclusão”, não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Face tal evidência massiva, por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Lamentavelmente, a maioria das versões modernas também, de uma ou de outra maneira, lança dúvidas sobre a autenticidade destes versos (a NRSV é, aqui, especialmente objeccionável). Como sou um dos que creem que a Bíblia é a Palavra de Deus, acho inconcebível que uma biografia oficial de Jesus Cristo, comissionada por Deus e escrita sob o Seu controle de qualidade, omitiria provas da ressurreição de Cristo, excluiria todas as suas aparições subseqüentes, e terminaria com a cláusula “porque temiam”! Se a avaliação dos críticos fosse correta, pareceríamos estar apertados entre uma rocha e um lugar duro. O evangelho de Marcos seria um evangelho mutilado (se interrompido no v. 8) sendo que o final original teria desaparecido sem deixar vestígios. Mas nesse evento, que seria do propósito de Deus em ordenar esta biografia? Em português LH e PT colocam os versos entre colchetes quadrados e têm uma nota de rodapé danosa; BV e Jerusalém¹ têm notas bem danosas, e a Bíblia Vida Nova também. Para uma discussão extensiva, favor de ver o apêndice D acima.

João 1.18 ο μονογενης υιος—f³⁵ A,C,W (99.6%) (CP)HF,RP,OC,TR
o unigênito Filho

-- μονογενης θεος—P⁶⁶ ⋈ B,C (0.3%) NU
um unigênito deus

ο μονογενης θεος—P⁷⁵ (0.1%)
o unigênito deus

Problema: Uma anomalia séria é introduzida – Deus, como Deus, não é gerado.

Discussão: A natureza e o corpo humanos de Jesus Cristo foram, na verdade, literalmente gerados em Maria, virgem, pelo Espírito Santo; Deus o Filho tem existido eternamente. “Um deus unigênito” é tão deliciosamente gnóstico que a origem egípcia aparente desta leitura a faz duplamente suspeita. Também seria possível traduzir a segunda leitura por “unigênito deus!”, enfatizando a qualidade [de ser Divino], e isto tem atraído muitos que aí veem uma forte afirmação da divindade de Cristo. No entanto, se Cristo recebeu Sua “Divindade” por meio do processo de geração, então não pode ser a eternamente preexistente Segunda Pessoa da Trindade. Também “unigênito” não é análogo a “primogênito”, que se refere à prioridade de posição – isto poria o Filho acima do Pai. Não importa como a encaremos, a redação da NU introduz uma anomalia séria.

Presumivelmente *μονογενης* deve significar algo mais que apenas *μονος*, “único”. Em Lucas 7.12, embora por razões de estilo um tradutor possa por “o filho **único** de sua mãe”, havemos de entender que ele foi gerado por ela – não poderia ser um filho adotivo. O mesmo acontece em Lucas 8.42 e 9.38. Em Hebreus 11.17, com referência à promessa e a Sara, Isaque foi na verdade o “filho unigênito” de Abraão, embora ele realmente tivesse outros filhos com outras mulheres. Notar em Gênesis 22.12 e 16 que o próprio Deus chama Isaque de “único” filho de Abraão. João usa *μονογενης* cinco vezes, sempre se

¹ A nota de rodapé diz: “Muitos mss, entre eles o do Vat. e o Sin., omite o final atual.” O seu “muitos” diz respeito a dois, contra 1.700.

referindo ao Filho de Deus (João. 1.14, 18; 3.16, 18; 1 João 4.9). Não vejo nada nos usos do NT que justifique a tradução “único” [em oposição a “unigênito” (único gerado)].

Que P⁷⁵ tenha uma confluência das duas primeiras redações é curioso, mas demonstra que a discrepância surgiu no segundo século. (Artigos modificam substantivos, não adjetivos, quando numa frase nominal tal qual a que aqui temos. Assim, o artigo é parte da mesma unidade de variação). A maioria das versões modernas evita uma tradução direta da redação da NU. NIV nos oferece “mas Deus o único [Filho]” – uma má tradução para um texto mau. (Uma revisão subsequente tem “Deus o Um e Único” – uma “fraude piedosa”, uma vez que nenhuma das variantes tem este sentido.) TEV tem “O Único, que é o mesmo que Deus” – pouco melhor. NASB realmente traduz “o unigênito Deus”! (a redação de P⁷⁵). Não querendo ficar para trás, a “Amplified” confecciona uma confluência, “o único Filho suigêneris, o Deus unigênito.” Ai ai ai! Em português o erro é reproduzido por NVI,¹ Atualizada, Contemporânea e PT. NLH traz “o Filho único, que é Deus”.

João 7.53-8.11 (presente em)—f³⁵ D [85%] CP, HF, RP, OC, TR[[NU]]

(omitido em)—P^{66,75} ⋈ B, N, T, W [15%]

Problema: A SBU³ coloca estes versos entre colchetes duplos [[]], que significa que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas,” e dão à sua decisão uma nota {A}, “praticamente inquestionável”. A omissão introduz uma aberração.

Discussão: A evidência contra o Texto Majoritário é, aqui, menos fraca do que em qualquer dos exemplos prévios. Mas, assumindo (somente para efeito de raciocínio) que a passagem é espúria, como poderia jamais ter sido introduzida aqui, e de modo tal que é atestada por uns 85% dos MSS? Tentemos ler a passagem maior sem estes versos – temos que ir diretamente de 7.52 para 8.12. Revendo o contexto, os principais sacerdotes e fariseus tinham enviado guardas para prenderem Jesus, sem proveito; uma “discussão” resulta; Nicodemos faz uma colocação, ao que os fariseus respondem:

(7.52) “És tu também da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu.”

(8.12) “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: ‘Eu sou a luz do mundo.’ ...”

Qual é o antecedente de “lhes”, e qual é o significado de “outra vez”? Pelas regras normais da gramática, se 7.53-8.11 estão faltando, então “lhes” tem que referir aos “fariseus” e “outra vez” significa que, [nesta conversação], Jesus já lhes dirigira a palavra ao menos uma vez. Mas 7.45 deixa claro que Jesus **não estava lá** com os fariseus. Assim, a NU introduz uma aberração. Mesmo assim, Metzger alega que a passagem (7.53-8.11) “interrompe a sucessão de 7.52 e 8.12ss” (p. 220)! Procurar pelos antecedentes de 8.12 em 7.37-39 não somente afronta a sintaxe mas também colide contra 8.13 – “os fariseus” respondem à reivindicação que Jesus fez no verso 12, mas “os fariseus” estão em outro lugar, 7.45-52 (se 7.53-8.11 está ausente).

Metzger também alega que “o estilo e vocabulário da passagem em foco diferem notavelmente daqueles do restante do quarto evangelho.” Mas os falantes nativos de grego naquela época não estariam em melhor posição que os críticos modernos para notarem algo assim? Então como poderiam elas permitir uma passagem tão “estranha” ser forçada para dentro do texto? Sugiro que a resposta evidente é que eles não o fizeram: a

¹ A NVI nos favorece com uma nota de rodapé: “Vários manuscritos dizem *o Filho*.” O ‘vários’ diz respeito a 1.700 contra 5! Novamente fico a imaginar, que dicionário será esse deles que justifique semelhante uso do vocábulo ‘vários’?

passagem estava lá desde o início. Também protesto contra o uso dos colchetes aqui. Uma vez que os editores claramente encaram a passagem como espúria eles deveriam ser consistentes e a eliminarem, como a NEB e a Bíblia de Williams o fazem. Desta maneira, toda a extensão do seu erro ficaria exposta para todos verem. As Bíblias NIV, NASB, NRSV, Berkeley e TEV também usam colchetes para questionar a validade desta passagem. Em português a Atualizada, NLH, Contemporânea e PT colocam os versos entre colchetes quadrados; a Bíblia Vida Nova, Jerusalém e LH têm nota de rodapé danosa.

1 Timóteo 3.16 θεος—^{f35} A,C^v [98.5%] RP,HF,OC,TR,CP
Deus [se manifestou em carne]

ος—[⋈] [1%] NU
quem [se manifestou em carne]

ο—D
que [se manifestou em carne]

Problema: Uma anomalia gramatical é introduzida. “Grande é o mistério da piedade, quem se manifestou em carne” é pior em grego do que o é em português. “Mistério” é do gênero neutro enquanto “piedade” é feminino, mas “quem” é masculino!

Discussão: Em um esforço para explicar o “quem”, é comumente argumentado que a segunda metade do verso 16 foi uma citação direta de um hino, mas onde está a evidência para esta alegação? Sem evidência, a alegação [descaradamente] foge da pergunta por assumir o fato como provado.¹ Que a passagem tem algumas qualidades poéticas não diz mais que ela tem qualidades poéticas. “Quem” é sem sentido [gramatical], de modo que a maioria das versões modernas que seguem o texto da NU toma aqui ações evasivas. A redação em latim, “o mistério ... que,” pelo menos faz sentido. A verdadeira redação, como atestado por 98,5 dos MSS gregos, é “Deus.” Nos MSS mais antigos “Deus” foi escrito ΘC (com um traço acima das duas letras para indicar que é uma abreviação), “quem” foi escrito OC, e “que” foi escrito O. A diferença entre “Deus” e “quem” é somente de dois traços cruzados, e com uma pena estragada eles poderiam facilmente ser fracos, (ou um copista poderia momentaneamente se distrair e esquecer de adicionar os traços). Assim, a variante “quem” pode ser explicada por um fácil erro transcricional. A variante “que” seria uma solução óbvia para um copista deparado com o “quem” sem sentido. Qualquer que seja a intenção dos editores da NU, o texto deles mutila essa forte declaração da divindade de Jesus Cristo, além de ser uma estupidez – qual é o ‘mistério’ de qualquer macho humano se manifestar em carne? Todo ser humano tem corpo. Em português a Fiel e NVI² reproduzem o Texto original; Atualizada, Contemporânea, Corrigida e PT trazem “aquele que”; NLH e Jerusalém trazem “ele”; BV traz “Cristo”!

¹ Um pronome normalmente exige um antecedente, mas material citado pode prover uma exceção. Assim, 1 Coríntios 2.9 é algumas vezes oferecido como um exemplo: a citação de Isaías começa com um pronome, sem um antecedente gramatical (embora “mistério”, no verso 7, seja presumivelmente o antecedente referencial). No entanto, as palavras de Isaías são formalmente apresentadas como uma citação, “como está escrito,” enquanto o material em 1 Timóteo 3.16 não o é, portanto não há nenhuma analogia válida. Colossenses 1.13 ou 1.15 têm sido sugeridos como analogias para o “quem” em 1 Timóteo 3.16, mesmo alegando-se tratar de “hinos”, mas não há nenhum apoio objetivo para a reivindicação. O antecedente do pronome relativo em Colossenses 1.15 é “o filho” no verso 13, e o antecedente do pronome relativo no verso 13 é “o pai” no verso 12. Novamente, não há analogia válida.

² A NVI nos favorece com uma nota de rodapé: “Muitos manuscritos dizem *Aquele que*.” Em verdade, nenhum diz ‘aquele que’, mas quatro dizem ‘quem’ – como ‘quem’ não faz sentido, eles jogam com

2 Pedro 3.10 κατακαησεται—f³⁵ A,048 (93.6%) RP,HF,OC,TR,CP
[a terra . . .] será queimada

ευρεθησεται—(P⁷²) B (3.2%) NU
[a terra . . .] será achada

Problema: A redação da NU é sem sentido; o contexto é claramente de julgamento.

Discussão: Metzger de fato declara que o texto dos editores da NU “parece ser destituído de significado, no contexto” (p. 706)! Então, por que eles o escolheram? Metzger explica que há “uma ampla variedade de redações, nenhuma das quais parece ser original” – presumivelmente, mesmo que “será queimada” fosse a única leitura, com atestação unânime, ele ainda a rejeitaria, mas ele dificilmente pode argumentar que é sem sentido. Os editores da NU deliberadamente escolheram uma variante que acreditaram ser “destituída de significado, no contexto”. A NASB aqui abandona a SBU e oferece a redação bizantina; as NEB e NIV oferecem “será desnudada”; a TEV oferece “desaparecerá”. Em português as versões que seguem o texto eclético demonstram criatividade: NVI tem “desnudada”, NLH tem “vai sumir”, Contemporânea e PT têm “descoberta”, Atualizada tem “atingida”; Jerusalém tem “consumida”; a nota da Vida Nova diz “encontrada”. A NVI nos favorece com uma nota de rodapé: “Alguns manuscritos antigos dizem *será queimada*” – os editores salvam a pele com o vocábulo ‘antigos’, pois sem ele o ‘alguns’ diria respeito a 94% dos MSS.

Judas 15 παντας τους ασεβεις—f³⁵ A,B,C (97.8%) RP,HF,OC,TR,CP
[convencer] todos os ímpios [dentre eles, por todas as suas obras de impiedade]

πασαν ψυχην—P⁷² B (somente um outro MS) NU
[convencer] todas as almas [por todas as suas obras de impiedade]

Problema: a NU introduz uma anomalia séria.

Discussão: Certas pessoas muito más têm sido pitorescamente descritas nos versos 4, 8 e 10-13. No verso 14, Judas introduz uma profecia “a respeito desses homens”, os mesmos que vinha descrevendo, e a citação continua até o fim do verso 15. O verso 16 continua a descrição da perversidade deles, mas o verso 17 faz uma clara distinção entre eles e os crentes a quem Judas se dirige. Assim, Enoque não pode estar se referindo a “todas as almas” – a redação da NU está claramente errada. De fato, Nestle²⁵ e a SBU² permaneceram com o Texto Majoritário, lendo “todos os ímpios.” A SBU³ muda para “toda alma,” sem comentários! Não é este um procedimento curioso? Os editores da SBU, seguindo somente três MSS e a versão saídica, invertem uma posição que antes tinham, e nem sequer mencionam isto no aparato deles. Isto é especialmente infeliz, dado à natureza séria da mudança. A maioria das versões modernas segue aqui o Texto Majoritário, mas a NRSV tem “convencer a todos”.

Mateus 5.22 εικη—f³⁵ D,W (96.2%) RP,HF,OC,CP,TR
sem motivo

--- —P⁶⁴ B (1.9%) NU

‘aquele que’. Então os editores utilizam ‘muitos’ referindo-se a quatro contra 600! Fico a imaginar, outra vez, que dicionário será esse deles que justifique semelhante uso do vocábulo ‘muitos’?

Problema: A omissão de NU tem o efeito de criar um conflito com passagens como Efésios 4.26 e Salmos 4.4, onde somos ordenados a ficar irados, e até mesmo com o exemplo do próprio Senhor, Marcos 3.5.

Discussão: Deus odeia a injustiça e irá julgá-la; mas Ele também odeia o mal e nos ordena fazer o mesmo, Salmos 97.10. A variante NU tem o efeito de proibir a ira, o que não pode estar certo. Novamente, se este fosse o único caso, poderia ser explicado, mas quando adicionado aos outros tem um efeito cumulativo.

Marcos 10.24 τους πεποιθοτας επι χρημασιν—^{f35} A,C(D)N (99.5%) HF,RP,CP(TR)OC
para os que confiam nas riquezas
--- --- --- --- —^ξ B (0.4%) NU
πλουσιον—W

Problema: A variante NU mostra Jesus dizendo: “Quão difícil é entrar no Reino de Deus!” Dentro do contexto isso é uma estupidez, além de ter o efeito de fazê-Lo se contradizer, pois em outros lugares Ele faz um convite aberto: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11.28).

Discussão: Dentro do contexto, a leitura da Maioria está claramente correta. Levando em conta tudo o que as Escrituras oferecem sobre o assunto, ser rico em si não é o problema; o problema é precisamente de confiança – você está realmente confiando em Deus ou é tua riqueza? Ou, dito de outra forma, onde está o teu tesouro? A maioria das versões modernas segue NU aqui, e algumas oferecem uma nota de rodapé que diz: “alguns manuscritos (posteriores) acrescentam, ‘para aqueles que confiam nas riquezas’”. É a forma deles se referirem a 99,5% dos manuscritos; e as versões latina e siríaca levam a leitura Majoritária de volta ao século II. Tais notas de rodapé são claramente perversas.

Há dúzias de exemplos adicionais, alguns dos quais, tomados isoladamente, podem não parecer tão alarmantes. Mas eles têm um efeito cumulativo, e **dúzias** deles deveriam fazer o leitor responsável pausar. Existe um padrão? Se sim, por que? Mas, por enquanto o que já foi apresentado é suficiente; podemos agora atentar para as implicações [do que vimos].

Implicações

Como explicar tudo isso? Creio que a resposta repousa na área das pressuposições. Tem havido uma curiosa relutância da parte dos estudiosos conservadores em enfrentar este assunto. Imaginar que as escolhas editoriais de um estudioso naturalista não serão influenciadas pela sua tendência teológica é extremamente ingênuo.

Naturalmente, tanto tais estudiosos como os defensores conservadores do Texto Eclético irão sem dúvidas objetar: “De modo algum!” – diriam eles – “Nossas escolhas editoriais derivam da aplicação imparcial dos cânones geralmente aceitos [“geralmente aceitos” por quem, e com que base; isto é, quais são as pressuposições por detrás desses cânones] da crítica textual do NT.” E quais são esses cânones? Os quatro principais parecem ser: 1) a leitura que melhor explique o surgimento das demais seja a preferida; 2) a leitura mais difícil seja a preferida; 3) a leitura mais curta seja a preferida; 4) a leitura que melhor se adeque ao estilo e propósito do autor seja a preferida. Podemos dizer que o primeiro cânon como que destila a essência de todos eles, e portanto deveria ser o cânon dominante. Mas na prática é provavelmente o segundo que é mais rigorosamente aplicado. Da

apresentação que B.M. Metzger faz do arrazoado da Comissão da SBU nos exemplos acima, parece que mais da metade das vezes ela baseou suas decisões no cânon da leitura mais difícil (para quatro dos exemplos Metzger não faz nenhum comentário porque o aparato da SBU não menciona que há variação; para dois deles Metzger diz que todas as variantes são insatisfatórias!) Mas, como iremos nós decidir qual variante é a mais “difícil”? Não entrarão aí nossas tendências teológicas?

Consideremos um exemplo: em Lucas 24.52, as edições 1-25 de Nestle (e em consequência as Bíblias NASB, RSV e NEB) omitem “eles O adoraram.” A SBU³ retém as palavras, mas atribui-lhes a nota {D}, que significa um “grau muito alto de dúvida.” Somente um único manuscrito grego omite as palavras, o códice D, apoiado por parte das testemunhas em latim. A despeito desta muito insignificante evidência externa pró omissão, é argumentado que ela é a leitura “mais difícil” – se a cláusula fosse original, que crente ortodoxo sequer pensaria em removê-la? Por outro lado, se a cláusula não constasse do original, poderia constituir uma piedosa adição que imediatamente se tornaria popular. No entanto, não apenas os gnósticos dominaram a Igreja cristã do Egito no segundo século: cá e lá também haviam outros que não criam que Jesus era Deus – iriam eles resistir ao impulso de retirar tal declaração? Como escolheremos entre estas duas hipóteses? Não será com base nas nossas pressuposições? Na verdade, ao discutir este conjunto de variantes, juntamente com as outras “não-interpolações ocidentais” de Hort, Metzger explica (p. 193) que uma minoria da Comissão da SBU argumentou que “há discernível nestas passagens uma motivação teológica Cristocêntrica que explica como elas foram adicionadas, enquanto não há nenhuma razão clara que explique porque elas teriam sido omitidas.” (Será que os editores nunca ouviram falar dos gnósticos?)

Por que usar cânones subjetivos?

É claro que os quatro cânones acima mencionados dependem pesadamente do julgamento subjetivo do crítico. Mas por que usar tais cânones? Por que não seguir a evidência dos manuscritos? É comumente argumentado que os manuscritos sobreviventes não são representativos da situação textual nos primeiros séculos da Igreja. A destruição oficial de MSS por Diocleciano (300 d.C.), e outros caprichos da História, teriam dizimado o suprimento de MSS ao ponto da transmissão ter sido totalmente distorcida – daí, não poderemos estar certos de nada. (Tal argumento não apenas “justifica” o procedimento eclético, ele é usado para reivindicar sua “necessidade”.) Mas a eficiência da campanha Diocleciana não foi a mesma em regiões diferentes. Ainda mais relevante à questão são as implicações do movimento Donatista que surgiu logo depois que a campanha Diocleciana cessou. Em parte, se baseou na punição merecida por aqueles que entregaram seus MSS para serem destruídos. Evidentemente alguns **não** entregaram seus MSS, ou não teria havido ninguém para julgar os outros. Ademais, aqueles cuja dedicação a Cristo e a Sua Palavra foram tais que não se intimidaram com a tortura, seriam exatamente o tipo que seria o mais cheio de cuidados a respeito da pureza e genealogia dos seus MSS. Assim, no principal, foram provavelmente os exemplares mais puros que sobreviveram, e deles deriva a principal corrente da transmissão do NT.

Uma vez que a forma do texto bizantino (Majoritário) domina acima de 90% dos MSS sobreviventes, aqueles que querem rejeitá-la não podem conceder a possibilidade que a transmissão do texto foi normal, em sentido algum. (Se o foi, então o consenso tem que refletir o texto original, especialmente um consenso tão massivo.) Assim, é argumentado que houve fraude nas urnas, que o texto bizantino foi imposto por autoridade eclesiástica, mas somente depois que ele foi “bolado” a partir de outros textos, no princípio do século

IV. Mas simplesmente não há evidência histórica alguma para esta ideia! Ademais, numerosos estudos têm demonstrado que a massa de MSS bizantinos não é monolítica; há muitos fios distintos ou linhagens de transmissão, presumivelmente independentes. Que pelo menos algumas destas linhagens têm que retroceder até o século III (se não antes) é demonstrado pelo códice \aleph em Apocalipse, onde ele confla algumas dessas linhagens. Astério (morto em 341 d.C.) usou MSS que eram claramente bizantinos – presumivelmente a maioria dos seus escritos não foi feita do seu leito de morte, assim os MSS viriam do século III. Há mais linhas de evidência que militam contra a posição eclética, inclusive a própria natureza das suas regras canônicas.

“A redação mais curta seja a preferida.” Por quê? Porque, dizem, os escribas tinham uma tendência a adicionar coisinhas e pedacinhos ao texto. Mas isto teria que ser uma atividade deliberada. É demonstrável que a perda acidental da posição [de leitura] resulta muito mais em omissões que em adições – praticamente a única maneira de adicionar acidentalmente é copiar um trecho duas vezes, mas o copista teria que estar realmente tonto de sono para não se apanhar [e corrigir]. Assim, sempre que uma leitura mais curta possa ser o resultado de parablepse, deve ser vista com suspeita. Mas mesmo quando deliberadas, a omissão ainda deve ser mais freqüente que a adição. Se há alguma coisa no texto que você não gosta, ela lhe chama a atenção e você é tentado a fazer algo para resolver o problema. Também, mais imaginação e esforço são exigidos para criar material novo do que para suprimir o que já está lá (material sugerido por uma passagem paralela poderia ser uma exceção). Ademais, é demonstrável que a maioria dos escribas era cuidadosa e consciente, evitando enganos mesmo não intencionais. Os que se engajaram em atividade editorial deliberada foram realmente poucos, mas alguns foram ofensores flagrantes (como \aleph , em Apocalipse).

“A leitura mais difícil seja a preferida.” Por quê? A suposição é que uma dificuldade percebida motivaria um copista mais audacioso a tentar “remediá-la”. Notar que qualquer alteração assim tem que ser deliberada; portanto, se uma redação “mais difícil” poderia ter advindo de omissão acidental (por exemplo) então este cânon não deve ser usado. Mas no caso de uma presumida alteração deliberada, como podemos realmente atribuir graus de “dificuldade”? Não sabemos quem a fez, nem por que. A devida margem tem que ser dada para possível ignorância, excesso de zelo audacioso, preconceito e maldade. De fato, este cânon é desarrazoado “na cara” – quanto mais estúpida for uma redação, quer por acidente ou por ação deliberada, mais forte será sua reivindicação de ser “original”, uma vez que será certamente a “mais difícil”. Não é necessário um profeta para ver que esta regra canônica é escancaradamente aberta à manipulação satânica, tanto na antiga criação das variantes como na avaliação contemporânea delas. Mas em todo caso, desde que é demonstrável que a maioria dos copistas não fez mudanças deliberadas, onde há concordância massiva entre os MSS sobreviventes este cânon não deve sequer ser considerado. Na verdade, onde há concordância massiva entre os MSS nenhum dos cânones subjetivos deve ser usado – eles são desnecessários e inapropriados. Das 6000+ diferenças entre o texto da NU e o Texto Majoritário, a enorme maioria das redações preferidas pelos editores da NU tem atestação insignificante por MSS.

O mito da neutralidade

Precisamos sepultar o mito da neutralidade e objetividade dos estudiosos. Quem quer que tenha estado dentro da comunidade acadêmica sabe que ela é liberalmente semeada com preconceitos, linhas partidárias, ambição pessoal e maldade – sem falarmos de um

ódio à Verdade.¹ Nunca devemos acreditar cegamente na neutralidade e objetividade do outro, e principalmente quando se lida com a Verdade de Deus – porque nesta área nem Deus nem Satanás permitirá neutralidade. Em Mateus 12.30 o Senhor Jesus disse: “Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.” Deus declara que neutralidade é impossível; ou você é por Ele ou você é contra Ele. Jesus afirma ser Deus. Diante de tal reivindicação temos somente duas opções, aceitá-Lo ou rejeitá-Lo como Deus. (“Agnosticismo” é realmente uma rejeição passiva.) A Bíblia afirma ser a Palavra de Deus. Novamente, nossas opções não são senão duas. Segue-se que, quando lidamos com o texto da Escritura, neutralidade é impossível. A Bíblia é clara a respeito de interferência satânica nas mentes dos seres humanos, e mais especialmente quando eles estão considerando a Verdade de Deus. 2 Coríntios 4.4 declara claramente que o deus deste século/mundo cega as mentes dos incrédulos quando eles são confrontados com o Evangelho. O Senhor Jesus disse a mesma coisa quando explicou a parábola do semeador. “...mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações” (Marcos 4.15; Lucas 8.12).

Ademais, há uma influência satânica generalizada sobre toda a cultura humana. 1João 5.19 declara que “todo o mundo jaz no maligno.” O quadro é claramente um de forte influência, se não de controle – as Bíblias NASB, RSV, NEB e “Jerusalem” traduzem como “no poder do”, TEV como “sob o domínio do”, NIV como “sob o controle do”, NKJV como “sob a influência do”. Toda a cultura humana está sob influência satânica generalizada, inclusive a cultura da comunidade acadêmica. Efésios 2.2 é ainda mais preciso: “Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência.” Satanás opera ativamente na mente de quem quer que rejeite a autoridade de Deus sobre si. O materialismo tem se infiltrado na Igreja na Europa e na América do Norte, a tal ponto que o que a Bíblia diz sobre este assunto [ingerência satânica] tem sido amplamente ignorado. Mas eu coloco que, se alguém que afirma crer na Palavra de Deus, aceitar uma edição da Bíblia preparada com base em premissas racionalistas, estará realmente esquecendo o ensino dessa Palavra.

Interpretação é preeminentemente uma questão de sabedoria. Um crítico textual naturalista pode ter um razoável contato com a evidência relevante, pode ter conhecimento dos fatos, mas isto de modo algum implica que sabe o que fazer com esses fatos e evidências. Se “o temor do SENHOR é o **princípio** da sabedoria” (Provérbios 9.10), então, presumivelmente, o descrente não terá nenhuma, ao menos sob o ponto de vista de Deus. Quem quer que edite ou traduza o texto da Escritura precisa estar em condições espirituais tais que possa pedir ao Espírito Santo para iluminá-lo no seu trabalho, bem como proteger sua mente das influências do inimigo.

Nos dias de Jesus havia aqueles que “amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (João 12.43), e eles ainda estão conosco. Mas a “glória dos homens” custa um alto preço – você tem que aceitar o sistema de valores deles, sistema que sofre influência satânica direta. Aceitar o sistema de valores do mundo é basicamente um ato de traição contra o Rei Jesus, é um tipo de idolatria. Aqueles estudiosos conservadores que põem um alto valor em “reconhecimento acadêmico,” em serem reconhecidos pela

¹ Por “a Verdade” quero dizer o fato de um Criador moral e inteligente, Soberano sobre todos, a quem todo ser criado prestará contas. Muitos estudiosos sacrificarão a evidência, sua própria integridade e outras pessoas, em vez de encarar [e dobrar-se] à Verdade.

“comunidade acadêmica,” etc., necessitam perguntar a si próprios quais são as pressuposições que jazem sob tal reconhecimento. Por favor observar que eu não estou desacreditando a educação e o saber legítimos – eu mesmo já coleí três graus de pós-graduação – mas sim estou desafiando os conservadores a se assegurarem que sua definição de erudição vem do Espírito Santo, não do mundo, que sua busca por reconhecimento é piedosa, não egoísta. Alimento uma ligeira desconfiança que, se isto fosse feito, então ocorreria uma mudança dramática no mundo cristão conservador com referência à prática da crítica textual do NT e à identificação do verdadeiro texto do NT.

Conclusão

Para resumir, retorno à pergunta inicial: “Que diferença faz?” Não apenas temos a confusão causada por duas formas competidoras do texto grego, bastante diferentes, mas: Uma delas (o Texto Eclético) incorpora erros e contradições que minam a doutrina da inspiração e praticamente anulam a doutrina da inerrância [da Bíblia]; a outra (o Texto Majoritário) não o faz. A primeira baseia-se em critérios subjetivos, aplicados por críticos naturalistas; a segunda baseia-se no consenso da tradição dos manuscritos através dos séculos.

Uma vez que as igrejas e escolas evangélicas conservadoras têm geralmente abraçado a teoria (e, portanto, as pressuposições) em que se baseia o Texto Eclético (SBU³/N-A²⁶),¹ tem havido uma contínua hemorragia ou defecção dentro do campo evangélico com referência às doutrinas da inspiração e (particularmente) da inerrância da Bíblia. A autoridade das Escrituras tem sido solapada – ela não mais exige obediência imediata e sem perguntas. Como uma conseqüência natural, há um enfraquecimento generalizado da nossa dedicação básica a Cristo e Seu Reino. Pior ainda, por meio dos nossos missionários tudo isto vem sendo exportado para as igrejas emergentes do “terceiro mundo.” Ai de nós!

Pois então, que faremos: levantar nossas mãos em desespero e desistir? De modo algum! “É melhor acender uma vela do que sentar e amaldiçoar a escuridão.” Com a ajuda de Deus, trabalhemos juntos para provocar uma reversão da situação. Trabalhemos para desfazer o dano. Temos que começar por conscientemente tentar assegurar que todas nossas pressuposições, nossas hipóteses de trabalho, são consistentes com a Palavra de Deus. Quando abordarmos a evidência (MSS gregos, citações patrísticas, antigas versões) com tais pressuposições teremos uma base acreditável e mesmo demonstrável para declarar e defender a divina preservação, a inspiração e a inerrância do texto do Novo Testamento. Poderemos novamente ter uma base compelidora para total dedicação a Deus e à Sua Palavra. O atual Texto Majoritário impresso é uma bem acurada aproximação do original, isenta dos erros de fato e das contradições acima discutidos. (Modéstia de lado, considero que o meu Texto grego é ainda melhor, e traduções do mesmo para o português e o inglês já estão no mercado.)

F. 7Q5

A identificação do fragmento de papiro 5 da caverna 7 de *Qumran* com Marcos 6.52-53 pelo estudioso jesuíta José O’Callaghan, em princípios de 1972, produziu uma comoção de reações.² As implicações de uma tal identificação são tais que suponho ter sido

¹ UBS⁴ e N-A²⁷ apresentam alterações no aparato, mas não no texto, portanto o texto ainda é o das edições anteriores.

² J. O’Callaghan, “Papiros neotestamentarios en la cueva 7 de Qumran?” *Biblica*, LIII (1972), pp. 91-100. 7Q5 é datado ao redor do ano 50 d.C.

inevitável que a maioria das reações fosse partidária. Mas a falta de objetividade e comedimento da parte de alguns estudiosos só pode ser vista como falta de educação, na melhor das hipóteses.

O'Callaghan era um papirólogo experiente, um estudioso cuidadoso, e merece ser ouvido com respeito. Ao meu ver, a falta de comedimento e objetividade na resposta de M. Baillet beira o repreensível.¹ Infelizmente o artigo de Baillet tem sido citado amplamente e parece ter influenciado muitas pessoas, inclusive Kurt Aland.² Tendo eu mesmo trabalhado um pouco com papiros do período Ptolomaico (século III a.C.), gostaria de comentar sobre a resposta de Baillet à transcrição de 7Q5 por O'Callaghan. O fragmento contém cinco linhas de texto e vou discuti-las pela ordem.

Linha 1: Tudo que resta é um vestígio da extremidade inferior de uma letra – que é mesmo a inferior pode ser visto medindo-se a distância média entre as outras linhas. O'Callaghan reconstruiu um *épsilon* e pôs um ponto sob ele, para mostrar que o que resta da tinta em si não é suficiente para permitir uma identificação segura da letra. Isto está rigorosamente de acordo com a norma universalmente seguida pelos papirólogos. Baillet chama isto de “hipótese gratuita” [isto é, sem fundamentos], embora ele próprio oferecesse *épsilon* como uma de quatro possibilidades, no *editio princeps*. De fato, o vestígio [de tinta] parece precisamente com a extremidade inferior ou de um *épsilon* ou de um *sigma*. É importante notar que a identificação do fragmento não é de modo algum baseada nesta letra; ela não desempenha um papel positivo. Ela poderia desempenhar um papel negativo se o vestígio não parecesse casar com a letra exigida pela reconstituição. Mas, longe de ser um embaraço à reconstrução de O'Callaghan, o vestígio de tinta concorda muito bem com ela. A crítica de Baillet é inteiramente im procedente.

Linha 2: Uma vez que há alguma tinta no papiro, O'Callaghan tem perfeita liberdade de reconstruir um *épsilon*, desde que ponha um ponto sob ele, como fez. Baillet aceita que isto é possível. Novamente, a identificação do fragmento não está baseada nesta letra; é apenas necessário que os vestígios da tinta não sejam contra a identificação.

Todos concordam que o *tau* e o *omega* são inequívocos. Depois do *omega* O'Callaghan reconstrói um *nu*. A esta iniciativa Baillet atribui os epítetos “absurda” e “impossível”, enquanto opina que um *iota* “parece seguro”. A retórica de Baillet é decepcionante e eu começo a duvidar da sua competência como papirólogo. A letra mais claramente preservada em todo o fragmento é o *iota* na linha 3, e o traço vertical imediatamente seguindo o *omega* na linha 2 difere substancialmente do *iota*. Parece mais com o traço vertical esquerdo do *nu* ou do *eta*, [ambos] na linha 4. A extremidade horizontal do vestígio seguinte poderia facilmente ser a extremidade inferior do traço diagonal de um *nu* (mas não o traço horizontal de um *eta*). Em resumo, a reconstrução de um *nu* que O'Callaghan aqui fez, naturalmente que com um ponto sob ele, é perfeitamente razoável.

Quanto ao *eta* que completa a linha 2 na reconstrução de O'Callaghan, embora Baillet prefira um *alfa*, ele concede que *eta* é possível, e o *editio princeps* (do qual Baillet foi co-editor) sugere *eta* como uma possibilidade. O'Callaghan observa que para ele esta é a

¹ M. Baillet, "Les manuscrits de la Grotte 7 de Qumran et le N.T." *Biblica*, LIII (1972) pp. 508-516. Baillet foi um dos dois editores do *editio princeps*, o qual apresentou os fragmentos 7Q ao mundo erudito, em 1962.

² K. Aland, "Neue Neutestamentliche Papyri III," *New Testament Studies*, XX (July, 1974), pp. 358-76.

peça mais difícil do quebra-cabeça – sua resposta à discussão da linha 2 por Baillet é um modelo de comedimento e competência.¹

Uma consideração adicional deve ser mantida em mente. É uma regra empírica entre os papirólogos que qualquer reconstrução proposta para um texto seja acompanhada de uma tradução (ou uma identificação com uma peça conhecida da literatura) – em outras palavras, a reconstrução tem que fazer sentido. Frequentemente há tantos detalhes individuais que são incertos, se tomados isoladamente, que há pouca valia em oferecer uma reconstrução a não ser que uma tradução ou identificação razoável possa também ser oferecida – é o quadro total que tem força. O'Callaghan produziu uma identificação, mas Baillet não.

Linha 3: Concorde-se, geralmente, que a linha começa com um *eta* (com um ponto sob ele), seguido por um notável espaço e então pelas letras *KAIT*, que são bastante nítidas. Depois do *tau* O'Callaghan reconstrói um *iota*, o qual Baillet declara ser “impossível.” Eu não consigo ver como qualquer estudioso cuidadoso poderia usar o termo “impossível” tão livremente. A letra em questão é uma réplica bem aproximada do *iota* indubitável dois espaços à esquerda, tanto assim que poderia ser razoavelmente escrita sem um ponto sob ela. Mas O'Callaghan de fato põe este ponto e, portanto, fica acima de reprovação.

Linha 4: Há concordância geral sobre esta linha. Ela começa com metade de uma letra que é quase certamente um *nu*, seguido por claros *nu* e *eta*, seguidos por um *sigma* duvidoso. Esta é uma linha muito importante, por causa da seqüência inusitada de letras [*NNHC*].

Linha 5: Há assentimento geral que a primeira letra é um *theta* dúbio e a segunda um *eta* inequívoco. O'Callaghan chama a terceira letra um *sigma* claro, enquanto Baillet prefere chamá-la um *epsilon*. Só com o olho nu eu a chamaria um *sigma* óbvio, mas O'Callaghan afirma que, vista com um microscópio, o que parece ser uma curta barra atravessada é na realidade dois pontos; não se sabe como eles chegaram lá ou o que podem significar, mas evidentemente não devem ser usados para interpretar a letra como um *epsilon*.²

A última letra é dada por O'Callaghan como um possível *alfa*; Baillet ergue-se a novas alturas: “Mais jamais de la vie un *alpha*, ...”³ O papiro está demasiadamente dilacerado neste ponto para se dizer muito a partir de uma fotografia, mas após estudar o original com uma forte lupa, O'Callaghan afirma que a metade esquerda de um *alfa* é claramente visível, e convida Baillet para ver por si próprio.⁴

Em suma, não vejo nenhuma razão de tomar as críticas de Baillet seriamente – ao contrário, onde quer que ele diga “impossível” devemos entender “muito provavelmente.” Parece-me que a reconstrução por O'Callaghan é eminentemente razoável, mas há vários problemas ligados à identificação do fragmento com Marcos 6.52-53.

O fragmento nos oferece duas variações à redação encontrada em todos nossos textos impressos. Na linha 3 o fragmento tem um indubitável *tau* onde o texto tem um *delta*. Mais sério, a identificação envolve a omissão das palavras *επι την γην* entre as linhas 3 e 4. Pode-se dizer algo que contorne estes problemas? Sim. Aparentemente a diferença entre um oclusivo alveolar sonoro e um oclusivo alveolar mudo (*delta* e *tau*) não era óbvia a alguns usuários de grego. De qualquer modo, a substituição de uma [letra] pela outra não era infreqüente na literatura grega antiga. O'Callaghan oferece vinte exemplos,

¹ O'Callaghan, "Notas sobre 7Q tomadas en el 'Rocheffeller Museum' de Jerusalén" *Biblica*, LIII (1972), pp. 519-21.

² *Ibid.*, p. 523.

³ Baillet, p. 511.

⁴ O'Callaghan, "Notas", p. 524.

tirados de quatro papiros, de exatamente a mesma mudança em questão.¹ Aquilo que temos em 7Q5 poderia facilmente ser um exemplo a mais.

A omissão de três palavras parece mais difícil, até que se relembra que uma característica dos manuscritos mais antigos do NT é que eles são cheios de excentricidades. Já discuti isto com bastante detalhe. Citarei dois exemplos específicos aqui.

P⁶⁶ é tão cheio de erros que suspeito que seria quase impossível encontrar nele cinco linhas consecutivas quaisquer que, se sobrepostas a um fragmento do tamanho de 7Q5, a reconstrução não nos apresentaria com variantes singulares. P⁹ é similar a 7Q5 por também consistir de apenas cinco linhas, embora com mais de três vezes o número de letras. Todos o identificam com 1 João 4.11-12. Mas distorce severamente uma palavra na primeira linha, erra a grafia de outra na segunda, omite uma palavra e escreve outra erradamente na terceira, e adiciona uma palavra sem sentido na quarta (a linha 5 está certa). Se somente as primeiras quatro ou cinco letras de cada linha tivessem sido preservadas (em vez de doze ou treze) duvido que o papiro teria sido identificado, ou que a sugestão de ser 1 João 4.11-12 teria sido aceita.²

O ponto essencial da questão é que toda a nossa experiência com os papiros mais antigos deve nos levar a esperar variantes estranhas em qualquer deles que seja descoberto – seria de longe mais surpreendente descobrir um que não tivesse nenhuma variante. A identificação de 7Q5 com Marcos 6.52-53 não deve ser rejeitada por tais motivos.

Apesar dos problemas, há evidência favorável à identificação. Em primeiro lugar, o efeito total da reconstrução é impressionante – casar 15 letras claras ou razoavelmente claras, espalhadas sobre quatro linhas, com uma métrica de 23, 20, 21, 21 para as respectivas linhas, é quase conclusivo. A maneira feliz em que a seqüência singular de letras, NNHC, se ajusta à reconstrução é um argumento favorável. A seqüência presumivelmente indicaria uma forma aparentada com a palavra grega “geração” ou com um nome próprio tal como “Gennesaret” [Genesaré].

Ainda mais impressionante é o espaço óbvio (da largura de duas letras) que ocorre precisamente na fronteira entre os versos 52 e 53. (Lembrar que nos MSS mais antigos não há espaço entre as palavras.) Uma vez que o verso 53 começa um novo parágrafo, o espaço é apropriado, tanto assim que atribuir a ocorrência do espaço ao mero acaso parece um tanto incrível. A combinação do espaço na quebra do parágrafo com um feliz casamento para NNHC, creio ser coerciva. Não vejo nenhuma maneira razoável de rejeitar a identificação de O'Callaghan.³ Para mais considerações e uma discussão de algumas implicações, veja a série de artigos na edição de *Eternity* em junho de 1972.

Uma vez que 7Q5 é firmemente identificado com Marcos 6.52-53, então a probabilidade de que 7Q4 deva ser identificado com 1 Timóteo 3.16, 4.1,3 e 7Q8 com Tiago 1.23-24 torna-se muito forte. Os fragmentos restantes são tão pequenos que dogmatismo é indefensável – as identificações de O'Callaghan são possíveis, mas não se pode insistir. Parece-me que 7Q5, 4, e 8 podem ser vistos como relevantes à tese deste livro no seguinte sentido: Que alguém teria uma tal coleção de escritos do NT em uma data tão antiga pode

¹ O'Callaghan, "El cambio $\delta > \tau$ en los papiros biblicos," *Biblica*, LIV (1973), pp. 415-16.

² Minha discussão de P⁹ está baseada em O'Callaghan, "Notas", pp. 528-30.

³ Um encontro internacional de papirólogos chegou à mesma conclusão. *Christen und Christliches in Qumran?* Bernhard Mayer, ed., Eichstatter Studien n.F. XXXII, Verlag Friedrich Pustet, Regensburg, 1992.

sugerir que bem cedo foram reconhecidos como Escritura e até mesmo que já havia uma noção de um cânon do Novo Testamento.¹

G. Quantas vezes disse Jesus que Pedro O negaria?

A pergunta pode ser entendida de duas maneiras, e quero responder ambas. Quantas vezes iria Pedro negar, e quantas vezes foi ele avisado? Vou começar com a segunda. Cada Evangelho registra um aviso – os textos pertinentes são: Mateus 26.30-35, Marcos 14.26-31, Lucas 22.31-34, 39 e João 13.36-38, 18.1. Por razões que logo devem aparecer, vou começar analisando de trás para frente.

Quantos avisos?

Primeiro, João 13.36-38:

Simão Pedro diz a Ele, “Senhor, para onde vás?” Jesus lhe respondeu, “Para onde vou, tu não podes me seguir agora, porém mais tarde me seguirás”.³⁷ Pedro diz a Ele: “Senhor, por que não posso te seguir agora? Deitarei a minha vida por tua causa!”³⁸ Jesus lhe respondeu: “Tu deitarás a tua vida por minha causa? Deveras, deveras te digo, nenhum galo poderá cantar até que tu tenhas me negado três vezes!”²

Observar o contexto singular que antecede o aviso do Senhor. Notar também a natureza enfática de Sua declaração – por utilizar um negativo duplo (no texto grego), Ele não deixa dúvida de que haverá três negações antes do primeiro galo cantar, a partir daquele instante. Notar ainda o local e o momento em que a conversa se deu. Estavam no cenáculo, onde tinham se reunido para celebrar a Páscoa. Transparece que esta conversa entre o Senhor e Pedro aconteceu perto do início dos acontecimentos, pois foi seguida pelo conteúdo dos capítulos 14, 15, 16 e 17, antes que saíssem do cenáculo e se dirigissem ao Monte das Oliveiras (18.1).

Segundo, Lucas 22.31-34:

Então o Senhor disse: “Simão, Simão! É fato que Satanás vos pediu para lhes peneirar como trigo.³² Mas eu tenho orado por ti para que a tua fé não acabe por completo; portanto tu, quando estiveres recuperado, fortalece teus irmãos.”³³ Mas ele disse a Ele, “Senhor, estou pronto para te acompanhar, tanto para prisão como para morte!”³⁴ Então Ele disse, “Eu digo a ti, Pedro, nenhum galo poderá cantar hoje, antes que tu negues três vezes que me conheces!”

¹ Alguém pode até estar inclinado a ingressar com F.F. Bruce em seu vôo da imaginação (*Eternity*, junho de 1972, p. 33, último parágrafo). Qualquer coisa escondida nessas cavernas foi provavelmente colocada lá antes de 70 d.C., e qualquer manuscrito ali colocado teria necessariamente sido copiado ainda antes. Antes da identificação de O’Callaghan, o 7Q5 era datado por volta de 50 d.C. Se for uma cópia de Marcos, então o autógrafo foi escrito ainda antes e por uma testemunha ocular. Na verdade, cerca de 50% dos manuscritos gregos conhecidos, incluindo a melhor linha de transmissão, têm um colofão afirmando que Marcos foi ‘publicado’ dez anos após a ascensão de Cristo, 40 d.C.

² A ênfase aqui é sobre a ausência obrigatória de qualquer canto de galo até que Pedro tenha negado [pelo menos] três vezes. Não há artigo definido com ‘galo’, de sorte que é “um galo”; o negativo é duplo, e portanto enfático, “absolutamente não”. Alguém que já morou onde tinha um bom número de galos sabe que um ou outro pode cantar a qualquer momento, e um ou outro costuma cantar cada hora durante a noite, ao passo que ao amanhecer fazem coro. Presumivelmente era por volta das 21:00 horas quando Jesus proferiu este aviso, e a primeira negação de Pedro deve ter acontecido pelo menos cinco horas mais tarde. Para que nenhum galo cantasse durante aquele intervalo, foi necessário participação sobrenatural – razão pela qual coloquei “nenhum galo poderá cantar” (se um anjo pode fechar boca de leão [Daniel 6.22], fechar bico de galo seria fácil demais).

Observar outra vez o contexto singular que antecede o aviso do Senhor. É claramente diferente do contexto em João 13. Notar também que parece existir um aumento na ‘intensidade’ da troca. A palavra de Pedro tem um ‘que’ de reclamação; e o uso do nome de Pedro dá um tom severo à resposta do Senhor. O acréscimo de “hoje” (comparado com João 13) e a transferência de “três vezes” a uma posição mais enfática (no texto grego), contribuem para esse aumento. Outrossim, agora Pedro vai até negar que O conhece. Notar ainda o local e o momento em que a conversa se deu. Eles ainda estavam no cenáculo, mas parece que esta conversa aconteceu perto do final dos acontecimentos, porque apenas o conteúdo dos versos 35-38 faltava antes que deixassem o cenáculo e se dirigissem ao Monte das Oliveiras (22.39). É claro que mais coisas podem ter acontecido, além do conteúdo de 22.35-38, mas parece claro que o aviso registrado por Lucas não é o mesmo que o registrado por João, e que o aviso em João aconteceu primeiro.

Considero que uma comparação dos dois avisos, em grego, tanto impressiona como convence:

João 13.38: *“Την ψυχην σου ὑπερ εμου θησεις? Αμην, αμην λεγῶ σοι, ου μη αλεκτῶρ φῶ νηση ἐῶς οὔ απαρνηση με τρις.”*

Lucas 22.34: *“Λεγῶ σοι, Πετρε, ου μη φῶ νηση σημερον αλεκτῶρ πριν ἢ τρις απαρνηση μη ειδεναι με.”*

Realmente, não há comparação; são totalmente diferentes (mesmo levando em consideração que estavam falando hebraico, e que portanto estamos vendo uma tradução para grego). Assim como em João, aqui em Lucas temos uma declaração clara de que haverá [pelo menos] três negações antes que o primeiro galo cante.

Terceiro, Mateus 26.30-35:

E depois de cantar hino, saíram para o Monte das Oliveiras. ³¹Então Jesus lhes diz: “Ainda esta noite todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersas’. ³²Mas depois de eu ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia.” ³³Aí Pedro, respondendo, disse, “Ainda que todos sejam levados a tropeçar por tua causa, eu jamais serei levado a tropeçar!” ³⁴Disse-lhe Jesus, “Deveras te digo que nesta noite, antes que qualquer galo cante, tu me negarás três vezes!” ³⁵Pedro diz a Ele, “Ainda que me seja preciso morrer contigo, eu jamais te negarei!” E todos os outros discípulos disseram o mesmo.

Observar que esta conversa aconteceu depois de terem abandonado o cenáculo, e que estavam a caminho do Jardim de Getsêmani. Outra vez o contexto se distingue daquele em Lucas e João – aqui o Senhor começa por avisar todos os discípulos. Pedro reage contradizendo Ele. O Senhor reitera o conteúdo dos avisos já dados a ele, Pedro, acrescentando “esta noite”. Pedro contradiz outra vez, utilizando um negativo duplo para enfatizar – ele já está ‘armado’ e beira o impertinente. Parece claro que Mateus registra um terceiro aviso, subsequente aos de Lucas e João.

Quarto, Marcos 14.26-31:

E depois de cantar hino, eles saíram para o Monte das Oliveiras. ²⁷Aí Jesus lhes disse: “Todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa nesta noite, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas serão espalhadas’. ²⁸Mas depois de ter sido ressuscitado, eu irei adiante de vocês para a Galileia.” ²⁹Mas Pedro lhe disse, “Mesmo que todos sejam levados a tropeçar, eu não!” ³⁰Aí Jesus lhe diz, “Deveras te digo que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que qualquer galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes”. ³¹Mas ele insistiu com veemência ainda maior, “Se me for necessário

morrer contigo, eu absolutamente não te negarei!” E todos os outros disseram o mesmo.

Os primeiros quatro versos são praticamente idênticos com a passagem paralela em Mateus, de sorte que ambos se deram no mesmo local e momento. Mas agora chegamos ao verso 30, o desespero daqueles que defendem a inerrância das Escrituras e a delícia de seus opositores. A declaração de nosso Senhor aqui é um tanto diferente da que está em Mateus 26.34, mas a dificuldade principal está na frase “duas vezes”. Que podemos dizer: Seriam Mateus 26.34 e Marcos 14.30 relatos contraditórios do mesmo aviso?

Antes de aceitar tal hipótese, a exata fraseologia em Marcos 14.30 convida a nossa atenção. Creio que será uma ajuda ver, palavra por palavra, o que Jesus disse: “Deveras eu digo a ti que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que duas vezes cante qualquer galo, três vezes me negarás”. A declaração do Senhor parece um tanto forte. Há ênfase incomum no primeiro “tu”, por repetir o “ti”. “Duas vezes” também recebe ênfase forte. Como devemos entender tamanha severidade? O dizer de Pedro no verso 29 não nos parece merecer tanta severidade – a reação registrada em Mateus 26.34 parece ser mais apropriada. E como devemos entender Marcos 14.31? As palavras de Pedro são quase idênticas às em Mateus 26.35, mas são introduzidas com a qualificação, “mas ele insistiu com veemência ainda maior”. Para que a reiteração veemente?

Proponho que a solução é ler na sequência seguinte: Mateus 26.30-35^a e então Marcos 14.30-31. A saber:

Jesus: “Todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa nesta noite,...”

Pedro: “Ainda que todos sejam levados a tropeçar por tua causa, eu jamais serei levado a tropeçar”.

Jesus: “Deveras te digo que nesta noite, antes que qualquer galo cante, tu me negarás três vezes”.

Pedro: “Ainda que me seja preciso morrer contigo, eu jamais te negarei!”

Jesus: “Deveras te digo que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que qualquer galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes!”

Pedro, com mais veemência: “Se me for necessário morrer contigo, eu absolutamente não te negarei!”

Em outras palavras, Marcos omitiu a troca registrada em Mateus 26.34-35^a, ao passo que Mateus omitiu a troca registrada em Marcos 14.30-31^a. (A observação editorial, “e todos os outros disseram o mesmo”, vem no final do episódio inteiro).

Em três momentos separados Jesus avisou Pedro que ele O negaria [pelo menos] três vezes, antes que qualquer galo cantasse durante aquela noite. As respostas de Pedro ficaram cada vez mais agressivas até que, após o terceiro aviso, ele chegou ao ponto de contradizer o Senhor de forma bastante enfática (Mateus 26.35). Aí, finalmente, o Senhor perdeu a paciência (para assim dizer) e disse, em outras palavras: “Escuta! Não somente irás me negar três vezes antes que qualquer galo cante uma vez, tu me negarás outras três vezes antes que qualquer galo cante segunda vez!” E Pedro dá a mesma resposta, só que com mais veemência.

Pronto, o leitor terá percebido que enquanto eu respondia a segunda pergunta, antecipei a resposta para a primeira. O senhor avisou Pedro quatro vezes, cada Evangelho registrando um caso distinto, e haveria [pelo menos] seis negações: três antes do primeiro cantar de galo (João, Lucas, Mateus), e outras três antes do segundo cantar (Marcos). Resta verificar se os diversos registros das negações de Pedro permitiriam semelhante

proposta. Os textos relevantes são: Mateus 26.57-75, Marcos 14.53-72, Lucas 22.54-62 e João 18.15-27.

Quantas negações?

Mesmo uma leitura passageira sugere que as negações de Pedro foram provocadas por oito desafios diferentes: a porteira (João), uma criada no pátio (Mateus, Marcos, Lucas), a mesma criada uma segunda vez (Marcos), uma outra criada no pátio (Mateus), dois homens diferentes (Lucas e João), e a turma em dois momentos (João e Mateus, Marcos). Embora seja possível combinar um par ou outro, não há maneira razoável ou lógica de reduzir o número a três. Mas, e se foram pelo menos seis negações?

Para poder visualizar o quadro completo, devemos plotar a informação relevante num diagrama. Precisamos saber quem desafiou, aonde, quando, como foi feito, a reação de Pedro, e se galo cantou. Devido aos limites de espaço e tamanho de folha, farei um Evangelho de cada vez, começando por João.¹

João 18.15-27:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	a porteira	os guardas	parente do ferido
Aonde?	portão	fogueira	fogueira (?)
Quando?	bem no início	algo depois	um pouco depois
Como?	ela <i>pergunta</i> a Pedro “Não és tu também dos discípulos...?”	eles <i>perguntam</i> a Pedro “Não és também tu um dos seus discípulos?”	ele <i>pergunta</i> a Pedro “Não te vi eu no jardim com ele?”
Qual?	“Não sou”	“Não sou”	(negou)
E galo?	(nada)	(nada)	canta imediatamente

Lucas 22.54-62:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	um homem	outro homem
Aonde?	fogueira	fogueira (?)	fogueira (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	quase uma hora depois
Como?	ela <i>fita e afirma</i> aos demais, “Este também estava com ele.”	ele <i>afirma</i> a Pedro, “Tu és também deles.”	ele <i>afirma</i> aos demais, “Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu.”
Qual?	“Mulher, não o conheço”	“Homem, não sou”	“Homem, não sei o que dizes.”
E galo?	(nada)	(nada)	canta, ainda falando

Mateus 26.57-75:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	outra criada	o pessoal
Aonde?	fogueira	pórtico	pórtico (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	logo depois
Como?	ela <i>afirma</i> a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o galileu.”	ela <i>afirma</i> aos demais, “Este também estava	eles <i>afirmam</i> a Pedro, “Verdadeiramente também

¹ Uma comparação do conteúdo dos quatro Evangelhos nos revela que, grosso modo, João fornece informação não disponível nos outros três. Ele escreveu por último, com o propósito de suplementar os registros deles. Aqui também, as três negações relatadas por ele representam informação nova, não disponível nos outros três.

		com Jesus, o Natsoreano.”	tu és deles, pois tua fala te denuncia”
Qual?	“Não sei o que dizes”	“Não conheço tal homem” (com juramento)	“Não conheço este homem” (praguejando e jurando)
E galo?	(nada)	(nada)	canta imediatamente

Marcos 14.53-72:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	a mesma criada	o pessoal
Aonde?	fogueira	pórtico (?)	fogueira (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	logo depois
Como?	ela <i>olha e afirma</i> a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o Natsareno.”	ela <i>afirma</i> aos demais, “Este é um dos tais.”	eles <i>afirmam</i> a Pedro, “Verdadeiramente tu és um deles, pois és também galileu, e a tua fala é semelhante”
Qual?	“Não o conheço, nem sei o que dizes”	(negou outra vez)	“Não conheço esse homem de quem falais.” (praguejando e jurando)
E galo?	canta	(nada)	canta segunda vez

Se compararmos todos os parâmetros – quem, aonde, quando, como foi, que reação – simplesmente não há como ficar com apenas três negações; mesmo para ficar com seis requer alguma ginástica. Agora vou tentar colocar os acontecimentos em sequência cronológica, para ver como fica.

João 18.17 nos dá o que claramente é o primeiro desafio: quando a porteira, atendendo ao pedido de João, permitiu que Pedro entrasse, ela perguntou, “Não és tu também dos discípulos deste homem?”¹ Embora João estivesse ao lado dele, Pedro negou, “Não sou”. [Que coisa!] Aí ele entrou no pátio e parou em pé perto do fogo. Os outros Evangelhos têm Pedro sentado, ao passo que João o tem em pé. Tudo indica que havia um bom número de pessoas ali, e não teria espaço ao redor do fogo para todos ficarem sentados. Presumivelmente eles iriam se revezar, ficando em pé perto do fogo para esquentar e depois se afastando para sentar. Dessa forma, tanto eles quanto Pedro estariam alternadamente sentados e em pé.

Todos os quatro Evangelhos têm Pedro no pátio, perto do fogo (Mateus 26.58 e 69, Marcos 14.54 e 66, Lucas 22.55, e João 18.18 e 25), e três deles (Mateus, Marcos, João) falam alguma coisa a respeito do Conselho lidando com Jesus, antes de prosseguir com as negações de Pedro.² Sabemos por Lucas 22.61 que Jesus estava numa janela que dava para o pátio, só que de costas para ele. João é o único que registra que o sumo sacerdote inquiriu Jesus sobre Seus discípulos (verso 19) – ele estava olhando para Jesus, e portanto

¹ Todo mundo ali, incluindo a porteira, sabia que João era de Jesus, de sorte que a pergunta dela foi perfeitamente natural, sem malícia – sendo que João estava agindo a favor de Pedro, naquelas circunstâncias, ela deduziu que Pedro também seria de Jesus. Ora, João tinha ouvido todos os avisos que Jesus deu a Pedro, de sorte que, quando Pedro negou na presença dele, lá no portão, certamente João ficou de olho nele durante a madrugada toda. Daí, temos testemunho ocular. É claro que o próprio Pedro também seria testemunho ‘ocular’, mas como ele estava sofrendo interferência satânica na mente, poderia não ter uma memória perfeita.

² Era depois da meia noite, e estava frio no pátio, e por isso fizeram fogo; mas provavelmente tinha pelo menos 50 pessoas na sala onde o interrogatório estava se processando, e todas as janelas estariam abertas.

para a janela aberta, e estaria falando alto o suficiente para que todas as pessoas na sala pudessem ouvir claramente; e com isso o pessoal no pátio também ouviram tudo – aí, no verso 25 lemos assim, “Portanto, eles disseram a ele, ‘Será que tu não és um de seus discípulos também?’ Proponho que o verso 25 nos dá o segundo desafio, com a sua negação. Os guardas ao redor do fogo, presumivelmente inspirados por ouvir o sumo sacerdote inquirindo Jesus sobre Seus discípulos, dirigem sua pergunta a Pedro. Ele responde a eles assim como à porteira, “Não sou”. Até aqui os desafios vieram em forma de pergunta, mas agora o ‘pique’ muda.

Entendo que a primeira negação registrada por Mateus (26.69-70), Marcos (14.66-68) e Lucas (22.56-57) perfazem um só episódio. Comparando os três podemos entender o seguinte. Uma certa criada do sumo sacerdote passou e viu Pedro sentado perto do fogo. Ela fitou ele e disse aos outros, “Este homem também estava com ele” (Lucas). Então ela se dirigiu a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o Natsareno, da galileia” (Mateus, Marcos). Mas ele negou diante de todos, dizendo, “Moça, não o conheço; nem sei e nem entendo o que tu dizes!” Aí ele saiu para o pórtico, e um galo cantou (Marcos 14.68). Assim, aconteceram [pelo menos] três negações antes do primeiro cantar de galo.

Digo ‘pelo menos’ porque a terceira negação em João provavelmente caiba aqui também. Em 18.26 o verbo ‘dizer’ está no tempo presente, o que parece sugerir um intervalo curto, em vez de quase uma hora (Lucas 22.59). Não só, o desafio ainda veio em forma de pergunta, “Não te vi no jardim com ele?”, em vez de acusação direta, o que ficaria melhor perto do começo, e não do fim. Não vejo dificuldade com a proposta de que todas as três negações em João façam parte da primeira rodada, e com isso João registra o primeiro cantar de galo. Assim sendo, eu entenderia que de fato houve quatro negações antes do primeiro canto, as três em João e a primeira dos outros três. Como o galo cantou “imediatamente”, eu diria que a sequência foi a seguinte: as primeiras duas em João, nessa sequência, então a primeira dos outros, e então, quando Pedro estava se deslocando para o pórtico, o parente da vítima de Pedro chega perto e faz a sua pergunta; com isso, Pedro estava no pórtico quando o primeiro galo cantou (Marcos 14.68). Aliás, desconfio que de fato foram quatro negações antes do primeiro cantar de galo, que foi registrado por ambos Marcos e João (lembrar que Jesus nem disse, nem deixou implícito, que haveria somente três).¹

Agora vamos à segunda rodada. Em Marcos (14.69) a mesma criada vê Pedro outra vez e começa a dizer aos outros, “Este é um deles”. Em Mateus (26.71) uma criada diferente vê ele e diz aos outros, “Este estava com Jesus o Natsoreano”. Em Lucas (22.58) um homem o viu e disse, “Tu também és um deles”. Para ficar com somente três negações na segunda rodada, duas destas teriam de ser juntadas, mas como já disse, não vejo nada no Texto que proíba mais que três. Parece-me que existe uma progressão no desespero de Pedro que culmina com ele jurando e praguejando. Para ficar com somente três, eu juntaria os casos em Marcos e Lucas num só episódio – a criada fala, Pedro nega, um homem apoia a criada, e Pedro responde, “Homem, não sou”. Então o caso em Mateus seria a sexta negação – Pedro acrescenta um juramento! Por causa do juramento, considero que esta negação aconteceu depois das outras duas. Contudo, em verdade, é minha tendência entender que foram de fato outra vez quatro negações antes do segundo cantar de galo; passo a analisar dessa forma.

¹ A interferência satânica na mente de Pedro era tão eficiente que nem mesmo o cantar do galo o fez ‘acordar’.

A criada que causou a terceira negação não quis deixar por isso. Se ela o seguiu até o pórtico, ou se ele voltou ao fogo, creio que Marcos 14.69 registra a quinta negação. Nesse caso, Lucas 22.58 registra a sexta negação, talvez perto do fogo. Pedro está decididamente desconfortável; ele está recebendo atenção demais, atenção que não quer. Ele se desloca para o pórtico (talvez pensando em cair fora),¹ onde é abordado por outra criada (Mateus 26.71); Pedro nega com juramento (sétima negação). Lucas (22.59) coloca ‘por volta de uma hora’ entre as negações seis e oito, de sorte que talvez Pedro tenha ficado em paz por algum tempo. Contudo, o ‘julgamento’ já tinha terminado e os chefões estão esperando o amanhecer para que possam levar Jesus a Pilatos. Como os chefões não vão embora, os guardas e empregados também não podem – são obrigados a ficar lá fora no frio, totalmente entediados – agora Pedro é a única ‘peça’ no pedaço.

Para a oitava negação três Evangelhos oferecem candidato (Mateus 26.73-74, Marcos 14.70-72 e Lucas 22.59-60). Os relatos em Mateus e Marcos são muito parecidos e devem ser paralelos. Já que em Mateus o galo canta “imediatamente” e em Marcos “a segunda vez”, esta tem que ser a última negação – e como a esta altura Pedro está jurando e praguejando, é bom que seja. A essa altura quase todo mundo nas dependências estaria sabendo de Pedro e suas negações. Finalmente eles ‘fecham o cerco’, citando seu sotaque. O relato em Lucas registra apenas um homem falando, mas suas palavras vão na mesma direção; e a negação tem que ser a última porque o galo cantou enquanto Pedro ainda estava falando. Podemos deduzir que várias pessoas falaram ao mesmo tempo (mas não em concordância), e os escritores preservaram um pouco da variedade do que se falou. Digo que o pessoal ‘fechou o cerco’ porque Pedro, desesperado, chega ao ponto de jurar e praguejar. E com isso temos uma segunda rodada de quatro negações, antes do segundo cantar de galo. Mesmo assim, foi necessário que Jesus fitasse Pedro (Lucas 22.61) para quebrar o feitiço satânico e levar Pedro a entender o que tinha feito.

Porém, cabe a pergunta: como é que cada autor de Evangelho registra somente três negações (embora com seleções diferentes), se de fato eram seis ou oito?² Proponho que estamos diante de um lindo exemplo da graça e sensibilidade de Deus. A humilhação seria mais do que suficiente por ter negado Jesus três/quatro vezes, mas prosseguir com outras

¹ E por que será que Pedro não fugiu para longe naquele momento? Eu diria que houve interferência sobrenatural – simplesmente não foi permitido que ele fugisse.

² Em torno de 50% dos manuscritos gregos que contêm os Evangelhos, incluindo a melhor linha de transmissão, trazem colofões; esses colofões dizem que Mateus foi ‘publicado’ oito anos depois da ascensão de Cristo, Marcos dez anos depois, Lucas quinze anos depois, e João 32 anos depois da ascensão de Cristo. (Resulta que a sequência dos quatro Evangelhos obedece a ordem cronológica de sua publicação, não somente em nossas Bíblias, mas também na vasta maioria dos manuscritos.) “Primeiro ao judeu,...” (Romanos 1.16) – já que Mateus escreveu para um público judeu, as prioridades de Deus ditaram que o registro inspirado da vida de nosso Salvador nesta terra escrito por Mateus seria o primeiro a entrar em circulação. Então Marcos, com o Evangelho de Mateus aberto na sua frente, e com Pedro ao lado, escreveu para um público romano (como romano não daria a menor importância a Escrituras hebraicas, Marcos retirou quase todas as referências a profecia cumprida que estão em Mateus). Então Lucas, com ambos, Mateus e Marcos, na frente, escreveu para um público grego. Por fim João, com os primeiros três à mão, escreveu para preencher algumas lacunas, preservando informação importante não oferecida pelos outros – para o mundo inteiro.

Agora vamos avaliar as negações de Pedro a partir dessa sequência. Mateus escreve primeiro, com um cantar de galo. Mas Marcos diz que na realidade eram dois cantos de galo, e muda a segunda negação (a primeira e terceira são as mesmas em Mateus e Marcos). Lucas menciona só um canto de galo, muda a segunda negação outra vez, e oferece informação mais detalhada quanto à terceira. Portanto, até aqui já estamos com cinco negações. João menciona só um canto de galo, mas registra três novas negações, não mencionadas pelos outros três. Se estes registros são inspirados, então Deus o fez de propósito, e compete a nós procurar entender (ver o último parágrafo deste estudo).

três/quatro negações, mesmo após ouvir um galo cantar, seria praticamente insuportável. Em vez de fazer vitrine da conta inteira da ignomínia de Pedro, o Espírito Santo levou cada escritor a dar um relato parcial, o suficiente para os propósitos do registro, mas sem torturar Pedro além do necessário. Acho interessante notar que é Marcos que fornece a dica necessária de que haveria uma segunda rodada de negações. Muitos manuscritos gregos afirmam que Pedro participou na composição deste Evangelho, e se for verdade, talvez tenha sido ele mesmo que insistiu em que a dica fosse incluída, enquanto os outros delicadamente evitaram fazê-lo.

O problema crítico-textual

Embora as edições impressas do texto grego do NT tragam talvez cem variantes na totalidade das passagens abordadas, só têm quatro que fazem diferença quanto ao propósito deste estudo. Portanto, vou comentar somente esses quatro.

Existem quatro lugares no registro de Marcos que tratam dos dois cantos de galo: “duas vezes” em 14.30, “e um galo cantou” em 14.68, “a segunda vez” e “duas vezes” em 14.72. Os casos 1, 3 e 4 funcionam juntos e parecem contradizer os registros em Mateus, Lucas e João. O caso 2 seria ainda pior, porque, segundo o relato de Marcos, Pedro só tinha negado uma vez quando o galo ‘avançou o sinal’ e cantou antes que deveria (pois Jesus havia dito que certamente haveria três negações, como registrado nos outros três Evangelhos). Por isso, já desde o segundo século, tem havido quem quisesse ‘ajudar’ Marcos, procurando resolver as dificuldades. O recurso que encontraram foi mexer com o texto.

Segundo o estado atual do nosso conhecimento, parece que cinco manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “duas vezes” em 14.30, nove manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “e um galo cantou” em 14.68 (embora um tenha sido corrigido e outro contestado), três manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “a segunda vez” em 14.72^a, e cinco manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “duas vezes” em 14.72^b (e um outro omite a cláusula inteira). A lista de manuscritos muda em cada caso, assim como o testemunho das versões antigas. Apenas três testemunhas são coerentes ao ponto de omitir todos os quatro: o códice \aleph , o cursivo 579 (mas contestado em um caso), e o manuscrito “c” da latina antiga (it^c). O quadro total é curioso. Se o motivo das omissões foi fazer Marcos concordar com os outros Evangelhos, somente \aleph , 579 e it^c foram bem sucedidos. Dos doze manuscritos envolvidos, sete omitem apenas um dos quatro, um omite dois, e dois omitem três (com alguma dúvida). A não ser que alguém esteja preparado para mostrar por que \aleph e 579 devam ser preferidos acima de todos os demais manuscritos gregos (talvez 1.700 para Marcos), e it^c acima de todo o resto do testemunho das versões antigas, não há porque levar as omissões a sério. Contudo, calamitosamente, a ‘escola’ eclética faz questão de fazê-lo, mesmo sem a demonstração necessária.

As versões em inglês fazem barbaridades com os quatro casos, mas aqui vou me contentar em comentar o comportamento da Nova Versão Internacional, caso por caso, sendo que ela oferece nota de rodapé para todos os quatro. Em 14.30 ela imprime “duas vezes”, mas tem a seguinte nota de rodapé: “alguns manuscritos não trazem *duas vezes*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘cinco’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores). Em 14.68 ela omite “e um galo cantou” e tem a seguinte nota de rodapé: “Muitos manuscritos acrescentam *e o galo cantou*” – por ‘muitos’ ela quer dizer ‘1.700’ contra nove (de má qualidade). Em 14.72^a ela imprime “a segunda vez”, mas tem a seguinte nota: “Alguns manuscritos não trazem *pela segunda vez*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘três’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores). Em 14.72^b ela imprime “duas vezes”, mas tem a seguinte nota:

“Alguns manuscritos não trazem *duas vezes*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘cinco’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores).

Agora, que possível motivo poderiam os redatores da NVI ter tido para incluir tais notas de rodapé? O efeito imediato é levantar uma dúvida quanto à confiabilidade do Texto naqueles lugares. Sendo que aqueles redatores eram evangélicos com elevado respeito pelas Escrituras, segundo dizem, por que quereriam eles fazer isso? Talvez tenha sido uma preocupação com a inerrância do Texto que os motivou. Parece que eles não enxergaram qualquer outra solução para a discrepância aparente entre Marcos e os outros Evangelhos a não ser lançar a possibilidade de que \aleph , 579 e it^c estivessem certos. Quanta barbaridade!

Os redatores da NVI estavam totalmente equivocados. A pior coisa possível aqui seria seguir \aleph e omitir todas as quatro frases. Como já demonstramos, os quatro Evangelhos registram oito desafios diferentes que produziram negações, mas não tem dois deles com a mesma lista. Assim sendo, seguir \aleph nos obrigaria a abrigar oito negações antes do primeiro canto de galo, o que me parece ridiculamente impossível. A melhor solução para a situação é seguir o Texto verdadeiro, que Deus fez com que, neste caso, fosse preservado em mais de 99% da evidência. Pedro negou três/quatro vezes antes do primeiro canto de galo, e outra rodada de três/quatro vezes antes do segundo. O Senhor tinha prevenido Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22.31). Pedro deveria ter prestado atenção.

Implicações

Uma pergunta que surge é esta: como fica a integridade interna de cada relato? Por exemplo, no registro de João: mesmo que alguém sustente que duas das negações ocorreram antes do primeiro canto de galo, ao passo que a terceira negação veio após o primeiro, mas antes do segundo, isso iria atingir a integridade do Evangelho de João? Como poderia? Vamos rever o registro. Em João 13.38 Jesus disse a Pedro, “Deveras, deveras eu te digo, nenhum galo poderá cantar até que tu me tens negado três vezes!” O Senhor não disse ‘somente’ três vezes – a ênfase é sobre a ausência obrigatória de qualquer cantar de galo até que Pedro negue três vezes, pelo menos três vezes (não há nada na exata frase que o Senhor usou que negue a possibilidade de que poderia haver mais que três). No Texto grego não há artigo definido com ‘galo’, e há uma negação dupla enfática com o verbo ‘cantar’ – “um (qualquer) galo não poderá cantar!” (Estas colocações se aplicam a Lucas 22.34 também; aliás, em todos os quatro Evangelhos, tanto nos avisos como nas concretizações, sempre é ‘um’ (qualquer) galo.

Atentando para as próprias negações, no registro de João, a primeira, no portão (18.17), não oferece dificuldade. A segunda negação (18.25) também não oferece dificuldade – essas duas aconteceram antes de qualquer cantar de galo. Mas, e se a terceira negação (segundo João, 18.26-27) aconteceu depois do primeiro cantar?¹ Não vejo problema de princípio. O Senhor afirmou um fato, que João registrou corretamente – teria de haver três negações antes do primeiro cantar de galo. Isto se cumpriu cabalmente, os ‘sinóticos’ fornecendo a terceira negação. Não há nada no registro de João que impede a possibilidade de que haveria cantares subsequentes. (Quem já morou perto de galos sabe que um ou outro canta cá e lá depois da meia noite, e ao amanhecer dão um concerto – parece-me óbvio que os primeiros dois cantos foram controlados por Deus para combinar

¹ Como o leitor já sabe, creio que a terceira negação em João aconteceu antes do primeiro canto de galo, mas estou analisando esta possibilidade a favor de quem talvez prefira colocá-la na segunda rodada.

com os avisos que Jesus deu.) Em 18.27, após a terceira negação no registro de João, lemos “e imediatamente um galo cantou”. João não diz que foi o primeiro canto. Alguém sem acesso aos outros Evangelhos iria imaginar, naturalmente, que João registrou o primeiro cantar de galo, e que as três negações representem um relato completo dos acontecimentos – mas nada no registro de João exige essa interpretação; decorre de informação incompleta, nada mais. Os outros três Evangelhos acrescentam negações que são claramente diferentes. Cada Evangelho oferece uma lista diferente de negações, algo como as peças de um ‘quebra-cabeça’. Os quatro registros se complementam, não se contradizem.

Tudo bem, mas como fica a integridade interna do registro de Marcos? Ele é o único que menciona o segundo cantar de galo, como tal; aliás, o seu relato se prende a ele. Jesus disse, “Antes que um (qualquer) galo cante duas vezes, tu em negarás três vezes”, e Marcos registra três negações antes do segundo canto de galo. Outra vez, Jesus não disse ‘apenas’ três vezes; a ênfase está sobre “tu” e “duas vezes”. Precisamos dos outros Evangelhos para ter o quadro completo, mas o registro de Marcos é coerente em si.

Tudo bem, mas como fica Lucas? No aviso a ênfase fica sobre a ausência obrigatória de qualquer cantar de galo até que Pedro negasse três vezes – pelo menos três vezes (Jesus não disse ‘apenas’ três vezes). Após descrever três negações Lucas escreve, “e imediatamente, enquanto ele ainda falava, um galo cantou”. “Um” galo – ele não diz que foi o primeiro. Depois, Lucas descreve Pedro lembrando que Jesus disse, “antes que um (qualquer) galo cante, tu me negarás três vezes”. Presumivelmente Pedro se lembrou de cada detalhe de todos os avisos, mas Lucas (assim como os outros) dá apenas uma descrição em parte – aliás, o aviso que Lucas diz que Pedro lembrou é o aviso registrado por Mateus, não o aviso que o próprio Lucas relatou. Um leitor dispondo unicamente do relato de Lucas poderia imaginar que estava lendo um relato completo dos acontecimentos, mas seria uma conclusão imprecisa. O registro de Lucas é coerente em si, mas a exata fraseologia é tal que não contradiz a minha proposta.

Tudo bem, mas como fica Mateus? Praticamente tudo que escrevi a respeito de Lucas pode ser repetido aqui. Mateus diz que Pedro lembrou o aviso que ele mesmo registrou. De novo, é “um” galo. O registro de Mateus é coerente em si, mas a fraseologia permite a minha proposta sem complicação. Toda essa explicação nos traz de volta à pergunta: Mas como é que cada Evangelho menciona apenas três negações, e não seis, ou oito, ou como queira? Não sei; o Texto não explica. A melhor ideia que consigo fazer é de que Deus entendeu por bem não expor claramente o tamanho verdadeiro da ignomínia de Pedro (e talvez para testar a nossa propensão quando confrontados por uma coisa sem explicação). Mas dito tudo, o fato permanece que cada Evangelho oferece um sortimento diferente de avisos e negações, perfazendo um total de pelo menos oito negações.

Outro questionamento que já ouvi é este: para que se preocupar com uma questão como essa; por que gastar tempo com ela? Eu creio que por vezes Deus propositadamente introduz dificuldades/desafios nas nossas vidas – Jó na cinza, Abraão no monte Moriá, Moisés pastoreando ovelhas, José na prisão, Daniel com os leões, etc. etc. – e coloca enigmas no mundo, para testar a nossa fibra e determinação, e para nos levar a crescer. “A glória de Deus é ocultar uma coisa; tentar descobri-la é a glória dos reis” (Provérbios 25.2) [Mesmo que você não seja um rei, dá para entender.] A experiência de João o Batizador é do tipo que podemos entender. Ele estava frustrado, talvez até desiludido; ele cumpriu seu ofício, mas as suas expectativas não estavam sendo realizadas. Então ele enviou dois discípulos para cobrar de Jesus uma explicação. Em outras palavras, Jesus disse, “Preste atenção às evidências; faça seu dever de casa”, e termina dizendo, “E, abençoado seja

aquele que não se ofenda por minha causa” (Mateus 11.6). Quando confrontado com uma situação difícil ou sem explicação, todo cuidado para não rebelar-se. É muito melhor obedecer a ordem registrada em 1 Pedro 3.15: “Santifiquem o Senhor Deus em vossos corações; e estejam sempre preparados para dar uma explicação a qualquer pessoa que vos pedir a razão da esperança que há em vocês,...” Já que inimigos de um Texto com autoridade objetiva costumam utilizar os relatos das negações de Pedro como argumento contra qualquer ideia de inerrância, considero que uma defesa dessa inerrância é tranquilamente procedente.

H. O aspecto espiritual da crítica textual do NT

Discutirei o assunto em três tópicos: 1) a origem do problema; 2) a perpetuação do problema; 3) uma solução para o problema.

A origem do problema

Existem apenas dois reinos espirituais neste mundo. Enquanto o Soberano Criador caminhava nesta terra no corpo de Jesus, Ele declarou: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha” (Lucas 11.23, Mateus 12.30). Observe que o Soberano não permite neutralidade; ou você está com Ele ou está contra Ele (o agnosticismo é uma rejeição passiva). Mesmo o que fazemos não é neutro; se não estamos ajuntando com Ele, estamos espalhando. Não há terceira opção. Quem não está com Jesus está com Satanás, automaticamente. Isso se aplica a tudo nesta vida; quanto mais a algo tão importante como a transmissão do Texto bíblico. A oposição de Satanás a Deus sempre incluiu oposição a qualquer palavra dEle dirigida à raça humana. Começou no Jardim: “É assim que Deus disse?” (Gênesis 3.1). Segue-se que excluir o sobrenatural do modelo de crítica textual do NT é ser fundamentalmente irresponsável (a menos que seja conscientemente perverso).

Certamente, porque a responsabilidade começa com a pressuposição e você escolhe suas pressuposições. A questão é que a crítica textual, de qualquer coisa escrita, pressupõe que a redação original dessa escrita foi perdida, no sentido de que ninguém sabe o que poderia ter sido. Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual sobre a primeira edição (1611) da KJV, pois ainda existe uma cópia. A maioria dos praticantes da crítica textual do NT usa alguma forma de ecletismo, e eles são responsáveis por terem feito essa escolha – eles aceitaram tacitamente as pressuposições sobre as quais o ecletismo se baseia.¹

O ecletismo se baseia nos seguintes pressupostos: 1) os escritos do NT não são inspirados (se tivessem sido inspirados, teriam sido preservados); 2) os primeiros cristãos não os reconheciam como inspirados; 3) portanto, eles não se preocuparam em proteger e preservar esses escritos; 4) portanto, a redação original foi perdida no sentido de que ninguém sabia ao certo o que poderia ter sido; 5) foi somente quando a superstição e a credulidade dos cristãos elevaram aqueles escritos à condição de 'Escritura' (por volta de 200 d.C.) que eles começaram a se preocupar com proteção e preservação, só que então já era tarde demais; 6), portanto, não houve 'transmissão normal' dos escritos do NT até depois do terceiro século.

Tais pressuposições rejeitam as evidências disponíveis em contrário. Temos evidências históricas para apoiar as seguintes declarações: 1) os apóstolos sabiam que estavam escrevendo Escritura; 2) os apóstolos sabiam que colegas estavam escrevendo Escritura; 3)

¹ Eles podem ter sofrido uma lavagem cerebral, pressionados a aceitar algo sem entendê-lo, mas isso não altera a natureza das pressuposições. Vou discutir isso mais tarde.

os cristãos contemporâneos reconheceram imediatamente que aqueles escritos eram Escritura; 4) portanto, preocupavam-se com sua proteção e preservação (isso é demonstrável); 5) a proliferação de cópias bem feitas começou logo; 6) houve uma transmissão normal desses escritos desde o início e ao longo dos séculos; 7) assim, a redação original nunca foi perdida.

Por que as pessoas rejeitam as evidências, ou pelo menos as ignoram? Porque Satanás cega suas mentes, como está claramente declarado em 2 Coríntios 4.3-4. “Então, se o nosso Evangelho tem sido encoberto de fato, tem sido encoberto para os que estão sendo desperdiçados, 4 nos quais o deus desta era cega a mente dos incrédulos, para que a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus, não lhes resplandeça.”

O Texto diz claramente que Satanás, ‘o deus deste mundo’, ocupa-se cegando as mentes dos incrédulos quando eles ouvem o Evangelho, para que não entendam, para que não sejam convencidos, para que não se arrependam e sejam convertidos. Esta é uma verdade para lá de terrível! O inimigo tem acesso às nossas mentes, ‘acesso’ no sentido de que ele tem o poder ou a capacidade de invadi-las, quer por introduzir pensamentos ou por bloquear o nosso raciocínio. O Soberano Jesus já tinha declarado esta verdade, quando Ele explicou a parábola do semeador. “Estes são aqueles onde a Palavra é semeada junto do caminho; logo que a ouvem, Satanás vem e retira a Palavra que foi semeada no coração deles” (Marcos 4.15). Na passagem paralela em Lucas 8.12 Jesus acrescenta as palavras seguintes: “para que não se salvem, tendo crido”. Notar que a Palavra já está na mente ou no coração da pessoa, mas então Satanás chega, invade a mente e ‘retira’ essa palavra. Não tenho certeza quanto à exata maneira em que essa intrusão do inimigo funciona – talvez ele cause algum tipo de bloqueio mental – mas o efeito prático é que a Palavra se torna sem efeito, como se a pessoa nem tivesse ouvido.¹

Considere também 1 João 5.19 que diz que “o mundo inteiro jaz no maligno”. O verbo ‘jazer’ aqui é usado para deitar em uma cama - todo o seu peso está na cama. Uma cama não tem vontade, mas Satanás certamente tem; o quadro é de controle. A única maneira

¹ A questão aguda se apresenta: o que podemos fazer a respeito? O Senhor Jesus deu a resposta em Marcos 3.27. “Ninguém pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não amarrar o valente; só então poderá saquear a sua casa.” A gramática nos conduz seguramente à identidade do “valente”. Coloquei o artigo definido com a primeira ocorrência de ‘valente’ porque está no Texto grego. O uso do artigo definido, “o valente”, vale dizer que é um certo, já introduzido, já conhecido valente. Caso contrário teríamos que encontrar o artigo indefinido ‘um’, fosse um valente qualquer fora do nosso conhecimento. Quando encontramos o artigo definido, é porque esse valente já foi apresentado. No contexto imediato anterior, Jesus vinha falando nominalmente de Satanás. (É que os líderes dos judeus tentaram explicar o poder de Jesus sobre os demônios dizendo que vinha de Belzebu, príncipe dos demônios. Ao retrucar, Jesus não perdeu tempo com esse nome, mas chamou o inimigo logo de “Satanás”, que é o nome próprio do mesmo.)

Muito bem, Jesus afirma que é impossível roubar os bens de Satanás sem amarrá-lo primeiro. (Pelo uso do termo “ninguém” parece claro que o Senhor está enunciando um princípio geral.) E quais seriam esses “bens”? No contexto (ver Mateus 12.22-24) Jesus tinha expulsado um demônio de cegueira e mudez de uma pessoa, e no seu comentário os fariseus e escribas incluem outros casos de expulsão – creio que podemos entender tranquilamente que os “bens” são as pessoas que estão sob o poder de Satanás, de uma forma ou de outra. Imagino que não haja como tirar alguém da ‘casa’ de Satanás sem levar esse alguém para a ‘casa’ de Jesus (ver Mateus 12.43-45). Então, estamos diante da mesma verdade declarada em Atos 26.18 – temos de dar um jeito no poder de Satanás sobre uma pessoa para que ela possa ser salva! Sim, mas exatamente o que podemos ou devemos fazer?

Já que a função de ‘algemas’ é deixar o preso sem condições de agir, creio que em tantas palavras, quer a viva voz ou no pensamento, havemos de proibir que Satanás interfira nas mentes dos nossos ouvintes, antes de pregar. Para mais sobre este assunto, o interessado pode consultar o meu site: www.prunch.com.br (ou pode comprar o livro, *Guerra Espiritual Bíblica, A Vida Cristã Como Deveria Ser!*, disponível no Clube de Autores).

de escapar desse controle é se render ao Soberano Jesus. Até que você pertença a Jesus, você permanece no mundo controlado por Satanás.

Além disso, além de não permitir a neutralidade, o Soberano Jesus era rigoroso quanto aos requisitos para se identificar com Ele. “Quem se envergonhar de mim e **das minhas palavras** nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na glória de Seu Pai com os santos anjos.” (Marcos 8.38 e Lucas 9.26). Não nos é permitido ter vergonha das palavras que Jesus disse; é obrigatório concordar com o que Ele ensinou. Certamente, porque seremos julgados por essas palavras. “Quem me rejeita e não recebe os meus dizeres tem o que o julgue – a própria palavra que tenho proferido, é ela que o julgará no último dia;¹ mesmo porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai que me enviou, Ele me deu ordem quanto ao que dizer e o que falar” (João 12.48-49). Então, como essas palavras podem julgá-lo? Elas vão julgá-lo com base no que você fez com elas. Mas como podem essas palavras julgá-lo? Elas podem julgá-lo porque elas são vivas (Hebreus 4.12, 1 Pedro 1.23, Atos 7.38). Qualquer palavra proferida pelo Soberano Criador tem autoridade.

2 João 9 vai na mesma direção: “Todo aquele que se desvia e não permanece no ensino de Cristo, não tem Deus”. Se você se desviar, está do lado de fora. “Não permanece” só pode dizer respeito a alguém que esteve dentro. Continuar em Seu ensino é concordar com Ele. Como se pode ter “a mente de Cristo” (1 Coríntios 2.16) sem pensar como Ele pensa?

Então, qual é o ponto? O ponto é o seguinte: O Soberano Jesus foi inflexível sobre a inspiração e preservação do AT; e uma vez glorificado, Ele foi mais do que enfático sobre o NT (Apocalipse 22.18-19). Embora Ele presumivelmente estivesse se referindo especificamente ao Apocalipse, podemos estender razoavelmente o aviso para todo o NT, baseado na convicção de que todos os livros do NT são inspirados. Quem não pensa como Jesus pensa a respeito da inspiração e da preservação das Sagradas Escrituras está do outro lado. O mundo em que vivemos não é mais 'pós-moderno', está se tornando cada vez mais anticristão. Na América do Norte e na Europa, pessoas já foram presas por pregar o que a Bíblia diz. Passar a eternidade no Lago de Fogo é o preço que você pagará por ser 'politicamente correto' no mundo de hoje.

Em João 8.44, o Soberano declarou que Satanás é "o pai do mentir" e que "não há verdade nele". De acordo com o uso idiomático hebraico, o 'filho' de algo é caracterizado por esse algo. Segue-se que ser o 'pai' de algo é ser o dono desse algo. Várias vezes Jesus chamou o Espírito Santo de "o Espírito da Verdade" (João 14.17, 15.26, 16.13). Portanto, toda verdade pertence ao Espírito Santo e toda falsidade pertence a Satanás. Segue-se que sempre que alguém mente, ele estará servindo a Satanás. E sempre que alguém abraçar uma mentira (como evolucionismo, marxismo, humanismo, relativismo, hortianismo, etc.), ele estará dando a Satanás uma cabeça de ponte em sua mente, que Satanás tentará transformar em uma fortaleza. Uma fortaleza de Satanás a respeito de um determinado assunto não permite que a pessoa pense livremente sobre esse assunto. A pessoa é obrigada a ficar com a mentira. (A única saída é alguém com o poder de Deus vir e anular a fortaleza.)

Segue-se que enquanto alguém está ensinando falsidade, ele está servindo a Satanás. Sim, porque Deus “não pode mentir” (Tito 1.2), pois é contrário à Sua essência; Ele não

¹ Ignorar a lei não é desculpa. Se a Bíblia existe na tua língua, e você sabe ler (ou conhece alguém que sabe), então você tinha a possibilidade de conhecer os dizeres de Jesus. Alegar ignorância não vai funcionar.

pode negar-se a si mesmo (2 Timóteo 2.13). Já que nenhuma mentira é de Deus, e só existem dois lados, qualquer mentira é de Satanás. Atenção: o que alguém pensa não muda a realidade. Saulo de Tarso pensou que estava servindo a Deus ao perseguir os cristãos; só que na verdade ele estava servindo a Satanás. Uma vez que a crítica textual eclética é baseada em falsidades, ela pertence a Satanás. As pessoas que pensam que a crítica textual do NT é uma área cinzenta onde qualquer um pode dar seus 'saltos' terão uma surpresa bastante desagradável. De passagem, no mundo de hoje as pessoas estão comprando a ideia de que você cria sua própria 'verdade'. Se algo é 'tua verdade', ninguém mais tem o direito de desafiá-lo. Uma vez que toda verdade real é verdade de Deus, não existe 'tua verdade', existe apenas 'tua falsidade'. A verdade não é democrática, não depende de opinião ou voto. A verdade é.

Efésios 2.2 afirma que Satanás é "o espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Este espírito está atualmente trabalhando (tempo presente) nos 'filhos da desobediência'. 'Filhos' de algo são caracterizados por esse algo, e o algo neste caso é 'a' desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo. Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos, um demônio age como agente de Satanás, já que ele não é onipresente, quando é necessário algo mais do que a influência da cultura circundante; isso inclui a cultura acadêmica). Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Com certeza. Se não me engano, todas as edições do NT grego publicadas pelas Sociedades Bíblicas Unidas foram produzidas por 'filhos da desobediência', e Satanás não perdeu a oportunidade.

Sim, mas como podemos saber quem é filho da desobediência? O Soberano Jesus explicou uma maneira em Mateus 7.15-20:

“Cuidado com falsos profetas, que vêm a vocês vestidos como ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.¹ ¹⁶Vocês os conhecerão por seus frutos. Colhe alguém uvas de espinheiros, ou figos de cardos? ¹⁷Assim mesmo, toda árvore boa produz frutos bons, mas a árvore podre produz frutos malignos.² ¹⁸Uma árvore boa não pode produzir frutos malignos, nem pode uma árvore podre produzir frutos bons. ¹⁹Toda árvore que não produz fruto bom é cortada e jogada o fogo adentro.³ ²⁰Assim mesmo, vocês os conhecerão pelos seus frutos.”

Exatamente; é só prestar atenção aos resultados de seu trabalho. Uma vez que os editores das edições das SBU impuseram erros de fato e contradições óbvias a seus textos, o resultado tem sido um enfraquecimento constante da confiança na integridade e confiabilidade do NT. Igualmente perniciosas são as notas de rodapé em muitas versões modernas cujo verdadeiro propósito é minar a confiança no texto bíblico. Quem quer que mine a confiança no texto bíblico está servindo a Satanás. Basta olhar para os 'frutos'. O que uma pessoa faz reflete o que ela crê. Além disso, se você tem o Espírito Santo e sabe ouvi-lo, pode interrogá-lo sobre casos específicos.

Sempre foi procedimento padrão para Satanás e seus servos atacar argumentos fortes em favor da verdade como se fossem fracos e errados.⁴ Para dar um exemplo, John

¹ Provavelmente são demonizados; profecias de procedência demoníaca são sempre destrutivas.

² O Senhor emprega 'podre' e 'maligno' porque Ele está dizendo respeito a pessoas, e não árvores.

³ O Senhor é muito claro quanto ao destino eterno de pessoas que não produzem bom fruto. Lembrar Efésios 2.8-10 – não somos salvos por boas obras, mas deveras somos salvos para boas obras; quem não produz, não é salvo.

⁴ No mundo de hoje, dê uma boa olhada em qualquer 'princípio' ou 'lei' que Satanás está usando, como 'tudo é relativo' ou 'discurso de ódio'. É o oposto que será verdadeiro.

William Burgon atacou a teoria e o texto de W-H, com base em evidências objetivas, mas também defendeu o *Textus Receptus*, que ele chamou de Texto Tradicional, citando a providência divina. O mundo acadêmico da época ignorou severamente as evidências objetivas e atacou veementemente o que chamavam de argumento ‘teológico’ de Burgon. Eles demonizaram o argumento ‘teológico’ e criaram uma psicose sobre esse assunto. Pois então, qual é o argumento mais forte possível em apoio ao texto bíblico? Precisamente que Deus o inspirou e depois o preservou! Então, Satanás energizou seus servos para fazer tudo ao seu alcance para excluir o sobrenatural da disciplina.

O procedimento deles era totalmente perverso, satânico, porque o argumento ‘teológico’ de Burgon era na realidade uma declaração de seus pressupostos, que ele declarou abertamente, como qualquer verdadeiro estudioso deveria fazer. É impossível trabalhar sem pressupostos, mas eles atacaram Burgon até por tê-los! Eles eram perversos porque fingiam não ter pressuposições e, claro, não as enunciaram. Isso é sujo.

E depois há as ‘verdades falazes’, falsidades que galgaram o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro da disciplina.¹ Tem sido padrão dentro da disciplina referir-se ao texto bizantino como sendo um ‘texto controlado’. Se isso seria bom ou não, dependeria de quem fazia o controle. Mas a ideia é claramente apresentada como sendo um fator negativo porque é usada para ‘justificar’ a negligência dos MSS bizantinos. Que eu saiba, aqueles que usam a ideia como fator negativo nunca identificaram quem fez o controle. Entretanto, se um texto é ‘controlado’, alguém tem que fazer o controle – se não há controlador, não pode haver controle. Então, quem são os possíveis candidatos? Vejo três possibilidades: seres humanos, Satanás, Deus.

Tanto quanto sei, todos aqueles que se referem ao texto bizantino como ‘controlado’ excluem o sobrenatural de seu modelo; então para eles, o controle é feito por seres humanos, independente de influência sobrenatural. Como o suposto controle teria que operar por mais de um milênio, não poderia ser feito por um único indivíduo. Mas quem poderia controlar todo o mundo mediterrâneo? Por mais de mil anos a Igreja Romana usou latim, não grego. Houve alguma vez uma autoridade central em funcionamento entre as Igrejas Ortodoxas? Certamente não por mil anos, e não por todo o mundo mediterrâneo. Então, quem fez o controle?

Não apenas isso, mas o suposto controle era evidentemente bastante frouxo, já que os MSS estão cheios de erros aleatórios, além de dependências compartilhadas. Considere a conclusão alcançada por F. Wisse depois que ele cotejou e analisou 1.386 MSS gregos contendo os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas (três capítulos completos). Ele descreveu 37 linhas de transmissão, mais 89 “mavericks”, MSS tão díspares individualmente que não podiam ser agrupados. Dos 37 grupos, 36 caem dentro do amplo rio bizantino, e dentro deles Wisse descreveu 70 subgrupos. Então, que tipo de “controle” poderia permitir semelhante situação? Espero que meus leitores não me achem irracional quando digo que, diante de tais evidências concretas, acho a tese de um texto bizantino “controlado” (excluindo o sobrenatural) ser menos que convincente. Mas então, como podemos explicar a uniformidade comparativa encontrada nele?

Espero que meus leitores/ouvintes estejam cientes de que eu pessoalmente insisto que o sobrenatural deve ser incluído em qualquer modelo de crítica textual do NT. Tanto Deus quanto Satanás certamente existem, e ambos têm um interesse contínuo no destino do

¹ Usei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Os dicionários oferecem uma variedade de definições para o termo, mas todos concordam que é informação falsa, e que teria sido criado maliciosamente para enganar. Claro que alguém pode repetir um ‘*canard*’ sem malícia, embora sem verificar a evidência.

Texto do NT. Há algum tempo venho defendendo a preservação divina do Texto do NT em termos concretos. Curiosamente, aqueles que alegam um texto bizantino controlado costumam rejeitar qualquer noção de preservação divina. Mas é claro, se eles não acreditam na inspiração divina, não acreditarão na preservação. Alguém que nega a existência de um Soberano Criador insistirá logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada. Mas como, então, pode tal pessoa explicar o texto bizantino? Digo que nenhuma hipótese naturalista pode explicar a Família 35 (K^r).

Satanás certamente não faria nada para ajudar a preservar o Texto do NT; qualquer envolvimento dele seria com o objetivo de perverter o texto, minando assim sua autoridade. (Eu diria que ele concentrou seus esforços no Egito.) Já argumentei em outro lugar que a transmissão do Texto do NT era predominantemente “normal”, e que essa normalidade foi definida pela Igreja Cristã. Por que foram feitas cópias? Porque as congregações precisavam delas. Por que as congregações ‘precisavam’ delas? Porque eles entendiam que os escritos do NT eram divinamente inspirados, e eram lidos e discutidos em suas reuniões semanais. Argumentar que os primeiros cristãos estavam errados nesse entendimento seria irrelevante. Esse entendimento (errado ou não) determinou sua atitude em relação aos escritos do NT, que controlava sua produção de cópias. Se a maioria das pessoas que produziam cópias era composta por cristãos sinceros (mais ou menos), eles fariam seu trabalho com cuidado razoável (alguns mais, outros menos). Aqueles que tinham uma visão forte da inspiração seriam especialmente cuidadosos.

Digo que os MSS sobreviventes refletem minha descrição acima. K^r/f³⁵, de longe o grupo maior e mais coeso (talvez o único que existe em todos os 27 livros), representa o núcleo da transmissão, tendo sido seus representantes produzidos por copistas com uma alta visão de inspiração (como evidenciado pelo extremo cuidado em seu trabalho). Fora desse núcleo há um grande número de tangentes, ou riachos, que divergem do núcleo em graus variados, e que começaram em tempos e lugares diferentes. Um monge que estivesse apenas cumprindo uma obrigação religiosa produziria uma cópia bizantina ‘mais ou menos’; bom o suficiente para praticamente todos os propósitos práticos, mas aquém do padrão f³⁵.

Então, era o texto bizantino “controlado”? Obviamente não em qualquer sentido estrito. O controle foi exercido por uma crença comum (dentro da comunidade cristã) de que o NT foi divinamente inspirado. Foi essa crença que ditou a proliferação de cópias feitas com razoável cuidado. Esse cuidado razoável se reflete na uniformidade básica dentro da massa bizantina. Mas o explicar da transmissão incrivelmente cuidadosa refletida nos representantes do f³⁵ requer algo mais.

Dos MSS da família 35 que eu mesmo já cotejei, tenho cópias perfeitas do arquétipo da família (determinado empiricamente) como segue: 29 para Filemom, 15 para 2 Tessalonicenses, 9 para Tito, 6 para Gálatas, 4 para Efésios, 2 para Mateus, e pelo menos um para 22 dos 27 livros do NT (e muitos outros erram apenas uma única letra!). Estes são MSS de todo o mundo mediterrâneo e que representam cinco séculos (XI, XII, XIII, XIV, XV). Então, que tipo de controle poderia produzir um nível tão incrível de perfeição - um controle exercido em mosteiros isolados espalhados pelo mundo mediterrâneo e durante cinco séculos? Não conhecemos nenhuma agência humana que pudesse fazê-lo. Se a agência não era humana, então tinha que ser divina. É a Família 35 um texto controlado? Sim. Controlado por quem? Pelo Espírito Santo.

Coisas como 'texto controlado' e 'imposição eclesiástica', bem como a falsidade de que a maior parte dos MSS gregos conhecidos tem um texto tardio, têm sido usadas para

desencorajar as pessoas de estudar a grande maioria dos MSS. Os 'cânones' de leitura 'mais difícil' e 'mais curta' são claramente falsos, como qualquer um que tenha estudado MSS reais sabe. Para esconder o fato de que os MSS mais antigos são de qualidade comprovadamente ruim, os ecléticos têm insistido estridentemente que 'o mais antigo é o melhor', e assim por diante noite adentro. A disciplina da crítica textual do Novo Testamento é um verdadeiro pântano estagnado; isso mesmo, um verdadeiro pântano estagnado.

A perpetuação do problema

Aqueles que estão em rebelião aberta contra Deus e Sua Revelação escrita simplesmente continuarão a fazer o que puderem contra ambos. Isso é um dado. Mas, e quanto àqueles que afirmam crer em Deus e em Sua Palavra, e podem pensar que realmente creem, mas abraçaram falsidade com referência ao Texto do Novo Testamento? Como ficaram eles assim?

A disciplina da crítica textual do NT, como a conhecemos, é basicamente uma 'filha' da Europa Ocidental e suas colônias; as Igrejas Ortodoxas Orientais geralmente não foram envolvidas. (Eles sempre souberam que o verdadeiro texto do NT está dentro da tradição bizantina.) No ano de 1500, o cristianismo da Europa Ocidental era dominado pela Igreja Católica Romana, cujo papa reivindicou o direito exclusivo de interpretar as Escrituras. Essa Escritura era a Vulgata Latina, que os leigos não tinham permissão para ler. As noventa e cinco teses de Martinho Lutero foram postadas em 1517. Foi mero acaso que o primeiro Texto Grego impresso do NT foi publicado no ano anterior?

À medida que a Reforma Protestante avançava, foi declarado que a autoridade das Escrituras excedia a do papa, e que todo crente tinha o direito de ler e interpretar as Escrituras por si mesmo. A autoridade da Vulgata latina também foi contestada, visto que o NT foi escrito em grego. É claro que a biblioteca do Vaticano continha muitos MSS gregos, dois dos quais não eram idênticos (pelo menos nos Evangelhos), então a Igreja Romana desafiou a autenticidade do Texto Grego.¹ Em suma, a Igreja Romana forçou a Reforma a lidar com a variação textual entre os MSS gregos. Mas eles não sabiam como fazê-lo, porque este era um novo campo de estudo e eles simplesmente não possuíam uma proporção suficiente das evidências relevantes. (Eles provavelmente nem sabiam que a península do Monte Atos, com seus vinte mosteiros, existia.)

A Família 35, sendo de longe o grupo de MSS maior e mais coeso com um arquétipo demonstrável, estava mal representada nas bibliotecas da Europa Ocidental. Por falar nisso, muito poucos MSS de qualquer tipo de texto haviam sido cotejados o suficiente para permitir qualquer rastreamento da história da transmissão. Pior, a falta de cotejos completos tornou impossível refutar uma hipótese errônea dentro de um prazo razoável. (Lamentavelmente, essa falta não foi completamente remediada até hoje.)

Em 1500, o Estabelecimento católico romano era corrupto, moralmente falido e desacreditado entre as pessoas pensantes. A Era da Razão e o humanismo vinham à tona. Mais e mais pessoas estavam decidindo que poderiam fazer melhor sem o deus do Estabelecimento romano. A nova liberdade imaginada da supervisão sobrenatural era inebriante, e muitos não tinham interesse em aceitar a autoridade das Escrituras (*sola Scriptura*). Além disso, seria ingênuo ao extremo excluir o sobrenatural da consideração, e não reconhecer a atividade satânica nos bastidores.

¹ Provavelmente, dois MSS da Vulgata Latina também não são idênticos, mas essa não era a questão.

Aliás, até onde sei, não há como estabelecer o que pode ter sido a redação original da Vulgata latina, em todos os detalhes.

Considere Efésios 2.2 – “entre os quais vocês outrora andaram, segundo o Aeon deste mundo, o governante do domínio do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência”. Estritamente falando, o Texto tem “de acordo com o Aeon deste mundo, de acordo com o governante do domínio do ar” – as frases são paralelas, então 'Aeon' e 'governante' têm o mesmo referente, uma pessoa ou ser específico. Este espírito está atualmente em ação (tempo presente) nos “filhos da desobediência”. ‘Filhos’ de algo são aqueles caracterizados por esse algo, e o algo neste caso é ‘a’ desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo.¹ Os ‘filhos da desobediência’ juntaram-se ao ataque contra as Escrituras. A chamada ‘alta crítica’ negou totalmente a inspiração divina.² Outros usaram a variação textual para argumentar que, em qualquer caso, a redação original estava ‘perdida’, não havendo uma maneira objetiva de determinar o que poderia ter sido (infelizmente, ninguém foi capaz de perceber tal maneira naquela época).

A suposição acrítica de que ‘o mais antigo é o melhor’ foi um fator importante, e tornou-se cada vez mais assim à medida que os unciais mais antigos vieram à luz. Recorreu-se à analogia de um riacho, onde a água mais pura seria presumivelmente aquela mais próxima da fonte. Mas com referência aos manuscritos do NT a analogia é falaciosa, e se torna um sofisma. Há um consenso geral de que a maior parte da grave corrupção sofrida pelo texto do NT aconteceu durante o segundo século, antes de nossos MSS mais antigos. Portanto, idade não é garantia.

Tanto o Códice Vaticanus quanto o Códice Bezae estavam disponíveis bem cedo, e eles têm milhares de desacordos entre si, apenas nos Evangelhos (em Atos, a ‘loucura’ de Bezae é quase inacreditável). **Se** ‘o mais antigo é o melhor’, e os MSS mais antigos estão em constante e massivo desacordo entre si, então a recuperação de um texto perdido se torna sem esperança. Você entendeu isso? **Sem esperança, totalmente sem esperança!** No entanto, tenho argumentado (e continuo a fazê-lo) que ‘mais antigo é igual a pior’, e isso muda o quadro radicalmente. O trabalho de referência sobre este assunto é o *Codex B and its Allies: A Study and an Indictment* de Herman C. Hoskier (2 vols.; Londres: Bernard Quaritch, 1914). O primeiro volume (cerca de 500 páginas) contém uma discussão detalhada e cuidadosa de centenas de erros óbvios no Códice B; o segundo (cerca de 400 páginas) contém o mesmo para o Códice Aleph. Ele afirma que somente nos Evangelhos esses dois MSS diferem bem mais de 3.000 vezes, número que não inclui pequenos erros como de ortografia (II, 1). [Se ele tivesse tabulado todas as diferenças, o total sem dúvida aumentaria em várias centenas.]

Ora, ora, a lógica simples exige que um ou outro esteja errado essas 3.000+ vezes; ambos não podem estar certos, independentemente das vezes em que ambos estão errados. **Nenhuma quantidade de preferência subjetiva pode obscurecer o fato de que são**

¹ Qualquer um em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos um demônio age como agente de Satanás, quando algo mais do que a influência da cultura circundante é necessária - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica). Qualquer um em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Já que Satanás é o 'pai' do mentir (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente - isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

² A teoria darwiniana parecia ter sido feita sob medida para aqueles que desejavam se livrar de um Criador, ou de qualquer Autoridade superior, que pudesse exigir uma prestação de contas. A ‘alta crítica’ serviu ao propósito de se livrar de uma Revelação autoritária, que poderia ser usada para exigir uma prestação de contas. Os rebeldes não gostam de ser responsabilizados.

cópias pobres, objetivamente.¹ Eles eram tão ruins que ninguém aguentava usá-los, e assim eles sobreviveram fisicamente (mas não tiveram ‘filhos’, já que ninguém queria copiá-los). Eu diria que foram fabricados, não sendo cópias verdadeiras de nenhum exemplar. Nesse caso, eles não pertencem a nenhuma linha de transmissão.

Como todos são influenciados (não necessariamente controlados) por seu ambiente, isso também era verdade para os reformadores. Em parte (pelo menos) a Reforma foi um ‘filho’ do Renascimento, com sua ênfase na razão. Lembre-se que sendo julgado Lutero disse que só poderia se retratar se convencido pelas Escrituras e pela razão. Até aí tudo bem, mas muitos não queriam as Escrituras, e isso só deixava razão. Além disso, como a razão não pode explicar ou lidar com o sobrenatural, aqueles que enfatizam a razão geralmente são hostis ao sobrenatural. [Até hoje as chamadas denominações protestantes históricas ou tradicionais têm dificuldade em lidar com o sobrenatural.]

Antes de Adolf Deissmann publicar seu *Light from the Ancient East* (1910), (sendo uma tradução de *Licht vom Osten*, 1908), onde ele demonstrou que o grego koinê era a língua franca nos dias de Jesus, havendo inclusive uma gramática publicada explicando suas regras, apenas o grego clássico era ensinado nas universidades. Mas o NT foi escrito em koinê. Antes do trabalho de referência de Deissmann, havia duas posições sobre o grego do NT: 1) era uma forma degradada do grego clássico, ou 2) era um grego ‘do Espírito Santo’, inventado para o NT. A segunda opção foi adotada principalmente por pietistas; o mundo acadêmico preferiu a primeira, o que levantou a questão natural: se Deus fosse inspirar um NT, por que não o faria Ele em grego ‘decente’? A ideia predominante de que o koinê era um grego ruim predispôs muitos contra o NT.

Tudo isso colocou os defensores de uma Bíblia grega inspirada na defensiva, com o problema muito real de decidir onde melhor estabelecer um perímetro que eles pudessem defender. Dada a ignorância prevaiente sobre as evidências relevantes, sua melhor escolha parecia ser um apelo à Providência Divina. Deus escolheu providencialmente o TR, de sorte que esse era o texto a ser usado (o texto ‘tradicional’).² Eu diria que a Providência Divina esteve mesmo em ação, porque o TR é um bom Texto, muito melhor do que o eclético que está em voga.

Ao que parecia, Satanás estava ganhando o dia, mas ainda tinha um problema: as principais versões protestantes (em alemão, inglês, espanhol etc.) eram todas baseadas no *Textus Receptus*, assim como declarações doutrinárias e ‘livros de orações’. Entra F.J.A. Hort,

¹ John William Burgon cotejou pessoalmente o que em sua época eram ‘os cinco unciais antigos’ (κ,Α,Β,Γ,Δ). Ao longo de suas obras, ele repetidamente chama a atenção para a *concordia discors*, a confusão e o desacordo predominantes, que os unciais antigos exibem entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (κΑΒΓΔ) falsificam a Oração do Senhor como dada por São Lucas em nada menos que quarenta e cinco palavras. Mas tão pouco eles concordam entre si, que se lançam em seis combinações diferentes em seus desvios do Texto Tradicional; e, no entanto, eles nunca são capazes de concordar entre si quanto a uma única leitura diferente: enquanto apenas uma vez mais de dois deles são observados juntos, e seu grande ponto de união é nada menos que uma omissão do artigo. Tal é sua tendência excêntrica, que em relação a trinta e duas das quarenta e cinco palavras inteiras elas trazem, por sua vez, evidências solitárias. (*The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Arranjado, completado e editado por Edward Miller. Londres: George Bell and Sons, 1896, p. 84.)

Sim, de fato, mais antigo é igual a pior. Para mais informações sobre este assunto, por favor veja as páginas 85-91 acima.

² Observe por favor que não estou criticando Burgon e outros; eles fizeram o que podiam, dadas as informações disponíveis. Eles sabiam que a teoria hortiana e o texto grego resultante não podiam estar certos.

um 'filho da desobediência' por excelência. Hort não acreditava na inspiração divina da Bíblia, nem na divindade de Jesus Cristo. Já que ele abraçou a teoria darwiniana assim que ela apareceu, ele presumivelmente não acreditava em Deus.¹ Sua teoria da crítica textual do NT, publicada em 1881,² baseou-se diretamente nas pressuposições de que o NT não foi inspirado, que nenhum cuidado especial foi dado a ele nas primeiras décadas e que, em consequência, a redação original foi perdida – perdida além da recuperação, pelo menos por meios objetivos. Sua teoria varreu o mundo acadêmico e continua a dominar a disciplina até hoje.³

Mas como foi que a teoria hortiana foi capaz de dominar os departamentos gregos das escolas conservadoras na América do Norte? A resposta começa com a investida da teologia liberal sobre as igrejas protestantes daquele continente no início do século XX. O grande defensor da inspiração divina das Escrituras foi Benjamin B. Warfield, um presbiteriano. Sua defesa da inspiração é tão boa que é difícil melhorá-la. Em algum momento, no entanto, ele decidiu ir para a Alemanha para estudar; acho que foi em Tübingen. Quando ele voltou, ele estava agradecendo a Deus por ter levantado Westcott e Hort para restaurar o texto do Novo Testamento (pense na implicação de “restaurar”). Um de seus alunos, Archibald T. Robertson, um batista, seguiu o exemplo de Warfield. O prestígio desses dois homens era tão grande que sua visão varreu as escolas teológicas do continente. Peço a paciência do leitor enquanto tento diagnosticar o que aconteceu com Warfield em Tübingen.

Em Tübingen Warfield se viu entre os inimigos de uma Bíblia inspirada. Ora, ele era um campeão da inspiração divina, mas para um texto inspirado ter autoridade objetiva hoje, ele deve ter sido preservado.⁴ Dada a ignorância predominante sobre as evidências relevantes na época, Warfield simplesmente não foi capaz de defender a preservação em

¹ Para documentação de tudo isso, e ainda muito mais, nas próprias palavras de Hort, veja a biografia escrita por seu filho. A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 vols.; Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1896). O filho fez uso intenso da farta correspondência do pai, a quem admirava. (Naquela época, uma 'Vida' de dois volumes, em oposição a uma 'Biografia' de um volume, era um símbolo de status póstumo, embora de pouca importância para os falecidos.) Muitos de meus leitores foram ensinados, assim como eu, que não se deve questionar/julgar os motivos de outra pessoa. Mas espere um minuto; de onde surgiu tal ideia? Certamente não veio de Deus, que espera que a pessoa espiritual avale tudo (1 Coríntios 2.15). Como existem apenas dois reinos espirituais neste mundo (Mateus 6.24, 12.30; Lucas 11.23, 16.13), então a ideia vem do outro lado. Ao eliminar o motivo, elimina-se também a pressuposição, que é algo que Deus nunca faria, pois a pressuposição governa a interpretação (Mateus 22.29, Marcos 12.24). É por isso que devemos sempre esperar que um verdadeiro estudioso declare suas pressuposições. Eu tenho afirmado as minhas repetidamente, mas aqui estão elas novamente: 1) O Soberano Criador do universo existe; 2) Ele entregou uma revelação escrita à raça humana; 3) Ele preservou essa revelação intacta até hoje.

² B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; Londres: Macmillan and Co., 1881). O segundo volume explica a teoria e é geralmente entendido como sendo o trabalho de Hort.

³ Para uma discussão completa dessa teoria, consulte os capítulos 3 e 4 em *Identity V*. Os capítulos 3 e 4 de *Identity V* são pouco diferentes do que eram em 1977. Já se passaram quarenta e cinco anos e, até onde sei, ninguém tem refutado meu desmantelamento da teoria de Hort. Não foi por falta de vontade. Hoje em dia ouve-se com frequência o argumento de que criticar Hort é esfolar um cavalo morto, já que agora o paradigma dominante é o ecletismo (seja 'raciocinado' ou 'rigoroso'). Mas o ecletismo é baseado diretamente nas mesmas falsas pressuposições e, portanto, é igualmente errado.

⁴ Este sempre tem sido um argumento favorito dos inimigos da inspiração; é assim: “Se Deus tivesse inspirado um texto, Ele o teria preservado (ou então por que se dar ao trabalho de inspirar). Ele não preservou o NT; portanto, Ele não o inspirou”. Confesso que estou inclinado a concordar com essa conexão lógica, exceto que estou disposto a virar a mesa. Creio que posso demonstrar que Deus de fato preservou o Texto do NT; portanto, Ele deve tê-lo inspirado!

termos objetivos (e nem mais ninguém – isso é crucial para entender o que aconteceu). Ele foi confrontado com o fato de ampla variação entre os manuscritos gregos conhecidos. Pior ainda – muito pior – foi a pressuposição de que ‘o mais antigo é igual ao melhor’, porque os manuscritos mais antigos estão irremediavelmente em desacordo entre si. Por exemplo: os dois grandes códices primitivos, Vaticanus e Sinaiticus, diferem entre si bem mais de 3.000 vezes apenas nos quatro Evangelhos.

Ora, ora, ambos não podem estar certos; um ou outro **tem** que estar errado, independentemente dos lugares onde ambos estão errados. Então, o que o pobre Warfield deveria fazer? Entram Westcott e Hort. Hort alegava que, como resultado de seu trabalho, apenas uma milésima parte do texto do NT poderia ser considerada duvidosa, e isso foi recebido com alegria pelos crentes comuns, uma vez que parecia fornecer garantia sobre a confiabilidade desse texto – no entanto, é claro, essa alegação se aplicava apenas ao texto W-H (provavelmente o pior NT publicado existente até hoje, de sorte que a alegação era falsa).¹ Warfield agarrou-se a isso como um homem se afogando agarra uma palha, com isso causando sérios danos ao evangelicalismo norte-americano.²

Para entender o impacto total do ataque da teologia liberal, é preciso levar em conta o ambiente. A razão sempre foi importante para as denominações protestantes históricas ou tradicionais. Em consequência, a respeitabilidade acadêmica sempre foi importante para suas escolas de pós-graduação em teologia. A dificuldade reside na seguinte circunstância: por pelo menos dois séculos a academia tem sido dominada por Satanás, e assim os termos de ‘respeitabilidade’ são ditados por ele. Esses termos incluem ‘publique ou pereça’, mas é claro que ele controla as revistas técnicas. Por ser o pai do mentir (João 8.44), quem quisesse dizer toda a verdade sempre teve dificuldade para publicar um artigo, por melhor que fosse. Para publicar um artigo, era preciso seguir a linha do partido. ‘Levar em conta a literatura existente’ obriga a pessoa a perder muito tempo lendo as tolices produzidas pelos servos de Satanás, todas destinadas a manter o leitor longe da verdade. Mais uma coisa: o aprendizado acadêmico alimenta o orgulho, não o espírito. Nenhuma escola de pós-graduação em teologia ensina como ouvir o Espírito Santo. Bem no início, Satanás se colocou na ‘árvore do conhecimento’ e permaneceu lá; ele nunca o deixou. E ele é o inimigo da verdade.

A VERDADE – sim, aí está o problema. Considere 2 Tessalonicenses 2.9-12: “Já a vinda daquele será segundo a operação de Satanás, com todo poder, com sinais e prodígios mentirosos, 10 e com todo engano iníquo entre os que estão se desperdiçando, porque

¹ Eu diria que o texto deles está equivocado com referência a 10% das palavras – o NT grego tem aproximadamente 140.000 palavras, de sorte que o texto W-H está equivocado com referência a 14.000 delas. Eu diria que o texto dito ‘crítico’ (leia-se ‘eclético’) atualmente em voga está ‘apenas’ errado com referência a cerca de 12.000, uma melhoria (pequena que seja). E a propósito, quão sábio é usar um NT preparado por um servo (ou servos) de Satanás? (Por outro lado, afirmo que Deus preservou o texto original a tal ponto que podemos saber, e de fato sabemos, o que é.)

² Entretanto, não devo ser excessivamente severo em minha crítica a Warfield; ninguém mais sabia o que fazer também. O fato cruel era que a evidência relevante não existia em forma utilizável naquele momento. (Segue-se que qualquer defesa da preservação divina naquela época tinha que ser baseada na fé, fé de que Deus produziria a evidência em Seu tempo.) Parte do dano produzido pela teoria de Hort foi seu desdém pela vasta maioria dos manuscritos posteriores — eles não valiam o trabalho de cotejar e estudar. Uma vez que são precisamente esses MSS desdenhados que fornecem a evidência necessária, esse efeito soporífero da teoria de Hort atrasou a disponibilidade da evidência relevante por um século. Lembro-me de um dia na aula (em 1957), o professor encheu os pulmões e proclamou com entusiasmo: “Senhores, onde B e Aleph concordam, vocês têm o original”. O pobre homem obviamente nunca tinha lido o *Codex B and its Allies: A Study and an Indictment* de Herman C. Hoskier (publicado em 1914).

não receberam o amor à verdade, para que pudessem ser salvos. 11 Sim, por causa disso Deus lhes enviará um engano operante, a fim de que eles creiam na mentira, 12 e para que sejam condenados todos os que não creiam na verdade, mas antes tiveram prazer na iniquidade.” Embora o versículo dez esteja no contexto da atividade do Anticristo, que encontrará um alvo fácil em ‘aqueles que estão se desperdiçando’ (minha tradução), isso não significa que ninguém estará se desperdiçando antes dessa atividade. Obviamente, as pessoas têm se desperdiçado ao longo da história, e a causa subjacente para esse ‘desperdício’ nunca mudou – “eles não receberam o amor à verdade”. (Começou no Jardim.)

Por favor, observe atentamente o que é dito aqui: é o próprio Deus que envia o engano operante! E sobre quem Ele o envia? Sobre aqueles que não recebem o amor à verdade.¹ E qual é o propósito do engano operante? – a condenação daqueles que não creem na verdade. Ai, ai, isso é pesado. Observe que a verdade é **central** para a salvação de qualquer pessoa. Isso levanta a questão necessária: o que exatamente se entende por “a verdade”? Em João 14.6, o Soberano Jesus declarou ser Ele mesmo “a verdade”. Orando ao Pai em João 17.17 Ele disse: “Tua Palavra é a verdade”. Uma vez cada nos capítulos 14, 15 e 16 de João Ele se referiu à terceira pessoa da Trindade como “o Espírito da verdade”. Visto que o Filho está de volta ao Céu à direita do Pai, e o Espírito não é muito perceptível para a maioria de nós, na maioria das vezes, e visto que a Palavra é a espada do Espírito (Efésios 6.17), nosso principal acesso a 'a verdade' é através da Palavra de Deus, a Bíblia. A Bíblia oferece verdade proposicional, mas precisamos do Espírito Santo para iluminar essa verdade, e para ter o Espírito Santo devemos estar adequadamente relacionados com o Soberano Jesus.

Atenção, para que algo seja recebido, deve ser oferecido; não se pode crer em algo que nunca ouviu falar (Romanos 10.14). O uso do verbo “receber” implica claramente um ato de vontade por parte de quem não recebe a verdade; que o amor lhes foi oferecido ou disponibilizado, mas eles não o quiseram; eles queriam poder mentir e nutrir mentiras contadas por outros. Mas as consequências de tal escolha são terríveis; eles viraram as costas para a salvação. Suspeito que poucos cristãos no chamado ‘primeiro mundo’ realmente acreditam no que o Soberano Jesus disse em Mateus 7.14: aqueles que encontram o caminho da Vida são **poucos**! E não se esqueça de Apocalipse 22.15; “quem ama e pratica uma mentira” é excluído da Cidade celestial [qualquer mentira, incluindo a de Hort].² Considerarei aqui as implicações para um estudante que ingressa em uma escola de pós-graduação em teologia, por causa do que acontece se ele se tornar um professor, ou estudioso do NT, por sua vez.³

A maioria de tais alunos provavelmente vem de um ambiente evangélico e, sem dúvida, foi ensinado que a Bíblia é a Palavra de Deus e, portanto, inspirada. Alguns podem até ter aprendido a inspiração verbal e plenária. No entanto, na maioria das escolas teológicas,

¹ Por favor, note que não é suficiente meramente ‘aceitar’ a verdade; é necessário que amemos a verdade. Satanás nos tentaliza com fama e fortuna (nos termos dele, é claro), de sorte que amar a verdade requer determinação.

² Socorro! “Uma mentira” é bastante geral, sem limite. O que acontece se eu aceitar uma mentira sem perceber que é uma mentira? Mas o Texto não diz ‘aceita’; diz ‘ama’ e ‘pratica’. A implicação é que a evidência contrária à mentira está disponível, mas foi rejeitada ou deliberadamente ignorada – a pessoa se vendeu à mentira.

³ No nível de pós-graduação, o aluno tem a responsabilidade de avaliar o que está sendo ensinado – se for contrário ao Texto, não deve ser aceito. Lembro-me de um dia na capela, um erudito visitante estava expondo Romanos 10.9. Ele afirmou que o texto grego significa claramente “Jesus como Senhor”, mas depois tentou explicar por que a escola não acreditava nisso. Seu argumento foi bastante fraco; tanto que decidi me aprofundar na questão por mim mesmo.

você não pode conseguir um emprego como professor se não concordar em usar o texto grego eclético, com tudo o que isso implica. (Assim como você não pode conseguir um emprego de professor na maioria das universidades a menos que pelo menos finja acreditar na evolução.) Se a escola for pelo menos nominalmente conservadora, eles ainda dirão que a Bíblia é inspirada. Mas se um aluno levantar a questão da preservação do texto em sala de aula, haverá um silêncio desconfortável. Se foi preservado, ninguém sabe o que é ou aonde está. A lavagem cerebral foi tão completa que muitos (a maioria?) graduados do seminário nem sequer sabem que há alguma dúvida sobre o que lhes foi ensinado. Eles foram ensinados um ecletismo baseado na teoria de Hort, e para eles isso é tudo que existe.

Mas voltando ao nosso aluno, ele se vê cercado por professores cujo ofício é destruir sua fé em uma Bíblia inspirada com autoridade objetiva. É claro que, presumivelmente, muito poucos desses professores já pensaram nesses termos (portanto, eles se oporiam à minha declaração). Eles diriam que estão apenas fazendo seu trabalho, fazendo o que são pagos para fazer, sem se preocupar com os porquês e para quê.¹ Mas é claro que o aluno não espera isso; ele acredita que seus professores devem ser homens de Deus, e por isso está predisposto a acreditar neles. Além dessa predisposição (e é poderosa), quais são as ferramentas à sua disposição para fazer seu trabalho? Bem, eles têm ridicularização, sarcasmo, lavagem cerebral, pressão dos colegas e assistência satânica, para começar. (Também pode haver ameaças, notas baixas, ações disciplinares, jogo sujo e assim por diante – escrevo por experiência própria.) Mas, de longe, o mais sério é a ‘assistência satânica’, e aqui devo entrar em detalhes.

Voltando a 2 Tessalonicenses 2.10 e ao ‘amor à verdade’, conforme explicado acima, nosso principal acesso à ‘verdade’ é através da Palavra de Deus, a Bíblia. Nosso aluno pode ter ido à escola dominical, provavelmente ouvido sermões com pelo menos algum conteúdo bíblico e certamente tem seu próprio exemplar da Bíblia. Em suma, ele teve e continua tendo acesso à ‘verdade’. No entanto, o Espírito Santo deveras ‘fala’ conosco, se ouvirmos. Por exemplo: meu pai nasceu em 1906, e no devido tempo foi para o Moody Bible Institute e Wheaton College. Naquela época, a American Standard Version (ASV) era propagada como sendo a melhor coisa desde o Jardim do Éden; era ‘a rocha da integridade bíblica’, etc. etc. Agora, meu pai tinha a prática de ler a Bíblia inteira uma vez por ano, uma prática que ele manteve por toda a sua vida. Devido à propaganda em torno da ASV, ele conseguiu uma cópia e começou a lê-la. Foi leitura difícil desde o início, e ele logo teve que parar – o Espírito Santo simplesmente não o deixou continuar. Ele voltou para sua AV de confiança.

Imagino que pelo menos alguns dos meus leitores terão uma pergunta neste momento. Estou insinuando que qualquer um que abraçou a ASV não estava ouvindo o Espírito Santo quando ele tomou essa decisão? A resposta é, “Sim”. Obviamente, o mesmo vale para a teoria hortiana, etc. Infelizmente, poucos estudantes de teologia têm o hábito de consultar o Espírito Santo, e aqueles que o fazem são marcados para perseguição. Nenhum Estabelecimento pode tolerar quem ouve o Espírito Santo. Certamente, ou você se esqueceu de João 3.8? “O vento sopra onde quer, e você ouve seu som, mas não sabe de

¹ Para os eruditos mais antigos e estabelecidos, há também a questão do orgulho e do interesse adquirido; quem quer admitir que esteve errado toda a sua vida profissional? Depois, há a doutrina da ética profissional, deve-se respeitar os colegas (o respeito pelo colega supera o respeito pela verdade). [Não se deve perguntar de onde veio essa doutrina.] Outra coisa: onde uma escola ou instituição depende de ajuda financeira de fora, ela será ameaçada com a perda dessa ajuda, se não seguir a linha, e sua própria existência pode depender dessa ajuda.

onde vem nem para onde vai. Assim é com todo aquele que foi gerado pelo Espírito”. Observe que o Senhor está dizendo aqui que somos **nós** que devemos ser imprevisíveis, como o vento ou o Espírito (“vem” e “vai” estão no tempo presente). Se você estiver realmente sob o controle do Espírito, fará coisas inesperadas, assim como Ele faz.¹ Um Estabelecimento é definido por sua ‘camisa de força’, e o Espírito Santo não gosta de camisa de força, e vice-versa.

Em João 8.44, o Soberano Jesus declarou que “não há verdade” em Satanás, e que ele é o pai do mentir. Visto que Deus não pode mentir, Tito 1.2, sendo contrário à Sua essência, toda e qualquer mentira vem do inimigo. Então, o que acontece se você abraçar uma mentira? Você convida Satanás a entrar em tua mente. E o que ele faz ali? Ele estabelece uma fortaleza que prende você nessa mentira; você fica cego para a verdade sobre esse assunto.² É uma aplicação específica da verdade expressa em 2 Coríntios 4.4 – Satanás cega as mentes. Então, o que acontece com o nosso aluno? Com raríssimas exceções, ele sucumbe à pressão exercida pelas ferramentas já mencionadas. Ele aceita a linha do partido e, como é uma mentira, Satanás o cega para a verdade. Se ele se tornar um erudito influente, quase certamente ficará sob vigilância demoníaca (já que Satanás não é onipresente).

Há um equívoco comum que engana as pessoas neste ponto. Uma vez que qualquer pessoa genuinamente regenerada tem o Espírito Santo habitando nela, como pode Satanás ou um demônio estar na mente dessa pessoa? Há uma diferença fundamental entre presença e controle. Muitos poucos cristãos já entregaram conscientemente todas as áreas de suas vidas ao controle do Espírito Santo. O Espírito Santo é gente fina, ele não assumirá uma área contra a tua vontade (veja João 4.23-24). Quaisquer áreas que não estejam sob o controle do Espírito estão abertas à interferência do inimigo, e mais especialmente se você abraçar uma mentira. Ao abraçar uma mentira você entristece o Espírito Santo; não sábio (Efésios 4.30). Você também resiste a Ele; o que também não é sábio (Atos 7.51). Então, por que Deus não protege você? Porque você rejeitou o amor à verdade, e com isso Deus virou contra você! Quando Deus se volta contra você, quais são suas chances? Sem a proteção de Deus, você se torna presa de Satanás (1 Pedro 5.8).³

Qualquer um em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos um demônio age como agente de Satanás, quando algo mais do que a influência da cultura circundante é necessária - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica). Qualquer um em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Já que Satanás é o ‘pai’ do mentir (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente – isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

A venda da mentira é realizada de geração em geração, resultando em uma deserção contínua. A maioria dos professores são ‘papagaios’, simplesmente repetindo o que lhes

¹ Visto que Satanás está sempre turvando as águas com excessos e abusos, é necessário discernimento espiritual.

² Sobre esse assunto - você não ficará necessariamente cego em outros assuntos, ou pelo menos não no início.

³ Por favor, tenha em mente a sequência de causa e efeito – começa com a rejeição do amor à verdade. Não basta apenas ‘aceitar’ a verdade, é preciso amá-la. Para quem abraçou uma mentira, o único ‘remédio’ é voltar ao amor à verdade, rejeitando a mentira. Deus pode exigir uma renúncia pública da mentira.

foi ensinado, sem nunca voltar para verificar os fatos. Alguns eruditos mais antigos podem ter tomado conhecimento dos fatos, mas por causa do interesse pessoal não os mencionam a seus alunos; eles mantêm a linha do partido. Tudo isso faz parte do que poderíamos chamar de 'pecado geracional'.

Há pecado geracional dentro das famílias, em igrejas individuais, em escolas, em denominações e em segmentos mais amplos da Igreja. Um pecado geracional muito sério que é endêmico em amplas áreas da comunidade conservadora/evangélica em geral é a idolatria que eleva a razão humana acima da Palavra revelada de Deus. Essa idolatria se expressa em muitas frentes, mas talvez a fundamental esteja relacionada ao próprio Texto da Escritura – refiro-me à mentalidade que constantemente questiona o próprio texto do Texto, minando assim a confiança em sua integridade e autoridade.

A frase 'pecado geracional' implica que toda uma geração está praticando esse pecado. Isso envolve uma consequência muito séria: todas as gerações subsequentes recebem esse pecado como parte de seu 'fundo genético'; não é percebido como 'pecado', mas como 'verdade'. Mas sendo de fato uma mentira, torna-se uma fortaleza de Satanás em suas mentes e não é questionada. A única libertação desse pecado vem quando alguém volta ao seu início e analisa e expõe as falsas pressuposições e raciocínios que deram origem ao pecado. Mas tal pessoa não deve esperar ser bem recebida. Ele certamente será perseguido pelo 'Estabelecimento'. No entanto, se ele tiver um meio de divulgar suas descobertas, poderá influenciar o futuro.

Uma solução para o problema

Resta comentar novamente 2 Tessalonicenses 2.9-12:

9 Já a vinda daquele será segundo a operação de Satanás, com todo poder,¹ com sinais e prodígios mentirosos, 10 e com todo engano iníquo entre os que estão se desperdiçando, porque não receberam o amor à verdade,² para que pudessem ser salvos.³ 11 Sim, por causa disso Deus lhes enviará um engano operante, a fim de que eles creiam na mentira,⁴ 12 e para que sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas antes tiveram prazer na iniquidade.⁵

Atenção para a sequência: primeiro eles rejeitam o amor à verdade; é como uma consequência daquela escolha que Deus manda o engano. Podemos entender que existe um ponto onde não há retorno. Deus manda o engano para que sejam condenados. A única escolha inteligente é abraçar a verdade!

¹ Quando Satanás caiu, ele não perdeu seu poder.

² O uso do verbo 'receber' claramente indica um ato de volição da parte deles; aquele amor foi oferecido a eles, ou colocado a sua disposição, mas não quiseram. Eles queriam antes ter a opção de mentir e de nutrir mentiras proferidas por outros. As consequências de semelhante escolha são terríveis; viraram as costas para a salvação.

³ Sendo que só existem dois reinos espirituais neste mundo, o de Soberano Jesus e o de Satanás, "os que estão se desperdiçando", neste texto, ainda estão no reino de Satanás, e portanto estão totalmente abertos ao "engano iníquo" dele. O Texto diz claramente que eles estão se desperdiçando "porque não receberam o amor à verdade para que pudessem ser salvos". Tais pessoas não são salvas.

⁴ Em nossos dias, a melhor exemplificação "da mentira" talvez seja a teoria da evolução, como explicação de origens: 'Não existe Criador' – logo não haverá prestação de contas; portanto você pode fazer o que quiser. Quão terrível será o acordar!

⁵ "Tendo prazer na iniquidade" inclui o rejeitar da Verdade de um Criador moral que exigirá uma prestação de contas, ou mesmo rebelião declarada contra esse Criador (como Lúcifer/ Satanás).

Considere comigo as consequências dos fatos declarados nos versos 10 a 12 para uma nação inteira, como o Brasil. Temos muitos milhares de igrejas locais que se dizem cristãs. Mas conheço pouquíssimas que poderiam ser descritas como ‘amando a verdade’. Ninguém quer uma Bíblia com autoridade objetiva. Valores humanistas, relativistas e materialistas já tomaram conta das igrejas (para nem se comentar o apego ao poder de lideranças). Valores bíblicos não são mais aceitáveis. Como consequência, Satanás já tem controle do governo, da educação, da saúde, do comércio, do lazer – enfim, da cultura toda. As igrejas que já rejeitaram os valores bíblicos fazem parte do problema – já que rejeitaram “o amor à verdade”, já foram tomadas por um “engano operante”.

Notar que é o próprio Deus que manda o engano, com o objetivo declarado de condenar todos os que creram na mentira. Se o próprio Deus entrega um país inteiro ao “engano operante”, haverá saída possível para ele? O único ‘remédio’ possível é “o amor à verdade”. Nós que nos consideramos súditos genuínos do Soberano Jesus havemos de rogar a Ele que nos mostre como promover o amor à verdade nas igrejas e na sociedade geral. Aqui no Brasil talvez já seja tarde demais, mas se a graça de Deus ainda nos oferecer uma janela de oportunidade, temos de nos dedicar ao promover do amor à verdade por todos os meios possíveis.

Mas voltando ao assunto declarado deste artigo: o que eu disse sobre o Brasil se aplica também a críticos textuais. Uma vez que a crítica textual eclética é baseada em falsidades, ela pertence a Satanás. Visto que a maioria dos seminários teológicos e escolas bíblicas ensina crítica textual eclética, mesmo os mais conservadores, e visto que essa é a única opção que eles ensinam, a maioria dos alunos se forma pensando que é tudo o que existe. O graduado pode acreditar que o NT é inspirado e inerrante nos autógrafos, mas ele usa, e ensina a partir de um texto grego eclético e versões modernas baseadas em um texto eclético. Ele abraçou uma mentira porque confiava nos professores que lhe garantiram que era a verdade. Mas essa mentira se tornou uma fortaleza de Satanás em sua mente, e é por isso que tantos evangélicos parecem incapazes de reconsiderar o que aprenderam. Muito pior, se o próprio Deus envia engano operante para dentro de suas mentes, porque eles abraçaram uma mentira, como podem eles escapar? No entanto, Deus é justo e levará em conta todos os fatores relevantes. Alguém que está determinado a ensinar e defender a mentira provavelmente está em maus lençóis.

Agora, qualquer solução para o problema deve ser efetuada no âmbito espiritual. As pessoas não mudarão a menos que a interferência maligna em suas mentes seja cancelada. Então, com base em que podemos neutralizar a interferência? A questão mais fundamental para a vida humana neste planeta é a da autoridade: quem a possui, em que grau e em que termos? Como os principais sacerdotes disseram a Jesus: “Com que autoridade você está fazendo isto?” (Lucas 20.2). Após Sua morte e ressurreição, o Soberano Jesus disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra” (Mateus 28.18). Então Ele está perfeitamente dentro de Seus direitos, claramente competente, para delegar uma parte dessa autoridade para nós. Considere Lucas 10.19: “Atenção, estou dando a vocês a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões,¹ bem como sobre todo o poder do inimigo,

¹ O Senhor nos dá autoridade para “pisotear serpentes e escorpiões”. Ora, ora, para esmagar o inseto literal, um escorpião, você não precisa de poder do Alto, basta um chinelo (se você for rápido, pode até fazê-lo descalço). Para pisotear uma cobra eu prefiro uma bota, mas podemos matar cobras literais sem ajuda sobrenatural. Torna-se óbvio que Jesus estava se referindo a algo além de répteis e insetos. Entendo que Marcos 16.18 esteja se referindo à mesma realidade - Jesus declara que certos sinais acompanharão os crentes (a maneira de falar praticamente tem o efeito de comandos): eles expulsarão

e nada poderá lhes fazer mal algum.” Em vez de 'estou dando', talvez 2,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, trazem 'dei' (como em NVI, ARA, LH, CON, etc.) – um erro grave. Jesus disse isso talvez cinco meses antes de Sua morte e ressurreição, dirigindo-se aos setenta (não apenas aos doze). O Senhor estava se referindo ao futuro, não ao passado, um futuro que inclui a nós!

Considere ainda João 20.21: Jesus lhes disse novamente: “Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês”. “Assim como... também” – Jesus está nos enviando assim como o Pai O enviou. Então, como eles fizeram? O Pai determinou e o Filho obedeceu: “Deveras, estou aqui para fazer a tua vontade, ó Deus” (Hebreus 10.7). E o que foi essa vontade? Destruir Satanás (Hebreus 2.14) e desfazer suas obras (1 João 3.8). Uma vez que Jesus realmente derrotou Satanás (Colossenses 2.15, Efésios 1.20-21, etc.), mas depois voltou para o Céu, o que nos resta é o desfazer de suas obras.¹ Parece-me claro que para desfazer qualquer obra devemos também desfazer suas consequências (na medida em que isso seja possível).

Considere também Efésios 2.4-6: “Mas Deus – sendo rico em misericórdia, pelo Seu grande amor com que nos amou, mesmo estando nós mortos nas transgressões – nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos); sim, nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus”. Isso é tremendo! Aqui temos nossa autoridade. Cristo está agora sentado à direita do Pai, “muito acima” do inimigo e suas hostes. Este versículo afirma que nós que estamos em Cristo também estamos lá! Assim, em Cristo também estamos muito acima do inimigo e suas hostes.² Certamente, ou não é isso que está declarado em Efésios 1.16-21?

Eu deveras não paro de dar graças por vocês, fazendo menção de vocês nas minhas orações: para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda um espírito de sabedoria e de revelação, visando um real conhecimento³ dEle próprio, os olhos do vosso coração tendo sido iluminados para que possam saber: qual é a esperança da chamada dEle, e qual a riqueza da gloriosa herança dEle nos santos,

demônios, falarão línguas estranhas, removerão 'serpentes' e colocarão as mãos sobre os doentes. (“Se beberem...” não é uma ordem; refere-se a uma eventualidade.) Mas o que o Senhor Jesus quis dizer com “cobras”?

Em uma lista de atividades distintas, Jesus já se referiu a demônios, de sorte que as ‘cobras’ devem ser outra coisa. Em Mateus 12.34, Jesus chamou os fariseus de “raça de víboras”, e em 23.33, de “cobras, raça de víboras”. Em João 8.44, depois que eles reivindicaram Deus como seu pai, Jesus disse: “Vocês são de seu pai, o diabo”. E 1 João 3.10 deixa claro que Satanás tem muitos outros ‘filhos’ (assim também Mateus 13.38-39). Em Apocalipse 20.2 lemos: “Ele pegou o dragão, a antiga serpente, que é um caluniador, a saber, o Satanás, que engana toda a terra habitada, e o amarrou por mil anos.” Se Satanás é uma cobra, então seus filhos também são cobras. Então, eu entendo que nossas ‘cobras’ são seres humanos que escolheram servir a Satanás, que se venderam ao mal. Concluo que as “cobras” em Lucas 10.19 são as mesmas de Marcos 16.18, mas e os “escorpiões”? Uma vez que eles também são do inimigo, eles podem ser demônios, caso em que o termo pode incluir seus descendentes, os humanoides (para mais informações veja meu artigo, “Nos Dias de Noé”, disponível em www.prunch.com.br). Ainda estou trabalhando na questão de como a remoção é feita.

¹ Para saber mais sobre este assunto, veja meu artigo, “Guerra Espiritual Bíblica” (disponível em www.prunch.com.br).

² Devemos operar conscientemente nessa base, mas como poucas igrejas ensinam isso, a maioria dos cristãos vive em derrota espiritual.

³ Finalmente escolhi ‘real conhecimento’ como sendo a melhor tradução para *επιγνωσις*, a forma enfatizada de *γνωσις*, ‘conhecimento’. Real conhecimento é mais do que conhecimento intelectual, ou até mesmo de conhecimento teórico que é verdadeiro – inclui experiência. O Texto prossegue dizendo, “os olhos do vosso **coração** tendo sido iluminados”. Real conhecimento muda o teu ‘coração’, o que você é.

e qual a incomparável grandeza do poder dEle dentro¹ de nós que estamos crendo, segundo a demonstração do alcance de Sua força, a qual Ele exerceu no Cristo quando O ressuscitou dentre os mortos e O fez sentar à Sua direita nas regiões celestiais, muito acima de todo governo, autoridade, poder e domínio – mesmo todo nome que se pode nomear, não só nesta era, mas também na vindoura.

Agora, “muito acima de todo governo, autoridade, poder e domínio – mesmo todo nome que se pode nomear, não só nesta era, mas também na vindoura” deve incluir Satanás e seus anjos. Se Cristo, sentado à direita do Pai, está “**muito** acima” deles, e nós estamos Nele, sentados à direita do Pai, então nós também estamos acima de todas as hostes do inimigo. Essa é a nossa posição e autoridade para neutralizar a interferência.

Muito bem, mas como vamos fazer isso? Os profissionais religiosos (líderes de igreja, professores de seminário, etc.) são parte do problema, de sorte que não podemos esperar que eles façam nada. Os poucos que não estão presos por Satanás não sabem o que fazer, ou têm medo de agir. Segue-se que qualquer solução para o problema deve ser buscada por seguidores sinceros do Soberano Jesus com outras e diferentes ocupações. O que se segue foi escrito para tais seguidores. Se você é um deles, deve perguntar ao Espírito Santo o que Ele quer que você faça em sua situação específica.

Prosseguindo, em que nível devemos ‘neutralizar’? Os candidatos que se sugerem são: instituições, professores, alunos, líderes eclesiais e leigos. Que tal trabalhar em todos os níveis? Em seguida, que procedimentos estão à nossa disposição para fazer a neutralização? Eu ofereço o seguinte: a) proibir qualquer uso a mais do poder de Satanás, em um caso específico; b) reivindicar o desfazimento das consequências do uso daquele poder que tenha havido (na medida do possível); c) destruir qualquer fortaleza de Satanás em suas mentes (incluindo pontos cegos); d) amarrar quaisquer demônios envolvidos e enviá-los para o Abismo, proibindo qualquer outra atividade demoníaca; e) levar cativos os seus pensamentos à obediência de Cristo. Na minha experiência, para sermos eficientes precisamos ser específicos: nomear a instituição; nomeie a pessoa.

Mas só um minuto, submeto à consideração que fé é um pré-requisito básico para fazer uso de nossa posição e autoridade. O treinamento teológico que eu mesmo recebi me programou para não esperar manifestações sobrenaturais de poder em e através de minha vida e ministério. Como resultado, pessoalmente acho difícil exercer o tipo de fé que o Senhor Jesus exige. Considerar:

Em Mateus 8.5-13 o centurião entendia a respeito de autoridade – ele dava ordens e elas eram obedecidas, prontamente e sem questionar.² Mas o Senhor Jesus disse que ele

¹ “Dentro de nós” – é isso que o Texto diz. Notar que “estamos crendo” é tempo presente. Considere 3.20. “Agora, Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou imaginamos, de acordo com o poder que está operando em nós.” Notar que o verbo está no tempo presente; ter crido ontem não resolve, temos de estar crendo hoje. Este incomparável poder que Deus disponibiliza dentro de nós, ao passo que cremos, excede a nossa capacidade de imaginar. Ora vejam, o meu horizonte particular é limitado e definido por minha capacidade de imaginar. Qualquer coisa que não consigo imaginar fica do lado de fora do meu horizonte, e obviamente não posso pedi-la. Com tristeza confesso que ainda não alcancei um nível espiritual que me permita manusear esse poder – ainda não consegui fazer a verdade descrita neste verso funcionar na minha vida. Mas entendo que a verdade aqui afirmada é literal, e espero que outros alcancem antes de mim (para eu poder aprender com eles), caso eu continuar demorando. O propósito dessa verdade (verso 21) é que Deus seja glorificado [não para eu ficar curtindo, se bem que, se um dia eu chegar lá, certamente vou curtir!], e na medida em que nós não utilizamos o poder dEle, estaremos privando-o da glória que Ele poderia e deveria receber.

² O centurião não disse: “Na autoridade de Roma...”, ele apenas disse: “Faça isso; faça aquilo.” O Senhor Jesus não disse: “Na autoridade do Pai...”, Ele apenas disse: “Seja limpo! Vai!” Em Lucas 10.19 Ele disse:

tinha uma fé extraordinariamente grande – fé em quê? Fé na autoridade espiritual do Senhor; Ele poderia simplesmente dar uma ordem e isso aconteceria. Talvez devêssemos entender esse tipo de fé como uma confiança absoluta, sem sombra de dúvida ou medo. Em Mateus 21.21 o Senhor disse: “Certamente... se você tiver fé e não duvidar” (veja Marcos 11.23, “não duvidar em seu coração”) você pode (na verdade “fará”) murchar uma árvore ou enviar uma montanha para o mar. Veja também Hebreus 10.22, “plena certeza de fé”, 1 Timóteo 2.8, “orar... sem duvidar”, Tiago 1.6, “pedir com fé sem duvidar”. Marcos 5.34 e Mateus 15.28 oferecem exemplos positivos.

Se alguém der uma comissão, presumivelmente a apoiará até o limite de sua capacidade. Uma vez que a capacidade de Cristo não tem limite, Seu apoio não tem limite (da parte dEle). Em Mateus 28.18 Ele disse: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra”. Em seguida, vem a comissão: “Ao ir, fazei discípulos... ensinando-os a obedecer a todas as coisas que vós ordenei” – o pronome se refere aos onze apóstolos (versículo 16). Então, que ordens Jesus deu aos Onze? Entre outras coisas, “curar os enfermos, purificar os leprosos, expulsar demônios” (em Mateus 10.8 talvez 94% dos manuscritos gregos não têm “ressuscitar os mortos”). Os Onze também ouviram João 20.21. Sabendo que estamos sendo apoiados pelo Soberano do universo, que tem toda autoridade e poder, podemos e devemos agir com total confiança.

Uma palavra de cautela é necessária neste ponto. Considere Tiago 4.7 — “Portanto, submetem-se a Deus. Resistem ao diabo, e ele fugirá de vocês”. Observe a sequência: precisamos verificar se estamos em submissão a Deus antes de enfrentar o diabo. Então devemos reivindicar nossa posição em Cristo à direita do Pai. Uma vez que poucos cristãos receberam qualquer nível remotamente adequado de instrução na área da guerra espiritual bíblica (a maioria não recebeu nenhum), preciso explicar os procedimentos.

Proibir qualquer uso a mais do poder de Satanás:

Este procedimento é baseado em Lucas 10.19. O Soberano Jesus nos dá ‘a’ autoridade sobre todo o poder do inimigo. Autoridade controla poder, mas como temos acesso ao poder ilimitado de Deus (Efésios 3.20), não devemos dar a Satanás a satisfação de usarmos o dele (e ele poderia facilmente nos enganar e levar a fazer coisas que não deveríamos). Devemos usar nossa autoridade para proibir o uso do poder de Satanás, com referência a situações específicas – na minha experiência, temos de ser específicos. (Já tentei amarrar Satanás de uma vez por todas até o fim do mundo, mas não funcionou; presumivelmente porque o plano de Deus exige a atividade contínua do inimigo neste mundo. Podemos limitar o que o inimigo faz, mas não colocá-lo completamente fora de ação, ou assim entendo.) Mas exatamente como devemos fazer isso?

Na armadura descrita em Efésios 6 encontramos “a espada do Espírito” (versículo 17). Uma espada é uma arma de ataque, embora também seja usada para defesa. O Texto nos diz que essa espada é “a *ρημα* de Deus” – *ρημα*, não *λογος*. É a Palavra de Deus falada, ou aplicada. Realmente, de que serve uma espada deixada em sua bainha? Por mais maravilhosa que seja nossa Espada (Hebreus 4.12), para produzir efeito ela deve sair da bainha. A Palavra precisa ser falada ou escrita – aplicada de forma específica.

Na Bíblia temos muitos exemplos em que as pessoas colocaram o poder de Deus em ação falando. Nosso mundo começou com uma palavra criativa de Deus – falada (Gênesis, 1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26; e veja Hebreus 11.3). Moisés falou muito. Elias falou (1 Reis 17.1,

“Eu vos dou a autoridade sobre todo o poder do inimigo” – então, nós temos a autoridade; então, cabe a nós falar! Assim como Jesus fez.

18.36-38, 2 Reis 1.10, 12). Eliseu falou (2 Reis 2.14, 21-22, 24; 4.16, 43; 6.18). Jesus falou muito. Ananias falou (Atos 9.17-18). Pedro falou (Atos 9.34, 40). Paulo falou (Atos 13.11; 14.3, 10; 16.18; 20.10; 28.8). Resumindo, precisamos falar!

Reivindicar o desfazer das consequências do uso desse poder que já houve:

Este procedimento é baseado em 1 João 3.8, aliado a Lucas 10.19. Deveria ser possível para nós ordenar a Satanás que use seu próprio poder para desfazer bagunças que ele fez, obrigando-o assim a reconhecer sua derrota (o que não agrada a seu orgulho). O Filho de Deus foi manifestado com o propósito de “desfazer as obras do diabo” (1 João 3.8), e cabe a nós continuar Sua obra aqui neste mundo (João 20.21). Como seria possível desfazer um trabalho sem desfazer suas consequências também? O Pai enviou o Filho para desfazer as obras de Satanás, e o Senhor Jesus Cristo está nos enviando para desfazer as obras de Satanás. Mais uma vez, entendo que devemos ser específicos.

Destruir quaisquer fortalezas de Satanás na mente da pessoa:

Este procedimento é baseado em 2 Coríntios 10.4 e 1 João 3.8. Já que fortalezas, e pontos cegos, na mente são obra de Satanás, e estamos aqui para desfazer tais obras, isso se enquadra na área de nossa competência. É feito reivindicando tal destruição em tantas palavras, sendo específico.

Amarrar quaisquer demônios envolvidos e mandá-los para o Abismo:

Este procedimento é baseado em Marcos 3.27 e Lucas 8.31. “Ninguém pode saquear os bens do homem forte, invadindo sua casa, se primeiro não amarrar o homem forte – depois pode saquear a casa” (Marcos 3.27). Como o artigo definido ocorre com “homem forte” na primeira vez que a frase ocorre, a entidade já foi introduzida, de sorte que a referência é a Satanás. Aqui está uma base bíblica para amarrar Satanás, o que agora é possível por causa da vitória de Cristo. Se podemos amarrar Satanás, evidentemente também podemos amarrar qualquer um de seus subordinados. “E ele¹ ficou implorando-lhe que Ele não ordenasse que eles fossem para dentro do Abismo” (Lucas 8.31).² Entendo que Jesus não os tenha enviado para o Abismo naquele momento porque Ele ainda não havia conquistado a vitória, e os demônios estavam ‘dentro de seus direitos’, sob Satanás, que ainda era o deus deste mundo. Mas os demônios estavam obviamente preocupados! (Eles sabiam muito bem quem era Jesus, e o que Ele poderia fazer.) Eu diria que esta é uma das “coisas maiores” (João 14.12) que podemos fazer agora – quer dizer, que deveríamos fazer. Quanto a proibir qualquer atividade demoníaca adicional, temos o exemplo do Senhor (Marcos 9.25), e devemos fazer o que Ele fez (João 14.12).

Levar os pensamentos deles cativos à obediência de Cristo:

Este procedimento é baseado em 2 Coríntios 10.5. No contexto, os pensamentos são de pessoas que estão servindo a Satanás (mesmo sem se dar conta disso). (É claro que devemos sempre verificar para ter certeza de que nós mesmos estamos operando dentro da 'mente de Cristo', 1 Coríntios 2.15-16). Ora, este procedimento afasta-se de simplesmente neutralizar a interferência do inimigo, já que introduz uma ‘interferência’ positiva, mas é relevante para a questão que está sendo discutida aqui, uma vez que é proteção contra a recaída para o erro anterior. Novamente, devemos ser específicos.

¹ O demônio chefe é quem mais fala, representando sua coorte.

² O Texto tem ‘o Abismo’, presumivelmente o mesmo mencionado em Apocalipse 20.3. Os demônios sabiam algo que a maioria de nós não sabe.

Alguns outros textos que podem ser aplicáveis: Lucas 4.18-21, Salmo 149.5-9, João 14.12.

Em Lucas 4.18-21 Jesus inclui “pôr em liberdade os oprimidos” (Isaías 58.6) como uma das coisas que Ele foi enviado para fazer. Voltando a Isaías 58.6, encontramos Jeová declarando que tipo de ‘jejum’ Ele gostaria de ver: “Afrouxar os grilhões da iniquidade [a], desfazer as cordas da canga [b]; libertar os oprimidos [a], e que vocês quebrem todo jugo [b]”. Como é típico da gramática hebraica, as duas metades são paralelas. “Afrouxar os grilhões da iniquidade” e “libertar os oprimidos” são paralelos. Quem colocou os “grilhões” e quem está oprimindo? Bem, embora as pessoas certamente possam forjar seus próprios laços por meio de seu próprio estilo de vida perverso, entendo que o ponto aqui é que seres perversos colocaram os grilhões nos outros. “Desfazer as cordas da canga” e “que vocês quebrem todo jugo” andam juntos. Primeiro devemos desamarrar as cordas que prendem o jugo ao pescoço, depois devemos quebrar os próprios jugos. Tenho a clara impressão de que este texto está falando sobre a atividade dos servos de Satanás, homens e anjos. Usando cultura, cosmovisão, dispositivos legais, ameaças, chantagens, mentiras, enganos e simplesmente demonização e feitiçaria, eles prendem indivíduos, famílias, grupos étnicos, etc., com uma variedade de grilhões e instrumentos de opressão.

Então, o que isso tem a ver com o nosso assunto? Bem, o jejum era um componente importante e necessário em sua adoração a Deus. Portanto, esse tipo de ‘jejum’ é algo que Jeová deseja abertamente ver; é especificamente Sua vontade. Então, quando vemos qualquer obra de Satanás na vida de alguém, é a vontade de Deus que a desfaçamos. Se soubermos que é a vontade de Deus, podemos prosseguir com total confiança. E é parte de nossa comissão (João 20.21).

Observe também Salmos 149.5-9. “Exultem de glória os santos, cantem de júbilo nas suas camas. Estejam os altos louvores de Deus na sua boca, e uma espada de dois gumes na sua mão, para executar vingança sobre as nações e castigo sobre os povos; para prender os seus reis com correntes e os seus nobres com grilhões de ferro; para impor a eles a sentença escrita. Esta honra é para todos os Seus santos.” Observe que os santos estão em suas camas, de sorte que a atividade descrita nos versículos subsequentes deve ocorrer no âmbito espiritual. Presumo que os “reis” e “nobres” incluem tanto homens quanto anjos caídos. A atividade descrita é prerrogativa de “todos os Seus santos” – se você é um desses santos, depende de você. Há várias “sentenças escritas” no Texto: Zacarias 5.2-4, Provérbios 20.10, Isaías 10.1-2, Romanos 1.26-36 e 1 Coríntios 6.9-10, pelo menos.

Em João 14.12 o Senhor Jesus disse: “Com toda certeza eu vos digo: Aquele que crê para dentro de mim, ele também fará as obras que eu faço; aliás, fará maiores do que estas, porque estou indo para meu Pai”. “Com toda certeza” é na verdade “amém, amém” – traduzido “em verdade, em verdade” em várias versões. Somente João registra a palavra como repetida, nos demais Evangelhos é apenas “amém”. Na literatura contemporânea não temos exemplo de mais ninguém usando a palavra dessa maneira. Parece que Jesus cunhou Seu próprio uso, e o ponto parece ser chamar a atenção para um pronunciamento importante: “Pare e ouça!” Frequentemente precede uma declaração formal de doutrina ou política, como aqui.

“Aquele que crê para dentro de mim, ele também fará as obras que eu faço.” Esta é uma declaração tremenda, e não um pouco desconcertante. Observe que o Senhor disse, “fará”; não ‘talvez’, ‘quem sabe’, ‘se você quiser’; e certamente não “se a doutrina de sua igreja permitir”! Se você crê, você vai fazer! O verbo ‘crer’ está no tempo presente; se você está crendo, você fará; segue-se que se você não está fazendo, é porque você não

está crendo. $2 + 2 = 4$. Fazendo o quê? “As obras que eu faço.” Bem, Jesus pregou o Evangelho, Ele ensinou, Ele expulsou demônios, Ele curou todos os tipos e tamanhos de doenças e enfermidades, Ele ressuscitou uma pessoa morta cá e lá, e Ele realizou uma variedade de milagres (água em vinho, andar sobre a água, parar uma tempestade instantaneamente, transportar um barco vários quilômetros instantaneamente, multiplicar comida, murchar uma árvore - e Ele deu a entender que os discípulos deveriam ter parado a tempestade e multiplicado a comida, e Ele afirmou que eles poderiam murchar uma árvore [Pedro realmente deu alguns passos na água]). Então, e nós? Podemos lidar com a pregação e o ensino, mas e o resto? Certa feita ouvi o presidente de uma certa universidade cristã afirmar que este versículo obviamente não poderia significar o que diz porque não estava acontecendo! Bem, em sua própria experiência e na de seus associados, acho que não. Mas muitas pessoas hoje expulsam demônios e curam, e eu pessoalmente conheço alguém que ressuscitou uma pessoa morta. Milagres também estão acontecendo. Então, e eu? E você?

“Aliás, fará maiores do que estas.” Ora, ora, se expulsarmos demônios, curarmos e realizarmos milagres, isso não é suficiente? Jesus quer mais, Ele quer “coisas maiores” do que as mencionadas [não se esqueça do que Ele disse em Mateus 7.22-23]. Observe novamente que Ele disse “vai fazer”, não talvez, ou se sua igreja permitir. Mas o que poderia ser “maior” do que milagres? Isso não pode se referir à tecnologia moderna porque, nesse caso, tais “coisas maiores” não estariam disponíveis para os crentes durante os primeiros 1900 anos. Observe que a chave está na declaração final do Senhor (no versículo 12), “porque estou indo para meu Pai”. Somente se Ele vencesse, Ele poderia retornar ao Pai, de sorte que Ele está aqui declarando Sua vitória antes do fato. É com base nessa vitória que as “coisas maiores” podem ser realizadas. E o que são essas coisas “maiores”? Para minha resposta, veja meu esboço, “Guerra Espiritual Bíblica”.

No versículo 12 o verbo ‘fará’ é singular, ambas as vezes, de sorte que tem a ver com o indivíduo. Observe que o Senhor não disse, “vocês apóstolos”, “somente durante a era apostólica”, “somente até que o cânon esteja completo”, ou como queira. Ele disse, “aquele que crê”, tempo presente, e então isso se aplica a todo e qualquer momento subsequente até o nosso tempo.¹

Conclusão

As pessoas que negam a existência do Criador e, portanto, de um texto inspirado, não têm motivos para participar do debate (exceto na tentativa de defender sua própria descrença, ou se estiverem conscientemente servindo a Satanás). O NT ganha a sua importância por ser divinamente inspirado; se não for inspirado, não adianta perder tempo criticando seu texto (seria irrelevante para hoje). Mesmo assim, a maioria dos críticos textuais do NT não acredita em sua inspiração divina. Então, o que os motiva? Eles me lembram as palavras do Soberano em Mateus 23.14 (ou 13 na FIEL). “Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas!! Porque vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens; sim, nem vocês mesmos entram, nem deixam entrar os que tentam fazê-lo.”. Também em

¹ Além disso, afirmar que os dons milagrosos cessaram quando a última pá de terra caiu na cova do apóstolo João é uma falsidade histórica. Cristãos que viveram durante os séculos II, III e IV, cujos escritos chegaram até nós, afirmam que os dons ainda estavam em uso em seus dias. Nenhum cristão do século 20 ou 21, que não estava lá, é competente para contradizê-los. E, por favor, veja a nota de rodapé em 1 Coríntios 13.12 na minha tradução, *O Soberano Criador já Falou*. Qualquer ‘cessacionista’ terá uma fortaleza de Satanás em sua mente sobre esse assunto, porque ele abraçou uma mentira. Qualquer doutrina que deriva da reação contra excessos e abusos dá vitória a Satanás. Qualquer argumento destinado a justificar a falta de poder espiritual não pode estar certo.

Lucas 11.52. “Ai de vocês peritos na Lei! Vocês removeram a chave do conhecimento; vocês mesmos não entraram, e impediram os que estavam para entrar!” Eles eram realmente perversos. Se eles próprios não quisessem entrar, a escolha era deles; mas tentar deter os outros era realmente perverso! Aqueles caras eram realmente sujos.

Estou bem ciente de que fui direto, que usei linguagem forte, mas estou em boa companhia. Leia novamente Mateus 23.13-33, onde Jesus censurou os escribas e fariseus. Aqui está o versículo 33: “Serpentes! Raça de víboras! Como podem vocês escapar da condenação do Inferno?” O Senhor estava mais preocupado com seu destino eterno (ver João 5.34 e 40) do que com suas sensibilidades, seus pobres sentimentos, mas Ele também estava reagindo ao dano que eles haviam infligido aos outros. Fica-se com a impressão de que as pessoas simplesmente não querem levar a sério tudo o que a Bíblia diz sobre a natureza de Deus. Seu amor inclui necessariamente um ódio ao mal, por causa do dano que o mal causa aos objetos de Seu amor. Deus é amor, mas Ele também é justiça e ira. Não temos como realmente entender quão terrível foi o preço que Jeová, o Filho, pagou por nossa redenção. O Filho não aceitará gentilmente o desprezo de Seu sacrifício. Apocalipse 19.15 declara que o Filho pisará o lagar da fúria da ira do Deus Todo-Poderoso sozinho! É o Filho que se assentará no Grande Trono Branco,¹ e a ira em Sua face será tão terrível que até o céu fugirá (Apocalipse 20.11)!

Gente, é hora de parar e pensar! Se o próprio Deus inserir um engano operante na sua mente, você está morto! Você está condenado! Você absolutamente não quer fazer nada que possa levar Deus a fazer isso! Você absolutamente não quer rejeitar o amor à verdade. Se você já o fez, deve prostrar-se diante de Deus e implorar Seu perdão. Isso é o que Davi fez no Salmo 51; ele se entregou à misericórdia de Deus. Ele sabia perfeitamente que não havia sacrifício para o que havia feito. (Os sacrifícios prescritos pela Lei eram apenas para 'pecados de ignorância'.) Se você sofreu uma lavagem cerebral e não entendeu o que aconteceu com você, o Justo Juiz considerará todos os fatores relevantes. Mas é melhor você ter uma conversa franca com Ele e perguntar a Ele o que você pode fazer visando desfazer ou aliviar o dano que você infligiu a outros.

Conclusão: Visto que a crítica textual existe apenas para um texto considerado perdido, a mera ideia de criticar o texto do NT já é contra Jesus. Um crítico está acima do texto que está criticando. Eu sou um estudioso do NT, não crítico; o Texto está acima de mim. Eu tenho uma teoria da preservação do Texto, porque o texto nunca foi perdido. Dito isso, permanece o fato de que os MSS existentes nos apresentam leituras diferentes. Precisamos cotejar e estudar os MSS, mas precisamos de um novo nome para isso: sugiro ‘Manuscritologia’.

Temos evidências históricas para apoiar as seguintes declarações: 1) os apóstolos sabiam que estavam escrevendo Escritura; 2) os apóstolos sabiam que os colegas estavam escrevendo Escritura; 3) seus cristãos contemporâneos reconheceram imediatamente que aqueles escritos eram Escritura; 4) portanto, preocupavam-se com sua proteção e preservação; 5) a proliferação de cópias bem feitas começou logo; 6) houve uma transmissão normal desses escritos desde o início e ao longo dos séculos; 7) assim, a redação original nunca foi perdida. Além disso, acredito ter demonstrado que podemos saber e de fato sabemos qual é essa redação, com base em um procedimento empírico objetivo.

Toda glória a Deus; Ele preservou o Seu Texto!

¹ Em João 5.22, Jesus declarou que o Pai confiou todo o julgamento a Ele.

REFERÊNCIAS (Obras Consultadas)

- Aland, Kurt. "The Greek New Testament: its Present and Future Editions," *Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (1968).
- _____. "Neue Neutestamentliche Papyri III." *New Testament Studies*, XX (July, 1974).
- _____. "The Present Position of New Testament Textual Criticism," *Studia Evangelica*, ed. F. L. Cross and others. Berlin: Akademie – Verlag, 1959. Pp. 717-31.
- _____. "The Significance of the Papyri for Progress in New Testament Research," *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J. P. Hyatt. New York: Abingdon Press, 1965. Pp. 325-46.
- _____. *Synopsis Quattuor Evangeliorum*. Stuttgart: Wurttembergische Bibelanstalt, 1964.
- _____. "The Text of the Church?," *Trinity Journal*, (1987) 8NS:131-144.
- Aland, Kurt (ed.). *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.
- Aland, Kurt and Aland, Barbara. *The Text of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.
- Aland, Kurt, Black, Matthew, Metzger, Bruce M., and Wikgren, Allen (eds.). *The Greek New Testament*, New York: American Bible Society, 1966.
- Aland, Kurt, Black, Matthew, Martini, Carlo M., Metzger, Bruce M., and Wikgren, Allen (eds.). *The Greek New Testament*, 3rd ed. New York: United Bible Societies, 1975.
- Anderson, H. and Barclay, W. (eds.). *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective*. Oxford: Basil Blackwell, 1965.
- Aune, D. E. (ed.). *Studies in New Testament and Early Christian Literature*. Leiden: E.J. Brill, 1972.
- Baillet, M. "Les manuscrits de la Grotte 7 de Qumran et le N. T." *Biblica*, LIII (1972).
- Barry, G. D. *The Inspiration and Authority of Holy Scripture*. New York: The Macmillan Company, 1919.
- Bartlett, J. V. *The New Testament in the Apostolic Fathers*. Oxford: Clarendon Press, 1905.
- Birdsall, J. N. *The Bodmer Papyrus of the Gospel of John*. London: Tyndale Press, 1960.
- _____. "The Text of the Gospels in Photius," *Journal of Theological Studies*, VII (1956).
- Birdsall, J. N. and Thomson, R. W. (eds.). *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*. New York: Herder, 1963.
- Black, Matthew. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. Oxford: Oxford University Press, 1946.
- Burgon, John William. *The Causes of the Corruption of the Traditional Text of the Holy Gospels*. Arranged, completed, and edited by Edward Miller. London: George Bell and Sons, 1896.
- _____. *The Last Twelve Verses of the Gospel According to S. Mark*. Ann Arbor, Michigan: The Sovereign Grace Book Club, 1959.
- _____. *The Revision Revised*. London: John Murray, 1883.
- _____. *The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Arranged, completed, and edited by Edward Miller. London: George Bell and Sons, 1896.
- Burkitt, Francis C. *Evangelion da-Mepharreshe*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1904.
- Buttrick, George A. and others (eds.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4 vols. New York: Abingdon Press, 1962.
- Carson, D. A. *The King James Version Debate*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.
- Clark, K. W. "The Effect of Recent Textual Criticism upon New Testament Studies," *The Background of the New Testament and its Eschatology*, ed. W. D. Davies and D. Daube. Cambridge: The Cambridge University Press, 1956. Pp. 27-51.
- _____. "The Manuscripts of the Greek New Testament," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M. M. Parvis and A. P. Wikgren. Chicago: The University of Chicago Press, 1950. Pp. 1-24.
- _____. "The Theological Relevance of Textual Variation in Current Criticism of the Greek New Testament," *Journal of Biblical Literature*, LXXXV (1966).

- _____. "Today's Problems with the Critical Text of the New Testament," *Transitions in Biblical Scholarship*, ed. J. C. R. Rylaarsdam. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.
- Colwell, Ernest Cadman. "Biblical Criticism: Lower and Higher," *Journal of Biblical Literature*, LXVII (1948), 1-12.
- _____. "The Complex Character of the Late Byzantine Text of the Gospels," *Journal of Biblical Literature*, LIV (1935), 211-21.
- _____. "External Evidence and New Testament Criticism," *Studies in the History and Text of the New Testament*, ed. B. L. Daniels and M. J. Suggs. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- _____. "Genealogical Method: Its Achievements and its Limitations," *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 109-33.
- _____. "The Greek New Testament with a Limited Critical Apparatus: its Nature and Uses," *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D. E. Aune. Leiden: E. J. Brill, 1972.
- _____. "Hort Redivivus: A Plea and a Program," *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E. C. Colwell. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- _____. "The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts," *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikgren. Chicago: Quadrangle Books, 1961. Pp. 128-38.
- _____. "Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text," *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J. P. Hyatt. New York: Abingdon Press, 1965. Pp. 370-89.
- _____. "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 73-92.
- _____. *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- _____. *What is the Best New Testament?* Chicago: The University of Chicago Press, 1952.
- Colwell, Ernest Cadman and Riddle, Donald W. (eds.). *Studies in the Lectionary Text of the Greek New Testament: Volume I, Prolegomena to the Study of the Lectionary Text of the Gospels*. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.
- Colwell, E. C. and Tune, E. W. "The Quantitative Relationships between MS Text-Types," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J. N. Birdsall and R. W. Thomson. Freiberg: Herder, 1963.
- Colwell, E. C. et al. "The International Greek New Testament Project: a Status Report," *Journal of Biblical Literature*, LXXXVII (1968).
- Conybeare, F. C. *History of New Testament Criticism*. London: Watts & Co., 1910.
- Cross, F. L. and others (eds.). *Studia Evangelica*. Berlin: Akademie—Verlag, 1959.
- Dain, A. *Les Manuscrits*. Paris, 1949.
- Daniels, B. L. and Suggs, M. J. (eds.). *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, Ph.D. (Studies and Documents, 29)*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- Davies, W. D. and Daube, D. (eds.). *The Background of the New Testament and its Eschatology*. Cambridge: The Cambridge University Press, 1956.
- Downey, Glanville. *A History of Antioch in Syria, from Seleucus to the Arab Conquest*. Princeton: University Press, 1961.
- Ehrman, Bart D. "New Testament Textual Criticism: Search for Method." M.Div. thesis, Princeton Theological Seminary, 1981.
- Elliott, J. K. *The Greek Text of the Epistles to Timothy and Titus. (Studies and Documents, 36)*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1968.
- Epp, E. J. "The Claremont Profile Method for Grouping New Testament Minuscule Manuscripts," *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark, Ph. D. (Studies and Documents, 29)*, ed. B. L. Daniels and M. J. Suggs. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- _____. "The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism," *Journal of Biblical Literature*, XCIII (1974).

- Estrada, David and White, William, Jr. *The First New Testament*. Nashville: Thomas Nelson, 1978.
- Farmer, W. R. *The Last Twelve Verses of Mark*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- Fee, G. D. "A Critique of W. N. Pickering's *The Identity of the New Testament Text: A Review Article*," *The Westminster Theological Journal*, XLI (Spring, 1979).
- _____. "Modern Text Criticism and the Synoptic Problem," *J. J. Griesbach: Synoptic and Text-Critical Studies 1776-1976*, ed. B. Orchard and T. R. W. Longstaff. Cambridge: University Press, 1978.
- _____. *Papyrus Bodmer II (P⁶⁶): Its Textual Relationships and Scribal Characteristics*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1968.
- _____. "Rigorous or Reasoned Eclecticism—Which?" *Studies in New Testament Language and Text*, ed. J. K. Elliott. Leiden: E. J. Brill, 1976.
- Geerlings, J. *Family E and its Allies in Mark*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1967.
- Geerlings, Jacob and New, Silva. "Chrysostom's Text of the Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXIV (1931), 122-42.
- Goulburn, Edward M. *Life of Dean Burgon*. 2 vols. London: John Murray, 1892.
- Grant, F. C. "The Citation of Greek Manuscript Evidence in an Apparatus Criticus," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M. M. Parvis and A. P. Wikgren. Chicago: The University of Chicago Press, 1950. Pp. 81-94.
- Grant, Robert M. "The Bible of Theophilus of Antioch," *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 173-96.
- _____. *A Historical Introduction to the New Testament*. New York: Harper and Row, 1963.
- Greenlee, J. H. *The Gospel Text of Cyril of Jerusalem*. Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1955.
- _____. *Introduction to New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- _____. "Some Examples of Scholarly 'Agreement in Error'," *Journal of Biblical Literature*, LXXVII (1958), 363-64.
- Harris, J. Rendel. *A Study of the Codex Bezae*. London: S. J. Clay and Sons, 1891.
- Harrison, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Hemphill, S. *A History of the Revised Version*. London: Elliot Stock, 1906.
- Hills, E. F. "Harmonizations in the Caesarean Text of Mark," *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 135-52.
- _____. *The King James Version Defended!* Des Moines, Iowa: The Christian Research Press, 1956.
- Hodges, Zane Clark. "A Defense of the Majority Text." Unpublished course notes, Dallas Theological Seminary, 1975.
- _____. "The Ecclesiastical Text of Revelation—Does it Exist?" *Bibliotheca Sacra*, CXVIII (1961), 113-22.
- _____. "The Greek Text of the King James Version," *Bibliotheca Sacra*, CXXV (October-December, 1968).
- Hodges, Zane C. and Farstad, Arthur F. (eds.). *The Greek New Testament according to the Majority Text*. Nashville: Thomas Nelson, 1982.
- Horne, T. H. *An Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*, 4th American ed. 4 vols. Philadelphia: E. Little, 1831.
- Hort, Arthur Fenton. *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort*. 2 vols. London: Macmillan and Co., Ltd., 1896.
- Hoskier, Herman C. *Codex B and its Allies*. 2 vols. London: Bernard Quaritch, Ltd., 1914.
- _____. *Concerning the Text of the Apocalypse*. 2 vols. London: Bernard Quaritch, Ltd., 1929.
- _____. *A Full Account and Collation of the Greek Cursive Codex Evangelium 604*. London: David Nutt, 1890.
- _____. "A Study of the Chester-Beatty Codex of the Pauline Epistles," *The Journal of Theological Studies*, XXXVIII (1937), 149-63.

- Hutton, Edward Ardson. *An Atlas of Textual Criticism*. London: The Cambridge University Press, 1911.
- Hyatt, J. Philip (ed.). *The Bible in Modern Scholarship*. New York: Abingdon Press, 1965.
- International Greek New Testament Project. *The New Testament in Greek: The Gospel According to St. Luke, Vol. 1*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- Kenyon, Frederick G. *Handbook to the Textual Criticism of the New Testament*, 2nd ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951.
- _____. *Recent Developments in the Textual Criticism of the Greek Bible*. London: Oxford University Press, 1933.
- Kilpatrick, G. D. "Atticism and the Text of the Greek New Testament," *Neutestamentliche Aufsätze*. Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963.
- _____. "The Greek New Testament Text of Today and the *Textus Receptus*," *The New Testament in Historical and Contemporary Perspective*, ed. H. Anderson and W. Barclay. Oxford: Basil Blackwell, 1965.
- _____. "The Transmission of the New Testament and its Reliability," *The Bible Translator*, IX (1958), 127-36.
- Klijn, A. F. J. *A Survey of the Researches into the Western Text of the Gospels and Acts; part two 1949-1969*. Leiden: E. J. Brill, 1969.
- Lake, Kirsopp. *The Text of the New Testament*, 6th ed. Revised by Silva New. London: Rivingtons, 1959.
- Lake, Kirsopp, Blake, R. P., and New, Silva. "The Caesarean Text of the Gospel of Mark," *Harvard Theological Review*, XXI (1928), 207-404.
- Lake, Kirsopp and Lake, Silva. *Family 13 (The Ferrar Group) (Studies and Documents 11)*. Salt Lake City: University of Utah press, 1965.
- Lake, Silva. *Family II and the Codex Alexandrinus (Studies and Documents V)*. London: Christophers, 1936.
- Metzger, Bruce Manning. *Chapters in the History of New Testament Textual Criticism*. Vol. IV of *New Testament Tools and Studies*, ed. B. M. Metzger. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.
- _____. *The Early Versions of the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1977.
- _____. "The Evidence of the Versions for the Text of the N.T.," *New Testament Manuscript Studies*, ed. M. M. Parvis and A. P. Wikgren. Chicago: The University of Chicago Press, 1950. Pp. 25-68.
- _____. "Explicit References in the Works of Origen to Variant Readings in N. T. MSS.," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J. N. Birdsall and R. W. Thomson. New York: Herder, 1963. Pp. 78-95.
- _____. *Historical and Literary Studies*. Vol. VIII of *New Testament Tools and Studies*, ed. B. M. Metzger. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968.
- _____. "Patristic Evidence and the Textual Criticism of the New Testament," *New Testament Studies*, XVIII (1972).
- _____. "St. Jerome's Explicit References to Variant Readings in Manuscripts of the New Testament," *Text and Interpretation: Studies in the New Testament Presented to Matthew Black*, ed. Best and McL. Wilson. Cambridge: University Press, 1979.
- _____. *The Text of the New Testament*. London: Oxford University Press, 1964.
- _____. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. London: United Bible Societies, 1971.
- Miller, Edward. *A Guide to the Textual Criticism of the New Testament*. London: George Bell and Sons, 1886.
- Nestle, Erwin and Aland, Kurt. *Novum Testamentum Graece*. 24th ed. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibleanstalt, 1960.
- New International Version of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan Bible Publishers, 1973.
- O'Callaghan, J. "El cambio δ>τ en los papiros bíblicos," *Biblica*, LIV (1973).

- _____. "Notas sobre 7Q tomadas en el 'Rochefeller Museum' de Jerusalén," *Biblica*, LIII (1972).
- _____. "Papiros neotestamentarios en la cueva 7 de Qumran?" *Biblica*, LIII (1972).
- Oliver, H. H. "Present Trends in the Textual Criticism of the New Testament," *The Journal of Bible and Religion*, XXX (1962), 308-20.
- Oxford Society of Historical Research, *The New Testament in the Apostolic Fathers*. Oxford: Clarendon Press, 1905.
- Parvis, Merrill M. "The Nature and Task of New Testament Textual Criticism," *The Journal of Religion*, XXXII (1952), 165-74.
- _____. "The Need for a New *Apparatus Criticus* to the Greek New Testament," *Journal of Biblical Literature*, LXV (1946), 353-69.
- _____. "Text, NT.," *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4 vols. New York: Abingdon Press, 1962. Pp. 594-614.
- Parvis, Merrill M. and Wikgren, A. P. (eds.). *New Testament Manuscript Studies*. Chicago: The University of Chicago press, 1950.
- Pickering, W. N. *A Framework for Discourse Analysis*. Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington, 1980.
- _____. "'Queen Anne . . .' and all that: a Response," *Journal of the Evangelical Theological Society*, XXI (June, 1978), 165-67.
- Revised Standard Version*. London: Thomas Nelson and Sons Ltd., 1952.
- Richardson, C. C. (ed.). *Early Christian Fathers*. Philadelphia: The Westminster Press, 1953.
- Riddle, Donald W. "Fifty Years of New Testament Scholarship," *The Journal of Bible and Religion*, X (1942), 136-40, 183.
- Rist, Martin. "Pseudepigraphy and the Early Christians," *Studies in New Testament and Early Christian Literature*, ed. D. E. Aune. Leiden: E. J. Brill, 1972.
- Roberts, A. and Donaldson, J. (eds.). *The Ante-Nicene Fathers*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.
- Roberts, Colin H. *Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt*. London: Oxford University Press, 1979.
- Robinson, Maurice A. "Two Passages in Mark: A Critical Test for the Byzantine Priority Hypothesis." Presented at Evangelical Theological Society, Nov., 1994.
- Robinson, Maurice A. and Pierpont, William G. (eds.). *The New Testament in the Original Greek according to the Byzantine/Majority Textform*. Roswell, GA: Original Word Publishers, 1991.
- Rylaarsdam, J. C. R. (ed.). *Transitions in Biblical Scholarship*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.
- Salmon, George. *Some Thoughts on the Textual Criticism of the New Testament*. London: n.p. 1897.
- Schopp, Ludwig (ed.). *The Apostolic Fathers*. New York: Cima Publishing Co., Inc., 1947.
- Scrivener, F. H. A. *A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament*, 4th ed. Edited by E. Miller. 2 vols. London: George Bell and Sons, 1894.
- _____. (ed.). *The New Testament in the Original Greek, together with the Variations Adopted in the Revised Version*. Cambridge: Cambridge University Press, 1880.
- Soden, Hermann F. von. *Die Schriften des Neuen Testaments*. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911.
- Streeter, Burnett H. *The Four Gospels: A Study of Origins*. London: Macmillan and Co., 1930.
- Sturz, H. A. *The Byzantine Text-Type and New Testament Textual Criticism*. Nashville: Thomas Nelson, 1984.
- Suggs, M. J. "The Use of Patristic Evidence in the Search for a Primitive New Testament Text," *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 139-47.
- Swanson, R. J. *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels, Greek Edition, volume I. The Gospel of Matthew*. Dillsboro, NC: Western North Carolina Press, 1982.
- Tasker, R. V. G. (ed.). *The Greek New Testament*. Oxford: Oxford University Press, 1964.

- _____. "Introduction to the Manuscripts of the New Testament," *Harvard Theological Review*, XLI (1948), 71-81.
- Taylor, R. A. "Queen Anne Resurrected? A Review Article," *Journal of the Evangelical Theological Society*, XX (December, 1977), 377-81.
- Taylor, Vincent. *The Text of the New Testament*. New York: St. Martin's Press Inc., 1961.
- Tenney, M. C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Eerdmans, 1961.
- Thiessen, Henry C. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1955.
- Tischendorf, Constantinus. *Novum Testamentum Graece*, 8th ed. 2 vols. Lipsiae: Giesecke and Devrient, 1869-72.
- Turner, C. H. "Historical Introduction to the Textual Criticism of the New Testament," *Journal of Theological Studies*, (Jan. 1910).
- Vaganay, Leo. *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*. Translated by B. V. Miller. London: Sands and Co., Ltd., 1937.
- Van Bruggen, Jakob. *The Ancient Text of the New Testament*. Winnipeg: Premier, 1976.
- _____. *The Future of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson, 1978.
- Vööbus, Arthur. *Early Versions of the New Testament*. Stockholm: Estonian Theological Society in Exile, 1954.
- Walters, P. *The Text of the Septuagint. Its Corruptions and their Emendation*, ed. D. W. Gooding. Cambridge: University Press, 1973.
- Westcott, Brooke Foss and Hort, Fenton John Anthony. *The New Testament in the Original Greek*. 2 vols. London: Macmillan and Co. Ltd., 1881.
- Wikgren, Allen. "Chicago Studies in the Greek Lectionary of the New Testament," *Biblical and Patristic Studies in Memory of Robert Pierce Casey*, ed. J. N. Birdsall and R. W. Thomson. New York: Herder, 1963. Pp. 96-121.
- _____. (ed). *Early Christian Origins*. Chicago: Quadrangle Books, 1961.
- Williams, Charles S. C. *Alterations to the Text of the Synoptic Gospels and Acts*. Oxford: Basil Blackwell, 1951.
- Wisse, Frederik. *The Profile Method for Classifying and Evaluating Manuscript Evidence*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
- Wisselink, W. F. *Assimilation as a Criterion for the Establishment of the Text*. 4 vols. Kampen: Uitgeversmaatschappij J. H. Kok, 1989.
- Zuntz, Gunther. "The Byzantine Text in New Testament Criticism," *Journal of Theological Studies*, XLIII (1942), 25-30.
- _____. *The Text of the Epistles*. London: Oxford University Press, 1953.